

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

**UM BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO:**  
perspectiva *outra* a partir de Silviano Santiago

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO – 2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

**UM BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO:**  
perspectiva *outra* a partir de Silviano Santiago

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Doutorado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens pela linha de pesquisa Representação, Cultura e Literatura.

Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO – 2025**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

**UM BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO:**  
perspectiva *outra* a partir de Silvano Santiago

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador/Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Francisco de Oliveira (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof. Dr. Fábio Pereira do Vale Machado (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leoné Astride Barzotto (Titular)  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Prof. Dr. Márcio Antonio de Souza Maciel (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof. Dr. Tiago Osiro Linhar (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof. Dr. Carlos Igor de Oliveira Jitsumori (Suplente)  
Faculdade Insted



Dedico esta tese aos meus pais, Claudete Araújo e Sérgio Sommer, as pessoas que sempre me encorajaram a estudar e a ser uma pessoa melhor neste mundo.

## AGRADECIMENTOS

*A priori*, gostaria de agradecer aos meus pais, Claudete Araújo Alves e Carlos Edy Sá de Medeiros, não só por me possibilitarem adentrar este mundo, mas, sobretudo, por me proporcionarem uma vida com dignidade – essa, por sua vez, raríssima a parcelas desmedidas deste país Brasil pretérito imperfeito. No que diz respeito à figura materna, elejo a premissa evocada por Juliano Garcia Pessanha, citando Herberto Helder em *Recusa do não-lugar*, quando afirma que *as mães são as mais altas coisas que os filhos criam*. Crio-te na medida que fui e sou criado pelos seus ensinamentos, serei grato *ad aeternum* por isso.

Agradeço ao meu *paidrasto* Sérgio por ter insistido, há muito, em formar laços de amizade nada efêmeros entre nós nos lançando à infinitude dos afetos, da admiração e do respeito mútuos. A palavra “gradidão” não dá conta da dimensão do seu real significado para mim.

Agradeço a Silvano, de carne osso e discursivo, por me acompanhar nesta jornada acadêmica e povoar meus escritos desde 2017. Sua presença alterou significativamente meu modo de pensar e escre(vi)ver, ainda que, ora ou outra, em posição diferencial às minhas eleições teóricas.

Em especial, agradeço ao meu orientador Edgar César Nolasco por, desde 2015, ter apostado suas fichas no meu desejo latente de me tornar um pesquisador sério e consciente das questões mais pujantes do nosso tempo político. Não tenho quaisquer dúvidas de que sem suas orientações, às vezes brandas às vezes severas, foram primordiais para que eu pudesse chegar até aqui.

No plano do “Núcleo de Estudos Culturais Comparados” (NECC), agradeço aos meus amigos e parceiros de jornada acadêmica Nathalia, Viviani, Luiz, Laras, Thays, Tiago, Bernardo, Indayá e Marina por compartilharem não apenas leituras críticas sobre conceitos, teorizações, obras e autores, mas, sim, sobre *modus vivendi* pluriversais de entrever muitos mundos possíveis e imagináveis.

No campo das amizades, agradeço aos meus amigos-irmãos de uma vida inteira Guilherme, Jéssica, Vitória, Rodrigo, Marcelo, Hilton, Gabriel, Vinicius e aos recém-chegados, mas não menos importantes, Luiz, Ansel, Gustavo e Plínio. É reconfortante pensar que os caminhos da vida fizeram com que encontrássemos ressonâncias afetivas uns nos outros para que a vida se tornasse um tanto quanto mais leve e bonita de ser vivida.

Aos meus familiares, Nina, tio Júnior, Cadu, Maria de Fátima, minha avó Suzete, tia Dionete, Nanda, Gabi e meu afilhado José Neto, agradeço por sempre terem ocupado um lugar de apoio às minhas escolhas e sido luz quando a vida se ocupou de mostrar sua face obscurecida.

Agradeço também à banca de qualificação composta pelos professores Edgar César Nolasco (presidente), Marta Francisco de Oliveira (titular) e Tiago Osiro Linhar (titular) pelas orientações, críticas e palavras de incentivo à finalização desta tese. Sem dúvidas, os apontamentos ali expressos foram salutares para que eu pudesse concluir com êxito o presente trabalho.

Agradeço à Fundect e à CAPES por me proporcionarem estudar e pesquisar com o privilégio de uma bolsa de estudos.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por me possibilitar um ensino gratuito e de qualidade.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) por me permitir não apenas sonhar com a carreira acadêmica, mas, de fato, vivenciá-la.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras que participaram de minha formação subjetiva, docente e, principalmente, cidadã me fazendo acreditar em uma sociedade mais igualitária a todos sem reticências, mais consciente de si, dos seus problemas e, substancialmente, em caminhos passíveis de serem percorridos em favor de dias melhores.

Às vezes, para mim, a Revolta é a coisa mais real que existe em meu imaginário. Uma paisagem biográfica incontornável, invisível e esboroada, mas que está lá, plantada naquele lugar de memória e esquecimento, naquele lugar de vida, e que quase-sempre se move e vem até mim, até meu corpo e mente, independentemente de onde eu possa estar, como agora. *Eu a sinto com o meu corpo, assim como meu corpo é uma extensão da planície que a contorna do lado Sul.*

NOLASCO. *Teorizador vira-lata*, p. 25, grifos meus.

## RESUMO

Esta tese de doutoramento tem por objetivo conceituar uma perspectiva *outra* de Brasil denominada de “Brasil do pretérito imperfeito” partindo do texto “Nó, nós” (2020) do escritor e intelectual mineiro Silvano Santiago, além de outros textos selecionados do referido autor, a partir de uma teorização crítica biográfica fronteira de base descolonial. Para tanto, o presente trabalho, de metodologia eminentemente bibliográfica, apresenta uma estruturação dividida em três capítulos eleitos à luz dos seguintes recortes históricos e temáticos debruçados sobre o Brasil desde a atualidade política do século XXI, percorrendo a modernidade no XX até sua invasão pelos portugueses no XV: I. Bolsonarismo (2018-2023), II. Modernismo (1922-2022) e III. Formação (1500-1959). A divisão tripartida supracitada se justifica mediante à necessidade de re-pensarmos possibilidades *outras* mediante às razões, *práxis* e paradigmas modernos/coloniais naturalizados por aqui como se fossem as únicas vias de existência e de pensamento possíveis, sobretudo, no que se refere às particularidades das nossas próprias questões, sejam as de cunho político, artístico-literário ou mesmo no cerne dos nossos processos formativos. Ademais, o eixo central desta tese se respalda na hipótese de que Silvano Santiago vem há décadas, de modo consciente ou não, formulando uma ideia *outra* de Brasil nos seus escritos, sendo essa, para minha teorização descolonial, a premissa de um Brasil do pretérito imperfeito. Isto é, um país que já existia antes da suposta descoberta pelos europeus, que foi invadido, violentado, sequestrado e que dessas diferenças coloniais até hoje, no século XXI, não conseguimos nos desprender a contento a fim de minar os eixos abissais de desigualdades, preconceitos e hegemonias que nos cooptam cotidianamente. Para isso, no primeiro capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição**”, utilizo-me dos conceitos de matriz colonial de poder, corpo e geo-políticas e ética política descolonial. No segundo capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): modernismo aberto para des-balanço**”, valho-me das opções descoloniais, da desobediência epistêmica, do desprendimento e da provincialização da Europa. Por fim, no terceiro capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): fisiologia da des-formação**”, respaldo-me no paradigma *outro*, no pensamento próprio e na des-formação. Portanto, através da conjunção entre os três capítulos mencionados, da presença constante de Silvano e dos estudos descoloniais, busco problematizar como o Brasil, até hoje, não deu conta de resolver muitas das suas questões permeadas de fora a fora pelas diferenças coloniais estando, por muitas vezes, reproduzindo-as à última potência nos mais variados âmbitos da vida e do saber no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; crítica biográfica fronteira; descolonialidade; Silvano Santiago; literatura e crítica.

## ABSTRACT

This doctoral thesis aims to conceptualize *another* perspective of Brazil called "Brasil do pretérito imperfeito" starting from the text "Nó, nós" (2020) by the writer and intellectual Silviano Santiago, as well as other texts selected by the aforementioned author, from a decolonial based biographic border critical theorization. For this purpose, the present work, of eminently bibliographical methodology, presents a structure divided into three chapters chosen shedding light on the following historical and thematic clippings focused on Brazil since the political actuality of the 21st century, The Portuguese invasion in XV: I. Bolsonarism (2018-2023), II. Modernism (1922-2022) and III. Formation (1500-1959). The tripartite division above is justified by the need to think about other possibilities through reasons, practices and modern/colonial paradigms naturalized here as if they were the only possible way of existence and thought, particularly, in relation to the particularities of our own issues, whether they are political, artistic-literary or even at the core of our formation processes. Moreover, the central axis of this thesis is based on the hypothesis that Silviano Santiago has been for decades, consciously or not, formulating *another* idea of Brazil in his writings, being this, for my decolonial theorization, the premise of um Brasil do pretérito imperfeito. That is, a country that already existed before the supposed discovery by the Europeans, which was invaded, raped, kidnapped and that of these colonial differences until today, in the 21st century, we can not get rid of content in order to undermine the deep axes of inequality, prejudices and hegemonies that co-opt us daily. For this, in the first chapter, "**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a constituição**," I use the concepts of colonial power matrix, body and geo-politics and decolonial political ethics. In the second chapter, "**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): modernismo aberto para des-balanço**," I use the decolonial options, epistemic disobedience, detachment and provincialization of Europe. Finally, in the third chapter, "**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): fisiologia da des-formação**", I support myself in the other paradigm, in self-thinking and deformation. Therefore, through the conjunction between the three mentioned chapters, the constant presence of Silviano and the decolonial studies, I seek to problematize how Brazil, until today, it has not managed to solve many of its questions originated from outside by colonial differences, often reproducing them to the last power in the most varied areas of life and knowledge in the country.

**KEYWORDS:** Brazil; biographic border criticism; decoloniality; Silviano Santiago; literatura and criticism.

## RESUMEN

Esta tesis de doctorado tiene como objetivo conceptualizar una perspectiva *otra* de Brasil denominada de “Brasil do pretérito imperfeito” partiendo del texto “Nó, nós” (2020) del escritor e intelectual mineiro Silviano Santiago, además de otros textos seleccionados del referido autor, a partir de una teorización crítica biográfica fronteriza de base descolonial. Para eso, el presente trabajo, de metodología eminentemente bibliográfica, presenta una estructuración dividida en tres capítulos electos bajo los siguientes recortes históricos y temáticos detenidos sobre Brasil desde la actualidad política del siglo XXI, recorriendo la modernidad en el XX hasta su invasión por los portugueses en el XV: I. Bolsonarismo (2018-2023), II. Modernismo (1922-2022) e III. Formación (1500-1959). La división tripartida ya mencionada se justifica a causa de la necesidad de que re-pensemos posibilidades *otras* mediante las razones, *práxis* y paradigmas modernos/coloniales naturalizados por aquí como se fueran las únicas vías de existencia y de pensamiento posibles, sobre todo, en el que se refiere a las particularidades de las nuestras propias cuestiones, sean las de cuño político, artístico-literario o aun en el cerne de nuestros procesos formativos. Además, el eje central de esta tesis se basa en la hipótesis de que Silviano Santiago lleva hace décadas, de modo consciente o no, formulando una idea *otra* de Brasil en sus escritos, siendo esa, para mi teorización descolonial, la premisa de un Brasil do pretérito imperfeito. Eso significa que un país que ya existía antes de la supuesta descubierta por los europeos, que fue invadido, violentado, secuestrado y que de esas diferencias coloniales hasta hoy, en el siglo XXI, no conseguimos desprendernos satisfactoriamente para amortiguar ejes abisales de desigualdades, prejuicios y hegemonías que nos cooptan cotidianamente. Para ello, en el primer capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição**”, utilizo los conceptos de matriz colonial de poder, cuerpo y geo-políticas y ética política descolonial. En el segundo capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): modernismo aberto para des-balanço**”, me valgo de las opciones descoloniales, de la desobediencia epistémica, del desprendimiento y de la provincialización de Europa. Por fin, en el tercer capítulo, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): fisiologia da des-formação**”, me respaldo en el paradigma *otro*, en el pensamiento propio y en la des-formação. Por lo tanto, a través de la conjunción entre los tres capítulos mencionados, de la presencia constante de Silviano y de los estudios descoloniales, busco problematizar como Brasil, hasta hoy, no logró resolver muchas de sus cuestiones permeadas por todas partes por las diferencias coloniales, estando, por muchas veces, reproduciéndolas a la última potencia en los más variados ámbitos de la vida y del saber en el país.

**PALABRAS CLAVE:** Brasil; crítica biográfica fronteriza; descolonialidade; Silviano Santiago; literatura y crítica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – APRENDER A DESAPRENDER PARA RE-APRENDER O BRASIL</b>	12
<b>CAPÍTULO I – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): <i>para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição</i></b>	26
1.1 – Teorização crítica biográfica fronteiriça: um Brasil estruturalmente colonial ....	27
1.2 – Escre(vi)vo um Brasil a partir da revolta: desatando os nós da matriz colonial de poder .....	34
1.3 – <i>O Brasil é um corpo que dói</i> : políticas <i>outras</i> das grafias-de-vidas .....	83
1.4 – O Sul da pandemia: corpos dispensáveis pelos cavaleiros da morte no apocalipse .....	141
1.5 – <i>(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país</i> : um Brasil do futuro .....	183
<b>CAPÍTULO II – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): <i>modernismo aberto para des-balanço</i></b>	247
2.1 – Uma proposta de des-pensar o modernismo brasileiro: desobedeço para desprender-me .....	248
2.2 – 1922-2022: cem anos do modernismo brasileiro através das opções descoloniais .....	255
2.3 – Das razões futurista e antropofágica às descoloniais: desobediência e desprendimento epistêmicos .....	297
2.4 – Uma outra leitura do movimento modernista a partir de 1942 e pela provincialização da Europa .....	382
<b>CAPÍTULO III – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): <i>fisiologia da des-formação</i></b>	412
3.1 – Des-formação literário-cultural brasileira: de Antonio Candido a Silviano Santiago .....	413
3.2 – <i>Nas tábulas rasas, a semente é a palavra de Deus</i> : origem e começo em perspectiva de um paradigma outro .....	419
3.3 – <i>A História europeia se tornou a estória brasileira</i> : pela coragem de caminharmos com nossas próprias pernas .....	476
3.4 – <i>A exaustão do paradigma em horizonte comparatista</i> : des-formando universalismos .....	521
<b>CONCLUSÃO – UMA TEORIZAÇÃO OUTRA DE BRASIL</b> .....	565
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	575

## **INTRODUÇÃO – APRENDER A DESAPRENDER PARA RE-APRENDER O BRASIL**

O método para tal objetivo é aprender a desaprender, a fim de voltar a aprender. Re-aprender o quê?

MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

Voltamos a viver na nação em que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito.

SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

A pandemia de COVID-19, iniciada em março de 2020, engoliu o mundo e é a partir desse evento histórico que esta tese de base epistemológica crítica biográfica fronteira nasce. A princípio, tendo defendido a dissertação de mestrado debruçada sobre a vida/obra do mineiro Silvano Santiago em dezembro do ano citado, adentrei a empreitada do doutorado com o projeto “Uma (des)biografia descolonial de Silvano Santiago”, porém, já em contexto de emergência sanitária global, com destaque à hecatombe do caos generalizado neste país, à época, desgovernado, vi-me frente ao lugar de conforto atravessado por um exercício quase de espelhamento em relação ao material que fora realizado por mim no percurso de 2019 a 2020 durante a escrita dissertativa, materializado, em corpo textual, no livro *Escrevivências em Silvano Santiago* publicado em 2023. Apossei-me da contracorrente de tal sentimento reconfortante, alheio à premissa de um doutoramento, e me vali dele enquanto vetor basilar de mudança absoluta do referido projeto para o que elencarei neste trabalho enquanto “Um Brasil do pretérito imperfeito: perspectiva *outra* a partir de Silvano Santiago”.

Dito isso, não coincidentemente elegi as epígrafes apostas, tanto na capa quanto no preâmbulo destas linhas introdutórias, pois ambas descortinam as justificativas do porquê requiri a mim mesmo a urgência da mudança. Por via do contexto de quarentena, o qual isolou grupos populacionais consideráveis, de brasileiros e estrangeiros, enquanto medida de contenção do vírus, entrevi os desdobramentos dos questionamentos apostos: mesmo transcorrido tal cenário de morte de todos os lados, bordas, margens, periferias e fronteiras do país, *voltaríamos*

*a viver no Brasil que sempre vivemos?*<sup>1</sup> *O país do pretérito imperfeito?*<sup>2</sup> Ademais, com tal ponto em mente, seríamos capazes de *aprender a desaprender para, enfim, reaprendermos*<sup>3</sup> nosso Brasil a partir dos grilhões coloniais/modernos enraizados em nossas corpo e geo-políticas de colonizados vivendo, ainda, sob o peso de uma matriz hegemônica de poder que nos açoita, intercepta e nos vulnerabiliza em todas as esferas existenciais possíveis? Sejam essas as sociais, culturais, políticas, ideológicas, sanitárias, médicas, religiosas, sexuais, de gênero, raciais, literárias, artísticas ou até mesmo aquela concernente à própria ideia de “formação do Brasil” que naturalizamos e sequer problematizamos?

Todos os apontamentos arrolados me levaram até este momento e, por mais que a teorização descortinada nos capítulos que constituem a tese esteja conjecturada por uma desconfiança suscitada pela hipótese sustentadora de quaisquer reflexões, faz-se impossível que eu não esteja permeado pelo medo da quase impossibilidade da completude no que se encena em torno da vastidão geoistórica e epistêmica do que, conceitualmente, denomino de “Brasil do pretérito imperfeito” a partir, e não somente, de Silviano. Através de uma eleição dividida em três momentos históricos – ou capítulos –, persigo, de modo insistente e tomado pela desconfiança latente de pesquisador fronteiriço, a hipótese de que, *a priori*, o mineiro viera desenhando a ideia de um Brasil *outro* em seus escritos. Em somatória, consciente de nossas dissemelhanças teóricas, posto que Silviano está aportado no entre-lugar entre o apego e o afastamento das tradições dos centros enquanto minha escolha é, como condição *sine qua non*, descolonial, angario problematizar as marcas modernas/coloniais deste nosso país que, mesmo transcorridos quinhentos anos do

---

<sup>1</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>2</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>3</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

colonialismo ao longo da invasão europeia nestes trópicos verde-amarelos, tal lócus ainda se vê, da minha perspectiva crítica fronteira, vilipendiado, cooptado e escamoteado pela vivacidade renitente da colonialidade e, por extensão, pela sua matriz hegemônica.

Por me aquilatar nas epistemologias do Sul<sup>4</sup>, busco trabalhar com *conhecimentos presentificados nas lutas e resistências contra as opressões e, por consequência, o que surge à luz delas*<sup>5</sup>, a exemplo, o político da/na política, as importações artístico-literárias ou mesmo nossa própria ideia de formação. Nesse intento, esta tese leva a cabo a consciência *outra* de que *os saberes todos são materializados, corporizados a partir de corpos concretos, coletivos ou individuais, e isso implica uma quantidade absurda de desafios*<sup>6</sup> para mim na posição de crítico biográfico fronteira. Alicerço-me, portanto, na contracorrente da razão moderna/colonial do *sujeito racional, epistêmico e não concreto/empírico, à moda que Immanuel Kant tratou de endossar ao afirmar que “sobre nós, nada dizemos”*<sup>7</sup>. Nesta tese, sobre nós, tudo dizemos na égide dos nossos alcances desobedientes, desprendidos, corpo-geo-políticos e aportados em um paradigma *outro* enquanto brasileiros problematizando nosso próprio país e, por extensão, as celeumas que nele são recorrentes quase como se fossem impossíveis de serem extirpadas.

À maneira que se descortinará à frente, revisto-me das minhas experiências homo-biográficas, fronteiriças e escre(vi)vendo do outro lado da fronteira-sul de Campo Grande/MS, sob seu sol ardente roçante em minha carne de pesquisador descentralizado, a fim de torná-las *os retratos originais jamais exteriores*,

---

<sup>4</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>5</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>6</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>7</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.

*inconscientes ou separados*<sup>8</sup> do país que me entrecorta no correr do cotidiano. Esse, por sua vez, *está inscrito em mim*<sup>9</sup>, sobretudo, pela opção de vida que fiz ao me dedicar à carreira, primeiro, de professor e, por um desejo pujante de mudança, pesquisador descolonial. Minhas teorizações aqui deslindadas *não são apenas mero produtos oriundos da consciência, mas, para além dela, do meu corpo*<sup>10</sup> irrequieto e escre(vi)vido pelo atravessar de um Brasil pretérito imperfeito, isto é, desigual, opressor, preconceituoso, virulento, elitista, racista, sexista, patriarcal e sempre propenso ao estrangeiro em condição de supremacia às suas próprias especificidades locais, em quaisquer contextos que sejam.

Para dar conta de tais veredas, não me desassociei de Silviano, mas, sim, aferi-lhe outros contornos, se comparada sua presença nesta tese em detrimento à dissertação mencionada. Agora, retiro o mineiro do espaço direcional no qual tensiono minhas leituras fronteiriças para, ora mais ora menos, alocá-lo no campo de co-partícipe crítico em uma relação de amizade política nos diversos embates teóricos travados entre nós *a posteriori* nestes escritos. Isso, pois, à sua diferença, não barganho com nenhum dos muitos pós existentes na razão/moderna colonial do Ocidente, menos ainda com os muitos intelectuais brasileiros pouco ou nada desprendidos das teorias mercadológicas viajantes do Norte para o Sul global. Ainda assim, o mineiro se presentifica aqui, essencialmente, enquanto vetor primário das reflexões que se seguem, em destaque, na insígnia da própria hipótese que circunda a desconfiança deste trabalho no cerne de um Brasil pretérito e imperfeito ainda obliterado pela colonialidade e sua matriz hegemônica.

---

<sup>8</sup> MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>9</sup> MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>10</sup> MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

Na guisa do exposto, justifica-se o porquê da mudança de projeto de doutoramento de uma visada quase que irrestritamente biográfico-literária respaldada, em sua totalidade, à dimensão da vida/obra de Silviano para outra, em absoluta diferença, assentada no Brasil em suas dimensões coloniais/modernas sinalizadas pelo mineiro, contudo, pouco desenvolvidas, sobremaneira, se cotejadas pela perspectiva da descolonialidade como a que proponho aqui. Tomado pelo contexto da quarentena, não conseguia me enxergar trabalhando por quatro anos a primeira ideia de tese, aquilo me foi necessário para chegar até aqui, mas já não me parecia cabível, pois a pandemia se lançava frente aos meus olhos como *força estilística, composição intempestiva e impositiva requerindo obediência sem exigir submissão*<sup>11</sup>. A partir disso, passei a *não escre(vi)ver como falava e não podia mais escre(vi)ver como escre(vi)vi*<sup>12</sup> nos idos de 2019 a 2020, sem considerar os anos de iniciação científica desde 2017 também na esfera de Silviano.

Outro fator preponderante fora o contexto político que nos (des)governava rumo a números sobressalentes e nunca vistos de desigualdades, opressões, marginalizações, fome, feminicídio, violência, insegurança, falta de condições básicas de sobrevivência e, em primordial, de mortes em prol *de um projeto de destruição generalizada*<sup>13</sup>. De uma visada fronteira-descolonial, acreditando que *escre(vi)vo a partir de um lócus enunciativo, implicado pelo roçar entre bios e lócus, antecedido por discursos históricos*<sup>14</sup>; só posso defender, na baliza desta tese, a enseada de que *a pesquisa tem alma*<sup>15</sup> e que, portanto, deve, de algum modo, problematizar as questões que cruzam nosso tempo em injunções do político das/nas nossas corpo e geo-

---

<sup>11</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 15.

<sup>12</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 15.

<sup>13</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>14</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 19.

<sup>15</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 19.

políticas desenhadas a partir das exterioridades. A fim de ser coerente com tal opção crítica, exercito o oposto do realizado por Silviano<sup>16</sup>, visto que não me esquivo do presente para avançar pelo futuro, não invento metáforas, na medida do possível no bojo dos vícios linguísticos, para fugir do trato ao presente pelo seu nome próprio ou mesmo da atualidade histórica.

No campo teórico de Silviano, *transdisciplinar, pós-moderno e assentado na práxis da desconstrução em revisitar teoricamente*<sup>17</sup>, tal escolha se faz entendível e até justificável em seu afã quase viciante em *metaforizar, ficcionalizar ou escrever sua vida pelo crivo do “grande gesto metafórico” erigido de dentro do berço da civilização ocidental*<sup>18</sup>. Por outro lado, no lugar de pesquisador fronteiro, cuja opção epistêmica é de base, em eminência, descolonial, desvela-se um dissenso empreender metáforas *se vivo sob o peso da dominação colonial/moderna, negociando minha vida e minha própria condição subalterna para viver*<sup>19</sup>. Assim sendo, minhas teorizações só poderiam ser, à revelia do mineiro, de insígnia *desmetaforizada deste país que grassa da/na exterioridade por entender, de uma perspectiva outra, que enquanto o pensamento ocidental e seus pós metaforizavam o mundo para dar conta de sua diversidade, o descolonial propõe seu pluriverso: uma teorização cuja forma desmetaforiza as leituras epistêmicas e os modelos de vida que idealizam formas hegemônicas de pensar “os outros”*<sup>20</sup>.

Em outras palavras, na baliza da hipótese desta tese, sinalizada pelo mineiro e desenvolvida por mim, o Brasil pretérito e imperfeito é o *Brasil profundo*<sup>21</sup>, *seu lado*

---

<sup>16</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 07.

<sup>17</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 258.

<sup>18</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 259.

<sup>19</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 259.

<sup>20</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 259.

<sup>21</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

*mais escuro*<sup>22</sup>, invisibilizado pelos ditos projetos modernos, desenvolvimentistas, de progresso, globalizados, pseudo-democráticos, importadores das teorias viajantes dos centros para estas margens etc. mascarando a colonialidade enraizada nestes trópicos deserdados. Isto é, *as maiorias pobres, negras, indígenas, jovens, moradoras de favelas, apodrecendo nas masmorras*<sup>23</sup>, os dissidentes LGBTQIAP+, as mulheres, no geral, todos esses grupos exteriorizados e assujeitados que sentem no corpo, na mente, nas sensibilidades, nas histórias locais e nas suas próprias existências o peso insuportável da matriz colonial de poder que acaba por empurrá-los cada vez mais para as bordas e fronteiras: os espaços de *inexistência*<sup>24</sup> os quais há quinhentos anos vêm sendo situados. É a esses que as problematizações descortinadas a seguir se projetam sem *fugir do trato ao presente pelo seu nome próprio e da atualidade histórica*<sup>25</sup> que nos permeia no transcorrer das imperfeições pretéritas a fim de *aprendermos a desaprender para re-aprendermos*<sup>26</sup> nosso Brasil.

Ante ao explicitado, a presente tese de doutoramento compreende discussões teóricas implicadas em momentos históricos específicos que, temporalmente, vão do presente para o passado, sendo estes: I. Bolsonarismo (2018-2023), II. Modernismo (1922-2022) e III. Formação (1500-1959). As escolhas temáticas se justificam por duas razões: primeira, por uma tentativa de perseguir os traços coloniais/modernos do que objetivo conceituar enquanto “Brasil do pretérito imperfeito” a partir de Silviano com base no presente político do país; na sequência em direção ao período moderno/modernista do século XX e seus ideais importados da Europa e, por fim, na problematização do ideário de “formação” o qual naturalizamos e sequer nos

---

<sup>22</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>23</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>24</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>25</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 07.

<sup>26</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

predispusemos a questionar, em especial, de uma perspectiva não-moderna como a da descolonialidade no cerne de um *Brasil profundo*<sup>27</sup>. A segunda motivação se justifica pelas escolhas dos ensaios de Silviano, utilizados como ponto de partida de minhas reflexões, visto que busquei elencar aqueles que contemplassem “melhor” as especificidades do Brasil em seus multifacetados aspectos, desde os de ordem política, aos artístico-literários até os de diálogo pós-colonial à dita “formação”.

Sendo assim, o primeiro momento intitulado “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição**”, no que diz respeito ao recorte temporal escolhido, de maneira retroativa, buscarei me debruçar sobre o presente político do país desde o golpe institucional à ex-presidenta Dilma Rousseff, a posse de seu vice Michel Temer<sup>28</sup> para adentrar, enfim, a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, a pandemia de COVID-19 de 2020 e, então, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva na corrida presidencial de 2022 cuja posse fora tomada em 2023. Nesse cenário, ensejo comprovar, por via dos contextos políticos do meu tempo, como as (des)políticas em curso até aquele momento não fizeram outra coisa senão elevar à última potência os grilhões modernos/coloniais da matriz hegemônica de poder circunscrita por um *projeto de destruição*<sup>29</sup> em favor de (auto)manter a hegemonia das elites e o assujeitamento das exterioridades. Para esse fim, valerei-me dos conceitos de matriz colonial de poder, corpo e geo-políticas, corpo-geo-grafias e ética política descolonial no que compete a problematizar, em grande parte, o (des)governo de Bolsonaro o qual cravou na história do país um horizonte de desigualdades nunca vistos desde o período colonial.

---

<sup>27</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>28</sup> Ainda que o golpe institucional à Dilma Rouseff e a posse de Michel Temer tenham ocorrido antes de 2018, suas presenças neste capítulo se justificam devido ao impacto que ambos os fatos históricos tiveram na eleição de Jair Bolsonaro.

<sup>29</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

Na sequência, no segundo momento, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): *modernismo aberto para des-balanço***”, intentarei realizar uma desleitura do movimento artístico-literário de 1922 no Brasil circunscrito pelas ideias de “revolução”, “modernização”, “velocidade” e “progresso” no corolário de fundamentar o que se acreditava ser uma *arte genuinamente brasileira*<sup>30</sup>, ainda que filtrada pelo vínculo umbilical e placentário com as teorias eurocentradas aportadas nestes trópicos exteriorizados, ou seja, as vanguardas do século XX, como o futurismo italiano por exemplo. Ademais, por intermédio do recorte temporal situado no transcorrer dos cem anos entre a Semana de Arte Moderna e seu centenário, problematizei os *modi operandi* crítico da sua comemoração realizada em 2022. Para tal, utilizarei as opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento e a provincialização da Europa transpassando, sobremaneira, as reflexões de Mário de Andrade e Oswald de Andrade com destaque à Semana, seu centenário em 2022, a Revista *Klaxon*, os Manifestos Futurista e Antropofágico e, no findar, a revisitação do movimento em 1942 pelo próprio Mário.

Finalizando a divisão estrutural da tese, o terceiro momento, denominado “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): *fisiologia da des-formação***”, dependerá seus contornos a problematizar o conceito de “formação” à luz de uma perspectiva comparatista *outra* entre Silviano Santiago e Antonio Candido, posto que tal conceito foi naturalizado através de um viés moderno nas universidades, nas escolas e no campo sociocultural em torno das nossas “origens” e “começos” colonizados. Para isso, optei pelo recorte temporal baseado em 1500, pelo crivo da invasão portuguesa neste lócus *a posteriori* denominado Brasil, até 1959, sendo a data da primeira publicação de *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido.

---

<sup>30</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

Seguindo esse objetivo, ensejarei me valer do período colonial brasileiro no intuito de questionar os processos hegemônicos os quais fomos submetidos nas diversas áreas de nossa existência, desde as artístico-literárias até aquelas que concernem às nossas identidades tupiniquins, em particular, no bojo das relações com os povos indígenas originários e as sucessivas tentativas de genocídio direcionadas a eles. Em somatória, elencarei problematizações a respeito dos períodos denominados de Arcadismo e Romantismo a fim de descortinar reflexões *outras* àquelas brindadas pela *Formação* de Candido e pelas pós-modernas de Silviano em favor da ideia de des-formação. Para fazê-lo, estarei abalizado nos conceitos de paradigma *outro*, pensamento próprio e des-formação no engaste das teorizações descoloniais em contrapartida, ora mais ora menos, às de intelectuais como Silviano Santiago, Antonio Candido e Joaquim Nabuco.

Arrolada a divisão específica e tripartida desta tese, entendo que suas eleições temáticas se justificam mais por uma questão metodológica e biográfica do que propriamente conceitual. Isso, pois, compreendi que a revolta<sup>31</sup> frente ao experienciado no cotidiano fora o agente preponderante para a escrita do que se segue; em suma, muni-me do que me era mais caro na presentificação da realidade empírica para tecer estas teorizações descoloniais atravessadas pelas minhas corpo e geo-políticas, homo-biográficas e fronteiriças, somadas às experiências de professor e pesquisador respaldado em uma perspectiva *outra* de pensamento. Nessa baila, optei por uma lógica de momentos que seguissem o percurso presente > modernidade > período colonial com a finalidade de problematizar as reminiscências modernas/coloniais deste Brasil nas veredas epistêmicas de perseguir a todo custo a hipótese em questão. Logo, faz-se necessário deixar justificado que a premissa

---

<sup>31</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

conceitual, da imperfeição pretérita iniciada por Silviano e desenvolvida por mim, não dá conta do seu propósito através das escolhas temáticas isoladas, mas, sim, na conjugação de suas presenças em prol ao objetivo maior deste trabalho.

A partir dos apontamentos arrolados e aproveitando minha menção às escolhas metodológicas desta tese, direciono-me ao último elemento desta introdução: as *incorporações canibalizadoras* circunscritas em uma *intercorporeidade*<sup>32</sup> epistêmica. O termo é do filósofo paulista Juliano Garcia Pessanha e aquilata *o uso de termos dos supostos outros que, na realidade, sou eu mesmo os sintetizando a ponto de trazê-los ao sumo deste trabalho*<sup>33</sup>. Silviano e os muitos outros críticos que povoam minha teorização *nascem para dentro do texto por uma questão de aliados em duetos ressonantes de complementariedade*<sup>34</sup> ou, em casos específicos, discordâncias latentes em prol do aprimoramento das minhas problematizações. Nessa semântica, *dou continuidade ao tom*<sup>35</sup> que o mineiro emite, seja pela semelhança ou pela diferença, *a ponto de nos confundirmos*<sup>36</sup> no bojo da conceituação do Brasil do pretérito imperfeito. *Incorporo e estabeleço simbioses*<sup>37</sup> com os muitos outros inscritos em minha retórica descolonial; quando necessário, *cito alguns trechos*<sup>38</sup> inevitáveis, em epígrafes, discursos de terceiros ou excertos de obras literárias.

Pela justificativa delineada em torno das *simbioses críticas*, *decido nem sempre usar aspas ao utilizar palavras alheias, visto que os conceitos aqui descortinados foram plantados em meu próprio ser quase como se fossem, também, meus*<sup>39</sup>. Por óbvio, as devidas referências estão sempre sinalizadas, todavia, considero *tais obras*

---

<sup>32</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69.

<sup>33</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>34</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>35</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>36</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>37</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>38</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

<sup>39</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.

*como minhas ao recriá-las nesta leitura*<sup>40</sup> perseguidora da hipótese desta tese. No pluriverso à grande parte dos especialistas em literatura, distancio-me do ranço intelectual *a partir do qual se transita apenas de um lado da linha ao só analisar poemas e escrituras sem permitir com que o mundo em si perfure suas teorias estéticas*<sup>41</sup>. *Não sou alérgico ao meu lugar, nem me refugio em teorias analisantes dos supostos “outros”*<sup>42</sup>; revisto-me, sobretudo, da minha própria inscrição em estado de *intercorporação*<sup>43</sup> com o que li e introjetei em meu ser. *Abro-me à visitaçã dos afetos, das palavras*<sup>44</sup> e do mundo e os *intercorpo*<sup>45</sup> em minhas teorizações *desmetaforizadas*<sup>46</sup> de gente que pensa do outro lado da fronteira.

Dessa feita, por tantos anos em caminhada com Silviano, *percebo-me tão acompanhado dele em minhas feridas modernas/coloniais aportadas neste Brasil pretérito e imperfeito que sinto poder incorporá-lo, falar quase que em nome dele*. De algum modo, *emprestamos nossas feridas um ao outro, como uma amizade da ferida, possível de darmos lugar um ao outro, ser um no outro*<sup>47</sup>. E, no para-além, no bojo dos muitos saberes fronteiriços que permeiam esta teorização, ser eu mesmo crivado no roçar entre mim e as tessituras epistemológicas desta tese *a partir das exterioridades*<sup>48</sup> *sem as distinções entre sujeito conhecedor e o objeto conhecido*<sup>49</sup> *pretendido não-pensante, amorfo, inferior*<sup>50</sup> *ou desprovido de corpo passível de ser dominado sub judice às teorias ditas “pensantes”*<sup>51</sup>. *Não trato, falo ou discorro sobre*

---

<sup>40</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.

<sup>41</sup> PESSANHA. A província da escritura, p. 156.

<sup>42</sup> PESSANHA. A província da escritura, p. 151.

<sup>43</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69.

<sup>44</sup> PESSANHA. A província da escritura, p. 151.

<sup>45</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69.

<sup>46</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 259.

<sup>47</sup> PESSANHA. O olha do limiar, s/p.

<sup>48</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.

<sup>49</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.

<sup>50</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.

<sup>51</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.

*as coisas pelo fingimento ou simulação por via do intelecto*<sup>52</sup>; pelo reverso, faço-o pela presença das minhas corpo e geo-políticas da exterioridade em situação de precariedade pretérita e imperfeita nestes trópicos.

Assim, finalizando esta introdução, escre(vi)vo *a partir de um lugar epistêmico*<sup>53</sup>, *biográfico e geoistórico onde se crivam intercorporeidades*<sup>54</sup> *entre corpos empíricos e textuais que sentem, pensam e estão situados em espaços específicos*<sup>55</sup>. Não busco, portanto, *observações imparciais, verdades ou objetividades neutras a fim de controlar regras disciplinares em posição privilegiada para avaliar e definir*<sup>56</sup>. Pelo contrário, *sou a partir de onde penso*<sup>57</sup> e, nesse preciso sentido, inscrevo meu lastro biográfico e geoistórico por todo e qualquer traço crítico incutido nesta tese de matiz conceitual pretérito e imperfeito à luz da obscuridade deste *Brasil profundo*<sup>58</sup>.

---

<sup>52</sup> PESSANHA. A província da escritura, p. 157.

<sup>53</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.

<sup>54</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.

<sup>55</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.

<sup>56</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.

<sup>57</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 71.

<sup>58</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

**CAPÍTULO I – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023):**  
*para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição*

Esta negação radical de co-presença fundamenta a afirmação da diferença radical que, deste lado da linha, separa o verdadeiro do falso, o legal do ilegal. O outro lado da linha compreende uma vasta gama de experiências desperdiçadas, tornadas invisíveis, tal como os seus autores, e sem uma localização territorial fixa. [...] *Tudo o que não pudesse ser pensado em termos de verdadeiro ou falso, de legal ou ilegal, ocorria [e ocorre] na zona colonial.*

SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35, grifos meus.

## 1.1 – Teorização crítica biográfica fronteiriça: um Brasil estruturalmente colonial

Porque em certo sentido, Bolsonaro também é inconveniente. [...] Não se comporta como um presidente que respeita a lei, a Constituição ou as formas em suas apresentações ou em suas declarações públicas. [...] para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição.

SANTIAGO. 'Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución', s/p, tradução minha.

Escre(vi)vo o que eu quero. Mais do que isso, escre(vi)vo esta tese, de base conceitual crítica biográfica fronteiriça<sup>59</sup>, espaço-temporalmente a partir do Brasil, um corpo aberto e em estado latente de sangramento desde 2018. O ano mencionado carrega consigo o marco temporal que apregoeou na história do país a ascensão do movimento ideológico bolsonarista<sup>60</sup> alcinado por matizes coloniais e imperialistas de caráter cristão, reacionário, negacionista e guiado por uma orientação política de extrema direita avessa a quaisquer diferenças. Nesse tocante, refiro-me, sobremaneira, àqueles assujeitados aos processos de racialização<sup>61</sup>, ou seja, os

---

<sup>59</sup> Crítica biográfica fronteiriça é o arcabouço conceitual-epistemológico o qual me respaldo para escre(vi)ver estas problematizações em torno da ideia de um Brasil do pretérito imperfeito. Tal teorização emerge do intelectual sul-mato-grossense Edgar Cézar Nolasco a partir dos estudos críticos biográficos aliados à descolonialidade no engaste entre *bios* e *lócus*, sensibilidades biográficas e histórias locais, dos assujeitados que re-existem em estado constante de negociação de suas vidas interceptadas pelos grilhões da matriz colonial de poder, em específico, no que convém a estes trópicos verde-amarelos. Sua premissa basilar pressupõe contrapor corpo e geo-políticas da exterioridades às teo e egopolíticas modernas/coloniais no cerne de uma matriz de poder hegemônica desprovida de quaisquer éticas políticas *outras* direcionadas às fronteiras, margens, periferias, dissidências e racializações disseminadas através da colonialidade mascarada pela insígnia do capitalismo imperial. É, por óbvio, uma opção teórica, mas, sobremaneira, uma eleição de vida do pesquisador em prol de defender a co-presença de muitos mundos possíveis na contracorrente dos universalismos abstratos que grassam de todos os lados do planeta na égide das teorias mercadológicas itinerantes.

<sup>60</sup> De forma consciente, subverto a gramática normativa no que tange ao uso de inicial maiúscula apenas nos substantivos próprios em prol de uma demarcação estilística do termo “Bolsonarismo”. Em um preciso sentido, opto por escrevê-lo com inicial maiúscula a fim de reafirmar seu enraizamento na sociedade brasileira quase como um organismo próprio e autônomo em relação ao seu agente originário, ou seja, a Jair Bolsonaro.

<sup>61</sup> Neste trabalho, descolonialmente, compreendo a racialização enquanto o processo colonial norteadado pelo objetivo de tornar pessoas, línguas, religiões, políticas, economias, subjetividades, corpos, histórias locais, sensibilidades biográficas etc. sub-humanos ou até mesmo inexistentes. Em outras palavras, o processo de racialização foi aquele cujo intuito maior se perfilou em negar as óbvias humanidades de *tudo aquilo* que foi empurrado e expurgado para a escuridão da exterioridade; ao fazê-lo, a matriz colonial de poder tratou de expelir *tudo isso* para fora da esfera normativa do real. No que compete ao Brasil do presente aqui desenhado, o Messias colonial-imperialista, bem como seu movimento ideológico de extrema direita, incumbiram-se de levar à exaustão tais premissas coloniais. Como comprovação dessa assertiva, constarão citados nesta tese alguns dos muitos discursos coloniais, os quais guiam suas ações desgovernamentais, proferidos pelo então presidente em exercício. MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

tornados, há muito, supostos sub-humanos e expurgados à invisibilidade da inexistência. À maneira que expôs meu Silvano Santiago<sup>62</sup> na epígrafe que elucida o tom político desta discussão, *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*<sup>63</sup>.

Assim, tomado por esse contexto, ainda, de uma matriz colonial de poder<sup>64</sup> imperante endossada pelos múltiplos nós histórico-estruturais<sup>65</sup>, ressalta-se, mais do que nunca, que o sangramento colonial em curso no Brasil não se iniciou em 2018 com a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais. Mas, sim, no século XV com a chegada dos portugueses em território indígena e que, hoje, por via da ascensão de grupos políticos reacionários brasileiros orientados pelos paradigmas estruturais bolsonaristas, dá-se prosseguimento às políticas coloniais de boicote, invisibilização, apagamento, genocídio e de perseguição às corpo-geo-grafias<sup>66</sup>, ou, para me valer dos termos de Silvano, às grafias-de-vidas situadas nas fronteiras do que Walter Mignolo nomeou descolonialmente de “aparência natural do mundo”<sup>67</sup>. Essa, por sua vez, é abissal, centro-globalizada, economicamente privilegiada,

---

<sup>62</sup> Os termos “meu Silvano” ou “meu mineiro” são evocados nesta tese no intuito de construir, na baliza das minhas sensibilidades biográficas dissidentes, histórias locais fronteiriças e opções teóricas *outras*, uma imagem discursiva do escritor e intelectual mineiro. Isso se justifica pelo crivo dos estudos críticos biográficos em prol da conceituação de um Brasil do pretérito imperfeito, ideia essa provida, inicialmente, pelo próprio Silvano somado ao fato de que venho me debruçando sobre sua vida/obra desde 2017 quando realizava pesquisa de iniciação científica, depois, no mestrado e, hoje, no doutorado. Em outras palavras, entrevejo que as problematizações aqui descortinadas, em prol da perseguição constante da hipótese de tese, acabam por delinear um Silvano Santiago que não aquele empírico, isto é, aportado na realidade material, mas, sim, os contornos de uma *persona* criada através das minhas *práxis* escrevíveis que se seguem nestes escritos. Alio-me com o mineiro *pari passu* ao distanciamento político quando nossas eleições epistêmicas divergem ou até se confrontam, todavia, sem desconsiderar sua relevância, na semelhança ou, sobretudo, na diferença, para minhas teorizações descoloniais.

<sup>63</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>64</sup> O conceito de matriz colonial de poder será desenvolvido no subtítulo 1.2.

<sup>65</sup> Os nós histórico-estruturais serão abordados *pari passu* à articulação da matriz colonial de poder no subtítulo 1.2.

<sup>66</sup> As corpo-geo-grafias serão debatidas no subtítulo 1.3 a partir de uma reordenação das grafias-de-vida de Silvano do espectro literário para o político com base no nosso Brasil do pretérito (e do presente) imperfeitos.

<sup>67</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

branca, heterossexual, cisgênero e norteadas por signos, simbólicos e/ou físicos, atribuídos a masculinidades e seus paradigmas autoritários.

Nesse ínterim, situando-me espaço-temporalmente no contexto autoritário a partir do qual escre(vi)vo guiado por um desejo descolonial apregoado em meu corpo-fronteiriço e homo-biográfico que sobrevive, pensa e produz endossado pela crítica biográfica fronteiriça *suleada* por um paradigma *outro*<sup>68</sup> à luz da fronteira-sul, geoistórica e epistemológica, de Mato Grosso do Sul, ensejo, atravessado pela figura do meu Silviano Santiago, propor uma discussão de base conceitual que se debruce sobre a teorização de um Brasil do pretérito imperfeito que não se despreendeu das colonialidades e dos imperialismos. Para tal, utilizarei como ponto de partida o texto “Nó, nós” de autoria do mineiro publicado em 2020 na revista portuguesa *Electra*.

Desse modo, no sentido de estabelecer uma proposição *outra* de Brasil, guiada pela égide do pretérito imperfeito (*suleador* de todos os debates aqui explicitados), valerei-me, enquanto conceito primário, das corpo-geo-grafias políticas cujos vieses teóricos emergirão da proposta de grafias-de-vidas cunhadas por Silviano, mas, que, através das minhas proposições epistemológicas descoloniais, serão trabalhadas enquanto um *modus operandi* e *vivendi outro* de articulação crítica. No plano dos conceitos secundários, sendo aqueles que darão sustentação teórica para os primários, serão evocadas a matriz colonial de poder, as corpo e geo-políticas e a ética política descolonial. Nessa perspectiva, intento que as conceituações supracitadas, respaldadas pela crítica biográfica fronteiriça, possibilitam um delinear

---

<sup>68</sup> O conceito de paradigma *outro* será a base epistemológica do capítulo III desta tese. Contudo, neste momento, cabe-nos tensionar que o paradigma *outro* compreende uma forma de pensamento crítico e utópico articulado a partir de *loci* tomados pelas expansões coloniais/imperiais de ser, estar e pensar negando quaisquer pluriversalidades de razão, pensamento e/ou projeção de futuro. À revelia da *práxis* moderna, o paradigma *outro* se desloca da esfera da universalidade se situando justamente no cerne de uma diversidade em que muitos mundos possam co-existir. MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 23.

epistêmico descolonial do político do/no Brasil não só do pretérito imperfeito, mas, sobremaneira, do presente.

Dito isso, introduzo minhas reflexões fronteiriças e pós-abissais me valendo da ideia autobiográfica de revolta a partir da matriz (*patrón*) colonial de poder no intuito de problematizar as mazelas políticas do nosso tempo (2018-2023) e espaço brasileiros situados nos trópicos, ou seja, para a modernidade/colonialidade, na borda do planeta, o Sul global<sup>69</sup>. Ademais, busco comprovar como o Bolsonarismo se apropriou e levou adiante os paradigmas, modelos e armas hegemônicas da modernidade/colonialidade para segregar, homogeneizar, violentar e expurgar quaisquer diferenças localizadas para além da fronteira, em seu sentido epistemológico, subjazendo uma retórica conservadora, militarizada e pseudo-universal de pátria/nação<sup>70</sup> acima de tudo e de Deus (em maiúsculo) acima de todos.

Na sequência, imbricado às esferas críticas corpo e geo-políticas fronteiriças contrapostas às ego e teopolíticas bolsonaristas, utilizarei como ponto de partida epistêmico as grafias-de-vida explicitadas pelo meu Silvano em *Fisiologia da composição* (2020). Todavia, reordenarei seu eixo argumentativo o desviando do campo do literário para o político ao alcinhar tais grafias, à luz da *práxis* do viver descolonial, como corpo-geo-grafias com base em nossas próprias corporeidades/localidades de assujeitados fronteiriços da/na exterioridade. Isso por

---

<sup>69</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>70</sup> O sentido de “pátria/nação” discutido neste capítulo se restringe ao campo semântico específico utilizado por Jair Messias Bolsonaro em suas declarações públicas e *slogans* de campanha eleitoral. Mascarado de união dos brasileiros em prol do avanço do país, na minha perspectiva, seu uso por estas terras escamoteia uma retórica de homogeneização nacional interceptada pelo que problematizo enquanto “aparência natural do mundo”. Indo além, na égide de Heloisa Murgel Starling, *a retórica nacionalista de Bolsonaro lidera a investida de volta a um passado falseado em que está implicado um Estado punidor pronto a “garantir a segurança e a ordem” reunindo a população no entorno de um núcleo ambivalente de referências afetivas e políticas, isto é, a dita “pátria”, pressuposta, nesses termos, enquanto o próprio lugar de expressão da homogeneidade da nação brasileira*. STARLING. Brasil, país do passado, p. 100.

me contrapor, essencialmente, ao bradejado por Bolsonaro em que “nosso” Deus<sup>71</sup> patriarcal e, por extensão, suas múltiplas formas de dominação, culpa e julgamento estariam acima de qualquer coisa.

No prosseguimento, ao recuperar os delineares críticos explicitados pela matriz colonial de poder, corpo e geo-políticas, estarei debruçado sobre a pandemia de COVID-19 iniciada em 2020 e alargada à exaustão pelo Bolsonarismo através da política colonial/imperialista de morte e seus desdobramentos em relação aos ideários de natureza e economia na esteira de uma óptica capitalista passível de transformar a tudo e a todos em mera mercadoria descartável. Dentre suas consequências, infere-se que o Brasil chegou à marca de 600 mil mortos pela doença<sup>72</sup>, muitas das quais poderiam ser evitadas se não fosse a despólitica acometida por Jair Bolsonaro entre 2020 e 2022, além disso, escancarou-se o Sul da própria pandemia e de sua quarentena, bem como o alerta de que se não nos voltarmos para a natureza enquanto extensão de nossos próprios corpos, seremos acometidos por pandemias cada vez mais agressivas e avassaladoras.

Ao fim do capítulo, no bojo da ética política descolonial, discutirei o período de transição política do país advindo das eleições presidenciais de 2022 que, no embate entre o “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” de Jair Bolsonaro e o “União e reconstrução” de Luiz Inácio Lula da Silva, concederam, democraticamente, o título de chefe de Estado da República (2023-2026) ao candidato à esquerda. Dessa forma, atravessado pelo conceito de ética mencionado e me situando na atualidade do meu tempo, proporei debates que, na contraposição entre os governos mencionados,

---

<sup>71</sup> Grafo “nosso” Deus entre aspas, pois, por opção, escolhi não cultivar nenhuma forma de religiosidade, sobremaneira, aquelas de base cristã. Todavia, *pari passu* a isso, possuo a autocrítica de que toda nossa subjetividade ocidental foi formatada através de bases e paradigmas cristãos os quais, de algum modo, atravessam nossos modos de viver, adentrar e sobreviver no mundo moderno/colonial.

<sup>72</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

evoquem em seu bojo problematizações em torno de termos como esperança, democracia, bem-viver, desocidentalização, intervenção imperial, liberdade e possibilidades de co-existências de muitos mundos possíveis<sup>73</sup>.

No que convém aos textos de Silviano utilizados nesta proposta conceitual crítica biográfica fronteiriça, elejo, dentre outros, “Nó, nós” (2020), ““Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”” (2019), “Inconveniências do corpo como resistência” (2019), *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis* (2020), “Grafias de vida – a morte” (2015), “Literatura e confinamento, a solidão” (2020), “12 de outubro de 2020” (2020), *Em liberdade* (1994) e “Arrumar a casa, arrumar o país” (1982). As razões que justificam a seleção supracitada se dão no que converge às opções teóricas aqui cotejadas, isto é, o intuito de, neste primeiro momento da tese, trabalhar com o presente brasileiro entremeado por *práxis* políticas autoritárias, coloniais e imperialistas de rechaço e perseguição às corpo-geo-grafias das exterioridades<sup>74</sup>. Ou seja, a tudo aquilo que o Bolsonarismo entende enquanto espaço fronteiriço em detrimento à suposta “aparência natural do mundo”<sup>75</sup>.

Ademais, no bojo dos autores aqui evocados no estabelecimento das relações epistêmicas entre as minhas próprias reflexões de homem-fronteira e as oriundas das epistemologias do Sul<sup>76</sup> e das ciências políticas<sup>77</sup>, assento-me nos intelectuais Aníbal

<sup>73</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>74</sup> A exterioridade aqui é compreendida enquanto o lugar de dominação criado pela interioridade a fim de reafirmar sua própria hegemonia, ou, em outros termos, sua automanutenção de poder em detrimento à fronteira, não no sentido geográfico do conceito, mas epistemológico. A exterioridade, por sua vez, é o espaço, por excelência, do suposto “outro”, assujeitado, em detrimento ao “si-mesmo”. Em suma, habitar a fronteira é experivenciar e escre(vi)ver a exterioridade em suas múltiplas dimensões coloniais/imperiais. NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 88.

<sup>75</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>76</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>77</sup> As ciências políticas serão preponderantes neste capítulo no intuito de delinear um panorama histórico do nosso tempo brasileiro desde as manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus em 2013 durante o governo de Dilma Rousseff (“Não é só por 0,20 centavos”), passando pelos golpes políticos institucionais cujos desdobramentos culminaram no *impeachment* da ex-presidente Dilma e

Quijano, Rita Segato, Edgar C ezar Nolasco, Walter Mignolo, Madina Tlostanova, Maria Paula Meneses, Boaventura de Sousa Santos<sup>78</sup>, Ramón Grosfoguel, Gloria Anzaldúa, Frantz Fanon, Fernando de Barros e Silva, Newton Bignotto, Miguel Lago, Heloisa Murgel Starling, Angela Alonso, Esther Solano, Lilia Moritz Schwarcz e Ronaldo de Almeida. Por fim, este primeiro capítulo aqui introduzido se *suleará*, como condi o *sine qua non* de uma perspectiva descolonial, fronteiriça e p s-abissal, por um aprender a teorizar para desteorizar angariando um re-teorizar<sup>79</sup>. Em outras palavras, a teoriza o (e não teoria moderna, itinerante e mercantilizada) de um Brasil *outro*, do hoje político, possibilitada por um paradigma *outro*<sup>80</sup>, não-moderno, que se oriente pelas premissas corpo-geo-políticas *de ser de onde se pensa e não de saber que se existe porque se pensa*<sup>81</sup>.

---

na prisão de Luiz In cio Lula da Silva (ambas as figuras de viés   esquerda), até as elei es presidenciais de 2018 com a vitória de Jair Messias Bolsonaro e, quatro anos depois, nas de 2022 com o nome de Lula enquanto o mais novo presidente da República.

<sup>78</sup> Em abril de 2023, veio à tona nos meios midiáticos uma série de denúncias por “assédio sexual” direcionada ao intelectual Boaventura de Sousa Santos. Reafirmo aqui minha contrariedade absoluta ao comportamento do referido crítico, todavia, não desconsidero a relevância de suas reflexões para as epistemologias do Sul e para o pensamento pós-abissal.

<sup>79</sup> MIGNOLO. Desobediência epist mica, p. 305.

<sup>80</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

<sup>81</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.

## 1.2 – Escre(vi)vo um Brasil a partir da revolta: desatando os nós da matriz colonial de poder<sup>82</sup>

[...] o cotidiano da vida vivida sob Bolsonaro azucrinará mais a vida da gente que o passado. Quanto ao futuro da nação, ele só a Deus pertence. País do futuro – profetizou Stefan Zweig na cidade de Petrópolis, antes do suicídio com soporíferos. Enganara-se ele, *o Brasil é o país do pretérito imperfeito*.

SANTIAGO. Nó, nós, p. 171, grifos meus.

É a partir da premissa de que *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*<sup>83</sup>, explicitada na introdução deste primeiro capítulo com base no meu mineiro Silviano Santiago, que este subtítulo, debruçado sobre a matriz colonial de poder imperante no Brasil do pretérito imperfeito, inicia-se. Em outras palavras, o tom discursivo preliminar desta tese crítica biográfica fronteira se delineia através dos nós incrustados no Brasil os quais emergem à luz de um apregoamento subjetivo, social, cultural, econômico e político em paradigmas religiosos, autoritários, coloniais, imperialistas e modernos por excelência. Esses, por sua vez, foram, são e continuam sendo replicados à exaustão por vias do movimento ideológico bolsonarista liderado pela figura de Jair Messias Bolsonaro e levado adiante por seus templários tanto no plano da sociedade civil quanto em boa parte dos grupos políticos dominantes disseminados quase que como traças corrosivas dos princípios minimamente éticos<sup>84</sup> de uma co-presença<sup>85</sup> pluriversal de mundos possíveis<sup>86</sup>.

À semelhança do “mito”<sup>87</sup>, seus seguidores desmedidos, incondicionais e absolutamente desconectados das realidades que os cercam são aqueles que

---

<sup>82</sup> Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este subtítulo foi pensado e escrito no ano de 2022 considerando o atravessamento do desgoverno de Jair Messias Bolsonaro e do crescimento exponencial de seu movimento ideológico reacionário denominado “Bolsonarismo”.

<sup>83</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>84</sup> O conceito de ética política descolonial será desenvolvido no subtítulo 1.5.

<sup>85</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>86</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>87</sup> “Mito” é o termo – ou apelido – atribuído a Jair Messias Bolsonaro e repetido *ad infinitum* pelos diversos grupos de pessoas que o veneram cegamente, isto é, sem qualquer distanciamento crítico mediante às falas, posturas e ações do presidente em exercício. A esses, prefiguram-se as alcunhas de “bolsonaristas” e, através de uma ironia latente, “bolsominions”. No corolário do termo mencionado, consultar: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-07-07/bolsonaro-e-mito-sim.html>

tomaram para si a falácia de um patriotismo inegociável quase como um enraizamento social<sup>88</sup>. No seu bojo, descortinam-se os ideais de uma suposta família tradicional (hétero, cis e patriarcal) enquanto paradigma mestre da vida<sup>89</sup> aliado à premissa da violência implacável, de cunho bélico e militarizado, que intenta se justificar através do argumento de “autodefesa”<sup>90</sup> do dito “cidadão de bem”. Nesse preciso sentido, o eleitor de Bolsonaro, autointitulado “cidadão de bem”, acredita com veemência na meritocracia individualizada, em seu próprio trabalho duro e na presença incontestada do “nosso” Deus<sup>91</sup> universal acima de todos. No espaço do culto, em específico, neopentecostal, resguardam-se, *à la ego* e teopolíticas, *seus sustentáculos morais, afetivos, financeiros e no evangelho a lente para apreender a realidade do cotidiano*<sup>92</sup>.

Insinua-se, então, por vias do mencionado, uma política conservadora e reacionária, endossada por 57,8 milhões de brasileiros<sup>93</sup>, em que fica nítido o fato de que grande parcela do país não concorda com *posturas, lideranças e governabilidades igualitárias, inclusivas e democráticas*<sup>94</sup>. Pelo contrário, Bolsonaro e seu movimento de extrema direita descortinaram aos nossos olhos *outros* seus desejos pelo retorno aos valores “tradicionais”<sup>95</sup> que, das suas ópticas, deveriam ditar não só os lugares públicos de existência, mas, para além, os âmbitos privados de cada brasileiro. Por isso, por mais que figuras como Donald Trump e Bolsonaro pareçam para nós, pesquisadores descoloniais e pós-abissais, figuras quase que caricatas, não o são para todos, pois venceram suas respectivas eleições e

---

<sup>88</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>89</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>90</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>91</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>92</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>93</sup> Quantidade de votos recebida por Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 contra o candidato à esquerda Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>

<sup>94</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>95</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

simbolizam a representação de uma mentalidade de milhões de pessoas que os elegeram. Angaria-se, então, a necessidade de entender e desvelar a lógica colonial/moderna escondida por detrás da *Nova República de uma democracia pretendida socialmente justa cujos cernes se veem frente a um pesadelo*<sup>96</sup>.

Diante desse pesadelo, um contexto político de degradação do tecido social plurilógico<sup>97</sup> e dos preceitos mínimos de Estado democrático, iniciado em 2018<sup>98</sup> no período de eleição presidencial e ainda reiterados em 2022, teorizo à luz da minha condição sul-fronteiriça<sup>99</sup> respaldada por um paradigma *outro*<sup>100</sup>. Assim, só posso entender que escre(vi)vo nosso Brasil – uma vez que esse pertence tanto a mim quanto ao meu Silviano que, por uma opção intelectual e de vida quase que herdada homo-biograficamente pelas já obscurecidas *Mil rosas roubadas* (2014), atravessa meus escritos desde 2017 – a partir da revolta<sup>101</sup> angariando desatar esses múltiplos nós da matriz colonial de poder que o Bolsonarismo em curso insistentemente se coloca à disposição indiscriminada de alimentar e reproduzir, ainda que baseado em um lócus terceiro-mundista e subalterno situado no arrabalde quase que inexistente do planeta. Entrevejo, então, que é esse o biolócus<sup>102</sup> fronteiriço que me movimenta

---

<sup>96</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>97</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

<sup>98</sup> As eleições presidenciais de 2018, cujo desdobramento culminou na vitória do candidato reacionário e de extrema direita Jair Bolsonaro, apregoou na história democrática do Brasil uma transformação ou, em outras palavras, um abalo disruptivo que não se via desde o golpe militar de 1964. Tendo em vista os acontecimentos de 2013, decorrentes do aumento das tarifas de ônibus (“Não é só por 0,20 centavos”) durante o governo à esquerda de Dilma Rousseff, entreviu-se, nas palavras do intelectual Newton Bignotto, a emergência de movimentos clamando pela volta das Forças Armadas ao poder, a negação das conquistas dos direitos das minorias, alvos diretos da opressão moderna, colonial e imperialista, e, por extensão, o descortinar de uma política de extrema direita que, *a posteriori*, viria a assumir o poder. Primeiro, por meio de Michel Temer (2016) através do golpe aplicado em Dilma Rousseff (*impeachment*), da prisão inconstitucional de Luiz Inácio Lula da Silva (2018), impossibilitando-o de concorrer às eleições, e, logo mais, com a vitória de Bolsonaro (2018). Dessa maneira, naquele primeiro contexto de manifestação pública, perfilou-se a emergente degradação democrática que seria alargada à exaustão no futuro que estava se desenhando frente aos nossos olhos. BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 233.

<sup>99</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 16.

<sup>100</sup> MIGNOLO. Prefácio a la edición castellana, p. 19.

<sup>101</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>102</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 38.

situando no tempo e no espaço minhas teorizações descoloniais, fronteiriças e pós-abissais<sup>103</sup>, ou seja, através de um *cotidiano de vida intermediado por Bolsonaro que azucrinará mais a vida que o passado*<sup>104</sup>, à maneira que aferiu meu mineiro na epígrafe aposta.

Por isso, situado no presente político que atravessa minha carne de homem brasileiro, fronteiriço e homossexual escre(vi)vendo à luz da exterioridade da fronteira-sul<sup>105</sup> endossado por uma consciência e prática descoloniais, faz-se impossível pensar no Brasil como o país do futuro; somos, portanto, uma nação que se quer independente e republicana ainda assolada pela escuridão da modernidade/colonialidade levada à última instância pela razão imperial itinerante hospedada aqui, primordialmente, pela reverência irrestrita de Bolsonaro aos paradigmas estadunidenses, outrora simbolizados pelo ex-presidente Donald Trump. De modo coerente com *isso* que nos permeia dia após dia, emerge a premissa *outra* de Silviano no texto “Nó, nós” de que o Brasil é o país do pretérito imperfeito, em especial, no que compete ao recorte histórico de 2018-2022 intermediado pela ascensão do movimento bolsonarista e pelo seu enraizamento social, cultural e subjetivo o qual escancarou à cena pública os princípios coloniais de racialização<sup>106</sup> os quais se encontravam “encobertos” nos espaços privados de muitos brasileiros reacionários.

Assim, contextualizado esse cenário de degradação, ainda em prática nesse nosso Brasil, julgo pertinente justificar à voga discursiva da revolta fronteiriça<sup>107</sup> que aqui se desenha a conceituação inicial do que estou conclamando de pretérito

---

<sup>103</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>104</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>105</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 16.

<sup>106</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>107</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

imperfeito. Em rápida consulta a um dicionário *online*<sup>108</sup>, explicita-se que o pretérito imperfeito se refere aos fatos ocorridos no passado, mas que não foram devidamente concluídos. Com isso, expressa-se um ideário de continuidade pretérita de algo que aconteceu, foi interrompido e que, de alguma forma, permanece em estado de abertura na linha espaço-temporal. Nesse cenário, entendo que intermediado pelo Silviano que venho construindo para mim nesses anos de pesquisa acadêmica aportado em teorizações pós-abissais<sup>109</sup> consigo, situando-me em um entre-lugar<sup>110</sup> entre mim e o meu co-partícipe<sup>111</sup>, des-escrever esse nosso Brasil do pretérito imperfeito desatando seus nós<sup>112</sup> coloniais a fim de *aprender a desaprender para, enfim, re-aprender*<sup>113</sup> meu país pela emergência de um paradigma *outro*<sup>114</sup>, uma sociedade comunal<sup>115</sup> e, principalmente, uma política *outra*.

Ao desaprender para re-aprender, encontro-me frente *ao futuro do Brasil sempre adiado*<sup>116</sup>. Em outras palavras, a persistência latente de desigualdades<sup>117</sup> reverberadas em múltiplas esferas sociais cujas formas políticas de contenção parecem, ora mais ora menos, nunca serem suficientes para obliterarmos nossas heranças coloniais<sup>118</sup>. Com isso, o Brasil de Jair Bolsonaro, dotado de um presente atravessado justamente pelo pretérito imperfeito do país, descortina um horizonte avassalador de injustiça social<sup>119</sup>, outrora reduzida por governos comprometidos com a redução da miséria, bem como uma perseguição incessante ao alargamento das

---

<sup>108</sup> Disponível em: <https://www.conjugacao.com.br/preterito-imperfeito-do-indicativo/>

<sup>109</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>110</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 50.

<sup>111</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.

<sup>112</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>113</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>114</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

<sup>115</sup> A ideia de comunal a partir da descolonialidade será debatida no subtítulo 1.4.

<sup>116</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 194.

<sup>117</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

<sup>118</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

<sup>119</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

liberdades políticas e civis<sup>120</sup>, em especial, dos grupos empurrados para a inexistência da exterioridade. Percebe-se que, mesmo decorridos 130 anos de história republicana<sup>121</sup>, não conseguimos nos desvencilhar, tampouco vencer, *nossa herança colonial e escravagista em direção sequer à democracia*<sup>122</sup>.

Essa dimensão pretérita e imperfeita do país desvela os porquês e as dificuldades<sup>123</sup> de até hoje, e principalmente hoje, encontrarmos-nos no espaço do *futuro adiado*<sup>124</sup>. Por isso, faz-se pertinente o exposto por meu co-partícipe Silviano ao aferir que *nosso cotidiano vivido sob Bolsonaro azucrinará mais nossa vida que o passado, o porvir da nação só a Deus pertencerá*<sup>125</sup>. Se no período de 2003 a 2010<sup>126</sup>, através da presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, munimo-nos de esperança no bojo da redução de desigualdades sociais, uma década à frente *estariamos capturados pela efemeridade das ilusões*<sup>127</sup>, uma vez que o transcorrer dos anos nos aproximaria, mais uma vez, de nosso passado oligárquico<sup>128</sup> e colonial. Nesse intento, o filósofo político Newton Bignotto alerta-nos que *se não conseguirmos aprender com nosso passado, não conseguiremos desenvolver um conhecimento de política, tendo em vista que nos encarceraríamos à exclusividade dos domínios de nossas experiências e condenados ao que conclama de cacarejar de opiniões*<sup>129</sup>.

Diante desse contexto, percebe-se que boa parte da população brasileira deseja um presidente como Bolsonaro no intento de dar prosseguimento a uma ideia de país também pretérita e imperfeita, na esteira das considerações descoloniais que

---

<sup>120</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

<sup>121</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 27.

<sup>122</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 27.

<sup>123</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 27.

<sup>124</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 194.

<sup>125</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 171.

<sup>126</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 198.

<sup>127</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 198.

<sup>128</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 210.

<sup>129</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 238.

venho tracejando. Ou seja, o governante e seu projeto ideológico encontraram aderência às massas, pois perceberam que certo passado, o universo colonial, moderno e imperial do si-mesmo, forneceria a conexão ideológica passível de respaldar um plano hegemônico de poder<sup>130</sup>. Apropriando-se de elementos históricos nacionais, o tempo presente se constitui, sob essa óptica pretendida “universal”, enquanto momento de *decadência religiosa, de corrupção política, de degradação dos costumes “tradicionais” e da insegurança social*<sup>131</sup>. Com isso, a retórica abissal bolsonarista apregoa a ideia de que *a cada dia, há mais (falso) passado e menos futuro*<sup>132</sup>.

Em outros termos, um movimento de regressão em que o passado, ainda que falso<sup>133</sup> no sentido de nunca ter existido como se narra, poderia se aderir e, ademais, ser utilizado como modelo, paradigma, sistema e via de comunicação<sup>134</sup> entre o agente do caos e seus templários incansáveis. No corolário dos intelectuais Newton Bignotto, Miguel Lago e Heloisa Murgel Starling, em *A linguagem da destruição* (2022), percebo os contornos da tentativa de disseminar uma utopia regressiva<sup>135</sup> em que parcelas consideráveis do país passem a habitar um mundo fictício<sup>136</sup> que se mostra, imerso em si mesmo, supostamente coerente e seguro<sup>137</sup>. Para sustentá-la, há um apelo irrestrito à destruição<sup>138</sup> enquanto *modus operandi* basilar, ou, nas palavras de uma epistemologia pós-abissal na qual me situo para escre(vi)ver, na

---

<sup>130</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>131</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>132</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>133</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>134</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>135</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>136</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>137</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>138</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

separação entre os lados das linhas, ou fronteiras, situando demarcações hegemônicas do que seria verdadeiro/falso, legal/ilegal, existente/inexistente<sup>139</sup> etc.

*O passado nunca foi, o passado continua*<sup>140</sup>, assegurou Gilberto Freyre na Constituinte de 1946; tal premissa, 76 anos depois, mostra-se mais pertinente do que nunca, à diferença que em 2022 a ideia pretérita foi absolutamente subvertida e transfigurada em um universo fictício povoado por heranças coloniais as quais até hoje nunca foram efetivamente resolvidas. Pelo contrário, mascaradas, são repetidas através das vociferações bolsonaristas cujas bases ideológicas jamais consideram a capacidade cíclica<sup>141</sup> de reiterar e repetir problemas<sup>142</sup> que por essas terras há muito sobrevivem mais vivos do que nunca. O passado que nos assombra ressoa *não como mérito, mas na forma de um fantasma perdido*<sup>143</sup>, *sem rumo, com base na escravidão, no colonialismo, nas estruturas de mandonismo, patriarcado, na corrupção renitente, nas muitas manifestações de intolerância, sendo todas essas forças hegemônicas*<sup>144</sup> *sobressalentes em governos autoritários ou com aproximações a esse formato político de poder*<sup>145</sup>.

Entremeado pela alcunha de que *o passado continua*<sup>146</sup>, percebe-se que, diferentemente de outros países dos trópicos latinos, como Argentina e Uruguai<sup>147</sup>, o Brasil jamais puniu à altura as práticas de tortura e os assassinatos cometidos pelos agentes Estatais<sup>148</sup>. Em especial, no que compete aos mais de vinte anos de ditadura militar desvelada pelo golpe de 1964, o qual, diga-se de passagem, Bolsonaro e seu

<sup>139</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>140</sup> FREYRE *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>141</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223.

<sup>142</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>143</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>144</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>145</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>146</sup> FREYRE *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

<sup>147</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>148</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

movimento ideológico possuem afeição e apreço irrestritos a ponto de requerer e bradejar pelas ruas à volta das Forças Armadas<sup>149</sup> ao poder. O fato explicitado elucida a maneira com a qual lidamos com nosso pretérito imperfeito e, sobretudo, com os traumas<sup>150</sup> que deles emergiram. Na realidade, projetos políticos autoritários como o Bolsonarismo escancaram aos nossos olhos de gente fronteira que vive, pensa e escre(vi)ve do outro lado da borda *a incapacidade de elaborarmos nossos traumas e, por essa razão, convivermos indefinidamente com seus sintomas*<sup>151</sup>.

Nos termos desta tese crítica biográfica fronteira, entendo os sintomas<sup>152</sup> enquanto paradigmas e estruturas hegemônicas advindas de uma matriz colonial de poder – a ser desenvolvida conceitualmente *a posteriori* neste subtítulo – que nunca foi desbaratinada por essas terras do arrabalde em nenhuma de suas extensões, sejam as de cunho epistêmico, social, econômico e, primordialmente, político. Nesse sentido específico, fazem-se necessários os questionamentos do meu Silviano quando indaga: *como desatar os nós?*<sup>153</sup> *Voltaremos a viver na nação que sempre vivemos?*<sup>154</sup> Dentre nossos traumas não resolvidos, posso citar, por exemplo, a escravidão<sup>155</sup> e a maneira como até hoje sua herança colonial<sup>156</sup> sobrevive e se transmuta em múltiplas formas de racismo, inclusive, reverberadas pelo próprio presidente da República como mostrarei à frente. Em suma, o que estou problematizando é que sendo o Brasil o país do pretérito imperfeito, atravessado por um *passado que continua*<sup>157</sup>, nunca resolvemos (ou sequer nos dispusemos a

---

<sup>149</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 233.

<sup>150</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 29.

<sup>151</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 29.

<sup>152</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 29.

<sup>153</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 165.

<sup>154</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 173.

<sup>155</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 29.

<sup>156</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 29.

<sup>157</sup> FREYRE *apud* SCHWARCZ. *Quando o fim é também o começo*, p. 224.

perlaborar) nossas dívidas<sup>158</sup> não só com as populações negras, mas com os povos originários, com as mulheres, com a comunidade LGBTQIAP+ dentre outras múltiplas formas de exterioridades que por aqui re-existem<sup>159</sup> sob a hegemonia moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo.

Mais do que isso, o que o Bolsonarismo endossa, munido de seu paradigma autoritário, é o descortinar de um projeto político em que nossas feridas históricas, nunca cicatrizadas, sejam mobilizadas<sup>160</sup> ao seu favor e automanutenção. Ao fazê-lo, de maneira consciente, evoca afetos, ressentimentos, raivas e angústias<sup>161</sup> de diversas camadas da população que não se sentiam contempladas por governos anteriores de tendência ideológica à esquerda (como os de Lula e Dilma). Nessa esfera, a retórica bolsonarista, engendrada pelo viés de extrema direita<sup>162</sup>, apregoa em seu cerne uma imperfeição pretérita passível de projetar *disputas de imaginários, subjetividades e sensibilidade de mundo a partir das quais a emoção se aloca no centro de qualquer debate*<sup>163</sup>. Tal sentimento, por sua vez, dá-se na tentativa de desenhar a ideia de uma pátria fantasma<sup>164</sup> *com base na sedução discursiva da extrema direita em torno de uma comunicação respaldada por aspectos emocionais*<sup>165</sup> em que fronteiras binárias, polarizações, à maneira que afirmei na chancela das linhas abissais<sup>166</sup>, são alimentadas e replicadas através das redes sociais guiadas pela massificação de *fake news*<sup>167</sup>.

---

<sup>158</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>159</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>160</sup> SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

<sup>161</sup> SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

<sup>162</sup> SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

<sup>163</sup> SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

<sup>164</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>165</sup> SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

<sup>166</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>167</sup> Na égide da massificação das *fake news* através dos veículos digitais, julgo necessário inserir um outro adendo em torno da relação Bolsonarismo x mídia: a TV Globo. Isso porque a rede de televisão supracitada sempre esteve a serviço dos seus próprios interesses ideológicos e políticos. A exemplo, quando, à época da ditadura militar, apoiou o esfrelamento dos princípios democráticos, ou seja, o

De acordo com o que Heloisa Murgel Starling assevera no plano da leitura política de nosso tempo, *à la* meu Silvano, tal qual venho evocando, Bolsonaro não é só inconveniente<sup>168</sup>, nas diversas significações do termo, mas *é falastrão e conta sempre uma história recorrente, a de que um dia o Brasil realmente foi o que teria que ser, o país a que estamos destinados a viver, aquele que merecemos*<sup>169</sup>. Nos termos da argumentação exposta nesta tese, entendo que o Messias colonial-imperialista perfila o desejo de que existamos e sobrevivamos, de fronteira a fronteira, de lócus a lócus, de sensibilidade biográfica a sensibilidade biográfica, pelo atravessamento do Brasil do pretérito imperfeito custe o que custar, doa a quem doer. No entre-lugar situado entre o querer e o ser, seus templários incansáveis, com vistas mitigadas frente às feridas que nos cercam no existir do cotidiano, *arriscam-se a enxergar fantasmas e ignorar os escombros do nosso país que está perdido e culpabilizado por esse estado de degradação pelo presente do desfaziamento*<sup>170</sup> que, no corolário de *uma perspectiva de justificativa fictícia*<sup>171</sup>, *cercaria-o*<sup>172</sup>.

No âmbito do contexto de afetos e emoções evocado por Bolsonaro, alia-se a nostalgia<sup>173</sup> sendo o que *une a amargura em torno de algo perdido e o sentimento de não pertencimento à realidade do hoje abrindo margem para uma retórica reacionária aceita pelos imaginários das massas e reproduzida à exaustão*<sup>174</sup>. Alcinha-se, então, o que a professora brasileira Heloisa Starling entrevê como algo próximo aos

---

golpe de 1964. Desse modo, entrevejo que a ascensão e o enraizamento de Bolsonaro e seu movimento ideológico no Brasil, dentre outros pontos, decorreu-se também da influência da Globo em território nacional, seus interesses de base estadunidense bem como a operação conhecida como “Lava-Jato” a qual culminou na prisão inconstitucional de Luiz Inácio Lula da Silva o impossibilitando de concorrer às eleições presidenciais de 2018.

<sup>168</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>169</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>170</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>171</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

<sup>172</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>173</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>174</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

paradigmas de uma utopia<sup>175</sup>, isto é, o ideário mais ou menos nebuloso e enviesado de uma pátria supostamente em ordenamento e segurança aportada em um passado “roubado” dos brasileiros, mas que não morreu<sup>176</sup>. Permanece vivo<sup>177</sup> em seus imaginários desprovidos de quaisquer consciências *outras* frente aos horizontes de desigualdades renitentes na nossa presentificação social, econômica, cultural, epistêmica e política. Para a intelectual citada, no século XXI, houve uma combinação entre política e nostalgia<sup>178</sup> e, por essas terras tupiniquins que atravessam minhas reflexões revoltosas<sup>179</sup>, *talvez tenha se transformado em uma patologia cada vez menos tratável*<sup>180</sup>.

A justificativa dessa constatação se resguarda no fato de que quando a nostalgia é evocada como instrumentalização política, há um desvirtuamento da realidade para a invenção<sup>181</sup> incorrendo, propositalmente no caso de Bolsonaro, na esfera do imaginário<sup>182</sup> falseado. Por extensão, ignorou-se as urgências do presente histórico<sup>183</sup> a partir da falsificação de um pretérito que efetivamente nunca existiu da forma como é narrado<sup>184</sup>. Com base nesse *modus operandi* de controle, o espectro da confusão<sup>185</sup> criada acaba por aprofundar os sintomas e manobrar os artifícios de sedução e manipulação da nostalgia a fim de projetar uma pátria fantasma<sup>186</sup>. Para fazê-lo, grupos defensores e replicadores desse ideal são convocados e organizados a partir da violência<sup>187</sup> digital, verbal ou até mesmo física – como demonstram as

---

<sup>175</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>176</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>177</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>178</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>179</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>180</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

<sup>181</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>182</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>183</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>184</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>185</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>186</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>187</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

notícias<sup>188</sup> de bolsonaristas em diversas situações conflituosas e violentas – apregoando uma dimensão utópica<sup>189</sup> direcionada a um passado que se deseja ser presentificado, ainda que nunca tenha existido<sup>190</sup>.

Atravessado por essa perspectiva *outra*, pretérita e imperfeita do Brasil atual, ancora-se a *práxis* de des-escrever nossas histórias locais e biográficas, ainda que de um lugar de desconforto<sup>191</sup>, tendo em vista que esse é o próprio sintoma que apregoa minhas corpo-geo-grafias fronteiriças às minhas teorizações descoloniais no espaço-tempo presente. Indo além, meu biolócus de cunho fronteiriço e, no espectro mais geral do país, brasileiro, projeta-se, então, como uma própria extensão<sup>192</sup> da minha corpo-política que hospeda e é hospedada pela imagem discursiva de Silviano e, por extensão, pelas suas reflexões *outras* descortinadas nesses mais de 40 anos de produções críticas e literárias escre(vi)vidas nesse Brasil quase que situado como um *corpo que dói*<sup>193</sup> e que se encontra em sangramento irrestrito. Dessa feita, minhas corpo e geo-políticas, intermediadas pelo mineiro e pela revolta civil e epistemológica

---

<sup>188</sup> A exemplo da prática virulenta envolvendo grupos bolsonaristas, menciono, entre diversos outros existentes, três casos como ilustração do exposto:

“Violência escala em atos bolsonaristas, e autoridades apuram terrorismo” em [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna\\_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml)

“Violência em manifestações cria um ‘curto-circuito’ na base de Bolsonaro” em [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna\\_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml)

“Radicalização e violência bolsonarista marcam campanha no Brasil” em <https://www.opendemocracy.net/pt/radicalizacao-violencia-bolsonarista-campanha-brasil/>

<sup>189</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>190</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

<sup>191</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

<sup>192</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

<sup>193</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

endossadas pela gramática da descolonialidade<sup>194</sup>, são continuidades<sup>195</sup> das paisagens políticas coloniais que o Bolsonarismo vem rasgando em nossas sensibilidades re-existent<sup>196</sup> aos seus autoritarismos e assimetrias coloniais/imperiais de poder.

Quero entender, portanto, que problematizo o Brasil aqui descortinado cujos paradigmas em curso se construíram e são reiterados por teorias e ideologias vindas de longe (em especial, dos Estados Unidos) por vias dos modelos modernos escolásticos<sup>197</sup> de saber, de ser e, principalmente, de existir. Escre(vi)vo, sobremaneira, sob a égide do que se desvela em meu entorno<sup>198</sup> ensejando um bem-viver e um fazer comunal<sup>199</sup> em aliança com muitos outros que constituo e sou constituído quase que de maneira intercorpo-descolonial. Assim, desejo escre(vi)ver o que eu quero<sup>200</sup> no âmbito desta tese de doutoramento, ainda que eu possua a autorreflexão<sup>201</sup> de que não seja possível em sua completude desejan<sup>202</sup>. Entendo que escre(vi)vo a partir de dentro da matriz colonial de poder e dela não consigo me desvincular completamente<sup>202</sup>, ainda que queira, pois, no final das contas, estou preterido a, agora, viver pelo atravessamento do desgoverno bolsonarista no meu corpo-pensamento, aliado ao sistema capitalista em minha sobrevivência e às exigências institucionais modernas que, somados, empurram-me para um entre-lugar

---

<sup>194</sup> Por “gramática da descolonialidade”, Edgar César Nolasco, na esteira de Walter Mignolo, explicita: “[...] uma gramática da exterioridade, de tudo aquilo que não foi contemplado pela razão, lógica ou retórica da gramática impositiva moderna.”, isto é, “[...] como funciona a descolonização epistêmica? Qual é/será sua gramática (quer dizer, seu vocabulário, sintaxe e semântica)?”. NOLASCO. Por uma gramática da fronteira-sul, p. 12-14.

<sup>195</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

<sup>196</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>197</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 18.

<sup>198</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 18.

<sup>199</sup> A ideia de bem-viver será desenvolvida no subtítulo 1.4 com base na pandemia de COVID-19 iniciada em 2020 e, no Brasil, tornada catastrófica pelo desgoverno Bolsonarismo em exercício.

<sup>200</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

<sup>201</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>202</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

de (des)obediência civil e epistêmica, ou seja, um espaço dialético de obediência/desobediência concomitantes.

Ensejo, dessa maneira, projetar-me em uma direção *outra* a fim de me desvincular dos jogos controladores das teorias políticas e das economias norte-americanas e eurocêntricas<sup>203</sup>, no pluriverso<sup>204</sup> do que Bolsonaro vem realizando em seu desgoverno das semelhanças-e-diferenças<sup>205</sup> em que se endossam linhas abissais<sup>206</sup> as quais não fazem outra coisa senão reverberar a figura presidencial e seu movimento ideológico de extrema direita enquanto sintomas da colonialidade europeia e do imperialismo estadunidense enraizados nos trópicos. Diante desse cenário bolsonarista de autoritarismos implacáveis legitimados pela matriz colonial de poder reverberada por um imperialismo selvagem, cujos propósitos não se direcionam jamais em prezar pelas vidas, mas, sim, torná-las dispensáveis<sup>207</sup>, trago à baila a partir do meu mineiro Silviano, mais uma vez, os seguintes pontos: *como desatar os nós?*<sup>208</sup>, ou melhor, *voltamos a viver no país em que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito?*<sup>209</sup>

Para além disso, questiono-me sobre como desatar os nós coloniais e imperialistas ascendidos em 2018 e em curso atualmente no Brasil, tendo esse país vivenciado outrora momentos políticos menos desiguais através das presidências de Lula (2003 – 2010) e de Dilma Rousseff (2011 – 2016) – sendo essa vítima de um golpe político<sup>210</sup> articulado, dentre outros, por Jair Messias Bolsonaro – os quais,

<sup>203</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287.

<sup>204</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>205</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

<sup>206</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>207</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

<sup>208</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>209</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>210</sup> Para o cientista político, professor e jornalista André Singer, o golpe acometido à ex-presidenta Dilma Rousseff, justificado através da insígnia de “*impeachment*”, deve-se ao fato de que a governante tentara realizar, nas palavras do referido autor, uma proposta de ensaio republicano limitando

mesmo com seus problemas governamentais internos, direcionaram-se aos grupos sociais mais vulneráveis no espectro latente das exterioridades brasileiras, em especial, no que se refere aos espaços fronteiriços Norte-Nordeste quase inexistentes no âmbito do que comumente se entende por Brasil, isto é, o binômio Rio-São Paulo. Somando-se a isso, no Bolsonarismo, hoje, reverberado por múltiplas massas reacionárias de brasileiros totalmente desprovidos de quaisquer consciências guiadas por uma ética *outra*, tampouco de consciência de classe, gênero, sexualidade, raça etc., há a presença incontestante daquilo que descolonialmente se denomina de suposta “aparência natural do mundo”<sup>211</sup>.

Ou seja, os controles políticos de identidades<sup>212</sup> se endossam pela compreensão colonialista de que há uma identidade natural<sup>213</sup>, que se pretende universal, em que ser branco, heterossexual e do gênero masculino são as características essenciais para se construírem identidades semelhantes e, primordialmente, diferenciais<sup>214</sup>. Essas, no âmbito de suas corpo-geo-grafias políticas das exterioridades, são aquelas tornadas alvos da política branca, heterossexual, masculina e elitizada do Bolsonarismo em execução nesse nosso Brasil do pretérito imperfeito. Dessa forma, a retórica colonial/moderna alcunhada pelo movimento ideológico citado replica um suposto “*senso comum*” *alimentado por moralismos, isto é, julgamentos especulativos direcionados às normas de comportamento com base*

---

esquemas clientelistas predatórios enraizados nos aparelhos estatais brasileiros. Ao fazê-lo, desagradou diversos grupos das elites do país rompendo com o equilíbrio entre os partidos populares, de classe média e do interior. A partir disso, Dilma não pôde sequer contar com o suporte de seu partido político (PT) e dos seus movimentos sociais apoiadores, segundo Singer, sucumbiu a uma crise que não tinha o manejo necessário para enfrentar nem controlar. Aliado a isso, acresço a perspectiva patriarcal, uma das heranças coloniais do Brasil, direcionada à primeira presidenta mulher da República, uma vez que, anos à frente, Bolsonaro estaria elegível de ser impedido por diversas questões (e até crimes) e, mesmo assim, tal ação nunca foi executada. SINGER *apud* BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 219.

<sup>211</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>212</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>213</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>214</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

*em dicotomias, ou linhas abissais*<sup>215</sup>, *entre tudo aquilo que poderia ser verdadeiro/falso, legal/ilegal, bem/mal etc*<sup>216</sup>.

Na égide das dicotomias citadas, evoco a fala do político bolsonarista Onyx Lorenzoni quando afirma que “Os homens e mulheres que estão aqui são do bem. A turma do mal está do lado de lá.”<sup>217</sup>. A partir disso, o que fica aparente, com base no tracejo dessas linhas abissais<sup>218</sup>, é justamente o ideal de que a política como guerra<sup>219</sup> está apregoada nas veias desse nosso Brasil e a ascensão de Bolsonaro inseriu os dedos profundamente em uma ferida ancorada há muito na alma pretérita e imperfeita nacional<sup>220</sup>. Então, na esteira da intelectual Angela Alonso, *o Bolsonarismo emerge a partir de uma perspectiva de mundo paralela e abissal*<sup>221</sup> *ao criar e reproduzir códigos binários que nos dividem entre os qualitativos de bem e mal, sagrado e profano, pessoas de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas*<sup>222</sup> *etc.*

Ao fazê-lo, exercitam clivagens simbólicas<sup>223</sup> que simplificam e hierarquizam as múltiplas realidades sociais<sup>224</sup> e, por extensão, as muitas gentes fronteiriças que nelas habitam<sup>225</sup>, como, por exemplo, eu e Silviano enquanto dissidentes sexuais escre(vi)vendo à luz das nossas corpo-políticas homo-biográficas. Articulando esses

<sup>215</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>216</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 24.

<sup>217</sup> LORENZONI *apud* ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>218</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>219</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 56.

<sup>220</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 56.

<sup>221</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

<sup>222</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>223</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>224</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>225</sup> No bojo da descolonialidade, em específico, à luz de Walter D. Mignolo na obra *Habitar la frontera* (2015), “habitar” um lócus geohistórico e epistemológico não implica unicamente o sentido de “morada” tal qual o pensamento filosófico moderno de Hegel e Heidegger. Mas, por outro lado, convoca, enquanto circunstância *sine qua non* de uma perspectiva *outra*, um *estar em luta* frente às hegemonias coloniais que impelem aos assujeitados pela colonialidade do poder ou, em outros termos, os racializados em condição de exterioridade. MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 313.

estereótipos coloniais/modernos administráveis<sup>226</sup>, Bolsonaro e seu movimento ideológico endossam sentidos de inserção de determinados grupos que se entendem como “semelhantes”<sup>227</sup> e, por outro lado, reforçam políticas de identidades<sup>228</sup> que estigmatizam<sup>229</sup> e expurgam para a inexistência da exterioridade aqueles tornados “diferentes”, “os outros” do viés descolonial. Dentre os paradigmas que endossam a retórica hegemônica direcionada à sua comunidade moral<sup>230</sup>, sobressaem-se a *suposta homogeneidade, o nacionalismo beligerante, as moralidades hierarquizadoras e, em especial, a argumentação fragmentada, aforística e virulenta enquanto reiteração constante desses binarismos julgadores*<sup>231</sup>.

Enquanto comprovação do exposto, menciono alguns dos muitos discursos proferidos pelo desgovernante Jair Messias Bolsonaro, sendo alguns deles direcionados especialmente à comunidade LGBTQIAP+, a qual tanto eu quanto meu co-partícipe Silvano pertencemos: “Foram quatro [filhos] homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher” (2017)<sup>232</sup>, “Para mim [a homossexualidade] é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011)<sup>233</sup>, “Não existe homofobia no Brasil. [...] 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” (2013)<sup>234</sup>, “Fui num quilombola em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (2017)<sup>235</sup>,

---

<sup>226</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>227</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>228</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>229</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

<sup>230</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 53.

<sup>231</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 53.

<sup>232</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>233</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>234</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>235</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do *gay*, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018)<sup>236</sup>, “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece” (2003 e 2014)<sup>237</sup>.

Explicitada a catástrofe anunciada que se vem delineando no Brasil não só a partir de 2018, mas desde o golpe político à Dilma Rousseff em 2016, não consumirei meu tempo refutando cada uma dessas atrocidades proferidas pelo Messias colonial-imperialista, elas falam por si só. O meu ponto de problematização aqui, especialmente após o questionamento deslindado por Silvano, *como desatar os nós?*<sup>238</sup>, é justamente tornar explícito que meu fazer crítico biográfico fronteiriço desta tese e em minha *práxis vivendi* de homem homossexual escre(vi)vendo à luz do crepúsculo sanguinolento da fronteira-sul do MS pelo atravessamento discursivo do meu Silvano Santiago desde 2017 só pode se direcionar a um lugar: à revolta. Essa, por sua vez, emerge com base no *nosso país do passado*<sup>239</sup> *com um futuro naufragado*<sup>240</sup>, *ou melhor, quando o fim é também o começo por via dos fantasmas do presente*<sup>241</sup> *que acabam por cravar, da minha óptica, que o Brasil tem um enorme passado pela frente*<sup>242</sup>.

A revolta, portanto, é o ponto de partida existencial e epistemológico que me direciona ao lugar crítico biográfico fronteiriço de escre(vi)ver o que eu quero e, por isso, cada vez mais tenho me direcionado, tanto no âmbito do Pedro cidadão, sul-fronteiriço e homossexual criado pela mãe viúva que me possibilitou entrever a

---

<sup>236</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>237</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>238</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>239</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 70.

<sup>240</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 80.

<sup>241</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223,

<sup>242</sup> FERNANDES *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223.

existência de mundos possíveis<sup>243</sup> quanto do pesquisador-professor de literatura, ao prisma da teimosia<sup>244</sup> frente a tudo aquilo e a todos que se dispuseram autoritariamente a definir critérios assimétricos de poder à luz dessa matriz colonial a qual não conseguimos, ainda que queiramos, pensar e/ou escre(vi)ver de maneira extrínseca<sup>245</sup>.

Não à toa se deu minha mudança de projeto de doutorado, em especial, após atravessar o horizonte de desigualdades perfiladas pela pandemia de COVID-19 iniciada em 2020. Tendo sido essa, por sua vez, alargada pelo desprezo bolsonarista às vidas, dado que meu Silvano continuou pulsando em minhas reflexões e escritas. Contudo, retirei-me do lugar de pensá-lo des-biograficamente para me valer de sua formulação inicial de Brasil do pretérito imperfeito a fim de abalizar uma hipótese crítica biográfica fronteira e fundamental, nesta tese conceitual, uma corpo-geografia política do *nosso* Brasil desvelando a colonialidade e o imperialismo que por essas terras ainda se hospedam encontrando ressonâncias políticas e sociais.

Por isso e não somente, tenho, neste momento, largueado meu pensamento para discutir o *nosso* presente sob a chancela da figura execrável do Messias colonial-imperialista e do seu movimento ideológico cujos paradigmas alimentam cada vez mais essa matriz colonial de poder que nos cerca, sub-humaniza e nos expurga para a quase inexistência frente à suposta “aparência natural do mundo”<sup>246</sup>, outrora aqui problematizada. Sendo assim, só posso escre(vi)ver o que eu quero se o fizer a partir da revolta<sup>247</sup> enquanto uma opção de vida e epistemológica contra a matriz colonial de poder, seus lugares de controle e, por extensão, seus agentes – Bolsonaro, por

---

<sup>243</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>244</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>245</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

<sup>246</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>247</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

exemplo – do/no Brasil os quais tomaram para si uma suposta autoridade de (auto)definir a si e aos ditos “outros”<sup>248</sup> com base em critérios diferenciais abalizados pelas diferenças coloniais<sup>249</sup>, sendo essas nosso elemento compositivo enquanto “outros” desconsiderados pela “História oficial”<sup>250</sup> que estão tentando não só construir, mas recontar pelo crivo da revisitação falaciosa da história brasileira.

Nesse ínterim, a revolta se desenha em meu fazer teórico descolonial e pós-abissal e em minha existência fronteiriça de tentar, cada vez mais, ser gente rodeado de muitas outras gentes pluriversais<sup>251</sup> enquanto um *destino teórico e de vida quase como um espaço biográfico*<sup>252</sup> cujos contornos se constroem discursivamente pelo roçar entre a minha corpo-política homo-biográfica sul-fronteiriça e a do *meu* mineiro. Mais do que isso, esses destinos estão aqui sendo explicitados pelo crivo das minhas teorizações que, de maneira consciente ou não, atravessam e estão atravessadas por múltiplas *tradições históricas, familiares, estatais, conversas, pensares, dizeres e sentires*<sup>253</sup>. Em outras palavras, minha escrita-vivência desnudada nesta tese crítica biográfica fronteiriça é *precisamente uma contrarresposta epistêmica aos fundamentalismos das nossas (minhas e de Silviano) atualidades socioculturais, sejam eles pretendidos hegemônicos ou mesmo marginais*<sup>254</sup>, como o caso do Bolsonarismo aqui problematizado elucidada.

Portanto, é ali, justamente nesse lugar conflituoso da revolta que subjaz o surgimento dessa gramática da descolonialidade<sup>255</sup> enquanto saída epistêmica para

---

<sup>248</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>249</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>250</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>251</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 303.

<sup>252</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>253</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>254</sup> GROSGUÉL. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais*, p. 457.

<sup>255</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 24.

que eu possa dar conta do meu desejo pulsante de pesquisador de escre(vi)ver esse nosso Brasil do pretérito imperfeito explicitando que suas projeções de futuro não podem ser construídas baseadas nas ruínas das civilizações ocidentais<sup>256</sup>, modernas, coloniais e imperiais enfocando seus agentes internos<sup>257</sup> responsáveis pelos processos de racialização. Conceituo-o, então, justamente pela chancela de uma exterioridade fronteiriça, dado que escre(vi)vo a partir de uma universidade periférica (UFMS), de um grupo de pesquisa quase invisível em comparação aos dos grandes centros nacionais (Núcleo de Estudos Culturais Comparados/NECC) e, de maneira primordial, re-existo<sup>258</sup> à luz de um corpo homossexual dissidente em relação ao que se conclamou colonialmente enquanto “ser homem”.

Afiançado por essa revolta corpo-geo-gráfica política e epistemológica, co-partícipe com meu Silviano, tendo em vista que minha conceituação descolonial de um Brasil do pretérito imperfeito emerge de sua primeira formulação em “Nó, nós”, debruço-me agora sobre o que venho conclamando de matriz colonial de poder, sobretudo, no que se refere à enunciação espaço-temporal aqui situada – um Brasil desgovernado colonial-imperialmente por Bolsonaro e seu Bolsonarismo ascendido em 2018 e ainda em curso em 2022. À maneira que explicitou Walter D. Mignolo em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), o conceito citado advém do peruano Aníbal Quijano, alcunhado enquanto *patrón colonial de poder*<sup>259</sup> com base em domínios que se atravessam, sendo esses: o controle econômico, da autoridade, do gênero e da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade<sup>260</sup>. Não à toa, todos os discursos de Bolsonaro outrora citados se relacionam com esses domínios

---

<sup>256</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>257</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>258</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>259</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

<sup>260</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

desvelados por Quijano reverberando, mais uma vez, a subserviência bolsonarista à matriz colonial de poder.

Através do movimento ideológico mencionado, alimenta-se a premissa hegemônica de que por essas terras *chegou o homem branco, heterossexual, patriarcal, cristão, militar e capitalista envolto em suas próprias hierarquias simultâneas no espaço-tempo presente*<sup>261</sup>. Essa primazia nos desvela a autorreflexão<sup>262</sup> de que pensamos, falamos e escre(vi)vemos *sempre a partir de lugares situados nas estruturas de poder das quais, ainda que queiramos, não conseguimos escapar*<sup>263</sup>. Em especial, no que convém ao nosso Brasil, de pretérito e presente imperfeitos, sinalizado por Silviano e aqui desenvolvido conceitualmente por mim, isto é, pelo atravessamento dos paradigmas do que estou alcunhando enquanto matriz colonial de poder. No bojo dessa, resguardam-se as categorias assimétricas de *classe, gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais enviesadas por um sistema-mundo patriarcal, capitalista, colonial e moderno*<sup>264</sup>.

Nesse preciso sentido, faz-se mais do que necessário endossar que, seja no que compete a nós (Pedro/Silviano), intelectuais refletindo com base em uma perspectiva *outra*, ou ao Bolsonarismo e seus templários, munidos e pseudo-alimentados por colonialidades e imperialismos, *nossos conhecimentos são sempre situados*<sup>265</sup>. Em outras palavras, entendo que não basta habitar o Sul global<sup>266</sup> e suas bordas, periferias e fronteiras para haver um discernimento *outro* acerca de tudo que

---

<sup>261</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.

<sup>262</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>263</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>264</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>265</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>266</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 23.

nos cerca nas brechas virulentas e abissais dos nossos cotidianos. *Situar-se no lado oprimido das relações de poder não implica, como encargo obrigatório, uma consciência epistêmica de viés outro*<sup>267</sup>. De modo específico, essa criticidade *outra*, de base descolonial, bifurca-se tanto à figura de Jair Messias Bolsonaro em si mesma – no plano de um presidente Terceiro Mundista subserviente ao imperialismo estadunidense simbolizado por Donald Trump – quanto aos seus fiéis seguidores, compostos, também, por grupos de classes baixas, médias, negros, LGBTQIAP+, mulheres etc., vilipendiados pelos horrores de um desgoverno em exercício, mas que não possuem quaisquer consciências de suas próprias fronteiras criadas e endossadas pela matriz colonial de poder paulatinamente em execução.

Nessa esfera, as discussões em torno *del patrón* demonstram frente a minha visada crítica biográfica fronteiriça que sua *práxis* composicional se respalda por um *enredamento, uma interseccionalidade, entre as demasiadas hierarquias citadas, difundidas globalmente*<sup>268</sup> e replicadas à última potência nestes tristes trópicos tupiniquins. Por meio delas, replicam-se *múltiplas formas de dominação/exploração que nos reafirmam o fato de ainda vivermos não só em um mundo colonial*<sup>269</sup>, mas, nos termos desta tese, em um país também colonial e *que necessitamos nos libertar dessas formas estreitas e assimétricas de pensarmos as relações coloniais que delas emergem a fim de alcançar, talvez, uma quase utopia do século XX: a descolonização*<sup>270</sup>. No intento de que possamos sonhar com a obliteração da matriz colonial de poder, há que se levar em conta, sem reticências, *o outro lado da*

---

<sup>267</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>268</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 464.

<sup>269</sup> QUIJANO *apud* GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 469.

<sup>270</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 469.

*fronteira*<sup>271</sup>, ou seja, *todos nós* e, por extensão, *nossas perspectivas*<sup>272</sup>, de quem ainda convive com as marcas, rasgos e dilaceramentos das diferenças coloniais<sup>273</sup> em nossos corpos, mentes e epistemologias vertidos do outro lado da margem, tal como minha revolta<sup>274</sup> de homem-fronteira que sabe que pensa, sobre-vive e re-existe<sup>275</sup> a *partir desse* lugar circunscrito em mim.

Isso se torna ainda mais palpável quando entrevemos que a gênese *del patrón* se deu baseada nesses homens brancos e cristãos guiados por uma única forma possível, a exemplo, de se relacionar sexualmente<sup>276</sup>, ou seja, pelo crivo da normatividade heterossexual sobre a qual Bolsonaro se posiciona quase como um templário direcionado a uma defensiva implacável através de argumentos pseudo-universais de valorização tradicional familiar. O uso do singular não é mera opção linguística, dado que seu conceito de família, à maneira dos proponentes *del patrón*, só pode ser concebido de uma única forma (heterossexual) excluindo quaisquer possibilidades pluriversais<sup>277</sup> de construções *outras* parentais. Em suma, o que estou defendendo aqui é justamente o aspecto fundamental de Bolsonaro e, por extensão, do Bolsonarismo, enquanto sintomas de uma matriz colonial de poder que, em certa medida, nunca deixou de existir nesse nosso Brasil do pretérito imperfeito, ainda que nos coloquemos no lugar de República “democrática” e pós-colonial há quase dois séculos.

---

<sup>271</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 479.

<sup>272</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 479.

<sup>273</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 479.

<sup>274</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>275</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>276</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

<sup>277</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 113.

No que compete à nomenclatura da matriz como *patrón colonial de poder*, seu fundamento enquanto tal se alicerça no fato de que *tanto quem governa quanto quem é governado o faz mediante um imaginário patriarcal*<sup>278</sup> incrustado em nossos corpos, mentes e conhecimentos. Na esfera desse olhar entrevisto em Quijano, perfila-se a ideia de que, no debate em cena, *o patriarcado não se dá apenas através das questões de gênero e libertação feminina, mas, sim, por uma totalidade de saberes e controle de subjetividades inerentes à matriz citada cujas formas de dominação no campo do gênero e da sexualidade estão inseridas e interligadas*<sup>279</sup>. Exemplarmente no bojo dessas reflexões, o Bolsonarismo, simbolizado pela imagem masculina do Messias colonial-imperialista, repete *operações epistemológicas que alimentam ontologias*<sup>280</sup> hegemônicas de um único formato de mundo possível, isto é, patriarcal e falocêntrico “criado” pelo *homem branco, hétero, cristão, militar e capitalista*<sup>281</sup> que por aqui aportou e se apossou de tudo e de todos com base em suas próprias *hierarquias enredadas*<sup>282</sup>.

Isso posto, só posso escre(vi)ver esse *nosso* Brasil, meu, de Silviano e de todas essas múltiplas gentes fronteiriças, através dos termos de gramáticas descoloniais<sup>283</sup> afiançada em um horizonte *outro*. Ao fazê-lo, coloco-me em uma dupla contracorrente ao Bolsonarismo; primeiro, por me situar em sua contrariedade ideológica absoluta; segundo, por me valer de uma teorização descolonial e, portanto, não ter a necessidade teórica de referendar teorias modernas itinerantes oriundas de um pensamento europeu de esquerda, como o marxismo e o comunismo. Esses são alvos

---

<sup>278</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 26.

<sup>279</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 26.

<sup>280</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 26.

<sup>281</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.

<sup>282</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 464.

<sup>283</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

constantes<sup>284</sup> do Messias, de maneira equivocada tendo em vista sua pujante incompetência intelectual, sempre que se perfilam críticas ao desgoverno desvelando o reduzido universo de conhecimento que possui, pois, para além do já explicitado, guia-se também por políticas de boicote aos saberes críticos, tal qual ilustra Silvano quando afere que “[...] as finanças em declínio entraram de permeio e se constatou a falência da comercialização do livro no Brasil de Michel Temer e de Jair Bolsonaro.”<sup>285</sup>.

Para finalizar esses parêntesis, o que quero dizer é que escolho uma chancela *outra* que me alicerce *naquilo tudo* que me pertence enquanto gente fronteiriça e, em especial, pesquisador descolonial ao me aportar em espaços críticos diferenciais tanto *del patrón* alimentado pelo Bolsonarismo quanto das teorias itinerantes<sup>286</sup> de esquerda que se hospedaram nos trópicos brasileiros. Voltando-me à matriz colonial de poder, Mignolo, no bojo de Quijano, explicita que esses domínios interrelacionados se sustentam, ainda, por duas “pernas” sendo essas os fundamentos raciais e patriarcais<sup>287</sup> dos conhecimentos cujos matizes legitimam as ordens autoritárias dos agentes coloniais<sup>288</sup>, à maneira que venho demonstrando a partir de Bolsonaro e, para além dele, do Bolsonarismo replicado por muitos brasileiros que nos cercam não só nos espaços públicos, mas também nos privados, como nas famílias, nas rodas de amigos, colegas de trabalho etc.

---

<sup>284</sup> Para Newton Bignotto, Bolsonaro e seu movimento ideológico de extrema direita receiam de uma espécie de comunismo fantasmático “supostamente existente” (entre muitas aspas) no Brasil de hoje e, por isso, enxergam-no em todos aqueles que tensionam quaisquer críticas ao desgoverno em exercício podendo ameaçar sua posição hegemônica privilegiada. Tal qual expus neste subtítulo 1.2 quanto à rememoração de um passado falseado, a questão do comunismo em nossa temporalidade atual se alinha de maneira semelhante, dado que não há nem nunca houve uma tentativa minimamente real de instaurar qualquer regime político desse caráter nestas terras tupiniquins, nem mesmo durante governos de esquerda, como os de Lula e Dilma. Valendo-me das palavras de Bignotto, entrevejo que é *absolutamente exterior à realidade material comparar, por exemplo, o PT a partidos comunistas tradicionais ou mesmo às forças das esquerdas radicais*. BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

<sup>285</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 165.

<sup>286</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>287</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 05.

<sup>288</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 05.

Ademais, os intelectuais citados corroboram ainda que o fundamento primordial da matriz colonial de poder, e do seu enraizamento nas sociedades ocidentais, foi, como condição *sine qua non*, o teológico vis-à-vis à egopolítica<sup>289</sup> em contraponto latente às corpo e geo-políticas<sup>290</sup>, especialmente, das exterioridades. Em resumo, o cenário que se desenha é, no mínimo, contraditório, mas entendível se partirmos do ponto de vista que o Bolsonarismo e seus defensores são sintomas de uma colonialidade/imperialismo que também os afeta – ainda que não possuam a autorreflexão<sup>291</sup> disso. A princípio, é contraditório, pois Bolsonaro desgoverna um país terceiro-mundista localizado geostórico e epistemologicamente no arrabalde do Sul global<sup>292</sup> e, por esse fato, habita uma posição periférica e desprivilegiada em relação ao Norte, a exemplo dos Estados Unidos, país do qual Bolsonaro era um devoto escancarado no que convinha ao ex-presidente Donald Trump e sua política imperialista.

Segundo Mignolo, é compreensível se retomarmos a gênese *del patrón* à luz de seus agentes internos, dado que, como Bolsonaro, esses também eram homens brancos, cristãos e heterossexuais, contudo, diferente da figura que nos desgoverna, formularam seus paradigmas internos, modernos, coloniais e imperialistas a partir de sua condição interna de "si-mesmo" a fim de reverberá-la diferencialmente pelo crivo da alteridade dos supostos "outros", na qual Bolsonaro, queira ou não, também está incluso, ainda que disso talvez nunca tenha o sobressalto da autorreflexão<sup>293</sup>. Ou seja, o então presidente da República acaba por alimentar e replicar premissas coloniais e imperialistas aquilatadas por imagens do sofrimento humano de maneira sistêmica e

---

<sup>289</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 05.

<sup>290</sup> Os conceitos de corpo e geo-políticas serão debatidos em contraposição aos de ego e teopolíticas no subtítulo 1.3.

<sup>291</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>292</sup> MENESES; SANTOS. *Introdução*, p. 23.

<sup>293</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

injusta desenvolvidas pelo capitalismo global<sup>294</sup>, guiado pela colonialidade ainda imperante, ou, então, por reiterar o lado mais obscuro e abissal da modernidade não só invisibilizando, mas levando cada vez mais para as bordas os lados assujeitados e racializados mais esquecidos e vilipendiados pelos poderes Estatais e suas instituições<sup>295</sup>.

A política bolsonarista, sustentada pelos paradigmas modernos e imperiais da matriz colonial de poder, endossa *discriminações sociais e construções intersubjetivas produzidas através de controles coloniais advindos dos europeus*<sup>296</sup>. A princípio, essas assimetrias foram tornadas categorias de significação para o além-Europa no sentido de transformar determinados momentos, agentes e populações em “naturais”<sup>297</sup> e, à maneira que venho problematizando a partir do Brasil do pretérito/presente imperfeitos atravessado pelo meu mineiro, continuam sendo levadas à exaustão aqui nesses trópicos e fronteiras do Sul global<sup>298</sup>. Em outras palavras, *el patrón* opera com base em tornar supostamente “natural”<sup>299</sup> aquilo que foi inventado enquanto “não-natural”, mascarando, por sua vez, uma história hegemônica de poder<sup>300</sup>. Desvelar os paradigmas incrustados nessa matriz implica comprovar os *modus operandi* aquilatados nos *loci* onde a colonialidade do poder<sup>301</sup> foi, continua sendo e, mais do que nunca, não terminou de ser evacuada<sup>302</sup>.

---

<sup>294</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

<sup>295</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

<sup>296</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>297</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>298</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>299</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>300</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>301</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 330.

<sup>302</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 330.

No bojo dessa história hegemônica do poder<sup>303</sup> replicada pelo Bolsonarismo, observo que, semelhante à colonialidade em escala global<sup>304</sup>, *as principais linhas de exploração/dominação social, os mecanismos de exercício da matriz colonial, implicados, também, nas distribuições de recursos e trabalho*<sup>305</sup>, direcionam-se aos grupos exteriorizados<sup>306</sup> (“os outros”, “não-naturais”). Sendo esses, com base no pensamento de Quijano, os explorados, dominados e discriminados<sup>307</sup> pressupostos enquanto tais a partir das categorias criadas para manter e gerir posições de poder a alguns agentes específicos (“naturais”<sup>308</sup>) e extirpar a muitos já excluídos. Por exemplo, *aqueles pertencentes às raças, etnias ou nações que foram tornadas comunidades colonizadas no processo de formação do poder e, por extensão, da história mundial, desde a conquista da América*<sup>309</sup>. Isso se retroalimenta até hoje, como no Brasil desgovernado pelos paradigmas autoritários, coloniais, modernos e imperiais de Jair Messias Bolsonaro e de seus defensores implacáveis cujas *práxis* reafirmam o problematizado por mim nesta tese: a não evacuação da colonialidade do poder<sup>310</sup> por esses lados.

Com esse cenário em mente e retomando o exposto pelo meu Silviano acerca dos nós<sup>311</sup> incrustados nesse nosso Brasil de pretérito e presente imperfeitos<sup>312</sup>, recorro a *Ensayos en torno a la colonialidad del poder* (2019) de Aníbal Quijano no intuito de especificar algumas das *linhas de exploração/dominação*<sup>313</sup> *del patrón* por essas minhas fronteiras *suleadas*. Dentre os paradigmas sustentadores dessa matriz

---

<sup>303</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>304</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>305</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>306</sup> NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 88.

<sup>307</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>308</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>309</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

<sup>310</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 330.

<sup>311</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>312</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>313</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

colonial de poder, no que concerne à política brasileira aqui contestada, cito, na égide de Quijano: a privatização dos espaços públicos Estatais, a reconcentração do controle do trabalho, recursos de produção e distribuição, a polarização social e política extremas e crescentes, a exploração incessante no que compete ao meio ambiente, a hiper-fetichização capitalista ao tornar *tudo* e *todos* em mercadorias descartáveis, a mercantilização das subjetividades e das experiências *bios*-gráficas, em especial, dos grupos racializados<sup>314</sup>. Ademais, a exasperação pseudo-universal do individualismo mascarado de liberdade pessoal *pari passu* à tentativa de globalização do dito “sonho americano” cuja centralidade se converte em pesadelo brutal de perseguição constante da riqueza e do poder<sup>315</sup> com fins liberais de ir contra nós dissidentes (“os outros”).

Não obstante, essencialmente em correlação às teopolíticas bolsonaristas, a fundamentalização de ideologias religiosas – neopentecostais – e suas extensões ético-sociais na tentativa de legitimar controles comportamentais no plano das existências sociais<sup>316</sup> e, então, o uso irrestrito das indústrias culturais<sup>317</sup> (sobretudo da internet) a fim de abalizar produções em massa de informações falseadas (*fake news*) descortinando imaginários coletivos de terror e mitificações de experiências<sup>318</sup> objetivando “legitimar” ideologias particularistas (à extrema direita reacionária) e violências repressivas<sup>319</sup> às sensibilidades, corpos e saberes “exteriorizados”<sup>320</sup>.

---

<sup>314</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>315</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 369.

<sup>316</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 369.

<sup>317</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 369.

<sup>318</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 369.

<sup>319</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 369.

<sup>320</sup> NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 88.

Em suma, Bolsonaro é um sintoma do próprio sistema que o criou<sup>321</sup>, que hoje o sustenta e que é *pari passu* alimentado por sua política colonial e imperialista de desprezo às vidas, às sensibilidades, aos corpos, às histórias locais, às instituições, aos saberes acadêmicos e à compreensão mínima de “Estado democrático”. Assim, dado esse cenário de contradições e reiterações, justifica-se o intento de Silvano ao afirmar que *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*<sup>322</sup>. Alargando essa premissa, meu mineiro me é necessário para que eu traga a esta cena enunciativa não só o já comentado fato de que o desgoverno em questão não se comporta como um presidente que respeita as leis, a Constituição, tampouco, as formas em apresentações ou declarações públicas<sup>323</sup>. Mas, para além desse óbvio cenário, dadas as características autoritárias aqui sumarizadas, segundo meu co-partícipe, *para Bolsonaro a Bíblia tem peso maior que a Constituição*<sup>324</sup>.

Em discurso de 2017 em um evento na Paraíba para seus apoiadores, o Messias colonial-imperialista reforçou mais do que nunca sua subserviência ao fundamento teológico *del patrón*: “Somos um país cristão. Não existe essa historinha

---

<sup>321</sup> Ao afirmar que “Bolsonaro é um sintoma do próprio sistema que o criou [...]”, recorro à história do Brasil, permeado por Newton Bignotto em *O Brasil à procura da democracia* (2020), a fim de problematizar nossos pretéritos imperfeitos entrevedo que desde a independência tupiniquim relacionada a Portugal, em 1822, até a Proclamação da República, em 1889, vivemos um regime monárquico muito específico. A colônia, ao romper com a matriz europeia, desencadeou a família real do novo império a transformar o Brasil em um lugar de expansão de poder global. Para as elites, à maneira de Bolsonaro em 2022, houve relativa liberdade ao disputarem entre si as preferências políticas objetivando obter maiores posições dentro do aparelhamento Estatal. Todavia, tal qual venho articulando com base na virulenta realidade que me cerca nessas fronteiras *suleadas*, ao resto da população (“os outros”), restaram as violências da escravidão (as quais persistem à exaustão até hoje nos corpos, mentes e saberes do assujeitados) e a tentativa de sobreviver às múltiplas condições adversas (o que ainda persiste, ressaltadas as diferenças à época, através do desgoverno colonial, moderno e imperial de Bolsonaro em exercício). BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 15.

<sup>322</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>323</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>324</sup> Silvano formula sua assertiva crítica a partir do fato de que Bolsonaro se contrapôs à decisão do Superior Tribunal de Justiça ao equiparar o crime de homofobia ao de racismo. Para o presidente em exercício, o próximo juiz da Corte Suprema teria de ser um evangélico, pois, um juiz com essa característica teológica guiando suas decisões se abalizaria na Bíblia para fundamentar sua recusa à legitimação legal da homofobia enquanto crime, dado que o texto religioso citado condena veementemente as práticas sexuais dissidentes, como as minhas e as de Silvano. SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias.”<sup>325</sup> e, não satisfeito, complementou “As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”<sup>326</sup>. Ademais, no mesmo campo semântico colonial dos discursos anteriores, reproduz abaixo o *slogan*<sup>327</sup> da campanha política de Jair Messias Bolsonaro em 2018:



Figura 1 – *Slogan* da campanha política de Bolsonaro nas eleições de 2018  
Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/5/55/Campanha\\_Bolsonaro.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/5/55/Campanha_Bolsonaro.jpg)

Em face às retóricas teológicas abalizadas pela matriz colonial de poder e reproduzidos nas falas e no *slogan* de Bolsonaro, interpola-se o corolário de re-

<sup>325</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>326</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>327</sup> Heloisa Murgel Starling, em “Brasil, país do passado” (2022), lembra-nos que o emprego do *slogan* presidencial de Bolsonaro nas eleições de 2018 não é recente. Sua utilização já havia se dado na *Revista Veja*, em 1986, a partir de um artigo publicado por ele intitulado “O salário está baixo”. À época, o veículo de comunicação citado era o de maior circulação nacional e tal ato de indisciplina desencadeou sua prisão por transgressão disciplinar e hierárquica, ainda que tenha o projetado para o país. Contudo, há um elemento histórico pontuado por Heloisa em relação ao *slogan* que não posso ignorar. Segundo a intelectual, o bradejar “Brasil acima de tudo” foi influenciado pela canção nacionalista alemã “*Das Lied der Deutschen*” (“A canção dos alemães”), composta em 1841 por August Heinrich Hoffmann, com base no trecho que diz “*Deutschland über alles*” (“Alemanha acima de tudo”). *A posteriori*, em 1930, houve uma apropriação da música citada pelos nazistas que se valeram de sua primeira parte (“Alemanha acima de tudo”) acrescentando-a aos versos do hino do partido e, por extensão, às suas saudações nazistas. Em resumo, o que Heloisa argumenta é que a conexão entre a canção de 1841 e o partido nazista alemão é inevitável e irreversível. E, no que se imbrica ao recorte temático deste capítulo, de alguma forma com o Bolsonarismo enquanto movimento ideológico de extrema direita. Para a autora, “‘Brasil acima de tudo’ está no núcleo da utopia regressiva. Carrega uma rede de correlações, revela pontos de encontro do reacionarismo e recoloca em contexto histórico as referências ao nazismo que estão profundamente cravadas no imaginário brasileiro.” STARLING. Brasil, país do passado, p. 109-110.

existência<sup>328</sup> do escritor e intelectual mineiro quando assevera que *ao falar de resistência contra ditadura, na realidade, está se referindo não à iminência do golpe de 1964, mas, sim, ao presente*<sup>329</sup>. Então, só podem oferecer re-existência<sup>330</sup> política aqueles corpos que sobrevivem a partir do que Silviano denomina de inconveniência<sup>331</sup>, cujo ponto fulcral de elaboração crítica se aquilata a partir do golpe de 1964, a ditadura militar pela qual Bolsonaro possui um apreço e uma admiração inegáveis. Quanto a isso, ele mesmo assevera: “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016)<sup>332</sup>, “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (2016)<sup>333</sup> e “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999)<sup>334</sup> – reproduzo abaixo em nota de rodapé o desenvolvimento do discurso pró-golpe (2016) do Messias à Dilma Rousseff<sup>335</sup>.

Quanto à correlação entre os discursos e as práticas coloniais desvelados pela reverência de Bolsonaro a práticas e sujeitos autoritários, a conceituação descolonial da matriz colonial de poder nos ajuda a entender que a própria lógica administrativa

---

<sup>328</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>329</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>330</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>331</sup> A ideia de inconveniência do corpo será debatida à luz das políticas das corpo-geo-grafias no subtítulo 1.3.

<sup>332</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>333</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>334</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

<sup>335</sup> “Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história dessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa Casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim!”. BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28-29. No bojo do discurso citado, evoco algumas considerações do jornalista Fernando de Barros e Silva: “Em poucos segundos, Bolsonaro estabeleceu a conexão histórica entre os dois golpes (1964-2016) – o primeiro militar, o segundo, jurídico-parlamentar –, como se desenhasse uma moldura para homenagear o centro do quadro o ‘pavor de Dilma Rousseff’. Ao acrescentar esse apostro ao nome do torturador, o deputado de alguma maneira fez reviver a própria tortura, num exercício de sadismo de que pouca gente é capaz. De forma provavelmente inédita no Congresso Nacional desde o fim do regime militar, estavam sendo atiradas no lixo a democracia como experiência história e a democracia como ideia e referência fundamental da vida política.”. SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

de sua gênese interna, arraigada em uma estrutura que rasura a totalidade das civilizações ocidentais, já se expandiu para além dos homens brancos, heterossexuais do Norte global que a criaram pelo crivo de sua interioridade de “si-mesmo”. E é justamente aí que se justifica minha problematização de Bolsonaro enquanto sintoma colonial e imperialista *del patrón* na posição de agente de degradação do tecido social plurilógico<sup>336</sup> e dos preceitos mínimos de Estado democrático. Diante dessa definição de matriz colonial de poder correlata às *práxis* bolsonaristas, suas semelhanças se tornam ainda mais latentes e sobressalentes quando as lemos pelo crivo dos nós histórico-estruturais heterogêneos.

Em suma, os nós supracitados são os responsáveis pela construção e execução *del patrón* e se conectam pela “/” (barra) que, ao mesmo tempo, separa-aproxima as definições descoloniais de modernidade<sup>337</sup> e de colonialidade. Ademais, operam também nas correlações entre leis imperiais e regras coloniais, bem como entre a dicotomia centro/periferia<sup>338</sup>, sendo esses os fundamentos básicos de uma construção global abissal endossada por preceitos oriundos da matriz colonial de poder e, por extensão, da sua ideia perversa de reiteração pseudo-universal da dita “aparência natural de mundo”<sup>339</sup>. Assim, faz-se necessário pontuar que os nós histórico-estruturais estão, como condição *sine qua non*, interligados e, por essa razão, não atuam de maneira independente um do outro<sup>340</sup>. Em outras palavras,

---

<sup>336</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

<sup>337</sup> A conceituação de modernidade será aprofundada no capítulo II. Porém, no que compete a este momento da tese, empreendo-a não enquanto um momento histórico a partir do qual nós assujeitados-fronteiriços não podemos nos desvincular. Pelo contrário, descolonialmente, nossa compreensão se dá pelo crivo de que sua formulação se deu com base em histórias locais do Norte global as quais foram convertidas em projetos globais de dominação se tornando, portanto, uma narrativa criada em um lugar e por pessoas específicas que tomaram para si o lugar de falar e classificar “todo o resto do planeta”, especialmente o Sul global. Modernidade, aqui, é o outro lado da colonialidade, uma se imbrica, ou até mesmo se mascara, na outra operando, portanto, conjuntamente. Tais reflexões emergem a partir do texto “Desafios decoloniais hoje” (2017) de Walter Mignolo.

<sup>338</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

<sup>339</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>340</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

conectam-se através da lógica colonial/moderna que *gera, reproduz, altera e mantém hierarquias que se conectam mutuamente*<sup>341</sup>.

Dentre os múltiplos nós sobre os quais Walter Mignolo aborda na esteira de Aníbal Quijano, lanço luz àqueles que atravessam não só esse nosso Brasil do pretérito e presente imperfeitos, mas, de maneira primordial, àqueles que permeiam nossa carne homo-biográfica, a minha e a de Silvano, enquanto homens *gays* escre(vi)vendo, hoje, em 2022, a partir desse biolocus quase inóspito e desgovernado chamado Brasil. A citar, menciono a formação racial global<sup>342</sup>, o sistema interestatal político-militar<sup>343</sup> governado por uma elite de homens brancos, heterossexuais e cisgênero, uma hierarquia racial/étnica<sup>344</sup> mundial que privilegia os habitantes do Norte global em detrimento dos *suleados*, as distinções entre gênero/sexo que colocam os homens em sobreposição às mulheres<sup>345</sup> replicando a premissa patriarcal que impera, também, por esses lados periféricos e fronteiriços, as criações das categorias de “homossexualidade” e “heterossexualidade”<sup>346</sup> a fim de perpetuar relações sexuais desiguais e, por fim, as diferenciações espirituais/religiosas as quais sobrepõem matrizes cristãs em relação àquelas não-cristãs<sup>347</sup>.

Descortinado esse contexto abissal de múltiplas assimetrias de poder nos mais variados âmbitos sociais, culturais, políticos, econômicos, raciais/étnicos, sexuais, de gênero e religiosos, rememoro não só o argumento teológico bolsonarista a partir do meu mineiro Silvano, mas, principalmente, os diversos discursos proferidos pelo Messias colonial-imperialista os quais não nos restam dúvidas a quem esse período

---

<sup>341</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

<sup>342</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

<sup>343</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>344</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>345</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>346</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>347</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

histórico (2018-2022) bolsonarista está a serviço. Não à toa, Silvano evoca em suas falas e escritos que as possibilidades de resistência que sua produção intelectual projeta se destina ao nosso presente e não necessariamente ao passado<sup>348</sup>, por isso penso não apenas em um pretérito imperfeito, mas, também, em um presente imperfeito. Esse apontamento se torna ainda mais coerente, em especial, neste nosso Brasil, quando Silvano explicita que *as formas de sair do armário são muito mais amplas do que se pensa, pois significam, de alguma forma, não ter vergonha de ser bicha, negro ou negra, travesti, indígena ou ter qualquer outra diferença e se mostrar enquanto tal*<sup>349</sup>.

Aproximando os termos de Silvano à gramática da descolonialidade<sup>350</sup> e, por extensão, aos conceitos críticos biográficos fronteiriços que abalizam esta tese, entrevejo que ao Bolsonaro afirmar “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, tal qual exposto pelo seu *slogan* outrora reproduzido, perfila-se, de maneira explícita aos meus olhos de pesquisador fronteiriço, a crença teológica, salvífica e pseudo-messiânica de que existe um único espaço de experiência<sup>351</sup> endossado por um único horizonte de expectativas<sup>352</sup> que corrobora a lógica colonial/moderna de que *isso é benéfico para todos*<sup>353</sup>. Em termos específicos no que convém ao Bolsonarismo, desenha-se o viés pulsante do pensamento abissal de que há uma única diretriz possível a ser seguida e que essa está acima de qualquer coisa.

Em suma, essa abstração que se quer universal de um *Deus bolsonarista* e, por extensão, todos os múltiplos nós histórico-estruturais<sup>354</sup> que essa condição

---

<sup>348</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>349</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>350</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

<sup>351</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

<sup>352</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

<sup>353</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

<sup>354</sup> Na esteira de Walter Mignolo, os nós histórico-estruturais seriam: a formação racial global, o sistema interestatal político-militar governado por uma elite de homens brancos, heterossexuais e cisgênero,

carrega consigo são os fios condutores de um desgoverno que se direciona *apenas* aos seus seguidores e defensores. Ou seja, pessoas não-cristãs<sup>355</sup>, por exemplo, não possuem, por vias desse paradigma teológico e colonial, lugar de direito no âmbito do suposto tecido democrático e social que vem se degradando desde 2016. Para além disso, tendo em mente que o argumento teológico cristão, principalmente, católico e neopentecostal, foi e continua sendo o principal norteador dos processos colonizatórios e, de alguma forma, da matriz colonial de poder que ainda impera no mundo e no Brasil, a nós, homossexuais, aos negros e negras, indígenas, não-cristãos etc. só resta o expurgo e a invisibilidade da exterioridade.

A exemplo dessa premissa colonial de um *Deus bolsonarista* acima de todos, Silviano, em “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución” (2019), menciona dois fatos políticos que ocorreram em decorrência da perseguição bolsonarista a esses sujeitos racializados<sup>356</sup>, em específico, no que tange à sub-humanização pelo crivo da sexualidade. Os exemplos discutidos pelo meu mineiro são referentes à Marielle Franco e a Jean Wyllys<sup>357</sup>, sendo essas duas figuras políticas e dissidentes sexuais as quais, de formas distintas, foram perseguidas pela teologia bolsonarista e suas práticas abissais de racialização. Em 2018, Marielle e seu motorista Anderson Gomes foram assassinados a sangue frio, enquanto, em 2019,

---

uma hierarquia racial/étnica mundial que privilegia os habitantes do Norte global em detrimento dos situados no Sul, as distinções entre gênero/sexo que sobrepõem homens às mulheres replicando a premissa patriarcal, as criações das categorias de “homossexualidade” e “heterossexualidade”<sup>354</sup> a fim de perpetuar relações sexuais desiguais e as diferenciações espirituais/religiosas as quais priorizam matrizes cristãs em relação àquelas não-cristãs. MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 10-11.

<sup>355</sup> Quando me refiro a “pessoas não-cristãs” estou me direcionando àquelas, como eu, que não optaram por seguir as diretrizes do Cristianismo. Entretanto, tensiono uma autocrítica, visto que possuo o sobressalto de que por mais que queiramos nos desprender dos seus preceitos, toda nossa formação subjetiva fora moldada e estruturada a partir de tais princípios, isto é, somos, queiramos ou não, cristãos na medida em que fomos criados nessas bases teopolíticas.

<sup>356</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

<sup>357</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

Jean foi obrigado a se exiliar<sup>358</sup>, tendo em vista as ameaças que colocavam em risco não só sua integridade física, mas, primordialmente, sua vida.

Nesse sentido, Silviano, no que convém aos políticos citados, elabora justamente esse lugar de inconveniência<sup>359</sup> política e sexual o qual ambos ocupavam, sendo ela bissexual e ele *gay*. O que quero dizer nos termos da crítica biográfica fronteiriça é, de maneira contumaz, que a formulação teológica do Bolsonarismo, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, carrega em sua gênese e organização interna aquilo que descolonialmente empreendemos enquanto o jogo colonial entre egopolítica e teopolítica. Ou seja, a nós, corpos da exterioridade, fronteiriços, habitando os entre-lugares da sobrevivência, resta-nos apenas a opção crítica de não só resistir, mas, primordialmente, re-existir<sup>360</sup>. Isso implica *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>361</sup> todo o argumento teológico o qual o Bolsonarismo vem apregoando por essas terras desde seu surgimento, ascensão e enraizamento social.

Escre(vi)ver a partir da condição geoistórico e epistemológica fronteiriça, habitando uma corpo-política sexual dissidente e, de maneira não menos importante, pensando com base em uma teorização de matiz crítico biográfico fronteiriço implica, nesse Brasil desgovernado pela imagem de um *Deus bolsonarista*, o lugar da inconveniência<sup>362</sup> proferido por Silviano nos múltiplos âmbitos que minha existência permeia. À maneira de Marielle, Jean e Silviano e aquilatado em uma proposta civil-epistêmica de re-existência<sup>363</sup>, desvelo essa lógica colonial imperante no Brasil bolsonarista a fim de pensar em possibilidades pluriversais<sup>364</sup> de futuros igualitários,

---

<sup>358</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/21/programa-bem-viver-sai-do-brasil-porque-nao-tive-escolha-diz-jean-wyllys>

<sup>359</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>360</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>361</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>362</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>363</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>364</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

sendo esses as possibilidades mais distantes de tudo o que o desgoverno em curso vem descortinando nos últimos anos. Há que se pensar em um conceito de país em que figuras políticas mulheres, negras, periféricas e sexualmente dissidentes não sejam assassinadas, tampouco que políticos *gays* precisem se exilar para sobreviver.

Atravessado pela problematização da *práxis* colonial hegemônica reproduzida por Bolsonaro e seus templários, trago à tona novamente alguns discursos realizados pelo atual presidente no intuito de, a partir da exposição do meu Silvano sobre a inconveniência<sup>365</sup>, descortinar a política de morte que circunda nosso espaço-tempo do presente. No ano de 1999, em entrevista à TV Bandeirantes<sup>366</sup>, o dito Messias afirmou que “[...] para resolver os problemas do Brasil só matando 30 mil.”<sup>367</sup>, além disso, defendeu a proposta de que fechassem o Congresso Nacional<sup>368</sup> e incentivou o início de uma guerra civil ensejando, nas suas palavras, executar um trabalho que o regime militar não fez<sup>369</sup>. E, não sendo suficiente, ainda pleiteou a ideia de que o primeiro alvo a ser executado<sup>370</sup> haveria de ser o presidente da República da época afirmando que “Começando com FHC [Fernando Henrique Cardoso]. Não deixar ele de fora não. Matando!”<sup>371</sup> e continuou “Vão morrer alguns inocentes. Tudo bem. É assim mesmo, em tudo quanto é guerra morre inocente.”<sup>372</sup>.

Transcorridos quase vinte anos dessas declarações aportadas na morte enquanto exercício do político, às vésperas das eleições de 2018, mais precisamente uma semana antes de sua vitória iminente, Bolsonaro discursava em transmissão para

---

<sup>365</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>366</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>367</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>368</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>369</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>370</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>371</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>372</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

manifestantes reunidos na Avenida Paulista em São Paulo<sup>373</sup> reverberando um cerne ideológico semelhante ao do proferido em 1999 à TV Bandeirantes<sup>374</sup>. Isto é, direcionado à perseguição, à violência e ao expurgo como arma de dominação e manutenção do poder em âmbito nacional. No momento referendado (2018), Bolsonaro afirmou, dentre diversos outros absurdos, falas como “Lula, você vai apodrecer na cadeia”<sup>375</sup>, “A faxina agora será mais ampla”<sup>376</sup>, “Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil”<sup>377</sup>, “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”<sup>378</sup>, “Vocês verão umas Forças Armadas ativa”<sup>379</sup>, “Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo”<sup>380</sup>, “Petralhada, vai tudo pra ponta de praia”<sup>381</sup> e “O Brasil não será motivo de chacota junto ao mundo”<sup>382</sup>.

Na esteira do exposto através da retórica de morte, reacionária e povoada pelas polarizações das linhas abissais<sup>383</sup>, concebo que no Bolsonarismo tudo transpira, alimenta e replica o ódio<sup>384</sup> se assemelhando à última potência com regimes autoritários, ainda que no seio de uma dita “democracia” que se pretende ser realmente efetiva, mesmo que não o seja em sua totalidade<sup>385</sup>. Nessa seara, os elementos virulentos citados, *faxina, limpeza, marginais, banidos, apodrecer, bandidos, petralhada*<sup>386</sup> etc., carregam e evocam em sua significação o lugar

---

<sup>373</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>374</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>375</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>376</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>377</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>378</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>379</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>380</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>381</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>382</sup> BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>383</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>384</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>385</sup> As problematizações acerca do termo “democracia”, com base em uma perspectiva descolonial, serão aprofundadas no subtítulo 1.5 deste primeiro capítulo.

<sup>386</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

moderno/colonial hegemônico de que o dito Messias não discursa tal qual um candidato, à época, à presidência da República, mas, sim, enquanto um *torturador que hoje governa como miliciano, não um estadista*<sup>387</sup>. Nesse intento, só posso desler as celeumas do meu espaço-tempo, à maneira que aqui venho delineando assentado na crítica biográfica fronteiriça, se o fizer a partir da perspectiva da fronteira<sup>388</sup> de que não há apenas uma verdade, quiçá universalidade<sup>389</sup>, política ou não, mas projetos, cosmologias e sensibilidades de mundos pluriversais<sup>390</sup> que contemplem as multiplicidades de existências por essas terras tupiniquins.

No bojo dessa formulação *outra* está o empreendimento crítico proferido por Juliano Garcia Pessanha de que *a teoria é um sintoma do homem*<sup>391</sup>. Descolonialmente, vou além, não só a teorização é o meu sintoma de homem que escre(vi)ve a partir de um corpo homo-biográfico e à luz de uma fronteira-sul que é tanto geostórica quanto epistemológica, mas, hoje, com base nesta tese conceitual que desenvolvo, percebo que a política é um sintoma da realidade na qual estou inserido e que me atravessa cotidianamente, como ignorá-la? Em suma, há um presente e um passado imperfeitos que me tomam de sobressalto despertando em mim e na minha relação crítica com Silvano uma revolta sociopolítica e um desejo de conter a degradação democrática que vem se desenhando frente aos meus olhos desde o golpe sofrido por Dilma Rousseff, passando pela prisão inconstitucional de Lula em 2018 e, na sequência, com a vitória do Bolsonarismo (2018). Ao meu fazer

---

<sup>387</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

<sup>388</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

<sup>389</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

<sup>390</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

<sup>391</sup> PESSANHA. *Ignorância do sempre*, p. 105.

epistemológico, só resta re-existência<sup>392</sup> em relação a esses paradigmas hegemônicos apregoados na premissa basilar do Bolsonarismo de que “nosso” *Deus colonial* e suas leis ego e teopolíticas estariam acima de qualquer coisa. Ao pseudo-messianismo explicitado, só posso oferecer re-existência e des-aprendizagem descolonial, nada menos que isso.

Assim sendo, no plano da crítica biográfica fronteira e, por extensão, de uma proposta contra-abissal<sup>393</sup> atravessada por um paradigma *outro*<sup>394</sup>, de cunho descolonial, entrevejo que os desdobramentos bolsonaristas em curso no Brasil se direcionam para uma única via: a construção/endorso de linhas abissais<sup>395</sup> que (de)marcam lugares legitimados de existência ou de inexistência<sup>396</sup> em múltiplos âmbitos sociais. Esses, por sua vez, são possibilitados pelo que venho teorizando enquanto matriz colonial de poder cujas estruturas hegemônicas sustentam espaços de segurança ou de insegurança àqueles que se posicionam a favor ou contra as políticas atuais, respectivamente – a exemplo do que mencionei em relação à inconveniência política discutida por Silviano a partir de Marielle Franco e de Jean Wyllys.

Partindo desse princípio colonial quase que cartográfico de (de)marcar assimetrias de poder, reafirmo que o Bolsonarismo reverbera a premissa abissal deslindada por Boaventura de Sousa Santos de que *existe um universo deste lado da linha e um outro do lado de lá*<sup>397</sup>. Com isso, cria-se uma configuração social, política, cultural, econômica, sexual, de gênero, racial, étnica, religiosa, epistêmica etc. em que

---

<sup>392</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>393</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>394</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

<sup>395</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>396</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>397</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

o lado de lá (o que se entende por assujeitamento ou racialização) se dissipa enquanto realidade possível se transfigurando em inexistência<sup>398</sup>, ou melhor, produzido enquanto tal através dos paradigmas autoritários dos agentes políticos da matriz colonial de poder, em outras palavras, por meio dos nós histórico-estruturais os quais já discuti arrolei de Walter Mignolo. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, proferido pelo Messias colonial-imperialista, serve-nos exemplarmente para demonstrar como essas premissas abissais vêm operando nesse nosso Brasil do pretérito e, mais do que nunca, presente imperfeitos.

Então, explícito que dentre as múltiplas faces coloniais do Bolsonarismo, sua obsessão por (de)marcar semelhanças e diferenças<sup>399</sup> acaba por descortinar o conceito abissal de inexistência que não quer dizer outra coisa senão apregoar em nossas carnes de “os outros” o corolário de que enquanto inexistentes, *não existimos como relevantes ou compreensíveis*<sup>400</sup> para o país. Ou melhor, ao sermos tomados pelo chanceler da inexistência, somos excluídos radicalmente das realidades políticas possíveis por pertencermos ao espectro colonial dos “outros”<sup>401</sup>. Em suma, o que o Bolsonarismo perfila colonialmente é esgotar os campos pluriversais<sup>402</sup> de realidades possíveis obliterando quaisquer formas de co-presenças e se guiando apenas pelo engaste da invisibilidade e da ausência<sup>403</sup>. Nessa seara, o que a lógica perversa<sup>404</sup> do Bolsonarismo faz em território brasileiro é, ideológico-politicamente, distorcer, desfigurar, destruir<sup>405</sup> e marginalizar<sup>406</sup> não só os passados históricos existentes, mas,

---

<sup>398</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>399</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

<sup>400</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>401</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>402</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 113.

<sup>403</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>404</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 103.

<sup>405</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 103.

<sup>406</sup> No plano da distorção perpetrada por Bolsonaro e seu movimento ideológico, tensiono à problematização desta tese crítica biográfica fronteira o defendido por Walter Mignolo no plano das *fake news*. Para o argentino, as *fake news* mascaram, mantêm e entretêm os paradigmas de controle

sobretudo, nosso presente fazendo com que as marcas coloniais, as quais nunca deixaram de existir, continuem sendo reiteradas à exaustão.

De maneira não-coincidente, Silviano afirmou em 2019 em entrevista<sup>407</sup> a um jornal de Buenos Aires que seus escritos se direcionam à possibilidade de resistência às ditaduras do presente e não às do passado como poderia se supor *a priori*. Meu mineiro, ainda que não aportado em uma epistemologia de caráter descolonial, envolve-se de uma compreensão *outra* da realidade imperfeita, enviesada politicamente à direita, que nos cerca. A partir disso, valho-me de suas formulações somadas aos matizes críticos biográficos fronteiriços para conceituar o Brasil pelo plasmar de suas imperfeições pretéritas e, no mais tangível ao hoje, imperfeições do presente. Em suma, entrevejo que as múltiplas faces do Bolsonarismo descortinam justamente o que Walter Mignolo conclamou de *versão atual do capitalismo, uma globalização neoliberal que não faz outra coisa senão (re)manejar de modo potente os ideários da matriz colonial de poder*<sup>408</sup>.

Por isso, só posso dar conta de fazer o que propus nesta tese de doutoramento, se o fizer pelo prisma de um pensamento crítico de fronteira<sup>409</sup>, dado que tal teorização

---

escondidos pela retórica da modernidade. Com isso, ocorre a coibição de questionamentos tais como os “porquês”, os “o quês” e os “como”; baseado nesse cenário, emerge o que Mignolo conclama de pós-verdade. Essa, por sua vez, convoca o preceito de que em algum momento a verdade seria “verdadeira” e seria desvirtuada pelo enviesamento de preceitos ideológicos hegemônicos. Contudo, sinaliza-se que, intermediado pela perspectiva da colonialidade do pensar, o conceito de verdade na cosmologia ocidental sempre se deu atravessada por um *modus operandi* de encobrimento da colonialidade. Na seara da noção moderna de “verdade”, o intelectual a aloca em duas esferas: primeiro, ao se interconectar com algo que se diz (referencialidade), segundo, se aquilo que foi falado corresponde ou não com a “sinceridade” (o que, verdadeiramente, cria-se) daquele que afirma determinada questão. Ademais, para Mignolo, no bojo de uma cosmologia que preza como condição *sine qua non* pelas riquezas (e não um bem-viver comunal), egopolíticas e as vitórias individuais (descoladas completamente do compartilhamento igualitário com todas as formas de existências humanas ou não), a “verdade” não seria outra coisa que um elemento constitutivo da retórica da modernidade. MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 30-31.

<sup>407</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>408</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 102.

<sup>409</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 123.

se engasta pelas discussões que atravessam as diferenças coloniais e imperiais<sup>410</sup>, pois ambas, no Bolsonarismo, compartilham duas faces de uma mesma moeda política abissal. Pensar em futuros brasileiros, então, pressupõe se deter à ideia de que não se pode ensejá-los pelo crivo da manutenção de *apenas um estilo de vida*<sup>411</sup>, esse é um dos objetivos do Bolsonarismo, há que se prezar, como condição *sine qua non*, em projetos políticos de libertação descolonial<sup>412</sup> nos mais diversos âmbitos desses muitos *Brasis* que co-existem à revelia do desgoverno em exercício. Pelo atravessamento de Mignolo, de Silviano e das minhas próprias experivivências de pesquisador homossexual e descolonial escre(vi)vendo à luz da fronteira-sul, só posso pensar em futuros que sejam comunais e longínquos às garras hegemônicas das elites que se (auto)proclamaram enquanto as vozes unilaterais de tudo e de todos<sup>413</sup>.

Na guisa de Mignolo, *já tivemos o suficiente nesses quinhentos anos de história de extremismos político-econômicos*<sup>414</sup>, contudo, vou além, já experienciamos, a contragosto, não só esses 500 anos de hegemonias coloniais, modernas e imperialistas, mas sua continuidade através do Bolsonarismo e, a ele, só nos resta o lugar de re-existência<sup>415</sup> em todas as suas formas possíveis. Já disse e repito: nossos futuros não podem, de maneira alguma, serem pensados à luz das ruínas<sup>416</sup> do nosso próprio país. Uma das saídas, talvez, seja nos voltarmos menos para teorias itinerantes<sup>417</sup> hospedadas nos trópicos e mais para as cosmologias e pensamentos indígenas que nos possibilitam horizontes *outros* de futuros pluriversais<sup>418</sup> alocados

---

<sup>410</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 123.

<sup>411</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 125.

<sup>412</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 125.

<sup>413</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 125.

<sup>414</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 125.

<sup>415</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>416</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

<sup>417</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>418</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

na contraposição a um modelo universal<sup>419</sup>, tal qual o Bolsonarismo vem desenhando por vias de suas ego e teopolíticas (auto)centradas.

Em outras palavras, o que estou afirmando é que as cosmologias dos povos originários podem nos ajudar a *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>420</sup> nosso Brasil, meu, de Silviano e de todos os muitos que aqui o habitam, abalizados epistêmico-civilmente por *modus operandi e vivendi* de re-existência<sup>421</sup>. Isto é, futuros brasileiros, sim, no plural, que se pretendam realmente “democráticos”, não-imperiais, não-violentos<sup>422</sup> e, primordialmente, anticoloniais. Naturalizemo-nos através de nossas cosmologias originárias indígenas ao invés de nos modernizarmos por vias de paradigmas coloniais e imperialistas tão caros ao Bolsonarismo. A partir disso, rememoro o empreendido por Silviano: *voltaremos a viver na nação em que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito?*<sup>423</sup>, mais do que isso, *como desatar os nós?*<sup>424</sup>. A resposta que ofereço aos questionamentos apostos só pode ser dada pelo crivo de uma perspectiva pós-abissal, fronteira e descolonial.

Ou seja, para desatarmos os nós da matriz colonial de poder imperante no Brasil do pretérito/presente imperfeitos, principalmente, com base no Bolsonarismo ascendido e hoje enraizado, precisamos, no bojo de Santos, *aprender que existe o Sul, irmos para o Sul, aprender a partir dele e com ele*<sup>425</sup>. Isso implica o que explicitarei pela insígnia das cosmologias indígenas, precisamos nos voltar para nós e para os nossos, a exemplo, o que venho fazendo com Silviano desde 2017, pensando minhas próprias sensibilidades homo-biográficas e histórias locais fronteiriças pela relação co-

---

<sup>419</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 228.

<sup>420</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 229.

<sup>421</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>422</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 229.

<sup>423</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 173.

<sup>424</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 165.

<sup>425</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. *Introdução*, p. 15.

partícipe com um aliado que, de maneira parecida e distinta ao mesmo tempo, compartilha dores e feridas coloniais similares as quais se esparramam em nossas escritas-vivências.

Somado a isso, impõe-se uma teorização descolonial cujas esferas críticas me permitem trazer à voga epistêmica aquilo que foi expurgado pelos colonialismos imperantes nos trópicos e, em específico, no Brasil de 2022, como as possibilidades de realidades co-existentes descortinadas pela multiplicidade dos pensamentos indígenas. O Sul, em minha teorização entremeada pelo meu mineiro Silviano e suas injunções abertas ao pós-colonial, concebe-se enquanto o *espaço de desafios epistemológicos que angariam explicitar e (tentar) reparar os danos, as marcas e os impactos históricos perfilados pelo capitalismo entremeado pela colonialidade disseminada no planeta dito globalizado*<sup>426</sup>. Nesse intento, se outrora afirmei aqui que mais do que *a teoria ser um sintoma do homem*<sup>427</sup>, a política ser um sintoma da minha realidade, agora percebo que *faço teorização para viver e não o contrário*<sup>428</sup>.

Com isso, encaminhando-me para o fim deste subtítulo, intento que *tudo aquilo* que é importante para a minha teorização é, por extensão, condição obrigatória da minha própria vida<sup>429</sup> homo-biográfica fronteira compartilhada há anos com Silviano Santiago no âmbito não só do meu eu-pesquisador escre(vi)vendo a partir da fronteira-sul de Mato Grosso do Sul, mas, de modo essencial, dos meus afetos e desejos de com-viver com um aliado que desobedece, à sua maneira, as políticas coloniais em curso aqui por esses lados. Nesse intento, perco o medo de pensar por mim<sup>430</sup> mesmo

---

<sup>426</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 19.

<sup>427</sup> PESSANHA. *Ignorância do sempre*, p. 105.

<sup>428</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 02.

<sup>429</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 08.

<sup>430</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 08.

e cada vez mais me direciono para a re-existência<sup>431</sup> ensejando, na medida do que me é possível, desatar esses muitos nós que nesses lugares imperfeitos *suleados* foram criados e continuam sendo replicados à exaustão política. Assim, se *para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição*<sup>432</sup>, para mim, o que se coloca como primazia inegociável é a possibilidade descolonial e pós-abissal de que os futuros brasileiros sejam pensados através de políticas públicas pluriversais<sup>433</sup> que não mais tornem inexistentes essas *muitas gentes* que co-existem nas fronteiras epistêmicas e geoistóricas brasileiras. Para isso, só posso oferecer ao Bolsonarismo contrariedade absoluta.

---

<sup>431</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>432</sup> SANTIAGO. 'Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución', s/p.

<sup>433</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 113.

### 1.3 – O Brasil é um corpo que dói: políticas outras das grafias-de-vidas<sup>434</sup>

2018 não foi um ano qualquer na história do Brasil e na minha história. Foi quando compreendi que *meu país é um corpo que dói*.

DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21, grifos meus.

[...] pretendo expor a *relação homológica* que se deixa surpreender e se expõe na análise contrastiva entre grafia-de-vida (evito *biografia* por ser vocábulo semanticamente carregado; opto por neologismo, grafia-de-vida, de valor neutro) e composição artística, levando em conta a série gênero literário. Etimologicamente, *homologia* significa a lógica nas relações (entre objetos) semelhantes. Grafia-de-vida e composição artística serão tomadas como organismos autônomos, vivos e interdependentes; no entanto, semelhantes nos respectivos processos de invenção e nas respectivas organizações internas.

SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14-15, grifos do autor.

Este subtítulo nasce a partir da manutenção de uma coerência epistemológica e discursiva com a ideia que perfilou o tom conclusivo da discussão anterior situada no bojo da matriz colonial de poder, isto é, a premissa de que *tudo aquilo* que é importante para a minha teorização é, por consequência crítico-biográfica fronteiriça, requisito necessário para a minha própria vida de pesquisador homo-fronteiriço escre(vi)vendo à luz dos arrabaldes de Campo Grande/MS, de um grupo de pesquisa de Estudos Culturais Comparados (NECC) e atravessado pela relação com meu Silvano Santiago. Em termos específicos, debruço-me, agora, sobre as corpo e geopolíticas, sendo essas alguns dos termos *daquilo tudo* que foi e, em certa medida, continua sendo encoberto, expurgado, invisibilizado, desconsiderado, deslegitimado e até mesmo (neo)colonizado através dos mecanismos teo-egológicos da colonialidade e do imperialismo em curso, principalmente no desvelar desse nosso Brasil de pretérito e presente imperfeitos desgovernado pelo Bolsonarismo.

Para isso, lançarei mão do conceito de grafia-de-vida alcunhado pelo meu mineiro, em especial, na obra *Fisiologia da composição*, todavia, deslocarei e, por

---

<sup>434</sup> Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este subtítulo foi pensado e escrito no ano de 2022 considerando o atravessamento do desgoverno de Jair Messias Bolsonaro e do crescimento exponencial de seu movimento ideológico reacionário denominado “Bolsonarismo”.

extensão, subverterei seu foco da literatura brasileira para o espectro político direcionado à colonialidade imperante no Brasil bolsonarista situado no engaste ego e teopolíticos de encobrimento e rechaço às corpo e geo-políticas inconvenientes, para utilizar um termo caro a Silviano. Nesse ensejo, não à toa me valho da formulação de Claudete Daflon para intitular e epigrafar este subtítulo, uma vez que especialmente desde 2018 e, ainda hoje em 2022, as políticas coloniais em curso por aqui nos confirmam que sim: *o Brasil é um corpo que dói*<sup>435</sup>.

Mais do que isso, nesse Brasil de pretérito e presente imperfeitos, encontram-se corpo e geo-políticas *outras*, pluriversais<sup>436</sup>, imbricadas por múltiplas corpo-geografias de vidas inconvenientes, do ponto de vista de Silviano, as quais sobrevivem e re-existem<sup>437</sup> através da eminência do perigo<sup>438</sup>. Dentre elas, menciono as LGBTQIAP+, indígenas, negras, mulheres, pobres etc. ao se localizarem justamente no pluriverso<sup>439</sup> existencial daquilo que o Bolsonarismo utiliza enquanto guia irrestrito e implacável: o ódio e a política de morte à diferença em relação ao que discuti no 1.2 enquanto “aparência natural do mundo”<sup>440</sup>. Como resultado, é na carne<sup>441</sup> que as consequências da colonialidade implacável do Bolsonarismo se internalizam e rasgam desencadeando um sangramento cujas formas de estancamento são quase que utopias descoloniais e pós-abissais de possibilidades co-existentes de muitos mundos possíveis<sup>442</sup>.

Assim, voltando-me para a epígrafe de Silviano, subverto sua formulação inicial de grafias-de-vida para corpo-geo-grafias a fim de pensar de maneira crítico-biográfica

---

<sup>435</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

<sup>436</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>437</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>438</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 19.

<sup>439</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>440</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>441</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 19.

<sup>442</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 296.

fronteiriça em políticas *outras* de vidas e, por consequência, de corpos e lugares situados no atravessamento limiar da sobrevivência e da re-existência<sup>443</sup> nesse Brasil que nos toma de sobressalto cotidianamente. Por isso, aqui, direciono-me para o espaço íntimo<sup>444</sup> de pensar, em termos gerais, em políticas das grafias-de-vidas, ou melhor, em políticas das corpo-geo-grafias de vidas dessas muitas gentes, como eu, Silviano, meus colegas de grupo de pesquisa, meus amigos e amigas LGBTQIAP+, negros e negras, mulheres, indígenas, pobres etc. que vêm sendo vilipendiados, também e sobretudo, pela iminência, ascensão e enraizamento do Bolsonarismo no Brasil.

De modo pluriversal<sup>445</sup> não só às políticas coloniais que aqui estão em curso, mas, para além dessas, das formulações cartesianas e teo/egopolíticas do conhecimento que não fizeram outra coisa senão impor um universalismo abstrato cuja centralidade se interpola por uma única forma de pensar, teorizar<sup>446</sup> e escre(vi)ver, prezo por políticas *outras* que angariem como condição *sine qua non* políticas de vida<sup>447</sup> apregoadas em comemorar as pluriversalidades<sup>448</sup> das vidas, dos corpos e dos conhecimentos em um bem-viver<sup>449</sup> igualitário. É a partir desse lugar *outro* que urge a necessidade de escre(vi)ver políticas de corpo-geo-grafias. Ademais, quero ainda me distanciar do ranço pós-estruturalista que circunda o pensamento de Silviano, mesmo que, em alguns momentos, suas reflexões se pretendam de caráter pós-colonial. À diferença do meu mineiro, minhas teorizações não se situam no entre-

---

<sup>443</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>444</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>445</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>446</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 35.

<sup>447</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 35.

<sup>448</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>449</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 35.

lugar entre a tradição moderna ocidental e o pensamento crítico pós-colonial, minha opção é, inegociavelmente, descolonial.

Por essa razão de matiz crítico biográfico fronteiriço, ainda que Silviano me seja necessário para dar conta de conceituar um Brasil do pretérito imperfeito nesta tese de doutoramento, ao mesmo tempo, tenho a autorreflexão<sup>450</sup> de que minha teorização não se esgota nele. Corpo e geo-politicamente, estou calcado em lastros biográficos<sup>451</sup> *outros* os quais, pelo atravessamento da insígnia da fronteira-sul<sup>452</sup> que habita minha carne de pesquisador escre(vi)vendo a partir desse lócus enunciativo geoistórico e epistemológico, transformo em corpo-palavra<sup>453</sup>, ou melhor, em teorização corporificada – ainda que o uso conjunto desses termos recaia em um pleonasma, o uso se faz proposital. Entrevejo, então, que se quero escre(vi)ver o que eu quero<sup>454</sup> e, em específico, teorizar possibilidades *outras* de co-existências corpo e geo-políticas pluriversais<sup>455</sup>, só posso fazê-lo pela consciência de que atravesso a fronteira-sul assim como ela permeia meu corpo<sup>456</sup> homo-biográfico, meu pensamento descolonial e minha tentativa de desenhar epistemologicamente futuros que se pretendam pós-abissais longínquos dos paradigmas teo e egopolíticos alimentados pelo Bolsonarismo.

Conceitualmente, no plano do que estou chamando de corpo-política, entendo que se desenham duas relações. Primeiro, sua discussão se delinea através do roçar crítico com a geo-política; segundo, faz-se impossível debatê-la sem me deter nos paradigmas modernos e coloniais da teo e da egopolítica os quais se configuram

---

<sup>450</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>451</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 13.

<sup>452</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 13.

<sup>453</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 14.

<sup>454</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

<sup>455</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 113.

<sup>456</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 14.

enquanto as formulações basilares do pensamento moderno ocidental não só dos conhecimentos imbuídos da hegemonia epistêmica em execução nas universidades. Mas, por outro lado, na co-extensão de ideologias autoritárias endossadas por políticas pseudo-universais de rechaço, perseguição e destruição *de tudo aquilo* situado do outro lado da linha<sup>457</sup>, incluindo as pluriversalidades<sup>458</sup> dos corpos, isto é, das corpo-geo-grafias de vidas.

Coadunado por Walter D. Mignolo, o que se faz necessário é compreender a corpo-política enquanto a configuração *bios-gráfica* de gênero, religião, classe, etnia e língua<sup>459</sup> no entremear com as formas de produzir conhecimento e os desejos epistêmicos<sup>460</sup>, tendo em vista que tais caracterizações foram apagadas em detrimento da supremacia hegemônica da mente/razão sobre o corpo e, ademais, de Deus sobre tudo<sup>461</sup>. De modo semelhante ao já exposto, não à toa, a crítica descolonial que faço no plano da corpo-política flerta, na diferença, de maneira quase que direta com o *slogan* principal da campanha política bolsonarista, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, tal qual expus no 1.2. De alguma forma, isso nos desvela, mais uma vez, o paradigma colonial ao qual as políticas em curso no Brasil estão a serviço e quais são especificamente seus “inimigos”. Por esse motivo, não há como conceituar uma ideia de Brasil hoje que não seja a de que *meu país é um corpo que dói*<sup>462</sup> e, no plano do explicitado pelo meu mineiro em *Fisiologia da composição*, a ideia de que “[...] a bacia das almas metafórica se repetirá em 1929 e em abril de 1964.

---

<sup>457</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>458</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>459</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.

<sup>460</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.

<sup>461</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.

<sup>462</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

E se repete em 2020, acentuando, como desde a colônia, a desigualdade entre as cidadãs e os cidadãos brasileiros.”<sup>463</sup>.

Nesse sentido, isto é, na contrariedade absoluta aos discursos ego e teopolíticos bolsonaristas, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, compreendo que só posso dar conta de conceituar a proposta de um Brasil *outro*, tomado pelas irrupções pretéritas e presentes da colonialidade/modernidade, se o fizer, também, através de uma lógica *outra* entremeada pela perspectiva descolonial. Essa, por sua vez, projeta-se através das interrelações entre corpo e geo-políticas das muitas corpo-geo-grafias que habitam as exterioridades, como as minhas e as de Silvano enquanto pesquisadores homo-biográficos desobedecendo à suposta “aparência natural do mundo”<sup>464</sup> alimentada pelo Bolsonarismo. Assim, ao emergirem a partir das sensibilidades biográficas e locais, essas corpo e geo-políticas *outras* delineiam uma cisão na hegemonia supostamente universal das teo e egopolíticas<sup>465</sup>, dado que dentre as suas consequências se resguardam a colonização dos corpos e das mentes<sup>466</sup>, a formação da subjetividade moderna<sup>467</sup> e o endosso de uma economia<sup>468</sup> capitalista a qual sobrepõe o capital sobre o prezar pelos corpos e pelas vidas – sendo esse o *modus operandi* do desgoverno em curso tal qual seu descaso com a pandemia de 2020 nos reafirmou.

No bojo dessa visada, desenha-se um cenário crítico biográfico fronteiriço em que a corpo-política do ser e do conhecimento se mostra como uma opção teórica e de vida à hegemonia colonial/imperial das teo e egopolíticas<sup>469</sup>. A partir dessa tomada

---

<sup>463</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 142.

<sup>464</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>465</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 93.

<sup>466</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 93.

<sup>467</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 93.

<sup>468</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 93.

<sup>469</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 126.

de consciência *bios*-crítica, esboroa-se a máscara pseudo-universal que reveste as teo-egopolíticas<sup>470</sup> e, ao fazê-lo, traz consigo o que Silviano, à sua maneira pós-estruturalista, conclamou de inconveniência<sup>471</sup> citando como exemplo as figuras de Jean Wyllys e Marielle Franco. Diante disso, Silviano recorre ao dicionário para conceituar a inconveniência, sendo essa a “[...] ação, dito ou fato que não é conveniente, que não atende ao gosto, aos costumes ou ao bem-estar de outrem; indelicadeza, incivildade, indiscrição, grosseria.”<sup>472</sup>. Calcado nessa conceituação primária, tomando como premissa que, tal qual Silviano, também sou um corpo inconveniente, evoco alguns questionamentos.

Se a inconveniência é o não atendimento ao gosto, aos costumes ou ao bem-estar de outrem, em relação a quem nossas corpo-geo-grafias fronteiriças e homobiográficas se contrapõem? Vou além, se, descolonialmente, guiamo-nos pela condição *sine qua non* de possibilidades pluriversais<sup>473</sup> e co-existentes de muitos mundos possíveis<sup>474</sup> e igualitários, por que somos lidos e entendidos enquanto corpos tomados pela indelicadeza, incivildade, indiscrição e grosseria? As questões apostas são um recurso retórico, mas contribuem para que eu atinja o objetivo delineado na proposta deste subtítulo: a conceituação de políticas *outras* das corpo-geo-grafias de vidas. Em outras palavras, intento que no bojo do cenário bolsonarista orientado pelos paradigmas teo e egopolíticos, as possibilidades de inscrições corpo e geo-gráficas, atravessadas pelas inserções étnicas racializadas e dos gêneros e sexualidades

---

<sup>470</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 11.

<sup>471</sup> Cf. “Inconveniências do corpo como resistência” (2019).

<sup>472</sup> HOUAISS *apud* SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>473</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>474</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 296.

patriarcalizadas<sup>475</sup>, são quase que inexistentes e, guiado pela teorização crítica biográfica fronteiriça, não posso jamais ignorá-las.

Se o fizesse, estaria reiterando a lógica colonial que apaga e extermina os corpos inconvenientes e desobedientes aos paradigmas modernos/coloniais, a exemplo, os assassinados ambientalistas e defensores dos povos originários Dorothy Stang, Chico Mendes, Dom Philips, Bruno Pereira e dos muitos indígenas cotidianamente re-existindo<sup>476</sup> através dos embates sanguinolentos entre a manutenção das florestas e a presença constante dos garimpos e do agronegócio em suas terras, em específico, na Amazônia e no meu estado sul-mato-grossense, dentre muitos outros casos dos quais muitas vezes desconhecemos dadas suas recorrências diárias possibilitadas pelo descaso, sobremaneira, do Bolsonarismo com essas exterioridades que grassam de todos os lados fronteiriços do Brasil do pretérito e presente imperfeitos.

Para Silviano, e aqui estou de acordo com meu mineiro, interpola-se uma reação conservadora do Bolsonarismo em que se conduzem processos políticos de perseguição às conquistas dos grupos marginalizados erradicando das leis os direitos conquistados pelos cidadãos e cidadãs<sup>477</sup> que aqui habitam re-existindo<sup>478</sup>, a exemplo, o rechaço presidencial às lutas dos indígenas em estado contínuo de genocídio. Nesse cenário, não consigo me descolar da memória guiada pelo medo em 2018 quando me vi conjuntamente com meus amigos LGBTQIAP+ vivendo momentos de horror constante, uma vez que o cenário que se desenhava era, a partir do endosso dos discursos do Messias colonial-imperialista, de perseguição às nossas corpo-

---

<sup>475</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 94.

<sup>476</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>477</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 17.

<sup>478</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

políticas homo-biográficas. À maneira que venho explicitando, esse nosso medo não se instaurou à toa, pelo contrário, confirmou-se o previsto cenário desenfreado de expurgo aos assujeitados a partir da lógica guiada pelas ego e teopolíticas do ser e do saber.

Ainda na esteira do meu mineiro refletindo a chancela do cenário político que atravessa nossos corpos, seu debate nos leva para a conclusão abissal de que *nossas vidas estão em perigo*<sup>479</sup>, tendo em vista o contra-ataque do Bolsonarismo através da imposição de paradigmas religiosos entremeados pelo ideário tacanho negativista e repressivo<sup>480</sup> de base ditatorial, para fazer valer a reverência do Messias colonial-imperialista a figuras do regime militar de 1964. Da minha égide descolonial, compreendo que o Bolsonarismo, apregoado nesse nosso Brasil dos pretéritos e dos presentes imperfeitos, acaba por desvelar o horizonte colonial no qual o foco foi totalmente descaracterizado das corpo-geo-grafias de vidas e direcionado à mente e, mais do que isso, à presença incontestada de um único Deus colonial sobre tudo e todos<sup>481</sup>. Sendo assim, minha teorização só pode se dar através de uma premissa *outra* deslindada pela última prece de Frantz Fanon: “Ô meu corpo, faça de mim um homem que questiona!”<sup>482</sup>.

Seguindo esse cântico e guiado pela visada fronteira, uma das características do que estou conceituando aqui de Brasil do pretérito e do presente imperfeitos é, primordialmente, o cenário imbricado a uma sociedade que se pretende burguesa<sup>483</sup> aquilatada, grande parte, pela alienação intelectual que esclerosada e rechaça corpo-geo-grafias e *modus vivendi outros* através da construção de um espaço onde *não é*

---

<sup>479</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>480</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>481</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.

<sup>482</sup> FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 191.

<sup>483</sup> FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

*bom viver, onde o ar é pútrido e as ideias e as pessoas, em geral, encontram-se em estado de putrefação colonial-imperialista*<sup>484</sup>. Em outras palavras, o que estou explicitando é que, dentre muitas de suas ações colonialistas, o Bolsonarismo descortina o horizonte hegemônico que nos comprova rotineiramente que, para alguns, *as fronteiras estão delineadas a fim de mostrarem e definirem os lugares que são seguros e os que não são*<sup>485</sup>. Mais do que isso, elas servem para separar aquilo que a intelectual chicana Gloria Anzaldúa escre(vi)veu enquanto a divisão entre o *them* (eles) e o *us* (nós)<sup>486</sup> ou aquilo que explicitarei outrora enquanto as linhas abissais desenhadas deste e daquele lado.

Nessa seara, compreendo que mais do que habitar e escre(vi)ver a partir de um lócus fronteiroço, a fronteira se dá, de maneira primordial, através do imbricamento das minhas corpo-geo-grafias de vida roçadas às do meu Silvano na tessitura de uma teorização descolonial. Somos, portanto, no bojo de Anzaldúa, *os proibidos, banidos, atravessados e perversos que extrapolam os confins da dita “normalidade”*<sup>487</sup>. Mais do que isso, *projetamo-nos como transgressores e estrangeiros*, da óptica bolsonarista, *passíveis de sermos violados, mutilados, estrangulados, enfim, atacados*<sup>488</sup>. Não nos consideram “legítimos”, pois a institucionalização desses se guia através da lógica colonial de homens brancos, heterossexuais e da elite – à maneira da figura ideal do Bolsonarismo – direcionada a outros semelhantes se instaurando por essas terras fronteiroças a tensão política colonial/imperial quase que como um vírus que nos apodera e corrói<sup>489</sup>.

---

<sup>484</sup> FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

<sup>485</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>486</sup> ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

<sup>487</sup> ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

<sup>488</sup> ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

<sup>489</sup> ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

Partindo desse ponto de vista, ainda que no plano da metaforização pós-estruturalista, cujo respaldo teórico se situa na contrariedade absoluta da teorização crítica biográfica fronteira aportada nesta tese de doutoramento, desvela-se a recorrência do corpo nos escritos de Silviano, em especial, no texto aqui destacado: *Fisiologia da composição*. De início, meu mineiro justifica no introito da obra supracitada que a motivação do ensaio corporificado ali posto advinha de uma proposta por parte de colegas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) no intuito de realizarem o simpósio denominado “Literatura e artes de corpo presente”<sup>490</sup>. Ao fazê-lo, afirma que *algumas das artes, mesmo as tradicionais e aquelas moderníssimas, são de corpo humano presente, todavia, no plano da literatura, enquanto arte da palavra, não, a não ser que desconstruíssemos a metáfora sustentadora do texto literário: a linguagem*<sup>491</sup>.

Então, situa sua premissa desconstrutora, à la Jacques Derrida, *no campo em que a literatura seria de corpo presente na relação homológica entre o corpo daquele que escreve e sua composição literária*<sup>492</sup>. Com isso, *ao expor, genético-analiticamente, os modus composicionais de determinadas literaturas, descortinariam-se os ditos corpos biofisiológicos (bios e vida aliados às funções orgânicas) dos autores*<sup>493</sup>. Reforça-se, no viés aquém ao pós-estruturalista alcunhado por Silviano, a óptica de que *o corpo é parte escritural de um texto tendo forma, significado e a importância de vocábulos que, em contextos estreitos, performam e significam linguisticamente não se dando, portanto, em estado presentificado no interior da obra*<sup>494</sup>. Mas, sim, *enquanto metáfora que representa o corpo humano*

---

<sup>490</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 11.

<sup>491</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 12.

<sup>492</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 13.

<sup>493</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 13.

<sup>494</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 13.

*propriamente dito e como grafia passível de ser replicada nas mais variadas línguas nacionais do mundo*<sup>495</sup>.

Diante da *Fisiologia* do meu Silvano, respaldada pelos moldes derridianos, não poderia me situar, descolonialmente, mais à sua revelia, em especial, no que compete à teorização *outra* aqui delineada em detrimento ao *Brasil sendo um corpo que dói*<sup>496</sup> e, mais do que isso, no objetivo de conceituar políticas *outras* das grafias-de-vida e dos múltiplos corpos e *loci* fronteiriços que se imbricam as composições dessas. Em outros termos, só posso pensar, enquanto um homem-fronteira escre(vi)vendo à luz dos arrabaldes do Sul global<sup>497</sup>, se o fizer entremeado por corpo e geo-políticas cujos substratos rechacem, como condição *sine qua non*, a metaforização moderna/colonial enquanto única via de perlaboração crítica. Dessa maneira, entrevejo ser possível fazê-lo caso eu cumpra o mencionado no início deste subtítulo: a subversão dos conceitos de grafia-de-vida, corpos e afins do plano do literário e o apregoe no bojo dos desafios políticos do hoje<sup>498</sup> no nosso Brasil de pretérito e presente imperfeitos, isto é, ainda situado no espectro de uma matriz colonial de poder através do Bolsonarismo em exercício abissal<sup>499</sup> de expurgo às exterioridades que grassam das margens epistêmicas deste país com geoistoricidades continentais.

Intentando isso, requeiro em minha consciência *outra*, de pesquisador homobiográfico que reflete e produz na esteira das minhas re-existências<sup>500</sup> *suleadas*, a necessidade de oferecer, ressalvadas as muitas e óbvias diferenças, inconveniência não só ao Bolsonarismo que nos desgoverna, mas, também, em certa medida e

---

<sup>495</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 13.

<sup>496</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

<sup>497</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>498</sup> Conclamo de “desafios políticos do hoje” no intento de estabelecer uma interrelação conceitual entre o nosso tempo político com as reflexões *outras* de Walter Mignolo em “Desafios decoloniais hoje” (2017), em especial, no que compete às re-existências das exterioridades.

<sup>499</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35.

<sup>500</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

quando necessário, ao que Silviano defende com base em sua consciência moderna não-desprendida das Teorias Modernas (a propósito, em letras maiúsculas) que tudo é passível de ser metaforizado<sup>501</sup>. Não, meu corpo e meu lócus sanguinolentos fronteirios delineados a partir da minha inscrição homo-biográfica no mundo, pensando das bordas do planeta, de uma universidade exteriorizada em comparação às dos centros nacionais, criado por uma mãe viúva extrínseca ao apoio de meu pai cindido pela morte em minha idade prematura não podem ser conclusos e analisados apenas pela chancela da metáfora.

Unicamente no plano de uma análise moderna e assentada na óptica advinda das Grandes Teorias Itinerantes<sup>502</sup>, talvez. Mas nunca de uma teorização gerida a partir das nossas próprias experiências de colonizados que, mesmo decorridos 500 anos<sup>503</sup>, ainda sentem a colonialidade na mente, corpo, vida, sensibilidades biográficas e locais, afetos, desejos, conhecimentos, *epistemes* e, em aspecto primordial, na política que nos desgoverna e nos situa cada vez mais do outro lado da fronteira<sup>504</sup>. Nessa seara, de modo pluriversal<sup>505</sup> ao exposto, tanto minha corpo-política homo-biográfica<sup>506</sup> (também concernente a Silviano, mesmo que não trabalhada por ele de um viés *outro*) quanto minha geo-política fronteira<sup>507</sup>, *como uma perspectiva epistêmica de conhecimento, são mecanismos articuladores*

---

<sup>501</sup> No plano da crítica que tensiono a Silviano, entendo que meu pensamento se direciona a uma perspectiva da des-metaforização do corpo e, mais do que isso, das grafias (inclusive geo-políticas) que o compõe. Em outras palavras, defendo a premissa de que não posso conceber os corpos e os lugares que re-existem a partir do Sul global, e dos efeitos implicados nessa especificidade, com base nos restos das metáforas advindas do Norte, em especial, através das Teorias Itinerantes (em letras maiúsculas) que por aqui aportaram tomando para si o papel de metaforizar *tudo* e *todos*. Na minha leitura, o peso da modernidade/colonialidade não pode, e nem deve, ser resolvido com base em metaforizações do sofrimento humano – e quiçá, entrevejo, também, que nem mesmo por via *unicamente* das elocubrações teóricas que evoco nesta tese de doutorado.

<sup>502</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>503</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 126.

<sup>504</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35.

<sup>505</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>506</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 105.

<sup>507</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 105.

*essenciais para que eu aprofunde e amplie a proposta de descolonizarmos*<sup>508</sup> nossas corpo-geo-grafias *outras*.

É, então, atravessado por esses termos que subverto e transfiguro o cotejado por Silviano, em específico, quanto à metaforização<sup>509</sup>, uma vez que *a corpo-política do conhecimento me permite aquilatar as condições e os caminhos de transformação do lócus enunciativo e substituir os termos da conversa*<sup>510</sup> – por exemplo, o *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>511</sup> as grafias-de-vida e a temática do corpo em Silviano através da crítica biográfica fronteira com fim, também, de conceituar o Brasil imperfeito aqui descortinado. *Em pari passu, a geo-política do conhecimento da/na fronteira hegemônica epistêmica Ocidental*<sup>512</sup> me direciona à irrupção contrária às teo e geopolíticas<sup>513</sup> difundidas pelo Bolsonarismo em execução. Diante disso, questiono: como eu poderia metaforizar minha existência sexual dissidente, e as dos meus, enquanto a figura presidencial que nos desgoverna afirma ser o “Brasil, país de maricas”?<sup>514</sup>

O fato citado fora proclamado ao mesmo tempo que o país compõe a lista<sup>515</sup> de países que mais matam LGBTQIAP+ no mundo sendo, *em média, 400 assassinados por ano*<sup>516</sup> nestas terras sem leis. Posicionando-me lado a lado ao estabelecido por Mignolo, entendo que *todos esses pontos não se resolvem, unicamente, com políticas públicas, generosidade*<sup>517</sup>, tampouco, com as

<sup>508</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 105.

<sup>509</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 12.

<sup>510</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 105.

<sup>511</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>512</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 108.

<sup>513</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 108.

<sup>514</sup> BOLSONARO *apud* PINHEIRO. Brasil, país de maricas, s/p.

<sup>515</sup> Essas informações podem ser consultadas em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>

<sup>516</sup> PINHEIRO. Brasil, país de maricas, s/p.

<sup>517</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

metaforizações dos corpos<sup>518</sup>. Há que se prezar por uma *perspectiva descolonial* em que *experiências de vidas pluriversais*<sup>519</sup> ocupem o cerne da discussão para além de *quaisquer tentativas universais*<sup>520</sup> – tal qual elucidei no 1.2 pelo roçar entre o Bolsonarismo e a dita “aparência natural do mundo”<sup>521</sup> bem como os múltiplos dualismos e nós histórico-estruturais<sup>522</sup> que dela e de sua matriz emergem. Assim sendo, minhas corpo-geo-grafias políticas se mostram aos meus olhos de homem-fronteira enquanto *opções frente às hegemonias e as predominâncias coloniais/imperiais das teo e egopolíticas sem que me situe no lugar de perlaborar um outro plano mestre universal*<sup>523</sup>.

Pleiteia-se a necessidade descolonial de *construção comunal e pluriversal sem referendar paradigmas pseudo-universais e/ou totalizantes*<sup>524</sup>, à moda do Bolsonarismo aportado no matiz hegemônico e *elitista de que sabe o que é bom para todos*<sup>525</sup> ou finge saber desvelando espaços hegemônicos de expurgo e perseguição aos ditos “outros”, “não-naturais”<sup>526</sup>. Minhas corpo e geo-políticas se projetam a fim de minar essas ego e teopolíticas difundidas pelo Bolsonarismo requerindo que pesquisadores aportados em uma visada descolonial, como eu, direcionemo-nos a problematizar os desafios políticos do hoje entremeados pelas políticas de exclusão que há muito persistem nestes trópicos brasileiros, visto que é nas corpo-geo-grafias *outras* que escorre o sangramento incessante da colonialidade em curso no Brasil imperfeito.

---

<sup>518</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 12.

<sup>519</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>520</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>521</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>522</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 10.

<sup>523</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 126.

<sup>524</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>525</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 126.

<sup>526</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 104.

Em outras palavras, as corpo-geo-grafias são as políticas *outras* no intento de que as minorias continuam morrendo, *sub judice* da legitimação de discursos hegemônicos de poder tal qual o supramencionado através de Bolsonaro. Penso, então, em um *modus operandi e vivendi* político em que os corpos e os *loci* a partir dos quais re-existem<sup>527</sup> tenham lugar de direito. Na contrapartida a essa tentativa, prefiguram-se na sociedade civil brasileira *demasiados grupos que alçaram a cena pública objetivando impor seus valores e reivindicações enquanto universais*<sup>528</sup>, nos termos do que tratei como *bom para todos*<sup>529</sup>. Ilustrando esse contexto, menciono *deputados e senadores, bolsonaristas, entremeados por tais propostas cujo exercício, buscam aprovar no Congresso reivindicações regressivas aos costumes atacando, de maneira direta, grupos minoritários*<sup>530</sup> (LGBTQIAP+, mulheres, negros e negras etc.) e *fragilizados* (indígenas)<sup>531</sup> pelo peso da colonialidade imperante em seus discursos e práticas de poder hegemônico.

Nesse preciso sentido, perfila-se um universo em que *a violência se concentra como pilar essencial da vida política do país*<sup>532</sup>. *As classes populares são submetidas a cenários de extrema insalubridade e falta de dignidade, das 60 mil mortes violentas no país a cada ano, grande parte é de habitantes das comunidades desprovidas de poder econômico e, em muito, de grupos racializados*<sup>533</sup>. Ademais, a violência naturalizada<sup>534</sup> pela política moderna/colonial bolsonarista se dissemina tal qual um vírus alçando novos alvos, como artistas, intelectuais, opositores<sup>535</sup> etc. Nesse ínterim,

---

<sup>527</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>528</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 226.

<sup>529</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 126.

<sup>530</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>531</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>532</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>533</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>534</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>535</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

Silviano em “Inconveniências do corpo como resistência” se faz necessário em minha empreitada teórica na direção de que entendo meu discurso crítico biográfico fronteiriço, entremeado pelo meu mineiro, também como inconveniente, pois só posso escre(vi)ver o que eu quero<sup>536</sup> se o fizer pela chancela da inconveniência direcionada àqueles que querem expurgar, matar, silenciar, enfim, empurrar nossas corpo-geo-grafias cada vez mais para o outro lado da fronteira<sup>537</sup>, como se fôssemos inexistentes<sup>538</sup> ou irrelevantes para o país.

Então, neste momento, meu mineiro é salutar por ser, também, um intelectual inconveniente, extrínseco ao lugar-comum, da “aparência natural do mundo”<sup>539</sup>, que me relembra dos direitos epistêmicos implicados nas lutas pelas diferenças. Isso me permite pensar em uma fisiologia das inconveniências e em uma fisiologia das corpo-geo-grafias políticas; dessa feita, problematizo: como essas se constituem pelo pluriverso<sup>540</sup> ao Bolsonarismo? Como se abalizam no pensamento? Silviano me ajuda a pensar *a partir desse*<sup>541</sup> lugar teórico, mas não me é suficiente, dada a premissa descolonial basilar de quaisquer reflexões que evoco nesta tese de doutoramento. Voltando-me às “Inconveniências do corpo como resistência”, *a inconveniência acaba por desenquadrar das normativas sociais e políticas ditatoriais*<sup>542</sup> – no sentido de práticas e discursos autoritários como os de Bolsonaro e de seus seguidores, não movimentos institucionalizados tal qual o golpe militar de 1964 – *demasiados modus vivendi de comportamento e, por extensão, hipocrisias sociais*<sup>543</sup>.

---

<sup>536</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

<sup>537</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35.

<sup>538</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35.

<sup>539</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>540</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>541</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.

<sup>542</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 17.

<sup>543</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 17.

Em expressões específicas, *não é só o gay quem sai do armário*<sup>544</sup>, em coletivo, os jovens extrapolam seus lugares de reclusão e medo resguardando formas outras de ser/estar em público ao apregoar um desejo latente de se enquadrar mimeticamente ao hoje e, sobretudo, agarrarem-se à esperança de dias melhores sem os constrangimentos familiares e os preconceitos políticos que padecem na carne<sup>545</sup>. Destrincho mais ainda o exposto, uma vez que se projetam corpo e geo-políticas de conhecimentos<sup>546</sup> em que o lócus de enunciação seja o centro daquele que fala ao não se esconder, apagar ou ocultar à moda das filosofias e ciências ocidentais<sup>547</sup>. Assim, as teo e egopolíticas bolsonaristas privilegiam o *mito de um Ego não situado desvinculando os lugares epistêmicos étnico-raciais, sexuais, de gênero etc. daquele que enuncia*<sup>548</sup> em detrimento à universalização<sup>549</sup> pseudo-justificada pelas tentativas de controle e homogeneização social das dissidências.

De maneira pluriversal<sup>550</sup>, nossas corpo-geo-grafias *outras rompem com o mito epistêmico universal pretendido como o único verdadeiro e possível trazendo à voga não só aquele que fala, mas, em primordial, os lugares corpo e geo-políticos que ocupam nas estruturas de poder que enuncia*<sup>551</sup>. Por isso e não somente, escre(vi)vo o que eu quero<sup>552</sup> nesta tese, ora me situando lado a lado ora na contracorrente ao meu Silvano, munindo-nos de toda inconveniência gerida em nossas corpo-geo-

---

<sup>544</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

<sup>545</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>546</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>547</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>548</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>549</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>550</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

<sup>551</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>552</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

grafias *outras* ao cenário pretendido universal<sup>553</sup> alimentado pelo Bolsonarismo. Não voltarei ao armário que estive até meus quatorze anos e que, *a posteriori*, fora retirado dali à força, não me permitirei sentir mais medo dos sobressaltos atravessados pelas descobertas que existem em meu corpo homo-biográfico e, por extensão, nos afetos, desejos e sensibilidades que dele se projetam e se direcionam aos homens que tensionam minhas paixões à luz do lócus sul-fronteiriço em que re-existo<sup>554</sup> no cotidiano universitário periférico.

A corpo-política<sup>555</sup> desenhada pela minha existência *outra*, consciente de si mesma e das inconveniências que causam à suposta “normalidade”, *descreve uma tecnologia descolonial aplicada ao meu corpo que hoje sabe que foi e continua sendo considerado menos humano*<sup>556</sup>. Em aliança, minha geo-política<sup>557</sup> é, como condição *sine qua non*, a resposta terceiro-mundista ao “Primeiro Mundo”<sup>558</sup> – não apenas no que compete ao Norte global, mas, para além, àqueles que se julgam no direito de agirem enquanto agentes coloniais a exemplo dos bolsonaristas – *cujo construto basilar é o de desvelar os privilégios epistêmicos incutidos nos detentores do poder hegemônico os quais relegaram a si mesmos o direito de inventar, classificar e ser parte integrante ou não do resto da população*<sup>559</sup>. Levo a cabo, portanto, uma *formação-em-coletividades*<sup>560</sup> prezando por um bem-viver e con-viver pluriversal<sup>561</sup> com as diferenças que grassam de todos os lados e corpos do Brasil reconhecendo

---

<sup>553</sup> ROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>554</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>555</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 33.

<sup>556</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 33.

<sup>557</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 20.

<sup>558</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 20.

<sup>559</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 20.

<sup>560</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>561</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 113.

seus lugares de direito, em especial, epistêmico, nas políticas do nosso país munido de imperfeições coloniais.

Nesse cenário, meu mineiro relembra que é nos tempos de ditadura militar – ou de autoritarismos e assimetrias de poder – que emergem essas *formações-em-coletividades de parcelas da juventude brasileira de modo irreverente, escandaloso e irreduzível*<sup>562</sup> possibilitando experiências transitivas enquanto fundamentos de amizade entre todos esses corpos inconvenientes<sup>563</sup>. Torno-me, também, amigo de Silvano pela chancela de re-existirmos<sup>564</sup> àqueles que desejam e operam para dar fim aos nossos saberes, existências, corpos, lugares de enunciação e, mais do que nunca, nossas próprias vidas. A exemplo de ilustração dessas *formações-em-coletividades*<sup>565</sup> mencionadas por Silvano, evoco dois eventos situados em movimentos populares brasileiros contrapostos ao Bolsonarismo e seus paradigmas de dominação. O primeiro, ainda em 2018 no ano eleitoral da vitória do suposto Messias (Figura 2); o segundo, em 2022, na 26ª Parada LGBTQIAP+ realizada em São Paulo (Figura 3):

---

<sup>562</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>563</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>564</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>565</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.



Figura 2 – Cartaz de manifestação popular dos LGBTQIAPs+ contra a candidatura de Jair Messias Bolsonaro às eleições presidenciais realizadas em 2018

Fonte: <https://ponte.org/como-mulheres-negros-e-lgbts-analisam-a-vitoria-de-bolsonaro/>



Figura 3 – “#ForaBolsonaro” utilizado como grito de liberdade da população LGBTQIAP+ em 2022 durante a Parada do Orgulho em São Paulo

Fonte: <https://contee.org.br/fora-bolsonaro-foi-grito-de-guerra-da-26a-parada-lgbt-de-sao-paulo/>

No entanto, esse contexto moderno/colonial não se encerra no Brasil, ainda que esse seja o foco da discussão conceitual aqui proposta assentada em seus

pretéritos e presentes imperfeitos coadunados por corpo-geo-grafias tornadas exteriores à realidade dita aceitável e existente. Nos últimos anos na América Latina<sup>566</sup>, perfilou-se uma virada política à direita *com novas roupas e velhos fios mascarando sua perigosa ofensiva*<sup>567</sup>. Com Bolsonaro no Brasil<sup>568</sup>, Jeanine Añez e Luis Fernando Camacho na Bolívia<sup>569</sup>, Lacalle Pou no Uruguai<sup>570</sup> etc. centralizaram-se paradigmas ego e teopolíticos possibilitando discursos como "Deus permitiu que a Bíblia voltasse a entrar no Palácio. Que Ele nos abençoe!"<sup>571</sup> na Bolívia ou, por aqui, com "Nós somos a maioria. Nós somos o Brasil de verdade. Junto com esse povo brasileiro construiremos uma nova nação."<sup>572</sup>, "A faxina agora será muito mais ampla!"<sup>573</sup> e "Ou vão pra fora ou vão pra cadeia"<sup>574</sup>.

Em suma, as falas mencionadas se direcionam apenas a um aspecto da vida política: à violência<sup>575</sup> e, em última instância, à morte<sup>576</sup> enquanto jogos políticos de dominação a qualquer custo. O cenário em questão se torna essencialmente palpável quando debatido pela perspectiva conceitual das ego e teopolíticas articuladas no bojo da descolonialidade. Isso, pois, desenha-se *a criação de uma nova teologia política cuja base se ancora na premissa ideológica, e também prática, neopentecostal*<sup>577</sup> de

---

<sup>566</sup> À maneira que evoco em momentos pontuais neste capítulo, o Brasil não é um caso isolado no que concerne à geo-política latino-americana atravessada pela virada à direita. Não ignoro esse fato, contudo, visando atender ao recorte específico desta tese de doutoramento, opto por me deter, de modo mais específico, nas problematizações circunscritas no lócus verde-amarelo pontuando, quando necessário, contextos geo-políticos similares ao que vivemos no Brasil de Jair Messias Bolsonaro. Em outras palavras, compreendo que o Bolsonarismo não se deu enquanto um fenômeno exclusivo daqui, mas, sim, uma extensão do que já vinha ocorrendo em diversos *loci* do mundo, em especial, na América Latina através do fortalecimento da extrema direita, com destaque à massificação das *fake news* nos veículos de comunicações digitais.

<sup>567</sup> MONCAU. Movimentos de direita na América Latina são analisados em dossiê, s/p.

<sup>568</sup> MONCAU. Movimentos de direita na América Latina são analisados em dossiê, s/p.

<sup>569</sup> MONCAU. Movimentos de direita na América Latina são analisados em dossiê, s/p.

<sup>570</sup> MONCAU. Movimentos de direita na América Latina são analisados em dossiê, s/p.

<sup>571</sup> AÑEZ *apud* AFP. A Bíblia volta ao Palácio, s/p.

<sup>572</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 07.

<sup>573</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>574</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>575</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 237.

<sup>576</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 07.

<sup>577</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 16.

controle das existências, em especial, rivalizadas com a dita “aparência natural do mundo”<sup>578</sup>. Revestidos de uma imperfeição colonial, replica-se o corolário de, *há muito, existir a espera do grande Messias, dado que herdamos de Portugal o sonho de nos tornarmos um grande império denominado, a priori, pelo padre Antônio Vieira de “Quinto Império” e, séculos depois, pela ditadura militar como “Brasil Grande Potência”*<sup>579</sup>. Não ironicamente no que concerne ao “Messias Bolsonaro” e seu apreço irrestrito ao Golpe Militar de 1964, ali, vendeu-se a *ficção de um Brasil grande: novo, otimista, harmônico, com um arsenal tecnológico passível de desenvolver o país no plano econômico e nas influências de comércio exterior*<sup>580</sup>.

Na baliza dessa ficção<sup>581</sup>, urge uma *cosmovisão específica direcionada ao suposto “cidadão de bem” pertencente a uma comunidade pretendida “virtuosa” em que existe a Igreja enquanto comunidade de fiéis e o Mundo, sendo esse o exterior à Igreja e pertencente ao aspecto semântico do que é demonizado*<sup>582</sup>. Já no viés autoritário e militarizado caro ao Bolsonarismo, *há os militares e o civis, sendo os primeiros os virtuosos ou também no caso dos condomínios luxuosos da Barra da Tijuca, a lei que só é aplicada àqueles que estão para além de seus muros*<sup>583</sup>, à maneira, sobretudo, da violência policial nas favelas. Dessa forma, as questões ego e teopolíticas que estou evocando são justamente a criação/perpetuação de dualidades políticas em que os inconvenientes, ou melhor, todos aqueles que se *interpõem ao cidadão de bem e a realização irrestrita de seus desejos, gozos e necessidades são tornados, por eles, inimigos*<sup>584</sup>.

---

<sup>578</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>579</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 16.

<sup>580</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>581</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>582</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>583</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>584</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

A exemplo dessas dualidades, menciono: nós LGBTQIAP+, como eu e Silvano, as feministas, os movimentos negros e indígenas, os sindicatos, os professores<sup>585</sup> ou *formações-em-coletividades*<sup>586</sup> direcionadas à construção de muitos mundos possíveis<sup>587</sup> em que corpo-geo-grafias políticas pluriversais<sup>588</sup> possam co-existir<sup>589</sup> harmonicamente. O Bolsonarismo angaria, no sentido estrito e corriqueiro do termo, isto é, destituído da semântica pós-estruturalista derridiana, *a desconstrução de quaisquer formas de coletividades*<sup>590</sup> que desvirtuem ou subvertam suas dualidades coloniais por excelência. Do ponto de vista histórico, a colonialidade, imbricada a base ideológica dos paradigmas hegemônicos alimentados e replicados pelo Bolsonarismo, *ancorou seu fundamento basilar na teologia, ou melhor, na teopolítica do conhecimento*<sup>591</sup> em que a imagem de um “Deus universal” cristão se situaria *como o fiador dos saberes*<sup>592</sup>, ou seja, o núcleo essencial de *tudo para todos*.

Essa teologia, por sua vez, *foi o marco cosmológico generalizado a partir do qual específicos agentes sociais se comprometeram no intuito de criar instituições, como os mosteiros, igrejas, universidades e, em especial, os Estados*<sup>593</sup>. *A posteriori*, já no século XVIII<sup>594</sup>, a teologia cristã perderia seu lugar de destaque ao ceder à filosofia secular<sup>595</sup>, à egopolítica, o protagonismo nas relações assimétricas de poder subvertendo o papel essencial de “Deus” à razão/ciência<sup>596</sup> realizada pelo “Homem” (em letra maiúscula, dado que esse protótipo existencial está circunscrito

---

<sup>585</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>586</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>587</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>588</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

<sup>589</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>590</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>591</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>592</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>593</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>594</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>595</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>596</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

pelo que tratei no subtítulo 1.2 através da “aparência natural do mundo”<sup>597</sup>). Com isso, centralizou-se a ego<sup>598</sup> (formatada em bases cartesianas do *pensar para existir*<sup>599</sup>) em detrimento à teo<sup>600</sup> (no bojo do controle das almas justapostas *ao medo do fogo do inferno*) e, então, correlacionadas, operaram no sentido de *juntar forças para os controles epistêmicos e políticos da matriz colonial ao cotejar estruturas específicas das categorias de conhecimentos, visões de mundo e das configurações institucionais*<sup>601</sup>.

Nessa esfera, os marcos teológicos/seculares<sup>602</sup> não fizeram outra coisa senão relegar ao esquecimento, ao segundo plano ou à quase inexistência as inscrições corpo-geoistóricas (*bios* e sensibilidades biográficas + lócus e histórias locais) e seus fundamentos<sup>603</sup>. Em primordial, àquelas concernentes aos sujeitos, no sentido do assujeitar-se, aos processos coloniais de racialização – tal qual venho, desde o início deste primeiro capítulo, elucidando à luz da obscuridade do Bolsonarismo neste Brasil imperfeito desenhado, a princípio, pelo meu Silviano. Em suma, a união entre as teo e egopolíticas *colocou entre parêntesis o corpo na práxis epistemológica ao localizá-la, primeiro, em Deus e, em seguida, na mente/razão deixando de lado aquilo que fora considerado “secundário”, como os afetos, emoções, desejos, raivas e humilhações*<sup>604</sup> preponderantes, na minha perspectiva descolonial, à *fisiologia composicional*<sup>605</sup> de qualquer *episteme*.

---

<sup>597</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>598</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>599</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>600</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>601</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>602</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>603</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>604</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 37.

<sup>605</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14.

Quase como um espelhamento colonial ao que se lê no Brasil bolsonarista do hoje, à época (século XVIII)<sup>606</sup>, esses agentes sociais brancos e europeus<sup>607</sup> elegeram, enclausurados em seus próprios termos, o que seria ou não correto para eles e para o resto do planeta assumindo<sup>608</sup>, por consequência, o papel de *pseudo-responsáveis, criadores e distribuidores daquilo tornado “conhecimento universal”*<sup>609</sup>, sendo esse exterior a qualquer horizonte corporificado. De maneira pluriversal à descorporificação inculcada nos preceitos modernos/coloniais teo e egopolíticos, as epistemologias do Sul<sup>610</sup> emergem, também, no intuito de fincar, de uma vez por todas, a importância de reinscrever nossos corpos<sup>611</sup> e sensibilidades de pesquisadores que refletimos *a partir do* outro lado da linha<sup>612</sup> e, por extensão, experivenciarmos a matriz colonial de poder em nossas próprias carnes de gente-fronteiriça.

Os saberes *suleados* se projetam como um alerta reafirmando seu trato com os conhecimentos implicados nessas nossas lutas<sup>613</sup> de re-existências<sup>614</sup> contra as opressões<sup>615</sup>. À revelia das teo e egopolíticas, destituídas dos sangramentos que escorrem das exterioridades tendo em vista suas predileções pela óptica, primeiro, de um “Deus universal”<sup>616</sup> e, depois, de um *sujeito racional epistêmico, não concreto, tampouco, empírico*<sup>617</sup>, o Sul global *materializa, corporiza em corpos concretos, sejam coletivos ou individuais*<sup>618</sup>, esses saberes que emergem de todos os lados das bordas,

---

<sup>606</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>607</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 37.

<sup>608</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 37.

<sup>609</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 37.

<sup>610</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>611</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>612</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 35.

<sup>613</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.

<sup>614</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>615</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.

<sup>616</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

<sup>617</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>618</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

margens, periferias e fronteiras. Objetiva-se, então, apregoar suas inscrições *outras* no mundo moderno, colonial e imperialista bem como tracejar os desafios<sup>619</sup> e as perspectivas de futuros mais igualitários a nós e aos nossos – em especial, na égide desse Brasil, em parte, bolsonarista altamente contaminado por uma única visão de mundo<sup>620</sup> teo e egopolítica que se retroalimentam politicamente.

Ainda que eu possua a autorreflexão<sup>621</sup> de que minha escrita desenhada nesta tese de doutoramento não dê conta, por si mesma, de resolver todos os problemas aqui tracejados, percebo, *ao mesmo tempo*, que minhas reflexões se contornam não só com base *em corpos vivos empreendendo lutas contra as opressões*<sup>622</sup> surgidas de todos os lados destes trópicos, mas, sobretudo, da minha própria inscrição corpo-geo-gráfica permeada, ora pela semelhança ora pela diferença, pelo meu mineiro Silviano. Só posso fazer o que eu quero<sup>623</sup>, a tese que objetivo, a proposta *outra* de país que ensejo, se o fizer *a partir dos corpos sociais também como grupos, classes, povos, nações*<sup>624</sup> etc. que portam lutas *pari passu* ao fato de sofrerem nas suas *próprias individualidades, também formadas-em-coletividades*<sup>625</sup>, para me valer do exposto por Silviano, *que re-existem*<sup>626</sup>.

Por isso, outrora neste subtítulo senti a necessidade de sinalizar o porquê da minha escrita emergir com base na dissidência sexual LGBTQIAP+ bem como tornar explícito que tenho o sobressalto teórico de que minha escrita, por mais que eu queira,

---

<sup>619</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>620</sup> Utilizo o termo “visão de mundo” propositalmente em contraponto ao que Walter Mignolo formula em “Desafios decoloniais hoje” (2017) como “sensibilidade de mundo”. À primeira, no bojo do debate aqui empreendido, coadunam-se as teo e egopolíticas modernas/coloniais. Quanto à segunda, revestem-se as inscrições corpo e geo-políticas no sentido de trazer à voga discursiva as sensibilidades biográficas e as histórias locais de nós, pesquisadores do Sul global que empreendemos nossas teorizações com base em uma perspectiva *outra*, de viés descolonial.

<sup>621</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>622</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.

<sup>623</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>624</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.

<sup>625</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>626</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

não resolve, conclusa em si mesma, os problemas coloniais, a exemplo, que o Bolsonarismo cria, alimenta e replica as nossas sensibilidades biográficas e locais com base em seus critérios teo e egopolíticos. Por isso, *não aceito esquecer o corpo*<sup>627</sup> e o lugar, pois tenho a consciência *outra* de que os processos epistemológicos não se abalizam única e exclusivamente por meio de *kits racionais*<sup>628</sup>, isto é, apenas pelo crivo da razão/ciência<sup>629</sup> moderna pseudo-universal. *Não existimos porque pensamos, mas, sim, somos de onde pensamos*<sup>630</sup>, ademais, constituímo-nos pelo imbricar de tudo aquilo que nos atravessa, sejam os lugares geoistóricos e epistemológicos, as muitas gentes pluriversais, os afetos e desafetos, as inseguranças, mágoas, raivas, humilhações<sup>631</sup> e tudo mais que, des-lendo Silviano, nos *compõe fisiologicamente*<sup>632</sup> enquanto corpos dotados de sensibilidades entremeadas pelas nossas histórias locais.

À maneira que afirmei em nota de rodapé neste subtítulo, ao des-metaforizar o corpo e o lugar evoco, em minha teorização crítica biográfica fronteiraça emergida a partir do meu mineiro, ainda que não enclausurada nele por dissonâncias teóricas, *um espaço íntimo cujo cerne não está aquilatado na plêiade de subjetividades e nos loci privilegiados pelo pensamento moderno/colonial*<sup>633</sup>. À revelia do *pensar para existir*<sup>634</sup>, para o método cartesiano, situo-me, por condição descolonial, na contrariedade absoluta ao que evoco enquanto *gramática da modernidade*<sup>635</sup> e, como extensão dela, também à *gramática do poder*<sup>636</sup>, em sobressalto, no referido aos *múltiplos nós*<sup>637</sup>,

---

<sup>627</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.

<sup>628</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.

<sup>629</sup> MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 36.

<sup>630</sup> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.

<sup>631</sup> MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y libertad de-colonial, p. 37.

<sup>632</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14.

<sup>633</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>634</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>635</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>636</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>637</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

histórico-estruturais *del patrón colonial de poder*<sup>638</sup>, os quais o Bolsonarismo insiste em disseminar *sub judice* aos seus paradigmas teo e egopolíticos direcionados às exterioridades. Em outras palavras, localizo meu discurso e minha *práxis vivendi* de homem-fronteira, homo-biográfico colado à imagem que construí para mim do meu Silvano, *no espaço íntimo crivado, geoistórico-epistemicamente, no espaço fronteiriço*<sup>639</sup>.

Esse, por sua vez, perfila-se pelo *afora que foi criado, enquanto tal, pelo adentro*<sup>640</sup>. No que se relaciona aos horizontes geopolíticos mundiais, do Sul global<sup>641</sup> e sua luta de re-existência<sup>642</sup> às hegemonias do Norte; no Brasil, de nós, dissidentes e assujeitados atravessados por uma consciência *outra* de país co-existente<sup>643</sup>, pós-abissal<sup>644</sup> e ético-político para com *todos* os habitantes das bordas pluriversais que aqui delineiam-se. Nesses termos, não me bastam *as gramáticas presididas, de modo único, pela razão, lógica do pensamento moderno, retórica eurocêntrica*<sup>645</sup> ou até mesmo Terceiro-Mundista, quando imbuída de assimetrias de poder masoquistas tendo em vista a implicação dessas também nos exteriorizados que a replicam, ainda que esse fato seja ignorado, tal qual venho problematizando assentado no Bolsonarismo presente em nossos cotidianos de cidadãos brasileiros.

Em uma gramática *outra*, da fronteira<sup>646</sup>, influem-se ressonâncias do bem-viver, o *bios*, o corpo<sup>647</sup>, suas sensibilidades e histórias locais enquanto presenças

---

<sup>638</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

<sup>639</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>640</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>641</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>642</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>643</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>644</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>645</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 19.

<sup>646</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 19.

<sup>647</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.

incontestáveis<sup>648</sup> para pensarmos, nos dizeres da minha des-leitura a Silviano, as fisiologias composicionais<sup>649</sup> de nossas corpo-geo-grafias e, por extensão, a própria existência e o discurso, ambos inconvenientes<sup>650</sup>, que delas são projetadas simplesmente por existirem de modo *outro*, pluriversal à “aparência natural do mundo”<sup>651</sup> de matizes teo e egopolíticos por excelência. Na contracorrente absoluta a isso, bordejam-se os nós<sup>652</sup>, contornos, vocábulos, bases e paradigmas que respaldam e sustentam uma *gramática do poder*<sup>653</sup> implicada nas ideologias, pensamentos, retóricas e ações presidenciais de Jair Messias Bolsonaro. E, quase como um corpo prolongado de si mesmo, dos templários bolsonaristas que alimentam e reproduzem à exaustão os termos do que posso denominar também de *gramática moderna*<sup>654</sup>, colonial, hegemônica, abissal e até mesmo ego/teopolítica, dado que essa configura o pilar de sustentação do *modus operandi* do desgoverno em exercício.

De modo coerente com minhas *práxis vivendi* e epistêmicas descortinadas nesta tese, não à toa, nos idos de 2018 durante as eleições presidenciais, vi-me frente à necessidade de romper laços com pessoas que ocupavam lugar de importância em minha sensibilidade de vida<sup>655</sup>. Não apenas no que concerne às plêiades de amigos eleitos, mas, para além desses, de familiares que naquele momento de instabilidade política dos preceitos minimamente democráticos de país (se é que se pode pensar em “democracia”, na totalidade utópica, nestas terras fronteiriças sem lei), de perseguição às dissidências, das múltiplas inconveniências<sup>656</sup> proferidas por

---

<sup>648</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.

<sup>649</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14.

<sup>650</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.

<sup>651</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>652</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>653</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>654</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>655</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>656</sup> Remoro a epígrafe da introdução deste capítulo quando Silviano afirma que *em certo sentido do termo, Bolsonaro também é inconveniente, pois não se comporta como um líder de Estado que respeita a lei, a Constituição ou quaisquer modos em suas apresentações públicas*. Endossando as reflexões

Bolsonaro, há muito, nas indústrias culturais no bojo da massificação midiática de *fake news*, dentre muitos outros pontos que poderiam ser aqui problematizados, optaram pelo silêncio ou pelo endosso às ego e teopolíticas do candidato militarizado, Macho Alfa (“Homem” com inicial maiúscula) e detentor dos privilégios centralizados na dita “aparência natural do mundo”<sup>657</sup>.

A esses, retirados a fórceps da minha sensibilidade de mundo<sup>658</sup>, restou uma língua circunscrita pelos termos da sua *gramática do poder*<sup>659</sup> cuja óptica relegou a Bolsonaro e a seu movimento ideológico de extrema direita a vitória presidencial *evocando o ódio em suas manifestações públicas*<sup>660</sup>, *o ressentimento e a revanche pseudo-justificada de redenção nacional com viés religioso à última potência*<sup>661</sup>. Ademais, ao ser alvo de atentado<sup>662</sup> durante a corrida eleitoral (Figura 4), transfigurou-se em Mártir<sup>663</sup>, no intento de fazer jus ao Messias em seu nome e às ego e teopolíticas, *elevando ao grau máximo seus paradigmas religiosos e messiânicos em que, supostamente, estaria colocando sua vida no segundo plano ao se sacrificar pela nação a fim de “salvá-la”*<sup>664</sup>.

---

justapostas neste 1.3, meu mineiro explicita que *para o presidente, a Bíblia pesa mais que a Constituição*. Isto é, há uma mescla de sua obsessão religiosa à política (teopolítica) entremeadada pelo paradigma egocentrado de que sua *visão de mundo*, justamente no sentido atribuído por Walter Mignolo em “Desafios decoloniais hoje”, é a única passível de existir enquanto relevante na realidade material da nação (egopolítica). SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>657</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>658</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>659</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>660</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>661</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>662</sup> Revestido de inconsistências, no dia 06 de setembro de 2018, um mês antes do primeiro turno das eleições à presidência, Jair Bolsonaro sofreu um atentado em Juiz de Fora (MG). Ao ser carregado por apoiadores nos ombros, um homem se aproximou e o feriu com uma facada na região do abdômen. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Passados quatro anos desde a agressão, em 2022, o jornal “Estadão” publicou uma matéria investigando o que era, de fato, comprovado e o que não era (dada a explosão de *fake news* que Bolsonaro e seu gabinete do ódio descortinaram no Brasil nos últimos anos) em relação ao atentado. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/facada-bolsonaro-comprova-explica/>.

<sup>663</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>664</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.



Figura 4 – Momento em que Jair Bolsonaro é alvo da facada em Juiz de Fora (MG) no dia 06 de setembro de 2018, um mês antes do primeiro turno das eleições presidenciais

Fonte: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/facada-impulsionou-candidatura-de-bolsonaro/>

Para Bolsonaro e seus apoiadores, entrevejo que, intermediado pela perspectiva do meu Silviano de que *vivemos ainda no Brasil do pretérito imperfeito*<sup>665</sup>, naquele momento da facada, *acreditava-se que a graça divina havia intercedido em favor da nação coadunando, em uma só gramática do poder, fervor cristão, fanatização política, anticomunismo delirante e fantasmático*<sup>666</sup>, *a defesa da família patriarcal e, não menos importante, um nacionalismo tacanho*<sup>667</sup>. Somados, escreveram e consolidaram os registros modernos, coloniais e imperialistas dessa *gramática de poder*<sup>668</sup> projetada na esteira de nossas imperfeições pretéritas<sup>669</sup> e, mais do que nunca, presentes.

<sup>665</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>666</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

<sup>667</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>668</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>669</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

Lançando luz às ego e teopolíticas bolsonaristas, mascaradas de *homogeneidade nacional*<sup>670</sup>, desfere-se a premissa de que *era necessário expurgar os traidores do país, restaurar os “valores” perdidos, limpar essas terras defendendo uma faxina generalizada, dos “esquerdistas”, corruptos, transviados*<sup>671</sup> ou quaisquer outros que colocassem em sobressalto crítico sua retórica ou atitudes públicas inconvenientes<sup>672</sup>, no recorte semântico de Silviano retomado outrora por mim em nota de rodapé neste subtítulo. Nesses moldes modernos/coloniais, haverá sempre algo, ou alguém, *a ser varrido do mapa descortinando o horizonte hegemônico de que a missão bolsonarista seria a de destruir o que existe*<sup>673</sup>, ou desconstruir nas suas próprias palavras<sup>674</sup>. *Para, então, refundar o país*<sup>675</sup> crivado nos protótipos teo-egopolíticos, em pé de igualdade no plano de suas aplicabilidades no país, tacanhos e homogeneizadores de um “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e “Minha pátria é o Brasil” em que *os puros e eleitos seriam destinados a gerar uma nova espécie de pessoas específicas a salvo nesse lugar idílico criado com fim de renovar e purificar a terra*<sup>676</sup>.

Isso posto, julgo necessário sinalizar uma leitura histórica do Brasil, no âmbito do crescimento religioso-cristão nos últimos anos. Em 1970, os evangélicos e protestantes simbolizavam 5% da população<sup>677</sup>, cinquenta anos depois somam 30%<sup>678</sup> e as projeções indicam que até 2030 sua parcela ultrapassará o número de católicos<sup>679</sup>, sendo esses, até o momento, o maior grupo entre as outras religiões

---

<sup>670</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>671</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 76.

<sup>672</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>673</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>674</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 07.

<sup>675</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>676</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>677</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 59.

<sup>678</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 59.

<sup>679</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 59.

estando, contudo, em queda se comparado com o crescimento exponencial dos evangélicos<sup>680</sup>. O resgate das dimensões religiosas<sup>681</sup> do/no Brasil é sobressalente no que compete ao seu estrito uso atrelado ao Cristianismo, sobretudo pelas igrejas neopentecostais e seus interesses coloniais/imperialistas de automanutenção de poder. E, por consequência, seus *modi operandi* de controle social, subjetivo, epistêmico e, mais do que nunca, político *na* política, a exemplo do que estou problematizando a partir dos matizes ego e teo implicados no Bolsonarismo. Para esses, *controlar o Estado funciona como um desdobramento irreversível das Igrejas evocando a premissa de que ou a política em curso realiza os sinais do “Fim dos Tempos”<sup>682</sup> ou será a derrocada<sup>683</sup> dos seus artifícios teopolíticos de dominar não apenas as esferas públicas. Mas, em primordial, as privadas dos assujeitados enfocando suas subjetividades e até mesmo suas mentes no engaste retórico da culpa e do controle das almas operado no seio da ideologia que o sustenta: a punição Divina e o “medo do fogo do inferno”.*

Dessa forma, por parte dos líderes religiosos, requer-se a urgência *de um ator poderoso como o Estado*, simbolizado agora pelo Bolsonarismo, *no intento de reafirmar que a exegese pré-milenarista é a única interpretação possível das Escrituras<sup>684</sup>*, isto é, na leitura do hoje, a necessidade inquestionável da Igreja na vida social de *todos* os brasileiros. Diante desse viés teopolítico, justifica-se o interpolado pelo meu mineiro<sup>685</sup> quando tensiona que *as manifestações de rebeldia, luta e pleito<sup>686</sup> dos cidadãos em detrimento dos três poderes emergem nos panoramas sociais se transformando em gritos de liberdade mais agressivos por entenderem que suas vidas*

---

<sup>680</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 59.

<sup>681</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 59.

<sup>682</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 66.

<sup>683</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 66.

<sup>684</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 66.

<sup>685</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>686</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

*estão em perigo*<sup>687</sup>. Substituindo os dizeres, entrevejo mais do que nunca que, sim, nossas vidas fronteiriças e dissidentes se encontram em risco justamente por existirmos enquanto tal, no afora<sup>688</sup> – a exemplo do que mencionei neste subtítulo acerca do medo sentido por mim e pelos meus quando anunciada a vitória do “Messias” nas eleições presidenciais. Isto é, à revelia dos paradigmas autoritários religiosos-cristãos de homogeneização nacional<sup>689</sup> por vias dos seus próprios construtos coloniais, modernos e imperialistas, ao levarmos em conta, inclusive, suas buscas incessantes pelo capital através dos fiéis<sup>690</sup>.

Nessa seara, *há uma confluência entre o que é proferido por Bolsonaro e o que está situado nas mentes dos bolsonaristas*<sup>691</sup> ao apontar para uma *prolongação da igreja no governo, da moral religiosa na política Estatal*<sup>692</sup>, fundamentando, por acréscimo ideológico, o que defendo nesta tese enquanto a teopolítica em exercício no nosso Brasil do presente imperfeito crivado pelo que Silvano explicitou enquanto os nossos “nós”<sup>693</sup>, cujo desenvolvimento crítico biográfico fronteiriço elevei para a égide dos nós histórico-estruturais heterogêneos *del patrón*<sup>694</sup> no subtítulo 1.2.

---

<sup>687</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>688</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>689</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 76.

<sup>690</sup> A exemplo, evoco duas ilustrações acerca da busca incessante das Igrejas, especialmente as protestantes/neopentecostais, pela extorsão de dinheiro dos fiéis ao operarem retóricas salvíficas e/ou culpabilizadoras tentando construir patrimônios através de suas práticas criminosas.

“Pastor evangélico é investigado por aplicar golpes de cerca de R\$ 3 milhões em fiéis e igreja”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/20/pastor-evangelico-e-investigado-por-aplicar-golpe-e-de-cerca-de-r-3-milhoes-em-fieis-e-igreja.ghtml>

“Casal suspeito de lavagem de dinheiro em igreja é preso em condomínio de alto padrão em Sorocaba”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/02/14/casal-de-pastores-suspeito-de-lavagem-de-dinheiro-e-presos-em-condominio-de-alto-padrao-em-sorocaba.ghtml>

<sup>691</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 61.

<sup>692</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 61.

<sup>693</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>694</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

Novamente a partir do meu mineiro, *para Bolsonaro, a Bíblia pesar mais que a Constituição*<sup>695</sup>, *esboroam-se os limites entre os âmbitos públicos e privados*<sup>696</sup> *uma vez que os paradigmas intermediados pelo “credo” invadem e inundam a política*<sup>697</sup> e, por consequência, as políticas públicas que dela deveriam emergir, sobremaneira, àquelas direcionadas aos grupos minoritários fragilizados. Como, por exemplo, à criminalização da homofobia equiparada ao racismo, a qual abordei no subtítulo 1.2 ao considerar minha inscrição corpo-geo-gráfica LGBTIQAP+ sul-fronteiriça no ensejo de prezar pela minha vida e as dos amigos eleitos que me cercam. Nessa seara, pela chancela da teo (um único “Deus” acima de *tudo* e de *todos*) articulada, ao mesmo tempo, pela ego (a figura do “Homem” *natural do mundo*<sup>698</sup> e a razão que com base *nele* é projetada), *busca-se universalizar um padrão moral*<sup>699</sup>, isto é, *o próprio*<sup>700</sup>: cristão, branco, masculino, heterossexual, patriarcal, militarizado, nacionalista e capitalista.

Delineiam-se, portanto, *batalhas por corpos, corações e mentes*<sup>701</sup> construindo linhas divisórias<sup>702</sup> polarizadas e revestidas de binarismos aos moldes do que, há muito, a *gramática da modernidade*<sup>703</sup>, alcunhada pelas teo e egopolíticas, vem nos introjetando. O Bolsonarismo, em sua gênese, *dialogou com os estratos da população que se sentiam incomodados*<sup>704</sup> *com as inconveniências*<sup>705</sup> *corpo-geo-gráficas nos muitos aforas*<sup>706</sup> *que por aqui re-existem*<sup>707</sup>. Em suma, as alterações de costumes

---

<sup>695</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>696</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>697</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>698</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>699</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>700</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>701</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>702</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>703</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>704</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>705</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

<sup>706</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>707</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

advindas das mudanças no decorrer das épocas<sup>708</sup>, em específico, através de governos de esquerda (tais quais os de Lula e Dilma), os desejos incessantes de restaurar ideologias patriarcais imbuídas das hierarquias de gênero<sup>709</sup>, a hegemonia do casamento heterossexista<sup>710</sup>, os pressupostos religiosos acerca das condutas existenciais<sup>711</sup>, a educação altamente militarizada e autoritária<sup>712</sup> etc.

Rememoro, então, o exposto no início deste subtítulo: por que *o meu país é um corpo que dói?*<sup>713</sup> Ou ainda, seria o Brasil do hoje, atravessado pelas irrupções teo e ego bolsonaristas, um corpo descorporificado? Nessa clave, alcunhada por paradigmas coloniais de que apenas corpos (*bios*) e lugares (*loci*) específicos importam para a “velha política” Estatal e, por extensão, para a *gramática do poder*<sup>714</sup> vigente, que entrevejo a zona, também exteriorizada, impelida ao corpo. Em especial, dos habitantes de *loci* geohistórico-epistemológicos longínquos aos centros nacionais/mundiais e, mais ainda, dos que subvertem a “aparência natural do mundo”<sup>715</sup>, como eu e Silviano a exemplo, por nossas dissidências perlaboradas por múltiplas especificidades existenciais, à maneira, também, das muitas outras já evocadas neste trabalho. Dessa feita, defendo a premissa *outra* de que alguns corpos, com suas sensibilidades e localizações características, encontram-se mais suscetíveis do que outros às violências<sup>716</sup> atroztes perpetradas pela despolítica hegemônica bolsonarista.

---

<sup>708</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>709</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>710</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>711</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>712</sup> ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 62.

<sup>713</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

<sup>714</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>715</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>716</sup> No subtítulo 1.4, subsequente a este, darei prosseguimento ao debate corpo e geopolítico no engaste teórico e material de que alguns corpos específicos situados em espaços também particulares estão mais suscetíveis à exteriorização, ou seja, ao espaço fronteiro. Nessa égide, discutirei descolonialmente, a partir da pandemia de COVID-19 iniciada em 2020, como a própria quarentena, aos moldes geopolítico globais, desenhou um Sul em seu horizonte de morte amplificado por despolíticas públicas direcionadas, de maneira quase que exclusiva, aos *bios* e *loci*, sejam nacionais

O corpo é passível de ser assassinado, torturado, partido, violentado, silenciado, expurgado e desaparecido. E, por sua vez, pensa, sente e sofre a partir de um recorte particularista situado, uma vez que está a reboque dos poderes Estatais, religiosos, epistemológicos modernos, dos preconceitos, das assimetrias etc. Há, portanto, uma *coisa*, ou um poder, hierarquizado em relação a esses corpos exteriorizados e racializados que os maltrata sem precedentes, hoje, pelo intermédio de uma velha política intentada a perseguir *tudo aquilo* que subverte seu eixo matriz teo e egopolítico por excelência. Com isso, vem-me à tona o corolário de que essa velha política, realizada pelo “Messias”, não nos cabe, pelo contrário, empurra-nos cada vez mais para o afora<sup>717</sup>, para a borda, para a localidade fronteiriça em relação à totalidade do país que, queiram ou não, também nos pertence em igualdade. Nesse intento, consigo empreender, de uma perspectiva descolonial apregoada em um bem-viver coletivo, que, o corpo, em si mesmo, compete a uma própria forma de minoria, visto que é ele quem paga o preço das irrupções virulentas, é ali que mais padecemos, somos picados, picotados e, por extensão, matados.

Nesse corolário de desprezo à competência corporificada do indivíduo, em sobressalto, “do outro” dissidente, rememoro a competência primordial das epistemologias do Sul<sup>718</sup> que balizam meu *modus operandi e vivendi* não apenas para pensar com base em uma perspectiva *outra* nesta tese. Mas, sobretudo, de existir na nação pretérita e imperfeita<sup>719</sup> brasileira em aliança à figura discursiva do Silviano que construí para mim a fim de elucubrar nossas especificidades corpo e geopolíticas pluriversais<sup>720</sup>, ainda que, em diversos momentos, em desarmonias teóricas com meu

---

ou mundiais, alcunhados na própria interioridade hegemônica. Em outros termos, a premissa de que *alguns* corpos importam, enquanto *muitos outros* são dispensáveis e desprezados.

<sup>717</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>718</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>719</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>720</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

co-partícipe. Isso posto, entrevejo que não angario apenas refletir melhor pela crítica biográfica fronteira, quero, então, que eu, Silviano, meus amigos eleitos, minha família, meus colegas de grupo de pesquisa, os rapazes nos quais já encontrei ressonâncias amorosas, enfim, *todos nós* que habitamos as exterioridades, possamos viver melhor em condições dignas de um bem-viver projetado em coletividades não-hegemônicas que se pretendam pós-abissais e co-existentes.

Minha teorização se engasta, portanto, nunca por uma visão, no singular, de mundo<sup>721</sup>, pelo contrário, dá-se pelas muitas sensibilidades de mundos<sup>722</sup> possíveis e co-existentes justapostas na pluriversalidade<sup>723</sup> irrestrita a quaisquer universalizações abstratas e homogeneizadoras, à moda do que o “Messias” em exercício tem trabalhado para efetuar nestas terras entremeadas pelo sofrimento das periferias epistêmicas há quinhentos anos. Clivado por essas epistemologias do Sul<sup>724</sup> que se desenham nos tracejos das múltiplas fronteiras que por aqui existem e se transmutam, coaduno que no referente *ao nosso sofrimento e aos nossos gritos não se fazem diferenciação entre saberes, ética e política, visto que é na operação da partilha e da solidariedade que se imbrica a uma ética do cuidado*<sup>725</sup> conosco e, em pé de igualdade, com esses muitos outros que existem, e devem existir tal qual são, nos muitos confins fronteiros aquilatados nas estruturas continentais geostóricas do Brasil.

Angaria-se, na contracorrente absoluta à “velha política” retroalimentada pelo Bolsonarismo, *a politização à experiência presente do sofrimento implicada as experiências reais virulentas e da injustiça justapostas aos valores de dignidade que*

---

<sup>721</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>722</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>723</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

<sup>724</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>725</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

*foram derrotados, rejeitados ou colocados em segundo plano*<sup>726</sup>. Ainda que, mesmo assim, estejam *visceralmente vivos e reconfortantes*<sup>727</sup> na matriz fulcral de nossas existências *outras*, pluriversais<sup>728</sup> e dissidentes, isto é, em nossas sensibilidades biográficas entremeadas às nossas histórias locais de gente fronteira que pensa a *partir do outro lado da margem*<sup>729</sup> pelo chancelar de corpo-geo-grafias políticas re-existent<sup>730</sup> às mais variadas formas de dominação moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo em cena.

Na égide desse cenário, retomo um questionamento<sup>731</sup> de Boaventura de Sousa Santos em *O fim do império cognitivo* (2019): por que, mesmo depois de tantas atrocidades cometidas pelos agentes da interioridade<sup>732</sup>, do século XV até os dias de hoje<sup>733</sup>, com tantas barbáries, sofrimento, destruição de vidas, culturas, humilhações, esquecimento de memórias coletivas, experiências, negações de vidas melhores a todos, ainda sim, continuamos a re-existir<sup>734</sup> nos recusando a renunciar às lutas pela dignidade humana coletiva?<sup>735</sup> Volto-me, novamente, às questões explicitadas por mim através de Silviano no subtítulo 1.2 desta tese: *como desatar os nós?*<sup>736</sup> Inclusive, quando empreendemos pela perspectiva descolonial de que, no *modus operandi* de uma matriz colonial de poder, o corpo politizado se delinea enquanto o nó em si mesmo? Ademais, *voltaremos a habitar a nação que sempre vivemos, o Brasil do pretérito imperfeito?*<sup>737</sup> Face a esse cenário de problematizações, retorno ao urgir da

---

<sup>726</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>727</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>728</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 303.

<sup>729</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.

<sup>730</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>731</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.

<sup>732</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.

<sup>733</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.

<sup>734</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>735</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.

<sup>736</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 165.

<sup>737</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 173.

corpo e da geopolítica enquanto vetores de disseminação fronteiriça *daquilo tudo que foi simplesmente ignorado pelo pensamento moderno*<sup>738</sup>, esse, por sua vez, replicado pelo Bolsonarismo quando deslindamos que modernidade/colonialidade<sup>739</sup>, ainda que mascaradas, são facetas de uma mesma moeda hegemônica.

Nessa chave, entendo minha teorização aqui gerida nos arrabaldes geopolíticos do Terceiro Mundo, na ancoragem fronteiriça de Mato Grosso do Sul, no chancelar de uma universidade periférica e no bojo do meu corpo homo-biográfico dissidente enquanto o *lançamento de uma resposta epistemológica não só ao “Primeiro Mundo”*<sup>740</sup> globalizado. Em primordial, a este “Primeiro Mundo” (entre muitas aspas) alimentado pelo Bolsonarismo no seio de uma pseudo-interioridade nacional atravessada por múltiplos privilégios<sup>741</sup> sexuais, raciais, de gênero, epistêmicos, econômicos, institucionais e religiosos que, em outras palavras, acabam por tracejar, aos moldes da interioridade colonial, os paradigmas ego e teopolíticos que, aqui retroalimentados de maneira equiparada, parecem-se, do meu viés *outro*, bairristas, provincianos e destituídos de quaisquer autorreflexões<sup>742</sup> por parte daqueles que os endossam nestes trópicos fronteiriços, seja no âmbito do próprio Messias ou no que compete aos seus templários implacáveis na defensiva irrestrita de suas *práxis* de dominação e desprezo às pluriversalidades existentes no Brasil.

Em minha escrita corporificada nesta tese conceitual alcunhada pelas especificidades corpo-geo-gráficas políticas respaldadas em mim e nos muitos outros que me fizeram ser o pesquisador que hoje sou, recupero, como condição *sine qua non* descolonial, *as presenças dos bios + geo + história ancoradas nas bordas das*

---

<sup>738</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.

<sup>739</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>740</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>741</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>742</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

*muitas exterioridades criadas enquanto tal pela geo-política dominante*<sup>743</sup>, em específico, neste Brasil pretérito imperfeito<sup>744</sup>. Ao distinguir radicalmente minhas corpo e geo-políticas das teo e egopolíticas<sup>745</sup> crivadas no Bolsonarismo, entrevejo o endosso por aqui ao que se verteu na *práxis* moderna/colonial enquanto a *separação do corpo e alma (teo) e do corpo e mente (ego) relegando ao primeiro a esfera vilipendiada do esquecimento, irreflexão, desprezo e oblvio*<sup>746</sup>. Conceitualmente, aloco a corpo-política na pluriversalidade absoluta, na subversão do apogeu da filosofia moderna, ou seja, o *cogito* cartesiano: *penso, logo existo*<sup>747</sup>.

Corpo-politicamente, quero, cada vez mais, desenrolar os muitos *nós*<sup>748</sup> coloniais, cotejados por Silviano e aqui problematizados por mim, *tratar desses corpos que foram desprezados e ignorados pela modernidade/colonialidade ao nos converterem à clave de corpos inexistentes*<sup>749</sup>. Logo, para o *penso, logo existo*<sup>750</sup> aposto inconscientemente nos exercícios bolsonaristas, não somos, em nenhuma instância, relevantes ou consideráveis para as políticas públicas do seu desgoverno, mas, sim, *corpos “outros” relegados ao âmbito esquecido da exterioridade*<sup>751</sup>. Vou além, *compomos um grupo de corpos bárbaros, incivilizados*<sup>752</sup> e *inconvenientes*<sup>753</sup>, nos termos do meu Silviano, *pela mirada imperial que, de maneira consciente, não quer ver o outro lado da fronteira*<sup>754</sup>, pois escolhe ignorá-la. Revisto-me, como premissa basilar de uma teorização crítica biográfica fronteiriça, dessas corpo-geo-

---

<sup>743</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>744</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>745</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>746</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>747</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>748</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>749</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.

<sup>750</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>751</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>752</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>753</sup> SANTIAGO. 'Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución', s/p.

<sup>754</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

grafias dispensadas e abandonadas *pelo lado escuro da modernidade/colonialidade*, *aproximo-me dos corpos outros epistêmicos* no intento de gerir *minha epistemologia descolonial aquilatada em um fazer também descolonial* cujo resultado é provido pela *teorização*<sup>755</sup> aqui demarcada pelas realidades virulentas que me cercam no cotidiano pretérito brasileiro.

Nesse preciso sentido, *a teologia cristã e a egologia, envoltas pelo cogito cartesiano, ocuparam-se de tornar invisíveis quaisquer corpo e geo-políticas no que compete ao pensamento enquanto saber*<sup>756</sup> e, sobretudo, nas próprias existências dessas enquanto realidades materiais relevantes – o que o Bolsonarismo em curso vem se comprometendo a levar à exaustão. *Habitamos o mesmo país, mas não compartilhamos os mesmos processos*<sup>757</sup> coloniais; a mim, infere-se com uma especificidade, à mulher negra periférica com outra, à travesti obrigada a se prostituir para sobreviver com outra, aos povos originários com outra, enfim, não experienciamos do/no corpo as mesmas marcas hegemônicas, ainda que habitemos as mesmas fronteiras geoistóricas e epistêmicas. As políticas de conhecimento teológico (Renascimento)<sup>758</sup> e egológicas (Iluminismo)<sup>759</sup>, geridas no lócus europeu aos seus próprios habitantes e exportadas para estes tristes trópicos pretéritos, *encarregaram-se de suprimir quaisquer sensibilidades e localizações geoistóricas dos corpos*<sup>760</sup>, ou melhor, as configurações pluriversais das corpo-geo-grafias políticas dessas muitas exterioridades que grassam das bordas e dos seus pontos de contato ignorados pela “velha política” Estatal.

---

<sup>755</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.

<sup>756</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>757</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>758</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>759</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>760</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

Ao fazê-lo, incumbiram-se, *à la* Bolsonarismo em torno de seus paradigmas nacionalistas tacanhos, militarizados, capitalistas, cristãos, masculinizados, heterossexistas, patriarcais etc., *de proclamar universais suas práxis de supressão*<sup>761</sup>. Tal qual expus no bojo de uma contrarresposta do “Terceiro”<sup>762</sup> ao “Primeiro Mundo”<sup>763</sup>, a epistemologia fronteira, que alicerça toda e qualquer reflexão aqui erigida, *é nossa devolutiva, “de outros”*<sup>764</sup>, ao “si-mesmo” no reafirmar de que não nos submeteremos a ele, *ainda que não possamos evitá-lo por completo*<sup>765</sup>. Transformando os já evocados dizeres do meu Silviano, *enquanto inconvenientes, desenquadrámos as normativas sociais e políticas autoritárias, saímos de nossos armários em coletivo extrapolando os lugares de reclusão que direcionaram a nós, resguardamo-nos de formas outras de ser desenquadrando o hoje e nos agarrando à esperança de dias melhores sem os preconceitos políticos que padecem em nossas carnes*<sup>766</sup>.

Ao fazê-lo, recuperamos nossos corpos e, por consequência, nossas corpo-geo-grafias políticas, que, quando considerados, *foram fixados como “objetos” do conhecimento extrínsecos ao entorno do binômio sujeito/razão*<sup>767</sup>, debatido por Aníbal Quijano. Com isso, perfilou-se a *objetificação do corpo como natureza o expulsando da esfera do espírito no implicar da racionalidade eurocêntrica cuja matriz descortinou a ideia de “certas raças” serem consideradas “inferiores” por, em tese, não comporem “sujeitos racionais”*<sup>768</sup>. Supostamente justificado pelo argumento em pauta, *converte-*

<sup>761</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>762</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

<sup>763</sup> Entendo que o suposto “Primeiro Mundo” não se situe, exclusivamente, na localização geográfica do Norte Global, pois engloba seu para-além no chancelar de *práxis* modernas/coloniais exercidas nas margens periféricas terceiro-mundistas, a exemplo do que estou problematizando a partir do Bolsonarismo.

<sup>764</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>765</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>766</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>767</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

<sup>768</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

se a lógica de sermos dominados ou explorados por localizarem nossos corpos mais próximos à natureza passível também de ser abusada<sup>769</sup>, temática essa que será aprofundada no subtítulo a seguir (1.4) pautado na pandemia de COVID-19 e a forma como o capitalismo imperial finca suas artimanhas de comando e domínio no meio ambiente sem quaisquer precedentes de futuros possíveis em harmonia com o que nos cerca de todos os lados.

À guisa do que já problematizei com base em cânticos bolsonaristas entoados aos quatro ventos, o dito “Messias” não se incomoda em replicar o *mito do estado de natureza e da cadeia dos processos “civilizatórios” que fundaram a civilização europeia, isto é, a visada de que algumas raças estão mais próximas à natureza que os brancos*<sup>770</sup>, machos, cristãos, capitalistas etc. e, portanto, são passíveis de expurgo<sup>771</sup> à exaustão sem precedentes. Face ao cenário exposto, justaponho duas premissas diferenciais em seus âmagos; a primeira, já debatida neste subtítulo, evocada por Walter Mignolo na esteira de Frantz Fanon: “Ô meu corpo, faça de mim um homem que questiona!”<sup>772</sup>; a segunda, deslindada por Quijano à luz das propostas liberais latino-americanas: “Bárbaros, as ideias não se degolam!”<sup>773</sup>. Àquela, atravessa-se a percepção basilar da epistemologia fronteira<sup>774</sup>, o inscrever biográfico<sup>775</sup>, no caso específico, do corpo negro no Terceiro Mundo *ao cravar uma política outra arraigada pari passu no corpo racializado*<sup>776</sup> e nas histórias locais demarcadas pela colonialidade experienciada<sup>777</sup>.

---

<sup>769</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

<sup>770</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

<sup>771</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

<sup>772</sup> FANON *apud* MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>773</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>774</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>775</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>776</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>777</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

Quanto à premissa arrolada pelo intelectual peruano, infere-se o desígnio *de que as ideias devem ser respeitadas, porém, o corpo, em si mesmo, é suscetível de ser torturado, triturado e morto*<sup>778</sup>, assim como Marielle Franco e muitos outros foram nestas terras pretéritas; essa, *ao ser um corpo que questiona*<sup>779</sup>, grita e luta por políticas públicas igualitárias aos dissidentes, fora assassinada a sangue frio. Grosso modo, o impelido pela “aparência natural do mundo”<sup>780</sup> que nos desgoverna não ofereceu respeito nem às ideias<sup>781</sup>, nem ao corpo<sup>782</sup> de Marielle, ao passo que a Jair Bolsonaro, quando alvo de atentado, resguardou-se o símbolo de “Mártir da nação” cuja presença naquele lugar específico quase às vésperas das eleições presidenciais lhe concedeu a insígnia de “salvador da pátria” em relação ao suposto “desfazimento”<sup>783</sup> do país que os conservadores acreditavam veemente estar em curso. A *inconveniência*<sup>784</sup>, implicada nas corpo e geo-políticas de Marielle enquanto vereadora de esquerda, habitante da periferia, mulher, negra e bissexual, acabou, na crítica realizada pelo meu mineiro, por *desenquadrar normativas sociais, políticas em exercício e as hipocrisias sociais que nos entremeiam*<sup>785</sup>.

Em suma, a noção de que o corpo de Jair Bolsonaro, agente principal da dita “aparência natural do mundo”<sup>786</sup>, tem, indiscutivelmente, maior peso, relevância e existência, enquanto realidade material, do que o de Marielle assassinada. Essa, por sua vez, fora tornada mera “natureza”<sup>787</sup> não sendo “só” dominada e explorada, mas, sobretudo, morta pela “velha política” em curso nas imperfeições pretéritas da suposta

---

<sup>778</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>779</sup> FANON *apud* MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>780</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>781</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>782</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>783</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. *Introdução*, p. 17.

<sup>784</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 17.

<sup>785</sup> SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 17.

<sup>786</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>787</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

“nação salva pelo Messias” transmutado em “monumento patriótico” nas mentalidades de seus seguidores implacáveis. Isso nos desvela um horizonte generalizado de que nossos corpo-geo-grafias *outras* não têm valor, significado, merecimento ou sequer misericórdia; aos que nos dominam, não importam as agressões sofridas por uma vida inteira de sobrevivência e re-existência<sup>788</sup>, desconsideram as ofensas destinadas a mim enquanto um corpo dissidente habitando um espaço público por performar meu gênero à revelia do que endossam como a única forma de ser “Homem”, bem como desprezam as ofensas escolares por me comportar de modo subversivo às leis masculinas.

E, ainda, não ponderam sequer o medo de sermos mortos, tal qual Marielle, quando Jair Bolsonaro fora condecorado com o título de presidente da República, expurgam nossas formas de homo-afetividades, ainda que casais heterossexuais o façam à última potência em quaisquer ambientes públicos, ignoram nossos temores por rejeições familiares apenas por sermos quem somos, enfim, o arrolamento de questões é quase infundável e toca, pelo menos em mim, no que me é mais genuíno. No ato de, orgulhosamente, revestir-me das minhas corpo-geo-grafias dissidentes e inscrevê-las nesta tese de doutoramento estancada em sangue jorrante ao mesmo tempo que vivo atravessado por um fazer também descolonial, teorização e prática se mesclam em mim. *Proclamaram universais suas práxis hegemônicas, contudo, reafirmo minha não-submissão, mesmo sabendo da impossibilidade de evitá-las<sup>789</sup> por completo, padeço, então, na carne<sup>790</sup>*, como explicitou Silviano, à maneira do *meu país, também sou um corpo que dói<sup>791</sup>*, por mim, pelos meus e, em particular, pela

---

<sup>788</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>789</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>790</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>791</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

minha mãe e seu medo pujante sempre que piso meus pés no mundo exterior aos confins do que posso chamar de lar.

Em suma, na égide das inscrições biográficas as quais me desnudei a partir das minhas feridas abertas para elencar nesta *práxis* epistemológica e, ao mesmo tempo, *vivendi*, entrevejo que o que está em jogo nas políticas ego e teológicas bolsonaristas e, por extensão, nesses *nós*<sup>792</sup> coloniais e *imperfeições pretéritas*<sup>793</sup>, evocados por Silviano, são justamente *as formas de controle*<sup>794</sup>, *em especial, no que compete a tudo aquilo associado à natureza*<sup>795</sup>. Em uma especificidade latente: *os corpos, ou melhor, os corpos dos dominados*, à maneira debatida por Quijano, *intenta-se que o corpo não compete à razão divina, mas ele quem é explorado, torturado*<sup>796</sup> e *onde se concentram elementos caros à fisiologia composicional*<sup>797</sup> do homem, isto é, *a dor, fadiga, fome e, mais do que nunca, o desejo*<sup>798</sup>. Logo, quando se traz à voga o cântico liberal latino-americano de que *as ideias não se degolam*<sup>799</sup>, expressa-se uma obviedade ignorada, pois *se degola aquele corpo que pensa*<sup>800</sup>, tal qual a “velha política” colonial do Brasil fez com Marielle Franco.

Nesse intento, na alcunha dos ditos debates constitucionais<sup>801</sup> dessa velha política, tais questões compelidas aos corpos que grassam das exterioridades estão ausentes. Diz-se que *não deve existir aborto*, nem LGBTQIAPs+, *amores só reconhecidos e legitimados se entre machos e fêmeas*<sup>802</sup>, corpos negros sendo mortos com frequência pela violência policial nas periferias, indígenas massacrados nas

---

<sup>792</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>793</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>794</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>795</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>796</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>797</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14.

<sup>798</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>799</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>800</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>801</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>802</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

fronteiras, em especial, nas do Mato Grosso do Sul, estado a partir do qual escre(vi)vo estas problematizações pulverizadas pelo sangue dos dominados, entre diversos outros pontos os quais eu poderia aqui me debruçar sobre. Baseado na retórica de *controle sobre o chamado natural, não no âmbito de sua razão, mas corporal, desejante, afetiva, sexual, objetiva-se replicar o controle dos sexos e gêneros*<sup>803</sup> deslindando formas múltiplas de opressões, à maneira do que arrolei com base em minhas sensibilidades e experivivências homo-biográficas.

É no corpo *que pensamos, sonhamos, desejamos, sentimos, gozamos o amor e temos fome*<sup>804</sup>. Nas disputas teo e egológicas alcunhadas pela modernidade/colonialidade e reproduzidas por aqui através do Bolsonarismo, explicitam-se os *processos divisórios dos elementos que integram o indivíduo, isto é, a ideia cristã de que a “alma” ocupa um lugar de primazia em detrimento do “corpo”*<sup>805</sup>. Chancelado pela retórica de *controle sobre o chamado natural, os corpos dos dominados*, há o endosso de que *a “alma” seria o objeto privilegiado da salvação, mas, ao fim e a cabo, o corpo é ressuscitado culminando nela*; essa, por sua vez, destinada só aos *puros e eleitos enquanto pessoas específicas a salvo nesse lugar idílico criado com fim de renovar e purificar a terra*<sup>806</sup>. Em outras palavras, rememora-se o ideal tacanho, de base colonial, de um Brasil do pretérito imperfeito, arcaico, de uma pseudo-interioridade atrasada, ainda que não exterior à realidade geopolítica global – como argumentei a partir da guinada à direita na América Latina com a Bolívia e o Uruguai.

Historicamente, desde o apogeu da filosofia moderna com Santo Agostinho, *sucedeu-se uma abordagem dualista ao conceito de “corpo”, contraposto a um “não-*

---

<sup>803</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>804</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>805</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 258.

<sup>806</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

*corpo*”; naquele momento, houve a clivagem radical em que de um lado estavam “razão/sujeito” e no seu par inverso “corpo/natureza”<sup>807</sup>. Ao primeiro binarismo, destinam-se os contemplados pelas ego e teopolíticas, *puros e eleitos purificando a terra*<sup>808</sup>, nos dizeres do Bolsonarismo em pauta; no que compete ao segundo, *nossos corpos de dominados*, pretendidos enquanto tal pelo aniquilamento da nossa dita “razão moderna” e pela narrativa fictícia colonial de que *estaríamos mais próximos à natureza*<sup>809</sup>. Nessa óptica, incorre *não a secularização da ideia de “alma” para a teologia, mas uma metamorfose identitária de que apenas o par “razão/sujeito” produz um saber “racional”*<sup>810</sup>. Grosso modo, uma única forma passível de ser tornado universal, institucionalizado, legitimado ou até mesmo existente na chancela da realidade material relevante à “aparência natural do mundo”<sup>811</sup>.

Nessa linha de pensamento moderno/colonial, *o corpo é e não pode ocupar outra circunstância que a de ser “objeto” do conhecimento*<sup>812</sup>, em especial, nossas corpo-geo-grafias de explorados<sup>813</sup> em favor irrestrito das vaidades e ganâncias daqueles que se autoproclamaram os *reais detentores da razão*<sup>814</sup> *exterior à natureza*<sup>815</sup> e *estando justaposta, em exclusivo, na “alma”*<sup>816</sup>. Aos supostos “aparentes naturais do mundo”<sup>817</sup>, angariados pela retórica do si-mesmo bolsonarista, resguardam-se as *acepções de sujeitos dotados de razão humanas*<sup>818</sup> e, por isso, estão, em seus próprios argumentos, autorizados a legitimar seus gozos a nós,

---

<sup>807</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>808</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>809</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>810</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>811</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>812</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>813</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>814</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>815</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>816</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>817</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>818</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

vilipendiados no entrevero virulento de nossos cotidianos pelos correlatos entre *corpo/natureza humana*<sup>819</sup>. Contudo, à maneira que meu Silviano argumenta na esteira das artes, *por mais de dois milênios as muitas poéticas clássicas reprimiram tanto o dramaturgo do texto quanto os responsáveis em corpo pela mise-en-scène e a atuação*<sup>820</sup>.

Em sua leitura, *deve-se obedecer às regras autoritárias do decoro, com palavras em excesso e aludir só ao que é indispensável na exposição no palco em cena*<sup>821</sup>: à razão do sujeito “sem corpo”, na semântica da crítica biográfica fronteira aqui teorizada. *Há um favorecimento pelas poéticas teatrais canonizadas do texto proferido pelo ator em detrimento ao registro do seu corpo no tablado*<sup>822</sup>. Ademais, problematiza ainda que só pelo avesso à esfera aposta *que melhor se pode avaliar as apresentações inconvenientes do corpo encenado no espaço público enquanto transgressor aos costumes vigentes*<sup>823</sup>. Aproprio-me desse intento na alcunha basilar desta tese *escrevivida* sob os termos das minhas corpo-geo-grafias exteriorizadas e dissidentes em contato com as de Silviano, ambas cooptadas por um Brasil do presente com arremedos arcaicos. Penso no pluriverso aos ideais tacanhos de que *as ideias não se degolam!*<sup>824</sup>, às avessas das *poéticas teatrais canônicas*<sup>825</sup> e na contramão dos *aparentes naturais do mundo*<sup>826</sup> dotados de suas razões descorporificadas.

Muno-me da *inconveniência*<sup>827</sup>, aqui gestada nos entredizeres do meu discurso *outro*, em favor do que meu mineiro pleiteou enquanto *motivações não eurocêtricas*

---

<sup>819</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>820</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>821</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>822</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>823</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>824</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>825</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>826</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>827</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

*ao me dedicar ao labor didático às reflexões críticas de nosso país*<sup>828</sup>, ainda que pelo sobressalto de que meus fomentos corpo e geo-políticos acabam por avançar as percepções de Silviano imbuído de suas metáforas pós-estruturalistas. Por isso, escavo e aprofundo o direito que elegi para mim em 2017, ainda no papel de graduando em curso na iniciação científica, na égide do intelectual ao *cometer perjúrio utilizando suas grafias-de-vida*<sup>829</sup> a fim de conceituar o que denominei, implicado pelo caráter geoistórico e corpóreo de minhas epistemologias do Sul<sup>830</sup>, de corpo-geo-grafias políticas. *A posteriori* ao debate em torno *da exclusão do corpo do ator em cena*<sup>831</sup>, meu mineiro, ainda na clave das artes, *assegura que há todo um trabalho a ser deslindado sobre como desde o formalismo russo, a teoria literária recalcou a grafia-de-vida do escritor no texto*<sup>832</sup>.

Portanto, seu ensaio, *Fisiologia da composição, haveria de retirar a mordada da boca ao influir na teoria e na prática de leitura o aspecto biográfico do autor em questão*<sup>833</sup>. Diz ainda, no interceptado pelo seu não-desprendimento ao pós-moderno derridiano, *desconstruir-se pela composição fisiológica a literaridade do texto deslocando seu aspecto textual já impresso para o momento de produção da obra a lendo pelo final do túnel da criação, ou à sua porta, em estado sempre de invenção, nunca como um material já acabado*<sup>834</sup> e restrito aos seus próprios limites internos. Assim, subverto o ensejado pelo meu co-partícipe, transfigurando suas palavras às problematizações teo e egopolíticas aqui entrecortadas pelas nossas corpo e geo-

---

<sup>828</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

<sup>829</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 48.

<sup>830</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>831</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>832</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 88.

<sup>833</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 88.

<sup>834</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 88.

políticas aproximadas ao *estado de natureza*<sup>835</sup>, *de espírito*<sup>836</sup>, *destituídas de alma*<sup>837</sup>, *dos dominados*<sup>838</sup>, sobretudo, pelas retóricas e exercícios modernos/coloniais do “Messias” aportado nestas terras pretéritas e imperfeitas. Na leitura dos meus termos de tese, o descortinado por Silviano prefigura uma ruptura, inconsciente, ao gerido há muito por Descartes em seu *pensar para existir*<sup>839</sup> destituído de especificidades corporizadas.

Nessa seara, no rol da perspectiva descolonial direcionada a problematizar esse nosso presente imperfeito, desenha-se o aquilatado *pelo controle das subjetividades, do sentir, das emoções e do pensar das pessoas em que o Estado, sem essa artimanha, não teria seu lugar de manutenção hegemônica*<sup>840</sup>. Nesse preciso sentido, o Bolsonarismo *só pode controlar o conhecido (o enunciado do que se diz) se o fizer intermediado pela enunciação que baliza o suposto “conhecido” pelo “senso comum” gerido no seio da “aparência natural do mundo”*<sup>841</sup> nestes entreveros arcaicos e fronteiriços de uma matriz colonial de poder latente às exterioridades. Ademais, o suposto “senso comum”, pulverizado para todos os lados dos limites geoistóricos e epistemológicos brasileiros, *não é “natural”, mas fabricado por quem controla o conhecimento e o conhecer disseminado nas mídias de massa*<sup>842</sup>, em sobressalto, no que compete à *gramática do poder*<sup>843</sup> contribuinte em popularizar mentiras midiáticas (*fake news*) em prol de um estrato pretendido universal de sociedade descorporificada.

---

<sup>835</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>836</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 260.

<sup>837</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>838</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>839</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>840</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 17.

<sup>841</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>842</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 17.

<sup>843</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

Face ao cenário desenhado, posso, também, pensar, à luz de Silviano em 2015 no texto “Grafias de vida – a morte” a partir de Getúlio Vargas<sup>844</sup>, na composição das próprias grafias-de-vida do si-mesmo bolsonarista, pluriversalmente, alocadas nas minhas corpo-geo-grafias políticas situadas na exterioridade do Brasil do pretérito imperfeito. *No verbete “BOLSONARO, Jair Messias” entrevejo, de formas integrais e picotadas nas remissões de seu nome, dados importantes escamoteados em diversos contextos que de nada são alheios à sua grafia-de-vida*<sup>845</sup>. Dentre eles, menciono: um Brasil arcaico, simbolismos nacionalistas tacanhos, Cristianismo, masculinidade compulsória, autoritarismo, percepções militarizadas, capitalistas de gênese imperial, patriarcado, sexismo, LGBTIQAP+fobia, racismo, disparidades étnicas, *fake news*, dentre muitos outros entrecortados por teo e egopolíticas à última potência irrestritas aos gozos e desejos do “Messias” que nos desgoverna.

De alguma forma, *ao aprofundar os lastros biográficos do presidente da República, encaminho-me para a história situada no hoje pretérito do país*<sup>846</sup> no esboroamento dos seus pilares mínimos de dignidade humana a todos sem distinções hegemônicas do si-mesmo revestido de seus preceitos ego e teopolíticos às corpo-geo-grafias políticas inconvenientes<sup>847</sup>. *Isolo determinado momento de vida dessa figura pública, doméstico-a*<sup>848</sup>, nas palavras de Silviano, *como um potro selvagem, objetivando tracejar cuidadosa e, pari passu, complexamente, esses fragmentos que*

---

<sup>844</sup> Mais uma vez, tensiono a subversão ao proposto por meu Silviano a fim de transmutar seus escritos enquanto meu ponto de partida para pensar de modo *outro* na perspectiva da crítica biográfica fronteiriça. No caso em específico, o mineiro em “Grafias de vida – a morte” deslinda uma leitura do verbete “VARGAS, Getúlio” prefigurando ao ex-presidente elementos de suas grafias-de-vida, dentre eles, cito: “Brasil, café, partido político, integralismo, populismo, revolução, tenentismo e estado de São Paulo”. Face a isso, utilizo dessa premissa a fim de desenhar quais paradigmas comporiam as grafias-de-vida, em seus estritos sentidos modernos descorporificados, do desgovernante em exercício e, por consequência, do seu movimento ideológico à extrema direita hegemônica. SANTIAGO. Grafias de vida, p. 13.

<sup>845</sup> SANTIAGO. Grafias de vida, p. 13.

<sup>846</sup> SANTIAGO. Grafias de vida, p. 13.

<sup>847</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

<sup>848</sup> SANTIAGO. Grafias de vida, p. 13.

*compõem sua grafia-de-vida*<sup>849</sup>; para meu mineiro, *no campo das grafias, quase tudo é ficção*<sup>850</sup>. Da minha perspectiva crítica biográfica fronteiraça, *tudo isso aqui descortinado é real e palpável a ponto de encostar meus dedos nas feridas dos corpos dominados e sentir o calor cortante do sangue que delas jorram sem possibilidade de ser estancado.*

Portanto, em nenhuma instância na baliza da *práxis* suscitada nesta tese *suleada*, posso me tornar *indiferente aos contextos históricos que se projetam ignorando assujeitados coletivos que foram silenciados, marginalizados, desqualificados ou eliminados na condição de vítimas de epistemicídios perpetuados em favor da razão, das luzes e do Progresso*<sup>851</sup>. Tal qual inscrevo múltiplas das minhas corpo-geo-grafias políticas neste texto pulsante *a partir das* minhas especificidades sul-fronteiraças e homo-biográficas, fundamento-me nas minhas dores e nas dos meus eleitos como condição *sine qua non* de pensamento descolonial *evocando as diversidades das formas de reconhecer*<sup>852</sup> ao adentrar *muitos mundos possíveis*<sup>853</sup> *co-existent*<sup>854</sup>. Na clave do que os saberes pós-abissais conclamam de “epistemicídio”<sup>855</sup>, isto é, *a dominação epistemológica desigual entre conhecimentos direcionando ao aniquilamento ou invisibilidade de muitas formas outras de sabidurías relegadas à obscuridade da margem*<sup>856</sup>, compreende-se o porquê de o “Messias” ser tratado pela insígnia de “genocida”<sup>857</sup>.

---

<sup>849</sup> SANTIAGO. Grafias de vida, p. 16.

<sup>850</sup> SANTIAGO. Grafias de vida, p. 16.

<sup>851</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p. 280.

<sup>852</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p. 280.

<sup>853</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>854</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

<sup>855</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p. 280.

<sup>856</sup> MENESES; SANTOS. Prefácio, p. 11.

<sup>857</sup> A alcunha “genocida” será trabalhada de maneira específica no subtítulo 1.4 com base nas declarações e atitudes de Jair Messias Bolsonaro e dos seus templários em relação à pandemia de COVID-19.

*Sob o pretexto civilizatório*<sup>858</sup>, *de controle sexual e de gênero*<sup>859</sup>, de exploração racial e étnica, o Bolsonarismo acabou por suprimir as corpo-geo-grafias políticas, geoistóricas e epistemológicas, *tornadas quase como “alienígenas”*<sup>860</sup> à “aparência natural do mundo”<sup>861</sup> tacanha e *idílica aos eleitos purificando a terra*<sup>862</sup> à moda do suposto “Mártir” “sacrificando” sua vida pela “pátria” ego e teopolítica por excelência. Para o movimento ideológico citado, *há um perfilamento de homogeneizar o país, obliterar suas diferenças culturais/coloniais e desperdiçar multifacetadas experiências sociais ao reduzir os universos epistemológicos, sociais e políticos*<sup>863</sup> do Brasil. Entretanto, essas nossas corpo-geo-grafias exteriorizadas *não só sobrevivem às normativas dominantes impostas a nós, mas re-existem*<sup>864</sup>, *justamente por termos o sobressalto autorreflexivo*<sup>865</sup> *de que já não é sobre resistir, esse intento implicaria a percepção de que as regras do jogo serão sempre controladas por alguém a quem resistimos*<sup>866</sup>.

Prefigurando o tom conclusivo deste subtítulo, *ensejo, no bojo dos desafios políticos do presente e do futuro, imaginar e propor uma liberação dessa matriz colonial de poder ao re-existirmos nos lançando ao vazio criador de uma vida realmente plena e harmônica*<sup>867</sup>. Dotamo-nos de nossas inconveniências<sup>868</sup> corpo-geo-gráficas de bases geoistóricas e epistêmicas fronteiriças emergindo nossas sensibilidades biográficas e histórias locais, antes de tudo, re-existent<sup>869</sup> frente à

---

<sup>858</sup> MENESES; SANTOS. Prefácio, p. 15.

<sup>859</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>860</sup> MENESES; SANTOS. Prefácio, p. 15.

<sup>861</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>862</sup> SILVA. *Dentro do pesadelo*, p. 28.

<sup>863</sup> MENESES; SANTOS. Prefácio, p. 17.

<sup>864</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>865</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>866</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>867</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

<sup>868</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>869</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

“natureza”<sup>870</sup> que supuseram, há muito, poder inferir às nossas corporalidades e racionalidades atravessadas por uma exteriorização tão real quanto imaginária no discurso. Enquanto genocida e epistemicida<sup>871</sup>, ao Bolsonarismo, só ofereço revolta<sup>872</sup>, re-existência<sup>873</sup> e contrariedade absoluta assim como a todos aqueles que insistem em nos dizer que *precisamos pensar para existir*<sup>874</sup>, *que nossos corpos devem ser degolados*<sup>875</sup> ou *que podem suprimir nossas formas de sensibilizar*<sup>876</sup> os mundos possíveis<sup>877</sup>.

À maneira que discutirei no subtítulo seguinte, há uma ego/teopolítica de morte que nos açoita reverberando frente aos nossos olhos que, como aferiu Silviano, *nossas vidas estão em risco*<sup>878</sup> e que a eclosão da COVID-19 iniciada em março de 2020 só veio nos rememorar que *a pandemia não fora cega, mas tinha alvos privilegiados*<sup>879</sup>, bem como o Bolsonarismo em sua hegemonia sobressalente. Em 2018, nos idos da eleição do “Messias” para presidência da República, já havia uma percepção em meu corpo que me indicava *ser meu país também um corpo que já começara a doer*<sup>880</sup>. Todavia, 2020 se lançou no mundo, em especial, no Brasil, estilhaçando o fato de *que estamos sendo desgovernados por um cavaleiro da morte responsável, também, pelo ceifamento de mais de 600 mil vidas por um vírus desenfreado cuja existência por estes tristes trópicos brasileiros se beneficiou pela*

---

<sup>870</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 323.

<sup>871</sup> MENESES; SANTOS. Prefácio, p. 11.

<sup>872</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>873</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>874</sup> DESCARTES *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

<sup>875</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 259.

<sup>876</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>877</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>878</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>879</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>880</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

*contribuição dos atos mandatórios*<sup>881</sup> e *inconvenientes*<sup>882</sup>, no campo semântico localizado por Silvano, do “falso profeta” (auto)situado acima de tudo e de todos.

---

<sup>881</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>882</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

## 1.4 – O Sul da pandemia: corpos dispensáveis pelos cavaleiros da morte no apocalipse<sup>883</sup>

Estamos todos a viver e a sobreviver *sob o império da pandemia causada pelo vírus COVID-19*. De corpo presente em todo planeta e a reproduzir rebanhos intermináveis e indomesticáveis por vacina, o vírus encontra morada e alimento nos humanos. Deixa-se espalhar por todas as comunidades, ameaçando, destruindo e nos sugando vidas. Estou pensando. Não consigo pensar e, ao mesmo tempo, escrever. Estou pensando.

SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02, grifos meus.

*Como explicar o sucesso eleitoral do cavaleiro da morte?* Como explicar um apoio tão popular e sincero a Bolsonaro, a despeito das mais de 600 mil vidas ceifadas por um vírus desenfreado com o qual os atos do mandatário diretamente contribuíram?

BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08, grifos meus.

A devastação causada pelo coronavírus como que aponta *para um apocalipse em câmera lenta*. [...] Muita gente não vai querer pensar em alternativas de um mundo mais livre do vírus. Vai querer o regresso ao normal a todo custo por estar convencido de que qualquer mudança será para pior.

SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45, grifos meus.

Alguma coisa se perdeu em março de 2020, algo se foi sem dar adeus e o mundo não é mais o mesmo. Fomos todos, falecidos e sobreviventes, *deceitados pela guilhotina da pandemia descortinando uma angústia tão fúnebre quanto o caixão mortuário e a inevitável cova rasa para os muitos defuntos em estado de empilhamento*<sup>884</sup>. Cindido por esse estilhaçar dos corpos amontados, confirmei que *nossas vidas estavam, mais do que nunca, em risco*<sup>885</sup>, *meu país, enquanto um corpo que desde 2018 já doía*<sup>886</sup>, gritara de maneira incessante através dos ecos sobressalentes das vozes dos familiares, amigos eleitos e amores daqueles que se foram sem a oportunidade de reverberar suas últimas palavras pulverizadas nos ares virais do Brasil em quarentena. Recordo-me do meu aniversário de 23 anos no dia 25 de março de 2020, simbolizado por um cântico de parabéns quase silencioso entoado

---

<sup>883</sup> Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este subtítulo foi pensado e escrito no ano de 2022 considerando o atravessamento do desgoverno de Jair Messias Bolsonaro e do crescimento exponencial de seu movimento ideológico reacionário denominado “Bolsonarismo”.

<sup>884</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 15.

<sup>885</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>886</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

por mim e minha mãe, ambos trancafiados em casa pelo medo pujante daquilo que, decorrido algum tempo, construiria *seu império*<sup>887</sup> *sub judice às artimanhas políticas dos cavaleiros da morte*<sup>888</sup> *em direção ao apocalipse*<sup>889</sup>.

Peço licença pelo uso do recurso metafórico tracejado nas epígrafes apostas, uma vez que no subtítulo anterior o critiquei à exaustão à luz do meu Silvano, por outro lado, faz-se necessário agora para que eu possa adentrar as conjunturas abissais da realidade material perfilada pelos horrores de uma doença (COVID-19 ou coronavírus) até então desconhecida por todos no Brasil durante a passagem do inverno para a primavera de 2020. Entretanto, tal cenário fora legitimado por aqueles que endossam a dispensabilidade de corpo e geo-políticas particularizadas em detrimento à matriz colonial de poder que nos desgoverna. Em especial, pela interceptação do “falso profeta messiânico” ou *cavaleiro*<sup>890</sup> *do apocalipse*<sup>891</sup> maior, Jair Bolsonaro, e, por consequência, seus múltiplos templários na chancela de uma defensiva implacável às suas políticas de morte aprofundadas até a carne em 2020, isso sem esquecer o que já problematizei nos 1.2 e 1.3 com base em outros contextos de sofrimento humano anteriores à pandemia nesse nosso Brasil de pretérito e presente imperfeitos.

Retomo o título desta seção, “O Sul da pandemia: corpos dispensáveis pelos cavaleiros da morte no apocalipse”, bem como os excertos epigrafados. Angario discutir, atravessado pelas proposições conceituais outrora aprofundadas (matriz colonial de poder, corpo e geo-políticas), como a pandemia desenhou sua exterioridade, isto é, aos moldes do entrecortado pela crítica biográfica fronteira, seu

---

<sup>887</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>888</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>889</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>890</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>891</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

Sul<sup>892</sup>. Nesse preciso sentido, alinha-se a premissa do si-mesmo, moderno e colonial, de que *muitos* corpos podem ser descartados em favor de *alguns* outros na baliza em que *tudo e todos são mercadorias*<sup>893</sup>. Tal intento só pôde ser exercido, de fato, através das artimanhas retóricas e ações dos *cavaleiros da morte*<sup>894</sup> *em busca do apocalipse*<sup>895</sup>; dito de outra forma, só incorremos na marca de 600 mil mortos<sup>896</sup> pelo coronavírus por haver uma *gramática do poder*<sup>897</sup> coadunada pelo chefe do Estado em exercício e, ainda, pela continuidade de suas políticas de morte por via de seus seguidores cegos mediante o descumprimento de quaisquer normativas sanitárias que tentassem conter os métodos de destruição de um vírus, naquele momento, imparável.

Delineou-se, então, na esteira das epígrafes reproduzidas, *um império da pandemia causada pela COVID-19*<sup>898</sup> *cujo anseio era encontrar morada e alimento nos humanos se espalhando por todos os lados com um só objetivo: destruir-nos e nos sugar a vida*<sup>899</sup>, como aferiu meu mineiro. Ademais, questiono o *sucesso eleitoral do cavaleiro da morte*<sup>900</sup>, Jair Bolsonaro, *uma vez que seus atos mandatórios, aos bolsonaristas, contribuíram, de maneira direta, para o número de 600 mil pessoas mortas pela doença*<sup>901</sup> que, em 2022, já é conhecida. Ainda, sinaliza-se que, nas palavras de Boaventura, *caminhamos para um apocalipse em câmera lenta*<sup>902</sup>; na minha articulação, primordialmente no Brasil do presente imperfeito enviesado pelo

---

<sup>892</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>893</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 309.

<sup>894</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>895</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>896</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>897</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>898</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>899</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>900</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>901</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>902</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

autoritarismo latente de um “falso Messias”, *um apocalipse*<sup>903</sup> muito menos tardio do que os próprios religiosos poderiam um dia crer.

Ao modo do campo semântico que evocarei com a Figura 5, reproduzida *a posteriori* deste parágrafo a partir de publicação da “Revista Piauí” em maio de 2020, Bolsonaro e seu movimento ideológico não apenas flertaram com a morte, mais do que isso, abraçaram-na e ofereceram hospitalidade à sua figura virulenta lhe brindando com centenas de milhares de pessoas cujas existências eram intermediadas por ressonâncias afetivas com muitos outros, esses, como eu e Silvano, sobreviveram; aos ceifados pelo descompromisso latente de Bolsonaro com uma crise sanitária global, ressalvadas as diferenças, *à la* gripe espanhola no século XX, restaram a saudade e o respeito *in memoriam*. Nessa seara, percebo que, por parte dos amantes da morte, não houve um *pensar coextensivo ao viver em condições adversas aos nossos estilos de vida*<sup>904</sup> ditos “normais”<sup>905</sup>, a exemplo da epígrafe de Boaventura, *um exige o outro e a condição pandêmica nos açoitou pari passu ao fato de nos exigir pensar diuturnamente na doença, nos cuidados com os outros, na efemeridade da vida e na própria morte*<sup>906</sup> em si mesma enquanto o fim absoluto, daqueles que amamos, na realidade material.

---

<sup>903</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>904</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 05.

<sup>905</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>906</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 05.



Figura 5 – Capa da “Revista Piauí” em que Jair Messias Bolsonaro flerta com a morte  
Fonte: [https://piaui.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2020/05/capa\\_164\\_interna.jpg](https://piaui.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2020/05/capa_164_interna.jpg)

Mediante o exposto não só pelas epígrafes, mas, em primordial, pelo espectro imagético tracejado pela capa da “Revista Piauí” reproduzida, concebo que, por mais que esta discussão em si mesma não dê conta de tamponar, resolver ou até mesmo restituir *tudo* que se perdeu, *meu corpo não está alheio à condição pandêmica presentificada*<sup>907</sup>. *Lança-se e enseja pensar e discutir a dor da perda*<sup>908</sup> ao mesmo tempo que vem, desde o início desta tese, *problematizando a vida por meio do meu*

<sup>907</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 05.

<sup>908</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 05.

*próprio corpo*<sup>909</sup> de Pedro crítico sul-fronteiriço, homo-biográfico, situado em uma universidade periférica e, no âmbito do que me concerne agora, sobrevivente, em co-existência com Silviano. Se, há alguns anos, nos idos do mestrado, revesti-me metaforicamente dos odores fúnebres das *Mil rosas roubadas* delegando a mim, pelo intermédio do meu mineiro, a condição de sobrevivente espectral e discursivo a Ezequiel Neves, agora, na instância do doutorado, muno-me ainda dessa circunstância, entretanto, transfiguro-a na realidade visceral de uma doença respiratória pulverizada aos múltiplos lados, fronteiras, margens e bordas do Brasil imperfeito e do planeta entrevendo, no meu próprio corpo e nos dos meus, *a dimensão oculta dos eventos*<sup>910</sup>, *tanto na esfera da economia quanto do conhecimento*<sup>911</sup>, *ou seja, a dispensabilidade e a descartabilidade não só da vida humana, mas dela como um todo*<sup>912</sup> em relação ao que a cerca: o meio ambiente.

Por detrás da lógica *del patrón colonial de poder* incutido nos preceitos egológicos bolsonaristas, esconde-se *a retórica da modernidade/colonialidade em que suas práticas capitalistas implicam, como condição sine qua non, a premissa de que algumas corpo e geo-políticas são “naturalmente” dispensáveis*<sup>913</sup>. Por isso, de maneira não-irônica, as epígrafes selecionadas me desvelam o horizonte de que o Bolsonarismo traçou um Sul<sup>914</sup> da pandemia aferindo que corpos e geo-políticas exteriorizadas seriam insignificantes para *os cavaleiros da morte*<sup>915</sup> *marchando em prol do absoluto apocalipse*<sup>916</sup>. Em suma, a proliferação irrestrita da COVID-19 em que, de modo como discuti no subtítulo anterior, *os puros e eleitos estariam destinados*

<sup>909</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 05.

<sup>910</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>911</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>912</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>913</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>914</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>915</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>916</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

*a gerar uma nova espécie de pessoas específicas a salvo em um lugar idílico criado com fim de purificar a terra*<sup>917</sup>. Na égide do aferido por Silviano, *estamos todos remanescendo sob o império da pandemia*<sup>918</sup> e, ainda, através da sua *intromissão ditatorial*<sup>919</sup> elevada à última potência de morte pelo atual desgoverno, também situado no campo semântico autoritário através do suposto Messias ocupando o posto de desgovernante do país e incrustrado na contracorrente a quaisquer tentativas de contenção dos óbitos que, *a posteriori*, alçando 600 mil em números<sup>920</sup>, seriam eminentes em uma escala abissal de guerra.

Assim sendo, *o ano de 2020 foi o responsável pela maior crise sanitária dos últimos cem anos*<sup>921</sup>; por esse motivo, jamais poderia ignorá-lo nesta tese, sobretudo, por sentir na carne, na mente, nas emoções, nos atos de cuidado, no bem-viver coletivo, enfim, no fazer comunal, minha *práxis* do pensar entremeada à do viver a fim da dignidade humana generalizada e sem reticências. Na contracorrente cabal a isso, Miguel Lago pontua que, nas primeiras semanas de março de 2020, Bolsonaro adotou um discurso alinhado com o até então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, dentre os muitos outros sucessores que seriam contratados e demitidos em questão de semanas, isto é, desincentivou os movimentos de seus apoiadores irem às ruas em manifestações contra o Supremo Tribunal Federal (STF)<sup>922</sup>. Porém, dias depois, direcionou-se a um caminho oposto ao saudar bolsonaristas e se envolver em aglomerações<sup>923</sup> – naquele momento, no início dos primeiros casos documentados no Brasil, em absoluta oposição aos órgãos de saúde pública.

---

<sup>917</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>918</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>919</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 03.

<sup>920</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>921</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 42.

<sup>922</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 42.

<sup>923</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 43.

A partir disso, desencadearam-se os contornos das *intromissões ditatoriais*<sup>924</sup> não apenas da pandemia, mas, novamente, do presidente em exercício, alcunhando *um império*<sup>925</sup> regido pela sua simbologia enquanto *cavaleiro da morte*<sup>926</sup> em marcha unilateral ao *apocalipse*<sup>927</sup> pandêmico resultando em uma sucessão de políticas de morte àqueles que não tinham possibilidade alguma de sobreviverem sem a resguarda do Estado<sup>928</sup>. Em outros termos, *a emergência sanitária iniciada pela pandemia não fez outra coisa que senão expor a profundidade deste país desigual*<sup>929</sup> atravessado por sobressalentes imperfeições pretéritas e, mais do que nunca, presentes. *Ainda que o vírus contamine de maneira aleatória*<sup>930</sup>, *as mortes, bem como a quarentena, no geral, têm seu próprio Sul*<sup>931</sup>, *cor, classe social, idade, histórias locais singulares, escolaridade etc. atingindo, em maior escala, as populações negras, idosas, moradoras de periferias, analfabetas e sem acesso aos meios de comunicações digitais*<sup>932</sup>.

Como conjectura do caráter *suleador* implicado na pandemia por estas terras, menciono a primeira morte por COVID-19 no Brasil: “Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon”<sup>933</sup>. No caso mencionado, a chefe da vítima havia voltado recentemente da Itália, país que naquele momento registrava o maior número de mortos pela doença<sup>934</sup>, e, alcunhada pelos paradigmas de uma matriz colonial de poder em *que o trabalho deve sempre se sobrepor ao prezar pela*

<sup>924</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 03.

<sup>925</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>926</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>927</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>928</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 13.

<sup>929</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 13.

<sup>930</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 13.

<sup>931</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>932</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 13.

<sup>933</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

<sup>934</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

*vida*<sup>935</sup>, acabou por contaminar sua empregada doméstica cuja vida fora ceifada por um vírus em estado de disseminação global em proporções irreparáveis. Diante desse cenário, jamais poderia deixar de me questionar nesta tese: como narrar, ou melhor, problematizar a morte face não só ao exposto pela manchete citada, mas, sobremaneira, à marca de 600 mil mortos pelo coronavírus<sup>936</sup> que *a posteriori* chegaríamos no Brasil em virtude das ego e teopolíticas em curso justapostas na contrariedade absoluta às corpo e geopolíticas das exterioridades?

Ainda que percorrendo 120 km de sua casa em Miguel Pereira, no sul fluminense, ao Alto Leblon do Rio de Janeiro, local com o metro quadrado mais valorizado do país<sup>937</sup>, à doméstica não fora concedida a dita misericórdia cristã. Em outras palavras, à maneira que debaterei ainda neste subtítulo no bojo de outros contextos pandêmicos e de quarentena em um país de imperfeições pretéritas e presentes, não há misericórdia cristã aos corpos racializados, “sub-humanos”, assujeitados, exteriorizados, isto é, alocados no espaço do que se compreende pós-abissalmente enquanto Sul<sup>938</sup>. Empreendido por essa perspectiva *outra*, padeço em minha carne de homem-fronteira no bojo das dificuldades que me são sobressalentes ao problematizar um recorte histórico tão colado em minha corpo-política sobrevivente, uma vez que *isso tudo* que vivemos e a que sobrevivemos não está elaborado, mas em estado de perlaboração. À maneira que escreveu meu Silviano na epígrafe aposta, *estou pensando, não consigo pensar e, ao mesmo tempo, escrever*<sup>939</sup>. Ainda assim, levo a cabo minha teimosia quase como um espelhamento

---

<sup>935</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 05.

<sup>936</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>937</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

<sup>938</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>939</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

da criança insubmissa que fui nos idos da minha meninice para escre(vi)ver estas perlaborações conceituais através do meu mineiro.

De antemão em minha retórica fronteiriça por excelência, vejo um descortinar abissalmente rasgado de que a pandemia lançou luz *ao lado mais escuro da modernidade, ou seja, ao seu binômio inseparável: a colonialidade*<sup>940</sup> e suas artimanhas de exploração e aniquilamento *daquilo tudo* considerado “dispensável” aos seus princípios regidos, em larga escala, pelo acúmulo de riquezas<sup>941</sup>. Não sei ao certo como viver após atravessar um evento histórico tão avassalador em sua extensão de morte, apenas continuo a sobreviver em favor de políticas *outras* de bem-viver coletivo às corpo e geo-políticas desprezadas pela *patrón colonial de poder* engastada à última potência pelo “falso Messias” em exercício governamental por aqui. Forjado nesses termos de um capitalismo coextensivo, sobretudo, às vidas dos assujeitados às artimanhas de concentração do capital por parte de uma pequena parcela do país, pergunto: como as pessoas, tais quais a primeira vítima de COVID-19 no Brasil, poderiam se beneficiar da campanha do “Fique em casa”<sup>942</sup> (Figura 6) uma vez que, no caso dessa, sua subsistência pessoal e familiar se circunscrevia pelo trabalho de prestação de serviços domésticos em que era necessário pegar três

---

<sup>940</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>941</sup> GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.

<sup>942</sup> A campanha “Fique em casa”, durante a eclosão da pandemia de COVID-19, foi uma alternativa amplamente divulgada pelos veículos midiáticos e, em especial, pelas plataformas digitais a fim de que se intensificasse o isolamento no país, uma vez que, até naquele momento, não existia nenhuma forma de mitigação do coronavírus. Não estou de forma alguma desconsiderando sua relevância e necessidade no recorte temporal citado, porém, apregoado por um compromisso ético descolonial, jamais poderia deixar de tensionar problematizações em torno de seu caráter político, uma vez que sua real aplicabilidade só foi possível de ser executada por aqueles que possuíam condições de trabalhar via *home office*, ou seja, houve todo um lado *outro* simplesmente ignorado de trabalhadores informais, ambulantes, prestadores de serviços, motoristas de transportes públicos, autônomos etc. que tal possibilidade era impensável ou inexecutável. Nesse caso, o Estado haveria de prover condições dignas para essas pessoas sobreviverem, o que, de fato, só aconteceu muito tempo depois, e com extrema pressão de governantes minimamente comprometidos com as vidas brasileiras, com a aprovação do “Auxílio Emergencial”, de 600 reais, aos que mais necessitavam. A solução encontrada não resolveu o problema, pois, em um país cindido pela abissal inflação, subsistir dignamente com míseros 600 reais se torna uma tarefa quase impossível.

conduções de transporte público ao sair de casa no domingo regressando apenas na quinta-feira?<sup>943</sup> *Trabalha-se para viver ou se vive para trabalhar?*<sup>944</sup> A resposta é gritante aos meus olhos fronteiriços.



Figura 6 – Um dos muitos exemplos da campanha “Fique em casa” divulgada durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. Neste caso em específico, evoco o publicado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2020 via mídia digital  
 Fonte: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>

No bojo da notícia quanto à primeira morte de COVID-19 no Brasil e da campanha mencionadas, reproduzo alguns dos dizeres estampados no *site* da UERJ<sup>945</sup> quanto ao “ficar em casa” durante a pandemia: “Prepare a pipoca, que o filme é por nossa conta!”<sup>946</sup>, “Aproveite o período de isolamento social para colocar a leitura em dia”<sup>947</sup>, “Já que você não deve sair de casa, aproveite para conhecer alguns museus virtuais”<sup>948</sup>, “Está cansado da mesmice na TV? Que tal experimentar um canal

<sup>943</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

<sup>944</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 05.

<sup>945</sup> Julgo necessário pontuar que tenho a consciência que a campanha da UERJ mencionada foi realizada com foco nos discentes da universidade. Entretanto, ainda assim, não deixa de ser oportuno problematizar suas entrelinhas enquanto uma exemplificação de outros muitos movimentos de mesma estirpe durante a pandemia com seus respectivos públicos-alvo. A questão colocada em cena aqui é justamente a disparidade socioeconômica entre aqueles que têm o conforto de se munir das muitas esferas de entretenimento em um contexto sanitário abissal, ao passo que muitos outros não possuem condições mínimas de sobrevivência.

<sup>946</sup> Disponível em: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>

<sup>947</sup> Disponível em: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>

<sup>948</sup> Disponível em: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>

diferente?”<sup>949</sup>. Isso posto, mais uma vez problematizo politicamente: como aquela mulher que seria contaminada por sua patroa recém-chegada da Itália poderia se preocupar com pipoca, filme, leitura, museu virtual ou até mesmo televisão quando sua sobrevivência *necessitava* como condição *sine qua non* de um não-isolamento em locomoção nos espaços urbanos, de transportes públicos lotados e até mesmo do contato direto com seus patrões?

Nesses termos específicos, sou obrigado, por um compromisso ético descolonial, a discordar tanto do exposto quanto do replicado por Silviano ao aferir, em texto acerca da pandemia e no bojo de Mário de Andrade, *que a própria dor é uma felicidade*<sup>950</sup>, *paradoxalmente, são opostas, a dor estaria para a tristeza e o prazer para a alegria*<sup>951</sup>, todavia, meu mineiro embate a possibilidade de *fazer o jogo da velha e associar a dor à felicidade*<sup>952</sup>. Não desconsidero a importância do entretenimento em tempos de isolamento social e confinamento quase que absoluto aos lares, porém, à frente disso, posiciona-se minha percepção política do nosso próprio tempo presente imperfeito gerido pelo Bolsonarismo em que o acúmulo de riquezas<sup>953</sup> de uma parcela ínfima da sociedade se justapõe como o fio condutor da dispensabilidade ou não de certas vidas em detrimento de outras. À empregada doméstica, como aos outros 600 mil mortos pelo coronavírus<sup>954</sup>, não houve possibilidade alguma de entretenimento, de associar a dor do nosso tempo pandêmico à possibilidade alguma de felicidade, uma vez que a matriz colonial de poder que nos desgoverna expurgou sem nenhuma misericórdia cristã suas vidas como se essas fossem mercadorias desprezadas, dispensáveis e defeituosas para o todo – leia-se Brasil.

<sup>949</sup> Disponível em: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>

<sup>950</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>951</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>952</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>953</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.

<sup>954</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

Assim, entrevejo que *o sistema-mundo capitalista em curso se articula enquanto um sistema econômico determinante para os comportamentos dos agentes sociais através de uma única lógica em que obter lucro e, por extensão, acumular capital*<sup>955</sup> são quase como as únicas saídas possíveis das quais não podemos escapar – tal qual discuti no bojo *del patrón colonial de poder* no subtítulo 1.2 desta tese. Deslendo, então, tanto os discursos de campanha reproduzidos quanto Silviano, ainda que ambos estivessem bem intencionados, *as ópticas subjetivadas do capitalismo privilegiam sempre as relações econômicas sobre as sociais*<sup>956</sup>; em suma, uma pseudo-urgência de desenvolvimento, progresso e conquista de capital a qualquer custo, mesmo que, para isso, 600 mil pessoas<sup>957</sup> precisem morrer. Pois, nas palavras do “falso profeta” em exercício, diz-se que “Eu não sou coveiro”<sup>958</sup>, “Chega de frescura e mimimi”<sup>959</sup>, “COVID apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas”<sup>960</sup> e até mesmo “Lamento profundamente, mas é um número insignificante”<sup>961</sup> quando o Brasil chegou à marca de 622.801 mortos em 22 de janeiro de 2022<sup>962</sup>.

Conjeturado nessas políticas de morte implicadas à retórica moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo, desvela-se que o capitalismo não se restringe à economia como se poderia supor *a priori*. Muito pelo contrário, seus grilhões de

---

<sup>955</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.

<sup>956</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.

<sup>957</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>958</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>

<sup>959</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>

<sup>960</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>

<sup>961</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>

<sup>962</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>

exploração e expurgo encontram pontos de contato no para-além do dinheiro ao alçar ressonâncias com aquilo que descolonialmente concebemos como a colonialidade do ser: a completa dominação dos assujeitados em todas as camadas, dobras, facetas e esferas possíveis ao povoar e destituir não só seu pensamento próprio, suas histórias locais alcunhadas por geo-políticas específicas, mas, sobremaneira, sua corpo-política, sua carne exteriorizada. No capitalismo, *enredado por constelações da matriz de poder de um sistema-mundo patriarcal, regido pela mercantilização, de princípio moderno/colonial oriundo do eurocentrismo*<sup>963</sup>, fundem-se todas as relações *outra* trabalhadas nesta tese.

Em outras palavras, *hierarquias sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas, raciais*<sup>964</sup> etc. e, por esse motivo, faz-se impossível da minha perspectiva *outra* não problematizar os nós<sup>965</sup> coloniais da pandemia em um Brasil do pretérito e presente imperfeitos<sup>966</sup>, nos dizeres do meu mineiro, sem me atravessar pela tese de que a pandemia, quase como um espelhamento da sociedade a qual nós e os nossos vivemos há 500 anos, acabou por abismar, também, um Sul<sup>967</sup> a partir de seus horizontes de destruição e morte amplificados pelas ego e teopolíticas modernas/coloniais em exercício neste país. Implicado nessa percepção *suleada* da realidade abissal que nos entrecorta pulverizada pelo coronavírus gerido pelo *império ditatorial*<sup>968</sup> *do cavaleiro do apocalipse*<sup>969</sup>, concordo com meu Silvano quando assevera que a *pandemia foi um acontecimento tão inesperado, tão violento e tão*

---

<sup>963</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.

<sup>964</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.

<sup>965</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>966</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>967</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>968</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>969</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

*absorvente*<sup>970</sup> em que a “especialidade de matar”<sup>971</sup> bolsonarista regida por paisagens coloniais de poder se descortinaram abertamente frente aos olhos daqueles que queriam enxergá-la.

Introjetado nisso, entrevê-se que por estas terras sem lei não há políticas do bem-viver a todos sem reticências, mas unicamente uma percepção mercadológica da vida humana e da pobreza que a partir dela fabrica-se. A ideia de um *apocalipse*<sup>972</sup> aqui gestada não se configura apenas no presente imperfeito deste Brasil desgovernado e em estado de putrefação mortuária; pelo contrário, há mais de 500 anos sobrevive com vivacidade *sub judice* às tentativas de re-existência<sup>973</sup> dos *condenados da terra*<sup>974</sup>, isto é, a premissa, alargada pela pandemia, de que quem pode menos morre mais. No âmbito do cenário sanitário discutido, o *apocalipse*<sup>975</sup> se torna material quando grandes parcelas da população não têm poder aquisitivo para sequer comprar máscaras, álcool em gel, produtos de limpeza e seus corpos são carregados, empilhados, amontoados e descartados como mercadorias defeituosas e dispensáveis à maneira que algumas manchetes de jornais pontuam, tais quais: “Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: ‘Não é digno’”<sup>976</sup> (Figura 7) e “Corpos em decomposição amontam-se a céu aberto em cemitério no Brasil”<sup>977</sup> (Figura 8):

---

<sup>970</sup> SANTIAGO. Silviano Santiago volta a Minas para se reencontrar com sua juventude, s/p.

<sup>971</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2022/03/31/opinion/bolsonaro-brazil-amazon.html>

<sup>972</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>973</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>974</sup> Cf. *Os condenados da terra* de Frantz Fanon.

<sup>975</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>976</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manous-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>

<sup>977</sup> Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/corpos-em-decomposicao-amontoam-se-a-ceu-aberto-em-cemiterio-no-brasil>



Figura 7 – “Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: ‘Não é digno’”, matéria do “G1 Amazonas”

Fonte: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>



Figura 8 – “Corpos em decomposição amontam-se a céu aberto em cemitério no Brasil”, notícia do “CM Jornal”, em Vitória de Santo Antão no interior do estado de Pernambuco

Fonte: <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/corpos-em-decomposicao-amontoam-se-a-ceu-aberto-em-cemiterio-no-brasil>

Por isso, intermediado pelo exposto nas fotografias reproduzidas e, sobretudo, pelo eixo de argumentação em favor de um bem-viver coletivo não apenas no contexto pandêmico debatido aqui, mas no aspecto geral do país que habitamos, no sentido do

*Habitar la frontera* já sinalizado com base em Mignolo, só posso defender a possibilidade de sobrevivência. Nesses termos, sobreviver implica não um gesto escritural e ensaístico revestido de preciosismos acadêmicos os quais grupos extensivos da sociedade brasileira podem não ter contato; pelo contrário, tensiono sobrevivência equiparada a um estar em luta pelo padecimento da e na carne corpopolítica em uma realidade material e virulenta que nos assassina diuturnamente com base no aval do presidente da República em exercício. À moda que aferiu meu Silviano na esteira de Guimarães Rosa: *viver é perigoso*<sup>978</sup>. Transfiguro os dizeres, pois viver em um Brasil de imperfeições pretéritas e presentes sob o domínio colonial e imperialista de um *cavaleiro da morte*<sup>979</sup> marchando em direção a um *apocalipse*<sup>980</sup> pandêmico e definitivo em prol do extermínio dos habitantes e sobreviventes *suleados* é, indiscutivelmente, perigoso.

No bojo dos termos pós-abissais, agora, *não podemos nos entender sem compreender o vírus, a forma que emerge, propaga e nos coloca em risco condiciona nossas existências ao passo que suas possibilidades de difusão generalizada no planeta podem*, nesta leitura de base crítica biográfica fronteiraça, *equiparar-se à velocidade da globalização*<sup>981</sup>. Exterior a mim, aos muitos que me cercam e aos que me transpassam no correr do cotidiano de cidadão médio, o coronavírus *se comporta mais ou menos como 1% da sociedade mundial: um senhor todo-poderoso independente dos Estados*<sup>982</sup>, ainda que agraciado pelas despolíticas de muitos desses, a exemplo do “falso Messias”, *cuja razão desconhece fronteiras tampouco limites éticos*<sup>983</sup> de adentramento no mundo. Como Bolsonaro, a COVID-19 *é quase*

---

<sup>978</sup> ROSA *apud* SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>979</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08

<sup>980</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>981</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 42.

<sup>982</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 42.

<sup>983</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 42.

*nada democrática ao espelhar os grupos sociais que legitimam tais concentrações de riquezas a tão poucos e, à revelia do que vende o discurso oficial, não ataca de forma indiscriminada*<sup>984</sup>.

Ao prefigurar seu Sul<sup>985</sup>, a pandemia e a quarentena vulnerabilizam os empobrecidos, as vítimas da fome, as destituídas de cuidados médicos, de condições mínimas habitacionais, de segurança no trabalho, de discriminações sexuais, de gênero e etnoraciais<sup>986</sup>. Indo além, ao Bolsonaro elevar à última potência sua retórica de um exímio *cavaleiro do apocalipse*<sup>987</sup> portador da “especialidade de matar”<sup>988</sup>, interpola-se um outro ponto ao seu descompromisso latente com o horizonte fúnebre dobrado frente aos nossos olhos: seu negacionismo a quaisquer medidas de contenção às artimanhas de expurgo do coronavírus, sejam essas isolamento social, uso de máscaras, descrédito às orientações fornecidas pelos cientistas ou até mesmo, a *posteriori*, a deslegitimação das vacinas. Fazendo jus às alcunhas de “genocida” e “Trump dos trópicos”, ao se aliar aos Estados Unidos também na agenda negacionista, o Messias colonial-imperialista *promoveu a administração da hidroxicloroquina no tratamento do coronavírus*<sup>989</sup>, ainda que os pesquisadores da saúde ao redor do planeta afirmassem exaustivamente que tal fármaco não surtiria efeito algum na doença.

Não obstante, *Donald Trump se comprometeu a enviar o medicamento ao Brasil*<sup>990</sup> e *Bolsonaro ordenou aos laboratórios do Exército produzirem volumes colossais de cloroquina gerando um estoque de dezoito anos sendo que seu prazo de*

---

<sup>984</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 42.

<sup>985</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>986</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 42.

<sup>987</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>988</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2022/03/31/opinion/bolsonaro-brazil-amazon.html>

<sup>989</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 187.

<sup>990</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 187.

*validade é de apenas vinte e quatro meses*<sup>991</sup>. Tudo isso se realizou enquanto a América Latina, em junho de 2020<sup>992</sup>, ocupava o lugar de *epicentro da infecção onde as cadeias de contágio subiam em velocidades imensuráveis em diversos loci do Sul global, a citar, na América Latina, em África, na Ásia*<sup>993</sup> e, sobremaneira, no Brasil. Ante esse cenário de descompromisso e irresponsabilidade, ainda que eu queira, tais especificidades são impossíveis de serem verbalizadas com exatidão nesta tese, valho-me da precisão de meu Silviano quando assente que *não só as guerras mundiais que transfiguram nossos comportamentos comunitários de cidadãos e as governanças do países; por via das fake news, veículos de disseminação midiática dos negacionismos citados, a extrema-direita mina e abocanha os poderes Estatais ao julgar lamentáveis as conquistas humanas*<sup>994</sup>.

*Pari passu* aos grilhões coloniais e imperialistas das ego e teopolíticas dos muitos Trumps e Bolsonaros existentes em todos os lados das fronteiras *suleadas*, *questionamo-nos se a inesperada pandemia virótica não nos perlaboraria outras conquistas libertárias podendo nos libertar de governos autoritários, como dos estadunidenses e brasileiros em curso*<sup>995</sup>. Suscitado pelo que problematizei outrora neste subtítulo, ao prefigurar que o *apocalipse*<sup>996</sup> presentificado existe nos *loci suleados* dos trópicos há 500 anos, Silviano me é necessário para reafirmar que *diferentemente da pandemia eclodida em março de 2020, as reações conservadoras se encontram sempre à guarda, à nossa espreita*<sup>997</sup>, buscando formas de adentrar seus paradigmas coloniais de poder a partir das *esquinas das nossas vidas*<sup>998</sup>

---

<sup>991</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 187.

<sup>992</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 187.

<sup>993</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 187.

<sup>994</sup> SANTIAGO. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor), s/p.

<sup>995</sup> SANTIAGO. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor), s/p.

<sup>996</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>997</sup> SANTIAGO. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor), s/p.

<sup>998</sup> SANTIAGO. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor), s/p.

exteriorizadas pelos Estados capitalistas cooptados pela óptica de que tudo e todos podem ser descartados em prol da riqueza de poucos.

À revelia do que discursos midiáticos tentam reproduzir, *a pandemia agravou uma situação de crise em que as populações vêm sendo assujeitadas com base em legitimidades de escandalosas concentrações de riquezas a poucos e boicotes coextensivos a medidas que angariem minar iminentes catástrofes ecológicas*<sup>999</sup> – elemento o qual tratarei ainda neste subtítulo. Mascara-se uma óptica pseudo-universal, monotópica e *conservadora de que não há caminhos outros ao modo de vida imposto pelo que Boaventura denomina de hipercapitalismo*, ou seja, *um neoliberalismo na posição de vertente dominante do capitalismo*<sup>1000</sup>. Ao fazê-lo, implicado no que aferi na égide de meu Silvano ao problematizar a extrema-direita, *mercantiliza-se a ideia de que não há alternativas à matriz colonial de poder hipercapitalista*<sup>1001</sup>, por esse motivo, *as possibilidades outras chegam a nós pelas portas dos fundos de crises pandêmicas, desastres naturais e colapsos financeiros*<sup>1002</sup>, nunca como uma premissa latente de bem-viver e fazer comunal generalizados.

Assim, naquele momento em 25 de março de 2020 na celebração da vida em ressonância com a minha mãe, não havia, ainda, o sobressalto de que ali nossas existências *suleadas* mudariam para sempre e que o mundo não seria nunca mais o mesmo, para o bem ou para o mal. Por razões de privilégio racial e econômico, pude sobreviver nos confins das paredes que cercavam meu lar, mesmo que interceptado por *sentimentos de solidão, ansiedade e desespero* em um cenário *cuja solidão não*

---

<sup>999</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1000</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1001</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1002</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*seria mais artificial*<sup>1003</sup>. Essa, à maneira que nós, pesquisadores das Letras, fazemos quando *inventamos a solidão ganhando o tempo, soltos e sociáveis em casa, na biblioteca, no parque ou na praia quando olhamos no espelho da página literária escrita e contemplamos a nós mesmos*<sup>1004</sup>. *A posteriori*, entenderia na carne do meu corpo que *doía*<sup>1005</sup> por mim, mas, em especial, pelos muitos condenados pelo coronavírus, por Bolsonaro e pela matriz colonial de poder que cooptam nossas sensibilidades irrestritamente, *que naqueles dias a solidão haveria de ser natural e exigida* pelo que Silviano conclama *de governantes Estatais e organizações internacionais de saúde*<sup>1006</sup> – não no Brasil do presente imperfeito conjecturado por negacionismos e genocídios pujantes.

Ante essa *solidão artificial e exigida*<sup>1007</sup>, passível de ser vivida apenas por grupos sociais aportados em condições mínimas de subsistência, *perfilou-se a trágica transparência do vírus*<sup>1008</sup> frente aos meus olhos *ansiosos e desesperados*<sup>1009</sup> pela sobrevivência generalizada. Ao perceber as entrelinhas do meu tempo presentificado em imperfeições pretéritas, *desenhou-se uma estranha opacidade decorrente da distância entre o cotidiano vivido por mim e pelos meus, os cidadãos comuns, e os debates epistemológicos deslindados a partir dali*<sup>1010</sup>. Por esse motivo, outrora pontuei a insegurança de narrar a morte tratando de uma realidade visceral e materializada do cotidiano tão colado às minhas corpo e geo-políticas de homo-fronteiriço que escre(vi)ve do outro lado da margem, *desfaço-me para me refazer outro*. Projeto-me na contrariedade absoluta *às necessidades e aspirações dos mercados, esses*

---

<sup>1003</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>1004</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>1005</sup> DAFLON. *Meu país é um corpo que dói*, p. 21.

<sup>1006</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>1007</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>1008</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1009</sup> SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

<sup>1010</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*megacidadões informes e monstruosos que nenhum de nós jamais viu, tocou ou cheirou cuja presença só implica direitos e zero dever ao cegar nossas existências outras com a imensidão restrita a poucos que sua luz projeta*<sup>1011</sup>.

Nesse ponto fulcral de leitura do cenário pandêmico, Boaventura é preponderante ao assegurar que *a pandemia é uma alegoria*<sup>1012</sup>. Se, por via da crítica biográfica fronteira, carrego em mim o sobressalto de que a *colonialidade nada mais é que o lado escuro da modernidade*<sup>1013</sup>, a pandemia acabou por lançar luz a toda essa obscuridade recalçada nos desvelando o já sabido: o Sul<sup>1014</sup> em suas múltiplas facetas e especificidades que de nós nunca se descolou; pelo revés, rasgou-se mais e mais sem precedentes das consequências que viriam à tona no Brasil e no mundo. Em um sentido literal, a COVID-19 *forja em nós o medo caótico e generalizado da morte sem fronteiras causada por um inimigo pulverizado e invisível em seu modus operandi*<sup>1015</sup>. Todavia, agora temos de ter o sobressalto epistêmico e *outro* de que *já vivíamos sub judice de outro inimigo invisível todo-poderoso, nem grande nem pequeno, e, sim, disforme: os mercados*<sup>1016</sup> e seus interesses específicos. Tal qual o vírus, *o mercado é insidioso e imprevisível em suas mutações*, como um Deus teopolítico, *é uno e múltiplo*<sup>1017</sup>. À revelia desse, *é onipresente no mundo materializado*<sup>1018</sup> pelo sofrimento humano padecente no corpo, não no além celestial e divino.

Diferentemente do coronavírus, *é uma benção para os que detêm o poder e pulveriza maldições a todos os outros*<sup>1019</sup> que existem nas fronteiras epistêmicas e

---

<sup>1011</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1012</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1013</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 02.

<sup>1014</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1015</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

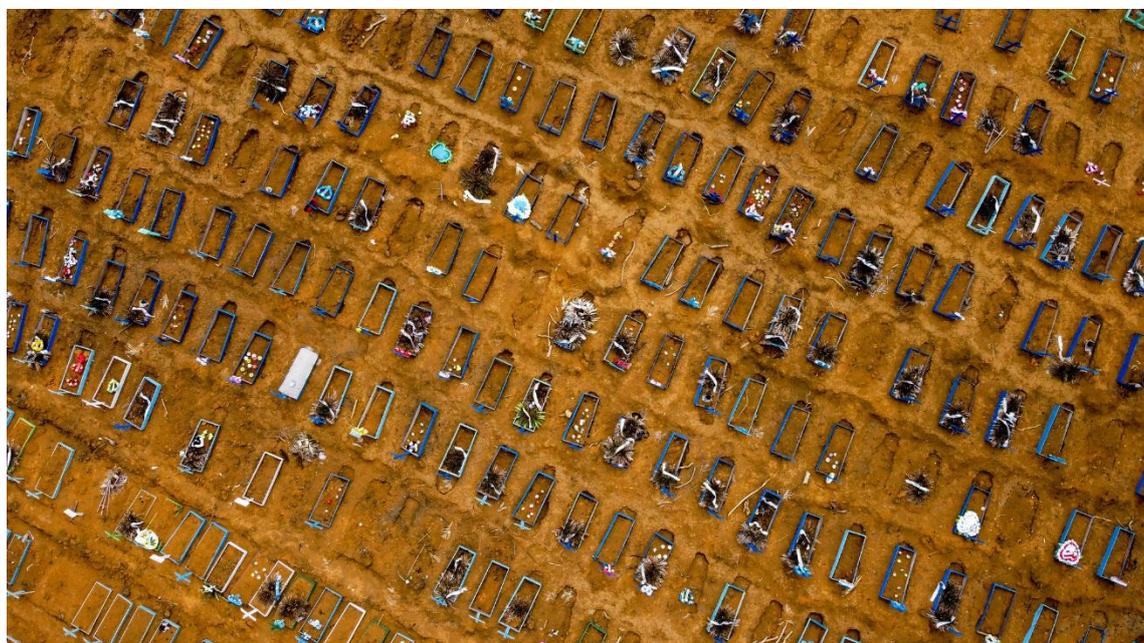
<sup>1016</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1017</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1018</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1019</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

geoistóricas, *tanto os humanos quanto a totalidade da vida não humana aportada no que se denomina de natureza*<sup>1020</sup>. Onipresentes, tais seres invisíveis encontram ressonâncias de acolhimento e hospitalidade: *o vírus nos corpos, Deus nas igrejas e os mercados nas bolsas de valores*<sup>1021</sup> a partir das quais aquilatam métricas de identificação das corpo e geo-políticas passíveis de serem descartadas ou não por uma matriz colonial de poder hipercapitalista<sup>1022</sup> em curso sem precedentes. Portanto, *a estranha opacidade* descortinada pelo vírus vem a nos mostrar a celeuma política de que *a crueldade do capitalismo neoliberal*<sup>1023</sup>, endossada pelo Trump dos trópicos, *incapacitou quaisquer caminhos do Estado de responder a emergências*<sup>1024</sup> que urgem dos escombros das *práxis* de destruição das políticas mercadológicas. À comprovação disso, evoco o “produto final” (Figura 9) das artimanhas de dominação de um hipercapitalismo<sup>1025</sup> selvagem como um animal faminto e sedento por alimentar-se:



<sup>1020</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1021</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1022</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1023</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1024</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1025</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

Figura 9 – Imagem presente no texto “Relato: vi a pandemia mais de perto do que esperava” de Izabel Santos publicado em 13 de março de 2021 durante o caos pandêmico em Manaus  
 Fonte: <https://infoamazonia.org/2021/03/13/relato-vi-a-pandemia-mais-perto-do-que-esperava/>

No cancelar da imagem elencada, percebo que o vírus, de alguma forma, endossa as artimanhas de expurgo dos mercados, na égide do meu mineiro, *chacoalha os poderes Estatais, tão desnutridos como seus cidadãos, reproduz-se aos milhares de corpos humanos*<sup>1026</sup>, cindindo-os com o desfalecer da morte *ao nos destrinchar que baixo à Terra vem a ser o menos democrático que seus moradores anteriores*<sup>1027</sup>. Ademais, Silviano é pontual quando tensiona uma crítica de caráter político ao trato pandêmico afirmando que *sustenta supremacistas brancos nos países de “Primeiro Mundo” e suas “colônias”; na Europa, pessoas idosas, pobres e tomadas por doenças fatais tomaram primeiro o trem da morte como se fossem direto para Auschwitz*<sup>1028</sup>. No Sul global<sup>1029</sup>, *descendentes de africanos e latinos abarrotam covas abertas em cercanias fronteiriças das cidades*<sup>1030</sup> – tal qual a fotografia brasileira evocada comprova. A pandemia, então, *parte ao meio e aos pedaços os Estados do planeta dividindo os países pelo crédito ou descrédito*<sup>1031</sup>; no caso do Bolsonarismo, *dos governos e cidadãos às tentativas de contenção do vírus pulverizado*.

Todavia, dado o tom político das minhas tessituras e problematizações epistemológicas desta tese, não posso desconsiderar um cenário anterior à pandemia de COVID-19 iniciada em 2020. Isto é, *o fato de que as epidemias só se tornam problemas mundiais quando populações do Norte global são atingidas*<sup>1032</sup> por suas facetas de destruição. A exemplo, menciono as de SIDA/AIDS, em 2016 a de malária

<sup>1026</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1027</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1028</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 05.

<sup>1029</sup> MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>1030</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 05.

<sup>1031</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 05.

<sup>1032</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

em África quando 405 mil pessoas<sup>1033</sup> morreram devido à doença e tal fato não fora noticiado pelos veículos midiáticos, sem mensurar o genocídio indígena no meu estado de Mato Grosso do Sul, fronteira a partir da qual escre(vi)vo, cujas políticas públicas de contenção quase não existem. Em suma, quando argumento em direção a comprovar as formas como a pandemia e a quarentena delinearam seu Sul<sup>1034</sup>, entendo que, por extensão entremeada em minha retórica crítica biográfica fronteiriça, *os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis em surtos pandêmicos*<sup>1035</sup>.

*Quando o contágio em escalas abissais ocorre, a vulnerabilidade aumenta, uma vez que nossas existências desamparadas pelas condições de vida impostas às nossas corpo e geo-políticas nos tornam mais suscetíveis e expostos à propagação do vírus*<sup>1036</sup>. Em outros casos de desvalidas condições econômicas, o vírus encontra morada onde nem mesmo o Estado bolsonarista se preocupa a sequer considerar: *favelas e periferias das cidades, aldeias remotas, campos de refugiados, prisões bem como os que exercerem papéis envolvidos em riscos, dado que trabalham em condições que impossibilitam quaisquer maneiras de proteção*<sup>1037</sup>. Desse modo, escamoteia-se o perfilado pelo meu mineiro em relação ao trato com as exterioridades dos assujeitados bem como o horizonte de que, *em situações de emergência, as políticas de contenção nunca serão de aplicação universal*<sup>1038</sup> da forma como as retóricas oficiais emitem.

Pelo contrário, *são abertas e intencionadas a selecionar quem deve sobreviver ou não, garantindo a sobrevivência de corpos sociais valorizados, aptos e necessários*

---

<sup>1033</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1034</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1035</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1036</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1037</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1038</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*para a economia negligenciando aquilo que se concebe*<sup>1039</sup>, nos termos de um hipercapitalismo<sup>1040</sup> gestado no bojo de uma matriz colonial de poder, *como “corpos desvalorizados”*<sup>1041</sup>. A cabo dessa perspectiva *outra suleada*, antevê-se o pressuposto de que *qualquer quarentena é sempre discriminatória*<sup>1042</sup>, *pois abisma as realidades materiais dos cidadãos de guisas absolutamente distintas*. Não sobrevivi à quarentena vivendo em equivalência ao meu Silvano *em seu apartamento em Copacabana*<sup>1043</sup>, *alimentando-se por delivery*<sup>1044</sup>, *pedindo remédios de hipertensão*<sup>1045</sup> e *fazendo ginástica em casa*<sup>1046</sup>, bem como, ambos, não experienciamos tais temporalidades fúnebres similarmente a ambulantes, prestadores de serviços domésticos, autônomos, indígenas, mulheres, negros, morados de favelas etc.

Ressalvadas as óbvias diferenças entre nós e os grupos mencionados, entendo que, às nossas especificidades existenciais, *compomos aquilo que conclamo nesta tese de Sul*, sendo esse, por sua vez, *a designação não de um espaço geográfico*<sup>1047</sup> a partir do qual vivemos. Mas, sim, *um espaço-tempo político, social e cultural em que o sofrimento humano injusto decorre da exploração capitalista em suas múltiplas esferas raciais e sexuais*<sup>1048</sup> aquilatadas no que venho argumentando desde o princípio enquanto *el patrón colonial de poder*. Nesse intento, a quarentena, ainda que necessária, *acaba por reforçar e tornar visíveis as injustiças, discriminações e exclusões sociais disseminadas pelo sofrimento imerecido que provocam*<sup>1049</sup> nos *loci* fronteiriços povoados por corpo-políticas exteriorizadas. Mesmo que *menos*

---

<sup>1039</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1040</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1041</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1042</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1043</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1044</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1045</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1046</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1047</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1048</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1049</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*discriminatórias que outras violências*<sup>1050</sup>, tais quais as demasiadas cometidas pelo Bolsonarismo arroladas neste trabalho, *ainda assim, segregam tanto quanto suas tentativas de prevenção, expansão e mitigação*<sup>1051</sup> do coronavírus.

Na esteira do que Boaventura tensiona, *extensivas parcelas das populações não possuem mínimas condições de seguirem as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para vencer o vírus*<sup>1052</sup>. Isso pois sobrevivem em luta em *espaços exíguos, poluídos ou mesmo porque são obrigados a trabalhar em condições insalubres a fim de alimentar os seus, por já estarem em quarentena prisional e refugiada ou mesmo por simplesmente não terem sabão ou água potável em suas casas*<sup>1053</sup>. Em outras palavras, tais orientações da OMS escancaram os horizontes de desigualdade, em especial, do Brasil pretérito e imperfeito, *ao se projetaram a pequenas frações sociais das populações*; na sua contrariedade absoluta, *morre-se de vírus ou de fome*, eis as opções do hipercapitalismo<sup>1054</sup>. *Aquele que tem fome não se pode dar a veleidade de comprar sabão ou água com base em preços que sofrem o peso da especulação*<sup>1055</sup> em meio a uma inflação abismal nestas terras desgovernadas por um “falso Messias”.

Muitos *habitam a cidade sem direito à cidade, visto que vivem em lugares desurbanizados sem quaisquer acessos a condições cidadinas pressupostas pelo direito inalienável de viver ali naquele espaço com dignidade*<sup>1056</sup>. Na chancela de Boaventura, problematizo: *quais são as diferenças sumárias entre esta nova quarentena e a anterior*<sup>1057</sup> *que sempre circunscreveu múltiplos modos de vidas*

---

<sup>1050</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1051</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1052</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1053</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1054</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1055</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1056</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1057</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*exteriorizados e assujeitados em uma lista infundável daqueles que habitam esse Sul abissal?*<sup>1058</sup> No que tange às quarentenas anteriores<sup>1059</sup> a esta que vivemos há pouco em virtude da COVID-19, correlata pela percepção do Sul<sup>1060</sup> que atravessa nossas corpo e geo-políticas das exterioridades, entrevejo, na base de Mignolo, que sobrevivemos em *práxis* de lutas re-existindo<sup>1061</sup> em um *estado patriarcal a serviço das corporações e do crescimento do PIB*<sup>1062</sup>. Nesse aspecto, *a prioridade do econômico se sobrepõe à vida colocando as gentes assujeitadas em segundo plano em uma desordem globalizada disseminada pelos Estados afora*<sup>1063</sup> em que o Brasil não é um caso à parte, muito pelo contrário, haja vista a interceptação bolsonarista em exercício nestes trópicos fúnebres.

Com isso em mente, prefiguro a possibilidade de um *estado materno enquanto inversão radical*<sup>1064</sup> da realidade virulenta que experienciamos não só a partir do coronavírus, mas, sobremaneira, na chancela das multifacetadas formas de violências as quais nós e os nossos vêm experienciando na carne há séculos neste país de imperfeições pretéritas. No entendimento de um *estado materno, priorizam-se as gentes em detrimento à economia e não o oposto*<sup>1065</sup>, tal qual percebemos no transcorrer do cotidiano das desigualdades sociais, econômicas, raciais, sexuais, de gênero etc. Questiona-se, então, *em que medida esse paradigma de crescimento capitalista desenfreado criou condições para a eclosão de uma pandemia em escalas*

---

<sup>1058</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1059</sup> Boaventura de Sousa Santos nos relembra que a quarentena realizada em 2020 *sub judice* à presença da COVID-19 não é originária, isso porque os assujeitados às desigualdades já viviam em situações de isolamento em relação às políticas públicas que a eles não agem a contento. A exemplo, posso mencionar as favelas, refugiados, moradores de rua, trabalhadores informais, racializados, deficientes, idosos, dissidentes sexuais, mulheres, enfim, a lista é infundável quando tal contexto é problematizado pelo crivo das epistemologias do Sul.

<sup>1060</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1061</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1062</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

<sup>1063</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

<sup>1064</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

<sup>1065</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

*abissais de guerra, uma vez que, em seu cerne, não há solidariedade coletiva tampouco harmonia comunal*<sup>1066</sup>.

Se a pandemia, destituída de quaisquer pedagogias, ensinou-nos algo, ainda que à revelia e descortinando o já sabido há muito, também, por nós pensadores críticos biográficos fronteiriços, foi escancarar, àqueles que querem ler o mundo de uma perspectiva *outra, o fracasso de políticas guiadas pela crença irrestrita de que as sociedades devem estar super orientadas pela economia capitalista*<sup>1067</sup>. Em contextos de emergência sanitária a partir dos quais pessoas são ceifadas à exaustão de forma, nos dizeres de Silviano, nada democrática em pulverizações mortuárias, urge a necessidade de *invertermos os termos, pagar as dívidas, mas jamais às custas das vidas do país*, tal qual o Bolsonarismo perfilou sem quaisquer princípios *ético-políticos de administração*<sup>1068</sup> federal. Em conjunto com Mignolo defendo, então, *o princípio básico de devolver à economia sua função social, reverso ao enclausurar das sociedades a ela, sobretudo, em cenários sem precedentes, nem históricos ou teóricos*<sup>1069</sup> à maneira que o coronavírus nos intercepta desde março de 2020.

No bojo empreendido pelo debate em torno do hipercapitalismo<sup>1070</sup> circunscrito em uma matriz colonial de poder a partir da qual corpo e geo-políticas específicas são sobrepostas a outras não apenas em contextos pandêmicos, mas, em especial, no correr do cotidiano pretérito e imperfeito brasileiro, penso no atravessar dos *horizontes do viver*<sup>1071</sup> que ensejamos para nós e nos que somos obrigados a sobreviver em estado de luta permanente. Com tal ponto em destaque, urge a emergência de problematizarmos *a colonialidade apregoada às retóricas da modernidade, do*

---

<sup>1066</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 137.

<sup>1067</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 144.

<sup>1068</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

<sup>1069</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

<sup>1070</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1071</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 14.

*progresso, da ordem e da “democracia” em que o crescimento econômico se prefigura enquanto o único horizonte “universal” do viver*<sup>1072</sup>. Subvertendo meus próprios termos e respaldado nas reflexões já empreendidas neste subtítulo vertido em pulverizações fúnebres de, nos dizeres do meu mineiro, uma *pandemia ditatorial*<sup>1073</sup>, agora, tensiono minha teorização crítica biográfica fronteiriça a um outro ponto latente e necessário em virtude da eclosão de COVID-19: *a colonialidade da natureza*<sup>1074</sup>.

*Essa, por sua vez, estabelece uma relação de exterioridade a partir da qual cria condições para apropriação/exploração em escalas de crescimento sem limites*<sup>1075</sup>. Interposto pelo que assevera Silviano, dado o cenário cooptado pelo *império ditatorial do coronavírus* e do desgoverno bolsonarista, *indústria, comércio e serviços se veem em estado de pânico, falências se mostram às vistas e são alarmadas por economistas nas mídias, escasseia-se o dinheiro que movimenta tais setores respingando nas bolsas de valores assentadas nos lucros irrestritos*<sup>1076</sup>. Todavia, lanço luz a um desassossego não sinalizado pelas palavras do meu Silviano, isto é, *o fato de que a crise climática*<sup>1077</sup>, a partir da qual a COVID-19 fora gestada, *não suscita respostas dramáticas e emergenciais à maneira que a pandemia provoca*<sup>1078</sup>; preocupa-se com o produto final do problema, mas, dado o enredamento *del patrón colonial de poder* em nossos *modus operandi e vivendi* hipercapitalistas<sup>1079</sup>, desprezam-se as condições que possibilitaram o cenário abissal de guerra aqui descortinado.

---

<sup>1072</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 14.

<sup>1073</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 02.

<sup>1074</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

<sup>1075</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

<sup>1076</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 05.

<sup>1077</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1078</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1079</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

Quanto a essa guerra, à natureza em estado permanente de *colonização*<sup>1080</sup> pelos grilhões da modernidade/colonialidade e alargada à última instância pelas despolíticas bolsonaristas<sup>1081</sup>, estamos, há muito, em desvantagem, visto que *a crise pandêmica vem sendo controlada*<sup>1082</sup> através dos órgãos de saúde mundiais no empenho de vacinar as populações, ainda que as do Sul estejam em desvantagem frente às do Norte global, dadas as geo-políticas abissais que gerem o mundo e o Brasil, esse, primordialmente, se considerarmos suas extensões epistêmicas e geoistóricas continentais. Por outro lado, *o colapso ecológico é irreversível e inevitável podendo ser apenas mitigado; ambas derrocadas, ainda que alarmadas de modos distintos, estão intimamente interligadas* e trazem à tona um mesmo problema sinalizado por Boaventura: *o fato de que as violações hipercapitalistas ao meio ambiente não ficarão impunes*<sup>1083</sup>.

À maneira que expus desde o subtítulo 1.3 desta tese, no chancelar das nossas corpo-políticas rechaçadas em prol da retórica moderna/colonial de uma dita

---

<sup>1080</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

<sup>1081</sup> A partir de manchetes midiáticas como “Bolsonaro se consolida como o presidente mais antiambiental da história brasileira”, “Se Bolsonaro ganhar, será uma catástrofe ambiental”, “Bolsonaro tem recordes de destruição do meio ambiente; mas usa dados para enaltecer seu governo” e “O fracasso ambiental do governo de Jair Bolsonaro”, o presidente em exercício se consolida como um dos governantes mais antiambientalistas da história pretérita e imperfeita do Brasil. Seus interesses estão, como condição *sine qua non* hipercapitalista, alinhados à agenda de crescimento econômico irrestrito e, por extensão, desenham-se aos nossos olhos dados alarmantes em relação ao desmatamento da Amazônia, dos garimpos ilegais, do genocídio aos povos indígenas defensores do meio ambiente dentre outros diversos casos que poderiam aqui serem arrolados no bojo da colonialidade da natureza nestes trópicos fúnebres. Para mais informações, seguem as notícias:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/12/20/bolsonaro-se-consolida-como-o-presidente-mais-antiambiental-da-historia-brasileira>

<https://veja.abril.com.br/brasil/se-bolsonaro-ganhar-sera-uma-catastrofe-ambiental>

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2021/09/21/bolsonaro-tem-recordes-de-destruicao-do-meio-ambiente-mas-usa-dados-para-enaltecer-seu-governo-entenda.ghtml>

<https://oeco.org.br/colunas/o-fracasso-ambiental-do-governo-de-jair-bolsonaro/>

<sup>1082</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1083</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

“similaridade” à natureza enquanto sub-humanos e assujeitados, somado ao aspecto antidemocrático<sup>1084</sup> da pandemia em torno dos suprimidos pela matriz econômica em curso, tal qual a primeira vítima ceifada pela COVID-19 no Brasil, endosso o argumento de que minha teorização angaria desvelar *as características essenciais de um modelo de exploração sem limites de todos os recursos humanos e naturais quanto for possível*<sup>1085</sup>. O coronavírus, destituído de quaisquer pedagogias, acabou por nos lembrar, à revelia, *que sua ocorrência é uma dentre muitas de um modelo de sociedade emergido globalmente no século XVII e que tem nos conduzido, enquanto humanidade, a um cenário catastrófico, em específico, no que compete à natureza*<sup>1086</sup>.

Por isso, ao escre(vi)ver corpo e geo-politicamente pelo roçar do meu ser homo-biográfico, sob o sol crepuscular, abismático e estonteante da fronteira-sul, dotada de suas manifestações naturais à última potência *ao encobrir uma tintura vermelha e vultuosa que re-existe ao esquecimento, à ignorância e à revolta*<sup>1087</sup> sendo, também, habitada, em luta constante, pelos povos indígenas sobrevivendo nos quatros lados do estado de Mato Grosso do Sul, jamais poderia ignorar tal ponto de problematização nesta tese alcinhada pelos ecos sobressalentes das araras que me entrecortam diariamente ao pisar os pés no mundo campo-grandense. Não posso, portanto, destituir-me do posicionamento ético contrário às despolíticas globais e bolsonaristas de *colonização da natureza*<sup>1088</sup>, visto que *essas violações e violências se traduzem em mortes desnecessárias de múltiplos seres vivos da Mãe Terra, nossa*

---

<sup>1084</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 04.

<sup>1085</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1086</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1087</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 54.

<sup>1088</sup> SEGATO. *La perspectiva de la colonialidad del poder*, p. 74.

*casa em comum*<sup>1089</sup>, à moda que explicita Boaventura na chancela dos povos originários e camponeses.

Se algo a pandemia nos ensinou a fórceps foi, sem dúvidas, *o poder de autodefesa do meio ambiente*<sup>1090</sup>. *As violências à natureza não são e não ficarão impunes, as pandemias descortinam penitências decorridas das violações acometidas* e, com base no que prefigura novamente Boaventura, *não se trata de vingança da Mãe Natureza, mas, sim, sua salvaguarda defensiva*<sup>1091</sup>. Há que lutar pelo seu território *para garantir a possibilidade de vida, uma vez que os humanos são parte ínfima (0,01%) do todo a partir do qual estamos todos inseridos*<sup>1092</sup>. Em outras palavras, entrevejo que, quase como um espelhamento descolonial das corpo e geopolíticas habitando e sobrevivendo em estado incessante de luta, para o hipercapitalismo<sup>1093</sup> introjetado na matriz colonial de poder, o meio ambiente também pode ser tomado como um Sul<sup>1094</sup>, uma exterioridade assujeitada aos grilhões modernos/coloniais em curso no Brasil imperfeito do Bolsonarismo e no mundo.

Como aferi no início deste subtítulo, alguma coisa se perdeu em março de 2020, algo se foi sem dar adeus e o mundo não é mais o mesmo. Para Silviano, *a pandemia é força estilística, composição intempestiva e impositiva em que se requer obediência sem exigir submissão, já não se escreve como se fala, não escre(vi)veremos mais como escre(vi)víamos*<sup>1095</sup>. Já conforme Quijano, *estamos permeados por duas crises furiosas, uma global e outra capitalista, que se confundem virtualmente com a do próprio sistema capitalista em si, pois não estão separadas*

---

<sup>1089</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1090</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1091</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1092</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1093</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1094</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1095</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 15.

*tampouco são “naturais”<sup>1096</sup>. Os três pontos correlacionados me fazem entrever que o que ainda está ocorrendo, a suposta “mudança climática global”<sup>1097</sup>, alargada através das despolíticas bolsonaristas à Amazônia por exemplo, é produto do que a espécie humana tem feito, há muito, à Terra: processos incessantes de redução das condições de vida do planeta, de forma não acidental, mas por via das interceptações da matriz colonial de poder a partir da qual nos habita e, *pari passu*, habitamos<sup>1098</sup>.*

Ante o exposto por Quijano, *das maneiras como o capital e o capitalismo vêm se desenvolvendo em escalas cada vez mais perversas e abissais, tecnocráticas à ultima potência, em que o válido enquanto baliza maior é a práxis do utilizar tudo e todos como mercadoria gerando lucros inimagináveis<sup>1099</sup>, as violações ambientais, realmente, não ficarão impunes<sup>1100</sup> e todos nós amargaremos suas consequências, pelo menos os que sobreviverem. Por essa razão, o coronavírus emerge enquanto uma chance de apreendermos, ainda que pelo padecimento do e no corpo vivo transmutado em cadáver empilhado, que o que tem acontecido ao meio ambiente não é, nem de longe, natural e, sim, histórico decorrido de um poder entre nós que está aniquilando sem precedentes nossa casa comum ao reduzir as condições de vida nela e que, principalmente, mata-nos sub judice à sua salvaguarda defensiva<sup>1101</sup>.*

Faz-se impossível *defender a vida humana no planeta sem lutar, ao mesmo tempo, pelas condições de vida neste mundo<sup>1102</sup> colonial, moderno e, hoje, hipercapitalista<sup>1103</sup> à exaustão. Assim, utilizando-me dos termos do meu Silvano, a COVID-19 e suas consequências de matriz colonial se impõem como principais*

<sup>1096</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 309.

<sup>1097</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 309.

<sup>1098</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 309.

<sup>1099</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 309.

<sup>1100</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1101</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1102</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 371.

<sup>1103</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

*atores*<sup>1104</sup> desta seção de tese *ao tentar nos derrubar por nocaute*, haja vista seu atravessamento em nossas *práxis* de tentar escre(vi)ver nossas teorizações de mundo e, em especial, de país, destituídos de quaisquer geo e corpo-políticas de bem-viver ou fazer comunal. Quando apregoo em minhas teorizações os ensejos *outros* mencionados, refiro-me às *cosmologias expressas pelas populações indígenas da América Latina ao configurarem alternativas de vidas sociais passíveis de serem concretizadas apenas pela égide da descolonialidade do poder não podendo se situar mais à (re)produção “democrática” de sociedades ditas “democráticas”*<sup>1105</sup>.

Em suma, *um modo outro de existência social com horizontes históricos próprios e específicos de sentido justapostos na contrariedade absoluta aos caminhos aportados pela colonialidade global do poder*<sup>1106</sup>. Entendo, pois, *que os projetos modernos/coloniais, ao se entremear em ao social, destituem quaisquer possibilidades de um fazer comunal*<sup>1107</sup>; na esteira de Mignolo, *enquanto uma percepção descolonizada do bem-viver, o comunal restitui o que se perdeu na escala crescente de destituição do ato de viver em prol do desejo irrestrito de possuir, controlar e dominar*<sup>1108</sup>. Contrariamente ao que se poderia supor, através da interceptação de um pensamento binário moderno, o exposto *não se direciona à substituição de um (social) pelo outro (comunal)*<sup>1109</sup>, *mas, sim, sua inevitável co-existência*<sup>1110</sup>.

Nessa seara, de alguma forma já prefigurada pelos povos indígenas que habitam, sobrevivem em luta e re-existem<sup>1111</sup> neste estado crepuscular e sul-fronteiriço administrado pelo agronegócio a partir do qual escre(vi)vo, *o bem-viver em*

<sup>1104</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 03.

<sup>1105</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 361.

<sup>1106</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 361.

<sup>1107</sup> MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 17.

<sup>1108</sup> MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 17.

<sup>1109</sup> MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 17.

<sup>1110</sup> MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 17.

<sup>1111</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

*prol de um fazer comunal, aloca no centro da vida as relações entre humanos e natureza*<sup>1112</sup>. Nos ditos da intelectual argentina Rita Segato, o bem-viver não pauta suas premissas por cálculos de custo-benefício, produtividade, competitividade, acumulação e concentração da renda a pouquíssimos grupos<sup>1113</sup>. Divergem, como condição *sine qua non*, dos projetos *hipercapitalistas*<sup>1114</sup> alcunhados no seio da matriz colonial de poder alimentada por aqui através do Bolsonarismo em exercício. A exemplo do bem-viver e fazer comunal perfilados no Brasil imperfeito desgovernado pelo “falso Messias” durante a pandemia, evoco o caso dos *bairros periféricos e favelas, sendo esses os mais atingidos pela COVID-19 no país, dado que ali o vírus encontrou seus alvos privilegiados nas habitações de pessoas, em grande parte, negras*<sup>1115</sup> e destituídas de quaisquer poderes econômicos minimamente dignos de sobrevivência.

Conforme Boaventura afere em *O futuro começa agora* (2020), *os residentes de regiões mais pobres que contraíssem o coronavírus tinham até dez vezes mais chances de morrer que os de áreas ricas*<sup>1116</sup>. Isso nos rememora o já exposto nesta discussão quando problematizei o fato de que *o Estado só se recorda dessas regiões vulneráveis quando para as violentarem ou mesmo na busca por votos em épocas eleitorais; nesse cenário, as comunidades pobres, infelizmente, “acostumaram-se” a poder contar apenas consigo mesmas, tradição comunitária essa retornada durante a eclosão da COVID-19*<sup>1117</sup> a fim de que conseguissem, minimamente, salvar alguns dos seus. Tal qual o crítico português coaduna, em Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo e quinta do Brasil, composta por mais de 100 mil habitantes<sup>1118</sup>,

---

<sup>1112</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 58.

<sup>1113</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 58.

<sup>1114</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1115</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1116</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1117</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1118</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

estabeleceu-se um método próprio de monitoramento e evolução do vírus a fim de retardá-lo com base no programa “Presidentes da rua” em que diversos voluntários se uniam para costurar máscaras<sup>1119</sup>.

Ademais, escolas e academias do bairro se transfiguraram em enfermarias de isolamento<sup>1120</sup> e uma plataforma *online* fora criada para que os moradores locais desempregados solicitassem ajuda financeira<sup>1121</sup>. Conforme tornou público um dos gestores do movimento, Gilson Rodrigues, “Tudo que fizemos veio da favela. Nada vem dos governos. O estadual liberou apenas escolas para a gente e mais nada. Falta política pública.”<sup>1122</sup> e complementa: “É uma tragédia que está sendo construída.”<sup>1123</sup>. No entrecortar de um cotidiano desamparado, virulento e negligente do “Messias” em exercício, questiono: a esses, não há misericórdia cristã? Onde está o “Deus” (com inicial maiúscula) da teopolítica bolsonarista para aqueles que mais necessitavam de amparo? À maneira que explicitou Silvano, *para Bolsonaro a Bíblia não pesava mais que a Constituição?*<sup>1124</sup> Em ambos os cenários, só concebo desprezo e *políticas de morte* a serviço do *apocalipse*<sup>1125</sup> aos assujeitados destes trópicos fúnebres.

No pluriverso, o bem-viver, apregoadado no fazer comunal, implica *trabalhos notáveis de entreajudas sendo tecidos com base nas partilhas das experiências de violência, fome e sofrimento cujas faces desvelam a incapacidade ou mesmo abandono do Estado*<sup>1126</sup>. De forma não irônica à teorização empreendida e no embate já realizado neste subtítulo acerca de um *estado materno*<sup>1127</sup>, Mignolo nos recorda que *capitalismo e economia são dois elementos distintos, há que se desassociar um*

<sup>1119</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1120</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1121</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 208.

<sup>1122</sup> RODRIGUES *apud* SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 210.

<sup>1123</sup> RODRIGUES *apud* SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 210.

<sup>1124</sup> SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

<sup>1125</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>1126</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 210.

<sup>1127</sup> MIGNOLO. *Distancia física y armonía comunal/social*, p. 145.

*do outro ao reduzir a economia à sua justa medida em favor da harmonia comunal*<sup>1128</sup>. Tal medida não dialoga *nem com o bem comum liberal tampouco com o comum marxista*, tão criticado acriticamente pelo Bolsonarismo, *mas um desejo de desconectar economia de acumulação ao pressupor modelos outros comunais*<sup>1129</sup>.

Ainda no destrato à pandemia por parte do Estado, Boaventura comenta que o jornal inglês “The Economist” *afirmara que problemas sanitários, como a pandemia, tendiam a ser menos letais em países “democráticos” dada a circulação de informações*<sup>1130</sup>, fato esse que em nada se aplicou ao Brasil de Bolsonaro em seu *império ditatorial*<sup>1131</sup>, na base do que Silviano atesta. Isso, pois, como venho problematizando, *as “democracias” estão mais e mais vulneráveis às fake news, o que nos implica pensar em soluções participativas nos níveis de bairros, comunidades e educação ética pautadas na solidariedade e cooperação, justapostas na contracorrente dos princípios hipercapitalistas de empreendedorismo e competitividade a qualquer custo*<sup>1132</sup>. Nessa guisa, compreendo que o Bolsonarismo, *enquanto um governo de extrema-direita neoliberal, na presente crise humanitária, falhou contra a pandemia ao ocultar informações, desprestigiar as vacinas, minimizar os efeitos da pandemia e se valer da COVID-19 enquanto práxis de fazer política eleitoral*<sup>1133</sup> aos seus defensores implacáveis.

Pretextando “salvar a economia”, cooptado pela lógica perversa de que se vive *para trabalhar e não se trabalha para viver*<sup>1134</sup>, Bolsonaro *assumiu riscos irresponsáveis pelos quais, espera-se, que um dia seja responsabilizado*<sup>1135</sup>.

---

<sup>1128</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 147.

<sup>1129</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 147.

<sup>1130</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1131</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 03.

<sup>1132</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1133</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1134</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 05.

<sup>1135</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

Colocando a minha vida, dos meus e de todos os brasileiros em risco, o “falso Messias” elevou à última potência a percepção colonial de que *uma certa dose de darwinismo social seria positiva ao país, ou seja, expurgar grupos específicos da sociedade que não interessavam, minimamente, ao capital em nenhuma instância por serem “descartáveis” em prol de uma ideia de economia sobreposta às pilhas de cadáveres literalmente empilhados*<sup>1136</sup> nos hospitais e cemitérios do Brasil. Na baila do contexto geral disseminado neste subtítulo, compreendo que *a pandemia e sua quarentena nos desvelaram a urgência de cotejarmos alternativas*<sup>1137</sup> *outras aos modos que nos habituamos a viver destituídos do bem-viver comum em harmonia comunal*<sup>1138</sup> implicando, por extensão, *alternativas ao produzir, consumir e conviver neste início de século XXI*<sup>1139</sup>.

À revelia do meu Silviano, não escre(vi)vo com base em uma realidade unicamente metaforizada do cotidiano que me entrecorta<sup>1140</sup>. Transfiguro, mais uma vez, suas palavras, ao *escapar-me da morte anunciada pela pandemia em que a coerência epistemológica tem seu quinhão em minha vida entremesclada em meu pensamento trabalhando com a tentativa de problematização objetiva da presença angustiante e aflita da atualidade*<sup>1141</sup> do meu país dotado de imperfeições pretéritas e, mais do que nunca, presentes. Não sei se consigo, mas continuo tentando, narrar a morte adoece o corpo. Ao des-metaforizar meu mineiro, *não me esquivo do presente, nem do tempo histórico, para avançar pelo futuro ou me refugiar em lembranças*<sup>1142</sup>, as metáforas podem ser pertinentes em momentos específicos, contudo, não bastam nestes trópicos sem lei pulverizados pela presença de um vírus pouco conhecido. Por

<sup>1136</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1137</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1138</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1139</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1140</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 07.

<sup>1141</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 07.

<sup>1142</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 07.

tal razão *outra*, de base crítica biográfica fronteiriça, penso que sem alternativas *outras* ao momento experienciado do e no corpo, *não será possível evitar a eclosão de novas pandemias que, como os dados nos levam a acreditar, podem ser ainda mais abissais que esta em curso*<sup>1143</sup>.

A título do que assegura Boaventura no chancelar dessas possibilidades de futuros *outros*, *haveremos de ter o sobressalto de pensarmos em alternativas quando se angaria, de forma incessante, a retomada da suposta “normalidade” a priori à quarentena, uma vez que essa mesma “normalidade” nos conduziu ao cenário de guerra hoje vivenciado?*<sup>1144</sup>. Vende-se o ideário de que *não existem caminhos exteriores ao hipercapitalismo e às suas consequências como aquecimento global, desastres, em suposição, “naturais”, a perda irrestrita de biodiversidade, acontecimentos meteorológicos “atípicos” e extremos e, como decorrência maior, outras muitas pandemias com poder de morte ainda mais abissais e avassaladores*<sup>1145</sup>. Urge assumirmos um posicionamento humilde no concernente ao *planeta que habitamos, existe um para-além da humanidade*<sup>1146</sup> desconsiderado pelos grillhões da matriz colonial de poder hipercapitalista<sup>1147</sup>, *visto que compomos apenas 0,01% de sua totalidade*<sup>1148</sup>. Desconsidera-se, então, *que a defesa do planeta é a condição mínima para que as pessoas possam existir por aqui*<sup>1149</sup>.

Na contracorrente, *é de se esperar que essas outras vidas co-existentes a nós se defendam das agressões causadas de maneiras cada vez mais letais*<sup>1150</sup>. Assim, Boaventura é salutar em meus embates críticos aqui travados ao apregoar na

---

<sup>1143</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1144</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1145</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1146</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1147</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1148</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1149</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1150</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

realidade material que se não alterarmos, radicalmente, nossos *modus operandi* e *vivendi pari passu* à presença incontestada do meio ambiente, *o futuro desta quarentena será um breve intervalo antes das próximas que virão à última potência de destruição*<sup>1151</sup>. Ao cotejar o cenário abissal desvelado, *enseja-se uma articulação de sociedade outra à luz de viradas epistemológicas, culturais e ideológicas sustentadas por medidas políticas, econômicas e sociais passíveis de garantirem nossa sobrevivência digna no mundo*<sup>1152</sup>. Afinal, à maneira que expus, em específico, no Brasil de presente imperfeito pela contaminação moderna e colonial do Bolsonarismo, *vive-se uma quarentena dentro de outras já existentes*<sup>1153</sup>. *Poderemos, enfim, superar a do capitalismo quando tivermos condições de tomarmos o planeta pela insígnia de nossa casa comum, a Natureza como uma mãe originária a quem devemos respeito e não enquanto mercadoria de pertencimento passível de ser explorada sem limites*<sup>1154</sup>.

Encaminhando-me para o encerramento deste subtítulo atravessado por *políticas de morte*<sup>1155</sup> e *cavaleiros em direção a um apocalipse*<sup>1156</sup> generalizado, concebo, pelo entremear da minha vida de pesquisador descolonial com a perspectiva *outra* da crítica biográfica fronteiriça, *que nós pertencemos à natureza; quando superarmos essa quarentena originária, poderemos nos considerar mais livres das provocadas pelas pandemias*<sup>1157</sup>. Nesse intento, se Silviano, à luz de Guimarães Rosa, aferiu que *viver é perigoso*<sup>1158</sup>, ofereço concordância. Entretanto, não posso me render ao pessimismo latente da estagnação, direciono-me à esperança e à

---

<sup>1151</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1152</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1153</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1154</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1155</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08,

<sup>1156</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45,

<sup>1157</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1158</sup> ROSA *apud* SANTIAGO. Literatura e confinamento, a solidão, s/p.

reconstrução intermediadas por uma ética política descolonial, cujas especificidades trabalharei no findar deste primeiro capítulo (1.5) através das problematizações em torno do desgoverno bolsonarista contraposto ao de Luiz Inácio Lula da Silva, vencedor das eleições presidenciais de 2022.

No que convém à ética política descolonial, é posto, por via do discutido até o presente momento desta tese, que o desgoverno mencionado se situou no absoluto descompromisso com tal princípio, a exemplo da crise sanitária de 2020 trabalhada neste subtítulo. A dita *casa, leia-se país, estivera em total desarrumação*<sup>1159</sup> no recorte temporal 2018-2022 e cabe, agora, à esperança do porvir a tentativa de rearrumação intermediada por políticas éticas *outras* comprometidas com as exterioridades. Assim como a pandemia e sua quarentena terminaram, o desgoverno de Jair Messias Bolsonaro se encerrou descortinando uma hecatombe moderna, colonial e hipercapitalista<sup>1160</sup> com a qual fomos obrigados a conviver e experienciar em nossas corpo e geo-políticas. Essas, por sua vez, interceptadas por teo e egopolíticas as quais angariamos nos dissociar pelo crivo de fazeres comunais e bem-viveres a nós e aos nossos que nos compõem enquanto aquilo mesmo que somos e, mais do que nunca, pelos que virão em futuros não tão longínquos deste Brasil imperfeito.

---

<sup>1159</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1160</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

## 1.5 – (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país: um Brasil do futuro<sup>1161</sup>

Governos autoritários gostam de trancar a porta da frente e arrumar a casa. É a maneira que encontram para, disciplinarmente, mostrar serviço. A casa continua a mesma na sua essência, mas a aparência é outra. Deslocam móveis de um cômodo para outro, levantam paredes para dividir quartos, põem trancas nas janelas, mandam pintar paredes e porta – são tarefas que dão a impressão de que o dono está ocupado e atento aos problemas da casa. Mas tudo é questão de *glamour* e não de necessidade. Um olhar mais crítico percebe que o movimento dos habitantes da casa continua o mesmo. Não houve melhoria de vida para eles. Apenas passaram a funcionar movidos pela força da limpeza e da disciplina.

SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65, grifos do autor.

Vingança, perseguição, violência, cadeia, assassinato: são as armas utilizadas pelos mandões como mecanismo de persuasão. Ver reduzidas até a morte as nossas possibilidades de atuação política, acabamos por acreditar ou nas manhas do Destino ou nas mãos todo-poderosas de Deus. Se Destino houver, ele é trançado pelas artimanhas da vingança dos homens; se *Deus todo-poderoso houver, ele é de carne e osso, e mais: tem um revólver na mão.*

SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33, grifos meus.

[...] os direitos sociais exigem políticas públicas que permitem às sociedades democráticas reduzir ou eliminar excessos de desigualdade e estabelecer um patamar mínimo de bem estar para todos. O reacionarismo, por sua vez, está disposto a dismantelar a qualquer preço um modelo de Estado assistencial fundado nos direitos sociais. Onde os outros veem políticas de bem-estar social, o reacionário só enxerga o que afirma ser seu efeito perverso: essas seriam políticas que incentivam a população pobre a se acomodar à própria condição de penúria para recorrer a ela.

STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

À diferença dos subtítulos anteriores deste primeiro capítulo de tese, escre(vi)vo situado em 2023, em um tempo *outro*, pós-pandêmico, de teorização, isto é, arregimento-me não mais unicamente na revolta desenvolvida no 1.2 a partir dos entreveros de meu biolocus enquanto pesquisador fronteiro e assujeitado homobiográfico em posição absoluta contrária às despólicas modernas, coloniais e hipercapitalistas endossadas pelo Bolsonarismo. Mas, sim, no sentimento latente de

---

<sup>1161</sup> Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este subtítulo foi pensado e escrito no ano de 2023 considerando a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais concorridas contra o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022).

esperança expresso nos dizeres de campanha, “Brasil: união e reconstrução”<sup>1162</sup>, do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, vencedor das eleições presidenciais ocorridas em outubro de 2022. Por isso e não somente, denomino esta seção de “*(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país: um Brasil do futuro*” evocando multiplicidades de campos críticos e semânticos possíveis tanto no que concerne ao aspecto individual deste trecho quanto à totalidade do capítulo. Esse, por sua vez, apregoadado nos últimos anos deste Brasil em ruínas o qual eu e meu Silvano nos empenhamos em (tentar) problematizar os grilhões de suas imperfeições pretéritas ostentadas na realidade virulenta que permeou nossas *práxis* do pensar/viver sob o peso da matriz colonial de poder entrecortada em nossas corpo e geo-políticas das exterioridades.

Julgo necessário pontuar a relevância deste recorte temporal (2023) para a totalidade deste capítulo, dado que, nos momentos anteriores, vim me debruçando sobre problematizações circunscritas tão somente na alcunha do Bolsonarismo colonial/moderno. Tal justificativa se dá justamente pelo presente político que permeia e se imbrica em minha escrita, sobretudo, se considerarmos que nossa *casa*, isto é, nosso Brasil, *estivera desarrumado*<sup>1163</sup> como nunca nesses quase infundáveis quatro anos em prol de um *projeto de poder orientado pela destruição*<sup>1164</sup> e pela automanutenção hegemônica das elites. Agora, direciono-me à esperança da rearrumação por intermédio do novo governo que se diz comprometido com a redução das desigualdades, da fome e das opressões às dissidências. Entretanto, é impossível abarcar a totalidade deste presente político, pois, além de não ser meu intuito basilar, sua presença aqui se dá pela perseguição dos traços do pretérito imperfeito na

---

<sup>1162</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/governo-federal-lanca-manual-da-sua-nova-marca-brasil-uniao-e-reconstrucao>

<sup>1163</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1164</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

atualidade com o propósito maior de abalizar a hipótese conceitual desta tese de doutoramento em somatória aos dois capítulos transcorridos *a posteriori*.

Feito tal apontamento geral, no que compete ao título mencionado, pressuposto por uma ética política descolonial, conceito pujante desta discussão específica, estabeleço, a partir dele, duas relações de ordem intertextuais e duas de baliza política: a princípio, com o ensaio “Arrumar a casa, arrumar o país”, publicado em 1982<sup>1165</sup> de autoria do meu mineiro, e “(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país”, de 2023 do professor Antonio Brasil Jr. da UFRJ. Ademais, fazendo jus a minha formação de professor de literatura com perspectiva comparatista em universidade periférica exteriorizada em detrimento aos centros nacionais (UFMS) e membro de grupo de pesquisa com mesmo enfoque (NECC), estabelecerei contraposições, pelo respaldo da crítica biográfica fronteira, entre os últimos governos presidenciais, de Bolsonaro a Lula, atravessado, como condição basilar, pelas tessituras epistemológicas do que o pensamento *outro* imbuído neste trabalho conclama de ética política descolonial, ou seja, no para-além dos binarismos modernos de *esquerda, direita, marxismo, liberalismo ou quaisquer princípios que se autoproclamem universais*<sup>1166</sup>.

No bojo do diálogo estabelecido entre a teorização *outra* aqui delineada e o intertexto com o ensaio citado, publicado há mais de quarenta anos pelo meu mineiro, faz-se pujante questionar: como essa “arrumação da casa”, vulgo país, perfilou-se quatro décadas *a posteriori*? E, ainda, tendo em vista o contexto histórico da época, pós-ditadura militar, de que forma as estruturas políticas autoritárias e éticas do Brasil se transformaram? Tais indagações serão, na medida do possível, respondidas neste subtítulo, todavia, friso o intento de que, mesmo partindo do texto mencionado de

---

<sup>1165</sup> O ensaio mencionado foi publicado por Silvano Santiago em seu livro *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais* de 1982.

<sup>1166</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

Silviano, nossas formulações conceituais se coadunam por perspectivas distintas, uma vez que a condição *sine qua non* teórica desta tese é de base eminentemente crítica biográfica fronteira, descolonial e pós-abissal, à revelia das visadas tradicionais de Silviano. Com isso, demarco meu arcabouço epistemológico *outro* a fim de avançar o pressuposto pelo intelectual nos fins do século XX, imbricado pelo tempo que atravessa minhas *práxis* do viver e do pensar e na alcunha de uma “rearrumação” da dita “casa”, pretérita, presente e imperfeita, *suleado* por aquilo que desenvolverei aqui enquanto uma ética política descolonial por excelência.

Assim, fica expresso, na chancela das reflexões aportadas até o momento neste capítulo, como o “falso Messias” acabou por *(des)arrumar a casa, (des)arrumar o país*<sup>1167</sup> *desconstruindo* (ou destruindo, nos meus termos) *muita coisa*<sup>1168</sup> *ao ter como único objetivo o aniquilamento*<sup>1169</sup>, *dado que um projeto para o Brasil não era o intuito do seu desgoverno*<sup>1170</sup>. Pelo contrário, para o então presidente: “O Brasil não é um terreno aberto, onde nós pretendemos construir coisas para nosso povo.”<sup>1171</sup>, “Nós temos é que desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa para depois começarmos a fazer.”<sup>1172</sup> e ainda “Que eu sirva para que, pelo menos, eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz.”<sup>1173</sup>. De fato, o Bolsonarismo descortinou em nós, especialmente críticos biográficos fronteira, um ponto de inflexão *outro* a partir do qual ensejamos nunca mais regressar: um Brasil, já sinalizado por Silviano,

---

<sup>1167</sup> O uso do *(des)arrumar* neste contexto se dá através de duas razões: primeira, a partir de um intertexto com “*(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país*” do professor Antonio Brasil Jr. da UFRJ. Segunda, no intuito de realizar um jogo linguístico com os termos, visto que, em uma visada ética, espera-se que o presidente do país trabalhe em favor de “arrumar” o país, lidar com seus problemas e reduzir as desigualdades renitentes. Todavia, no que tange aos quatro anos da governabilidade bolsonarista (2018-2022), da minha óptica, desvelou-se o oposto a isso, ou seja, a desarrumação abissal e o aprofundamento das heranças coloniais, sobremaneira, orientadas pela lógica da interioridade sem precedentes.

<sup>1168</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 07.

<sup>1169</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1170</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1171</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1172</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1173</sup> BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

dotado de imperfeições pretéritas, cooptado pela matriz colonial de poder, *onde as ideias e as pessoas estão em estado de putrefação*<sup>1174</sup> ética destituídas de quaisquer pressupostos de um bem-viver ou fazer comunal dignos a todos sem reticências, sobremaneira, às exterioridades corpo e geo-políticas.

Ao *(des)arrumar o país*<sup>1175</sup> à maneira de sua casa, haja vista a quantidade de escândalos<sup>1176</sup> envolvendo a família Bolsonaro em diversos aspectos da vida pública política e privada, o Bolsonarismo apregoou seu feito: *pela primeira vez na história do Brasil faltou um projeto de futuro, algo deu errado e o plano de poder exercido sustentou uma empresa pujante de destruição nos levando a crer que o então governo sabia o que queria e se utilizava da desconstrução (ou destruição) como método de governabilidade*<sup>1177</sup>. De modo como afirmou meu Silvano na égide de sua ironia latente em excerto já reproduzido nesta tese: *o futuro do Brasil só a Deus pertence, à revelia da profetização do escritor austríaco Stefan Zweig, pois o Brasil era de ordem do pretérito imperfeito*<sup>1178</sup>. Nesse viés, ressoa o já constatado: *o futuro sempre adiado*

---

<sup>1174</sup> FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

<sup>1175</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1176</sup> No que compete aos múltiplos escândalos envolvendo Jair Bolsonaro e sua família, listo abaixo alguns dentre os infindáveis exemplos os quais poderiam ser aqui arrolados:

“17 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/10/06/17-escandalos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>

“Filhos de Bolsonaro racham após escândalo de Jair Renan”. Disponível em: [https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google\\_vignette](https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google_vignette)

“As acusações e suspeitas que pairam sobre a família Bolsonaro”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99n52wrdyno>

“Percepção da corrupção: lembre escândalos do governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://pt.org.br/percepcao-da-corrupcao-lembre-escandalos-do-governo-bolsonaro/>

“Em poucos dias, pelo menos três escândalos de corrupção da família Bolsonaro vieram à tona”. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2023/05/em-poucos-dias-pelo-menos-tres-escandalos-de-corrupcao-da-familia-bolsonaro-vieram-a-tona/>

<sup>1177</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. *Introdução*, p. 12.

<sup>1178</sup> SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 171.

*do Brasil*<sup>1179</sup> através da persistência incessante das desigualdades cujas *práxis* políticas de eliminação parecem nunca serem suficientes para findarmos nossas heranças coloniais<sup>1180</sup>.

Então, o Bolsonarismo acabou por fincar em nós uma óptica de que *a cada dia há mais (falso) passado e menos futuro*<sup>1181</sup>. Como delinear um porvir diante de tantas atrocidades cometidas nos últimos quatro anos legitimadas pelas instituições, em tese, reguladoras da presença incontestada das ditas “bases democráticas”, pela incapacidade da justiça e da “lei” em punir os crimes de Bolsonaro contra os cidadãos brasileiros, pelas indústrias midiáticas pulverizando de todos os lados e fronteiras as *fake news* introjetadas por uma *gramática de poder*<sup>1182</sup> absolutamente específica, pela subserviência de médicos bolsonaristas a condutas nada comprovadas de mitigação do coronavírus, até aquele momento, desconhecido, ocorrendo na marca de 600 mil mortos pela doença<sup>1183</sup>, enfim, a lista é interminável. Contudo, entremeadado pelo sentimento que encerrou o subtítulo anterior, não me rendi ao pessimismo de estagnação, direcionei-me à esperança pressuposta, no mínimo, por uma ética política *outra*, pois, tal qual aferi, assim como a pandemia se encerrou, a hecatombe do desgoverno bolsonarista também, sendo derrotado no segundo turno por Lula eleito com 59.563.912 votos<sup>1184</sup> de brasileiros comprometidos *não com uma questão de glamour, mas de necessidade*<sup>1185</sup>, à la Silviano na epígrafe aposta.

Nesse intento, ainda pela percepção *outra* de que *a casa continuou a mesma, não houve melhoria de vida* para os grupos minoritários e vulneráveis do país, *apenas*

---

<sup>1179</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 194.

<sup>1180</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

<sup>1181</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

<sup>1182</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>1183</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>1184</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>

<sup>1185</sup> SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

*passaram a viver pela força da limpeza e da disciplina*<sup>1186</sup> autoritária, militarizada e hipercapitalista, assim como pelas ego e teopolíticas bolsonaristas interceptadas pela matriz colonial de poder. Enquanto um governo apregoado à agenda autoritária, o Bolsonarismo, à moda das epígrafes reproduzidas do meu Silvano, *trancou a porta da frente* e, supostamente, *“arrumou” a “casa”* por intermédio *da vingança e da perseguição enquanto mecanismos de persuasão*<sup>1187</sup> e governabilidade. Dessa forma, caso nos rendêssemos ao pessimismo latente coadunado pelo já refletido nesta tese com base nos últimos quatro anos de um Brasil imperfeito e desgovernado, acabaríamos por acreditar *ou nas manhas do “destino”*, revestido de egopolíticas, em absoluto, específicas, ou *nas mãos “todo-poderosas” de um único Deus*<sup>1188</sup>, de baliza pseudo-universal, atravessado por uma teopolítica neopentecostal sobressalente aos nossos olhos.

Subvertendo o expresso pelo meu mineiro no excerto epigrafado de *Em liberdade*, publicado em 1994 enquanto diário ficcional do escritor Graciliano Ramos pelo atravessamento do governo autoritário de Getúlio Vargas no ano de 1937, experienciamos a união pujante entre o dito “destino”, *trançado pelas artimanhas da vingança dos homens, e a imagem de um “Deus”* não celestial, mas *de carne e osso portando um revólver na mão*<sup>1189</sup> ao bradejar às quatro regiões do país a volta da Forças Armadas e a defensiva implacável do movimento armamentista em um país já permeado, há muito, pela violência abissal em escalas de guerra. Essa união entre a vingança dos homens (de matiz egopolítico) e um Deus universal (de cunho teopolítico) se deu a partir do sofrimento no corpo, saberes, cultura, economia, instituições, saúde, educação e em todos os espectros macropolíticos do país

---

<sup>1186</sup> SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

<sup>1187</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

<sup>1188</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

<sup>1189</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

interceptados por uma matriz colonial de poder a qual desprezou quaisquer tentativas de *reduzir ou eliminar excessos de desigualdade*<sup>1190</sup> ou um *estabelecimento de condições mínimas de bem estar coletivo*<sup>1191</sup> para as muitas corpo e geo-políticas dissidentes.

De maneira não irônica ao que venho defendendo nesta tese na égide de um Brasil do pretérito e presente imperfeitos, Heloisa Starling, em texto recente pensado a partir da degradação do tecido dito “democrático” do país pelo enviesamento do Bolsonarismo, denomina o *Brasil como o país do passado*<sup>1192</sup> ao reverberar o quanto, ainda hoje, não nos desprendemos dos nossos paradigmas coloniais de exclusão. Pelo contrário, escre(vi)vi até aqui pela revolta fronteiriça<sup>1193</sup> introjetada em minhas corpo e geo-políticas, ora mais ora menos, em consonância com meu Silviano ao nos entrever frente ao *reacionarismo disposto a desmantelar a qualquer custo um modelo de Estado comprometido com direitos sociais sub judice à retórica de que esses incentivariam as populações pobres a se acomodarem à sua condição de penúria*<sup>1194</sup>. Por isso, na chancela pluriversal ao exposto através da *práxis* reacionária bolsonarista, só posso tecer estas problematizações de base *outra*, dotadas de esperanças de um porvir comunal de bem-viver coletivo a todos sem reticências, hoje, simbolizado pela eleição de Lula, se o fizer à luz de uma ética política descolonial.

Essa, por sua vez, destitui-se, como condição *sine qua non*, de *quaisquer universais abstratos ocidentais, Cristianismo, liberalismo, marxismo etc., aportando-se na contracorrente às lógicas fundamentalistas e imperiais*<sup>1195</sup> imbricadas a política brasileira, em sobressalto, nos últimos anos. Enquanto perspectiva *outra*, opositora à,

---

<sup>1190</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

<sup>1191</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

<sup>1192</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

<sup>1193</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1194</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

<sup>1195</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 33.

nos dizeres do meu mineiro, *linguagem do sofrimento a partir da qual muitos não escutam os casos de padecimento*<sup>1196</sup> das desigualdades, da fome, dos assujeitados, da perseguição às dissidências, isto é, todas as exterioridades que grassam deste Brasil dotado de imperfeições pretéritas presentificadas, coaduna-se o princípio da descolonialidade no intento de abarcar *um conjunto de processos éticos e epistemicamente guiados, politicamente motivados e economicamente necessários*<sup>1197</sup>. Com tal prefiguração em mente, requerir uma ética política descolonial implica, por extensão direta à história colonial e, na atualidade, hipercapitalista e imperial do Brasil, problematizar, discutir e escre(vi)ver *as histórias da colonialidade, as feridas e as humilhações*<sup>1198</sup> *enquanto demarcações de referência afins a projetos políticos outros implicados por tal defensiva ética*<sup>1199</sup>.

Explicitada a premissa basilar da ética política descolonial, persigo sua formulação calcado não mais na revolta fronteiriça<sup>1200</sup> enquanto inscrição corpo-biográfica e geo-política para escre(vi)ver os tracejos deste Brasil desarrumado<sup>1201</sup> em que entrevi o risco iminente da minha vida e dos meus. Ao findar a hecatombe bolsonarista nas eleições de 2022, pelo menos no que diz respeito à presidência da República, tendo em vista a disseminação do Bolsonarismo enquanto movimento ideológico na sociedade civil e nos muitos políticos no Congresso, Senado e nas Câmaras de Vereadores e Deputados, Luiz Inácio Lula da Silva apregoa em nossas *práxis* do viver e do pensar possibilidades *outras* ao cenário de putrefação<sup>1202</sup> ética ao qual fomos, à revelia, inscritos e onde experienciamos na carne seus desdobramentos coloniais/imperialistas. Parafraseando Quijano, *esse país ainda está conosco, o*

<sup>1196</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1197</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 31.

<sup>1198</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 33.

<sup>1199</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 33.

<sup>1200</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1201</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1202</sup> FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

*habitamos e nos habita, todavia, só posso acreditar na sua profunda e massiva mudança*<sup>1203</sup> respaldado por motivações políticas éticas *outras*.

Ao Lula alçar o cargo de chefe de Estado pela terceira vez nos últimos vinte anos, preciso crer *que cada vez que nos vemos frente a um novo tempo, esse não haveria de ser apenas prolongação do passado, mas possibilitador de mudanças radicais em massa que não permitam o regresso ao mesmo*<sup>1204</sup>. Assim, faz-se necessário pontuar que o Brasil deixado por Lula em 2011 não é o mesmo de 2023, *ninguém, nenhuma pessoa, ato ou relação são os mesmos, trocaram-se as referências e os horizontes*<sup>1205</sup>, sobremaneira, pela pulverização generalizada do Bolsonarismo. *Por esse motivo, perfila-se a dificuldade de distinguir as esperanças das lembranças*<sup>1206</sup> de um país que, conforme Silviano aponta, *vinha sendo razoavelmente governado*<sup>1207</sup> em momentos anteriores ao início da degradação<sup>1208</sup> do tecido democrático em 2016 com o golpe institucional à ex-presidenta Dilma Rousseff e, depois, convenientemente com o ano eleitoral de 2018 no qual Lula seria candidato, com a sua prisão política.

Desempossado do princípio basilar desta tese, o ciclo colonial e imperialista do Brasil do pretérito imperfeito, seria no mínimo irônico perceber que, mesmo transcorridos vinte anos desde a primeira vitória eleitoral, Lula simbolizou, mais uma

---

<sup>1203</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

<sup>1204</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

<sup>1205</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

<sup>1206</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

<sup>1207</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prémio Camões, s/p.

<sup>1208</sup> Para Walter Mignolo, a destruição tem sido desenhada como destituição, em específico, a partir do golpe judicial premeditado que primeiro destituiu Dilma Rousseff da presidência e, depois, prendeu injustamente Lula permitindo aos novos funcionários do Estado desviarem a atenção dos seus próprios crimes. Segundo o argentino, a violação de tais princípios Estatais em nome da defensiva democrática intercepta a dita “justiça” a cooptando a serviço do crime institucional. Assim, ainda que se mantenha a retórica supostamente “democrática”, desvela-se o horizonte prefigurado pela patente da colonialidade no chancelar da política brasileira. MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 29.

vez, o *clima de esperança*<sup>1209</sup> para os cidadãos brasileiros inconformados com as realidades virulentas e desiguais deste país; em destaque, no compromisso ético-político com a redução da miséria e da fome alastradas nas periferias. Conforme Newton Bignotto afere, em 2002, o Brasil escolhia pela primeira vez na história um presidente advindo da classe trabalhadora, militante de esquerda com bases sindicais operárias em São Paulo, nos movimentos sociais e em diálogo com intelectuais de tal visada política, elementos esses que nos faziam crer que a *“experiência democrática” do país estaria adentrando uma nova e promissora fase*<sup>1210</sup>. Após participar de todas as eleições presidenciais pós-ditadura e perdê-las, o até então metalúrgico representou em 2002, e também em 2022 ainda que um cenário distinto e, ao mesmo tempo, similar ao de 2002, a *possibilidade de retomada de um projeto de transformação e de país interrompido pelo golpe militar de 1964*<sup>1211</sup> tão caro ao Bolsonarismo.

Para Walter Mignolo, Lula, na conjuntura do seu primeiro governo, em específico, no ano de 2006, apregou um giro à esquerda na América Latina<sup>1212</sup> *pari passu* à eleição de Néstor Kirchner na Argentina e Michele Bachelet no Chile<sup>1213</sup>. O intelectual argentino vai além ao argumentar que Lula conjecturou um *momento de transição para um mundo outro em que se foi possível imaginar não unicamente bases ocidentais liberais, cristãs e marxistas ou a união das três em prol a parâmetros modernos, coloniais, capitalistas e imperialistas*<sup>1214</sup>. Talvez resida aí o elemento preponderante na fala de Silvano quando pontua que o *país vinha sendo*

---

<sup>1209</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1210</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1211</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

<sup>1212</sup> MIGNOLO. *Distancia física y armonía comunal/social*, p. 142.

<sup>1213</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 309.

<sup>1214</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 264.

*razoavelmente governado*<sup>1215</sup> na baliza do Partido dos Trabalhadores (PT), ainda que com seus muitos problemas internos, *enquanto um exemplo paradigmático da esquerda periférica pensada a partir da sua própria história, mesmo que seguindo elementos da esquerda europeia, diferentemente da Bolívia transpassada por um giro descolonial ao se distanciar de ambas as esquerdas: as periféricas e eurocentradas*<sup>1216</sup>.

Haveríamos nós, um dia, ter de aprender com nossos vizinhos fronteiriços aquilo que concerne a uma ética política, de fato, descolonial de governabilidade? Questiono-me, pois, ainda que revestido pela esperança, não perco de vista a presença incontestada de uma perspectiva *outra* deste Brasil de imperfeições pretéritas que *ainda está conosco, o qual habitamos e nos habita*<sup>1217</sup> em luta. Retorno à perspectiva histórica de Lula na América Latina por via de Mignolo, no sentido que sua participação política empreendeu não apenas um giro à esquerda nos trópicos, mas, sobremaneira, em 2011, um enveredamento em direção à *desocidentalização*, ou seja, *um governo ainda de base capitalista aportado na economia de acumulação, mas se afastando o quanto fosse possível dos Estados Unidos ao direcionar sua política exterior à China, Rússia e Irã*<sup>1218</sup>. Em Lula, Kirchner e Bachelet, *apesar de suas diferenças e ligações com a “esquerda” na semântica marxista do termo, fomenta-se a visada de que tais governos não são, necessariamente, seguidores implacáveis do imperialismo estadunidense*<sup>1219</sup>, à revelia do posicionamento de Bolsonaro nos últimos quatro anos enquanto defensor à última potência de Donald Trump e, por extensão, da sua agenda política ocidentalista.

---

<sup>1215</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

<sup>1216</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 295.

<sup>1217</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

<sup>1218</sup> MIGNOLO. Distância física y armonía comunal/social, p. 142.

<sup>1219</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 309.

Descortinado tal cenário de importantes mudanças no âmbito da América Latina e, em especial, no Brasil, em 2016 enveredamos sem precedentes em direção ao abismo político discutido nos quatro subtítulos desta tese crítica biográfica fronteiriça debruçados sobre o Bolsonarismo. No ano citado, ocorreu o golpe institucional a até então presidenta Dilma Rousseff, sendo Jair Bolsonaro um dos seus maiores apoiadores, e, da forma como sinaliza Mignolo, por erros da própria esquerda e pelos ataques constantes da direita, debilitando-se, então, o giro à esquerda e à desocidentalização, em âmbitos geo-políticos tanto nacionais quanto internacionais ao substituí-lo pelo giro à direita na Argentina em 2015, no Equador em 2017 e no Brasil em 2016<sup>1220</sup>. Sendo esse ainda mais sobressalente com a vitória presidencial de Bolsonaro em 2018 em prol de uma relação exterior absolutamente próxima com o imperialismo de Donald Trump e seus interesses de dominação nestes trópicos.

Na chancela de 2018, ano em que Lula foi condenado e preso injustamente através de uma jogada política em favor de Bolsonaro, aqueles elementos concernentes aos *vieses sindicalistas, de movimentos sociais, a militância da esquerda e o diálogo com intelectuais dessa orientação foram utilizados para criar uma resistência quase generalizada no país a tudo que referendasse quaisquer elementos de uma política de orientação à esquerda*<sup>1221</sup>. Com isso, munuiu-se o *reaparecimento da retórica anticomunista* ou, nas palavras de Newton Bignotto, *um comunismo fantasmático*<sup>1222</sup>, cuja presença, somada ao exposto, fora preponderante para a vitória de Jair Bolsonaro em 2018<sup>1223</sup>. Tais fraturas, políticas e, em primordial, epistêmicas<sup>1224</sup>, justificam a presença incontestada de uma ética política descolonial

---

<sup>1220</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 142.

<sup>1221</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

<sup>1222</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

<sup>1223</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

<sup>1224</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

neste trabalho crítico biográfico fronteiro no sentido de cotejarmos realidades *outras* a nós e aos nossos, assujeitados aos processos modernos, coloniais e imperialistas de desigualdades sociais em todos os âmbitos possíveis deste Brasil dotado de imperfeições pretéritas sobressalentes.

Sendo assim, só posso dar conta de tal cenário se atravessado pela visada de uma *ética da libertação, pensada a partir dos excluídos e pressuposta pela diversidade como o único projeto universal possível*<sup>1225</sup> em que, no aferido pelo meu mineiro, o Brasil *deixe de ser um país tímido que praticamente voltou ao momento colonial*<sup>1226</sup>. Na chancela de Bolsonaro, o ex-militar *não era um proletário, mas, também, não teve a solidariedade tampouco a perspectiva ética para se colocar no viés dos trabalhadores e de suas geo e corpo-políticas*<sup>1227</sup>. À revelia de Lula que, enquanto ex-metalúrgico, sindicalista e advindo de um contexto econômico desprovido de benesses, revestiu-se de tais geo e corpo-políticas tanto suas quanto de seus companheiros e da população mais fragilizada para orientar suas políticas de governabilidade em prol de um *projeto de futuro*<sup>1228</sup> em 2002, e agora no seu atual mandato iniciado em 2023, com fim de mitigar a fome no Brasil e as desigualdades generalizadas às exterioridades marginalizadas do país. Em discurso realizado em 2023 na “78ª Assembleia da ONU”, o atual presidente pontua:

A comunidade internacional está mergulhada em um turbilhão de crises múltiplas e simultâneas: a pandemia da Covid-19; a crise climática; e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas. O racismo, a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar. Se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios, ela seria desigualdade. A desigualdade está na raiz desses fenômenos ou atua para agravá-los. Nesses sete anos que nos restam, a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles deveria se tornar o objetivo-síntese da Agenda 2030. Reduzir as desigualdades dentro dos países requer incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos

<sup>1225</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

<sup>1226</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

<sup>1227</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 149.

<sup>1228</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

proporcionais ao seu patrimônio. Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, e não da solução. A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável. Nesse ínterim, o desemprego e a precarização do trabalho minaram a confiança das pessoas em tempos melhores, em especial os jovens. Os governos precisam romper com a dissonância cada vez maior entre a “voz dos mercados” e a “voz das ruas”.<sup>1229</sup>

Na égide do excerto aposto, dou enfoque ao seguinte trecho: *a desigualdade está na raiz dos fenômenos ou atua para agravá-los, a redução das desigualdades deveria se tornar o objetivo-síntese*<sup>1230</sup>. Implicado nisso, explicita-se que mesmo não se desprendendo da lógica *econômica e capitalista de acumulação*<sup>1231</sup>, sinalizada outrora neste subtítulo na esteira de Mignolo, Lula acaba por apregoar uma política *outra que une de modo perverso as esferas econômicas às políticas estando, nesse contexto, a produção e a mercantilização enquanto primazias independentes das consequências nas vidas humanas* absolutamente desprezadas pelo sistema, vulgo matriz colonial de poder, em que estão inseridas e que fora dela não podem existir. Sobremaneira, se re-lermos os *lugares não enquanto territórios em si mesmos, mas, espaços de poder ou redes entrelaçadas cujas bases possibilitam o exercício da colonialidade do poder*<sup>1232</sup> tão alimentada pelo Bolsonarismo.

Nesse âmbito, o posicionamento ético que se encena é em que medida há uma preocupação pelas *vidas humanas ou pelas ganâncias*<sup>1233</sup> hipercapitalistas concentradas em parcelas ínfimas da população omissas, como Bolsonaro, nos dizeres de Silviano, à *linguagem do sofrimento revestida de miséria e dor*<sup>1234</sup>, em específico, pela fome que rasga a carne de múltiplas camadas da população brasileira. Para a lógica do capital, destituída de qualquer princípio ético *outro* e

<sup>1229</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1230</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1231</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 142.

<sup>1232</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 208.

<sup>1233</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 208.

<sup>1234</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

endossada à última instância pelo “falso Messias”, *as ganâncias vêm primeiro alcunhadas pela primazia do mercado sobre a valorização e o prezar pelas vidas não interessando à política econômica neoliberal o bem-estar das pessoas e suas formas do viver*<sup>1235</sup>, tais como saúde, alimentação, educação, trabalho, dissidências sexuais, questões étnico-raciais etc. – contrariamente ao expresso nas palavras de Lula durante o discurso reproduzido a partir do qual se mostra latente sua desobediência à *dita democracia do mercado em que tais preocupações são perigosas*<sup>1236</sup> no bojo de sua manutenção hegemônica.

Assim sendo, mesmo que Lula não se configure enquanto um governo de base descolonial, mas, sim, centro-esquerda ainda capitalista, há um avanço em favor de um *projeto de futuro*<sup>1237</sup> igualitário às exterioridades do Brasil em suas dimensões mais abissais. Não à toa, Silviano, ao receber o “Prêmio Camões” na Biblioteca Nacional em 2023, explicita que *o resultado das eleições de 2022 trouxe alento dando ao povo brasileiro a possibilidade de se concretizar no cotidiano a esperança e o sonho de um país mais igualitário e solidário, pois urgia a reconstrução meticulosa do Brasil na América Sul cuja presença esteve a vistas de desaparecimento no caos*<sup>1238</sup>. Ao aferido pelo meu mineiro, só posso oferecer concordância, uma vez que se faz quase impossível que eu me desprenda do medo latente sentido em 2018 quando Jair Bolsonaro alçou o título de Presidente da República e o cenário que a partir dali se desenhava era de absoluta destruição de quaisquer avanços alcançados nos últimos anos, inclusive aqueles realizados pelas gestões anteriores de Lula.

Recordo-me, ainda, que no referido momento da iminência da demolição e do desmoronamento do já conquistado neste país *sub judice* ao sangue dos movimentos

---

<sup>1235</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 292.

<sup>1236</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 292.

<sup>1237</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. *Introdução*, p. 12.

<sup>1238</sup> SANTIAGO. *Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional*, s/p.

sociais, estava em Buenos Aires devido à participação em congresso científico na área de Letras e, dos companheiros argentinos, só me chegavam lamentos e palavras de conforto para os anos abissais que se seguiriam neste biolocus dotado de imperfeições pretéritas, naquele cenário, mais alargadas do que nunca. Por isso, desde aquele recorte histórico, já enquanto pesquisador crítico biográfico fronteiriço, só poderia, como venho defendendo nesta tese, pressupor uma questão ética *outra* enquanto correlata à *dignidade humana em primeiro lugar, o que não significa desprezar a questão econômica do país, mas, sim, tomar como princípio as perspectivas das corpo e geo-políticas daqueles expurgados às margens*<sup>1239</sup> do Brasil, a exemplo, os povos originários e negros, mulheres, LGBTQIAP+, os assujeitados a trabalhos análogos à escravidão, os pobres em situação de vulnerabilidade alimentar etc.

Pelo atravessamento da inscrição biográfica exposta, escre(vi)vo e, por extensão, teorizo na esteira *de uma ética da libertação afiançada na perspectiva de nós excluídos*, em qualquer dimensão do político e da política do país, e *situada no para-além da única e obsoleta ideia de “tolerância” às diversidades em que apenas se reordena e reacomoda os já sabidos universais abstratos hegemônicos*<sup>1240</sup>. Nesse ínterim, a ética política descolonial pressupõe *a diversidade enquanto único caminho possível para o que se entende por “universal” pari passu à revolução teórica a fim de estabelecer condições outras para novas formas de pensamento das e nas fronteiras unindo ética, política e epistemologia em contraposição aos legados do mundo moderno/colonial*<sup>1241</sup>, em especial, do Brasil pretérito e imperfeito. Conforme o argentino Enrique Dussel assevera, *a ideia de ética atual, advinda do século XX,*

---

<sup>1239</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 360.

<sup>1240</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

<sup>1241</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

*possui alguns “nós problemáticos” que necessitam ser desatados a partir da perspectiva da libertação*<sup>1242</sup> dessas exterioridades.

Ademais, nessa guisa, Mignolo é pontual com a ideia de que *precisamos desatar os nós, aprender a desaprender e a re-aprender a cada passo*<sup>1243</sup>. Aos intelectuais argentinos, acresço os questionamentos, já discutidos nesta tese, do meu mineiro: *como desatar os nós?*<sup>1244</sup> *Voltaremos a viver na nação que sempre vivemos?*<sup>1245</sup> Ainda que as três menções intelectuais aos “nós” advenham de arcabouços epistêmicos distintos, elas acabam por desvelar um só paradigma hegemônico: a *desarrumação*<sup>1246</sup> que o Brasil vem enfrentando não apenas no hoje recém desprendido do Bolsonarismo no âmbito da presidência, mas há quinhentos anos ininterruptos de exploração colonial norteada pelo princípio do econômico sempre sobreposto à dignidade humana e às corpo e geo-políticas exteriorizadas.

Por essa razão, tomado pelos múltiplos campos semânticos evocados desde as epígrafes deste subtítulo, uma ética política descolonial, agora, discutida pelo atravessamento do atual governo de Lula, só pode se concretizar, pelo menos em alguma medida, se pressuposta pela rearrumação da “dita casa” (des)arrumada<sup>1247</sup> à última instância pelas últimas políticas em curso nesse nosso Brasil *de marcas profundas à flor da pele com um passado recente que não será facilmente esquecido*<sup>1248</sup>, nas palavras do meu mineiro. Então, à ética política descolonial, prefigurada pelo princípio da libertação, *compete o trato à maioria absoluta excluída da humanidade em condição de vida ou de morte, sendo a vida não um mero conceito,*

<sup>1242</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1243</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>1244</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

<sup>1245</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

<sup>1246</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1247</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1248</sup> SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

*ideia ou uma abstração ensaística, mas seu pluriverso*<sup>1249</sup>. Isto é, na égide de Dussel, *o modo que se dá cada realidade dos seres humanos concretos, implicados pelas condições absolutas da ética e, por extensão, das exigências que requerem suas libertações*<sup>1250</sup>. Defender essa perspectiva ética *outra* é equivalente à *afirmação total e coletiva da existência humana* frente às artimanhas hegemônicas do *sistema-mundo colonial/moderno*<sup>1251</sup> que, não obstante, empurram cada vez mais os grupos vulneráveis para a inexistência ou mesmo para a morte propriamente dita.

Pelo exposto, justifica-se o intento de teorizar os embates políticos entre os governos de Bolsonaro e Lula pelo crivo da ética, visto que, à revelia do meu Silviano e sua *práxis* quase compulsiva de metaforizar tudo e todos, penso e escre(vi)vo, com base crítica biográfica fronteiriça, *a partir das nossas situações reais e concretas*, da maioria dos brasileiros, *as quais nos inseriram em cenários trágicos de proporções nunca vistas*<sup>1252</sup> na história do Brasil. No bojo da realidade que nos entrecorta, Lula afere, ainda que passível de problematizações em torno da ideia liberal de “democracia”<sup>1253</sup>, tal qual farei *a posteriori* neste subtítulo: “Se hoje retorno na honrosa condição de presidente [...] é graças à vitória da democracia em meu país. A democracia garantiu que superássemos o ódio, a desinformação e a opressão.”<sup>1254</sup>, “A esperança, mais uma vez, venceu o medo. Nossa missão é unir o Brasil e

<sup>1249</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1250</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1251</sup> GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

<sup>1252</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1253</sup> Optei me debruçar de maneira mais específica sobre a problematização da ideia de “democracia” neste último subtítulo e não no início do capítulo, pois, na minha óptica, ainda que com todas as questões liberais as quais elencarei *a posteriori*, ainda assim, é o que, bem ou mal, sustenta preceitos mínimos de liberdade, isto é, na contracorrente de regimes ditatoriais, como o golpe de 1964 cujo espectro Bolsonaro tem apreço irrestrito. Em um preciso sentido, no eixo comparatista estabelecido por mim entre Bolsonaro e Lula, o primeiro estaria para a ditadura militar ao passo que o segundo à defensiva democrática, ainda que tenhamos o sobressalto crítico dos problemas implicados nessa. Por tal razão, escolhi circunscrever a temática “democracia” neste momento da tese e não em outro.

<sup>1254</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

reconstruir um país soberano, justo, sustentável, solidário, generoso e alegre.”<sup>1255</sup>, “O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo.”<sup>1256</sup> e “Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta [...] para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais.”<sup>1257</sup>.

Na clave da *superação do ódio, da desinformação e da opressão*<sup>1258</sup> pontuada por Lula, incute-se o pressuposto *ético da libertação ao se voltar para os movimentos sociais, políticos, econômicos, raciais, ecológicos, de gênero, étnicos etc.* circunscritos pelo entrecortar das nossas corpo e geo-políticas neste país imperfeito. Trabalhar em favor à ética política descolonial, de matiz libertador, requer *a luta pelo reconhecimento das vítimas em múltiplas e plurilógicas frentes de libertação desde os próprios padecentes, as normas, ações, microestruturas, instituições ou sistemas sem a necessidade de aguardar por “revoluções” generalizadas as quais, muitas vezes, fazem-se impossíveis*<sup>1259</sup>. Tal pressuposto, ao seu modo, fora sinalizado por Lula quando em discurso na ONU, já citado, ao explicitar que: “Queremos alcançar a igualdade racial na sociedade brasileira por meio do décimo oitavo objetivo que adotamos voluntariamente.”<sup>1260</sup>, “Aprovamos a lei que torna obrigatória a igualdade salarial entre mulheres e homens no exercício da mesma função.”<sup>1261</sup>.

---

<sup>1255</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1256</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1257</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1258</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1259</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

<sup>1260</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1261</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

E, ainda, “Combateremos o feminicídio em todas as formas de violências contra as mulheres.”<sup>1262</sup>, “Seremos rigorosos na defesa dos direitos de grupos LGBTQI+ e pessoas com deficiência.”<sup>1263</sup>, por fim, mas não menos importante, “Resgatamos a participação social como ferramenta estratégica para a execução de políticas públicas.”<sup>1264</sup>. Assim, ao estabelecer seu comprometimento com essas muitas exterioridades brasileiras, o atual presidente demarca seu empenho ético com, à revelia do governo bolsonarista, as políticas das muitas vidas que, nestas estruturas continentais e epistemológicas de país, re-existem<sup>1265</sup> diuturna e cotidianamente sob o peso abissal da matriz colonial de poder. Ante isso, *a ética da libertação não se reveste apenas de princípios e critérios conceituais, pelo contrário, parte, como condição sine qua non, das reais vítimas em todos os níveis e se volta para a vida cotidiana enviesada pelos modelos em curso e seus efeitos negativos imbricados nas estruturas auto-organizadas e autorreguladas*<sup>1266</sup>.

Ademais, prefigura-se, ainda, à luz de Dussel, *por elementos aquilatados nas pulsões, afetos, nos valores culturais, causas históricas, biográficas, de responsabilidade e, sobretudo, de solidariedade*<sup>1267</sup>. Explicito-os, portanto, *enquanto compromisso filosófico* desta tese alcunhada por meu escre(vi)ver homo-biográfico e fronteiriço de pesquisador descolonial no ensejar *não uma filosofia crítica para minorias, e, sim, uma ética cotidiana em favor das majorias esmagadoras da humanidade excluídas do dito “processo de globalização” presentificado enquanto*

---

<sup>1262</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1263</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1264</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1265</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1266</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

<sup>1267</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

“normalidade histórica” no tempo vigente<sup>1268</sup>. Em outras palavras, a *ética da libertação* urge com base na necessidade de políticas outras afins das vítimas, dos pobres e, em geral, das exterioridades que foram suprimidas em meio ao terror da espantosa miséria que assola o planeta<sup>1269</sup> e, de maneira específica nesta tese, o Brasil imperfeito. Seu ponto de partida é, preferencialmente, a exterioridade<sup>1270</sup>, isto é, o afora, o outro lado, a fronteira, em suma, os ditos “outros” enquanto *horizontes ontológicos da realidade*<sup>1271</sup> virulenta e sofrível pela cooptação da matriz colonial de poder em seu cerne hegemônico.

A ética da libertação se localiza, portanto, *na situação de excepcionalidade dos excluídos, nas situações-limite descortinadas pelos processos cotidianos e assimétricos de dominação direcionados às mulheres, dissidências sexuais, etnias não-brancas, povos originários, em Estados excepcionais de direito, às periferias do mundo colonial, às guerras internas “silenciosas”*<sup>1272</sup>, como as que ocorrem no cotidiano do Brasil entre a polícia militar e os habitantes das favelas etc. Enquanto uma política *outra* alcunhada na vida subjugada, a *ética da libertação trabalha com a negação*, pelo projeto moderno/colonial, *dessas existências outras e as relações produzidas entre as negações de suas corporalidades enviesadas pelo sofrimento enquanto vítimas dominadas e, ao mesmo tempo, a tomada dessa consciência*<sup>1273</sup> entrecortada pela exterioridade que fora criada (pelo fato de, *a priori*, não existir enquanto tal ontologicamente) e atribuída a elas.

Nesse intento, na posição de crítico biográfico fronteiriço compromissado com as múltiplas desigualdades deste país que cooptam quaisquer possibilidades de um

<sup>1268</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

<sup>1269</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 15.

<sup>1270</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 421.

<sup>1271</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 421.

<sup>1272</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 418.

<sup>1273</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 313.

bem-viver comunal, só posso me arregimentar da *linguagem do sofrimento*, expressa pelo meu mineiro, *escutando os casos de padecimento*<sup>1274</sup> que concernem a mim, enquanto assujeitado homo-biográfico, e às corpo e geo-políticas excluídas. Nos dizeres do atual presidente da República, endosso-o quando assente: “A desigualdade precisa inspirar indignação. Indignação com a fome, a pobreza, a guerra, o desrespeito ao ser humano.”<sup>1275</sup> e continua “Somente movidos pela força da indignação poderemos agir com vontade e determinação para vencer a desigualdades e transformar efetivamente o mundo ao nosso redor.”<sup>1276</sup>. À maneira que já aferi, revesti-me da revolta fronteira<sup>1277</sup> para escre(vi)ver estas problematizações pós-abissais que, por sua vez, acalentou-se em minha *práxis vivendi* e epistêmica pelo atravessamento da esperança presente na retórica *outra* proferida pelo atual líder de Estado. Em especial, no que compete à sua absoluta desobediência em relação aos discursos bolsonaristas revestidos *de ódio, desinformação e opressão*<sup>1278</sup> em prol do *aniquilamento sistemático de um projeto de futuro*<sup>1279</sup> para o Brasil.

Em consonância com as palavras do meu mineiro e com as de Lula, vislumbro um horizonte *outro*, coadunado pela *ética da libertação*, a partir do qual entrevejo as nossas *sensibilidades humanas, concretas e empíricas enquanto vítimas interceptadas pelo sistema de exclusões que nos rege*<sup>1280</sup> cada qual com suas especificidades a depender das exterioridades que habitamos. Em alguns desses casos, absolutamente recorrentes no Brasil pretérito e imperfeito, desvela-se o

---

<sup>1274</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1275</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1276</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1277</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1278</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1279</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1280</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

pontuado por Dussel: *os assujeitados que já não podem viver e gritam de dor dizendo “Tenho fome!”*<sup>1281</sup> *“Deem-de de comer, por favor!”*<sup>1282</sup>, ou seja, *mostra-se o lado vulnerável da corporalidade sofredora quase como uma ferida aberta de difícil cicatrização*<sup>1283</sup>. Aos situados na situação-limite<sup>1284</sup> delineada, Lula, desde seu primeiro mandato iniciado nos idos iniciais do século XXI quanto no agora de 2023, ofereceu resposta, amparo e políticas de igualdade e justiça sociais com fim de minar *as não-respostas de Bolsonaro a essa interpelação tomada, em última instância, pelas mortes das vítimas*<sup>1285</sup>.

Dessa maneira, posso constatar que por mais que os governos de centro-esquerda exercidos pelo PT tivessem e ainda possuam diversos problemas internos, inclusive no bojo da corrupção renitente quase que fixada no tecido genético brasileiro, ainda assim, sempre existiu uma ética social *outra*, de Lula à Dilma, com os assujeitados que clamavam pelo mínimo de dignidade humana, na contracorrente absoluta às despolíticas bolsonaristas. Estando essas, por sua vez, direcionadas apenas ao acúmulo irrestrito de riquezas por uma parcela ínfima de população brasileira ao mesmo tempo em que família inteiras garimpavam alimentos em caminhões que circulavam<sup>1286</sup>, por exemplo, no Rio de Janeiro, carregados de pelancas e restos de ossos advindos de mercados da cidade<sup>1287</sup>. A título de problematização direta do interdito neste parágrafo, entendo que ao tensionar um exercício comparatista entre ambos os governos, mostra-se da minha perspectiva

---

<sup>1281</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

<sup>1282</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

<sup>1283</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

<sup>1284</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 418.

<sup>1285</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

<sup>1286</sup> STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 86.

<sup>1287</sup> STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 86.

fronteiriça que, na absoluta diferença a Bolsonaro, Lula vem há mais de vinte anos se voltando às marcas coloniais de um *Brasil profundo*<sup>1288</sup>.

Revestido por uma ética *outra*, aquilatada pelo pressuposto básico da vida humana, o ex-metalúrgico, em sua *práxis* de governabilidade, parece compreender que não há “real democracia” se interceptada pelo padecimento de direitos sociais dos muitos que re-existem<sup>1289</sup> nestes trópicos. Nessa seara, só uma política *outra*, imbuída de justiça e dignidade sociais sem reticências, pode dar conta de atender a esse, na chancela de Boaventura, *Brasil profundo*, outro lado da fronteira ou escuridão da inexistência. Em suma, o *Brasil profundo*, pressuposto pelo crítico português, compete à *invisibilidade ou ausência das parcelas pobres, negras, indígenas, jovens, habitantes de favelas etc. cujas vidas não possibilitam quaisquer acessos a discursos políticos e midiáticos hegemônicos*<sup>1290</sup>. Quando muito, conectam-se a *retóricas religiosas que as “acolhem” no intuito de ratificarem e legitimarem suas ausências*<sup>1291</sup> no aspecto macropolítico do país. Nos termos desta tese pós-abissal, pensar em um *Brasil profundo* implica trazer à voga discursiva e ontológica da realidade virulenta que entrecorta há muito nossas corpo e geo-políticas as muitas *linguagens dos sofrimentos*<sup>1292</sup> delineadas pelo meu Silviano, pré-existentes desde sempre por aqui e alargadas à exaustão pelo Bolsonarismo.

Por essa razão, justifica-se o fato de, nas eleições ocorridas em 2022, o atual presidente ter vencido em todos os estados do Nordeste e na maioria dos do Norte<sup>1293</sup>, enquanto Bolsonaro ganhou na totalidade do Sul, do Centro-Oeste e em grande parte

---

<sup>1288</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>1289</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1290</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>1291</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>1292</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1293</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>

do Sudeste<sup>1294</sup>. Tais dados estatísticos, especificados no mapa reproduzido a seguir (Figura 10), descortinam, em um aspecto geral, a quem tais políticos estariam dispostos a governar e quais agendas éticas sociais seriam indispensáveis para suas administrações federais. Na chancela de Boaventura, empreendo que, no que concerne ao Norte e Nordeste do Brasil, enquanto regiões de maior vulnerabilidade social e desigualdades latentes<sup>1295</sup>, sobressaem-se os sentimentos de *negligência, descaso, displicência e arrogância por parte daqueles que (des)arrumaram a casa*<sup>1296</sup> e *prometiam, em período eleitoral, defendê-los; contudo, governaram em favor de projetos hipercapitalistas que expulsavam os povos de suas terras ancestrais, contaminavam suas águas, acabavam com suas florestas, assassinavam seu líderes e seus jovens pela violência policial, expurgavam cada vez mais as família vulneráveis para a periferia e, sobretudo, trabalhavam em favor absoluto do agronegócio*<sup>1297</sup>.

---

<sup>1294</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numericos/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>

<sup>1295</sup> “Região Nordeste possui metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE”. Disponível em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>

“Norte e Nordeste sofrem mais fortemente os efeitos das desigualdades existentes no país”, diz economista”. Disponível em: <https://marcozero.org/norte-e-nordeste-sofrem-mais-fortemente-os-efeitos-das-desigualdades-existent-no-pais-diz-economista/>

<sup>1296</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1297</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

### Eleição presidencial nos estados

Lula ganhou em 13 e Jair Bolsonaro em 14

■ Jair Bolsonaro (PL) ■ Lula (PT)



Fonte: TSE

Figura 10 – Mapa dos estados brasileiros com base nas eleições presidenciais ocorridas em outubro de 2022. Lula venceu nos estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Minas Gerais. Bolsonaro ganhou no Acre, Roraima, Amapá, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>

Atravessado pelos dados mostrados no mapa da “Eleição presidencial nos estados” de 2022, entrevejo que, no plasmar do *Brasil profundo*, muitos dos grupos minoritários, implicados nas desigualdades latentes em diversos âmbitos existenciais, *sentiu os enormes custos humanos e ambientais, bem como o fato das suas vozes não serem minimamente incluídas nos números da macropolítica do país se dando conta de que seria pior*<sup>1298</sup>, *em absoluto, continuar naquele cenário de destruição sem um projeto de futuro*<sup>1299</sup> pluriversal. Nomeando tais termos, permanecer ali significaria

<sup>1298</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>1299</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

prosseguir nas incorrências ego e teopolíticas autoritárias, militarizadas, elitistas, hipercapitalistas e coloniais do Bolsonarismo destituído de quaisquer éticas *outras* para o país, em específico, no concernente às regiões fronteiriças mais vulneráveis. Na chancela dos *custos ambientais*<sup>1300</sup> de tais despolíticas sem quaisquer éticas *outras*, faz-se pertinente lançar luz sobre um fato específico explicitado pelo mapa reproduzido e caro ao estado de Mato Grosso do Sul a partir do qual escre(vi)vo: o agronegócio.

Segundo dados coletados pelo “Estadão”, em reportagem de junho de 2023, os dez estado mais produtores do agro no Brasil são: Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia, Santa Catarina e Pará<sup>1301</sup>. Assim, ao observar o mapa reproduzido de vitórias eleitorais, percebo que dentre a lista arrolada, apenas 3 dos estados elegeram Lula, enquanto 7 deles concederam a vitória a Bolsonaro. Com isso em mente, em especial, entremeado pela percepção de uma ética política *outra*, concernente não só à vida humana, mas, também, ao bem-viver comunal com a natureza enquanto extensão dos nossos corpos e condição mínima para a sobrevivência coletiva, faz-se pujante demarcar a presença do Bolsonarismo no incentivo ao agronegócio<sup>1302</sup>, sobretudo, se considerarmos o impacto desse na devastação ambiental<sup>1303</sup> e, por consequência, nas

---

<sup>1300</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>1301</sup> Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-externo/agronegocio-veja-os-10-principais-estados-produtores-do-brasil/>

<sup>1302</sup> “O avanço do agronegócio sob o governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-avanco-do-agronegocio-sob-o-governo-bolsonaro/>

<sup>1303</sup> “Agronegócio foi responsável por 97% do desmatamento no Brasil em 2021”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/19/agronegocio-foi-responsavel-por-97-do-desmatamento-no-brasil-em-2021>

“Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável, diz Mapbiomas”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/12/desmatamento-cresce-22-no-brasil-em-2022-agropecuaria-e-principal-responsavel-diz-mapbiomas>

“Relatório expõe agronegócio como grande motor do desmatamento ilegal de florestas”. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/relatorio-expoe-agronegocio-como-grande-motor-do-desmatamento-ilegal-de-florestas/>

mudanças climáticas cada vez mais abissais – tal qual já discuti neste capítulo na chancela da pandemia de COVID-19.

À maneira que elenquei nas notas de rodapé com matérias jornalísticas associando Bolsonarismo e agronegócio, faz-se visível o porquê de o ex-militar ganhar em disparate em tais regiões: suas despolíticas se direcionavam em prol de alimentar cada vez mais a destruição ambiental revestida pelo que já argumentei enquanto acúmulo irrestrito de riquezas por grupos ínfimos do país despreocupados com os impactos de suas *colonizações da natureza*<sup>1304</sup> tal qual fazem com as corpo e geopolíticas assujeitadas e racializadas. Assim como meu Silvano aponta, criou-se um cenário em que *nossa maior riqueza acabou por ser o agronegócio e isso é triste, não somos contra ele, todavia, é abissal o fato de ser a maior força de renda, reservada a pouquíssimos, em um país plural como o Brasil*<sup>1305</sup>. Urge, então, o intento de quando meu mineiro afere que *viramos um país tímido praticamente retornado ao período colonial*<sup>1306</sup> *sub judice* às despolíticas bolsonaristas de 2018 a 2022.

Esse fato se torna ainda mais sobressalente quando me vejo frente à autorreflexão<sup>1307</sup> de que escre(vi)vo a partir de um desses estados unidos do agronegócio e justapostos, em absoluto, na contrariedade dos povos indígenas os expurgando cada vez mais para a inexistência e vulnerabilidade em todos os aspectos possíveis. A exemplo, menciono as seguintes manchetes: “Com recorde de queimadas no Pantanal, Bolsonaro diz que Brasil ‘está de parabéns’ na preservação

---

“Desmatamento aumenta o custo das mudanças climáticas para o agronegócio”. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?84320/Desmatamento-aumenta-o-custo-das-mudancas-climaticas-para-o-agronegocio>

<sup>1304</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

<sup>1305</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prémio Camões, s/p.

<sup>1306</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prémio Camões, s/p.

<sup>1307</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

do meio ambiente” (2020)<sup>1308</sup> e “Bolsonaro soube da tragédia yanomami, mas ignorou; parlamentares reagem: ‘Crime de lesa-pátria’” (2023)<sup>1309</sup> quando o Brasil se via frente a índices abissais de devastação ambiental<sup>1310</sup> comprovando, mais uma vez, como o governo bolsonarista se destituiu de quaisquer éticas *outras* não só com as corpo e geo-políticas das populações vulneráveis, mas, também, com a natureza ao se posicionar a favor de sua *colonização*<sup>1311</sup> irrestrita. Isso posto, é basilar a contraposição do exposto com as palavras de Lula no que concerne à urgência do cenário climático atual, outrora absolutamente desprezada por Bolsonaro:

Há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez. E disse, naquele 23 de setembro de 2003: ‘Que minhas primeiras palavras diante deste Parlamento Mundial sejam de confiança na capacidade humana de vencer desafios e evoluir para formas superiores de convivência’. Volto hoje para dizer que mantenho minha inabalável confiança na humanidade. Naquela época, o mundo ainda não havia se dado conta da gravidade da crise climática. Hoje, ela bate às nossas portas, destrói nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos, sobretudo os mais pobres. Agir contra a mudança do clima implica pensar no amanhã e enfrentar desigualdades históricas. *São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima. Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera.* Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo. No Brasil, já provamos uma vez e vamos provar de novo que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível. Retomamos uma robusta e renovada agenda amazônica, com ações de fiscalização e combate a crimes ambientais. Ao longo dos últimos oito meses, o desmatamento na Amazônia brasileira já foi reduzido em 48%. O mundo inteiro sempre falou da Amazônia. Agora, a Amazônia está falando por si. Sediamos, há um mês, a Cúpula de Belém, no coração da Amazônia, e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma.<sup>1312</sup>

Diante do excerto no que tange, ainda, ao discurso do presidente Lula na ONU, destaco o seguinte trecho: *são as populações mais vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelos danos causados pela mudança do clima e os 10% dos mais ricos são*

<sup>1308</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-recorde-de-queimadas-no-pantanal-bolsonaro-diz-que-brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-do-meio-ambiente-24644929>

<sup>1309</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/12/bolsonaro-soube-da-tragedia-yanomami-mas-ignorou-parlamentares-reagem-crime-de-lesa-patria>

<sup>1310</sup> Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/bolsonaro-deixa-presidencia-com-recorde-historico-de-desmatamento-em-areas>

<sup>1311</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

<sup>1312</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p, grifos meus.

*responsáveis por quase metade do carbono lançado na atmosfera.* Com tal ponto em mente, e permeado pelo exposto nos parágrafos anteriores acerca da estreita relação entre agronegócio e política, torna-se visível para a minha perspectiva descolonial que o ex-metalúrgico tensiona um *posicionamento inconveniente*<sup>1313</sup> frente aos gigantes hipercapitalistas do agro no país, visto que perlabora em suas falas e práticas governamentais uma preocupação ética com a natureza e o impacto da devastação dessa na vida das pessoas, em especial, aquelas vulneráveis em situação de exterioridade – inconveniência aqui está aportada no seio da pluralidade semântica do termo, já evocada nesta tese em subtítulos anteriores com base no ensaio de 2019<sup>1314</sup> do meu mineiro.

Desse modo, retorno ainda ao fragmento discursivo de Lula quando o presidente afere que *há vinte anos ocupou aquela tribuna pela primeira vez e disse, em 23 de setembro de 2003, que suas palavras seriam de confiança na capacidade humana de vencer desafios*<sup>1315</sup>. Dentre os desafios daquele momento, e pré-existentes desde sempre neste lócus de imperfeições pretéritas, o ex-sindicalista se viu frente às desigualdades abissais em dimensões generalizadas do país, todavia, respaldado por uma agenda ética *outra* calcada na vida como primazia basilar, fez com que, nas palavras de Bignotto, *no início do século XXI, o Brasil experimentasse uma redução real das desigualdades sociais ao alargar a participação popular, formar uma nova proposta de identidade brasileira em detrimento ao mundo dito “democrático” e expandir a cidadania para os grupos sociais outrora excluídos dos direitos de justiça social*<sup>1316</sup>. No chancelar desse recorte temporal, o filósofo político

---

<sup>1313</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

<sup>1314</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

<sup>1315</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1316</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

brasileiro apregoa que *a impressão era de que o Brasil havia, finalmente, encontrado o caminho da “democracia”*<sup>1317</sup>.

Ainda nesse cenário, pressuposto por um *projeto de futuro*<sup>1318</sup> para o Brasil imperfeito, à revelia do que aconteceria com o Bolsonarismo, em 2002, o país se encontrava diante de 24% da população abaixo da extrema pobreza; em 2014, os números reduziram para 7% no que compreende os “muitos pobres”<sup>1319</sup>. Ademais, Lula conseguiu ainda *ampliar as distribuições e transferências de renda, a expansão do crédito, o investimento massivo nos serviços públicos além de valorizar o salário mínimo*<sup>1320</sup>. Com tais feitos, *as rendas familiares aumentaram e, por extensão, o consumo, estabelecendo mudanças significativas na pirâmide social do Brasil*<sup>1321</sup> ao possibilitar condições dignas de existência aos mais necessitados. A partir daquele momento, *produtos e serviços consumidos apenas pelos mais ricos começaram a se tornar acessíveis às populações de baixa renda*<sup>1322</sup>, parecia, enfim, que, *com a redução massiva das desigualdades sociais na vida do país, encaminhá-vamos para uma solidez das instituições republicanas*<sup>1323</sup>.

À época, ainda com 5 para 6 anos, por pressuposição etária óbvia, eu não tinha nenhuma consciência política, e nem poderia; entretanto, com o transcorrer da idade, recordo-me de assistir ao então presidente na televisão e de sempre percebê-lo vinculado à defensiva implacável pela dignidade humana dos mais necessitados. Aquilo, de alguma forma, despertava-me algum sentimento impossível de ser nomeado naqueles idos, mas que, com o tempo, entenderia, pelo crivo do desenvolvimento das maturidades cidadãs, éticas e epistemológicas, que provinha de

---

<sup>1317</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

<sup>1318</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1319</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 206.

<sup>1320</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

<sup>1321</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 203.

<sup>1322</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 203.

<sup>1323</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 206.

uma sensação de compromisso com os cenários abissais que sempre permearam o cotidiano deste nosso Brasil tão pretérito e imperfeito em suas dimensões coloniais. Por essa razão, experienciar no corpo a esperança política nas eleições de 2022 talvez tenha soado para mim como uma espécie de *déjà-vu* apregoadado no corpo da criança que fui no início deste século hipercapitalista à exaustão.

Isso em mente, à maneira do meu mineiro em entrevista concedida no evento de congratulação pelo recebimento do “Prêmio Camões” em 2022, arregimentei-me *da emoção que senti esbarrada em um momento muito triste do país e do mundo torcendo para que não precisasse mais ficar preocupado*<sup>1324</sup> e revoltoso, como estive à última instância nos passados quatro anos que se findaram. Não obstante, justificasse, também, o porquê da assertiva de Silviano, em concordância com meus princípios éticos *outros* de crítico biográfico fronteiriço, quando assevera que *estes trópicos vinham sendo razoavelmente governados*<sup>1325</sup> pelo Partido dos Trabalhadores (PT) antes da guinada à direita. Essa, por sua vez, iniciada pelo golpe à Dilma, seguida pela prisão política de Lula, pela posse indevida de Michel Temer e, então, pela eleição de Jair Bolsonaro em 2018 demarcando o início do esfrelamento do tecido democrático brasileiro ao esboroar quaisquer princípios éticos pluriversais às exterioridades e as possibilidades de justiça social àqueles que necessitam dessa para sobreviver com mínima dignidade, em especial, na égide de suas corpo e geopolíticas fronteiriças.

A propósito da eleição de 2018 em que Jair Bolsonaro se tornou presidente, comparando os aspectos macropolíticos de seu governo com os de Lula no início do século XXI, os dados são ainda mais avassaladores, sobremaneira, quando

---

<sup>1324</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

<sup>1325</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

cotejamos as perspectivas de reparações políticas, sociais, econômicas, institucionais, éticas, ideológicas etc. no porvir do futuro pelo atual governo. Para Miguel Lago, e aqui ofereço concordância absoluta, *é plausível apregoar sem reticências que o governo bolsonarista é o pior que se conhece desde que João VI adentrou estas terras e iniciou o processo de formação administrativa do Estado brasileiro*<sup>1326</sup>. Em termos específicos, seu saldo absolutamente negativo se engasta pela *perda de capacidade estatal, a economia que iniciava um processo de recuperação submergiu, retornamos ao mapa da fome e transcorremos o ano mais mortal da história geral do país*<sup>1327</sup> pelo eclodir da pandemia de COVID-19 cujo destrato pelo então presidente já discuti outrora neste capítulo na égide do compromisso bolsonarista com a descartabilidade da vida, destituído de qualquer ética engastada na vida humana, em prol da acumulação irrestrita de riqueza por poucos.

Além do mais, quando decorridos mil dias de governo, Bolsonaro iniciou aquilo que Heloisa Starling conclama de “espécie de *tour* celebratória”<sup>1328</sup> a partir da qual *concentrou seus discursos no uso da retórica ideológica em prol da evocação teopolítica de Deus quase como um espetáculo onde afirmava não ver mais as cores vermelhas, mas o verde-amarelo da “nossa” bandeira* reverberando de todos os lados seu *pseudo-nacionalismo tacanho*<sup>1329</sup> e a reafirmação daquilo que já problematizei nesta tese enquanto *anticomunismo delirante e fantasmático*<sup>1330</sup> no que concerne ao seu oposto político Partido dos Trabalhadores (PT). Isso tudo ao mesmo tempo em que o país enfrentava *uma inflação crescente, o desemprego em alta e com 19*

---

<sup>1326</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 19.

<sup>1327</sup> LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 19.

<sup>1328</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 86.

<sup>1329</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>1330</sup> BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 236.

*milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar literalmente caçando restos de alimentos em caçambas de lixo e em caminhões de supermercados*<sup>1331</sup>.

Nessa esfera, exterior a qualquer baliza ética de vida e imbricado pelas minhas corpo e geo-políticas de homo-biográfico fronteiro, não haveria outra vereda de escre(vi)ver este Brasil imperfeito senão pelo que meu Silvano explicita como a *transferência do lugar das minhas desavenças para a folha de papel à moda que o “progressista” no Brasil o faz no que compete à arena da política*<sup>1332</sup>, pois meus escritos aqui tracejados pela insígnia da fronteira-sul *são permeados pelo sofrimento na luta por um país mais digno*<sup>1333</sup> a todos sem exceção alguma. Fui pessimista em algum momento deste capítulo, confesso e não abnego o entrecortar do meu tempo histórico político em meu corpo, sensibilidade, afeto, desejo, sentimentos, desobediências, desprendimentos e desaprendizagens daquilo que não me pertence, mas, por outro lado, estas minhas teorizações *carregam pústulas e sangue no pulsar de uma das sociedades mais injustas do planeta, tão injusta que quase não consegue se enxergar em seus desacertos no ensejo de abrir caminhos outros para emendar-se*<sup>1334</sup>.

Na chancela da ética política descolonial que apregoa toda e qualquer razão de ser a minha teorização de base pós-abissal e fronteira, percebo aquilo que a historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz perlabora quando assente que *toda crise que se expande faz reaparecer nosso déficit republicano centrado bem no cerne da comunidade política*<sup>1335</sup>. Nesse intento, suscita-se a *falta de uma agenda ética comprometida com a transformação do sistema político e os comportamentos*

---

<sup>1331</sup> STARLING. Brasil, país do passado, p. 86.

<sup>1332</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

<sup>1333</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

<sup>1334</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

<sup>1335</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 236.

*partidários ao combater as violências assaltantes de nossas liberdades*<sup>1336</sup> e munindo quaisquer possibilidades de justiça social às exterioridades corpo e geo-políticas. Conforme venho destrinchando no campo comparatista entre Bolsonaro e Lula, àquele houve a exclusão absoluta de um *projeto de futuro*<sup>1337</sup> orientado por um princípio ético comprometido com a vida<sup>1338</sup>; por outro lado, para o atual presidente, a única dimensão possível de um porvir do Brasil é “[...] antes de tudo vencer a resignação, que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural. Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo.”<sup>1339</sup>.

E, ainda, *o incentivo à diversidade cidadã, o combate às intolerâncias sociais, culturais e religiosas, a ampliação dos projetos educacionais e da saúde, o firmamento com compromissos de aperfeiçoamento das instituições e, sobretudo, a contestação implacável a quaisquer atos que atentem contra a ideia de “democracia” exigindo garantias constitucionais*<sup>1340</sup>. No correlato à baliza de uma agenda ética política e, por consequência, dos princípios fundamentais que a circundam de uma perspectiva descolonial, faz-se pujante a premissa de que em seu entorno *não há nada que possa ser considerado universal*<sup>1341</sup> senão a ideia fundamental da pluriversalidade. Essa visada *outra* da ética se distancia de maneira latente de quaisquer paradigmas morais cristãos, liberais ou até mesmo marxistas<sup>1342</sup> geridos pelo binômio indissociável modernidade/colonialidade na cosmologia ocidental<sup>1343</sup>. Nesse preciso sentido, cotejar a possibilidade de uma ética de base descolonial é, por condição *sine qua non*,

---

<sup>1336</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 236.

<sup>1337</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1338</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

<sup>1339</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1340</sup> SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 237.

<sup>1341</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1342</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1343</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

intentar *um giro descolonial*<sup>1344</sup> aquilatado na desobediência e no desprendimento epistêmicos<sup>1345</sup>.

Assim, pressupor um *giro descolonial*, em justaposição ao corolário de uma ética também dessa base crítica, implica *o afastamento dos paradigmas ético-morais e pseudo-universais gregos, daqueles advindos do Cristianismo e, em primordial, do par inseparável modernidade/colonialidade em todas suas subdivisões liberais e marxistas*<sup>1346</sup>. Tal premissa posta e crivada pelo requerido no bojo de uma agenda ética só pode ser pensada, então, na égide do respaldo de uma política estatal que se pretenda descolonial<sup>1347</sup> em alguma medida – isso, claro, na seara de uma realidade empírica ideal no que compete ao cotidiano virulento do Brasil imperfeito e pretérito, ainda que, hoje, dotado de esperanças de um porvir pluriversal. Em palavras assertivas, o intelectual argentino Facundo Giurlano assenta que *não se faz possível pensar uma ética descolonial destituída de uma política também descolonial à moda que a modernidade tem perpetuado destituindo tais vertentes uma da outra*<sup>1348</sup>.

Pelo contrário, no plano da idealidade, em especial, de um Brasil não mais imperfeito e pretérito, envolveria-se em um mesmo compêndio a estreita união *ética-política-educativa supondo uma leitura crítica da colonialidade renitente por aqui e o desprendimento aliado à reconstituição epistemológica enquanto práxis de re-existência e ressurgência*<sup>1349</sup>. Ademais, o referido intelectual defende que a suposição básica de uma ética descolonial presume a ancoragem na *interseccionalidade*<sup>1350</sup> *entre raça, classe, gênero, nacionalidade, idioma, religião a fim de se pensar em*

---

<sup>1344</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1345</sup> Tanto a desobediência epistêmica quanto o desprendimento serão trabalhados conceitualmente no capítulo II, subtítulo 2.3, desta tese com base na problematização do modernismo brasileiro de 1922.

<sup>1346</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1347</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1348</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1349</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1350</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

*políticas outras com base nas situações geo e corpo-políticas* das exterioridades que grassam das fronteiras cujos contornos *foram delineados através da responsabilidade judaico-cristã carregada pela culpa e pelas feridas coloniais*<sup>1351</sup> que entrecortam nossas existências dissidentes muitas vezes destituídas de quaisquer políticas públicas – da maneira que vim problematizando pelo crivo do Bolsonarismo neste capítulo.

De alguma forma por via do exposto pelos discursos de Lula, outrora reproduzidos neste subtítulo, consigo, no papel de crítico biográfico fronteiriço, perceber um pressuposto ético *outro*, não necessariamente descolonial, mas preocupado com as vidas e suas dimensões interseccionais<sup>1352</sup>. Como quando direciona sua retórica às existências femininas, negras, indígenas, LGBTQIAP+, em condição de vulnerabilidade socioeconômica e até mesmo à importância inconteste do meio ambiente para nossa sobrevivência com o mínimo de qualidade de vida para todos. O que, claro, situa-se na absoluta contracorrente de tudo que foi dito, feito e pensado pelo Bolsonarismo nestes trópicos imperfeitos e pretéritos em estado, naquele momento, de absoluta destruição *sem um projeto mínimo de futuro*<sup>1353</sup> iniciado pela saída, à revelia, de Dilma Rousseff da presidência da república. Desde então, mais precisamente no que tange à catástrofe política consolidada em 2018, valho-me do meu mineiro para aferir que *nenhum dos informes políticos desse recorte temporal mereciam credibilidade no sentido ético do termo, sabe-se que algo podre acontecia no reino de Brasília sem requirir qualquer voz que viesse de fora*<sup>1354</sup>, eis o

---

<sup>1351</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1352</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1353</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1354</sup> SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 68.

*cenário que nos encontrávamos: uma (des)arrumação do país<sup>1355</sup> pelos ministérios dos ditos verde-amarelos<sup>1356</sup>, tacanhos<sup>1357</sup> e delirantes<sup>1358</sup>.*

Frente a essa *(des)arrumação<sup>1359</sup>* coadunada pelas despolíticas nos últimos anos, abre-se margem para problematizarmos, enfim, qual é a noção de “democracia” a qual estamos inseridos no Brasil e cujo princípio fundamental nós, cidadãos e pesquisadores orientados por uma perspectiva ética *outra* de mundo e de país, defendemos a todo custo. Etimologicamente, o construto político, de origem grega, “[...] tem em sua base duas palavras gregas: *DEMOS*, que significa ‘povo, distrito’ e *KRATOS* ‘Domínio, poder’, o que nos traz o significado de ‘poder do povo’ ou ‘governo do povo’.”<sup>1360</sup>. Diante disso, pergunto: transcorridos quatro anos de calamidade pública *sub judice* à desgovernabilidade bolsonarista respaldada por irrupções autoritárias, militarizadas, hipercapitalistas bem como pela fome generalizada, falta de dignidade aos vulneráveis, opressão e perseguição às exterioridades geo e corpo-políticas brasileiras, qual “democracia” é essa a qual tanto nos posicionamos em sua eterna defesa?

Em um primeiro momento, só consigo conceber “democracia”, no chancelar do Brasil pretérito e imperfeito, por uma responsiva implacável: o completo esvaziamento de seu significado originário, visto que o dito “povo” foi relegado, pela *práxis* bolsonarista gerida por uma *gramática de poder<sup>1361</sup>* absolutamente voltada à destruição<sup>1362</sup> como *modus operandi* de governabilidade, à completa escuridão da inexistência. Todavia, tal qual o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel

<sup>1355</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1356</sup> SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 68.

<sup>1357</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>1358</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

<sup>1359</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1360</sup> Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-democracia/>

<sup>1361</sup> SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

<sup>1362</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

assevera, sua disseminação generalizada tem uma raiz ainda mais hegemônica e questionável, uma vez que, nos últimos 500 anos, *passamos do cristianiza-te ou te dou um tiro do século XVI, para o civiliza-te ou te dou um tiro do século XIX, para o desenvolve-te e neoliberaliza-te ou te dou um tiro do século XX para, enfim, o democratiza-te ou te dou um tiro do nosso século XXI*<sup>1363</sup>. Em especial, no que concerne ao imperialismo norte-americano – não esqueçamos da relação, já mencionada neste capítulo, muito particular entre Bolsonaro e Trump – e seus grilhões hegemônicos falseados pela premissa de “levarem sua dita democracia” neoliberal mundo afora.

Nas entrelinhas do explicitado por Grosfoguel, esconde-se uma problemática latente descoberta pela teorização descolonial: o horizonte pseudo-universal colonial/moderno de que *no referido processo não houve reconhecimento algum de formas outras de estruturas sociopolíticas*<sup>1364</sup>, *a exemplo, as indígenas e não-europeias*<sup>1365</sup>. O que conhecemos e acessamos, especialmente se considerarmos as estruturas da matriz colonial de poder que nos atravessa no correr do cotidiano e a partir da qual não conseguimos escre(vi)ver de maneira exterior, *é o formato liberal de democracia enquanto o único possível e legitimado, quaisquer outros contornos são, em absoluto, rejeitados*<sup>1366</sup>. Nessa esfera, na baliza da relação Bolsonaro/Trump, quando se desobedece a seus paradigmas imperialistas, *mostra-se às vistas sua*

---

<sup>1363</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

<sup>1364</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

<sup>1365</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

<sup>1366</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

*imposição hegemônica através da força mascarada em nome, por exemplo, das ideais de “civilização” e de “progresso”*<sup>1367</sup>.

Urge, portanto, a necessidade de *reconceituarmos o ideário “democrático” com fim de descolonizar sua base liberal respaldada pela cosmologia ocidental racializada e autocentrada no capitalismo*<sup>1368</sup>. Mais ainda, quando evoco a possibilidade *outra* de uma ética política descolonial apregoada nas vidas humanas dignas sem reticência alguma, sobremaneira, às exterioridades geo e corpo-políticas dissidentes atravessadas por aquilo que meu Silvano alcunhou de *linguagem do sofrimento revestida de miséria e dor*<sup>1369</sup> em que as pessoas, e nisso incluo figuras como Bolsonaro, *são pouco tolerantes diante do desamparo alheio*<sup>1370</sup>. Para Mignolo, *todas as teorias políticas e econômicas disseminadas foram construídas pelas bases e experiências imperiais cujos cernes não questionam, tampouco, confrontam, em nenhuma medida, a colonialidade celebrando, por outro lado, a dita “modernidade”*<sup>1371</sup> – primordialmente quando compreendemos que essa é apenas o outro lado da colonialidade.

O Brasil, com seu recente presente dotado das imperfeições pretéritas endossadas e alimentadas pelo Bolsonarismo, é um caso palpável tanto aos meus olhos críticos fronteiriços quanto ao meu corpo homo-biográfico desse *não confronto à colonialidade e a comemoração ininterrupta da modernidade/colonialidade*<sup>1372</sup>. Porém, ainda que minimamente, avançamos com a eleição de Lula na medida em que já se percebe a evocação de termos caros à perspectiva pós-abissal em sua retórica,

---

<sup>1367</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

<sup>1368</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

<sup>1369</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1370</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1371</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

<sup>1372</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

como *Sul global*<sup>1373</sup>, aliada à presença da *interseccionalidade*<sup>1374</sup>, referendada a partir de Facundo Giulliano neste trabalho, no empenho de prezar pelas pluriversais vidas dissidentes e vulneráveis do país pelo crivo de um princípio ético *outro* direcionado à mitigação da *linguagem do sofrimento revestida de dor*<sup>1375</sup>. Nesse ínterim, quando tensiono uma problematização à ideia liberal de “democracia”, estou *questionando suas funções e responsabilidades enquanto Estado destituído de harmonias comunais e sociais em que as corporações, os bancos e o Estado em si mesmo não trabalham em prol algum da colaboração*<sup>1376</sup> *generalizada em favor dos cidadãos*.

Ademais, no bojo da percepção liberal e hipercapitalista da dita “democracia”, *vive-se para trabalhar e não se trabalha para viver*<sup>1377</sup>. *Somando-se à representação Estatal e à exploração corporativa destituídas de quaisquer princípios harmônicos, comunais*<sup>1378</sup> ou até mesmo ético-políticos em favor da acumulação de riquezas para poucos que ignoram aquilo que Silviano afere enquanto *casos de padecimento; toleram, quando muito, sendo apenas ouvintes passivos, escutam e não ouvem com rostos de mentecaptos*<sup>1379</sup>. Ante esse cenário, Quijano me é fundamental quando pontua que *na América Latina não alçamos nunca a democratização das sociedades a ponto de fazer com que todos fossem tratados social, jurídica e politicamente iguais além do fato de que, nestes nossos trópicos brasileiros dotados de imperfeições pretéritas coloniais, as desigualdades se aliam às opressões raça/gênero que se converteram em base para as classificações sociais das vidas humanas e suas*

---

<sup>1373</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1374</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1375</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1376</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

<sup>1377</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

<sup>1378</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

<sup>1379</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

*distribuições de poder*<sup>1380</sup> na baliza da matriz colonial de poder que entrecorta nossas corpo e geo-políticas da exterioridade.

Nessa visada, no papel de crítico biográfico fronteiriço, aproximo a *reconceituação epistemológica*<sup>1381</sup> proposta por Grosfoguel à *des/colonialidade*<sup>1382</sup> defendida por Quijano em direção a, enfim, *aprendermos a desaprender para reaprender*<sup>1383</sup> o ideário quase fictício de “democracia” ao qual somos cooptados na rotina virulenta do hipercapitalismo<sup>1384</sup> desprovido de quaisquer agendas éticas outras. Alcinha-se, então, *a liberação dos conflitos sistemáticos e da perversa violência que respaldam as tendências do capitalismo no ensejo de que as pluriversalidades das vidas deixem de ser o argumento basilar para o endosso à desigualdade em prol da integração das pessoas com suas identidades diversas e individualmente livres*<sup>1385</sup>. Para tal, é pujante o já trabalhado aqui enquanto *ética da libertação, ou ética assentada na vida, no cancelar da liberação dos mandos hegemônicos sobre o trabalho, seus recursos, produtos, controle do sexo, da autoridade coletiva, das subjetividades e dos modus operandi de produção dos conhecimentos*<sup>1386</sup>.

Não à toa, mesmo com todas as problematizações delineadas em torno do sistema político a partir do qual escre(vi)vemos, Silviano pontuou em 2022 que *a possível vitória de Bolsonaro era uma ameaça concreta à democracia com suas ligações fortes com a extrema direita*<sup>1387</sup>. Compadeci-me na totalidade do meu corpo

---

<sup>1380</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 321.

<sup>1381</sup> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

<sup>1382</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 321.

<sup>1383</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>1384</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1385</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 429.

<sup>1386</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 429.

<sup>1387</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

e mente com a aferição do meu mineiro ao pensar na possibilidade destrutiva que seria viver e re-existir<sup>1388</sup> mais quatro anos pela interceptação do descompromisso pujante com as exterioridades que nos atravessam e nos compõem enquanto os assujeitados dissidentes que somos. Bolsonaro perdeu a eleição para Lula, contudo, o intelectual mineiro já havia sinalizado seu receio *pelo cenário semelhante à invasão do Capitólio*<sup>1389</sup> (Figura 11) *ocorrida nos Estados Unidos*<sup>1390</sup> quando Joe Biden ganhou as eleições presidenciais de Donald Trump, e assim aconteceu. No dia 08 de janeiro de 2023, uma semana após a posse do então presidente eleito, grupos bolsonaristas invadiram e destruíram partes das sedes dos Três Poderes em Brasília<sup>1391</sup> (Figura 12) descortinando, de maneira explícita, aquilo que Boaventura conclama de *fascismo social em co-existência à ideia de “democracia”*<sup>1392</sup>.

---

<sup>1388</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1389</sup> O Capitólio, localizado em Washington D.C. nos Estados Unidos, é o espaço onde o Congresso do país se reúne para as tomadas de decisões. A invasão, ocorrida em 2021 durante sessão em prol dos resultados das eleições presidenciais, foi realizada sob a alegação de “fraude no processo eleitoral” e seus invasores eram compostos por membros de grupos da extrema-direita estadunidense apoiadores de Donald Trump. Os ditos “patriotas” entraram no Capitólio portando barras de ferros, *sprays* químicos e destruíram tudo que viram pela frente, inclusive objetos históricos. Disponível em: <https://www.politize.com.br/invasao-do-capitolio/>

<sup>1390</sup> SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prémio Camões, s/p.

<sup>1391</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>

<sup>1392</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.



Figura 11 – Golpistas seguidores de Trump invadindo o Capitólio nos Estados Unidos durante sessão do Congresso em prol da divulgação dos resultados eleitorais à presidência

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/relembre-como-foi-a-invasao-do-capitolio-nos-eua-por-apoiadores-de-donald-trump.shtml>



Figura 12– Golpistas bolsonaristas invadindo o Palácio do Planalto em Brasília uma semana após a posse do presidente Lula

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>

À maneira que as imagens reproduzidas atestam, quase como um espelhamento dos pseudo-patriotas estadunidenses, golpistas e invasores do Capitólio, os bolsonaristas fizeram jus à insígnia de Bolsonaro enquanto “Trump dos trópicos” replicando suas práticas criminosas *sub judice* ao desrespeito completo ao processo eleitoral do Brasil e às ditas “bases democráticas”<sup>1393</sup>. Prefigurado nisso, Boaventura é salutar quando afere que *enquanto regime social, uma espécie de fascismo pode co-existir com a democracia política liberal não sacrificando às exigências do capitalismo globalizado e a trivializando a ponto de não ser um impedimento para a promoção irrestrita do capitalismo*<sup>1394</sup>. Por ser de caráter pluralista, esse formato de fascismo é desconhecido por nunca ter existido e nos desvela um horizonte absolutamente problemático em que *as sociedades são politicamente democráticas e socialmente fascistas*<sup>1395</sup> como o desvelar deste Brasil comprova, imperfeito à exaustão no presente pela interceptação do Bolsonarismo. No pluriverso total à paisagem de destruição descortinada, reproduzo mais uma vez o discurso à ONU de Lula:

O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e política que hoje assola as democracias. Seu legado é uma massa de deserdados e excluídos. Em meio aos seus escombros surgem aventureiros de extrema direita que negam a política e vendem soluções tão fáceis quanto equivocadas. *Muitos sucumbiram à tentação de substituir um neoliberalismo falido por um nacionalismo primitivo, conservador e autoritário*. Repudiamos uma agenda que utiliza os imigrantes como bodes expiatórios, que corrói o Estado de bem-estar e que investe contra os direitos dos trabalhadores. De um lado, está a ampliação dos conflitos, o aprofundamento das desigualdades e a erosão do

---

<sup>1393</sup> Ainda no que concerne ao completo desrespeito ao processo eleitoral à presidência por parte do Bolsonarismo, julgo importante pontuar que, durante as votações do segundo turno de 2022, o Nordeste, enquanto região cuja vitória de Lula era iminente, foi alvo de 500 operações pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) de bloqueio às estradas no intuito de que a população daquele lugar não pudesse chegar aos seus locais de votação. O exposto reafirma, mais uma vez, como o Bolsonarismo sempre rechaçou quaisquer elementos que se pretendessem ser minimamente “democráticos”, mesmo que esses sejam passíveis de problematizações tais como aferi neste subtítulo. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/09/sob-comando-de-vasques-prf-fez-500-operacoes-com-bloqueio-de-estradas-no-2-turno-apesar-de-proibicao-do-tse>

<sup>1394</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

<sup>1395</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

Estado de Direito. De outro, a renovação das instituições multilaterais dedicadas à promoção da paz.<sup>1396</sup>

Diante do excerto em comparação com os eventos golpistas arrolados, valho-me dos dizeres de Lula ao aferir que, em meio à percepção de “democracia” a qual estamos inseridos e atravessados, destituída de uma *ética da libertação das vidas*<sup>1397</sup>, entrevejo os *escombros deixados*<sup>1398</sup> pelo Bolsonarismo. *Esse, por sua vez, legitimador dos aventureiros de extrema direita*<sup>1399</sup> *que negam uma ética política outra ao sucumbirem ao nacionalismo tacanho, conservador e autoritário*<sup>1400</sup> *revestido de um fascismo social*<sup>1401</sup> latente aos meus olhos críticos biográficos fronteiriços nos quatro anos que se findaram. No bojo desse *fascismo social*<sup>1402</sup>, Silvano é salutar quando, no campo da política, sinaliza *o rechaço à oposição figurada enquanto intrusa e inimiga, por tal motivo governos que flertam com o autoritarismo se revestem tanto da burocracia e não suportam crítica se valendo da violência para impedir as vozes dissidentes*<sup>1403</sup> *na (des)arrumação do país*<sup>1404</sup> em prol da *destruição enquanto projeto de poder*<sup>1405</sup> inegociável.

Frente ao *legado do neoliberalismo*<sup>1406</sup> e, por extensão, ao seu formato de “democracia” exterior a quaisquer princípios éticos *outros se entrevedo massas de deserdados e excluídos ao mesmo tempo em que muitos negam a política vendendo*

<sup>1396</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p, grifos meus.

<sup>1397</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1398</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1399</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1400</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1401</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

<sup>1402</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

<sup>1403</sup> SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

<sup>1404</sup> JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

<sup>1405</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1406</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

*soluções “fáceis” e equivocadas*<sup>1407</sup>, tensiono o questionamento a seguir. Quais seriam, então, as perspectivas para-além do modelo democrático enviesado, cooptado e interceptado pelos pressupostos liberais, hipercapitalistas, modernos e coloniais difundidos e hospedados nestas fronteiras brasileiras, geoistórico-epistêmicas, de contornos imperfeitos e pretéritos? Respalda em um arcabouço teórico de base crítica biográfica fronteiriça, só posso oferecer uma responsiva ética descolonial, isto é, o retorno às cosmologias não-modernas, em especial, às indígenas, na baliza das saídas e estratégias políticas *outras* imbricadas pelas insígnias do bem-viver e fazer comunal generalizados ao prezar pelas vidas em primazia às exigências de acumulação dos sistemas econômicos hipercapitalistas em voga.

Segundo Mignolo, *fraturas epistêmicas estão emergindo pelo mundo afora moldadas por histórias locais distintas no chancelar da união entre povo e Estado desprendidos das teorias políticas geridas pelas cosmologias ocidentais desde Platão, Aristóteles, Maquiavel, Hobbes a Locke*<sup>1408</sup>. *Pari passu* a isso, povos indígenas clamam por suas próprias cosmologias *outras* no que compete às organizações econômicas, sociais, educativas e subjetivas delineando uma cisão entre as esferas religiosas, políticas e, sobretudo, éticas do Ocidente<sup>1409</sup>. Em outras palavras, o tracejado implica nos voltarmos mais, por exemplo, aos povos originários localizados no estado de Mato Grosso do Sul, a partir do qual escre(vi)vo estas teorizações corpo e geo-políticas, circunscritos por seus modelos próprios de organização social, do que às teorias itinerantes<sup>1410</sup> viajantes do Norte para as exterioridades do nosso Sul global

---

<sup>1407</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1408</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1409</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1410</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

pouco refletindo nossas demandas políticas atravessadas pela ferida colonial que entrecorta nossas carnes assujeitadas à *linguagem do sofrimento*<sup>1411</sup> já evocada aqui através do meu mineiro.

Na égide dessas *fraturas epistêmicas emergindo para além das cosmologias liberais*<sup>1412</sup>, em especial, no que concerne à ideia de democracia, evoco o movimento mexicano zapatista delineado a partir de camponeses indígenas em prol da *revolução teórica de integração transformadora dos conhecimentos subalternizados*, a exemplo *daqueles situados em línguas e saberes ameríndios*<sup>1413</sup>. À revelia do conceito liberal de democracia, o Zapatismo, enquanto teoria e prática *outra*, descortina-se pelo *exercício dos movimentos sociais no para-além dos acontecimentos históricos e sociais passíveis de serem reduzidos a “objetos de estudos”*<sup>1414</sup> das humanidades. Pelo contrário, está pressuposto *pelo começo de diversas histórias locais que “desmembram” os projetos globais e o imaginário hegemônico o rearticulando pelo crivo das histórias locais*<sup>1415</sup>. Esboroa-se, assim, o horizonte pseudo-democrático do “bom para todos” implicado na *práxis* do sistema político democrático, de base liberal, no qual somos cooptados a sobreviver intermediados pela falsa sensação de que primamos pela coletividade generalizada.

Na contracorrente do que se poderia supor *a priori*, o Zapatismo está situado na diferença tanto dos projetos socialistas quanto liberais<sup>1416</sup> descortinando um caminho político *outro*, descolonial, ao que nos fizeram acreditar que seria o único formato de vida possível. Mignolo<sup>1417</sup> atesta que tais formas de pensamentos desconhecem, na mesma medida, perspectivas de saberes em línguas e histórias

---

<sup>1411</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1412</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1413</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 05.

<sup>1414</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

<sup>1415</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

<sup>1416</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

<sup>1417</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

não-ocidentais situadas nas exterioridades, ignorando, por extensão, as denúncias aplicadas à modernidade e seus crimes aos supostos “outros” rasgados pelo peso das desigualdade, como neste Brasil pretérito e imperfeito. Na esteira da intelectual guatemalteca Rigoberta Menchú<sup>1418</sup>, o Zapatismo não seria um pensamento fundamentalista e milenarista concluso em si mesmo, menos ainda única e exclusivamente resistência indígena, mas, sim, uma etapa para além da resistência. Enquanto momento necessário de uma *revolução cultural e teórica*<sup>1419</sup>, o Zapatismo aquilata o retorno às cosmologias ignoradas e extrínsecas às teorias modernas/coloniais.

Contudo, à maneira aferida por Mignolo, não pretende se converter, em nenhuma instância, em “doutrina universal” tal qual os (neo)liberalismos e (neo)socialismos emergidos pelas quatro regiões do planeta, sobremaneira, através da dita “democracia”. É pluriversal a tais sistemas políticos enquanto *o resultado de um choque cultural entre intelectuais indígenas e não-indígenas*<sup>1420</sup>, estabelecendo “*traduções*” *concomitantes entre as duas cosmologias, isto é, conhecimentos fronteiriços não focalizados no indivíduo e, sim, na comunidade e nas diferentes maneiras de concebê-la*<sup>1421</sup>. À revelia do conceito liberal de “democracia”, no ensejo de pensar *a partir da fronteira*<sup>1422</sup>, delinea-se uma preocupação *outra* no Zapatismo, ou seja, a *perspectiva da colonialidade*<sup>1423</sup> e as desigualdades decorridas de suas artimanhas modernas hegemônicas – o que, para mim, é ausente no debates ditos “democráticos” no Brasil pretérito e imperfeito circunscrito pela racialização renitente dos corpos dissidentes tornados exteriorizados no aspecto macropolítico do país.

---

<sup>1418</sup> MENCHÚ *apud* MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 02.

<sup>1419</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 02.

<sup>1420</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 03.

<sup>1421</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

<sup>1422</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

<sup>1423</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

Em um preciso sentido, o Zapatismo, *ao estabelecer imaginários culturais e teóricos outros, acaba por fragmentar o imaginário hegemônico das histórias locais frente ao universalismo abstrato das visadas liberais e socialistas permeadas pelos ideários cristãos, civilizadores e mercantis do capitalismo*<sup>1424</sup>. Para o movimento mexicano, utilizado por mim nesta tese enquanto exemplificação de uma possível saída descolonial para a frágil democracia na qual estamos aportados, *estabelece-se a fragmentação enquanto projeto universal, jamais a homogeneidade, em suposição, “coletiva”, delineada em favor das singularidades das histórias locais negadas pelas expansões ocidentais, coloniais e modernas nos últimos séculos*<sup>1425</sup>. Nesse horizonte *outro*, em essencial, pelo entrecortar da dita “democracia”, entrevejo que mulheres, indígenas, negros, pobres, dissidentes sexuais, como eu e Silviano, etc. *até podemos “ser considerados partes do país”, entretanto, sempre em posições de subordinação controlados, em absoluto, pelo conceito de “direito” através das posições hegemônicas coloniais*<sup>1426</sup>.

Com isso, o Zapatismo me é necessário aqui no intuito de compreender melhor que *podemos reivindicar nossos “direitos” na participação coletiva de suas constituições, não enquanto meros objetos inertes e amorfos dos “direitos humanos”*<sup>1427</sup>. Então, Mignolo traz à tona a seguinte expressão dita por uma mulher indígena: “Os zapatistas nos devolveram a dignidade”<sup>1428</sup>; isso, pois, inquire-se o *desvelar da consciência crítica e a retomada da posse dos espaços de nossas “dignidades humanas” escamoteadas pelos “direitos humanos”*<sup>1429</sup>, situados nos ideários pretendidos “democráticos” e “coletivos”. Dito de outra maneira, tal

---

<sup>1424</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

<sup>1425</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

<sup>1426</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

<sup>1427</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

<sup>1428</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

<sup>1429</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

movimento nos desvela o espaço da *reprodução da vida e das lutas, indígenas ou não, por casa, terra, comida etc. enquanto partes integrantes do que, de um prisma descolonial, implica ter ou não “dignidade”*<sup>1430</sup>. Entendo, portanto, que o Zapatismo compreende *não uma amplificação do conceito liberal de democracia passível de incluir os marginalizados; por outro lado, defende a modificação do rumo da história e da organização social pensadas à revelia dos capitais, do mercado e da racionalidade ocidental dominante*<sup>1431</sup> – esses, por sua vez, atravessados pela dispensabilidade das vidas exteriorizadas, tal qual já discuti no subtítulo 1.4 deste tese com base na pandemia de COVID-19.

Mignolo<sup>1432</sup> assinala ainda que a conceitualização de “democracia” se faz mais entendível para aqueles que enxergam a concepção de base liberal ao perder de vista o esvaziamento de seu sentido original pelo liberalismo o deslocando a tal ponto que experienciamos o rompimento de seu sentido com a sucessão do vivido no correr da vida e, em um viés geo-político, o Brasil pretérito e imperfeito salta frente aos meus olhos descoloniais. Na chancela do Zapatismo, *ênfatiza-se o problema circunscrito nas fragilidades das bases liberais da democracia, em especial, no que compete a governos que “governam obedecendo”*<sup>1433</sup>, ou seja, obedecem aos mercados, agronegócio, grandes empresários poderosos, barganham com figuras políticas despreocupadas com *a reprodução das vidas*<sup>1434</sup> exteriorizadas ao passo que grandes parcelas da populações sobrevivem e re-existem sem condições mínimas de dignidade. Por essa razão, zapatistas defendem *não o Estado que os marginalizou, e, sim, um Estado que não seja cúmplice, situado na contracorrente das artimanhas*

---

<sup>1430</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 09.

<sup>1431</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

<sup>1432</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

<sup>1433</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

<sup>1434</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 09.

*hegemônicas das racionalidades ocidentais e liberais tanto dos projetos globais quanto dos mercados*<sup>1435</sup>. Em suma, *um pensamento de fronteira em diversos níveis que atue nas e a partir das margens pela fragmentação enquanto projeto universal passível de “traduzir” as relações de poder entre exterioridades e interioridades*<sup>1436</sup>.

Sendo assim, descortina-se a necessidade de trabalharmos em favor da presença incontestada das opções descoloniais<sup>1437</sup> em nossos sistemas organizacionais políticos, em especial, no que se compreende hoje enquanto “democracia”. Isso, pois, *a lógica da colonialidade – capitalismo, formações Estatais, educação universitária, mídias enquanto mercadorias etc. – continua “nivelando” o mundo pelo crivo de seus grillhões hegemônicos desprovidos de princípios éticos às vidas, sobretudo, àquelas subjugadas revestidas de miséria e dor*<sup>1438</sup>. Defendo, portanto, *as mudanças radicais aportadas nas opções descoloniais a fim de nos desconectarmos e nos desprendermos da cosmologia ocidental cuja matriz torna “aceitável” a descartabilidade humana por estratégias coloniais que abrem brecha para a “civilização” da morte, como com a fome, trabalhadores em situação análoga à escravidão, genocídios e eliminação, para não dizer morte, às diferenças custe o que custar*<sup>1439</sup>.

Pressuposta pela libertação<sup>1440</sup>, pelos saberes descoloniais<sup>1441</sup> e com enfoque nas existências humanas<sup>1442</sup>, *suleadora* de uma organização política também *outra* que não àquela de base liberal<sup>1443</sup> e pseudo-democrática, *uma ética outra vai em*

<sup>1435</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

<sup>1436</sup> MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 07.

<sup>1437</sup> As opções descoloniais serão aprofundadas conceitualmente no capítulo II, subtítulo 2.2, na chancela das problematizações descoloniais em torno do modernismo brasileiro de 1922.

<sup>1438</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1439</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1440</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1441</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1442</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1443</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

*direção a civilizações que encorajem e comemorem as vidas do planeta*<sup>1444</sup>, e deste país pretérito e imperfeito, atravessada pelas perspectivas do bem-viver e fazer-comunais em um Estado materno<sup>1445</sup> – conceitos esses já discutidos no subtítulo 1.4 deste capítulo. Intenta-se, então, como possível saída, a aliança entre as opções descoloniais<sup>1446</sup> + ética política *outra*<sup>1447</sup> + princípio da libertação<sup>1448</sup> + bem-viver e fazer comunal<sup>1449</sup> + Estado materno<sup>1450</sup> + reconceituação epistemológica<sup>1451</sup> na guisa de *aprendermos a desaprender para re-aprendermos*<sup>1452</sup> os fundamentos de uma sociedade realmente aportada no coletivo em colaboração<sup>1453</sup> desprendida das razões e postulados gestados no seio da modernidade/colonialidade em uma cosmologia que não a nossa de adentrar e experienciar o Brasil cuja matriz está enviesada por uma ferida que não cessa em sangrar.

Na clave das cosmologias *outras* implicadas nas filosofias políticas dos povos indígenas re-existentes, alia-se o prefixo “re” ao “de” da descolonialidade em um laço entre o desprendimento e a reconstituição epistemológica, política, ética e subjetiva<sup>1454</sup> a serviço de horizontes descoloniais de existência<sup>1455</sup>. Com tal intento em primeiro plano, Mignolo o estende às *orientação das práxis do bem-viver em equilíbrio e com plenitude intermediadas pela ideia de desprendimento ao dito “desenvolvimento” e à “exploração da vida”, inclusive da natureza, em detrimento às artimanhas modernas/coloniais de poder desveladas pela tentativa de*

---

<sup>1444</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

<sup>1445</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

<sup>1446</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1447</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

<sup>1448</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

<sup>1449</sup> SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 58.

<sup>1450</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

<sup>1451</sup> GROSFUGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

<sup>1452</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>1453</sup> MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

<sup>1454</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

<sup>1455</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

*des/colonialidade do poder*<sup>1456</sup>, nos dizeres do intelectual argentino à luz de Quijano. Conjeturar, portanto, um modelo político *outro*, contraposto ao liberal e dito “democrático”, requer *a participação das organizações que re-existem clamando por justiça e equidade disseminadas por todas as esferas da existência humana a fim de horizontes históricos pluriversais que não nos submetam às balizas de crescimento e desenvolvimento*<sup>1457</sup> do hipercapitalismo<sup>1458</sup>.

Defendo, como condição *sine qua non* crítica biográfica fronteira, modelos políticos *outros* em consonância a éticas *outras que nos libertem dos grilhões da modernidade/colonialidade, do progresso, do desenvolvimento*<sup>1459</sup>, *dos escombros do neoliberalismo*<sup>1460</sup>, à maneira que aferiu Lula, das imposições hipercapitalistas e, fundamentalmente, *das múltiplas linguagens dos sofrimentos*<sup>1461</sup>, no prefigurado por meu Silviano. Queremos e necessitamos de princípios políticos *outros* a fim de que nós e os nossos possamos *viver em harmonia e plenitude com todas as formas de existências, humanas ou não*<sup>1462</sup>, sem que tenhamos que sobreviver e re-existir<sup>1463</sup> sem a iminência de que *nossas vidas estão em risco*<sup>1464</sup>. Para tal, utilizo-me do proferido por Quijano quando delinea os fundamentos básicos para o que conclama de *des/colonialidade do poder*<sup>1465</sup>, sendo essa, por sua vez, a base de quaisquer sistemas políticos e éticos *outros* aos que acessamos no correr do cotidiano liberal neste Brasil imperfeito.

---

<sup>1456</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

<sup>1457</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

<sup>1458</sup> SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

<sup>1459</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

<sup>1460</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

<sup>1461</sup> SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

<sup>1462</sup> MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

<sup>1463</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1464</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>1465</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

Dentre o arrolado pelo crítico peruano, menciono: 1. *Igualdade social entre pessoas heterogêneas e diversas com absoluto confronto às desiguais classificações raciais, sexuais e sociais das populações*; 2. *As diferenças, tampouco, as identidades não serem mais utilizadas como argumento da desigualdade*; 3. *As agrupações e pertencimento identitários, como condição sine qua non, produto das decisões livres e autônomas de indivíduos também livres*<sup>1466</sup>. Ademais, 4. *Reciprocidade entre grupos e indivíduos tratados socialmente iguais no âmbito do trabalho e da distribuição dos produtos*; 5. *Retribuição igualitária dos recursos e produtos, materiais ou não, entre os povos e, então, 6. Tendências às associações comunais entre as sociedades em escalas regionais, nacionais e globais tais como as formas de gestão direta das autoridades com foco nos mecanismos de redistribuição de direitos, obrigações, responsabilidades, recursos, produtos entre os grupos e os indivíduos nos mais variados contextos de suas existências seja na esfera do social, sexo/gênero, trabalho, subjetividade etc. e suas co-responsabilidades com todos os seres que nos cercam*<sup>1467</sup>.

Realizar o arrolado por Quijano implica prezar pela absoluta contracorrente ao que experienciei no Brasil presente e imperfeito nos últimos quatro anos sob o império autoritário, moderno/colonial e hipercapitalista do Bolsonarismo. Desse viés político posicionado à extrema direita, por exemplo, *reciprocidade na organização do trabalho e a distribuição “democrática” de seus recursos e produtos*<sup>1468</sup> se fizeram inexistentes. E, ainda, prefigurado pela destituição de princípios minimamente éticos em prol do prezar pelas *vidas em risco*<sup>1469</sup>, como bem pontuou meu mineiro em 2019 pelo atravessamento do desgoverno em curso naquele momento, “democracia” *significou*

<sup>1466</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

<sup>1467</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

<sup>1468</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 435.

<sup>1469</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

*apenas a negociação institucionalizada dos partidos políticos e seus conflitos entre vencedores e vencidos, mas em situação de absoluto desdém com cotidianos de reciprocidade ou mesmo solidariedade*<sup>1470</sup> entre as agendas políticas bolsonaristas e as demandas que emergiam de todos os lados e fronteiras deste país de estruturas geoistóricas continentais.

Qual o resultado *disso* tudo discutido e problematizado neste capítulo em torno dos horizontes hegemônicos modernos/coloniais coadunados pelo Bolsonarismo na *desarrumação do país, sem um projeto de futuro*, gritando aos que queriam ouvir que *algo deu errado e que o plano de poder exercido era em direção à destruição como método de governabilidade federal?*<sup>1471</sup> Ainda que não sendo suficiente ao considerarmos todas as atrocidades discursadas e crimes cometidos nos últimos quatros anos de desgoverno, em junho de 2023, *Bolsonaro se tornou inelegível pelos próximos oito anos*<sup>1472</sup> *por 5 votos favoráveis e dois contrários pelo Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)*<sup>1473</sup> *em virtude dos argumentos de “abuso de poder político”*<sup>1474</sup> e *“uso indevido dos meios de comunicação”*<sup>1475</sup> *durante reunião no Palácio da Alvorada em 2022*<sup>1476</sup>. Como se não bastasse, também em 2023, foi comprovado que o ex-presidente *“tentou claramente dar um golpe de Estado”*<sup>1477</sup>, nas palavras de

---

<sup>1470</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 435.

<sup>1471</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1472</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

<sup>1473</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

<sup>1474</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

<sup>1475</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

<sup>1476</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

<sup>1477</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>

Mauro Cid<sup>1478</sup>, ex-ajudante do “Trump dos trópicos”, com aval do então comandante da Marinha Almir Garnier Santos<sup>1479</sup>.

Para meu Silvano, desses quase eternos quatro anos, *os sofrimentos anônimos e comunitários não se fizeram diferentes do íntimo e talvez tenham sido até mais intensos, pois não há como dar nome ainda a todos os desastres mortais pelos quais nós e nossos entes queridos transcorremos*<sup>1480</sup> – em específico, no que concerne ao destrato à pandemia com mais de 600 mil vidas<sup>1481</sup> ceifadas pelo completo descompromisso ético do Bolsonarismo com as vidas. Para meu mineiro e para mim, *os acontecimentos ainda são absolutamente recentes e queimam nossas sensibilidades fragilizadas*<sup>1482</sup>, no meu caso, dotadas de uma pujante revolta fronteiriça<sup>1483</sup> emergida pelo experienciar em minhas corpo e geo-políticas dissidentes as despolíticas modernas/coloniais às quais fomos obrigados a re-existir<sup>1484</sup> e que aqui tentei dar conta de escre(vi)ver pela insígnia da crítica biográfica fronteiriça revoltosa<sup>1485</sup>, mas, em alguma medida, atravessada pela esperança<sup>1486</sup> do porvir. Aos que se foram em virtude do descaso latente do ex-desgoverno com as existências humanas pluriversais, *prevalecem as vidas desses quase como feridas abertas em nossas memórias coletivas e individuais*<sup>1487</sup>.

---

<sup>1478</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>

<sup>1479</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>

<sup>1480</sup> SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

<sup>1481</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

<sup>1482</sup> SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

<sup>1483</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1484</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1485</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1486</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1487</sup> SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

Se, para Silviano em entrevista de 2021 no bojo da dita “democracia”, *política é invenção*<sup>1488</sup>, quero me revestir de esperança<sup>1489</sup> e acreditar que Lula *inventará*<sup>1490</sup> um Brasil menos desigual, imperfeito e pretérito ou, em outros termos, um pluriversal da/na política apregoada na ética que preze pelas vidas<sup>1491</sup> e as liberte dos sistemas hegemônicos de dominação ao qual somos, à revelia, obrigados a re-existir<sup>1492</sup> no transcorrer do cotidiano virulento. A título de ilustração do porvir, por intermédio da esperança<sup>1493</sup> gestada pela eleição de Lula em um cenário absolutamente oposto ao experienciado nos últimos anos, alguns acontecimentos desses poucos meses de governo já me despertam otimismo, desde a posse presidencial simbolizada pelas presenças de exterioridades *interseccionais*<sup>1494</sup> (mulheres, indígenas, negros, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência etc.) (Figura 13), pela pluralidade do corpo ministerial que compõe o governo (Figura 14), pela união entre o atual presidente e políticos dissidentes como o ex-deputado Jean Wyllys (Figura 15), o qual se exilou do Brasil durante o poder bolsonarista, enfim, a lista agrupa diversos pontos de destaque pluriversal.

---

<sup>1488</sup> SANTIAGO. ‘Política é invenção’, defende o escritor e crítico Silviano Santiago, s/p.

<sup>1489</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1490</sup> SANTIAGO. ‘Política é invenção’, defende o escritor e crítico Silviano Santiago, s/p.

<sup>1491</sup> DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 15.

<sup>1492</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1493</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1494</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.



Figura 13 – Subida da rampa da Esplanada dos Ministérios durante a posse presidencial de Lula em janeiro de 2023

Fonte: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2023/01/02/influencer-potiguar-descobriu-que-passaria-faixa-presidencial-para-lula-40-minutos-antes-de-subir-a-rampa-grande-emocao.ghtml>



Figura 14 – Grupo de ministros e ministras selecionados por Lula para compor seu governo  
 Fonte: <https://www.assufrgs.org.br/2022/12/30/lula-fecha-a-lista-de-37-ministros-com-o-maior-numero-de-mulheres-negros-e-a-primeira-indigena-da-historia/>



Figura 15 – Lula e o ex-deputado Jean Wyllys, perseguido e exilado do Brasil durante o desgoverno bolsonarista

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2023-07/pres-lula-recebe-jean-wyllys-1688671143>

Dessa maneira, em virtude do ilustrado não apenas pelas fotografias reproduzidas, mas pela totalidade conceitual exposta e problematizada neste capítulo, entrevejo que Bolsonaro e Lula se situam em espaços políticos absolutamente opostos. Enquanto aquele se revestiu de *políticas de morte em marcha ao apocalipse*<sup>1495</sup> em todas as direções de *destruição*<sup>1496</sup> possíveis, o atual presidente, mesmo com suas questões internas e partidárias, dialoga com a vida em suas pluriversalidades *interseccionais*<sup>1497</sup> demonstrando um princípio ético *outro*, inclusive corpo e geo-político, em relação ao *Sul global*<sup>1498</sup> que empreende o Brasil em suas imperfeições pretéritas. Todavia, tal qual nos escancara a matéria “Eleições 2022: ‘Votação mostra que reação conservadora não está se esgotando como se pensava’,

<sup>1495</sup> SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

<sup>1496</sup> BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

<sup>1497</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos sí(gui)endo, p. 70.

<sup>1498</sup> LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

diz professor de Harvard”<sup>1499</sup>, Bolsonaro pode ter perdido e deixado o poder, mas suas predileções ético-ideológicas ganharam força nesses anos, legitimadas por suas falas e práticas, estando longe do fim<sup>1500</sup>.

Segundo Sidney Chalhoub, professor de História e Estudos Africanos e Afro-Americanos da Universidade Harvard<sup>1501</sup>, “[...] essa onda eleitoral indica que não só não se esgotou, mas pode [...] sobreviver democraticamente e ter força para influenciar a democracia, porque conta com uma quantidade grande de eleitores”<sup>1502</sup>. Ainda ressalta que “[...] tudo indica agora para uma resiliência e uma continuidade de longo prazo e, agora, nem sabemos se essa reação conservadora será derrotada neste ciclo, e isso surpreender.”<sup>1503</sup>. O explicitado descortina uma absoluta coerência com as realidades imperfeitas do Brasil revestido pela matriz colonial de poder, em específico, quando se entende o pontuado por Boaventura de que *um fantasma assombra o Brasil*<sup>1504</sup> e *as conquistas sociais dos últimos quinze anos, que pareciam tão sólidas, desfizeram-se no ar escancarando que as organizações sociais e políticas que as promoveram estiveram desarmadas a ponto de pensarmos se alguma vez tiveram realmente força*<sup>1505</sup>.

Quem nos garante que daqui a quatro anos não sofreremos outra derrota no nível da hecatombe alargada com as eleições de 2018? Minha esperança<sup>1506</sup> pujante no futuro me faz querer acreditar que não, mas, ao mesmo tempo, sou tomado pelas reminiscências de um passado tão presente em meu imaginário *pelos acontecimentos que, de algum modo, ainda estão vivos*<sup>1507</sup> e *queimam minhas sensibilidades*

<sup>1499</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>

<sup>1500</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>

<sup>1501</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>

<sup>1502</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>

<sup>1503</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>

<sup>1504</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

<sup>1505</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

<sup>1506</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1507</sup> SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

*fragilizadas*<sup>1508</sup>. *Em uma sociedade tão desigual e discriminatória como o Brasil, só posso me manter vivo em direção às vidas exteriorizadas, se acreditar em possíveis medidas que ampliem as inclusões sociais e as participações das minorias independentemente dos interesses das classes dominantes que só promovem exclusão, discriminação e autoritarismo*<sup>1509</sup>. Na baliza de Quijano, *preciso acreditar que o futuro é um espaço temporal aberto e não a mera prolongação do passado*<sup>1510</sup>, ainda que a teorização *outra* acerca deste Brasil pretérito e imperfeito, na esteira do meu Silviano, situe-me neste entre-lugar entre o otimismo e o pessimismo no entorno do que atravessa minha sensibilidade<sup>1511</sup> de país.

Encaminhando-me para o encerramento deste primeiro capítulo, concluo minhas problematizações políticas, agora, mais esperançosas<sup>1512</sup> do que revoltosas<sup>1513</sup>, acreditando que, *depois de 500 anos*<sup>1514</sup>, *é a primeira vez na história dessa matriz colonial de poder que não apenas pensamos um futuro pluriversal, mas, de fato, trabalhamos em prol dele convivendo, de alguma forma, com o que necessitamos pari passu aos contornos de seu delineamento*<sup>1515</sup>. Nas entrelinhas disso, *não se localizam meras imagens, expressões de esperanças ou um sentimento clássico de utopia enquanto algo que não tem lugar no universo, pelo contrário, está aqui e urge a necessidade de materializarmos a completude dessa realidade outra*<sup>1516</sup>. À luz de Quijano, entrevejo que *depois desses 500 anos de derrotas, de todos, não apenas de alguns, emerge não só um discurso, e, sim, uma perspectiva história outra*

---

<sup>1508</sup> SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

<sup>1509</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

<sup>1510</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 247.

<sup>1511</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>1512</sup> BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

<sup>1513</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>1514</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

<sup>1515</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

<sup>1516</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

*na qual se perfilam embates a partir do quais as mercadorias e os lucros deixem de ser a premissa basilar de tudo*<sup>1517</sup>.

Portanto, envolvo-me, em aliança com meu mineiro, ora à semelhança ora à diferença, dos *acontecimentos ainda recentes que queimam nossas sensibilidades fragilizadas*<sup>1518</sup> em co-existência às feridas abertas na memória individual e coletiva<sup>1519</sup> a fim de problematizar e cotejar um Brasil menos imperfeito no presente o quanto se fizer possível na realidade material entrecortante destes trópicos ainda coloniais. Na sequência das discussões circunscritas nesta tese, direcionarei-me a outro recorte histórico deste país pretérito e imperfeito no que compreenderá o Modernismo brasileiro de 1922, seu balanço realizado em 1942 por Mário de Andrade e o centenário da Semana de Arte Moderna comemorado em 2022 no intento de problematizá-lo pela chancela de seu fomento às teorias modernas itinerantes<sup>1520</sup> que aqui se aportaram e se disseminaram à exaustão alimentando o espectro colonial de “outros” que a nós foi imposto. Para tal, utilizarei as opções descoloniais, desobediências epistêmicas, desprendimentos, diversidades e a provincialização da Europa para justificar o porquê do dito período modernista, moderno à última potência no entorno de sua correspondência à colonialidade, não só não se distanciou do vínculo placentário eurocêntrico, como o endossou.

---

<sup>1517</sup> QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

<sup>1518</sup> SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

<sup>1519</sup> SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

<sup>1520</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

## **CAPÍTULO II – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022):** *modernismo aberto para des-balanço*

[...] afirmar a co-existência do conceito descolonial não será tomado como 'deslegitimar as ideias críticas europeias ou as ideias pós-coloniais fundamentadas em Lacan, Foucault e Derrida'. Tenho a impressão de que os intelectuais da pós-modernidade e os com tendências marxistas tomam como ofensa quando o autor mencionado acima, e outros semelhantes, não são venerados como os religiosos o fazem com os textos sagrados. *Eis exatamente porque estou argumentando aqui a favor da opção descolonial como desobediência epistêmica.*

MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288-289, grifos do autor.

## 2.1 – Uma proposta de des-pensar o modernismo brasileiro: desobedeço para desprender-me

Terminaria a nossa conversa de hoje sobre a permanência do discurso da tradição no modernismo quase sem palavras, ou com pequenas palavras, dizendo que talvez seja irremediável o fato de, dentro da estética da ruptura característica da modernidade e do modernismo, nas vezes em que fomos buscar o traço forte da tradição, ou até mesmo o traço pouco vincado, nos aproximamos mais e mais de uma poesia, de uma produção poética que se desliga do social enquanto dimensão do histórico vivenciado pelo poeta. *Isso às vezes pode beirar – e muitas vezes beira – o neoconservadorismo.*

SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 130, grifos meus.

Dando continuidade à empreitada epistemológica descolonial de conceituar, por vias da crítica biográfica fronteiriça, o que chamei de Brasil do pretérito imperfeito a partir do meu mineiro Silviano Santiago, proporei neste capítulo reflexões que circundam o espectro do movimento modernista brasileiro, em especial, no que se refere à sua revisitação em 2022 devido à comemoração dos cem anos da Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal em São Paulo. Dito isso, se, na epígrafe aposta, Silviano explicita que encerra sua conversa sobre a permanência do discurso da tradição modernista, aqui, alicerço-me dos meus lastros biográficos de pesquisador pós-abissal, sul-fronteiriço, escre(vi)vendo a partir dos trópicos crepusculares de Mato Grosso do Sul no intento de delinear uma teorização *outra* situada justamente no lugar de des-pensar o que nos ensinaram enquanto modernismo brasileiro.

Não à tona, ainda no plano da epígrafe reproduzida, grafei o fragmento em que Silviano, mesmo que não despreendido das tradições modernas, modernistas, pós-modernas etc.<sup>1521</sup>, sinaliza um neoconservadorismo por parte dos agentes que impulsionaram a ascensão e o desenvolvimento do modernismo por essas terras. Em suma, minha teorização de matiz fronteiriço enseja, no plano de uma opção teórica

---

<sup>1521</sup> As diferenças conceituais entre os termos modernidade, modernismo e suas derivações serão especificadas no desenvolvimento deste capítulo.

calcada na desobediência epistêmica e no desprendimento, não uma revisitação crítica do movimento – como muito se fez em 2022 – mas, sim, uma teorização descolonial que possibilite des-pensarmos suas pluralidades por intermédio do que venho argumentando nesta tese de doutoramento enquanto Brasil do pretérito imperfeito.

Nesse sentido, compreendo que a premissa basilar das reflexões deslindadas nos subtítulos a seguir pode ser entendida através do que já trabalhei no capítulo I, na égide das políticas bolsonaristas hegemônicas, enquanto *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>1522</sup>, à maneira de Mignolo em seus escritos descoloniais. Aliado a isso, evoco a possibilidade do des-pensar<sup>1523</sup> de Boaventura apregoada à epistemologia crítica biográfica fronteira com o objetivo de construir uma teorização *outra* do modernismo endossada pela lógica não-moderna fronteira. Pluriversalmente ao realizado na década de 1920, entrevejo que o des-modernismo<sup>1524</sup> aqui evocado é, em linhas gerais, uma conceituação descolonial que objetiva des-ler o movimento artístico, literário e político modernista não através do discurso placentário europeu coadunado pelo vínculo terceiro-mundista com o colonizador, tal qual as críticas brasileiras vêm endossando nos últimos anos através do que denominaram de revisitação.

---

<sup>1522</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>1523</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1524</sup> A rubrica “des-modernismo” é tensionada nesta tese à luz do conceito de “des-pensar” de Boaventura de Sousa Santos no ensejo de tecer uma problematização *outra* a partir do movimento brasileiro de 1922. Isso posto, valho-me das opções descoloniais situadas na contracorrente dos universais abstratos postos enquanto os únicos verdadeiros e possíveis desobedecendo, por extensão, à centralidade do binômio modernidade/colonialidade. “Des-modernismo” implica, portanto, não apenas uma revisitação crítica de 1922 na perspectiva dos postulados modernos, e, sim, um des-pensar descolonial que, ao mesmo tempo, reconhece suas glórias e problematiza também seu endosso ao estrangeiro, ao itinerante e ao alheio a estes trópicos. Dessa forma, pensar no ideário de um “des-modernismo” convoca, como condição *sine qua non*, um *aprender a desaprender para re-aprender* nossas formações literárias, artísticas e culturais com base em uma vertente crítica *outra*, de base fronteira e exterior aos paradigmas que de longe vieram e aqui foram aportados e hospedados.

Pelo reverso, delinheiro minha teorização crítica biográfica fronteira a partir das leituras intelectuais de Silviano Santiago, contudo, sem me enclausurar nelas, uma vez que tenho a autorreflexão<sup>1525</sup> de que penso e escre(vi)vo à luz de uma epistemologia *outra* e diversa às reflexões do meu mineiro situado no entre-lugar entre a reverência e o desprendimento em detrimento dos saberes modernos/coloniais. Não barganho com a modernidade/colonialidade, por isso meus debates a partir do des-modernismo só podem se respaldar em uma perspectiva *outra*, ou seja, crivados nas opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento e, primordialmente, no provincializar a Europa – conceitos esses não arrolados por Silviano nem pelos modernistas, tendo em vista que elegemos arcabouços epistemológicos distintos para pensarmos aquilo que queremos.

Assim, no plano maior ao qual o presente capítulo está inserido, esta tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), faz-se necessário justificar, ainda, que a presença do modernismo está alcunhada pela escolha temática do des-pensar enquanto o recorte histórico possibilitador de discutir os conceitos de progresso/desenvolvimento neste país atravessado pelo pretérito imperfeito. Se, no momento anterior deste trabalho, “Brasil do pretérito imperfeito: 2018-2023”, debati meu presente político enviesado pela figura autoritária, colonial e imperialista do bolsonarista o estendendo até a derrota da extrema direita a uma visada política *outra* de país, sinalizada pela vitória de Lula em 2022, agora, volto-me para o século XX a fim de problematizar descolonialmente as políticas de identidades coloniais as quais o modernismo não deu conta de lidar ou até mesmo endossou – mesmo que dotado de boa vontade por parte de seus proponentes.

---

<sup>1525</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

Ambas as temáticas problematizadas nos capítulos I e II me são necessárias para a hipótese deste trabalho na medida que, com seus modos particulares e ao mesmo tempo distintos, acabam por reiterar a premissa de que o Brasil não deu conta de lidar com sua herança moderna/colonial, isto é, sua imperfeição pretérita – nos meus termos atravessados por Silviano. Pelo contrário, na esfera do artístico-literário, reafirmou-a no século XX com base na predileção irrestrita dos modernistas às vanguardas europeias alimentando, por via de suas canibalizações automutiladoras, o suposto universalismo abstrato<sup>1526</sup> circunscrito pela ficção da modernidade imbuída no modernismo. Ademais, na enseada da e do político, o fez também no século XXI no bojo dos exercícios governamentais autoritários, hegemônicos e hipercapitalistas do bolsonarismo que há pouco no desgovernou guiado pelos interesses das elites econômicas e pelo completo desprezo às exterioridades que dormitam na quase inexistência desejando, pelo menos, conseguir sobreviver neste país desigual à última potência.

Nesse preciso sentido, permanecerei me valendo, enquanto conceituação geral dos debates aqui tracejados, do Brasil do pretérito imperfeito aliado à proposta teórica de um des-modernismo aquilatado não por uma revisitação de sua gênese, ascensão e desdobramentos. Mas, sim, tentando trabalhá-lo pelo des-pensar descolonial que reconhece suas boas intenções críticas, mas descortina também o quanto se reforçou uma lógica moderna/colonial de construção e endosso à figura “do grande outro do século XX”, o fomento à ideia de um universalismo abstrato<sup>1527</sup> criador das categorias de *anthropos* e *humanitas*<sup>1528</sup>. Nos termos dos conceitos específicos, utilizarei as

---

<sup>1526</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1527</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1528</sup> *Anthropos* e *humanitas* nesta tese são conceitos evocados pela descolonialidade a fim de problematizar as imposições hegemônicas da modernidade/colonialidade que não fez outra coisa senão criar ficções no intento de (auto)manter seus domínios de poder. Por essa razão, *anthropos* equivale à exterioridade (os ditos “outros”) enquanto *humanitas* se refere à interioridade (si-mesmo),

opções descoloniais, a desobediência epistêmica e o desprendimento e, por fim, o provincializar a Europa.

Tais conceitos descoloniais arrolados se justificam ao me possibilitarem um subsídio epistemológico *outro* do modernismo objetivando descolonizar o elo colonial quase que placentário estabelecido entre seus agentes e as teorias itinerantes<sup>1529</sup> modernas aqui aportadas, a exemplo, o futurismo gerido pelo poeta italiano Filippo Marinetti e levado à exaustão na década de 1920 através de sua obsessão pela velocidade, industrialização e progresso incontestes. Nessa esfera, darei início à teorização supracitada por meio das opções descoloniais discutindo o centenário da Semana de Arte Moderna, sua reverificação crítica, bem como as diferenças conceituais entre modernidade e modernismo. No bojo da desobediência epistêmica e do desprendimento, estarei assentado em reflexões direcionadas às razões futurista e antropofágica contrapostas à descolonial evocando os manifestos que, de alguma forma, atravessam-nas.

No plano do provincializar a Europa enquanto conceito conclusivo deste capítulo, procurarei problematizar, com base em “O movimento modernista” (1942) de Mário de Andrade e tendo em vista o exposto nos subtítulos anteriores, como o modernismo não deu conta, apesar de bem-intencionado, de fundamentar uma real independência ou emancipação da inteligência nacional em detrimento à hegemonia do lócus interiorizado. Pelo reverso, endossou-se o paradigma binário da modernidade/colonialidade imbuído da concepção de sujeito/objeto que pensa e escreve sempre *sobre* “o outro” e nunca *a partir de*. Dessa forma, reforçou-se a ideia

---

isto é, aqueles que se (auto)localizaram nesse lugar de poder pela imposição do “afora” aos ditos racializados, sub-humanos.

<sup>1529</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

de um universalismo abstrato<sup>1530</sup> que apagou a possibilidade de inscrição das pluriversalidades que grassam no Brasil através dos seus muitos assujeitados. Ademais, a provincialização da Europa *suleará* tanto o tom conclusivo deste capítulo quanto a coesão textual entre o que se desenhará *a posteriori*, visto que o capítulo III da tese se respaldará descolonialmente em uma des-formação do Brasil que não aquela aportada em matizes modernos/coloniais reforçadores da construção das categorias de *anthropos e humanitas*.

Já no que concerne à obra do meu Silvano Santiago, estarei calcado, seja pela semelhança ou pela diferença, considerando nossas diferenças teóricas já mencionadas desde o início desta tese, em “Fechado para balanço” (2002), “O intelectual modernista revisitado” (2002), “A permanência do discurso da tradição do modernismo” (2002), “A utopia verde-amarela modernista” (2013), “O começo do fim” (2008), “(Ora) direis puxar conversa! (2006), “Sobre plataformas e testamentos” (2006), “Oswald de Andrade: elogio da tolerância racial” (2006) e “Artelatina (manifesto) (2002). Face ao rol de textos listados, julgo necessário pontuar que sua seleção fora intermediada, em maior ou em menor grau, por uma leitura precisa dos contornos em suas múltiplas facetas, sejam essas literárias, artísticas, políticas, culturais etc. Com isso, tendo em vista que Silvano vem povoando espectralmente meus escritos desde 2017 na função de co-partícipe discursivo, pela égide da minha predileção crítica por seu projeto ensaístico, entendo que suas leituras enquanto intelectual, comparatista e escritor na alcunha do modernismo deslindarão possibilidades diversais das problematizações *outras* que intento tracejar do meu viés crítico biográfico fronteiriço, ainda que, em alguns momentos, por minha opção epistêmica *outra*, com dissemelhanças teóricas entre nós.

---

<sup>1530</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

Por fim, à maneira que venho explicitando, escre(vi)vo à luz de uma perspectiva fronteiriça situada em uma razão e lógica descoloniais a fim de não endossar modernismos e modernidades, em especial, tendo a autoconsciência epistêmica de que sou um pesquisador, homem, homossexual, sul-fronteiriço escre(vi)vendo a partir dos arrabaldes do dito “Terceiro Mundo”, isto é, Campo Grande, Mato Grosso do Sul da Universidade Federal do estado citado. Compreendo, então, que só uma epistemologia *outra*, e não a do si-mesmo<sup>1531</sup>, pode dar conta de lidar com as questões que busco evocar neste capítulo. Sendo assim, dentre os críticos que povoarão minhas problematizações epistemológicas, seja pelo endosso ou contracorrente, menciono Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Cézár Nolasco, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Dipesh Chakrabarty, Eduardo F. Coutinho, Fernanda Dusse, Ruy Castro, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Leyla Perrone-Moisés, Eneida Maria de Souza, Marília Rothier Cardoso, Wilson Martins, especificamente Silviano Santiago, dentre outros.

---

<sup>1531</sup> O termo “si-mesmo” é evocado nesta tese no ensejo de aquilatar sua contraposição enquanto interioridade aos ditos “outros” aportados na exterioridade pelo pensamento moderno/colonial.

## 2.2 – 1922-2022: cem anos do modernismo brasileiro através das opções descoloniais

Se o movimento modernista enquanto ‘força fatal’, para retomar a expressão de Mário, era um fogo que ardia, *agora o modernismo é um fogo que esquenta panela*.

SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 97, grifos meus.

É a partir do meu biolócus espaço-temporal aportado na proximidade ao epicentro da comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 e, por extensão, das querelas da crítica que tal inscrição me impõe, que escre(vi)vo este segundo capítulo atravessado por opções epistêmicas eminentemente descoloniais<sup>1532</sup>. Em outras palavras, penso, dialogo e teorizo pela conjunção entre as minhas sensibilidades biográficas (*bios*) e histórias locais (lócus) de pesquisador crítico biográfico fronteiriço calcado em reflexões descoloniais e pós-abissais no intento de conceituar o que venho denominando desde o capítulo I, na esteira de Silvano Santiago e do presente político do país (2018-2023), de Brasil do pretérito imperfeito. Dessa feita, há um lastro *outro* em meu discurso que me direciona para a condição de autorreflexividade<sup>1533</sup> situada sempre ao Sul, isto é, *naquilo tudo* que foi apagado, invisibilizado, expurgado ou até mesmo ignorado pelo projeto pseudo-universal da modernidade/colonialidade através da insígnia de exterioridade; no que concerne a esta tese, no âmbito da política (capítulo I), do artístico-literário (capítulo II) e da formação cultural brasileira (capítulo III).

Por isso, só posso estabelecer uma relação teórica com o modernismo, se for intermediada não por mais uma revisitação crítica, à maneira que o centenário modernista, ocorrido em 2022, parece ter convocado, e, sim, enquanto condição *sine*

---

<sup>1532</sup> Utilizo “opções descoloniais” no plural em consonância ao afirmado por Walter Mignolo no texto “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” quando afere que *a meta dessas eleições críticas não é dominar, mas, sim, esclarecer que futuros globais não podem mais serem pensados enquanto um único futuro global brindado por uma única opção disponível. Isso, pois, quando temos apenas uma opção “disponível”, o sentido de “opção” perde a totalidade de seu sentido*. MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.

<sup>1533</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

*qua non* de uma perspectiva descolonial, pela prática autorreflexiva<sup>1534</sup> do des-pensar<sup>1535</sup> pós-abissal descortinada por Boaventura e, pela aproximação estabelecida aqui por mim, levada à exaustão Walter Mignolo pelo crivo das opções descoloniais<sup>1536</sup> de *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>1537</sup>. Nesse preciso sentido, tendo em vista que venho delineando, há muito, um vínculo crítico e político de amizade com Silviano, este capítulo II, já transpassado pelo centenário de 1922, não poderia ser outro, apenas “Brasil do pretérito imperfeito (1922-2022): *modernismo aberto para des-balanço*” estabelecendo um intertexto teórico, sobremaneira, na diferença, com o meu mineiro e seu ensaio de 1982, cujas reflexões revisitaram os sessenta anos do evento de 1922 realizado em São Paulo.

Ressalvadas nossas dissemelhanças teóricas, as quais serão trabalhadas também no decorrer das discussões a seguir, só me resta concordar com o mineiro na epígrafe citada quando afirma que *agora o modernismo é um fogo que esquenta panela*<sup>1538</sup> e não mais uma “*força fatal*” tal qual a expressão de Mário de Andrade<sup>1539</sup>. E por uma justificativa sumária, se há quarenta anos Silviano sinalizou as contradições intrínsecas ao movimento modernista, hoje, transcorrido o ápice do seu centenário, tais dissonâncias nos interpelam e são passíveis de serem des-pensadas através de uma epistemologia *outra*, não-moderna aos modernistas e seus templários. Não apenas pelo distanciamento temporal, mas, primordialmente, pela opções descoloniais<sup>1540</sup> que grassam das exterioridades, ainda que dessa premissa a crítica literário-artística brasileira pareça não compactuar, dado que insiste em perpetuar,

---

<sup>1534</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1535</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1536</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

<sup>1537</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>1538</sup> SANTIAGO. *Fechado para balanço*, p. 97.

<sup>1539</sup> SANTIAGO. *Fechado para balanço*, p. 97.

<sup>1540</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

com raras exceções, o coro quase sacro do modernismo enquanto emancipação nacional, mesmo que essa suposta *brasilidade* tenha se perfilado pelo flerte vanguardista com a modernidade/colonialidade endossando, de algum modo, a imperfeição pretérita do Brasil em detrimento à dita metrópole eurocentrada. Nesse viés, Gilberto Mendonça Teles pontua:

[...] [Mário de Andrade] admite a influência das teorias futuristas. *Mas o espírito modernista e suas modas foram diretamente importados da Europa.* Faz várias referências à dialética destruição/construção do modernismo: o movimento modernista foi essencialmente destruidor. Até destruidor de nós mesmos, porque o pragmatismo das pesquisas sempre enfraqueceu a liberdade de criação. O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional.<sup>1541</sup>

No plano da citação aposta, à maneira que expus na introdução deste capítulo e, para além da tese, em minha carreira de pesquisador crítico biográfico fronteiriço, não barganho com a modernidade/colonialidade, tampouco com seus pós e filhos diletos modernistas. Não endosso o coro dos uníssonos justamente por entrever, pela égide da descolonialidade, as múltiplas exterioridades que suas *práxis* criam e perpetuam nos âmbitos literários, artísticos, culturais, sociais, políticos etc. há séculos. Partindo desse introito, faz-se impossível que eu me debruce sobre o modernismo sem me voltar para minha formação escolar, especialmente no âmbito das artes e da literatura. Em idade colegial, ensinaram-me que o movimento de 1922 fora revolucionário, pois seus agentes impulsionadores angariavam construir uma identidade nacional através da ruptura com os “passadistas”<sup>1542</sup>, ou seja, os parnasianos exponenciados pela figura de Olavo Bilac. Ao fazê-lo, embeberam-se da condição de *brasilidade* intermediada pela configuração de uma *língua brasileira*

<sup>1541</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 310, grifos meus.

<sup>1542</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

orientadora dos novos paradigmas estéticos de liberdade literária em relação às formas estáveis em vigor.

Aliando isso ao campo semântico criado por meus professores escolares em relação ao modernismo, sobressaem-se em minha memória termos como inovação, ruptura, revolução, liberdade, vanguarda, manifesto, revistas, modernidade, progresso, velocidade, nacionalismo, emancipação, dentre muitos outros os quais eu poderia aqui arrolar. Contudo, passados muitos anos desde a formação escolar, consigo entrever a necessidade de, na maturidade provida pela idade adulta e pela visada *outra* das opções descoloniais, voltar-me para minha formação e questioná-la. Este capítulo, então, situa-se justamente neste lugar: no da autorreflexidade<sup>1543</sup> em relação a *des-aprender*<sup>1544</sup> e *re-aprender*<sup>1545</sup> *muito do que aprendi e, sobretudo, o que me ensinaram sobre como aprender*<sup>1546</sup>, para utilizar os termos de Boaventura. Circunscrito pelos termos semânticos comuns expostos, não só aprendi a face primária e comum do modernismo, como a ensinei na função de professor em cursinho pré-vestibular replicando à exaustão a premissa de que o movimento, de alguma forma, deu conta de “resolver” o problema da dependência cultural do e no Brasil pretérito e imperfeito.

Ledo engano justificado pela imaturidade etária e epistemológica, não me julgo nesse sentido por entender que no momento citado eu só tinha condições críticas de chegar naquele ponto de construção teórica. Avanço-a, agora, portanto, indo além dos seus próprios limites internos ao extrapolar até mesmo as reflexões não-desprendidas do meu mineiro. Se, em 1982<sup>1547</sup>, Silviano fechou-se para balanço realizando uma

---

<sup>1543</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1544</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1545</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>1546</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1547</sup> Cf. “Fechado para balanço” de Silviano Santiago.

revisitação do modernismo, ainda que apontando suas contradições, volto-me para a possibilidade de abrir o des-balanço através da crítica biográfica fronteira no intuito de teorizar a ideia de que o modernismo endossou o corolário de um Brasil ainda do pretérito imperfeito justamente por não conseguir, e até mesmo replicar, o vínculo placentário com o europeu ignorando as diferenças coloniais que a modernidade/colonialidade por aqui cravou e continua, cem anos depois, aprofundando nos mais diversos contextos. Exemplarmente, no bojo de uma produção não-desprendida do vínculo com o europeu, Mário de Andrade, em “Arte moderna I”, pontua: “Desejamos apenas ser atuais. Atuais de França e Itália como da América do Norte e de São Paulo.”<sup>1548</sup>, ademais, “Queremos ser atuais, livres de cânones gastos, incapazes de objetivar com exatidão o ímpeto feliz da modernidade.”<sup>1549</sup>.

Nesse intento, o des-pensar é a formulação conceitual guiada pelo pensamento pós-abissal a partir do qual lanço luz sobre a minha própria formação<sup>1550</sup> de crítico predisposto a pensar de modo *outro*, para além das gêmeas quase siameses modernidade/colonialidade. Entrevejo que minha formação, aos moldes da maioria dos brasileiros, deu-se pelo crivo das bases e paradigmas das epistemologias do Norte e das suas ciências abissais<sup>1551</sup>; por isso, descolonialmente, inquire-se a necessidade de iniciar minhas reflexões através da minha própria trajetória pessoal a fim de re-aprender muito do que me ensinaram não só sobre as literaturas e as artes, mas, primordialmente, sobre *mundos possíveis*<sup>1552</sup>. Entretanto, julgo necessário pontuar aqui que des-aprender não pressupõe esquecer<sup>1553</sup>, ignorar ou invisibilizar, à maneira que a modernidade/colonialidade encrustou em nossos corpos e mentes,

---

<sup>1548</sup> ANDRADE. Arte moderna I, p. 37-38.

<sup>1549</sup> ANDRADE. Arte moderna I, p. 38.

<sup>1550</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1551</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1552</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>1553</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

mas, sim, *lembrar de um modo diferente*<sup>1554</sup>. Ou melhor, *retirar tais saberes do lugar de segurança*<sup>1555</sup> e de institucionalização pseudo-universal monotópico o qual sempre ocuparam quase que como lugar de direito.

Redireciono-me ao lugar de desconforto<sup>1556</sup> crítico ao não me enclausurar nos termos e paradigmas modernos/coloniais. Ao fazê-lo, por primar por opções descoloniais, crio um espaço *outro* a partir do qual abordagens e atitudes descoloniais possam surgir e co-existir com aqueles que nos ensinaram a vida toda que eram as únicas possíveis e imagináveis – e isso vale, eminentemente, para as bases ideológicas do modernismo de 1922. Explicita-se, então, a possibilidade de construir conhecimento-com<sup>1557</sup> e não sobre os supostos “outros”, à maneira que o modernismo fez em relação aos indígenas, negros etc. enquanto homens, em sua maioria, burgueses, brancos e literatos que se puseram frente ao movimento paulista. No plano desse desconforto coadunado pela minha teorização crítica biográfica fronteira, em especial, no viés das produções artístico-literárias brasileiras modernistas não-desprendidas da modernidade/colonialidade, mostra-se a discrepância entre a prática e o afirmado nas teorias<sup>1558</sup>, segundo Silviano, antipopulares<sup>1559</sup> dos literatos em relação ao que endossaram como “os *outros*”, sejam os mencionados acima, os ditos “passadistas”<sup>1560</sup> ou até mesmo aqueles tornados “inimigos” por se posicionarem contrários aos ideais modernistas.

Na égide ainda da des-apredizagem deste recorte temporal do nosso Brasil pretérito e imperfeito, o que estou trazendo à tona é justamente a não-presença<sup>1561</sup>

---

<sup>1554</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1555</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1556</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

<sup>1557</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

<sup>1558</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

<sup>1559</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 26.

<sup>1560</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>1561</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

efetiva desses *anthropos*, primordialmente, dos indígenas e dos negros, sem mencionar outras pluriversalidades existenciais, como as dissidentes sexuais, o traço incontestado das mulheres etc. no projeto modernista, visto que suas presenças se deram pelo crivo da alteridade, tal qual o gosto da crítica eurocêntrica<sup>1562</sup>, ou melhor, da modernidade/colonialidade, de falar sempre sobre os ditos “outros”. Nesse ínterim, fazendo jus ao campo semântico de 1922, ao des-ler e re-aprender o movimento aqui encenado não pela revisitação crítica, na esteira das reflexões de Boaventura, trago ao plano da discussão o ensejo de pensar não em teorias de vanguarda<sup>1563</sup>, mas, sim, de retaguarda<sup>1564</sup>. Isso implica evocar teorizações que, prezando por opções descoloniais, tragam à tona *os trabalhos transformadores dos movimentos sociais questionando e comparando, sincrônica e diacronicamente, os campos simbólicos de suas articulações*<sup>1565</sup> nas artes e literaturas, em especial, no Brasil.

Ao primar pela teorização de retaguarda, pluriversal às vanguardas, toma-se distância da modernidade/colonialidade sem descartar ou jogar fora (como se fosse sequer pensável ou executável!) essa tradição<sup>1566</sup> que por aqui imperou, e ainda reverbera através da revisitação crítica, revestida de emancipação<sup>1567</sup> nacional, uma vez que o pensamento descolonial exercita a compreensão de que *temos problemas modernos para os quais não há soluções modernas, ou melhor, se essas existem, já não nos servem*<sup>1568</sup>. Diante disso, só posso des-ler o modernismo, se o fizer primando eminentemente pelas opções descoloniais que, nos seus cernes, são perspectivas teóricas não replicadoras da ideia de um novo universal abstrato apresentado *como o*

---

<sup>1562</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

<sup>1563</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

<sup>1564</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

<sup>1565</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

<sup>1566</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

<sup>1567</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

<sup>1568</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

*único possível e verdadeiro*<sup>1569</sup> para todos, principalmente aqueles que habitam as fronteiras geoistóricas e epistemológicas dos trópicos. Enquanto escolha, possibilita-se um modo *outro* de pensamento cuja *centralidade desobedece e se desprende das cronologias*<sup>1570</sup> imbuídas no binômio modernidade/colonialidade e seus múltiplos pós afiançados no vínculo placentário eurocêntrico.

Nesse cenário, tais paradigmas são retirados do lugar de *legitimidade epistêmica*<sup>1571</sup> se transformando unicamente em outras eleições teóricas existentes. De maneira contrária aos ideais modernistas, as opções descoloniais pressupõem a ideia de que *precisamos nos naturalizar ao invés de nos modernizar*<sup>1572</sup>, pressupondo que a modernidade seria apenas mais uma opção e não o prosseguimento natural do tempo<sup>1573</sup>, tal qual ensinaram-nos. Ademais, salienta-se, ainda, que as opções descoloniais não se dão unicamente pela égide da epistemologia, de modo pluriversal à separação sujeito/objeto apregoada no pensamento moderno/colonial, caracterizam-se enquanto uma escolha de vida<sup>1574</sup> do pesquisador aquilatada pelo pensar e fazer descoloniais. No que convém a mim, pelo atravessamento do meu corpo da/na fronteira-sul a partir da qual escre(vi)vo *pari passu* ao exercício pós-abissal de des-ler minha própria formação.

Contudo, julgo importante salientar que as reflexões *outras* desta tese, em especial, no âmbito do modernismo, só são realizáveis hoje pelo advento das teorizações descoloniais emergidas a partir dos arrabaldes fronteiriços, ou seja, do Sul global introjetado em nossas sensibilidades e histórias locais de pesquisadores

---

<sup>1569</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 15.

<sup>1570</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 15.

<sup>1571</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 15.

<sup>1572</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 26.

<sup>1573</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31

<sup>1574</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

não-modernos respaldados por uma opção eminentemente descolonial. Somado a isso, na égide do meu des-pensar, implica-se o distanciamento temporal de cem anos das produções modernistas e o *insight outro* projetado à luz da minha consciência epistêmica fronteiriça em virtude da comemoração do centenário da Semana de 22 povoada de revisitações críticas que acabam por endossar mais do mesmo no bojo da razão moderna responsável por orientar os paradigmas artísticos, literários, estéticos e conceituais do movimento aqui trabalhado. A fim de não recair na lógica do si-mesmo, questiono, para além de Silviano em 1985, *qual é a permanência do discurso da tradição do modernismo hoje?*<sup>1575</sup> Ademais, *como julgamos a tradição quando falamos do modernismo brasileiro?*<sup>1576</sup>

Para o meu mineiro, naquele momento, a questão estava centrada justamente na leitura pautada pela estética da ruptura<sup>1577</sup> atribuída ao modernismo de São Paulo. Nessa esfera, as revisões realizadas se alimentaram do *make-it-new*<sup>1578</sup>, o novo pelo novo, calcando em 1972 a releitura do modernismo, segundo Silviano, pelo viés dadá<sup>1579</sup>, o que *a posteriori* se transformaria *em uma perspectiva menos inocente a qual se predisporia a questionar os pilares da modernidade*<sup>1580</sup>. À maneira que se delineia na fala de Italo Moriconi, em entrevista intitulada “100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922” (2022), tais perspectivas menos inocentes direcionadas a questionar os pilares da modernidade não se concretizaram através de uma perspectiva *outra*, não-moderna, dado que o intelectual alimenta a ideia de que *na*

---

<sup>1575</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>1576</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 120.

<sup>1577</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>1578</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1579</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1580</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

*versão do modernismo, a modernidade era profundamente nacional*<sup>1581</sup>. Ainda, afirma que:

O modernismo criou o conceito e a prática do moderno no Brasil. A maneira como o Brasil cultural e artístico se vê a si próprio, ao longo de todo o século passado, desde a Semana de 1922, foi moldada pelo modernismo. O modernismo reviu a história brasileira e resgatou nossa herança colonial e escravocrata. Do ponto de vista da linguagem literária, o modernismo coloquializou, estabeleceu e homogeneizou o padrão linguístico nacional. Foi na língua brasileira consolidada pelo modernismo que foram escritas as maiores, mais canônicas obras literárias do século, na poesia e na prosa. De movimento iconoclástico e inovador dos anos 1920, sob a égide da Semana, o modernismo se tornou a cultura oficial do Brasil desde a gestão Capanema na Educação (que tinha a assessoria direta do poeta Drummond) no governo Getúlio. *Vale enfatizar que a modernidade na versão do modernismo brasileiro é uma modernidade profundamente nacional.*<sup>1582</sup>

Em somatória ao fragmento citado, Italo Moriconi explicita ainda que o modernismo de 1922 se tornou não só a cultura oficial do Brasil (como se por essas terras situadas nos trópicos do Sul global só existisse São Paulo enquanto legítimo e relevante para o país), mas das universidades, uma vez que a fundação da USP em 1930 fora, em parte, consequência do movimento<sup>1583</sup>. O pesquisador finaliza sua revisitação defendendo que os modernistas eram intelectuais redescobrimdo o Brasil ao mesmo tempo em que aposentavam os pontos de vistas oitocentistas. Hoje, pluriversalmente, Italo Moriconi assevera que o fenômeno em questão se dá pelo crivo das próprias classes marginalizadas falando por si mesmas e não sendo “representadas” por poetas brancos que interpolavam suas vozes para falar por outrem, a exemplo do mencionado na entrevista aposta, do “índio” dizendo sobre si mesmo<sup>1584</sup>.

Isso posto, aquilatado nas opções descoloniais a fim de escre(vi)ver com base nas fronteiras que atravessam não só meu pensamento, mas meu corpo, sensibilidades biográficas e histórias locais de gente que pensa do outro lado da borda

<sup>1581</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>1582</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p, grifos meus.

<sup>1583</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>1584</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

pretérita e imperfeita, só posso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva *outra*, problematizar e des-ler boa parte do discurso do referido intelectual. Ainda que não aportado em uma visada epistemológica descolonial, Ruy Castro, também em 2022, explicita que: “A Semana de Arte Moderna não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi.”<sup>1585</sup>. Nesse preciso sentido, sem recair nas querelas da crítica ressurgidas no centenário acerca do embate Rio de Janeiro *versus* São Paulo no plano da modernização, entendo que o modernismo acabou por endossar duplamente a lógica da modernidade/colonialidade na tentativa de elucubrar uma emancipação nacional pautada na estética da ruptura, do *make-it-new*<sup>1586</sup> e do novo pelo novo<sup>1587</sup>.

Da forma como afirmou Ruy Castro, a Semana de 1922, enquanto expoente do movimento paulista, serviu de espaço para que Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida etc. se “atualizassem”; para ele, a capital carioca não precisava passar por tal processo<sup>1588</sup>. Com isso, minha problematização de des-leitura, situada no seio das opções descoloniais, extrapola qualquer limite egocentrado do ringue de batalha brasileiro entre aqueles que querem requerir para si o aspecto primogênito da modernização. Independentemente de onde emergiu a primeira faísca do *make-it-new*<sup>1589</sup>, a questão que se coloca em cena é justamente o endosso à razão e aos paradigmas da modernidade, sendo essa, de um viés descolonial, como já abordado no capítulo I, o outro lado da colonialidade<sup>1590</sup> – a relação aposta foi ignorada não só pelos modernistas “redescobrimto” as fronteiras do seu próprio

---

<sup>1585</sup> CASTRO. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro, s/p.

<sup>1586</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1587</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1588</sup> CASTRO. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro, s/p.

<sup>1589</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1590</sup> A discussão acerca do conceito de modernidade será realizada *a posteriori* ainda neste subtítulo.

país, mas, em maior grau, pela crítica brasileira que insiste em desconsiderar a questão da colonialidade do/no modernismo em suas revisitações.

Assim, Ruy Castro é pertinente à des-leitura efetuada por mim quando explicita que *a ideia de que o evento de 1922 veio a nos salvar não é verdade*<sup>1591</sup>. E por justificativas que se seguem: o fato de o modernismo ter desconsiderado não só a América Latina, as fronteiras deste país pretérito e imperfeito além do que se produzia nesses *loci*, como também por se valer de uma perspectiva eminentemente moderna/colonial para tentar emancipar nossos problemas de colonizados não através de nossos próprios corpos e pensamentos de *anthropos*, e, sim, pela lógica do si-mesmo *humanitas* sobrepondo suas vozes de homens, brancos, dotados de privilégios econômicos e pertencentes a uma determinada elite intelectual e artística sobre os reais marginalizados. Ou seja, não houve desobediência epistêmica ou desprendimento<sup>1592</sup> do vínculo placentário eurocêntrico, pelo contrário, realizou-se uma dupla retroalimentação moderna/colonial: primeiro, pelos próprios artistas e escritores do movimento, segundo, e do meu ponto de vista, mais problemático, pela crítica que nesses cem anos continua, em grande parte, por projetar no modernismo a suposta “sacralidade salvífica” da dita “benesse modernizatória” não só em São Paulo, mas no Brasil.

Ademais, no bojo do que elenquei sobre o modernismo ignorar as fronteiras do país, Ruy Castro conclama que *ninguém fora de São Paulo tomou conhecimento da Semana de 22 na época, ela foi importante ali onde imperava o parnasianismo*<sup>1593</sup>. Já Silvano, em “Fechado para balanço” (1985), pontua que José Lins do Rego traduziu

---

<sup>1591</sup> CASTRO. *Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi*, diz Ruy Castro, s/p.

<sup>1592</sup> Tais conceitos serão aprofundados no subtítulo 2.3 deste capítulo.

<sup>1593</sup> CASTRO. ‘A ideia da Semana de 22 foi de Di Cavalcanti’, diz o escritor e jornalista Ruy Castro, s/p.

o pensamento generalizado entre um grupo de intelectuais, “‘Para nós do Recife, essa ‘Semana de Arte Moderna’ não existiu.’”<sup>1594</sup>. Diante do exposto, questiono: como o modernismo e, por extensão, a crítica literário-artística que a partir dele emergiu deram conta de emancipar o Brasil pretérito e imperfeito ou mesmo lidar com a dependência cultural se, até hoje, transpassados cem anos de sua Semana, ainda persistem os nós da matriz colonial de poder? De que forma se faz possível elucubrar e endossar uma modernidade nacional<sup>1595</sup> por essas terras centro-metropolitanas e fronteiriças sem sequer considerar uma teorização descolonizada no bojo da formulação conceitual? São questões que me tomam de sobressalto ao des-ler minha própria formação de leitor e pesquisador aportado na visada *outra* das opções descoloniais, não faço *mea culpa* nesse sentido.

De modo similar a Silviano, ainda que crivado na-diferença epistemológica, concordo com o mineiro quando afirma que *distinguir é a base da reflexão crítica, pois o fazemos para pesar elementos diferentes e melhor avaliá-los, separar o joio do trigo*<sup>1596</sup>. Por isso, exerço a reflexão e, por consequência, a prática das opções descoloniais de me debruçar justamente sobre a lacuna teórica a qual a crítica brasileira ignorou não só no âmbito do modernismo, mas do Brasil pretérito e imperfeito atravessado pela matriz colonial de poder imperante há séculos. Na chancela da suposta *tábula rasa*<sup>1597</sup> inventiva de 1922, ensejando aquilatar o novo na cultura do país, desconsiderou-se o alertado por Euclides de Cunha acerca dos perigos da *homogeneização nacional*<sup>1598</sup>, principalmente em termos de padrões militares, e é justamente nesse lugar do si-mesmo, da *universalização abstrata*<sup>1599</sup>, do

<sup>1594</sup> REGO *apud* SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 87.

<sup>1595</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>1596</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>1597</sup> SANTIAGO. O intelectual modernista revisitado, p. 193.

<sup>1598</sup> SANTIAGO. O intelectual modernista revisitado, p. 193.

<sup>1599</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

um falando pelo todo, que se situa minha des-leitura do modernismo. Calcados nessa esfera, demonstrou-se uma preocupação estética exacerbada com a ruptura dos padrões parnasianos em vigor angariando a novidade nas artes e nas literaturas sem se voltar para os reais problemas modernos/coloniais de um país pretérito e imperfeito que se pretendia independente.

Pelo contrário, mesmo a Semana de Arte Moderna tendo sido realizada também como uma forma de comemoração dos cem anos de independência política do Brasil<sup>1600</sup>, seu *modus operandi* se pautou eminentemente pelo endosso à dependência da colônia à metrópole, sendo essa premissa replicada, em geral, pela crítica revisionista do movimento. Dito de outra forma, o modernismo, dotado de boa vontade, embebeu-se do eurocentrismo latente quase que como filtro e legitimação do que era válido enquanto arte, literatura e conhecimento para apregoar uma ideia, não descolonizada, de Brasil e, mais do que isso, de produção artística do/no país. Tal qual expôs Oswald de Andrade: “Um pugilo pequeno, mas forte, prepara-se para valer o nosso Centenário’.”<sup>1601</sup>. Calcado nas problematizações expostas, entendo que as reflexões descoloniais aqui tracejadas só são possíveis devido ao fato da existência de formulações críticas outrora realizadas, geridas ou não pelas opções descoloniais, e permeadas no cotidiano contemporâneo<sup>1602</sup> de nossos debates em um contexto global<sup>1603</sup> enviesado pela colonialidade mascarada de globalização.

Então, neste momento, o que se coloca em primazia no meu discurso de des-leitura se dá tanto sobre como os modernistas conseguiram ou não enxergar e lidar com a colonialidade imperante no Brasil quanto à forma que a crítica revisitou

---

<sup>1600</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

<sup>1601</sup> ANDRADE *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

<sup>1602</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silvano Santiago, p. 107.

<sup>1603</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silvano Santiago, p. 107.

acriticamente esse fato, desprezando-o, tendo em vista seu flerte constante com a modernidade e seus pós. Sendo assim, um dos pontos fulcrais das minhas reflexões se situa justamente naquilo que Homero Senna explicitou aferindo que os modernistas brasileiros *traçaram linhas divisórias rígidas, mas arbitrárias*<sup>1604</sup>, *entre o bom o mau*<sup>1605</sup>, *querendo destruir tudo que ficara para trás e condenando*<sup>1606</sup>, *por extensão, muito do que deveria ser salvo*<sup>1607</sup>. A esse fato, correlaciono a visada pós-abissal de Boaventura quando descortina a força motriz do pensamento moderno ocidental dualista de se construir com base em um *sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que essas fundamentam aquelas*<sup>1608</sup>.

À maneira que abordei no capítulo I, na égide do bolsonarismo no âmbito da e do político, ressalvadas as diferenças, a modernidade/colonialidade delinea fronteiras passíveis de definirem *espaços de existência e legitimidade, o que se situa além desses limites desaparece enquanto realidade simultânea e contemporânea possível sendo relegado à insígnia do outro*<sup>1609</sup>. Logo, a centralidade de um pensamento de cunho abissal é justamente a *impossibilidade de co-presença entre ambos os lados das linhas previamente estabelecidas*<sup>1610</sup>, há que se prevalecer um dos binôminos enquanto realidade possível para que o outro se dissipe quase que completamente sequer enquanto opção<sup>1611</sup>. É a partir disso, da problematização do pensamento binário, criador e ao mesmo tempo excludente do que é possível ou não, que as opções descoloniais emergem à luz dos pensamentos e dos corpos atravessados nas

---

<sup>1604</sup> SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>1605</sup> SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>1606</sup> SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>1607</sup> SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>1608</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>1609</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>1610</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>1611</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

fronteiras contrapostos aos supostos ideais de modernização, emancipação, independência e ruptura do modernismo.

Assim, se em momento anterior (2018-2022), situei o presente brasileiro em uma matriz colonial de poder a fim de sustentar a argumentação de que a minha atualidade desgovernada pelo Bolsonarismo desvelava um país, do pretérito e presente imperfeitos, não desprendido da colonialidade, volto-me, então, para o século XX a fim de dar continuidade a essa empreitada que se encerrará *a posteriori* com o corolário de uma formação *outra* dessas terras no terceiro capítulo da tese. Com isso, intento, na conjunção dos três momentos arrolados, delinear que o Brasil continua não dando conta de lidar com a modernidade/colonialidade que imperou e continua em estado latente de execução nos mais diversos âmbitos, sejam esses políticos, artísticos, literários, sociais, culturais etc. O modernismo e, por extensão, suas revisitações críticas acabam por alimentar uma lógica moderna/colonial de que não conseguimos pensar por nós mesmos *deste lado da linha*<sup>1612</sup>, ou melhor, definir nossas próprias características de *brasilidades* sem o intermédio do vínculo placentário com o europeu.

Pelo contrário, volta-se as costas para a América Latina e para as fronteiras do país reforçando um elo binário entre ex-colônia e metrópole destituído de quaisquer opções descoloniais, desobediência epistêmica ou desprendimento ao endossar aos grupos marginalizados seus lugares de “outros” sendo supostamente “representados” pelas vozes artísticas da elite cultural paulista, ou, para me valer dos seus próprios termos obedientes e não desprendidos, da dita *renascença paulista*<sup>1613</sup>. Isso, pois, Mário de Andrade, ao escrever sobre a arte moderna em artigo da época, afirma:

---

<sup>1612</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>1613</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

“Assim, ensina, com firme e profunda erudição, regras e bases, homens e feitos do futurismo, dando aos seus leitores notícias exatas sobre a nova e muitas vezes simpática renascença italiana, deixando-as [...]”<sup>1614</sup> e continua: “[...] porém, na mesma e eterna escuridão a respeito da renascença paulista, de que a Semana de Arte Moderna será um divertido e porventura magnífico estalão.”<sup>1615</sup>. No bojo da lógica binária, paradigma sustentador da modernidade/colonialidade, trago à baila novamente Mário:

Já raciocinou sobre o chamado 'belo horrível'? É pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão da orelha de certos filósofos para justificar a atração exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas. Não me venham dizer que o artista, reproduzindo o feio, horrível, só porque está expressado com grandeza, comoção, arte, é desvirtuar ou desconhecer o conceito da beleza. Mas feio – pecado...<sup>1616</sup>

Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical.<sup>1617</sup>

Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim que ou éramos gênios ou bestas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meus amigos, o anseio do farol. Si fôssemos tão carneiros a ponto de termos escola coletiva, estaria por certo o 'Farolismo'. Nosso desejo: aluminar. A extrema-esquerda em que nos colocamos não permite meio-termo. Si gênios: indicaremos a seguir; bestas: naufrágios por evitar.<sup>1618</sup>

Face ao exposto nos recortes supracitados, direciono minha teorização atravessada pelo des-pensar das opções descoloniais menos para seus conteúdos temáticos em si mesmos e mais para a operacionalização da razão paradigmática por trás do discurso modernista de Mário de Andrade, isto é, o binarismo intrínseco à forma que o escritor formulava suas reflexões, por exemplo, nas oposições entre arte bela e horrível ou até mesmo no modo como os modernistas eram enxergados

<sup>1614</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>1615</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>1616</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>1617</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 14.

<sup>1618</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 24.

enquanto gênios ou bestas. Essa escolha temática de discussão se justifica com base na premissa descolonial de que *se busca alterar os termos da conversa e o seu conteúdo*<sup>1619</sup>. Logo, nesse momento, interessa-me desvelar que por mais que a teoria basilar de 1922 fosse a estética da ruptura, desvio, ironia e transgressão dos valores passadistas<sup>1620</sup>, conforme Silviano apontou, a perspectiva ideológica mascarada pelo *make-it-new*<sup>1621</sup> era a imanência binária da modernidade/colonialidade de definição e reordenação do si-mesmo e dos supostos outros.

Em suma, a operacionalização do dualismo entre o que era legítimo, possível, aceitável ou até mesmo existente ou não, aos moldes abissais corroborados por Boaventura. Em outras palavras, Silviano me é necessário para entender o panorama binário de 1922 ao tracejar, em relação à época, *os perfis de intelectuais intolerantes, com feições totalitárias e pouco democráticos em seus desejos revolucionários, uma vez que ensejavam modernizar o Brasil e atualizar suas artes por intermédio da destruição de seus opostos*<sup>1622</sup>. Nesse sentido, sou correlato ao meu mineiro quando descortina o *modus operandi* do pensamento modernista que, pelo crivo pluriversal das opções descoloniais localizadas especificamente na contracorrente de qualquer universal abstrato, endossa a mesma razão moderna/colonial que o alocou no lugar de subdesenvolvimento, terceiro-mundista e provinciano por emergir a partir do Sul global do planeta, assim como eu, um pesquisador homo-biográfico que escre(vi)ve com base na condição de atravessamento fronteiriço epistemológico e geoistórico à luz de um Brasil ainda pretérito e imperfeito na presentificação da realidade que me entrecorta.

---

<sup>1619</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.

<sup>1620</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>1621</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1622</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 89.

Novamente na esteira do mineiro, *toda avaliação é feita em favor de alguma coisa*<sup>1623</sup> e isso se relaciona com todos os contextos artísticos, literários e críticos aqui discutidos: desde os agentes do modernismo paulista, passando pelas revisitações críticas no plano da colonialidade nesses cem anos transpassados até o estágio atual em que me situo des-lendo 1922 pela égide das opções descoloniais. Utilizando-me dos termos de Silviano, minha avaliação aqui desenhada projeta, portanto, um caminho orientado pelas opções descoloniais que é pluriversal tanto ao modernismo quanto às revisitações críticas que dele fizeram, visto que não delinea *linhas divisórias passíveis*<sup>1624</sup> *de definirem uma única “opção”*<sup>1625</sup> – até mesmo porque sendo singular não se configuraria enquanto escolha, mas uma obrigatoriedade. Com tal premissa em mente, entrevê-se que é na base de sensibilidades e histórias locais *outras* que essas opções descoloniais são passíveis de serem construídas para além da centralidade do si-mesmo.

Permeadas pela égide da não-obrigatoriedade, tal qual a modernidade/colonialidade vem impondo às nossas mentes e corpos fronteiriços aportados nas exterioridades do Sul global, as opções descoloniais são o *esclarecimento de que todas as outras eleições críticas também são escolhas e não unicamente o caminho irrevogável da história que precisa ser seguido para se obter qualquer migalha de legitimação ou existência possível*<sup>1626</sup>. Desse modo, suas emergências no plano dos pensamentos e das práticas *outras* de ser, viver, pensar e escre(vi)ver entrecortado pelas fronteiras, à maneira que escre(vi)vo dos trópicos crepusculares de Campo Grande, mostram-nos as *possibilidades pluriversais de que*

---

<sup>1623</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 96.

<sup>1624</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>1625</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.

<sup>1626</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

*muitos mundos podem co-existir*<sup>1627</sup>, sobremaneira, no que concerne às tentativas de construção da identidade nacional de um país pretérito e imperfeito como o Brasil nos mais variados aspectos, à maneira que esta tese angaria conceituar.

Os corolários das opções descoloniais esclarecem a nós, pesquisadores aportados em um paradigma *outro* do des-pensar, que as formulações críticas não podem mais se debruçarem sobre o coro uníssono daquilo que foi supostamente “sacralizado” no âmbito das teorias enquanto a única opção disponível<sup>1628</sup>, seja no caso do modernismo brasileiro, como venho teorizando, ou, em termos globais, no que compete aos ditos “mestres hegemônicos do conhecimento”. Esses, por sua vez, reverenciados à exaustão pelos modernistas, como Mário de Andrade em seu “Prefácio interessantíssimo” (2017): “Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman? Mallarmé? Verhaeren?”<sup>1629</sup> e, em outro momento, “Homero já escrevera que a terra mugia debaixo dos pés de homens a cavalos. Mas você deve saber que há milhões de exageros na obra dos mestres<sup>1630</sup>”. Ademais, ainda a exemplo da obediência ao vínculo placentário eurocêntrico de Mário, cito:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o que autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem. [...] Livro evidentemente impressionista. Ora, segundo modernos, erro grave o Impressionismo. Os arquitetos fogem do gótico como da arte nova, filiando-se para além dos tempos históricos, nos volumes elementares: cubo, esfera, etc. Os pintores desdenham Delacroix como Whistler, para se apoiarem na calma construtiva de Rafael, de Ingres, do Greco. Na escultura Rodin é ruim, os imaginários africanos são bons. Os músicos desprezam Debussy, genuflexos diante da polifonia catedralésca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia... ‘tende a despojar o homem de todos os seus aspectos contingentes e efêmeros, para apanhar nele a humanidade’.<sup>1631</sup>

<sup>1627</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

<sup>1628</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.

<sup>1629</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 09.

<sup>1630</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>1631</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 08.

Na esfera da não-desobediência e do não-desprendimento de Mário de Andrade em relação às *obras dos mestres*<sup>1632</sup> eurocêtricos, à ilustração do que as citações apostas explicitam, entrevê-se a reafirmação do que as opções descoloniais convocam em seu bojo epistêmico os já evocados, no primeiro capítulo desta tese, nós históricos-estruturais, agora, na insígnia do viés estético<sup>1633</sup>. Esse se coaduna enquanto uma hierarquia estética no âmbito da arte, literatura e afins operado através das instituições (museus, escolas e semanas artísticas, revistas etc.)<sup>1634</sup> no intuito de administrarem *os sentidos e a moldagem das sensibilidades estabelecendo normativas do que seria belo, sublime, arte e, por extensão, o que será incluído, excluído, ignorado ou premiado*<sup>1635</sup>. Como reafirmação dessa estrutura estética moderna/colonial no pensamento modernista, ilustrado através de um dos seus precursores, Mário, relembro o explicitado por Silviano quando desenha em “Fechado para balanço” os perfis desses intelectuais *intolerantes, com feições totalitárias e quase nada democráticos em suas inquirições revolucionárias ensejando modernizar o Brasil imperfeito e atualizar suas produções pelo crivo da destruição dos seus opostos*<sup>1636</sup>.

Por isso, quando Mário afirma que *está atrasado dos movimentos artísticos atuais por ser um passadista confesso*<sup>1637</sup> e *não liberto das teorias-avós que bebeu*<sup>1638</sup>, lê-se, descolonialmente, seu endosso às *epistemes e práxis* modernas/coloniais que o situou, e continua nos localizando já transcorrido o centenário de 1922, no lugar da dependência latina, brasileira e fronteiriça em relação

---

<sup>1632</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>1633</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>1634</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>1635</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>1636</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 89.

<sup>1637</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>1638</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

ao eurocentrismo e, mais do que nunca na atualidade capitalista, ao imperialismo estadunidense. Na égide do eurocentrismo, concebo-o *não pela localização geográfica, mas, eminentemente, pela égide da hegemonia de uma forma de pensar versada nos termos greco-latinos e nas línguas europeias-imperiais da modernidade colonial*<sup>1639</sup>. Nesse preciso sentido, compreendo que pautados no binarismo segregador, na ignorância em relação às bordas, fronteiras e margens, no alimento retroativo às epistemologias do Norte global, o modernismo e, mais do que nunca, muitas das suas revisitações acabaram, com intencionalidade ou não, reverberando a lógica moderna/colonial de paradigmas monotópicos e universais<sup>1640</sup> ignorando quaisquer possibilidades pluriversais<sup>1641</sup> discutidas no cotidiano do século XXI pela descolonialidade.

O exposto se justifica, novamente, através de Mário quando afirma: “Canto da minha maneira. Quem me importa si não me entendem? Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência.”<sup>1642</sup>. Ademais, pontua ainda: “Costumo andar sozinho.”<sup>1643</sup> e “Você está reparando de que maneira costumo andar sozinho.”<sup>1644</sup>. Contrariamente ao exposto pelo escritor paulista, sua “andança” artística não se construiu de maneira solitária, e, sim, através da reiteração da hegemonia da modernidade colonial povoada dos espectros de Walt Whitman, Mallarmé, Verhaeren, Homero, Delacoroix, Whistler, Rafael, Rodin, Debussy, Bach dentre muitos outros referenciados, quase que como uma obrigatoriedade universal para se produzir Arte ou Literatura (com iniciais maiúsculas) “legítimas” em território brasileiro pretérito e imperfeito. Ainda no seio da subserviência modernista ao eurocentrismo, descortinam-

---

<sup>1639</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>1640</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>1641</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>1642</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 24.

<sup>1643</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 16.

<sup>1644</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 21.

se artigos de jornais da época com epígrafes selecionadas por Mário de portugueses como Fr. Luís de Souza, Camões, D. Dinis e Rui Barbosa<sup>1645</sup>.

Calcado nesses intertextos modernistas com a subserviência ao eurocentrismo, sou pluriversal a Mário quando responde ao seu próprio questionamento sobre a falta de forças para se universalizar a partir da expressão “paciência”. Do modo como os exemplos citados resguardam, perfilou-se ali, na efervescência de 1922, a tentativa de formulação do novo não através daquilo que estava escondido ou invisibilizado nas fronteiras do Brasil, mas pelo crivo das teorias itinerantes<sup>1646</sup> que viajaram e continuam transitando dos centros globalizados para as margens do Sul global, à revelia ou não dos intelectuais dessas terras ditas “independentes” pensando supostamente a partir dos seus próprios termos críticos e artísticos. Por isso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva fronteira, só posso efetuar a des-leitura aqui proposta se pela eminência das opções descoloniais emergidas das exterioridades<sup>1647</sup> do mundo moderno/colonial entrecruzando em minhas teorizações os saberes, histórias locais, sensibilidades e corpos *espremidos entre as línguas e categorias do conhecimento imperial*<sup>1648</sup> alimentados pelo modernismo e suas lembranças, em especial, no centenário comemorado em 2022.

Isso claro, ainda no crivo do nó histórico-estrutural estético<sup>1649</sup> modernista, subjaz a compreensão *outra* de que as hierarquias linguísticas<sup>1650</sup> caminham lado a lado às do conhecimento, das artes e das literaturas<sup>1651</sup> se sobressaindo o fato de que

---

<sup>1645</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 25.

<sup>1646</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1647</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>1648</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>1649</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>1650</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>1651</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

suas expansões mundiais definiram as regras de julgamento e avaliação das expressões emergidas da Europa e, de maneira primordial, do mundo não-europeu<sup>1652</sup>, ainda que esse, no âmbito do modernismo paulista, ensejasse a modernização como desejo vital de institucionalização e existência relevante. Recaindo ainda na necessidade de universalização, Mário de Andrade assevera que: “Graça Aranha, em São Paulo, viu o que não cria existir no Brasil: um grupo de rapazes sabedores da mais recente arte universal.”<sup>1653</sup> e “Não se limitavam eles, porém, a conhecer as novas orientações, senão que as praticavam em obras, porque independentes de Chinas e Groelândias, perfeitamente atuais e brasileiras.”<sup>1654</sup>.

Diante das assertivas proferidas pelo autor de *Pauliceia desvairada* (1922), urge a necessidade de obliterarmos a falaciosa compreensão de que a modernidade seria o conceito universal de um *período histórico do qual não podemos escapar*<sup>1655</sup>. Muito pelo contrário, nesta tese, modernidade se configura enquanto a narrativa hegemônica de um momento histórico criado<sup>1656</sup> pelos agentes *humanitas* que tomaram para si-mesmos o protagonismo de tudo aquilo que estivesse ao seu alcance<sup>1657</sup>. Através desse lugar de manutenção do poder global, disseminou-se a suposta *visão heroica e triunfante da História*<sup>1658</sup> (com inicial maiúscula) *que o eurocentrismo estaria “ajudando” a construir*<sup>1659</sup>, em termos geopolíticos, entende-se modernidade enquanto a cosmologia da modernidade/colonialidade e, de modo primordial na atualidade, do capitalismo imperial<sup>1660</sup>. Face a esse entendimento *outro*,

---

<sup>1652</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>1653</sup> ANDRADE. As duas irmãs IV, p. 57.

<sup>1654</sup> ANDRADE. As duas irmãs IV, p. 57.

<sup>1655</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>1656</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>1657</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>1658</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>1659</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>1660</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 317.

desenha-se a contradição inerente ao *modus operandi* modernista de querer se modernizar a todo custo pelo crivo da estética de ruptura<sup>1661</sup>, discutida por Silviano, a qual se pautou de maneira proeminente nas vanguardas europeias, como no cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo etc.

Nesse ínterim, entendo que penso, escre(vi)vo e re-existo<sup>1662</sup> com base no atravessamento do meu corpo homo-biográfico incrustado na fronteira-sul geoistórica e epistemológica em estado de fricção constante entre as teorizações que emergem dos preceitos não-modernos contrapostos às teorias itinerantes<sup>1663</sup> que por essas terras se hospedaram, à revelia de alguns e, também, pela benesse de muitos outros. Por isso, só posso teorizar com base na premissa das opções descoloniais, nunca pelo endosso crítico não-desobediente e não-desprendido em relação ao Norte global que só incutiu a nós o lugar de periferia do planeta. As opções descoloniais são, portanto, a resposta epistêmica direcionada às *narrativas, mentiras e ficções das promessas de progresso, desenvolvimento e modernização que a modernidade contempla, como a violência da colonialidade*<sup>1664</sup>, ignorada pelos seus defensores implacáveis no âmbito das universidades e das produções que nela se engastam, em específico, no viés de endosso à tradição do modernismo, ainda que transcorridos cem anos de sua ascensão.

Pluriversalmente ao que se reitera nos cursos das Humanidades, Artes e Letras, como no meu caso de pesquisador formado através do endosso às epistemologias eurocentradas, mas em estado constante de desobediência e despreendimento, só posso conceber os conceitos de modernidade e seus derivados

---

<sup>1661</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>1662</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1663</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1664</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 13.

enquanto *paradigmas regionais, nunca universais, tampouco globais*<sup>1665</sup>. Enquanto tal, possuem inscrutados em sua formatação o mesmo quesito valorativo de qualquer outro conhecimento<sup>1666</sup> oriundo de qualquer lugar do planeta, estando situado nos centros ou nas margens, no Norte ou no Sul, nos *humanitas* ou nos *anthropos*, indiferentemente. Assim, o processo perfilado pelo eurocentrismo de relegar a si mesmo o suposto protagonismo de tudo aparelhou em nossas mentes o ideal falacioso de que *suas histórias locais eram os próprios projetos globais*<sup>1667</sup>, o que, de uma visada descolonial, jamais seria sequer concebido como alternativa imaginável, dada a pluriversalidade de sua base teórica.

Trazendo a discussão delineada às palavras de Silviano, meu mineiro especifica os termos coadunados ao, dentro da tradição no modernismo, referir-se à modernidade enquanto a *tradição moderna que tem início no romantismo no final do século XVIII sendo, então, o movimento estético gerado dentro do Iluminismo*<sup>1668</sup>, ao passo que define o modernismo como *a nossa própria crítica ao passadismo concretizada na Semana de 22*<sup>1669</sup>. Todavia, à revelia do exposto nesta discussão de base descolonial, Silviano conclama o moderno enquanto *um termo universal, abrangente, sendo o movimento paulista bem menos abrangente e mais localizado*<sup>1670</sup>. Ou seja, ainda que munido de um arsenal teórico cultural e aberto à pós-colonialidade, dado seu projeto intelectual simbolizado, dentre outros pontos, pelo entre-lugar do discurso latino-americano, ainda assim, seu pensamento de ordem cultural não consegue transcender os limites da modernidade/colonialidade, uma vez que suas reflexões acabam por endossar, em alguma medida, a mesma lógica da

---

<sup>1665</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

<sup>1666</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

<sup>1667</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

<sup>1668</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

<sup>1669</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

<sup>1670</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

razão moderna de 1922 situada na centralidade do lócus teórico hegemônico de conceber determinados conceitos como “universais” ou “regionais” se valendo do referencial geográfico como elemento basilar de definição.

Com isso, sendo pluriversal, através das opções descoloniais, tanto aos ideais universalizantes modernistas quanto a Silviano, concebo a modernidade jamais pela insígnia de *desdobramento ontológico da história*<sup>1671</sup>, *mas enquanto uma narrativa hegemônica da civilização ocidental*<sup>1672</sup> gerida pelos agentes internos modernos/coloniais e endossada acriticamente pelo desprovido aparato epistemológico descolonial dos *anthropos* brasileiros – modernistas e muitos dos críticos debruçados sobre o movimento paulista. Elegendo, então, as opções descoloniais como orientação epistemológica basilar, subjaz a compreensão *outra* de que *não há nenhuma necessidade de ser moderno*<sup>1673</sup>; em outras palavras, na esteira de Mignolo, incute-se *a emergência de nos desprendermos do devaneio de que nos situamos na exterioridade da história se não somos modernos*<sup>1674</sup>. Em suma, a colonialidade se resguarda como pauta oculta da modernidade<sup>1675</sup>, uma moeda com dois lados constitutivos um do outro<sup>1676</sup>, ainda que paulatinamente as críticas revisionistas ignorem esse fato.

Coadunar, então, modernidades globais<sup>1677</sup> (ou nacionais, à maneira que aferiu Italo Moriconi<sup>1678</sup>) implica, como condição *sine qua non*, colonialidades globais<sup>1679</sup>, tendo em mente essa consciência descolonial, ancora-se o deslindado por Mignolo de

---

<sup>1671</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>1672</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>1673</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>1674</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>1675</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 01.

<sup>1676</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>1677</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>1678</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>1679</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

que a modernidade precisa ser assumida tanto por suas glórias<sup>1680</sup> quanto por seus crimes<sup>1681</sup>. Nesse sentido, transfiro o formulado pelo argentino ao modernismo paulista asseverando o esgotamento teórico das revisitações críticas cujos matizes, em geral, acabaram por desconsiderar o emblema da colonialidade aquilatado no bojo das formulações teóricas dos seus representantes, à maneira que venho demonstrando através de Mário de Andrade. Traz-se à tona seus feitos (e eles existem, em especial, no bojo da defesa da oralidade e da aceitação da linguagem popular conclamada de *linguajar brasileiro*<sup>1682</sup>), contudo, ao mesmo tempo, revelam-se demasiadas contradições em termos de emancipação, independência, desvinculamento e suposta “identidade nacional” as quais as revisões, em geral, ignoraram em seus escritos. Voltando-me, ainda, a Mário de Andrade, cito mais uma vez seu “Prefácio interessantíssimo”:

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si estas palavras frequentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser. Sei mais que pode ser moderno artista que se inspire na Grécia de Orfeu ou na Lusitânia de Nun'Álvares. Reconheço mais a existência de temas eternos, passíveis de afeiçoar pela modernidade: universo, pátria, amor e a presença-dos-ausentes, ex-gozo-amargo-de-infelizes. Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos nas realidades os primitivos duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre o primitivismo das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte. O passado é lição para se meditar, não para reproduzir. ‘E tu che sé costí, anima viva. Partiti da cotesti che son morti’.<sup>1683</sup>

Do excerto reproduzido, chamo atenção para o trecho *o passado é lição para se meditar, não para reproduzir*<sup>1684</sup>. Sou obrigado a concordar com Mário, ainda que concomitantemente discordando do aspecto binário e moderno/colonial norteador de seu discurso, uma vez que, pelo ensejo das opções descoloniais, só posso entrever a

<sup>1680</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>1681</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>1682</sup> CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>1683</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 22-23.

<sup>1684</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 22-23.

ideia de *escrever arte moderna*<sup>1685</sup> através das imagens da modernidade, isto é, das construções narrativas hegemônicas enquanto supostas realidades representadas no domínio do conhecimento<sup>1686</sup>, da arte e da literatura. Isso, pois, o saber era e continua sendo, em maior ou em menor grau, ferramenta basilar de controle de autoridade e de mercadoria<sup>1687</sup>, o que se torna ainda mais pertinente quando direcionado ao modernismo paulista quando nos voltamos mais uma vez ao descortinado por Silviano no plano da destruição dos opostos ao modernismo *sub judice* ao argumento da estética da ruptura ou aos múltiplos binarismos ali difundidos à exaustão.

Tais imagens narrativas criam, por extensão, o que Mignolo *denomina de ontologia do mundo endossando de maneira co-extensiva a subjetividade de ser no planeta ao tomar o conhecimento moderno como o verdadeiro em relação ao não-moderno*<sup>1688</sup>. Assim, fazendo jus ao campo semântico do modernismo, a retórica operante da modernidade/colonialidade transpassou demasiadas etapas consecutivas e acumulativas, sendo essas: *a salvação, o progresso, o desenvolvimento, a modernização e a democracia*<sup>1689</sup>. Ademais, ainda no bojo das discussões acerca do pensamento binário inculcado na lógica operante do modernismo, direciono-me agora a um elemento basilar de movimentos que se pretendem vanguardistas, isto é, as revistas, em específico, a primeira do movimento de 1922, chamada *Klaxon*.

A seguir reproduzirei algumas fotografias (Figuras 16, 17, 18 e 19) tiradas por mim da *Revista Klaxon* em edição *fac-símile* do meu acervo pessoal. Meu intuito se dá menos por “análises” ou “leituras críticas” dos textos que compõem a revista e mais

---

<sup>1685</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 22-23.

<sup>1686</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>1687</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>1688</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>1689</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

em inscrevê-la no bojo de sua relevância geral para o movimento modernista brasileiro de 1922, em especial, no que concerne à hipótese desta tese circunscrita pelo conceito de um Brasil do pretérito imperfeito. Dito isso, em texto de apresentação ao *fac-símile* da *Klaxon*, os autores Samuel Titan Júnior e Pedro Puntoni afirmam que *vanguarda sem revista não é vanguarda*<sup>1690</sup> *bastando percorrer a literatura do século XX para que o fato se concretize*<sup>1691</sup> *perpassando lugares como Inglaterra, Argentina, Alemanha, França e, de modo eminente, o Brasil de 1922*<sup>1692</sup>.

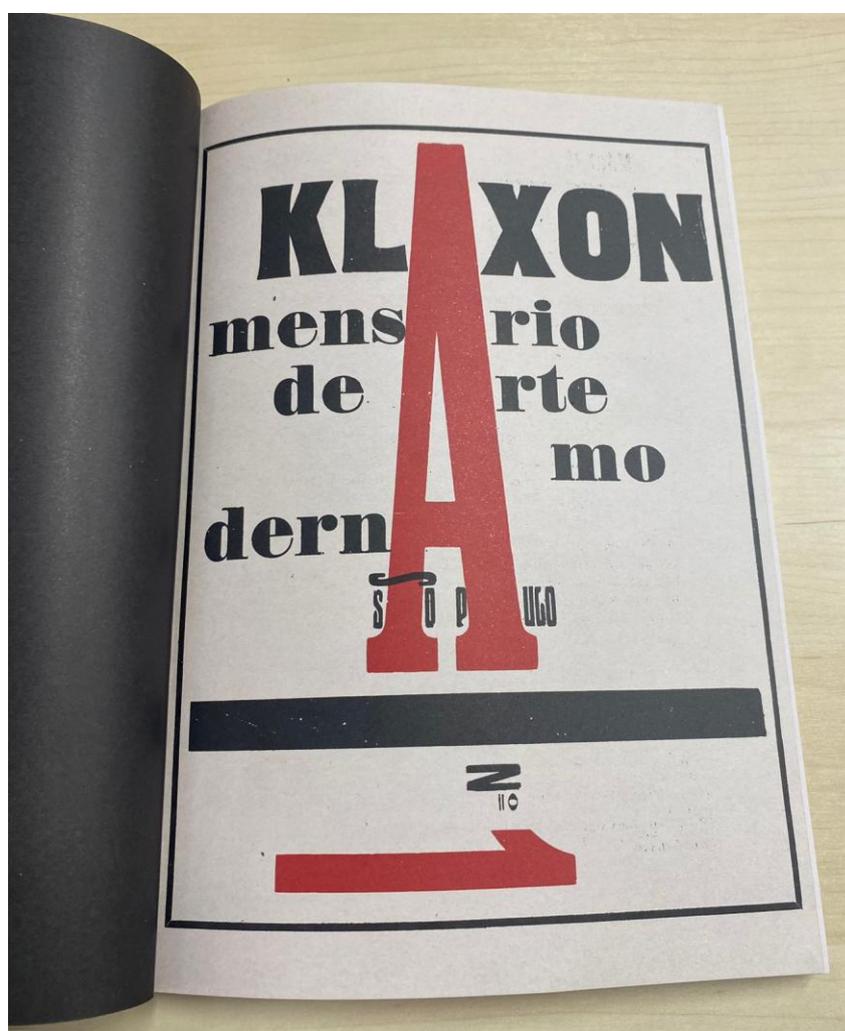


Figura 16 – Número 1 da revista *Klaxon*: mensario de arte moderna  
Fonte: acervo pessoal

<sup>1690</sup> JÚNIOR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1691</sup> JÚNIOR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1692</sup> JÚNIOR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

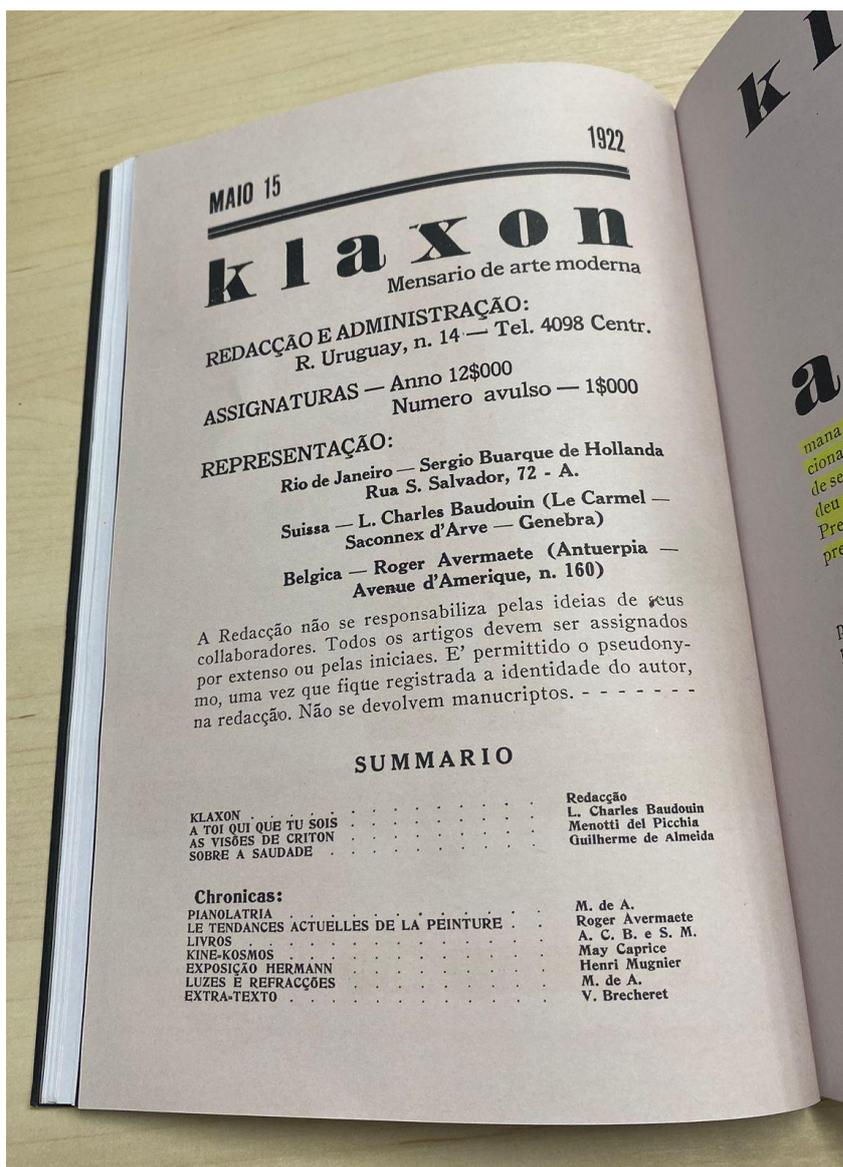


Figura 17 – Sumário do número 1 da revista *Klaxon*: mensario de arte moderna  
 Fonte: acervo pessoal

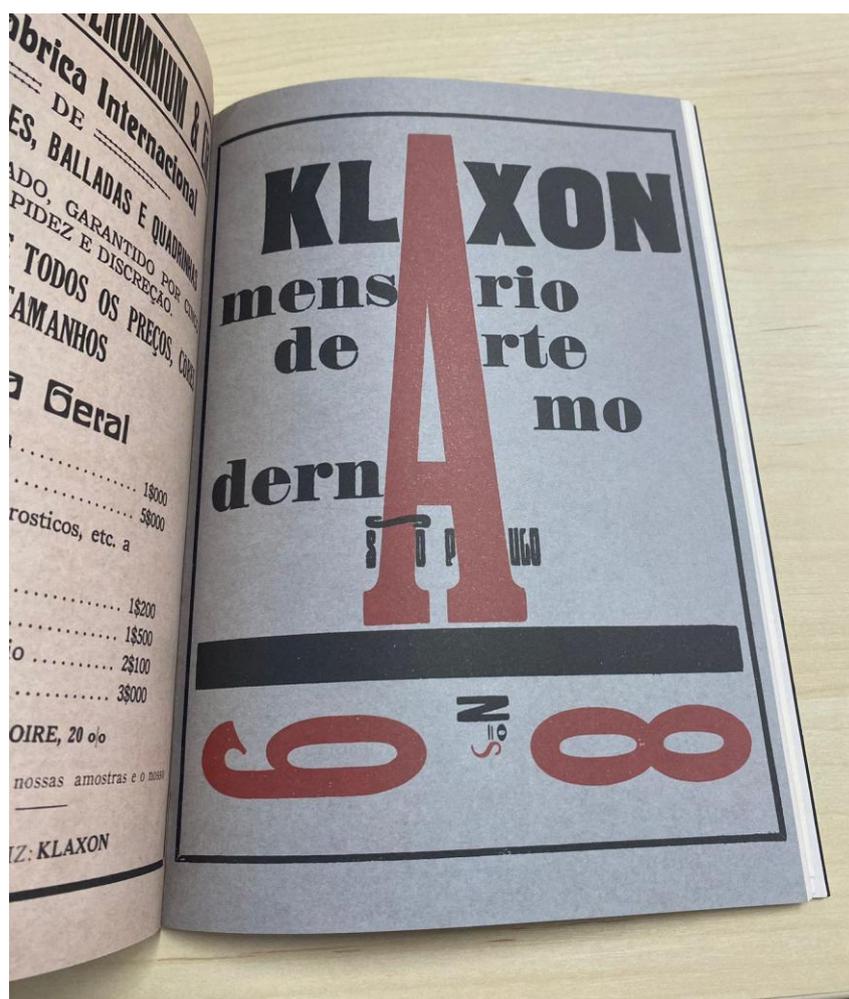


Figura 18 – Últimos números (8 e 9) da revista *Klaxon*: mensário de arte moderna  
 Fonte: acervo pessoal

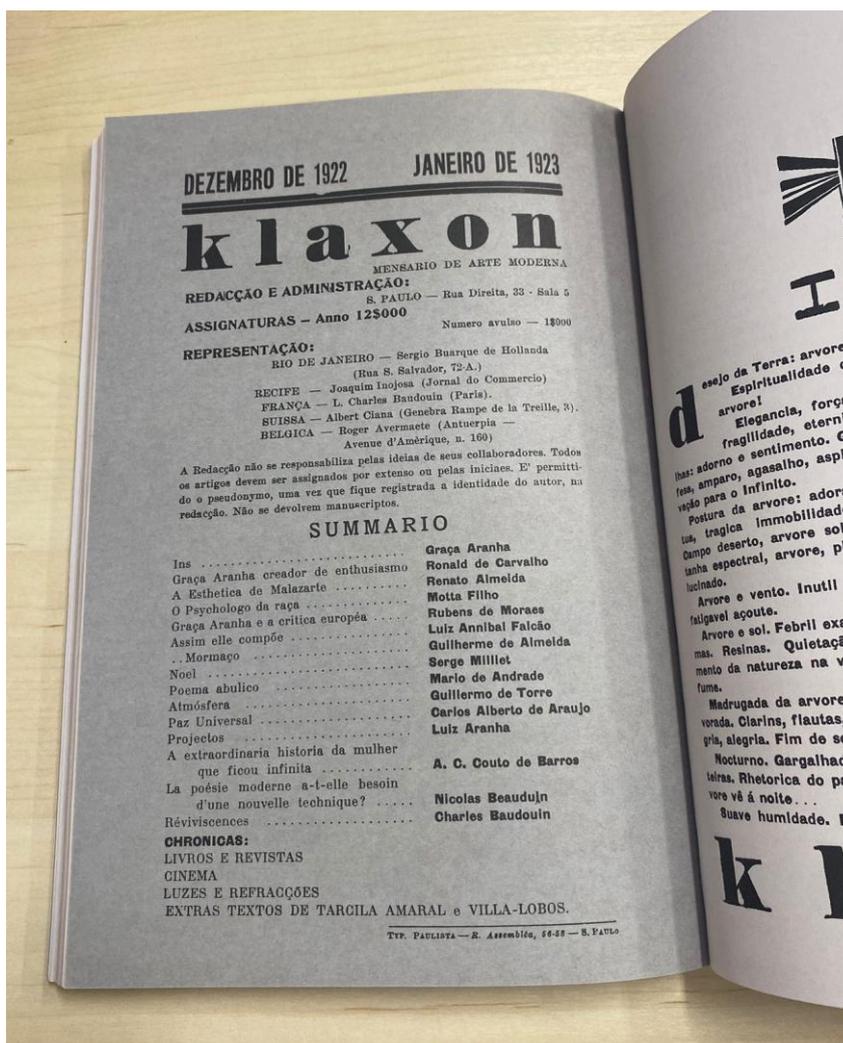


Figura 19 – Sumário dos últimos números (8 e 9) da revista *Klaxon*: mensario de arte moderna  
Fonte: acervo pessoal

Tendo em mente a consciência já exposta por Mignolo em *Histórias locais/projetos globais*, de que o Brasil é um país caracterizado pela abertura latente às teorias itinerantes<sup>1693</sup> que viajam dos centros do planeta para as bordas, margens e fronteiras, evidentemente, o cenário de 1922 não poderia ser diferente neste país pretérito e imperfeito. Ainda para os autores citados, em somatória à revista, estão inclusos os manifestos, os jornais e os livros<sup>1694</sup> enquanto plataformas de divulgações dos ideais “revolucionários”<sup>1695</sup> e “subversivos” modernistas fazendo jus ao vínculo placentário com a *tradição eurocêntrica Iluminista do século XVII e muito do que*

<sup>1693</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1694</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1695</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

“melhor” se produziu no âmbito da literatura no século XIX<sup>1696</sup> através do veículo revista. Em outras palavras, o que estou teorizando a partir da significação da *Klaxon* para o movimento de 1922 é justamente sua correlação com uma *tradição burguesa e moderna*<sup>1697</sup> a qual o modernismo se embebeu sem considerar a problemática da colonialidade escondida por detrás dos preceitos modernizantes.

Dessa forma, a revista de vanguarda se difere de outras modalidades *por se construir paulatinamente através de um órgão coletivo em que as múltiplas vozes singulares compõem um coro em grupo de intelectuais*<sup>1698</sup> despendidos ao objetivo de romper com seus inimigos “passadistas”<sup>1699</sup> assegurando a liberdade estética como premissa inegociável, ainda que para isso se ignorasse os reais problemas do país dito “independente”. Para Oswald de Andrade, a *Klaxon* “[...] é uma instituição séria, muito séria em meio da balbúrdia das cidades modernas, em que a gente só abre caminho a gritos roucos e apitos esquisitos.”<sup>1700</sup>, além de que “[...] é um descendente direto e civilizado do maracá de nossos pais silvícolas.”<sup>1701</sup>. Conforme Sérgio Buarque de Holanda assente, a publicação tomara para si o lugar de porta-voz da “*revolução modernista*”<sup>1702</sup>; segundo a intelectual Gênese Andrade, o periódico acabou por realizar um balanço do período ao considerar que os livros publicados em 1922 *constituíam a independência literária do país*<sup>1703</sup>.

Diante dos fragmentos expostos, questiono: como intitular uma “independência literária do país” se os ideários supostamente “revolucionários”<sup>1704</sup> modernistas foram

<sup>1696</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1697</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1698</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1699</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>1700</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 11.

<sup>1701</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 11.

<sup>1702</sup> HOLANDA *apud* ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 11.

<sup>1703</sup> ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 24.

<sup>1704</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

quase que na totalidade importados do continente Europeu e das suas vanguardas? Em termos específicos, de que maneira se faz plausível aproximar o termo “independência” a um movimento formatado e guiado de maneira latente pelo crivo do vínculo placentário com o eurocentrismo cujos paradigmas se respaldaram pela iminência de uma *tradição burguesa e moderna*<sup>1705</sup>, ou, nos dizeres das opções descoloniais, tradição burguesa e colonial? As contradições se sobressaem em relação às conquistas de 1922, mesmo que a esse fato o coro uníssonas das revisitações críticas simplesmente escolha ignorar. Voltando-me à *Klaxon*, o termo que intitula a revista emerge como sugestão de Oswald de Andrade e é esclarecido por Menotti Del Picchia ao justificar que se refere à *buzina literária fonfonando nas avenidas ruidosas da Arte Nova*<sup>1706</sup>.

Criticada por intelectuais da época, inclusive lida pela égide do futurismo, tendo em vista as aproximações entre o significado de seu nome aos corolários identitários futuristas, seus proponentes afirmavam que *não eram futuristas, KLAXON era klaxista*<sup>1707</sup> (Figura 20). Dotado de ironia latente, Lima Barreto publica em “A careta” na data de 22 de julho: “[...] pensei que se tratasse de uma revista propaganda de alguma marca de automóveis americanos. [...] um nome tão estrambólico não podia ser senão inventado por americanos para vender o seu produto.”<sup>1708</sup>. Dentre as premissas da revista, chamo atenção para sua abertura<sup>1709</sup>: “Primeiro resultado: Semana de Arte Moderna – especie de Conselho Internacional de Versalhes. Como este, a Semana teve sua razão de ser.”<sup>1710</sup> e “Como elle: nem desastre, nem triumpho.

<sup>1705</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>1706</sup> PICCHIA *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 12.

<sup>1707</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

<sup>1708</sup> BARRETO *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 12.

<sup>1709</sup> Os fragmentos citados em seguida foram retirados da versão *fac-símile* da *Klaxon*, por isso optei por manter a modalidade da língua portuguesa utilizada na publicação da época.

<sup>1710</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

Como elle: deu fructos verdes. [...] KLAXON não se queixará jamais de ser incompreendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para comprehender KLAXON.”<sup>1711</sup> (Figura 21).

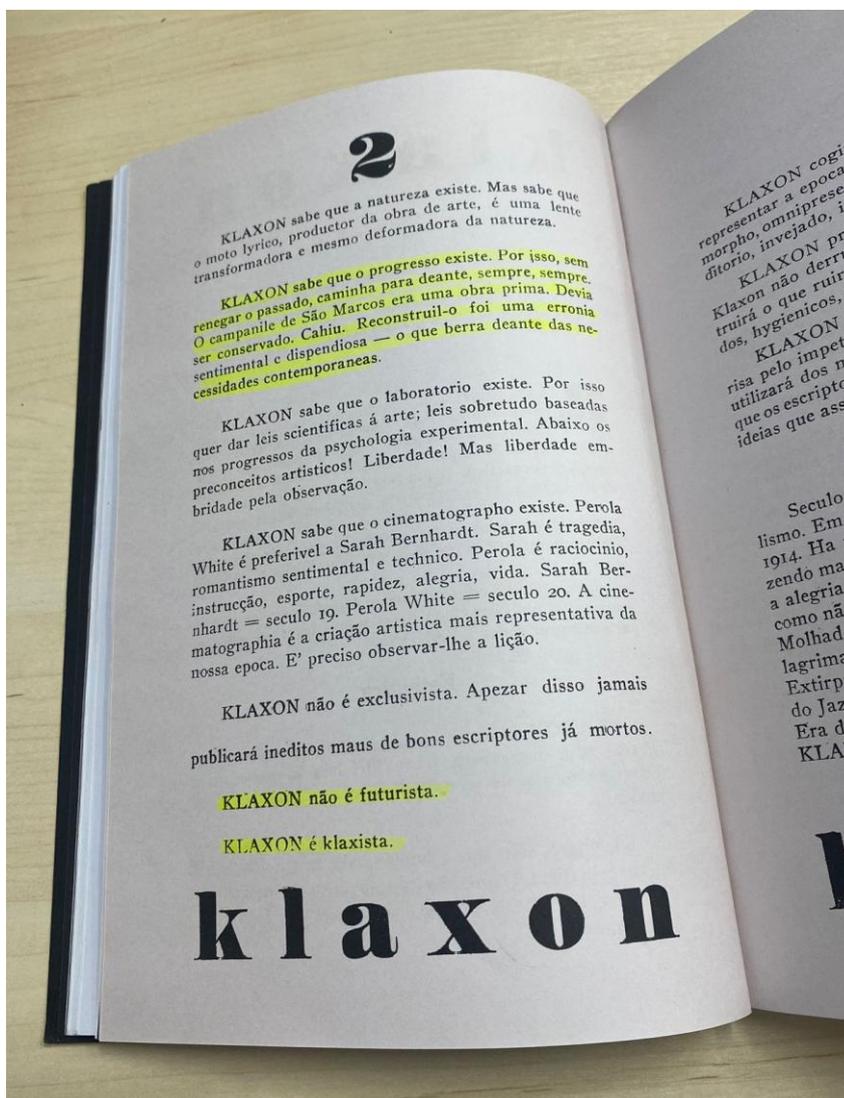


Figura 20 – “KLAXON não é futurista. KLAXON é klaxista.”. REVISTA. *Klaxon*, s/p.  
Fonte: acervo pessoal.

<sup>1711</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

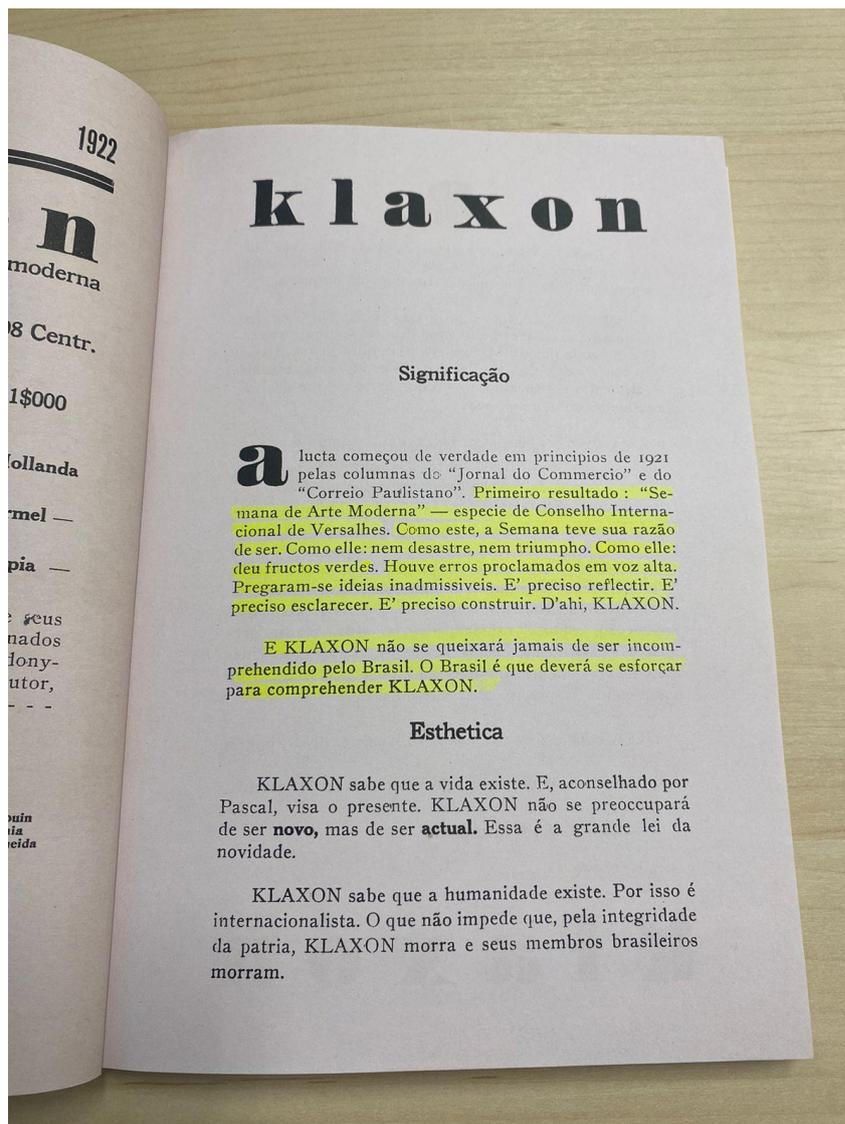


Figura 21 – “O Brasil é que deverá se esforçar para compreender KLAXON”. REVISTA. *Klaxon*, s/p.  
Fonte: acervo pessoal.

Em face dos discursos reproduzidos, só posso estabelecer uma des-leitura pelo crivo das opções descoloniais do explicitado se o fizer através da *práxis* comparatista inerente ao meu ser de pesquisador fronteiro e, dentre outros pontos, professor de literatura comparada na universidade periférica a partir da qual penso, re-existo<sup>1712</sup> e escre(vi)vo. Dito isso, no bojo dos entrecos debruçados sobre a *Klaxon*, sobressaem-se, *a priori*, em minha mentalidade formatada na juventude pelos paradigmas semânticos do coro uníssono das eleições modernas termos como inovação,

<sup>1712</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

revolução, liberdade, vanguarda, manifesto, revistas, modernidade, progresso, velocidade, nacionalismo, emancipação, atravessado por Silvano Santiago, estética da ruptura, desvio, ironia, transgressão dos valores passadistas<sup>1713</sup>, *make-it-new*<sup>1714</sup> e novo pelo novo<sup>1715</sup>.

Por outro lado, saltam aos meus olhos elementos como *renascença paulista*<sup>1716</sup>, tradição burguesa e moderna, Conselho Internacional de Versalhes, modernidade nacional, independência literária do país, “Brasil é que deverá se esforçar para compreender KLAXON”<sup>1717</sup> etc. Isso posto, questiono mais uma vez: comparativamente, de que forma conseguimos conquistar a primeira lista arrolada se a razão que orientou foi, de modo explícito, povoada pelos termos que alimentam, endossam e reproduzem uma colonialidade latente, pulsante e voraz nesses nossos trópicos tupiniquins pretéritos e imperfeitos abertos sempre à suposta novidade, ao importado, ao exterior, ao que, de fato, não nos pertence enquanto ex-colônia e lócus independente? Ainda me valendo da *Klaxon*, trago à tona sua dinâmica segundo o escritor Aníbal Falcão:

‘A palestra corria animada; comentava[m]-se livros europeus, dissecava[m]-se os últimos escritos dos presentes, com vivacidade e objetivos, sem falsa indulgência, falava-se em arte e em música. O tempo passava sem que se esgotasse o assunto; a palestra continuava numa casa de chá da rua Barão de Itapetininga, prosseguia num jantar, prolongava-se à noite. Não era um cenáculo, nem uma escola, muito menos uma ‘capela’; era um laboratório de onde saía o fermento que ia transformar o espírito brasileiro, rejuvenescendo-o.’<sup>1718</sup>

*Comentavam-se livros europeus, dissecavam-se os últimos escritos dos presentes, era um laboratório de onde saía o fermento que ia transformar o espírito brasileiro, rejuvenescendo-o*<sup>1719</sup>. Em suma, ainda que bem intencionadas, a tradição

<sup>1713</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>1714</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1715</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>1716</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>1717</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

<sup>1718</sup> FALCÃO *apud* ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 14.

<sup>1719</sup> FALCÃO *apud* ANDRADE. *Klaxon* uma revista gritante, p. 14.

que imperava nas formulações modernistas era justamente a tentativa de “modernizar”, “transformar” e “rejuvenescer” o Brasil pelo crivo do vínculo placentário com eurocentrismo colonial/moderno, isto é, com base naqueles que em nossas terras efetuaram uma sucessão de genocídios, epistemicídios, colonialidades epistêmicas, artísticas e literárias, dentre outras barbáries desconsideradas pelos ditos “revolucionários”<sup>1720</sup> de 1922 e, por extensão, pelos seus revisionistas críticos. Conforme Mário de Andrade, a *Klaxon* se orientava por uma *causa universal e bela, muito alta*<sup>1721</sup>; para Sérgio Buarque de Holanda, a *Semana de Arte Moderna seria aplaudida por todos os homens decentes, a nova Revista Klaxon, órgão coletivo do movimento paulista, destinara-se a um grande sucesso*<sup>1722</sup>.

Por detrás da *causa universal, bela e muito alta*<sup>1723</sup> modernista, gerida por intelectuais com *vestimentas exageradamente elegantes, posições estudadas, creme, pó de arroz e carmim no rosto*<sup>1724</sup> aos moldes eurocêtricos, escondia-se a pretensão do desenvolvimento, sendo esse, de um viés descolonial, *um outro termo na retórica da modernidade cuja face esconde a organização da lógica da colonialidade das formas de controle dos países terceiro-mundistas*<sup>1725</sup>. Ademais, descortinou-se ainda a necessidade de modernização dos agentes de 1922 enquanto imposição, arrogância<sup>1726</sup> e, de modo proeminente, a defesa pelos ataques à tradição<sup>1727</sup>, em especial, aos modelos estéticos parnasianos em execução, endossando, sobremaneira, o *modus operandi* binário herdado dos *mestres do passado*<sup>1728</sup>

<sup>1720</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>1721</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

<sup>1722</sup> HOLANDA *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

<sup>1723</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

<sup>1724</sup> CARETA *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

<sup>1725</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 293.

<sup>1726</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 19.

<sup>1727</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 20.

<sup>1728</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

européu, para me valer de uma expressão do próprio Mário de Andrade. Na égide de Silviano, *o projeto basilar do modernismo foi a tentativa de atualização da arte brasileira pela escrita vanguardista e modernização social através de um governo dito revolucionário e, ao mesmo tempo, autoritário*<sup>1729</sup>.

*Acabou, portanto, concretizando-se o processo de industrialização por via da opção pelo capitalismo periférico e selvagem pari passu ao abafamento de outras opções socioeconômicas dentro do que se entendia enquanto projeto de progresso*<sup>1730</sup>. Perfilou-se uma espécie de *hibridismo*<sup>1731</sup> apregoando à literatura modernista paulista o caráter *anfíbio*<sup>1732</sup> cujas bases, na superficialidade, *coadunariam elementos vanguardistas europeus ao suposto projeto político de denúncia e transformação social*<sup>1733</sup>, de acordo com a intelectual Fernanda Dusse. Na perspectiva das opções descoloniais, delineou-se, mais uma vez, um cenário de subserviência e dependência dos brasileiros *anthropos* aos supostos *mestres*<sup>1734</sup> eurocentrados *humanitas* os quais as presenças no movimento de 1922 serviriam como filtro de legitimação pseudo-universal do que seria considerado como Arte, Literatura, História etc. (todas com iniciais maiúsculas) relevantes no projeto de uma dita emancipação nacional. À revelia do afirmado por Italo Moriconi em 2022, não houve uma *modernidade nacional*<sup>1735</sup> em 1922, e, sim, a tentativa de construção nacional intermediada pelo cordão umbilical com a modernidade/colonialidade gerindo uma hibridização que, no bojo das descolonialidade, só acaba por endossar nossa

<sup>1729</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>1730</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86-87.

<sup>1731</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1732</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1733</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1734</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>1735</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

dependência cultural, artística, literária e epistêmica enquanto assujeitados à exterioridade do Sul global.

*Por serem epistêmicas, as opções descoloniais implicam o desvinculamento dos fundamentos ocidentais versados nas bases greco-romanas e nas línguas imperiais*<sup>1736</sup>; todavia, desvínculo não empreende abandono, ignorância ou deslegitimação ao que já foi disseminado por todos os cantos do planeta globalizado. Significa, pluriversalmente, a tomada de consciência dos *anthropos* que elegem o *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>1737</sup> por vias de um paradigma *outro* estabelecido pela ruptura com o vínculo placentário colonial. Intenta-se, por consequência, o estrado basilar da pluriversalidade<sup>1738</sup> enquanto única condição existencial de um imaginário universal<sup>1739</sup> obliterando quaisquer tentativas de universalismos abstratos que se apresentem como a única condição existente para tudo e todos, seja no âmbito dos conhecimentos, das artes, das literaturas, das políticas etc. Desse modo, encerro minhas formulações iniciais de um desmodernismo assegurando que *a era da abstração universal chegou ao fim*<sup>1740</sup>, logo, o endosso ao coro uníssonos das críticas revisionistas também não se realiza nesta tese, dado que penso, sobrevivo e re-existo<sup>1741</sup> a partir da exterioridade fronteiriça em um lócus epistêmico vis-à-vis à hegemonia que *construiu e erigiu um exterior a fim de assegurar sua própria interioridade*<sup>1742</sup>; desobedeço-a, portanto, no intuito de desprender-me.

---

<sup>1736</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>1737</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>1738</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>1739</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>1740</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>1741</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1742</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.

Diante do exposto e me direcionando ao encerramento deste subtítulo respaldado pelas minhas opções descoloniais de pesquisador fronteiro em exercício contínuo de autorreflexidade<sup>1743</sup> em relação a *des-aprender*<sup>1744</sup> e *re-aprender*<sup>1745</sup> *muito do que aprendi*<sup>1746</sup> e, sobretudo, *o que ensinaram sobre como aprender*<sup>1747</sup>, encerro estas discussões iniciais do segundo capítulo de tese asseverando a não-subserviência das minhas teorizações aos autores da interioridade, esses *não são venerados como os religiosos fazem com os textos sagrados*<sup>1748</sup>. E, em maior ou menor grau, à maneira que os modernistas delinearão em relação as suas bases eurocêntricas e referenciais de pensamento, arte e literatura para formular uma identidade nacional de um Brasil pretérito e imperfeito. Eleger as opções descoloniais como premissa básica de pensamento implica, ao mesmo tempo, desobediência epistêmica e desprendimento<sup>1749</sup> – conceitos que serão debatidos no subtítulo a seguir – jamais subserviência e endosso à modernidade/colonialidade, tal qual fizeram os modernistas e, mais do que nunca, seus revisionistas em nossas universidades ainda pautadas em universalismos abstratos.

---

<sup>1743</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1744</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1745</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>1746</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1747</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1748</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>1749</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

## 2.3 – Das razões futurista e antropofágica às descoloniais: desobediência e despreendimento epistêmicos

Esses poetas [modernistas] estavam todos imbuídos pelos princípios futuristas, tinham confiança na civilização da máquina e do progresso com o passado histórico nacional e [...] com o primitivo enquanto manifestação do barroco setecentista mineiro. Sobre a viagem [a Minas em 1924], cito uma observação aguda de Brito Broca: ‘Antes de tudo, o que merece reparo, nessa viagem é a atitude paradoxal dos viajantes. São todos modernistas, homens do futuro. E a um poeta de vanguarda [Blaise Cendrars] que nos visita, escandalizando os espíritos conformistas, o que vão eles mostrar? As velhas cidades de Minas, com suas igrejas do século 18, onde tudo é evocação do passado e, em última análise, tudo sugere ruínas. Parecia um contra-senso apenas aparente. Havia uma lógica interior no caso. *O divórcio em que a maior parte dos nossos escritores sempre viveu da realidade brasileira fazia com que a paisagem de Minas barroca surgisse aos olhos dos modernistas como qualquer coisa de novo e original, dentro, portanto, do quadro de novidade e originalidade que eles procuram.* E não falaram, desde a primeira hora, numa volta às origens da nacionalidade, na procura do filão que conduzisse a uma arte genuinamente brasileira?’.

BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121, grifos meus.

Brito Broca, a meu ver, é muito feliz mostrando o dilaceramento do modernismo, logo no seu início. Por um lado, uma estética futurista que pregava a desvinculação com o passado, e nesse sentido é bom lembrar o ‘Manifesto futurista’, onde Marinetti pregava o incêndio de bibliotecas e museus; e, por outro lado, o choque no contato inesperado e frutífero com a tradição mineira. *E o que surge desse contato?*

SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 122, grifos meus.

Atravessado pelas discussões do subtítulo anterior a partir de um panorama do modernismo e do seu centenário, problematizados à luz do meu Silviano e, para além dele, das opções descoloniais alcinhas nos horizontes epistemológicos *outros* desta tese crítica biográfica fronteira, direciono-me, agora, a dois aspectos particulares do movimento paulista, a citar: o futurismo e a antropofagia, no engaste de suas correlações umbilicais eurocêntricas com a ideia de um Brasil pretérito e imperfeito. No campo teórico aqui delineado, evocarei as vanguardas mencionadas enquanto razões futuristas e antropofágicas contrapostas às descoloniais no ensejo

de dar continuidade ao *des-aprender*<sup>1750</sup> e *re-aprender*<sup>1751</sup> muito daquilo que *aprendi*<sup>1752</sup> sobre o modernismo de 1922; neste momento, pela chancela conceitual da desobediência e do desprendimento epistêmicos. Isso, pois, compreendo que ao me respaldar em perspectivas *outras* de um pensar-viver fronteiriço, intento o *desvinculamento dos fundamentos ocidentais*<sup>1753</sup> *versados nas bases greco-romanas e nas línguas imperiais*<sup>1754</sup>, essas endossadas à exaustão pelos agentes de 1922.

Dessa forma, retorno às epígrafes do meu mineiro iniciando as reflexões deste subtítulo com base na viagem dos modernistas a Minas Gerais em 1924<sup>1755</sup>. Dentre eles: Mário e Oswald de Andrade acompanhados do poeta suíço-francês Blaise Cendrars com o objetivo de, *imbuídos pelos princípios futuristas confiando na civilização da máquina e do progresso, encontrarem o novo e o original dentro do quadro do make-it-new que procuravam*<sup>1756</sup>. Nesse cenário, descortinam-se duas questões pujantes em torno das minhas problematizações assentadas no modernismo em favor da hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito, são elas: *o divórcio entre nossos escritores, alheios às realidades brasileiras, e o dilaceramento do movimento desde seu início*<sup>1757</sup>. Então, *o que surge desse contato pautado nas atitudes paradoxais dos viajantes, supostos “homens do futuro”, e nas “velhas cidades de Minas” simbolizadas pela evocação do passado e as sobressalências das ruínas?*<sup>1758</sup>

Ademais, *como produzir uma arte genuinamente brasileira*<sup>1759</sup> *se, de um lado, germinava-se o princípio estético futurista pregando a desvinculação com o passado*

---

<sup>1750</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1751</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>1752</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>1753</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>1754</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>1755</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1756</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1757</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 122.

<sup>1758</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1759</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

ao defender o incêndio de bibliotecas e museus e, na contracorrente, o choque no contato com a tradição mineira?<sup>1760</sup> Na esteira de Brito Broca, entrevejo que tal contrassenso era apenas aparente<sup>1761</sup>, mas revelou o quanto tais escritores, embebidos das teorias itinerantes<sup>1762</sup> eurocêntricas que por aqui aportaram com hospitalidades irrestritas e canibalizações automutiladoras, desconheciam as especificidades, leia-se fronteiras, do seu próprio país<sup>1763</sup>. E, por isso, as “ruínas mineiras”<sup>1764</sup>, exteriores à dita e conhecida *renascença paulista*<sup>1765</sup>, saltaram-lhes aos olhos por se apresentarem enquanto *o quadro de novidade e originalidade que tanto procuravam*<sup>1766</sup> em uma tentativa de *volta às origens da nacionalidade*<sup>1767</sup> na busca de uma arte pretendida “genuinamente brasileira”<sup>1768</sup>, ainda que enviesada por paradigmas modernos/coloniais revestidos de “ismos”, tais quais o futurismo, dadaísmo, surrealismo, cubismo etc., advindos das “metrópoles” eurocentradas.

Na insígnia da crítica biográfica fronteira, *entrecortada pelas opções descoloniais como desobediência e desprendimento epistêmicos*<sup>1769</sup>, os modernistas, ao voltarem seus olhos para as cidades antigas de Minas, *com suas igrejas do século XVIII onde tudo remetia ao passado*<sup>1770</sup>, *não firmaram um apregoamento daquela história local específica*<sup>1771</sup> no rol das diversidades enquanto o único projeto universal possível<sup>1772</sup>. Pelo contrário, alimentaram a razão moderna<sup>1773</sup> do

---

<sup>1760</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 122.

<sup>1761</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1762</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1763</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1764</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1765</sup> ANDRADE. *Arte moderna II*, p. 39.

<sup>1766</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1767</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1768</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1769</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>1770</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1771</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1772</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1773</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 140.

*universalismo abstrato*<sup>1774</sup> não desobedecendo ou se desprendendo *do imaginário mundial colonial*<sup>1775</sup> ao mesmo tempo que acabaram por fetichizar<sup>1776</sup> a tradição mineira em prol da perseguição incessante do dito “novo” revestido de “progresso”, “velocidade” e “modernização”, para me valer do campo semântico já trabalhado no 2.2 com base em minhas experiências de professor de cursinho ministrando aulas sobre o movimento de 1922. Ainda que calcado em uma ideia pretendida brasileira, o modernismo *não deu conta de repensar e reconceitualizar as narrativas já postas e as conceituações generalizadas que dividiam o mundo e o país entre modernos e pré-modernos, desenvolvidos e subdesenvolvimentos etc. pelos projetos globais incumbidos de mapear nossas diferenças coloniais*<sup>1777</sup>.

Por desobediência e desprendimento epistêmicos, sendo aqui evocados em conjunto na medida que concebo o segundo como consequência da primeira, *entendo o campo das eleições outras a partir das quais não temos a obrigatoriedade*<sup>1778</sup> *teórico-artística de aceitarmos os caminhos postos e institucionalizados*<sup>1779</sup>, sobretudo, pela suposta supremacia eurocêntrica *universalista e abstrata*<sup>1780</sup>. Por óbvio, *não podemos evitá-las, mas isso não requer, necessariamente, que devamos obedecê-las*<sup>1781</sup> enquanto os únicos “saberes mestres” existente nas diversidades que grassam de todos os *loci* do mundo. Optar descolonialmente por ser desobediente e desprendido implica *habitar, sentir e pensar da/na fronteira ressubjetivando*<sup>1782</sup>

<sup>1774</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1775</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1776</sup> No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o termo “fetiche” aparece como “1 objeto a que se atribui poder sobrenatural ou mágico e se presta culto 2 objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas.”. Nesse preciso sentido, a ideia de *objeto inanimado* será desenvolvida *a posteriori* neste subtítulo a partir da viagem dos modernistas a Minas Gerais em 1924.

<sup>1777</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139.

<sup>1778</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 19.

<sup>1779</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 19.

<sup>1780</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1781</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 19.

<sup>1782</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 19.

aquilo que nos foi imposto pela égide de uma forma *outra* de pensar enquanto nossa *terceira opção*<sup>1783</sup>. Com tal premissa levada a cabo, faz-se explícito para mim, de uma visada crítica fronteiriça, que os modernistas não compreenderam *que nossos sentidos foram aparelhados e treinados para percebermos nossas diferenças coloniais que, incrustadas em nossos corpos e mentes, descortinam o horizonte de que fomos tornados anthropos*<sup>1784</sup> e, enquanto tais, *não compomos parte integrante relevante para aqueles que nos tomam enquanto “os outros”*<sup>1785</sup>.

Munido de seus anseios e desejos revolucionários<sup>1786</sup>, o modernismo de 1922 não despendeu preocupações pujantes com sua condição fronteiriça aportada no Sul global e, portanto, perdeu de vista o fato de que *nossos saberes de anthropos, quando desobedientes e desprendidos*, não aspiram universalizar-se, ou seja, *converter-se em humanitas, pois foi tal enunciação que nos tornou, ficcionalmente, anthropos*<sup>1787</sup>. Por tal baliza, é justificável argumentar em favor de uma falsa desobediência modernista, em absoluto, não-desprendida das ditas vanguardas europeias, haja vista sua dificuldade de *se desassociar da metrópole, tornar-se epistemicamente desobediente*<sup>1788</sup> e *escre(vi)ver Literatura ou mesmo produzir Arte “genuinamente brasileiras”*<sup>1789</sup> *pelo crivo de uma práxis descolonial situada nas fronteiras e histórias locais*<sup>1790</sup> destes trópicos imperfeitos e pretéritos *em confronto com os projetos globais*<sup>1791</sup> *pretendidos universalizadores abstratos*<sup>1792</sup> *direcionados a tudo e a todos* que estivessem em seu caminho hegemônico.

---

<sup>1783</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19.

<sup>1784</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1785</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1786</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>1787</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1788</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1789</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1790</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1791</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>1792</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

Mesmo que bem-intencionados, os proponentes e divulgadores de 1922 não conseguiram alcinhar *conjuntos diversos de práticas outras*<sup>1793</sup> *que emergissem dos e respondendo aos nossos legados coloniais na intersecção, em especial, com a Europa*<sup>1794</sup>. Mas, sim, elevaram às últimas instâncias, nas palavras de Brito Broca evocado por meu Silviano, *o divórcio dos intelectuais com as realidades brasileiras*<sup>1795</sup> ao alimentarem o explicitado por Mignolo quando assente que *as teorias viajam chegando aos lugares pela interceptação das diferenças coloniais, em destaque, àqueles que os legados coloniais ainda estão incrustados nas memórias dos seus habitantes e que, por isso, podem ser consideradas, também, como novas formas de colonização*<sup>1796</sup>. O exposto se faz ainda mais pertinente quando trazemos à voga as relevâncias das vanguardas europeias para o modernismo brasileiro, sobretudo, se considerarmos a presença do futurismo e seus princípios de “progresso” e “modernização” para o que se produzia neste país pretérito e imperfeito enquanto Literatura e Arte no século XX.

Ademais, questiono: *qual a função ou o papel representado por essas teorias itinerantes aqui onde foram importadas?*<sup>1797</sup> Ou além, *qual o vínculo entre nossos loci geoistóricos do século XX e as produções desses saberes?*<sup>1798</sup> *Quais foram as histórias locais narradas por esses agentes e suas teorias*<sup>1799</sup> em favor de, realmente, *pensarmos por nós mesmos pela insígnia de não-europeus?*<sup>1800</sup> Ao que me parece, é *fato que algumas muitas teorias viajam*<sup>1801</sup>, enquanto muitíssimas outras não, e isso

---

<sup>1793</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135.

<sup>1794</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135.

<sup>1795</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1796</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 234.

<sup>1797</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 234.

<sup>1798</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 234.

<sup>1799</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 234.

<sup>1800</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 132.

<sup>1801</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 235.

*se deve à invisibilidade que as diferenças coloniais as impõem quando postas vis-à-vis às dominantes, pois essas têm passaporte para atravessar toda e qualquer fronteira de maneira irrestrita*<sup>1802</sup>. À revelia do que se poderia supor *a priori* no que concerne ao apego pujante do modernismo às vanguardas europeias, para a descolonialidade, não poderia jamais tomá-las apenas como *instrumentos a fim de iluminar a inteligência de seus anfitriões*<sup>1803</sup> ou *desvelar horizontes que não poderiam ser percebidos sem tais deslocamentos teóricos*<sup>1804</sup>.

Ante o cenário delineado, não tenho dúvidas de que os escritores e intelectuais modernistas tinham condições suficientes para fundarem uma ideia *outra* de Brasil por si mesmos, ou melhor, *enquanto não-europeus*<sup>1805</sup>, pensando e escre(vi)vendo através de suas próprias impressões desobedientes e desprendidas de Literatura e Arte no país. Todavia, não o fizeram, e, sim, além de fetichizarem histórias locais, à moda do que mencionei a partir do meu Silvano sobre a viagem a Minas em 1924, alimentaram o pseudo-vínculo placentário e umbilical com nossos próprios colonizadores que por aqui não fizeram outra coisa senão disseminar a violência, opressão, intolerância, genocídio, epistemicídio dentre muitas outras formas de operacionalização da matriz colonial de poder. Sendo essa, julgo necessário ressaltar, ainda que seu cerne conceitual já tenha sido discutido no capítulo I desta tese, a força latente que nos exterioriza há mais de quinhentos anos quase como se não pudéssemos *pensar por nós mesmos enquanto não-europeus*<sup>1806</sup>, *com as nossas próprias preocupações*<sup>1807</sup> locais e biográficas de gente que re-existe<sup>1808</sup> e escre(vi)ve

---

<sup>1802</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 236.

<sup>1803</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 235.

<sup>1804</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 235.

<sup>1805</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 132.

<sup>1806</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 132.

<sup>1807</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 132.

<sup>1808</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

do outro lado da borda. Caso tivessem empreendido perspectivas *outras*, desobedientes e desprendidas, posso imaginar que os modernistas *haveriam de nos fazer crer que existiam outras saídas*<sup>1809</sup> àquelas brindadas pelo eurocentrismo “vanguardista”.

Nessa esfera, pela alcunha de escritores e artistas respaldados por um desprendimento epistemológico colaborariam com *a confiança de que outros mundos seriam possíveis, não apenas um universal, mas diversos*<sup>1810</sup> no engaste de problematizar nossas diferenças coloniais e a matriz de poder que nos entrecorta há tanto tempo. Seria possível argumentar em favor de um caráter, talvez, “pós-colonial”<sup>1811</sup> do modernismo, caso o movimento de 1922 desobedecesse e se desprendesse das razões modernas/coloniais defendendo algo como próximo a esta premissa: *não, obrigado, mas não é do nosso interesse sermos incluídos em modelos sociais, econômicos, epistêmicos, subjetivos*<sup>1812</sup> eurocêntricos. Entretanto, tais discordâncias se localizaram, no geral, apenas na enseada, para a descolonialidade, *dos termos*<sup>1813</sup>, isto é, da estética<sup>1814</sup> que regia as normativas literário-artísticas da época em formas clássicas e estáveis, desconsiderando *o conteúdo, cujo cerne poderia ter se direcionado às categorias de pensamento negadas*<sup>1815</sup> neste Brasil imperfeito e pretérito, sobremaneira, sem a presença da fetichização objetificante dos ditos “outros”.

Nesse preciso sentido, do que serviriam, por exemplo, os princípios futuristas de “modernização” e “progresso” para os indígenas desde sempre em situação de

---

<sup>1809</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 12.

<sup>1810</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 12.

<sup>1811</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1812</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 14.

<sup>1813</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 21.

<sup>1814</sup> ANDRADE *apud* AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 727.

<sup>1815</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 21.

exterioridade incessante? Ou mesmo aos negros que, mesmo depois da abolição da escravidão em 1888, ainda viviam sob o peso da opressão racial? Que arte “*genuinamente brasileira*”<sup>1816</sup> era essa gerida no seio dos paradigmas modernos/coloniais europeus e desprovidos de quaisquer ressonâncias com a realidade da imperfeição pretérita do Brasil? Nesse intento, valho-me do exposto por Mignolo na égide de que o realizado pelo modernismo de 1922 não se faz tão escandaloso quando percebemos que, *à diferença de outros países latino-americanos, o Brasil possui uma tendência crítica mais “generosa” em receber e avaliar teorias estrangeiras, sejam as advindas da Europa ou dos Estados Unidos*<sup>1817</sup>. Isso, em específico, quando se tem o sobressalto crítico de que *teorias são, também, mercadorias acadêmicas*<sup>1818</sup> e, por esse motivo, urge a necessidade de vendê-las e disseminá-las do Norte para o Sul global, em relevo, *para os que vivem à mercê da dominação colonial*<sup>1819</sup> *na tentativa de re-existir*<sup>1820</sup> *pelo crivo do empreendimento das negociações de suas vidas em condição periférica*<sup>1821</sup>.

Se, hoje, passados mais de cento e trinta anos de abolição da escravidão e quinhentos anos desde o início do genocídio indígena no Brasil, tais grupos ainda sofrem com o peso da matriz colonial de poder, em especial, no estado sul-matogrossense a partir do qual escre(vi)vo esta tese, pergunto-me sobre o lugar ocupado por tais assujeitados há cem anos durante o tempo que as inquirições modernistas transcorreram. No que tange a essa razão moderna<sup>1822</sup> alimentada pelo modernismo, destitui-se de quaisquer desobediências ou desprendimentos a fim de endossar a

<sup>1816</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1817</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.

<sup>1818</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 141.

<sup>1819</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 141.

<sup>1820</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>1821</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 141.

<sup>1822</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

lógica do si-mesmo, do *humanitas*, de que só ele pode pensar e que nós, enquanto *anthropos*, não temos capacidade alguma de formularmos sequer nossas próprias conceituações de Literatura, Arte ou mesmo de Brasil. Esse, em hipótese alguma para a crítica biográfica fronteira, será aquele interceptado por teorias mercantilizadas, viajantes do Norte global para os trópicos, em que as bordas, margens, fronteiras, dissidências e os assujeitados estejam, mais uma vez, de fora e sendo representados por, em sua maioria, homens brancos e de classes médias interpolando suas vozes revestidas de ressonâncias eurocentradas sobre aqueles que jamais puderam assumir o protagonismo de suas próprias histórias e, por extensão, quaisquer formas de produção de conhecimento, seja na esfera teórica ou literário-artística.

Imbuído dos conceitos de desobediência e desprendimento epistêmicos aportados na crítica biográfica fronteira, a partir da qual escre(vi)vo estas teorizações *outras*, discordo de Silviano quando o mineiro afirma que *a alquimia poética do modernismo é pós-colonial, fingida e realisticamente utópica*<sup>1823</sup>. E por uma justificativa sumária: a ausência latente das problematizações em torno *das diferenças coloniais*<sup>1824</sup>, *apregoadas às epistemes da modernidade*<sup>1825</sup>, sobressalentes em nossas vidas, mentes e produções de habitantes da exterioridade pretérita e imperfeita chamada de Brasil, *pari passu* ao fato da *não-dissociação*<sup>1826</sup> do que aqui se produzia enquanto arte chamada de “*genuinamente brasileira*”<sup>1827</sup>, mas filtrada pela presença irrestrita da interioridade hegemônica. Nessa chave, o movimento *ignorou os loci de enunciações silenciados por aqui* – quando os escutou, fizera-o pelo crivo da fetichização objetificante – *bem como as possibilidades de denúncia no cerne das*

---

<sup>1823</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1824</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 28.

<sup>1825</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 28.

<sup>1826</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 28.

<sup>1827</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

*enunciações imperiais assumidas*, por si mesmas e endossadas pelos modernistas, *como universais*<sup>1828</sup>. Não há, no bojo de uma totalidade generalizante, desobediência epistêmica ou mesmo desprendimento naquilo simbolizado por 1922, mas, sim, falsa desobediência revestida por hospitalidades irrestritas e canibalizações automutiladoras por excelência.

Em outras palavras, alimentou-se a premissa moderna/colonial *de que se faz impossível para nós*<sup>1829</sup>, *não-europeus*<sup>1830</sup>, *teorizar e produzir para além das categorias greco-latinas*<sup>1831</sup> *adaptadas para as línguas imperiais*<sup>1832</sup>. O que não se considera nesse intento, sobremaneira pelas revisões críticas do movimento as quais tratei no subtítulo 2.2, é justamente o fato de que *essa suposta “incapacidade” não diz respeito às deficiências pessoais*<sup>1833</sup> dos críticos, escritores e/ou artistas brasileiros. Pelo contrário, *só comprova o êxito imperial no manejo da colonialidade do poder*<sup>1834</sup>, e de sua matriz, *nestes trópicos nos levando a crer que não existem formas outras de pensamento*<sup>1835</sup> exteriores àquelas assentadas, em 1922, na Europa e, hoje, nos Estados Unidos. Da perspectiva descolonial, exterior tanto ao meu Silviano quanto ao modernismo aqui evocado, fica explícito que o *imperialismo do pensamento único*<sup>1836</sup>, *seja o cristão, liberal, marxista, moderno ou pós-moderno*<sup>1837</sup>, *isto é, o universalismo abstrato*<sup>1838</sup> *da razão moderna*<sup>1839</sup>, *infiltrou-se na história do Ocidente*<sup>1840</sup> *em sua*

---

<sup>1828</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 30.

<sup>1829</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 12.

<sup>1830</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

<sup>1831</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 12.

<sup>1832</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 13.

<sup>1833</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 13.

<sup>1834</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 13.

<sup>1835</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 13.

<sup>1836</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 27.

<sup>1837</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 27.

<sup>1838</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1839</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

<sup>1840</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 27.

*disseminação globalizada desde o século XVI*<sup>1841</sup> até o transcorrer do cotidiano que circunda esta minha teorização fronteiriça.

Logo, dissemina-se a premissa hegemônica moderna/colonial de que *quem habita um país econômico e tecnologicamente “subdesenvolvido” escre(vi)ve a partir de uma “forma sombria de pensar” não podendo realizar nenhum formato de pensamento teórico ou literário-artístico significativo em comparação ao que se faz no dito “Primeiro Mundo”*<sup>1842</sup>. Nesse raciocínio, uma das problemáticas que permeia os modernistas, em sobressalto, com seus demasiados “ismos” advindos das vanguardas europeias, com destaque ao futurismo italiano, é a tentativa de se produzir uma *“arte genuinamente brasileira”*<sup>1843</sup>, à moda que os excertos reproduzidos neste subtítulo através do meu mineiro explicitam, enviesados pelas teorias itinerantes<sup>1844</sup> eurocentradas e, em primordial, pelo desconhecimento ou mesmo fetichização das fronteiras, bordas e margens do seu próprio país, isso sem considerar as dimensões geoistóricas e epistemológicas da América Latina que circunda este nosso Brasil pretérito e imperfeito.

Assim, às teorias, ou melhor: às mercadorias acadêmicas<sup>1845</sup>, que transpassaram diversos *loci* de Norte a Sul globais para aqui aportarem, o movimento de 1922 ofereceu hospitalidades irrestritas e canibalizações automutiladoras, dado que endossaram a própria modernidade/colonialidade e seus grilhões *universais abstratos*<sup>1846</sup> que sempre o situaria na absoluta exterioridade da inexistência enquanto saber relevante ou possível<sup>1847</sup>. No corpo do que denomino de “canibalizações

<sup>1841</sup> MIGNOLO. La descolonización del ser y del saber, p. 27.

<sup>1842</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 236.

<sup>1843</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1844</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1845</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 141.

<sup>1846</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1847</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

automutiladoras”, entendo que modernismo alimentou duas vezes a razão moderna<sup>1848</sup> e sua *práxis* autocentrada; primeiro, enquanto país já tomado pela insígnia de “colonizado” e situado no Sul global, considerando o conceito de “modernidade” debatido no subtítulo 2.2; segundo, por replicar à última potência, quase como um *espelhamento mimetizador* – o pleonasma é proposital –, os paradigmas vanguardistas europeus na tentativa vã de construir uma ideia de Literatura, Arte e, sobretudo, de país independente, entretanto, feito através do intermédio umbilical com a dita “metrópole”: a suposta detentora da *única forma possível* de se produzir quaisquer conhecimentos, neste caso, artístico-literários.

O contrassenso, portanto, situa-se para além do descortinado por Silviano e Brito Broca nas epígrafes que iniciam este subtítulo, visto que se dá justamente pelas diferenças coloniais imbricadas as maneiras de se produzir qualquer coisa, de qualquer ordem, neste Brasil pretérito e imperfeito. Na esteira de Mignolo, eu, na posição de crítico biográfico fronteiriço, dissidente sexual, professor de literatura *deslendo para re-ler*<sup>1849</sup> minha própria trajetória profissional e de vida ao escre(vi)ver à luz dos trópicos crepusculares de um estado periférico no espectro geral do país pretérito e imperfeito, só posso oferecer ressonância quando perlabora que *os intelectuais europeus têm suas preocupações*<sup>1850</sup>, *nós, no lugar de não-europeus*<sup>1851</sup>, *temos (ou deveríamos ter) as nossas*<sup>1852</sup>, *ainda que seja impossível nos darmos ao luxo de desconhecer as epistemes ocidentais*<sup>1853</sup>. Esquecer o que se produz há séculos no Ocidente não é o ponto das minhas problematizações; pelo contrário, resvala em compreender apenas que não temos a obrigatoriedade de *venerar tal qual os*

<sup>1848</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

<sup>1849</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>1850</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 163.

<sup>1851</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 163.

<sup>1852</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 163.

<sup>1853</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 163.

*religiosos exercitam com os textos sagrados*<sup>1854</sup>, e por que não os modernistas também?, para ler ou produzir “melhor” com base nos múltiplos contextos que nos atravessam.

Desobedecer para desprender-se não implica, como condição *sine qua non*, ignorar ou esquecer<sup>1855</sup>, até mesmo porque tal prática seria impossível, dada a consolidação do pensamento eurocêntrico no planeta, em especial, nos *loci* minados pelas diferenças coloniais. Engasta-se, então, os *esplendores e as misérias dos saberes não-europeus em um lance duplo ao trazer à voga a urgência dos potenciais epistêmicos de habitar e pensar a partir das fronteiras*<sup>1856</sup>, posto que podemos, sim, *pensar e fazer por nós mesmos*<sup>1857</sup> nos *arregimentando das preocupações vitais deste “Terceiro Mundo”*<sup>1858</sup>. Nesse ínterim, a descolonialidade é pujante para tecer tais problematizações acerca do movimento de 1922, pois nos recorda que *não estamos em silêncio, nem pedindo reconhecimento ou mesmo integração, tais termos são descabidos e devem ser rechaçados*<sup>1859</sup> e a ideia de que o “Primeiro Mundo” possui conhecimento ao passo que o “Terceiro” tem apenas cultura<sup>1860</sup> esboroa-se. Em elementos práticos, seria o mesmo que aferir: os afrodescendentes brasileiros têm experiência, os brancos Arte e Literatura, os indígenas sabedoria e os brancos ciência<sup>1861</sup>; de alguma maneira, intencionada ou não, essa foi a lógica replicada pelos paradigmas modernistas ditos “transgressores” e “revolucionários”<sup>1862</sup> tão pouco desobedientes ou mesmo desprendidos.

---

<sup>1854</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>1855</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>1856</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 163.

<sup>1857</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 170.

<sup>1858</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 170.

<sup>1859</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 159.

<sup>1860</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>1861</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>1862</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

Tal lógica, incrustada na razão moderna<sup>1863</sup> do modernismo, simplesmente *deixou de fora, talvez sequer sem mesmo poder observar*<sup>1864</sup>, as exterioridades na “revolução” ensejada pelo movimento de 1922. Isso *pari passu* ao fato de dar prosseguimento à *longevidade das colonialidades do saber e do ser, dado que as epistemes são passíveis de modelarem as subjetividades humanas*<sup>1865</sup>; nesse viés, para os situados na exterioridade, resta apenas *a inexistência sem ao menos serem considerados pessoas pensantes*<sup>1866</sup>. No bojo da quase impossibilidade de desobediência e desprendimento epistêmicos, Silviano cita Mário de Andrade quando o paulista afere que: “[...] um crítico do senso-comum afirmou que tudo quanto fez o movimento modernista, far-se-ia da mesma forma sem o movimento.”<sup>1867</sup> e complementa “Não conheço lapalissada mais graciosa. Porque tudo isso que se faria, mesmo sem o movimento modernista, seria pura e simplesmente... o movimento modernista.”<sup>1868</sup>. Não ironicamente, posiciono-me em concordância com o “crítico do senso-comum” e por uma justificativa já aposta neste subtítulo.

Isso, pois, novamente atravessado por Mignolo, *diferentemente de outros países latino-americanos*<sup>1869</sup>, *o Brasil expressa um posicionamento mais “aberto” e “receptivo” às teorias estrangeiras*<sup>1870</sup>; por esse motivo, faz-se explícito o porquê de as vanguardas europeias terem encontrado tanta ressonância nesse nosso lócus imperfeito e pretérito. Talvez, tal qual Mário ressaltou, a nomenclatura do movimento fosse outra, todavia, não entrevejo um *modus operandi* muito distante do que se perfilou aqui nos meados de 1922: a distância sobressalente entre uma elite intelectual

---

<sup>1863</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

<sup>1864</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>1865</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>1866</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>1867</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 88.

<sup>1868</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 88.

<sup>1869</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.

<sup>1870</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.

de, em sua maioria, homens brancos e médios nas posses econômicas, dotados de referenciais eurocêntricos engastados em um *universalismo abstrato*<sup>1871</sup> hegemônico e o Brasil real em todas as exterioridades, margens e periferias desconsideradas ou, quando lembradas, lidas pela fetichização quase como se seus agentes fossem pertencentes a uma *renascença*<sup>1872</sup> europeia, porém, nesse caso, à *renascença paulista*<sup>1873</sup>, nas palavras de Mário de Andrade. Face à receptividade brasileira, o intelectual João Cesar de Castro Rocha é pujante quando questiona: *como cotejar formulações próprias se até a língua para se expressar é alheia? Ou, no mínimo, fora imposta?*<sup>1874</sup>

*De que modo abraçar um movimento transgressor, cujo eixo central recusa modelos incontestáveis da tradição, se, em concomitância, é pré-existente uma submissão às regras e aos modelos das vanguardas europeias enquanto manual de instruções e sempre produzido em língua estrangeira?*<sup>1875</sup> Do ponto de vista da minha hipótese circunscrita pela imperfeição pretérita do Brasil, parece ser mais aceitável, para os modernistas, abrirem-se para as importações da metrópole do que se engastar, de fato, nas fronteiras do próprio país sem o paradigma de construção e endosso dos supostos “outros”. Nos dizeres do meu Silviano, *os romancistas recentes mais promissores já rejeitam o peso da tradição modernista*<sup>1876</sup> *sem negarem sua importância para as discussões artísticas no país, até porque é difícil se verem livres das cordas com que seus pais intelectuais, modernistas, amarrara-os*<sup>1877</sup>. Na base do descortinado pelo meu mineiro, localiza-se também este capítulo de tese, ainda que

---

<sup>1871</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1872</sup> ANDRADE. *Arte moderna II*, p. 39.

<sup>1873</sup> ANDRADE. *Arte moderna II*, p. 39.

<sup>1874</sup> ROCHA. *Manifestos*, p. 166.

<sup>1875</sup> ROCHA. *Manifestos*, p. 166.

<sup>1876</sup> SANTIAGO. *Fechado para balanço*, p. 99.

<sup>1877</sup> SANTIAGO. *Fechado para balanço*, p. 100.

minhas discussões se assentem, sobretudo, em problematizar os grilhões modernos/coloniais do modernismo de 1922 e muito em suas revisões críticas.

Não o faço no intento de deslegitimar sua relevância para a Arte e a Literatura do/no Brasil, considero sua relevância, mas, ao mesmo tempo, não endosso o coro unísono e quase sacro do movimento enquanto o agente latente de “emancipação” ou “independência” nacionais no século XX. Entendo que *seu espírito foi tomado por uma vontade de criar um estado de espírito nacional e uma liberdade angariando ser a ruptura ou o abandono consciente e revoltoso dos princípios, paradigmas e técnicas*, contudo, isso se concretizou *apenas no âmbito da estética*<sup>1878</sup> com suas formas livres e despreocupadas em detrimento às estruturas clássicas do parnasianismo<sup>1879</sup>. *Com suas modas importadas da Europa, arrebataram-se pelos ventos da destruição acreditando invocar*, nas palavras de Mário, “um amilhoramento político-social do homem”<sup>1880</sup> aconselhando às *multidões que marchassem, algo que o modernismo não havia conseguido realizar*<sup>1881</sup>. E pela seguinte justificativa descortinada pela professora Fernanda Dusse: *o Brasil dos intelectuais (a cultura da elite) e o dos dizimados, explorados e esquecidos simplesmente não dialogam*<sup>1882</sup>, dado que *as linguagens das culturas minoritárias se encontram sempre em guerra com as linguagens, Arte e Cultura ocidentalizadas, subdesenvolvidas*<sup>1883</sup> e *empenhadas na aproximação*, mesmo que mínima, *dos padrões universais*<sup>1884</sup>, posicionamento engastado à última instância pelo movimento de 1922.

---

<sup>1878</sup> ANDRADE *apud* AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 727.

<sup>1879</sup> CASTRO. ‘A ideia da Semana de 22 foi de Di Cavalcanti’, diz o escritor e jornalista Ruy Castro, s/p.

<sup>1880</sup> ANDRADE *apud* AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 726.

<sup>1881</sup> ANDRADE *apud* AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 726.

<sup>1882</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1883</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1884</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

Através desse impulso moderno/colonial, incorre-se *no risco da fetichização*, a exemplo da viagem a Minas em 1924 já citada, *de um país que, mesmo real e em maioria quantitativa, não é aquele experienciado pela elite cultural, econômica e política e, por consequência, não faz jus ao Brasil*<sup>1885</sup> dos ditos “homens do futuro”<sup>1886</sup>, para utilizar o termo de Brito Broca evocado por Silviano. Para Fernanda Dusse, o *projeto artístico de Mário de Andrade se delinea pelos contornos da solidariedade, com todos os ecos cristãos, de caridade e filantropia que o termo tensiona, ao resvalar em um “esforço” dos intelectuais na busca por um “Brasil real” a partir da escuta e do aprendizado com os “verdadeiros responsáveis” por aqueles loci*<sup>1887</sup>. Conforme meu mineiro explicita, Mário, *entremeado pelo posicionamento de ativista em prol de construir uma nova sociedade, abdica, por um espaço de tempo, a cultura da elite ao se entregar à solidariedade*<sup>1888</sup>.

Através disso, “[...] [Mário] busca o saber que existe na expressão cultural dos descendentes de grupos étnicos que foram dizimados, ou explorados e esquecidos pela elite escravocrata e europeizada do país.”<sup>1889</sup>. Para fazê-lo, o escritor paulista *deixou de lado as correspondências literárias e se direcionou às conversas, sendo esse o modo que utilizava para se aproximar*<sup>1890</sup>, nos ditos de Silviano, *agressiva e despidamente, sensual e fraternalmente, dos supostos “outros” fazendo com que passassem de indivíduos a cidadãos, de objeto a sujeito do saber, enquanto Mário ocuparia o lugar de receptáculo de um saber desconhecido que, dado o conagraçamento da conversa, passaria a também ser seu*<sup>1891</sup>. *A priori*, na superfície do

<sup>1885</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1886</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1887</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1888</sup> SANTIAGO *apud* DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1889</sup> SANTIAGO *apud* DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1890</sup> SANTIAGO *apud* DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1891</sup> SANTIAGO *apud* DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

realizado pelo pai do modernismo brasileiro, poderia se pensar que estivesse disposto a compreender as diversidades que grassam das exterioridades pretéritas e imperfeitas do país, sobremaneira, as histórias locais e biográficas que a partir delas são projetadas.

No entanto, na égide de Dusse, concebo que *a solidariedade aposta não é, na completude, a troca, mas, sim, a conquista de um saber outro através daquele assujeitado concebido enquanto “objeto”<sup>1892</sup> e, pelos poucos pontos de contato com a elite cultural divorciada das realidades brasileiras<sup>1893</sup>, tornaria-se sujeito do conhecimento<sup>1894</sup>. Nessa lógica moderna/colonial, o escritor paulista se entendia enquanto esse próprio sujeito do conhecimento e, mesmo transcorrida a conversa, permaneceria assim<sup>1895</sup> – o que, novamente, descortina uma absoluta disrupção entre os modernistas e quaisquer problematizações em torno das diferenças coloniais que irrompem em todos nós habitantes deste Brasil imperfeito e pretérito, independentemente dos nossos grupos de pertencimento, o que, claro, também infere nos graus de assujeitamento os quais somos submetidos, como classe social, etnia, raça, sexualidade, gênero etc. A questão aportada na *práxis* moderna de Mário se faz questionável, em destaque, ao alimentar a premissa *utópica de um Brasil unificado e coeso em que o erudito e o popular estivessem alinhados, assim como o europeu, o indígena e o negro de mãos dadas*<sup>1896</sup>.*

Então, põe-se em cena justamente a razão moderna/colonial de tornar *tudo e todos* “objetos de estudo” em prol do *universalismo abstrato*<sup>1897</sup> dissociado de

---

<sup>1892</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1893</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1894</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1895</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1896</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1897</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

quaisquer princípios descolonizados de diversalidade, pluriversalidade e co-existência pela diferença ou até mesmo das feridas coloniais que sobrevivem em nós enquanto habitantes de uma ex-colônia europeia. É fato que desejamos o Brasil enquanto um *espaço mais justo, democrático e solidário*<sup>1898</sup>, meu primeiro capítulo desta tese debruçado sobre a política hegemônica bolsonarista torna esse desejo gritante, mas, de uma visada crítica biográfica fronteiriça, jamais o seria pelo crivo de qualquer *universalização homogeneizante*<sup>1899</sup>, sobretudo, se pautada pelo endosso, já aquilatado nos paradigmas ocidentais, “dos outros” sempre enquanto “os outros” (*anthropos*), em especial, se fetichizados. Ainda na esfera do elitismo incrustado nos agentes do modernismo, as intelectuais Marília Rothier Cardoso e Eneida Maria de Souza evocam a célebre frase de Oswald de Andrade: “A massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico.”<sup>1900</sup>.

Para as professoras citadas, o excerto de Oswald *desvela atitudes hierarquizantes do escritor no que concerne aos diálogos entre obra e público geral justamente por localizar nas massas exteriorizadas a confiança de que algum dia poderiam acessar o “valor” e a “qualidade” do que se compreendia como a “verdadeira obra de arte”*<sup>1901</sup>. Da minha perspectiva descolonial, por óbvio, o exposto replica novamente o princípio *universalizante abstrato*<sup>1902</sup> tão perseguido pelos modernistas pouco desobedientes e nada desprendidos da razão moderna/colonial, uma vez que sequer cotejavam *repensar os hermetismos implicados nos textos que poderiam ser revistos pelos escritores apregoados no desejo pelo saber iluminista das classes letradas*<sup>1903</sup> – tal princípio elitista, homogeneizador e universalizante já abordei no

<sup>1898</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1899</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1900</sup> ANDRADE *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 221.

<sup>1901</sup> CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 221.

<sup>1902</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>1903</sup> CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 221.

subtítulo 2.2 deste capítulo ao me debruçar sobre a revista *Klaxon* quando, na sua abertura, presidiam-se formulações como: *Semana de Arte Moderna: espécie de Conselho Internacional de Versalhes*<sup>1904</sup> e *Klaxon não se queixará jamais de ser incompreendida pelo Brasil, esse que deverá se esforçar para entendê-la*<sup>1905</sup>.

Resta a mim, então, no lugar de crítico biográfico fronteiriço problematizando os grilhões do movimento de 1922 em suas falsas desobediências e não-desprendimentos à razão moderna/colonial, endossar o defendido por Fernanda Dusse quando reafirma *o não-diálogo entre o Brasil dos intelectuais em suas (auto)centralizações como a cultura da elite*<sup>1906</sup>, sempre com vistas direcionadas para o que é estrangeiro e alheio, e a imperfeição pretérita brasileira dos *dizimados, explorados e esquecidos em seus estratos minoritários em guerra com enunciações empenhadas na aproximação aos padrões universais*<sup>1907</sup>. Para Silviano, *a desconstrução dos princípios universalistas, projetados e difundidos pela Europa, concentra o legado do modernismo*<sup>1908</sup>, pois Mário e Oswald “lutaram” pelo reconhecimento da civilização indígena e pela abertura a outras civilizações em prol da consolidação da “nacionalidade artística”<sup>1909</sup>.

Diante disso, pergunto: na semântica do mineiro, desconstruir<sup>1910</sup> tais princípios, por vias da falsa desobediência e do não-desprendimento da razão moderna/colonial alterando apenas os *termos* sem problematizar o *conteúdo*<sup>1911</sup> das produções ditas “*genuinamente nacionais*”<sup>1912</sup>, é o bastante ao levarmos em

---

<sup>1904</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

<sup>1905</sup> REVISTA. *Klaxon*, s/p.

<sup>1906</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1907</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1908</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1909</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1910</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1911</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 21.

<sup>1912</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

consideração crítica as diferenças coloniais que entrecortam nossos corpos, mentes e, por extensão, nossos *modus operandi* de produzir conhecimento, Literatura ou Arte neste Brasil pretérito e imperfeito? Ademais, desconstruir<sup>1913</sup> é suficiente, ainda, quando as supostas “solidariedades”<sup>1914</sup> dos referidos modernistas se pautavam na repetição do binômio moderno “sujeito/objeto” analítico associado ao exercício de fetichizar aquilo que lhes era exterior ou até desconhecido? Na baliza das questões arroladas, não posso, de um prisma descolonial, oferecer ressonância ao exposto por meu mineiro na medida em que nossos arcabouços epistêmicos residem em premissas basilares, em absoluto, distintas e, por vezes, conflitantes.

De uma visada fronteiriça, afasto-me da desconstrução<sup>1915</sup> pós-moderna enquanto possibilidade para “ler melhor” as diversidades dos grupos assujeitados à exterioridade da inexistência, à moda das civilizações indígenas<sup>1916</sup> como Silviano menciona. Mesmo que Oswald defendesse *o nacionalismo enquanto sua preocupação pujante, mas se abrisse à existência de várias etnias*<sup>1917</sup>, *no plural*<sup>1918</sup>, argumentando que “Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas de Belo Horizonte e S. Paulo. Por uma simples razão: não há Civilização. Há civilizações.”<sup>1919</sup>. Ainda assim, não é o bastante para bases fronteiriço-descoloniais, na medida em que tais vozes diversais ainda estiveram ausentes na *consolidação da “nacionalidade artística”*<sup>1920</sup>, nos termos do meu mineiro. O que se mostra é, novamente, a sobreposição da elite sobre a periferia, *conversa em situação da*

<sup>1913</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1914</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1915</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1916</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1917</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 219.

<sup>1918</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 219.

<sup>1919</sup> ANDRADE *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 219.

<sup>1920</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

*solidariedade*<sup>1921</sup>, daquela para essa, mas não dialoga, a fim de um protagonismo efetivo por parte dos esquecidos. Assim, quase como um espelhamento da interioridade (europeus) para a exterioridade (não-europeus), a elite *se solidariza*<sup>1922</sup> com o fetichizado<sup>1923</sup> no intento de reafirmar sua própria hegemonia de poder apregoada em assimetrias e sobreposições enunciativas latentes.

Calcado no modernismo enquanto vetor de retroalimentação da razão moderna/colonial, supostamente *desconstruindo os princípios universalistas europeus*<sup>1924</sup>, à maneira que elenquei com base em Silviano, comprova-se a premissa descolonial de Mignolo, posto que *desobediência civil*, ou, nos meus termos, falsa desobediência, *sem o ser de base epistêmica, permanece atrelada aos paradigmas controlados pelo eurocentrismo*<sup>1925</sup>. Mesmo que tentemos entrever no movimento de 1922 intenções de matiz *genuinamente brasileiro*<sup>1926</sup>, sua *alquimia*<sup>1927</sup>, apregoada às vanguardas do Norte global, quer queira quer não, perpetua nos trópicos a hegemonia da “metrópole”, dada sua gênese em nada desprendida da dita razão moderna/colonial. Essa, por sua vez, configura-se *em nome de Deus (teologia cristã)*<sup>1928</sup>, já discutida no capítulo I pelo trato à teopolítica bolsonarista, e *da Razão (ciência, filosofia secular*<sup>1929</sup>, Artes, Literatura etc.); *aos que detêm o poder de enunciar e classificar, fazem-no a serviço de sua própria (auto)manutenção assimétrica em detrimento aos “outros” tomados pela insígnia de “menos humanos”* e, por extensão,

---

<sup>1921</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1922</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 106.

<sup>1923</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>1924</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>1925</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287,

<sup>1926</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1927</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1928</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

<sup>1929</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

sem competência alguma para produzirem saberes relevantes para as *hierarquias pré-estabelecidas*<sup>1930</sup>.

O exposto se faz presentificado não apenas na égide do movimento em si mesmo, mas, em especial, em muitas das revisões críticas que se delineiam nas universidades ainda respaldadas por paradigmas, teorias e conceitos modernos/coloniais. A exemplo, trago ao corpo desta tese o momento em que, em congresso da área de Letras com foco nas discussões a partir do centenário de 1922, a maioria sobressalentes dos trabalhos ali defendidos e apresentados despendia leituras quase nada originais ou problematizadoras acerca da temática requerida. Mais ainda, com raras exceções, perfilou-se um coro unísono próximo à sacralização da *alquimia modernista*<sup>1931</sup> através de ópticas conceituais e *teorias mercadológicas*<sup>1932</sup>, à *la* teorias itinerantes de Mignolo, desprovidas de quaisquer pressupostos desobedientes e/ou desprendidos em favor de uma defensiva implacável no intento de endossar o, já posto nos cursos de Artes e Literatura, caráter dito “subversivo”, “disruptivo” e “inovador”<sup>1933</sup> do modernismo de maneira a aproximá-lo à salvaguarda resolutive de todas as problemáticas incutidas nas diferenças coloniais que atravessam este nosso Brasil imperfeito e pretérito e, por extensão, nos nossos *modus operandi* de teorizar e escre(vi)ver.

De forma alguma desejo me situar no espaço da *universalização abstrata e homogeneizante*<sup>1934</sup> de modo que minha perspectiva teórico-conceitual se aquilate enquanto a “única possível”, situo-me na contrapartida irrestrita a tal posicionamento moderno. Por outro lado, não posso deixar de lado meu espanto frente ao que vem se

---

<sup>1930</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 140.

<sup>1931</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1932</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

<sup>1933</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>1934</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

produzindo neste país nos últimos anos em torno de 1922, visto que, com raras exceções, a crítica revisionista parece padecer de uma cegueira complacente frente às celeumas que sobrevoam a razão moderna/colonial imbuída na *alquimia*<sup>1935</sup>, valendo-me da semântica de meu Silviano, do movimento pretendido, em eminência, brasileiro por si mesmo. Reconheço minhas dificuldades, limites e fronteiras em tratar de uma temática tão discutida nos trabalhos universitários pelo crivo da uma teorização que não aquela passível de agradar multidões, esse não é meu intuito. Busco, persigo, tracejo e delinear os contornos de uma epistemologia *outra* aportada, neste caso em específico no que compete à tese, na hipótese pretérita e imperfeita brasileira ancorada na problematização irrestrita de seus contornos delimitados por uma matriz colonial de poder que nos vilipendia há mais de quinhentos anos, e, nesse quesito, o modernismo não é exterior, justificando sua presença neste trabalho.

À maneira *dos poetas e pensadores modernistas*<sup>1936</sup>, os intelectuais ali presentes no referido congresso *não estavam de modo algum predispostos a enxergar nosso passado sem a ironia dadá*<sup>1937</sup>, tal qual assevera meu mineiro ao se referir ao dadaísmo vanguardista, ou mesmo desarmados de teorias hegemônicas vindas de longe que sobre nós, no bojo das nossas diferenças coloniais, pouco diziam ou avançavam a fim de uma perspectiva *outra* de conhecimento. Para Silviano, ainda que os agentes de 1922 intitulassem seus antecessores de *passadistas, circunscritos pela permanência sintomática da tradição dentro tanto do dito “moderno” quanto do modernismo, tal tradição não era ausente da produção teórico-artística de muitos de seus representantes*<sup>1938</sup>. Nesse campo teórico, tradição se despende à *crítica aguda*

---

<sup>1935</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1936</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 122.

<sup>1937</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 122.

<sup>1938</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

*do Iluminismo enquanto razão contundente da ideia de revolução nos modelos da Revolução Francesa*<sup>1939</sup>.

Por outro lado, prefigura-se o aparente contrassenso já evocado desde o início deste subtítulo na insígnia da viagem a Minas em 1924, dada a presença da *contradição entre futurismo, no bojo do seu significado europeu, e o modernismo, no que se pretendia fomentar um “sentido brasileiro” do termo na alcunha de estabelecer a dita “estética da originalidade” por aqui*<sup>1940</sup>. De acordo com Silviano, o *discurso histórico apregoado ao movimento se respaldava na valorização do nacional no âmbito político e do primitivismo no que era concernente à arte*<sup>1941</sup>; para ele, *podendo encontrar tais elementos na obra plástica de Tarsila do Amaral e na literária com base na poesia de Oswald de Andrade*<sup>1942</sup>. Com isso em mente, antes de me deter nas reflexões *outras* angariadas a partir de, para mim, aspectos primordiais do que nomeei enquanto razões futurista e antropofágica, dissemelhantes das descoloniais, conduzo-me, *a priori* do mencionado, à ideia de vanguarda – sendo essa imprescindível para compreender e problematizar as facetas do modernismo de 1922 em sua falsa desobediência e não-desprendimento epistêmicos, literários e artísticos.

À maneira que pontua o intelectual e professor João Cezar de Castro Rocha<sup>1943</sup>, o termo vanguarda tem sua gênese no militarismo e está associado à linha frontal das tropas de combate em guerra com o objetivo de inserirem seus soldados no campo de batalha inimigo, ou seja, um deslocamento tático com fins ofensivos bélicos<sup>1944</sup>. Na esfera linguística, Gilberto Mendonça Teles<sup>1945</sup> explicita que o vocábulo possui

<sup>1939</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 119.

<sup>1940</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 123.

<sup>1941</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 123.

<sup>1942</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 123.

<sup>1943</sup> ROCHA. Manifestos, p. 161.

<sup>1944</sup> ROCHA. Manifestos, p. 161.

<sup>1945</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 81.

formação híbrida (*avant*: latim; *garde*: germânico) considerando suas origens alemãs respaldadas nas acepções de esperar, aguardar ou cuidar<sup>1946</sup>. Haveria, portanto, uma contraposição entre a *avant-garde* e a *arrière-garde*, posto que a segunda se conectaria à ideia de retaguarda ao passo que a primeira à vanguarda enquanto *aquilo que estava em expectativa ou em estado de espera para, depois, ser precavido*<sup>1947</sup>. No que concerne a este Brasil pretérito e imperfeito, conforme Gilberto atesta<sup>1948</sup>, o uso da palavra vanguarda no campo artístico-literário se aportou e foi utilizado aqui, em eminência, através do modernismo de 1922 sendo reverberado até a atualidade pela motivação de movimentos experimentalistas pós-1955<sup>1949</sup>.

A partir de tais elucubrações históricas, desenham-se os *modus operandi* das vanguardas, neste caso, europeias, a exemplo do futurismo, ao manipularem *revistas, festivais e manifestos quase como armas em punho pelos artistas em suas veredas transgressivas*<sup>1950</sup> em favor do, já mencionado à luz do meu Silvano, *make-it-new*<sup>1951</sup> a todo custo, ainda que recaíssem em práticas binárias, excludentes e até mesmo conservadoras ou autoritárias. Através da insígnia vanguardista, desejava-se *abrir brechas no edifício da dita tradição defendendo polêmicas enquanto vetor autêntico de sua respiração artificial no desejo incessante de (tentar) superar rápido e violentamente o passado*<sup>1952</sup>. Nesse prisma, Silvano<sup>1953</sup> é salientar em minha teorização, assentada na hipótese conceitual de um Brasil do pretérito imperfeito, ao pontuar que o escritor modernista aloca, no cerne de sua produção, a desconfiança em torno das exigências formais requeridas pelo uso da língua nacional e da

---

<sup>1946</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 81.

<sup>1947</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 81.

<sup>1948</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 82.

<sup>1949</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 82.

<sup>1950</sup> ROCHA. Manifestos, p. 161.

<sup>1951</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>1952</sup> ROCHA. Manifestos, p. 161.

<sup>1953</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 111.

linguagem poética se rebelando contra os conhecimentos escolásticos que o constituiu como cidadão<sup>1954</sup>.

Ademais, Silviano menciona ainda uma suposta teimosia contra a tradição literária eurocêntrica, responsável por formatar o modernista enquanto artista da palavra, ao fingir enxergar o mundo com olhos de criança a imitando nos escritos<sup>1955</sup>. Nesse preciso sentido, desconfio, então, que, através de tal ideia, Silviano opte por apregoar a insígnia de pós-colonial à alquimia modernista<sup>1956</sup>, premissa essa cujo substrato epistêmico se descola, por completo, do que venho problematizando neste capítulo. Para meu mineiro, a criação poética modernista pode ser vista como pós-colonial, fingida e realisticamente utópica estando entrecortada pelas “modernizações” políticas, sociais e econômicas vividas pelo Brasil ao passo que a educação das massas seria, por sua vez, também uma utopia verde-amarela<sup>1957</sup>. Do descortinado, só posso oferecer ressonância ao espectro basilar da utopia verde-amarela justamente por lê-la em perspectiva descolonial na qual *requer desobediência epistêmica pelo fato dos pensamentos fronteiriços emergirem das exterioridades em tempos e espaços os quais a autonarrativa hegemônica da modernidade acabou por tracejar e difundir seus exteriores com o intuito de reafirmarem sua própria lógica colonial*<sup>1958</sup>.

Em outras palavras, ao aproximar, na-diferença descolonial, o exposto por Silviano ao tensionado por mim no âmbito *outro* da crítica biográfica fronteiriça, torna-se custoso para o meu eu *suleado*, escre(vi)vendo das bordas geoistórico-epistêmicas e pelo crivo da minha corpo-política dissidente, enxergar tal alquimia pós-colonial no

---

<sup>1954</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 111.

<sup>1955</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 111.

<sup>1956</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1957</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1958</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 30.

modernismo quando seu eixo central foi, ostensivamente, a maquinaria implacável da retórica futurista com seus paradigmas modernizantes, progressistas e desenvolvimentistas importados dos centros e hospedados à exaustão nestes trópicos marginais, mesmo que dela Mário de Andrade tentasse se afastar enquanto Oswald a canibalizaria até os ossos. *Contra qual tradição literária eurocêntrica*<sup>1959</sup> tais intelectuais se posicionaram se suas inquições artístico-literárias foram filtradas pelas vanguardas, quase que armamentistas e bélicas quando consideramos a gênese do termo, propostas por seus colonizadores em favor de *abrirem brechas no edifício da tradição passadista?*<sup>1960</sup>

Além disso, em qual medida *os tempos e espaços das autonarrativas hegemônicas da modernidade, responsáveis por tracejarem seus exteriores e interiores*, ajudaram os modernistas a fundarem sua “arte genuinamente brasileira”<sup>1961</sup>, a exemplo da viagem de 1924 a Minas Gerais? Bastaria uma rebelião assentada apenas no âmbito do desvirtuamento dos paradigmas parnasianos em nome do novo a qualquer custo, mesmo que destituído da insígnia da colonialidade que entrecorta nossos saberes, mentes, corpos, lugares e produções há séculos? Meus questionamentos estão descortinados em demasia, não faço *mea culpa*, mas, se por um lado, esparramam-se por todas as direções de meu discurso fronteiro; por outro, ajudam-me a dar corpo à hipótese desta tese de um Brasil pretérito e imperfeito pouco ou quase nada desprendido da matriz colonial de poder e dos seus grillhões hegemônicos. Se, como já problematizei no capítulo I na égide de políticas bolsonaristas hegemônicas, até hoje não conseguimos nos desvencilhar a contento dessa estrutura de poder, os modernistas me são necessários na chancela dos *modus*

---

<sup>1959</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1960</sup> ROCHA. Manifestos, p. 161.

<sup>1961</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

*operandi e vivendi* de importações irrestritas do que nos é alheio na caminhada de tentarmos pensar e produzir por nós mesmos.

No que tange a essa perspectiva crítica do que nos é próprio ou alheio, a razão futurista, embebida de seus paradigmas modernos/coloniais, urge em meu discurso fronteiriço ao entrever que nestes trópicos colonizados, ainda hoje com a velocidade do setor automobilístico restrita a grupos sociais específicos enquanto muitos outros permanecem exteriores à “modernização”, ao “progresso” e ao “desenvolvimento”, o *modernismo apareceu fantasiado de futurismo, embora com um sentido diferente do seu aspecto embrionário*<sup>1962</sup>. Para Mário de Andrade, na contracorrente de Oswald, havia um sentimento de repúdio tanto do *futurismo funambulesco das Europas quanto daquele vago empregado no Brasil*<sup>1963</sup>, ou seja, a presença de um *equivoco nas querelas entre passadismo e modernismo, posto que em uma direção estavam os acusadores em nome de verdades mortas e, em outra, os defensores das ditas metamorfoses interiores*<sup>1964</sup> em torno do era produzido por aqui na esfera das artes e literaturas.

Em alguns casos, *futurismo foi utilizado enquanto o contraposto de passadismo/tradicionalismo e não apenas no que diz respeito ao seu viés escolástico*<sup>1965</sup> importado diretamente de Marinetti. Segundo Jorge Schwartz<sup>1966</sup>, na América Latina, as propostas futuristas se viram frente a reações ambíguas de admiração e rejeição, tal qual mencionei a exemplo de Mário e Oswald, e, ainda que a década de 1920 estivesse presenciando múltiplos manifestos vanguardistas, ainda assim, pouca coisa ficou de fora das influências providas pela razão futurista em

---

<sup>1962</sup> CAVALHEIRO *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 76.

<sup>1963</sup> ANDRADE *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 74.

<sup>1964</sup> CAVALHEIRO *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 76.

<sup>1965</sup> ALOMAR *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 74.

<sup>1966</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

eminência e, por extensão, de sua retórica<sup>1967</sup> hegemônica, pretendida universal e até mesmo imperialista – à maneira que abordarei na sequência. Naquele momento, *ser moderno era equivalente à conivência*<sup>1968</sup> com tal razão e *práxis* moderna/colonial estando, por sua vez, o *modernismo alocado no centro dos movimentos de vanguardas no lócus latino-americano cuja presença do futurismo era sobressalente*<sup>1969</sup> de modo que, conforme Schwartz, a própria Semana de Arte Moderna seria intitulada de “Semana de Arte Futurista”<sup>1970</sup>.

Para o modernista Graça Aranha<sup>1971</sup>, o futurismo se disseminou mundo afora através da insígnia de expressão do espírito moderno sendo, nas suas próprias palavras, agredido, combatido, ridicularizado, renegado, transformado, disfarçado e com prodigiosa força que se impôs a reformar a existência<sup>1972</sup>. Ademais, explicita que “Quando chegou aqui, já tarde, o seu nome desacredito foi repellido e mudado em outro menos expressivo, mais acomodaticio e tão efêmero, em modernismo.”<sup>1973</sup> em favor das tentativas de *renovação da mentalidade brasileira até os costumes, direito, cooperação de classes, filosofia e política pelo crivo de um dito “pensamento novo” ou “atividade do novo”*<sup>1974</sup>. No resvalar da teorização crítica biográfica fronteira empreendida nesta tese, seria o dito “novo” pelo velho ou o próprio pelo alheio importado de um lócus, em absoluto, diversal a nós habitantes de um tempo/espço exteriorizado e tido como resto do mundo por essas mesmas razões e retóricas dos

---

<sup>1967</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

<sup>1968</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

<sup>1969</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

<sup>1970</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

<sup>1971</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 362.

<sup>1972</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 362.

<sup>1973</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 363.

<sup>1974</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 363.

centros, posto que *modernidade e colonialidade constituem um duplo inseparável, não necessariamente binário, mas, sim, uma mesma unidade com duas caras*<sup>1975</sup>.

Em outras palavras, atravessado pelo que já discuti neste capítulo, *não há modernidade sem colonialidade*<sup>1976</sup>. Com isso em mente e, a princípio, na esteira de Silviano<sup>1977</sup>, ao distorcer os conhecimentos advindos das formações clássicas em vigor, rejeitar as poéticas circunscritas pelas métricas/rimas imutáveis e se revestir do fingimento de adulto que quer escrever como criança<sup>1978</sup>, o modernismo não só alimentou o *duplo inseparável de duas faces modernidade/colonialidade*, como o repetiu mais de uma vez apregoando por aqui duas vezes a hegemonia da razão moderna e seu projeto imperialista. À maneira que expus com base em Jorge Schwartz, o Brasil, dentre os países latino-americanos, foi o lugar onde o futurismo mais encontrou força<sup>1979</sup>, seja pelo apreço ou repúdio, o que me leva a ressaltar o aspecto fundamental de nossa mentalidade vira-lata de estarmos sempre propensos a sobrepormos o estrangeiro ao que nos é familiar ou mesmo próprio. Ou seja, descortinou-se um modo de reverificação dos ideais nacionais altamente enviesado pelo vínculo umbilical e placentário com a Europa e seus paradigmas modernizantes, progressistas e imperialistas.

À luz do meu mineiro, ao se comprometer com o artesanato de ourives fingindo ser outro para evitar a escrita poética parnasiana<sup>1980</sup>, o modernismo acabou por aprofundar sua própria condição de exterioridade através da falsa desobediência e do não-desprendimento justamente daquilo que o apregoou o caráter de margem,

---

<sup>1975</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 10.

<sup>1976</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 10.

<sup>1977</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 112.

<sup>1978</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 112.

<sup>1979</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 347.

<sup>1980</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 112.

periferia, borda ou mesmo fronteira das Artes e Literaturas (em maiúsculas) consideradas relevantes para os centros do mundo. No bojo da crítica biográfica fronteiriça que permeia toda e qualquer reflexão tracejada nesta tese em favor da hipótese do Brasil enquanto lócus por excelência do pretérito imperfeito, no modernismo, em especial, através da razão futurista, perdeu-se de vistas a premissa *outra* de que *desejar ser moderno implica, por consequência, apostar na manutenção da colonialidade de modo a aprofundar sua armadilha hegemônica de que não podemos ficar de fora da modernidade*<sup>1981</sup> – ainda que, de maneira quase paradoxal, atribuam-nos a insígnia de exterioridade em detrimento à (auto)proclamada interioridade pretendida universal.

Nessa chave, razões futuristas e descoloniais estariam localizadas, portanto, em esferas absolutamente distintas, tendo em vista o aspecto pujante do pensamento fronteiriço de *se desprender da modernidade/colonialidade enquanto horizonte e objetivo basilares*<sup>1982</sup>. Se, ao revisitar minha própria vida e carreira de professor exteriorizado, por muito tempo replicando ideias consideradas “universais” para mim e para os que me formaram, hoje, sou desobediente e me desprendo dos conceitos cristalizados em minha subjetividade colonizada ao defender princípios díspares daqueles aportados em paradigmas modernizantes à exaustão, como no futurismo e em seu vício imparável pelo progresso/desenvolvimento. No intento das minhas opções descoloniais, ensejo cada vez mais a *naturalização do ser, do saber e dos espaços*<sup>1983</sup> ao invés de querer modernizá-los a todo custo destituído dos precedentes abissais das desigualdades que tal escopo pressupõe, seja na baliza da construção do pensamento ou mesmo na existência material do cotidiano. Não compactuo com

---

<sup>1981</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 10.

<sup>1982</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 10.

<sup>1983</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 26.

tal razão moderna/colonial *obcecada pela modernidade aparente de uma São Paulo enquanto futurópolis ansiando pelo cessar do parnasianismo cujo império naquele momento era quase que soberano*<sup>1984</sup>.

Para me valer de um termo de Silviano<sup>1985</sup>, das utopias verde-amarelas desenhadas pelo modernismo e povoadas de fuligem, ruídos, estardalhaços, maquinarias e pela velocidade incessante, só consigo me ver frente ao seu extremo oposto em prol da integral dispensabilidade de requirirmos em medida alguma a tentativa de sermos modernos tais como aqueles que nos tornaram uma das muitas exterioridades do mundo. Calcado nesse viés, evoco alguns dos dizeres dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922: “As artes florescem sempre nas terras que apresentam um apogeu de progresso e de civilização. As terras inertes e decadentes não podem aproximar tais paradoxismos.”<sup>1986</sup>, ademais, “São Paulo toma pois também nas artes a dianteira arrogante que lhe cabe.”<sup>1987</sup>. Diante do mencionado, tensiono: como poderíamos ter florescido uma arte nossa, destituída dos paradigmas clássicos parnasianos, através de proposições tão alheias às realidades destes trópicos pretéritos e imperfeitos? Havia, de fato, a necessidade de mimetizarmos uma suposta *renascença paulista povoada de semideuses bárbaros e modernos*<sup>1988</sup> neste lócus entrecortado pela colonialidade renitente há séculos?

Se, por aqui, o *futurismo chegou vinculado ao conceito de moderno com o intuito de desarmar os saberes locais relutantes às ditas novidades*<sup>1989</sup> na busca da *emancipação cultural bradejando gritos de independência, originalidade e*

---

<sup>1984</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 16-17.

<sup>1985</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>1986</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 15.

<sup>1987</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 15.

<sup>1988</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 15.

<sup>1989</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 22.

*personalidade*<sup>1990</sup>, entrevejo que o modernismo, ao ser falso desobediente e nada despreendido dos paradigmas estrangeiros, caiu na armadilha da modernidade/colonialidade<sup>1991</sup> aprofundando ainda mais nossa própria condição de periferia do mundo, ou seja, justamente o extremo oposto do que, *a priori*, buscava-se. Além disso, na esteira do meu mineiro<sup>1992</sup>, houve um afastamento da vontade popular por considerá-la anti-revolucionária sendo, por sua vez, descartada do processo de modernizar o país como se a aparente “verdade” tivesse um lado e um grupo<sup>1993</sup>. O exposto é ainda mais sobressalente quando o aproximo do aferido pelo sociólogo peruano José Carlos Mariátegui<sup>1994</sup> ao pontuar que o futurismo seria falso, literário e artificial em seu programa político estando atrelado à saturação de um sentimento conservador não obstante à sua inquirição pretendida revolucionária<sup>1995</sup>.

Ainda conforme Mariátegui<sup>1996</sup>, a razão futurista, mesmo que apregoada a um programa absolutamente local, isto é, italiano, almejava sua universalização irrestrita fazendo jus às insígnias imperialistas, conquistadoras e expansionistas das vanguardas europeias<sup>1997</sup> cujo aspecto basilar muitos dos modernistas de 1922 ofereceram ampla ressonância o canibalizando na marcha em prol de se construir “arte e literatura genuinamente nacionais”<sup>1998</sup>. Para mim, uma postura bem intencionada executada através de princípios descabidos no que compete à história colonial deste Brasil pretérito e imperfeito alheio ao que é próprio e propenso sempre ao estrangeiro e moderno à última potência desenvolvimentista. Urge pontuar, então,

---

<sup>1990</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 13.

<sup>1991</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 10.

<sup>1992</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 94.

<sup>1993</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 94.

<sup>1994</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 358.

<sup>1995</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 358.

<sup>1996</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 358.

<sup>1997</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 358.

<sup>1998</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

na égide de Mignolo em *Desobediência epistémica* (2010), que os conhecimentos são também instrumentos imperiais de colonização e que defender perspectivas *outras* requer, como condição *sine qua non*, prezar pela descolonização não apenas dos saberes, mas do ser e da subjetividade<sup>1999</sup>. Em especial, quando nos vemos face a face à consciência de que nossas mentes enquanto brasileiros foram forjadas no seio de uma matriz colonial de poder, ainda dominante nos idos do século XXI para fazer valer o tempo histórico a partir do qual teço estas teorizações embebidas de minha postura intelectual *outra*.

O exposto se faz ainda mais gritante quando problematizo nossa postura virilata sempre predisposta a aceitar, receber e hospedar o alheio ao passo que não conseguimos enxergar o que é local minimamente enquanto passível de legitimação – a exemplo do que abordei neste subtítulo a partir da dita “solidariedade” de Mário de Andrade com os “outros” objetificados e fetichizados. Nesse ínterim, as utopias verde-amarelas modernistas<sup>2000</sup>, permeadas pelas fuligens e maquinarias futuristas, escavaram, mais uma vez, nossa condição periférica *à margem, nas bordas e desprovidos de desobediência e desprendimento*<sup>2001</sup> frente à presença imperial da modernidade em seu lado mais obscuro, ou seja, a colonialidade<sup>2002</sup> e sua ambição acumulativa pela dominação universalizante. Na esteira dos termos de Silvano, entendo que às diretrizes excludentes da modernização<sup>2003</sup>, o modernismo não só ofereceu endosso como, também, alimentou-as o quanto fosse possível flertando diretamente com o *sonho imperialista*<sup>2004</sup> *quase como se, pelo fato de as máquinas*

---

<sup>1999</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 15.

<sup>2000</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>2001</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 08.

<sup>2002</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>2003</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 107.

<sup>2004</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 359.

*serem modernas, por extensão, seriam-no também*<sup>2005</sup> ao se utilizarem delas como símbolo maior de seus anseios pela emancipação nacional no confronto com o “passadismo” parnasiano.

Nessa baliza, descolonialmente, só posso conceber que o suposto Terceiro Mundo, importador das teorias itinerantes advindas dos centros, *não foi criado pelas pessoas que nele habitam, e, sim, por aqueles circunscritos em instituições, línguas e formas de pensamentos advindos do Primeiro Mundo pari passu ao viés de que os mitos do desenvolvimento e da modernização só esconderam a realidade de que os países periféricos, como o Brasil, não podiam se desenvolver enviesados pelas condições imperiais*<sup>2006</sup>. Com isso em mente, torna-se ainda mais custoso conceber alguma ressonância à força pulsante do futurismo nestes trópicos pretéritos e imperfeitos em nossas ânsias verde-amarelas e utópicas<sup>2007</sup> de pensarmos por nós mesmos em prol de formularmos o que mais seria genuinamente brasileiro no âmbito das artes, literaturas, epistemologias etc. Pelo contrário, à luz de Silviano, *reduziram-se as massas à ignorância a serviço da sabedoria de “alguns poucos iluminados” descortinando processos totalitários, excludentes e antipáticos às camadas não-letradas dos povos*<sup>2008</sup> enquanto se oferecia hospitalidade, seja pela concordância ou desacordo, com uma maquinaria imperial itinerante da Itália e aportada aqui já enquanto inatural.

Tal qual afirmei, *a razão futurista buscou se universalizar, dado que tais vanguardas carregavam consigo as insígnias imperialistas, conquistadoras e*

---

<sup>2005</sup> HUIDOBRO. Futurismo e maquinismo, p. 360.

<sup>2006</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 19.

<sup>2007</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>2008</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 94.

*expansionistas em uma disputa hegemônica pela dominação*<sup>2009</sup>. Para Mariátegui<sup>2010</sup>, os futuristas acreditavam estarem contribuindo para a matéria-prima artístico-poética dos escritores modernos, o que seria totalmente falso no crivo de seus devaneios imperialistas que, segundo ele, nada trouxeram além de ruído e confusão sendo, portanto, uma arte com aspecto novo, mas com nada de fundamentalmente novo<sup>2011</sup>. Fazendo jus à hegemonia epistemológica do Ocidente, *o futurismo foi precedido pela filosofia e pela ciência a partir de um sentimento evolucionista cristalizado no século XX na Europa com base em Lamarck, Darwin, Comte e Marx*<sup>2012</sup> e, tal qual venho aprofundando nesta teorização crítica biográfica fronteira, o modernismo de 1922 endossou a tradição da interioridade ao alimentar reminiscências coloniais em favor da ideia de que não conseguimos construir nossas próprias questões nacionais destituídos do vínculo placentário e umbilical com a dita metrópole – posto o fato de que o fio condutor dos seus gritos artístico-literários eram as vanguardas europeias importadas. Em outras palavras, deu-se continuidade à empreitada iluminista *de emancipação pressupondo trocas dentro de um mesmo sistema sem questionar a lógica da colonialidade*<sup>2013</sup> que nos intercepta há séculos.

Na perspectiva *outra* da crítica biográfica fronteira, bradejar por emancipação não é o suficiente quando, na realidade, ensejamos a liberação de uma matriz colonial de poder<sup>2014</sup> a partir da qual não conseguimos pensar ou sobreviver extrínsecos aos seus grilhões imperiais de conquista. Pode-se afirmar então que, através da maquinaria implacável do futurismo, *permanecemos no campo conceitual da emancipação iluminista europeia sem desobedecer ou nos desprendermos dessa*

---

<sup>2009</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 357.

<sup>2010</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 359.

<sup>2011</sup> MARIÁTEGUI. Aspectos velhos e novos do futurismo, p. 359.

<sup>2012</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 361.

<sup>2013</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 26.

<sup>2014</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 24.

*tradição*<sup>2015</sup>. Para Mignolo, a liberação requer processos diferentes, mas interrelacionados, a fim de descolonizar tanto a política e a economia quanto as epistemologias<sup>2016</sup>. Nesse cenário, emancipação se limita à *afirmação de uma nova classe social burguesa retomada no século XX através de Marx na luta pelos trabalhadores europeus ao passo que liberação descortina aspectos amplos para além da Europa em favor de desprender tanto o colonizado quanto o colonizador da matriz hegemônica*<sup>2017</sup>.

Ante tal contexto, trocas dentro de um mesmo sistema, por exemplo, na esfera modernidade/colonialidade x modernismo x futurismo x parnasianismo, não colocam em perspectiva problematizadora a própria lógica colonial<sup>2018</sup> responsável por aferir subcategorias de margem, periferia ou fronteira sobre o que sequer é considerado existente ou mesmo legítimo em termos de relevância no Ocidente. Outro ponto fulcral de discussão, no que diz respeito à presença incontestada do futurismo no cerne de 1922, é a correlação quase indissociável estabelecida entre a vanguarda em si mesma e seu fundador Filippo Marinetti atravessados pelo espectro de uma política assentada no fascismo. Para o intelectual Wilson Martins, tanto a campanha futurista antecessora à Semana de Arte Moderna quanto a anti-futurista pós-1924 possuem como ponto de contato a figura obrigatória do escritor, ideólogo e ativista italiano sendo, inclusive, um dos motivos que comprometeu e pôs a perder a totalidade do modernismo<sup>2019</sup>. Pode-se dizer, portanto, *que a história do futurismo realmente se confunde com a de seu líder nos inúmeros manifestos sobre literatura, pintura,*

---

<sup>2015</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 23.

<sup>2016</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 23.

<sup>2017</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 24.

<sup>2018</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 26.

<sup>2019</sup> MARTINS. *Modernismo*, p. 77.

*escultura, música, arte mecânica, mulher, moral, luxúria etc.*<sup>2020</sup> e, por consequência, com a própria narrativa artístico-literária brasileira de 1922.

Somado ao exposto, presentificavam-se *conferências e polêmicas, bem como ruídos e escândalos afixados à persona de Marinetti*<sup>2021</sup>, mesmo com sua grande influência, nas palavras de Gilberto Mendonça Teles, em quase todas as literaturas ditas “modernas”, ainda que tal fato fosse negado por muitos<sup>2022</sup>. Conforme o intelectual mencionado explicita, a história futurista se divide em três fases iniciando baseada em princípios estéticos até ser respaldada em teorias morais e na política ao se transformar em instrumento de propagação do fascismo<sup>2023</sup>. De modo específico, a primeira fase (1905-1909) pressupunha a abolição do verso metrificado ao defender sua livre utilização<sup>2024</sup>, enquanto a segunda (1909-1914) foi responsável pela redação da esmagadora maioria de manifestos futuristas bradejando a luta pela inventividade liberta sem amarras<sup>2025</sup> e, por fim, a terceira (1919 em diante) ao abrir margem para a presença voraz do fascismo e transfigurar seu sentido original em um porta-voz partidário<sup>2026</sup> de extrema-direita.

Ademais, *sendo um movimento mais de manifestos do que de obras, exaltou a vida moderna, estabeleceu o culto à máquina e à velocidade, a destruição do passado e dos meios “tradicionais” de expressão literária rompendo com a sintaxe em nome da liberdade centrada na analogia*<sup>2027</sup>. Ainda no bojo de sua perspectiva histórica, Gilberto Mendonça Teles<sup>2028</sup> assevera que, mesmo sendo a França seu lócus de

---

<sup>2020</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 84.

<sup>2021</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 84

<sup>2022</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 84.

<sup>2023</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 85.

<sup>2024</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 85.

<sup>2025</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 85.

<sup>2026</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 85.

<sup>2027</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 86.

<sup>2028</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 86.

origem, foi na Itália onde o futurismo se viu frente aos dias de glória literária e política, sobremaneira, pelo fato daquele espaço ser a continuação geográfica da civilização latina, à revelia do cenário francês cuja cultura latina sobrevivia apenas nas tradições linguísticas e literárias<sup>2029</sup>. Com o descortinado em mente, tensiono novamente, à luz de minhas provocações críticas biográficas fronteiriças, duas assertivas de Silviano: quando afere ao modernismo uma alquimia poética pós-colonial, fingida e realisticamente utópica<sup>2030</sup> e ao pontuar que os escritores mais promissores já rejeitam o peso da tradição de 1922 sem, claro, desconsiderar sua relevância<sup>2031</sup> para a arte, literatura e cultura brasileiras.

Ao tensionado, só posso situar minha teorização descolonial, circunscrita na tentativa de conceituar este nosso Brasil pretérito e imperfeito, no espaço *outro* da desobediência e do desprendimento epistêmicos. Em outras palavras, por mais que o modernismo ensejasse a construção de uma “*arte genuinamente brasileira*”<sup>2032</sup>, emancipada e liberta dos paradigmas estéticos parnasianos pouco flexíveis da época, sua alquimia quase nada havia de pós-colonial<sup>2033</sup>, o que torna, também, compreensível o porquê dos autores recentes se afastarem<sup>2034</sup> dos seus princípios, tendo em mente perspectivas e consciências *outras* neste tempo histórico presente. Ao se enveredar na perseguição incessante e automutiladora pelo “espírito moderno”<sup>2035</sup>, embebido da razão futurista, fascista e de extrema direita, o modernismo não deu conta de liberar nossa condição periférica *das vinculações entre racionalidade, modernidade e colonialidade, isto é, não houve desobediência*

---

<sup>2029</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 86.

<sup>2030</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>2031</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 99.

<sup>2032</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2033</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>2034</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 99.

<sup>2035</sup> ANDRADE *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 83.

*epistêmica, muito menos desencadeamento*<sup>2036</sup>, em relação ao centro que nos colonizou e, por extensão, situou-nos enquanto resto do mundo incapaz de produzir legitimamente – na égide, por óbvio, dos seus próprios critérios hegemônicos de classificação.

*Permanecemos no domínio das oposições internas pressupostos pelos conceitos modernos eurocentrados, com gênese, inclusive, nas bases greco-latinas e nas experiências teológicas e seculares do Ocidente*<sup>2037</sup>. Nesse intento, não há como desconsiderar, em perspectiva *outra* problematizadora, um dos motivos da presença à última potência do futurismo naquele momento, contexto e recorte específico, isto é, à maneira que o intelectual Gilberto Teles assevera<sup>2038</sup>, a partir da relação estabelecida entre o futurismo e a Itália, sendo essa a extensão geográfica da civilização latina, ou, nos termos dos paradigmas modernos/coloniais, o que se impôs e se disseminou enquanto Grécia/Roma sendo o berço da civilização ocidental na Antiguidade Clássica. Nesse preciso sentido, Mignolo<sup>2039</sup> me é pujante para entrever que o movimento de 1922 *fez com que, de algum modo, permanecêssemos enraizados nas categorias e nos conceitos greco-latinos bem como nas experiências e subjetividades formatadas a partir dessas bases*<sup>2040</sup> sem se voltar para o que realmente seria pujante em nossas produções artísticas: a liberação irrestrita da matriz colonial de poder<sup>2041</sup> e não apenas trocas dentro de um mesmo sistema colonial de poder<sup>2042</sup>.

---

<sup>2036</sup> QUIJANO *apud* MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>2037</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>2038</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 86.

<sup>2039</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>2040</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>2041</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 24.

<sup>2042</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 26.

Contudo, julgo relevante ressaltar que defender uma visada crítica *outra*, aposta nas opções descoloniais, na desobediência epistêmica e no desprendimento, não pressupõe em nenhuma medida desconsiderar ou mesmo deslegitimar o que se produz em *loci* centralizados, tais como as vanguardas europeias – não lutamos em prol da descolonialidade com as mesmas armas dos conquistadores e imperialistas. Pelo contrário, desobedientes e desprendidos, quer dizer não outra coisa senão que *afirmarmos a co-existência*<sup>2043</sup> dos centros e das periferias em medidas não-hegemônicas e igualitárias, *não venerando o Norte global à la religiosos com seus textos sagrados*<sup>2044</sup> como se ali fosse o único lugar possível a partir do qual literaturas, artes e conhecimentos “universais” emergissem. A universalização abstrata não é e tampouco pode ser o trilhar de um pensamento de base fronteira, mas, sim, a pluriversalidade enquanto projeto possível na medida que nos voltamos para o que é nosso sem substituir um pelo outro em trocas coloniais dentro do mesmo sistema<sup>2045</sup> totalitário e assimétrico. *Não há como nos desprendermos do que não conhecemos, todavia, conhecer não quer dizer, como condição sine qua non, assimilar o que se tornou conhecido*<sup>2046</sup>.

Em contraponto, na chancela da razão moderna atravessada pelo futurismo no que diz respeito ao modernismo de 1922, assimilamo-nos em favor de uma tentativa de emancipação sem desobediência epistêmica, desprendimento ou mesmo liberação<sup>2047</sup> no que circunscreve a lógica colonial incutida em nossos corpos, mentes, saberes e produções. Assimilamos *a combinação de impulsos viciantes de modernização advindos da Europa pari passu aos anseios pela autenticidade*<sup>2048</sup>

---

<sup>2043</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>2044</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2045</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 26.

<sup>2046</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 222.

<sup>2047</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 24.

<sup>2048</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 23.

*utópica verde-amarela*<sup>2049</sup> quase como se fosse possível fundar uma espécie de futurismo nacional e vago<sup>2050</sup> empregado neste Brasil pretérito e imperfeito na tentativa de, nas palavras do futurista Oswald de Andrade, *tender a um futuro construtor em dileta oposição*<sup>2051</sup> ao que conclamavam de *decadência melodramática do passado a qual não queriam depender*<sup>2052</sup>. Sendo assim, Brasil do futuro ou Brasil futurista? Alquimia poética pós-colonial ou irrestritamente alimentadora da nossa própria condição marginal e periférica sob condições imperiais<sup>2053</sup> em detrimento ao eurocentrismo importado e canibalizado?

Na alcunha de Graça Aranha<sup>2054</sup>, a essência do pensamento futurista estaria no discernimento do real na alavanca de destruição de tudo aquilo que impedisse o conhecimento e a eficiência da realidade brasileira em favor da reconstrução com “novos” materiais criados ou descobertos pelo “espírito moderno”<sup>2055</sup>. Mas qual espírito moderno era esse? Aquele importado da Europa cujo espectro colonial latente requer para si mesmo a gênese da civilização ocidental ao desconsiderar, completamente, a presença do Sul global aposto na inexistência? Conforme Wilson Martins<sup>2056</sup> pontua de maneira específica, ser moderno, entre os futuristas, seria equivalente a viver a “modernidade”, o modernismo. Por outro lado, ser futurista, entre os (“reais”) modernos, era sinônimo de inatualidade<sup>2057</sup> – circunscrevendo, mais uma vez, nossa insígnia de exteriorizados que consomem e replicam à exaustão o resto do que se produz nos centros globais.

---

<sup>2049</sup> SANTIAGO. A utopia verde-amarela modernista, p. 114.

<sup>2050</sup> ANDRADE *apud* MARTINS. *Modernismo*, p. 74.

<sup>2051</sup> ANDRADE *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 24.

<sup>2052</sup> ANDRADE *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 24.

<sup>2053</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 19.

<sup>2054</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 364.

<sup>2055</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 364.

<sup>2056</sup> MARTINS. *Modernismo*, p. 80.

<sup>2057</sup> MARTINS. *Modernismo*, p. 80.

Assim, perfilou-se o *brasileirismo modernista*<sup>2058</sup> de 1922, com Mário de Andrade dizendo: “Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contato com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista errou”<sup>2059</sup> e qualificando Marinetti como: “[...] grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, música da palavra liberdade. Aliás: velha como Adão. Marinetti errou: fez dela sistema”<sup>2060</sup>. Por outro lado, é a Oswald de Andrade que se deve a *rápida passagem do futurismo ao modernismo enquanto característica basilar do movimento sendo um dos responsáveis por sua idolatria*<sup>2061</sup>. Ademais, Graça Aranha, ao associar o futurismo à lei da realidade, defendeu que a corrente teórica renovou a vida da Itália e determinou o fascismo sendo ocidental, patriota, nacionalista, militarista e imperialista<sup>2062</sup>. Todavia, afirmava que no Brasil seria outra coisa, “algo nosso”, precisando existir se alargando e renovando a arte<sup>2063</sup>; segundo ele, “Marinetti [...] inventor do futurismo, é um herói deste movimento.”<sup>2064</sup>. A propósito, ainda, do criador da mencionada vanguarda europeia, evoco excertos de seu manifesto:

3. Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passado ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco. 4. Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de fôlego explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*. [...] 7. Não há mais beleza senão na luta. Nada de obra-prima sem um caráter agressivo. A poesia deve ser um assalto violento contra as forças desconhecidas, para intimá-las a deitar-se diante do homem. [...] 9. Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o menosprezo à mulher. 10. Nós queremos demolir os museus, as

<sup>2058</sup> MARTINS. *Modernismo*, p. 82.

<sup>2059</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 10.

<sup>2060</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 16.

<sup>2061</sup> MARTINS. *Modernismo*, p. 82.

<sup>2062</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 364.

<sup>2063</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 364.

<sup>2064</sup> ARANHA. Marinetti e o futurismo, p. 364.

bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo, e todas as covardias oportunistas e utilitárias.<sup>2065</sup>

Não obstante, Marinetti ainda defende que “[...] a arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça. [...] Olhem-nos! Nós não estamos esfalfados...”<sup>2066</sup> e “Nosso coração não tem a menor fadiga! Porque ele está nutrido pelo fogo, pelo ódio e pela velocidade!...”<sup>2067</sup>. Apropriando-me dos dizeres transtornados proferidos pelo italiano, reverto-o ao meu lócus periférico e, através da diferença fronteiriça, indago: em qual lugar a arte modernista, embebida de tais princípios *violentos, cruéis e injustos*<sup>2068</sup>, situou os povos originários na tentativa “disruptiva” de formular nossa dita *arte genuinamente brasileira*<sup>2069</sup>? A antropofagia, simbolizada pelo manifesto entoado por Oswald de Andrade, foi suficiente para propor alguma *fadiga à nutrição pelo fogo e ódio*<sup>2070</sup> à temática indígena neste país pretérito e imperfeito entrecortado há séculos pelo genocídio renitente em decorrência, *a priori*, do colonialismo na “Era dos Descobrimentos” e, *a posteriori*, da colonialidade de matriz capitalista? As aferições arroladas me servem de recurso retórico a fim de adentrar o último recorte temático deste subtítulo: a razão antropofágica em perspectiva diversal à descolonial no que compete aos conceitos basilares empregados: a desobediência epistêmica e o desprendimento.

Ainda que consciente das diferentes tônicas implicadas nas razões futurista e antropofágica, aproximo-as na medida que, à luz de Mignolo, entrevejo um ponto de contato similar entre ambas: a naturalização do eurocentrismo nestes trópicos verde-amarelos no campo do que nos é epistêmico e, mais ainda, ontológico<sup>2071</sup>. Em outras

<sup>2065</sup> MARINETTI *apud* TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 91-92, grifos do autor.

<sup>2066</sup> MARINETTI *apud* TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 91-92.

<sup>2067</sup> MARINETTI *apud* TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 91-92.

<sup>2068</sup> MARINETTI *apud* TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 91-92.

<sup>2069</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2070</sup> MARINETTI *apud* TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 91-92.

<sup>2071</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

palavras, de um viés pretendido universal, *o mapeamento e a descrição do mundo orientado pelos interesses europeus*<sup>2072</sup>, mesmo que Silviano, no bojo de sua tradição *desconstrutora*<sup>2073</sup>, apregoe em Mário e Oswald a insígnia de *lutadores pelo reconhecimento dos indígenas e pela abertura a outras civilizações em prol da dita “nacionalidade artística”*<sup>2074</sup>. Pela crítica biográfica fronteira, de algum modo, isso me leva a refletir que *os modernistas esqueceram do fato de que os pensamentos são disposições comuns aos seres vivos e que não é condição sine qua non estarem filtrados pelo eurocentrismo*<sup>2075</sup>, ainda que bordejada uma “preocupação” com as muitas exterioridades brasileiras no afora de seu elitismo intelectual objetificante.

Face ao exposto, o intelectual Jorge Schwartz<sup>2076</sup> nos relembra que o “Manifesto Antropófago” (Figura 22), de Oswald de Andrade, tem sua aparição datada em 1º de maio de 1928 no primeiro volume da *Revista de Antropofagia* (Figura 23), dividida em duas divisões (ou “dentições”), publicado no “Diário de São Paulo” – reproduzo a seguir algumas fotografias do “Manifesto” e da *Revista* com fins ilustrativos e no intento de introduzir a imagem do “Abaporu” de Tarsila do Amaral nesta discussão, cujo cerne será aprofundado *a posteriori* ainda neste subtítulo. Para o referido crítico<sup>2077</sup>, o “Manifesto Antropófago” significou uma síntese das ideias “amadurecidas” da fase dita “heroica” do modernismo tendo sido influenciado, de maneira explícita, pelos ideais modernos de Karl Marx, Freud e Breton na alcunha dos princípios “socialmente revolucionários” do “Manifesto Comunista” bem como uma tentativa de revisão dos conceitos de “bárbaros e primitivos” aportados nas reflexões dos também modernos Montaigne e Rousseau.

---

<sup>2072</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 132.

<sup>2073</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>2074</sup> SANTIAGO *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 218.

<sup>2075</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 136.

<sup>2076</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 140.

<sup>2077</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 140.

## MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua

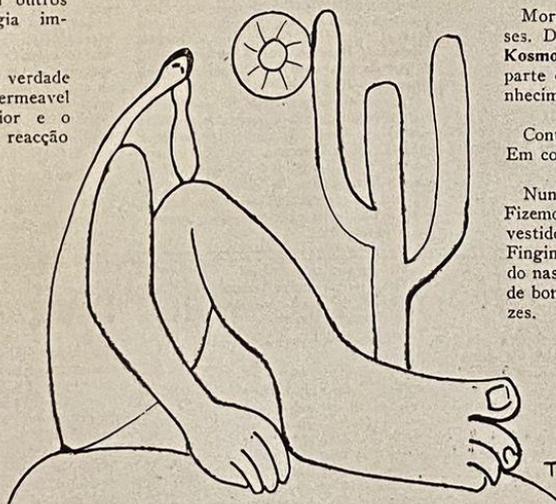
pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tarsilla 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposiçao de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo oreclar.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em comunicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notia Notia Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabemos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticas.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só nao ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

Figura 22 – Segundo Eucanaã Ferraz, “[...] em toda a Revista de Antropofagia, a questão era mesmo ‘a criação duma cultura nacional’”. FERRAZ. Notícia (quase) filológica, p. 14. Em edição *fac-símile*, “Manifesto Antropófago” publicado na *Revista de Antropofagia* (1928) e simbolizado pela imagem do “Abaporu” de Tarsila do Amaral  
Fonte: acervo pessoal

# Revista de Antropofagia

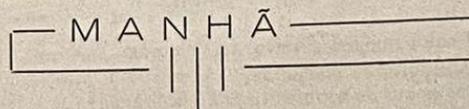
Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269

SÃO PAULO

## ABRE-ALAS



Nós eramos xifópagos. Quasi chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo figado ( o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada convida o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrarão um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol  
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá  
Deixando por tudo uma presença de agua  
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.  
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,  
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!  
As sombras se agarrando no folheto das árvores  
Talqualmente preguiças pesadas.  
O Sol sentava nos bancos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,  
Uma fresca tão de mão lavada com limão  
Era tão marupiara e descansante  
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...  
Si eu tivesse a meu lado ali passeando  
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada  
Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um boeadinho  
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes  
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,  
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa  
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

## “Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

Figura 23 – Para Jorge Schwartz, “[...] nenhuma revista de vanguarda, em toda América Latina, se iguala à Revista de Antropofagia. Seja pela originalidade de uma filosofia revolucionária, em que se imbricam o pensamento de Marx, Freud e Breton, seja pela ferocidade oswaldiana dos ataques aos contemporâneos.” SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 239.

Fonte: acervo pessoal

Na semântica do empreendido por Schwartz em torno do “Manifesto Antropófago”, trago meu Silviano quando afere que seus agentes, antilusitanos na violência das palavras e dos conceitos à revelia dos românticos<sup>2078</sup>, propuseram, à luz da teoria oswaldiana, um auxílio na compreensão das relações entre localismo e cosmopolitismo<sup>2079</sup>. Elemento fulcral, inclusive, nas esferas econômicas pelos processos de industrialização de sociedades neocapitalistas e periféricas ademais ao viés estético pela *tentativa* – grafo propositalmente em itálico – de inverter dados de influência, débitos e créditos<sup>2080</sup>. Segundo o mineiro, Oswald “[...] era o único que falava da influência como autonomia do influenciado, dos débitos sem dívida na conta corrente do autor e dos créditos que embaralham as colunas no livro de contas.”<sup>2081</sup>. Ao fazê-lo, *propunha um desejo pela subversão do passado ao situá-lo enquanto força para as produções ditas “dependentes” embaralhando dados cronológicos e estabelecendo antecedências “libertadoras”*<sup>2082</sup>.

De forma similar, Jorge Schwartz<sup>2083</sup> afirma que o dilema entre nacional *versus* cosmopolita fora solucionado através dos pontos de contato da antropofagia com as vanguardas europeias na égide da “necessidade” de reafirmar os valores daqui em uma linguagem “moderna” transformando o “bom selvagem” de Rousseau em um “mal selvagem” devorador de europeus. Assim, pela devoração, poderia assimilá-lo a fim de inverter as relações assimétricas entre colonizador e colonizado traçando, a partir dos dizeres de Schwartz<sup>2084</sup>, um perfil do Brasil que abrangesse variedades étnicas indígenas e africanas de modo a evocar suas cores, culinárias, sexualidades e

---

<sup>2078</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 298.

<sup>2079</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 98.

<sup>2080</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 98.

<sup>2081</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 98.

<sup>2082</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 98.

<sup>2083</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 140.

<sup>2084</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 140.

religiões. Incorporando os inimigos, poderia-se tomar dele seus atributos de força ao, por extensão, eliminar as diferenças existentes entre o devorador e o devorado<sup>2085</sup>. Nesse preciso sentido, Oswald de Andrade desvela *a última das utopias pelo matriarcado de Pindorama, país das palmeiras em língua nheengatu, com base na Revolução Caraíba – decorrida após as revoluções francesa, russa e surrealista – como resposta ao colonizador europeu*<sup>2086</sup>.

Imbuído de uma razão descolonial, de matiz crítico biográfico fronteiriço, ainda que a razão antropofágica oswaldiana estivesse calcada no desejo de legitimação e independência deste nosso Brasil pretérito e imperfeito, só consigo percebê-la declinada em um pseudo-desprendimento ou mesmo falsa desobediência do si-mesmo em seus próprios termos modernos/coloniais. Ou seja, *há uma mudança crítica nos conteúdos, mas, de algum modo, os termos da conversa continuam*<sup>2087</sup> dentro da lógica eurocêntrica revestida de *Freuds*<sup>2088</sup>, *Montaignes*<sup>2089</sup>, *Rousseaus*<sup>2090</sup>, *Keyserlings*<sup>2091</sup> etc., à maneira que o próprio texto do “Manifesto Antropófago” descortina, isso sem considerar as aferições citadas de Jorge Schwartz. Nesse intento, entrevejo, através da minha perspectiva epistêmica, que o “outro” implicado na antropofagia foi tão somente o “Grande Outro” do século XX forjado no bojo das disciplinas das Ciências Humanas modernas, tais como a psicanálise, antropologia, sociologia e a história.

Há a imagem simbólica de uma mitologia indígena e, mais ainda, a tentativa de inscrição desse assujeitado, contudo, é inscrito pelo enviesamento de sua voz pela do poeta, aportado em uma elite cultural branca paulista e, em maior grau, destituído de

<sup>2085</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 141.

<sup>2086</sup> SCHWARTZ. *Vanguardas latino-americanas*, p. 141.

<sup>2087</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 17.

<sup>2088</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 142.

<sup>2089</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 143.

<sup>2090</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 146.

<sup>2091</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 146.

inscrição corpo-gráfica<sup>2092</sup>. Quero dizer, então, que há a figura do indígena apostado ali no manifesto, porém, um indígena sem corpo, uma vez que sua presentificação se dá através da voz do homem branco (antropófago) falando no lugar do indígena de fato. O *anthropos*, assujeitado e habitante da exterioridade por excelência não ocupa seu lugar de direito na discussão, é apenas utilizado enquanto instrumento teórico, estético e literário-cultural com fins à emancipação de tais intelectuais modernistas. Nesse viés, perlaboram-se discursos que versam sobre (à la disciplinas modernas citadas) tais exteriorizados e não *a partir deles* revestidos pela mesma razão cartesiana que sequestrou o corpo do marginalizado em detrimento à supremacia da mente – tal qual abordarei à frente com base no “Abaporu” de Tarsila do Amaral. Ainda que bem intencionada, em prol da identidade nacional, essa óptica modernista foi filtrada pela razão colonial da modernidade reforçando a alteridade, enquanto periferia, à última potência.

Na chancela de sua própria contradição, Oswald entoia: "Contra todos os importadores de consciência enlatada."<sup>2093</sup>, ademais, "Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos."<sup>2094</sup>. Primeiro, parece-me que o paulista depõe contra sua própria razão de pensamento, visto que os modernistas seriam os próprios *importadores de consciência entalada* em seus anseios modernizantes à exaustão pela insígnia de *naturalizarem o eurocentrismo*<sup>2095</sup> nestas terras já pretéritas e imperfeitas em suas filigranas vanguardistas. Segundo, em somatória, a naturalização<sup>2096</sup> absurda de uma operacionalização universalista, à

---

<sup>2092</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 42.

<sup>2093</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 143.

<sup>2094</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 142.

<sup>2095</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

<sup>2096</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

maneira dos paradigmas da modernidade, em que uma *única lei do mundo* seria equivalente, de modo igualitário, para *todos* escamoteando quaisquer possibilidades pluriversais de desobediência ou mesmo desprendimento daquilo que tanto se ansiou no modernismo de 1922. Não haveria, com base em tal lógica, viabilidades *outras* de pensamento que não aquelas brindadas pelos paulistas quase como se estivessem nos tornando, mais uma vez, “independentes” em relação à metrópole.

Ledo engano, por óbvio nestas problematizações, posto que seus *modi operandi* de (falsa) desobediência ou mesmo desprendimento se aquilataram, por excelência, na revisitação crítica dos restos providos pela Europa – mesmo que acreditassem veementemente que não estivessem o fazendo. Acabam, então, referenciando esse “Grande Outro do século XX” ao passo que desenham, como é o caso da antropofagia, uma figuração indígena desprovida de quaisquer inscrições corpo-gráficas<sup>2097</sup> que não assegure uma real presentificação dessas vozes exteriorizadas e assujeitadas. Não há desobediência *a partir do* próprio lugar de *anthropos*, premissa determinante na teorização desta tese, mas, sim, dentro dos próprios limites impostos pela razão moderna/colonial – ainda que, desse ponto de vista, grande parte da crítica brasileira pareça não compactuar, visto que endossa a antropofagia até hoje como se estivesse dado conta das nossas reminiscências coloniais.

Enquanto pesquisador desobediente epistemicamente e desprendido da lógica e razão ocidentais que circunscrevem os limites críticos da antropofagia, e muito das suas revisitações cem anos depois, só posso me aportar em tais conceitos enquanto opções e práticas, em absoluto, indisciplinadas radicalizando com a revisitação moderna em minha teorização. Do meu viés *outro*, isso não bastou para dar conta de

---

<sup>2097</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 42.

nossas feridas e heranças coloniais, pois reforçou ideários messiânicos, salvíficos, excludentes e racializados das exterioridades situadas nesta própria exterioridade nacional chamada Brasil – de insígnia pretérita e imperfeita. Em um preciso sentido, o modernismo não trabalhou a contento das diferenças coloniais, pelo contrário, acabou por endossá-las retroalimentando nossa condição de *ad aeternum* devedores e dependentes, ou, nos dizeres do Oswald, *importadores de consciência enlatada*<sup>2098</sup>, a exemplo do que, no meu viés crítico, os modernistas foram. Nessa chancela específica, atravessada pela razão disciplinar do século XX, o antropófago branco ocuparia, sempre, o lugar de civilizado, si-mesmo, detentor de uma voz ressoante.

Por outro lado, ao indígena, resguardam-se os caracteres de primitivos, animais, incivilizados e bárbaros estando mais próximos à natureza e, portanto, ao modo que articulei no capítulo I à luz das reflexões corpo-políticas, passíveis de serem explorados à última potência. Em suma, o “verdadeiro antropófago”, a exemplo de Oswald de Andrade, é sempre o que detém mais poder em detrimento ao assujeitado reforçando, por extensão, os estereótipos colados às identidades indígenas – isso sem considerar as afro-brasileiras no âmbito das contradições arroladas. À revelia de muito do que a nossa crítica produziu, como o intelectual Gonzalo Aguilar ao defender seu caráter anti-colonialista<sup>2099</sup>, a antropofagia reafirmou nossa inferioridade pelo crivo do eurocentrismo latente apregoado aos povos caraíbas através de políticas, embebidas da razão moderna, que se autoproclamaram o direito de tornar “novo” o “diferente” (o outro) reforçando, por consequência, a segregação através das vozes de poetas brancos, classistas e eminentemente masculinos reprodutores dos discursos placentários em relação à metrópole/centro.

---

<sup>2098</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 143.

<sup>2099</sup> AGUILAR. *Os herdeiros da antropofagia*, p. 743.

Desprovidos de desobediência epistêmica ou mesmo desprendimento, estabeleceram a eminência de políticas de identidade (indígenas) sobre o expurgo às possibilidades de identidades *em* política dos próprios indígenas *a partir de si* mesmos. Ainda, Oswald aponta: “A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça!”<sup>2100</sup> e “Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordinações e o rapé de Maria da Fonte.”<sup>2101</sup>. Enquanto Brasil do pretérito imperfeito, tal independência, de fato, não se deu nem pelo movimento de 1822, menos ainda pelos bradejares ansiosos, violentos e revoltosos dos modernistas de 1922, pelo contrário. Mesmo que o intelectual Eucanaã Ferraz<sup>2102</sup> localize “o problema do modernismo” no próprio Brasil enquanto espaço territorial e culturalmente imenso sendo, por outro lado, no viés intelectual, “acanhado como um arraial”, respaldado em minha razão descolonial, o imbróglio é de outra ordem: de base moderna/colonial *de naturalização do eurocentrismo*<sup>2103</sup> por aqui.

Nessa clave, o “Manifesto Antropófago” *extrapolou o campo do literário e ganhou a cultura sendo utilizado, em alguma medida, com mais ou menos rigores conceituais se firmando enquanto original e forte afim às interpretações e atualizações*<sup>2104</sup>. Este subtítulo, portanto, é uma maneira de fazê-las, todavia, sem as enclausurar em mais uma revisitação moderna, dado que toda e qualquer inflexão teórica aqui delineada dá-se, *a priori*, através de um matiz crítico biográfico fronteiriço, desobediente e desprendido, coadunado pelas minhas corpo e geo-políticas de pesquisador exteriorizado escre(vi)vendo do outro lado da margem, inclusive em

---

<sup>2100</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 147.

<sup>2101</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 147.

<sup>2102</sup> FERRAZ. Notícia (quase) filológica, p. 16.

<sup>2103</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

<sup>2104</sup> FERRAZ. Notícia (quase) filológica, p. 16.

relação ao lócus enunciativo paulista dos próprios modernistas, pois penso, sinto e rivalizo minhas problematizações pelo entrecortar de uma fronteira-sul tão epistêmica quanto geoistórica.

Retomando meu Silvano, através da antropofagia, de vasta bibliografia salientando aspectos ressentidos e beligerantes de nossa cultura periférica<sup>2105</sup>, é indispensável repensá-la em perspectivas de novas compreensões<sup>2106</sup> – no que compete a esta tese, pelo crivo da razão descolonial no intuito de não a repetir, mas problematizá-la. Rivalizo-a, portanto, *por detrás dos muros de interpretações canônicas sem terminar por repetir os escritos*<sup>2107</sup> postos nos âmbitos das nossas Letras em suas incumbências hospedeiras de internalizar o coro uníssono da razão moderna/colonial, à maneira das vanguardas europeias para os modernistas. Na esteira do mineiro, em “O começo do fim” (2008), a razão antropofágica acabaria por prestar seus interesses à “[...] abertura de novas [...] fronteiras geográficas não-ocidentais, e finalmente pelo decantado exercício das inversões ideológicas nos sedimentos estratificados pelo poder das culturas hegemônicas [...]”<sup>2108</sup> sendo essas “[...] ex-colonizadoras ou neocolonizadoras e, por isso, ditas universais – sobre as demais culturas das nações ou dos povos das margens.”<sup>2109</sup>.

No resvalar das intenções oswaldianas pretendidas à emancipação de nossa cultura periférica, do ponto de vista universalista abstrato, o exposto por Silvano nos impulsiona, *a priori*, à aferição de um espectro revolucionário e original do “Manifesto Antropófago”. De maneira alguma desconsideraria em minhas problematizações o direcionamento do poeta às civilizações deste país do pretérito imperfeito, contudo,

---

<sup>2105</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 13.

<sup>2106</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 14.

<sup>2107</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 14.

<sup>2108</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2109</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

minhas questões se aportam justamente naquilo que se oculta por detrás de sua voz entoada através de mitologias de alteridade em relação à sua inscrição enquanto intelectual paulista pensando de uma política de identidade próxima a do si-mesmo objetificante. Em outras palavras, são preocupações pulsantes desta tese, inclusive, os instrumentos epistemológicos manipulados em sua incursão através das identidades indígenas e suas histórias locais – sejam aquelas oriundas de si mesmas ou cantadas pela interioridade reafirmando insígnias exteriores e periféricas. Ao modo que pontua Haroldo de Campos<sup>2110</sup>, Oswald “pau-brasileiriza” tanto o futurismo italiano, já indagado neste subtítulo, quanto o cubismo francês.

Mais ainda, conforme o intelectual<sup>2111</sup>, a razão antropofágica aponta para a necessidade pujante de repensar a temática do nacional em contraponto dialógico/dialético com o universal – quase como se essa houvesse de ser, sempre, nossa enseada de perseguição constante, a exemplo do que venho discutindo no cerne do modernismo de 1922. Nessa visada crítica, *seria, portanto, o pensamento de devoração crítica do legado universal pretendido ser pensado não de um viés submisso e reconciliado de um bom selvagem, à la romântico de Alencar ou de Gonçalves Dias, mas, sim, um mau selvagem devorador de brancos, antropófago*<sup>2112</sup>. Com isso, Oswald e Haroldo parecem se esquecer do risco da estereotipação das identidades duplamente exteriorizadas, em níveis globais e nacionais, ao endossarem a alteridade como valor positivo relegando ao segundo plano a insurgência das diferenças coloniais neste Brasil do pretérito imperfeito, sobremaneira, no que concerne aos nossos povos originários – aqui tornados material, ou objeto, de análise e criação estética, literária e cultural a fim de satisfazer o “mal-estar” do modernismo

---

<sup>2110</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 246.

<sup>2111</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 234.

<sup>2112</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 234.

em torno da sua ausência nos universais abstratos perpetuados pelo paradigma da modernidade/colonialidade, cujo cerne é retroalimentado à última potência ainda que se bradejasse o contrário.

Haroldo de Campos<sup>2113</sup> pleiteia ainda que a antropofagia, à revelia dos processos coloniais da dita “origem”, tal como discutirei no capítulo III desta tese, não envolveria submissões ou catequeses, e, sim, transculturação e transvalorização passível de apropriar, expropriar, desierarquizar e, sobretudo, desconstruir a visão crítica da história do seu aspecto diacrônico. Nesse preciso sentido, ofereço ressonância ao referido teórico bem como a Silvano em suas defensivas pela razão antropofágica pela égide da desconstrução, no entanto, jamais enquanto perspectiva descolonizada ou anti-colonialista<sup>2114</sup> do nosso país pretérito e imperfeito. A razão antropofágica, mesmo que descortinando avanços em nossos *modus operandi* de repensarmos nossas questões assimétricas em detrimento às relações centro/margem e metrópole/colônia, não o faz mediante desobediência epistêmica ou desprendimento da razão moderna que se (auto)proclamou universalmente abstrata. Pelo avesso, imbuída de premissas inovadoras, acabou por ratificar o paradigma da modernidade reverberando outras formas de subserviência ao que se produzia no lócus eurocêntrico e que aqui era importado e assimilado.

*Todo passado que nos é ‘outro’ deve ser negado, tendo que ser comido, devorado, em destaque, no que se referia aos inimigos considerados bravos para deles ser retirada proteína e tutano que robustecesse e renovasse nossas forças naturais*<sup>2115</sup>. Mesmo que, para tal, fosse necessário *questionar o saber europeu desde o primeiro contato da Europa com a América*<sup>2116</sup> não à luz das vozes indígenas e afro-

---

<sup>2113</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 23.

<sup>2114</sup> AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 743.

<sup>2115</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 234.

<sup>2116</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

brasileiras sendo bradejadas por si mesmas em aliança com os detentores dos poderes hegemônicos nacionais, no âmbito da intelectualidade paulista, em conjunção afim à construção das *artes genuinamente brasileiras*<sup>2117</sup> – como pensar algo de insígnia “brasileira” sem a inscrição pujante das identidades indígenas e brasileiras? – mas, no reverso, pelo casamento, segundo Silviano<sup>2118</sup>, entre a vanguarda histórica brasileira e as figuras da teoria pós-estruturalista dos centros. Impõem-se, no que tange à razão antropofágica, *Gilles Deleuze (e seu renversement [platonismo])*<sup>2119</sup>, *Jacques Derrida (desconstrução e descentramento)*<sup>2120</sup>, *Montaigne a Rousseau das guerras religiosas e Inquisição ao bom selvagem*<sup>2121</sup>, *a Declaração dos Direitos do Homem e o “selvagem” na posição de motor da utopia europeia*<sup>2122</sup>.

Nas palavras do meu mineiro: “Oswald, com o pensamento e ação antropófagos, visa[va] trazer a utopia caraíba europeia para o seu lugar próprio – o Brasil.”<sup>2123</sup>. Ademais, interpolavam-se *o respiro através do ar clássico e puro da teoria poética de Paul Valéry*<sup>2124</sup> *pari passu* a não menos importante presença, novamente, *das vanguardas europeias com o autoritarismo futurista de Filippo Marinetti e o anarquismo dadá de Tristan Tzara, todos em estado de deglutição*<sup>2125</sup> no ensejar de aferir seus potenciais *tutânicos e proteicos*<sup>2126</sup> de robustecimento de nossa arte pretendida ser *genuína e brasileira*<sup>2127</sup>. Ou seja, a razão antropofágica, ao modo da futurista já debatida, embebia-se e se alimentava de *tudo aquilo* alheio e estrangeiro quanto fosse possível a estes *loci* pretéritos imperfeitos enviesada por sua óptica de

<sup>2117</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2118</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2119</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2120</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2121</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>2122</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>2123</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>2124</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 19.

<sup>2125</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 19.

<sup>2126</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 234.

<sup>2127</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

centro estereotipando as bordas em incursões objetificantes e analisantes a partir das quais apregoava a insígnia do exotismo fetichizando-as. De maneira quase que contraditória com seus próprios dizeres, concordo com Silviano quando assente que *não há que voltar às ideias já postas*<sup>2128</sup> em torno da antropofagia, a essas só posso ser desobediente e desprendido me valendo da teorização que elegi como a *minha* forma de entrever o país que me atravessa no cotidiano e pelas Letras.

Concordo, ainda, quando meu mineiro<sup>2129</sup> assevera que, no século XX, as ideias de Oswald e a tradição crítica emergida a partir dele ofereceram conquistas, naquele momento, para repensarmos nossas literaturas e as formas de lê-las enquanto artes não-europeias, periféricas e/ou emergentes. Acato, mais ainda, quando a relemos pelo crivo das possibilidades pós-estruturalistas de desconstrução dos princípios hegemônicos assimétricos atribuídos ao que aqui se produzia, em especial, se circunscrita ao âmbito do *imaginário estético dos artistas e escritores da antiga colônia europeia no Novo Mundo*<sup>2130</sup>. Vou até aqui no que diz respeito ao que a crítica biográfica fronteira empreendida nesta tese me permite ser coerente com a ética descolonial colada à retórica do meu posicionamento *outro* enquanto intelectual. Por mais que desconstrutora nos seus anseios emancipatórios, não endosso uma perspectiva descolonizada, desobediente epistemicamente ou mesmo desprendida da razão antropofágica, pelo contrário.

Nesse ínterim, Oswald bradeja: “Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.”<sup>2131</sup>, em nota de rodapé do “Manifesto”, Benedito Nunes<sup>2132</sup> pontua que tais *elites vegetais* seriam, exatamente, os intelectuais que vegetam através do

---

<sup>2128</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2129</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 15.

<sup>2130</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 16.

<sup>2131</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 144.

<sup>2132</sup> NUNES. Nota de rodapé, p. 144.

exercício de cópia dos modelos estrangeiros e os proprietários da terra, senhores rurais. Novamente, argumento que o poeta paulista vocifera, talvez de maneira inconsciente, contra sua própria *práxis* moderna/colonial de interlocução, pois o que venho problematizando neste capítulo é justamente o lugar dos modernistas de 1922 como *importadores de consciência enlatada*<sup>2133</sup> e, agora, na figuração de *elites vegetais* que se revoltam contra os modelos dos centros impostos ao mesmo tempo que, através de suas contradições opulentas, importam e internalizam em seus modos de pensar e produzir aquilo mesmo que tanto queriam se distanciar, como se *apenas dessa forma* pudesse se criar quaisquer obras relevantes que alçasse o novo dos universais abstratos.

Na guisa do exposto, *desenha-se um certo preconceito face aos arranjos críticos a partir dos quais os indígenas são lidos pelo projeto da modernidade*<sup>2134</sup>, endossado por Oswald e seus companheiros de movimento. Mais uma vez, até que ponto a voz masculina, branca e intelectualizada de Oswald de Andrade contemplaria o assujeitado indígena, enviesado pela figura do Grande Outro das Ciências Humanas da modernidade em destaque no século XX, em princípio, quando o antropófago é sempre o que detém mais poder? Mediante a isso, quando se concebe ainda, de uma perspectiva fronteiriça, *que esse Grande Outro nunca existiu ontologicamente, mas, sim, uma criação, pelo crivo da alteridade, do si-mesmo*<sup>2135</sup> a fim de reafirmar sua própria hegemonia enquanto identidade *natural do mundo ao passo que delimitava as opostas*<sup>2136</sup> à sua ficção assimétrica e dominante. Quero entender que a razão empreendida por Oswald acabou por dar continuidade, mesmo sem intenção dentro

---

<sup>2133</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 143.

<sup>2134</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2135</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2136</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

dos seus limites da época, à reafirmação das “identidades naturais” em detrimento às “não-naturais”, fetichizadas e exotizadas.

Em um preciso sentido crítico biográfico fronteiriço, pelo resvalar de que *as identidades seriam especificidades essenciais dos indivíduos* que, operacionalizadas pelos grilhões modernos/coloniais, *levam-nas à intolerância e ao fundamentalismo pelo alicerçar das condições, por exemplo, de ser negro, branco, mulher, homem, homossexual, heterossexual*<sup>2137</sup>, indígena, não-indígena etc. Cooptado por esse *modus operandi* de controle, delinea-se a, já debatida no capítulo I desta tese, “aparência natural do mundo”<sup>2138</sup> utilizada para apregoar suas oposições no reforço da alteridade, mais uma vez, em posição periférica, marginal e subalternizada. Enquanto vetor de disseminação hegemônico, o paradigma da modernidade/colonialidade se utilizou *de conceitos universais abstratos como a ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, marxismo etc.*<sup>2139</sup> para aprofundar suas formas de controle no bojo da alteridade. Conforme Mignolo explicita na chancela da desobediência epistêmica e do desprendimento, circunscritos em minha teorização *outra, não havia indígenas nos continentes americanos até a invasão dos espanhóis e portugueses bem como não existiam negros até a escravidão no Atlântico*<sup>2140</sup>.

Nisso se respalda a premissa do que outrora defendi na baliza de que o suposto *Grande Outro nunca existiu ontologicamente, mas enquanto ficção aportada na alteridade do si-mesmo*<sup>2141</sup> no bojo dos discursos imperiais racializados e patriarcais *das identidades no mundo moderno*<sup>2142</sup>. Voltando-me às interpretações e atualizações<sup>2143</sup> da razão antropofágica, ao modo do aferido por Silviano, entrevejo

<sup>2137</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2138</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2139</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2140</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2141</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2142</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>2143</sup> FERRAZ. Notícia (quase) filológica, p. 16.

que sua face oculta, aportada no para-além dos ensejos unicamente estéticos e literários, esteve revestida *pela pretensão de teorias pseudo-democráticas universais*<sup>2144</sup>, a exemplo das muitas que citei com base em seus proponentes europeus, *ao passo que*, querendo ou não, *construiu, alimentou e endossou o corolário hegemônico das identidades racializadas criadas pela hegemonia dos pensamentos, histórias e experiências do Ocidente fundamentados nos greco-latinos e nas línguas imperiais*<sup>2145</sup>. Nessa vertente, urge problematizar se, mesmo transcorridos séculos de conquista, genocídio, colonialismo, colonialidade e imperialismo capitalista, *as produções culturais todas, os grupos sociais, as línguas outras e a culturas não-modernas precisam, obrigatoriamente, abrir-se para devoração, absorção e desejo do Outro*<sup>2146</sup> – nessa lógica, enquanto a própria interioridade.

Tal qual declina Edgar Nolasco<sup>2147</sup>, na chancela da desobediência epistêmica e do desprendimento, a *práxis* da devoração crítica é passível de resolver os imbróglios da dependência no que diz respeito à diferença da desconstrução, mas não em perspectiva das diferenças coloniais. Enquanto réplica ao corolário de que *só nos interessa o que não é nosso*<sup>2148</sup>, ofereço, na esteira do referido intelectual<sup>2149</sup>, que a nós, sobreviventes na/da exterioridade, compete o que diz respeito às nossas histórias locais, nossos *bios* e *loci*, sensibilidades locais e biográficas na contracorrente da pseudo-necessidade viciante de trocas culturais infindáveis e digestões inacabáveis como se não tivéssemos uma consciência *outra*, fronteira ou mesmo *mestiza*, em intertexto com a intelectual chicana Glória Anzaldúa<sup>2150</sup>. É, por óbvio, impossível

<sup>2144</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 297.

<sup>2145</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 297.

<sup>2146</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2147</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2148</sup> ANDRADE *apud* NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2149</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

<sup>2150</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 39.

desconsiderar a insurgência de teorias e discursos alheios nestes trópicos pretéritos e imperfeitos, no entanto, isso não significa que devemos canibalizá-los a todo tempo importando tudo que se hospeda por aqui desconsiderando, de fato, o que poderia vir a perlaborar *uma arte genuinamente nacional*<sup>2151</sup> – em destaque, as identidades indígenas e afro-brasileiras fetichizadas pela vociferação analisante da razão modernista.

Novamente pelo entoar de Oswald de Andrade: "Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César."<sup>2152</sup>. A partir do trecho reproduzido, a intelectual Leyla Perrone-Moisés<sup>2153</sup> defende o aspecto histórico sincrônico da antropofagia em posse da tradição como se isso nos liberasse da dívida com o passado europeu na guisa de seleções dos devorados *à la* os processos de intertextualidade. Ademais, salvaguarda ainda que nesse desejo pelo Outro – grafado em maiúsculo por ela – decorreria a absorção da alteridade sendo, portanto, uma devoração crítica que nos faria superar a "ansiedade" da dependência ao acabar com o complexo de inferioridade de termos "vindo depois" na História do Ocidente<sup>2154</sup>. Assim, se em perspectiva de uma visada moderna e, sobremaneira, desconstrutora aos moldes de Derrida, tal qual Silviano muito reproduz, os argumentos mencionados se dão intermediados por uma possibilidade rentável nos moldes dos seus próprios paradigmas, isto é, aqueles aportados no si-mesmo.

Por outro lado, de posse das teorizações fronteiriças, como a esparramada nesta tese, *a absorção da alteridade no seu desejo do Outro em abertura e*

---

<sup>2151</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2152</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 144.

<sup>2153</sup> PERRONE-MOISÉS. Literatura comparada, intertexto e antropofagia, p. 95.

<sup>2154</sup> PERRONE-MOISÉS. Literatura comparada, intertexto e antropofagia, p. 95.

*receptividade para o alheio*<sup>2155</sup> desenha mais uma ficção alcunhada no paradigma da modernidade, visto que perfila seu extremo oposto: o reforço da alteridade enquanto exterioridade cuja “ansiedade”, evocada por Perrone-Moisés<sup>2156</sup>, angaria internalizar e adquirir as qualidades do centro ou mesmo o desejo de se tornar o centro “universal”. Isso, pois, os devorados, na chancela da razão antropofágica, seriam os próprios brancos europeus providos por rico *tutano e proteína*<sup>2157</sup>, *posto que os indígenas não devorariam qualquer um aleatoriamente, mas, sim, os que, antes de digeridos, dessem provas de suas qualidades a serem absorvidas pelos devoradores*<sup>2158</sup>. *Pari passu*, no resvalar do antropofágico, Silviano<sup>2159</sup> assinala seu caráter de apreensão e avaliação dos não-europeus em torno do peso decorrido da herança cultural dita universal ao passo que esses identificariam as justificativas pelas quais os indígenas não acessaram o “capital cultural consensual”, para ele, “[...] indispensável à produção de obra artística ou reflexiva com peso universal.”<sup>2160</sup>.

“Curioso” é observar a dupla ambivalência aposta nos dizeres do mineiro; primeiro, pelo fato de tais não-europeus, a exemplo de Oswald, questionarem-se quanto à ausência dos povos originários no cabedal das produções artísticas e, mesmo assim, interpolarem suas vozes masculinas, brancas e elitistas sobre as dos assujeitados reproduzindo, de algum modo, a assimetria hegemônica da metrópole em detrimento à periferia. Segundo, pela suposição de que os povos indígenas estivessem, em alguma medida, atravessados pelo *capital cultural consensual indispensável as produções de peso universal*<sup>2161</sup>, visto que suas *sensibilidades de*

<sup>2155</sup> PERRONE-MOISÉS. Literatura comparada, intertexto e antropofagia, p. 95.

<sup>2156</sup> PERRONE-MOISÉS. Literatura comparada, intertexto e antropofagia, p. 95.

<sup>2157</sup> CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 234.

<sup>2158</sup> PERRONE-MOISÉS. Literatura comparada, intertexto e antropofagia, p. 95.

<sup>2159</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 24.

<sup>2160</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 24.

<sup>2161</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 24.

*mundo*<sup>2162</sup> são, em absoluto, diversos às dos brancos nos *modus operandi e vivendi* de conceber as realidades. Não obstante, desconsidera-se a inscrição das particularidades de tais histórias locais em uma defensiva implacável pelos projetos globais em suas incursões homogeneizantes, hegemônicas e pretendidas universais de que a unidade, em qualquer medida, vale para quaisquer cosmologias de modo equiparado desconsiderando suas especificidades culturais.

Ainda que Silviano<sup>2163</sup> aporte a razão antropofágica na amplidão absoluta do conhecimento pleno das diferenças ultrapassando as condições históricas funestas do cotidiano e da atualidade, isso não nos bastou e continua não bastando, a exemplo dos intelectuais modernos que venho evocando para problematizá-los *a partir da* minha teorização *outra* empreendida pelo meu compromisso ético com as pluriversalidades deste nosso Brasil do pretérito imperfeito. No resvalar do meu posicionamento epistemológico *outro*, questiono, na égide do crítico sul-mato-grossense Marcos Antônio Bessa-Oliveira versando na-diferença descolonial da antropofagia: *como, logo existo?*<sup>2164</sup> – intertexto, por óbvio, com o pensamento filosófico moderno e cartesiano de *pensar para existir* cujo estrato ideológico sequestrou a presença do corpo do/no pensamento. De maneira específica, Bessa-Oliveira enfatiza: “[...] para o ‘movimento’ artístico-cultural Modernista brasileiro a sua lógica foi e ainda o é, para muitos: como, logo existo!? [...] precisa comer para poder parecer com aquele que come, que come para manter-se vivo [...]”<sup>2165</sup>.

Em um preciso sentido, a razão antropofágica, ao retroalimentar o paradigma da modernidade/colonialidade, quer queira quer não, aferiu-nos que *seria preciso comermos os europeus para podermos parecer com eles ou mesmo nos mantermos*

---

<sup>2162</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>2163</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 24.

<sup>2164</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 183.

<sup>2165</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 183.

vivos<sup>2166</sup> no bojo do desejo pulsante de nos inscrevermos nos palanques abissais e hegemônicos dos paradigmas pretendidos universais do Ocidente. Isso em cena, Bessa-Oliveira me é salutar neste empreendimento epistêmico *outro* ao colocar vários dedos no interior da ferida modernista quando a tensiona pela metáfora de que *ninguém reconheceu que a refeição provida pela ritualística antropofágica pode ter sido indigesta<sup>2167</sup> na medida que nos alimentamos de comida estragada providas pelos europeus<sup>2168</sup>*. Na ancoragem de tal intento, o sul-mato-grossense o exemplifica com base no “Manifesto Antropófago” de Oswald e da obra plástica “Abaporu” de Tarsila do Amaral, introduzida aqui outrora e agora debatida a contento, sendo esta o *maior símbolo do manifesto oswaldiano cujo cerne ilustra o resultado da devoração para criar<sup>2169</sup> na insistência cortante pela ideia de que o estrangeiro e alheio é, até hoje e desde o Modernismo, muito mais importante e relevante<sup>2170</sup>* do que o que se produz neste Brasil pretérito e imperfeito. Assim, reproduzo um excerto de Bessa-Oliveira lendo o “Abaporu”, pelo crivo da descolonialidade, e, na sequência, a referida obra (Figura 24):

[...] é notório podermos fazer a identificação das partes indigestas e do que não foi de fato devorado pelos brasileiros, segundo a representação de Tarsila, daquilo que se manifesta no texto oswaldiano como prerrogativa primeira do ‘Manifesto Antropófago’ do contato do indígena canibal com o português colonizador. Primeiro reconhecemos o pé, perna e o corpo como superdesenvolvidos – ancorados na lógica do corpo sinuoso brasileiro que prevalece em relação ao corpo ‘reto’ do europeu – reforçando a ideia de que somos a ‘carne mais barata do mercado’ ainda hoje. Por outro lado, é evidente que não devoramos o conhecimento dos europeus, pois a cabeça do ‘Abaporu’ foi construída bem menor e a cabeça do representante dos brasileiros, pelo visto, continuou atrofiada. *‘Le Penseur’ de Auguste Rodin tem a cabeça proporcional ao corpo: será que é por que ele não se deu ao trabalho de ter que devorar o corpo de alguém?*<sup>2171</sup>

<sup>2166</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 183.

<sup>2167</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 183.

<sup>2168</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 191.

<sup>2169</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 188.

<sup>2170</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 190.

<sup>2171</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 194, grifos meus.



Figura 24 – “Abaporu” (1928) de Tarsila do Amaral. Para Bessa-Oliveira, “[...] a imagem da tela de Tarsila pode ser uma 'releitura' de 'O pensador' de Auguste Rodin. É possível constatar o que estou afirmando da obra brasileira se vincular/voltar muito para a continuidade na 'inspiração' da arte europeia por diferentes questões: 1) a obra de Auguste Rodin, na lógica de quem reconhece a História Antiga ou a Geografia privilegiada como princípio para compreender cultura, seria a obra inspiradora de 'Abaporu' - falamos de uma produzida em 1904 e a outra em 1928 [...] ambas as figuras das obras estão posicionadas assentadas em seus respectivos cenários; 4) ambos escoram as cabeças, um que pensa para não comer e o outro que também pensa, mas no que comer. Portanto, são comparações baratas que reforçam a colonialidade da 'releitura' na produção artístico-cultural brasileira se continuarmos insistindo que um comeu o outro para libertar-se.”. BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 192, grifos meus.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47808327>

Ressalvas as questões específicas de influência entre “Abaporu” e “O pensador” de Auguste Rodin, já descortinadas pelas palavras de Bessa-Oliveira nas citações apostas, direciono-me a outro ponto, mais relevante neste momento para minha articulação crítica descolonial, que é: *o homem de Auguste Rodin tem a cabeça proporcional ao corpo, à diferença do de Tarsila, será que é por que ele não se deu*

*ao trabalho de ter que devorar o corpo de alguém?*<sup>2172</sup> Para mim, o exposto pelo sulmato-grossense me auxilia a perlaborar o entendimento de que o europeu, simbolizado por Rodin, não teria a necessidade de devorar ninguém, pois, (auto)assumida sua própria interioridade universal hegemônica, já seria, portanto, o detentor de *tudo* sendo escusada a necessidade de devoração, como acontece nas culturas periféricas aportadas na exterioridade – a título da implicada no modernismo de 1922.

Segundo o dicionário *online* “Michaelis”, “Abaporu” seria: “Indivíduo que come carne humana; antropófago. Indivíduo selvagem de hábitos primitivos.”<sup>2173</sup>. Em suma, ao destrinchar, pelo crivo desobediente e desprendido, o que se esconde por detrás da razão antropofágica, mostra-se às minhas vistas, na égide da obra de Tarsila, o ideário de que *o Terceiro Mundo tem apenas cultura ao passo que o Primeiro detém o conhecimento*<sup>2174</sup>, ou seja, nossa cabeça em posição disforme, quando vis-à-vis à de “O pensador”, acabaria por metaforizar a ausência da “magnitude” do Norte ao passo que o corpo robusto à última potência designaria o Sul e seu caráter exclusivo de produzir apenas cultura, carnaval, festa e sexualização – da óptica ocidental aportada no paradigma da modernidade. É fato, então, no âmbito desta reflexão em destaque, *que o modernismo*, tampouco sua razão antropofágica embebida de modernidades/colonialidades, *talvez não seja o ícone de libertação*<sup>2175</sup> empreendido há anos por boa parte de nossa crítica brasileira.

Dessa forma, implica-se, ainda, o viés, na alcunha das referidas obras plásticas e do supracitado a partir do “Michaelis”, *de que é como se os europeus não tivessem*

---

<sup>2172</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 194, grifos meus.

<sup>2173</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/abaporu>

<sup>2174</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 162.

<sup>2175</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 188.

*comido ou devorado os corpos indígenas (sobretudo das indígenas) e dos latinos para manter os seus próprios corpos dotados da estética europeia enquanto brancos, masculinos e ricos objetivando se livrar da “estética bugra” do Brasil*<sup>2176</sup>. Conforme Bessa-Oliveira<sup>2177</sup> defende brilhantemente, o “Abaporu” só pode ser relido hoje como retrato da cultura brasileira se o enxergamos em perspectiva de uma das refeições mais indigestas que escolhemos fazer com o intuito de tentarmos dar conta dos nossos problemas de submissão cultural em detrimento aos colonizadores, intitulados “descobridores” quando, na realidade, foram tão somente extorquistas destes nossos *loci* “desconhecidos” nos roubando possibilidades libertárias. Pelo “Abaporu”, percebemo-nos enquanto *distorção cultural decorrida da indigestão de comer compulsivamente carne estrangeira estragada para sobreviver apregoando dívidas e submissões culturais*<sup>2178</sup> que se parecem quase como eternas.

Entrevemos, por conseguinte, o “Abaporu” *corporeamente tão avantajado considerando que o corpo deve*, para a razão moderna da interioridade, *ser a primazia basilar da cultura brasileira desprovida de ciência, filosofia, epistemologia, literatura ou mesmo de quaisquer construções de conhecimentos aceitáveis*<sup>2179</sup>. “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem.”<sup>2180</sup> e “Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.”<sup>2181</sup>, entoa Oswald, mas sem desobedecer ou mesmo se desprender dos pressupostos epistemológicos da modernidade ocidental que só poderia nos enxergar enquanto um arsenal infindável de cultura, nunca de conhecimento passível de produzir à luz de si mesmo. *Quer-se*

---

<sup>2176</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Silviano Santiago/Abaporu*, p. 188.

<sup>2177</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Silviano Santiago/Abaporu*, p. 190.

<sup>2178</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Silviano Santiago/Abaporu*, p. 191.

<sup>2179</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Silviano Santiago/Abaporu*, p. 195.

<sup>2180</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 143.

<sup>2181</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 146.

*Revolução Caraíba*, mas apenas se sua presentificação estiver forjada nos termos, ainda que isso esteja recalcado, da *naturalização do eurocentrismo e dos seus paradigmas*<sup>2182</sup> por aqui; do contrário, não poderíamos alçar quaisquer desejos de voos universais, na lógica modernista, por óbvio.

Para meu mineiro<sup>2183</sup>, considerando o apogeu das teorias pós-colonialistas, cujos *loci* periféricos estariam “reclamando seus lugares ao sol” no mundo ocidental, seria impensável que dispensassem as “ideias revolucionárias” de Oswald em 1928. Afirma ainda que a antropofagia exige do artista aportado em uma tradição cultural exterior ao ideal da universalidade da tradição do Ocidente a justaposição entre trabalho artístico e crítico enquanto sua responsabilidade<sup>2184</sup>. Assim, considerando as tradições epistêmicas as quais balizam e sustentam o discurso de Silviano, entendo a circunstâncias obedientes e não-desprendidas das suas palavras, mesmo que transcorridas por uma visada pós-colonial aos moldes indo-britânicos; ao mesmo tempo, para mim, *conhecer não implica, como condição sine qua non, assimilar à exaustão o que se tornou conhecido*<sup>2185</sup> – ao modo das internalizações eurocêntricas da razão antropofágica. Conforme Edgar Nolasco<sup>2186</sup> delinea, no “Manifesto” (moderno por excelência), o corpo do “bárbaro” não existe, é uma ilusão.

Com isso, reforça-se a invisibilidade do corpo exteriorizado perfilando a ausência total de sua biografia, há apenas ilusões corpo-gráficas<sup>2187</sup> entoadas através da voz do seu “si-mesmo” nacional, a exemplo de Oswald de Andrade. Em outras palavras, na razão antropofágica, *situam-se corpos sem corpos, sem alma e sem história reforçando, por consequência, a exclusão, inversão, racialização e*

---

<sup>2182</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 132.

<sup>2183</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 16.

<sup>2184</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 18.

<sup>2185</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 222.

<sup>2186</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

<sup>2187</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

*patriarcalização providas pela epistemologia moderna responsável por criar as exterioridades*<sup>2188</sup>. Diante dessa vertente crítica *outra*, como seria possível para mim, tomado pela crítica biográfica fronteiriça, endossar uma possível insígnia pós-colonial na antropofagia à maneira de Silviano? Tanto o mineiro quanto os modernistas, ressalvadas suas múltiplas diferenças, muitas vezes não se desprendem do paradigma da modernidade *na medida que não abandonam as formas de conhecer que assujeitam e modelam ativamente nossas subjetividades imbricadas às fantasias das ficções modernas*<sup>2189</sup>.

À revelia do exercido pelos modernistas, desobediência e desprendimento não são aplicabilidades metodológicas subsidiadas pelas correlações entre teoria e *práxis*<sup>2190</sup>, e, sim, pluriversalidades comunitárias e dialogais de pensar nossas próprias questões nos refazendo pela contracorrente do que vieram nos impondo há séculos – ao modo que problematizarei no capítulo III pelo crivo da *fisiologia da deformação*. Antes de tudo, é um *aprender a desaprender para re-aprender de maneiras outras*<sup>2191</sup>, tal qual asseguro desde a introdução desta tese, na contracorrente do *relato da modernidade em seus campos semânticos e retóricos de progresso viesados pelo consumo e pela ideia diacrônica, única e “universal” da história e das ficções naturalizada pela matriz colonial de poder*<sup>2192</sup>. No que concerne às razões futurista e antropofágicas evocadas neste subtítulo em perspectiva diversal à descolonial, entrevejo que seus endossos viciantes à modernidade, na baliza de Mignolo<sup>2193</sup>, acabou por reproduzir neste trópicos fronteiriços feridas coloniais, patriarcais e racializadas as quais, em grande parte, narcotizaram nossos *modus*

---

<sup>2188</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

<sup>2189</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 07.

<sup>2190</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 07.

<sup>2191</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 07.

<sup>2192</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 07.

<sup>2193</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 07.

*operandi e vivendi* de escre(vi)ver o que mais nos seria próprio *a partir de* nós mesmos e nossas corpo e geo-políticas *genuinamente nacionais*<sup>2194</sup>, para me valer do termo evocado por Silviano.

Intermediado pelas percepções *outras* de Mignolo<sup>2195</sup>, concebo que, narcotizados, Oswald e os modernistas, atravessados à última potência pelos paradigmas modernos/coloniais, mesmo que os recalçassem na superfície de suas retóricas “destrutivas” em prol “do espírito nacional”, talvez não tivessem condições de compreender que não se tratava de rechaçar ou mesmo desconhecer o que muito se produziu pelos autores e narrativas inscritos na dita “modernidade”. Pelo contrário, apresenta-se, antes de tudo, a percepção de que *as histórias locais não-modernas se constituem na fronteira aposta no limiar entre aquelas providas pelas invasões europeias, uma vez que, da percepção do lócus eurocêntrico, vivíamos na borda não podendo ignorar o fato de que de algum modo havia um envolvimento entre ambos os loci, mesmo que nos repelissem e regulamentassem nossas formas de viver, pensar e produzir*<sup>2196</sup>.

Com o cenário delineado em mente e atravessado pela teorização *outra* corroborada pela desobediência epistêmica e pelo desprendimento, tento cotejar a ideia de uma fagocitose cultural à luz de Mignolo em seu debate a partir do argentino Rodolfo Kusch no que diz respeito à América Latina e as interrelações entre a inevitável presença da Europa e a re-existência dos povos originários. Na chancela do exposto, qual é, portanto, a paisagem epistemológica tracejada pela razão antropofágica? *Tupy or not tupy that is the question?*<sup>2197</sup> Para Silviano<sup>2198</sup>, intentava-

---

<sup>2194</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2195</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 11.

<sup>2196</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 11.

<sup>2197</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 142.

<sup>2198</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 23.

se delinear uma posição alternativa ao embate entre “arte erudita” e as “culturas de massas” ou, em outras palavras, nem uma nem outra, mas, sim, pela égide da antropofagia enquanto a “má memória” da diacronia histórica, o direcionamento para ambas as culturas ao mesmo tempo pela visada sincrônica ancorada no posicionamento contrário ao “alto modernismo” excludente das produções populares do âmbito artístico.

No entanto, o princípio fundamental concernente às minhas reflexões de pesquisador desobediente, desprendido e escre(vi)vendo *a partir de* um estado eminentemente habitado por *reais* povos indígenas, não aqueles desprovidos de corpos, almas ou histórias locais<sup>2199</sup> aos moldes do entoadado pelo antropófago branco no século XX através das suas ilusões gráficas, só posso me propor a questionar qual é, então, a paisagem epistemológica cujo substrato latente está entrecortado o cerne da antropofagia oswaldiana. Arrolado pelo que venho discutindo até este momento, compreendo que o horizonte esboçado por Oswald, ainda que no engaste de suas motivações messiânicas, inclusive endossadas por críticos como Silviano, não subverteu o paradigma da modernidade/colonialidade cujas categorias originárias vêm sendo excluídas, invisibilizadas e expurgadas há séculos. Pelo contrário, alimentou-se a premissa objetificante – vinculada entre sujeito (detentor do poder) > objeto (assujeitado ao que concentra o poder) – (auto)proclamando seu suposto direito de tornar “os outros” objetos de estudo e não *como energia para reflexão*<sup>2200</sup>, posto que, conforme Mignolo atesta na esteira de Kusch<sup>2201</sup>, os pensamentos não se originam com base em nenhuma cultura em particular.

---

<sup>2199</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

<sup>2200</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 205.

<sup>2201</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 205.

Na contracorrente do que o paradigma da modernidade/colonialidade quis nos impor goela abaixo em suas incursões imperiais, *não existem quaisquer princípios para se “pensar” livremente, embora apregoem “nomeações” às múltiplas formas que tal prática tem sido exercida entre os seres humanos*<sup>2202</sup>. Isso em mente, *pari passu* à paisagem epistemológica da antropofagia oswaldiana, descortina-se a conjectura da racionalidade mínima que, para Kusch, “[...] é o que permitiu aos ‘universais’ serem simultaneamente concebidos e repetidamente constituídos em diferentes regiões, assegurando os poderes políticos dos universais disfarçados como ‘neutros’”<sup>2203</sup>. Quer queira quer não, Oswald endossou a lógica atestada por Kusch, uma vez que seu “Manifesto”, ainda que de ensejo disruptivo acerca dos grilhões hegemônicos, não desafiou a *conversão das diferenças coloniais em valores*<sup>2204</sup>, *não cortou o cordão umbilical com o império*<sup>2205</sup>, *não efetivou estratégias de desprendimento tampouco rompeu com as formas que internalizamos as palavras e as coisas*<sup>2206</sup>. Sua incursão é tão somente de matiz estético, desprovida de *reais* inscrições corpo-gráficas indígenas e cooptada pela sua figuração enquanto sujeito que fala pelo objeto entoando uma mitologia fetichizada e embebida de vanguardismos eurocêtricos.

Em um preciso sentido, ainda que no angariar de avanços no campo do estético, Oswald alimenta a premissa colonial de que os indígenas não poderiam pensar ou falar por si mesmos, pelos seus próprios corpos ou mesmo pelas suas próprias histórias locais, mas tão somente através do intermédio apostado na relação de assujeitamento – novamente – à voz branca e elitista do paulista entrecortado pelos ventos destrutivos<sup>2207</sup> do movimento de 1922 em seus ideais civilizatórios, de

---

<sup>2202</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 205.

<sup>2203</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 205.

<sup>2204</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 218.

<sup>2205</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 28.

<sup>2206</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 34-35.

<sup>2207</sup> ANDRADE *apud* AGUILAR. Os herdeiros da antropofagia, p. 726.

progresso e desenvolvimento robustecidos pela São Paulo enquanto *futurópolis*<sup>2208</sup>. *Os ideários itinerados das regiões autoprivilegiadas, como cristandade, razão secular e Iluminismo europeu*<sup>2209</sup> não estiveram exteriores à razão moderna aquilatada na antropofagia. Ao fim e ao cabo, de uma perspectiva fronteiriça, as alternativas aparelhadas na antropofagia, ainda que pretendida de matiz crítico como defendeu Leyla Perrone-Moisés, não ofereceram reais possibilidades, para além do âmbito estético, *de desprendimento da matriz colonial de poder, uma vez que esse é o extremo oposto de assimilar-se*<sup>2210</sup>, ou seja, aos universais forjados no seio do paradigma moderno, modernizante, civilizatório e progressista.

Tal qual já problematizei neste capítulo, *assimilar-se implica o próprio despertencimento àquilo que deseja ser parte integrante, não há justificativa, nessa direção, em galgar desprendimento através de marcos de assimilação*<sup>2211</sup>, sejam advindos das vanguardas ou de quaisquer outros intelectuais europeus utilizados, inclusive por Oswald na formulação de seu “Manifesto”, pelos modernistas na baliza de suas artes pretendidas genuinamente brasileiras, conforme Silviano<sup>2212</sup> explicita. Respalado, então, na paisagem epistemológica forjada pela razão antropofágica, suscito, através de Mignolo<sup>2213</sup>, que a concepção dessa não suscitou (re)pensar a modernidade à luz dos legados coloniais e de suas construções imperiais insinuando formas outras passíveis de deslocaram o dito conceito de razão arquitetado pela própria hegemonia da modernidade. Tomado pelo seu lócus de enunciação masculino, branco, intelectualmente elitista e objetificante, Oswald, ainda que bem intencionado no reconhecimento das civilizações assujeitadas, *reforçou o conceito*

<sup>2208</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 16-17.

<sup>2209</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 218.

<sup>2210</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 39.

<sup>2211</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 39.

<sup>2212</sup> BROCA *apud* SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 121.

<sup>2213</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 223.

*monolítico de sujeito do conhecimento cúmplice da razão moderna*<sup>2214</sup> ao angariar rupturas estéticas, culturais, literárias, artísticas, políticas etc. de dentro dos próprios limites internos da modernidade os reafirmando afim ao ideal, equidistante de nós, da universalidade.

No entrecortar das minhas sensibilidades biográficas e locais em filigranas de meu posicionamento ético *outro*, fronteiro por excelência, projetado *a partir de* um dos lados mais obscuros e esquecidos deste Brasil do pretérito imperfeito, minha percepção de desobediência e desprendimento respaldados pela razão descolonial só pode se dar com base nas inscrições a mostras *das possibilidades encobertas*<sup>2215</sup>. Em suma, aquelas *colonizadas e desprestigiadas através da insígnia de tradicionais, bárbaras, primitivas, místicas, exóticas etc. pelos princípios e paradigmas da racionalidade moderna conclusa nas categorias greco-latinas e nas línguas imperiais*<sup>2216</sup>. Estou problematizando, então, as ilusões corpo-gráficas indígenas<sup>2217</sup>, sem mensurar as afro-brasileiras, aportadas no “Manifesto Antropófago” pouco desobediente e nada desprendimento *das normativas imperiais de conhecimento, política, subjetividade etc. reorganizadas em cosmologias advindas de memórias e categorias alheias à última potência aos fundamentos greco-romanos, cristãos e seculares do Ocidente a partir do Renascimento e do Iluminismo*<sup>2218</sup>.

Não obstante, no que diz respeito à paisagem epistemológica descortinada pela razão antropofágica, Silviano<sup>2219</sup> considera que antes mesmo de ser inimigo, “o outro” seria a possibilidade de união em um mundo onde a cada dia se perde mais a esperança de uma fraternidade universal. Graças aos paradoxos oswaldianos, o

---

<sup>2214</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 223.

<sup>2215</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 256.

<sup>2216</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 256.

<sup>2217</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

<sup>2218</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 259.

<sup>2219</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

mineiro<sup>2220</sup> aponta para as especificidades responsáveis, esperançosas e utópicas conjecturadas na felicidade da comunhão a partir da qual “tudo que é do outro também é meu” aferindo, portanto, um caráter compromissado e pretendido universal em torno dos “bens alheios”. Imbricado em tal lógica, *poderia acumular em si “o outro” e seus valores em estado de negociação jamais desfalcando seu capital cultural, posto que seria sempre um elo somatório*<sup>2221</sup>. Então, “A visão do sujeito antropófago perde o sentido das fronteiras geográficas e sua audição perde o sentido dos limites espaciais e sua localização.”<sup>2222</sup>. Face a isso, pergunto: qual “outro” é esse em estado de união fraternal no mundo? Será mesmo, na chancela do defendido até aqui nesta tese, que *tudo aquilo* de propriedade dos europeus é, de fato, também daqueles situados nos arrabaldes do planeta, como os modernistas? Ou, ainda, *tudo* que é do europeu pertence ao indígena, aos afro-brasileiros, às mulheres, aos corpos dissidentes?

Ademais, *se para o sujeito antropófago, esfarela-se o sentido das fronteiras geográficas e dos limites espaciais*<sup>2223</sup>, por que os conhecimentos e as produções artístico-literárias do Sul global estão desde sempre em posição marginal, exteriorizada e vilipendiada em detrimento àqueles advindos de *loci* centralizados, nacionais e internacionalmente? Por fim no âmbito do meu recurso retórico interrogativo, *o jamais desfalque de capital cultural implicado pela constante soma*<sup>2224</sup> diz respeito às inscrições corpo e geo-políticas de ambos os lados das linhas abissais tracejadas através das expansões coloniais e imperialistas ou apenas quando enseja a (auto)manutenção das hegemonias de paisagens epistemológicas modernas da interioridade global ou mesmo nacional? Da minha perspectiva fronteiriça, não apenas

---

<sup>2220</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

<sup>2221</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

<sup>2222</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

<sup>2223</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

<sup>2224</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

desobedeço às reflexões imaginárias descortinadas de Silviano como me desprendo delas em prol de, na esfera da razão antropofágica, buscar *des-aprendê-la para re-aprendê-la*<sup>2225</sup> pelo arregimentar *outro* de Mignolo e Kusch naquilo que se declina em uma ideia de fagocitose cultural.

Assim dizendo, “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”<sup>2226</sup> e “Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.”<sup>2227</sup>. Talvez até tivéssemos cosmologia e maneiras *outras* de conceber e reproduzir o mundo que nos entrecorta a pele, contudo, ao contrário das palavras do mineiro, nosso capital cultural circunscrito nestes trópicos pretéritos imperfeitos foi desfalcado, pois aos que aqui estavam, perpetraram-se diversos processos imperiais e conquistadores de violência, apagamento, invisibilização, expurgo e assujeitamento, nunca nada no campo semântico da soma, menos ainda, quando postas metrópole e colônia vis-à-vis. No âmbito da fagocitose cultural alcunhada por Kusch<sup>2228</sup>, aos indígenas, “materiais de estudo” para a antropofagia oswaldiana, resguardavam-se o fedor e o medo do extermínio enquanto, por outro lado, aos brancos ditos civilizados e cidadãos progressistas, pressupunham-se triunfo, limpeza e messianismo abastecidos, ambos os lados, por interações dramáticas, em um *modus operandi* de base dialética, as quais o intelectual argentino nomearia de fagocitose.

Essa, por sua vez, buscaria encontrar pontos de equilíbrio entre o que se concebeu enquanto “coisas limpas do Ocidente” absorvidas pelas “coisas da

---

<sup>2225</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>2226</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 145.

<sup>2227</sup> ANDRADE. *Manifesto Antropófago*, p. 142.

<sup>2228</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 209.

América”<sup>2229</sup> reintegrando, de fato, os assujeitados habitantes destas terras, não unicamente do ponto de vista textual e estético, mas, sobretudo, do viés existencial apregoado à re-existência dos povos originários pela interceptação da modernidade/colonialidade e suas violências simbólicas, físicas, materiais, epistemológicas, artísticas etc. Na égide da impossibilidade de negar a presença renitente da Europa na América, e neste meu lócus do pretérito imperfeito tupiniquim, Kusch<sup>2230</sup> a concebe não mais pelo viés de espaço construído em oposição ao centro, e, sim, extensão de matiz colonial do Ocidente em co-existência com o ameríndio e suas memórias ancestrais, cosmologias de vida, comportamentos, padrões cognitivos etc. que re-existiram e sobreviveram aos períodos coloniais, pós e neocoloniais. Nesse intento, entrevejo uma diferença contumaz entre os pressupostos do pensador argentino e as proposições estético-artísticas de Oswald de Andrade.

Isso, pois, ainda que à revelia “do alto modernismo” excludente das ditas “culturas de massas” como aferiu Silviano<sup>2231</sup>, o paulista, ao reconhecer as múltiplas “civilizações” que existiam para-além do seu espectro paulista intelectual e centralizado, ainda assim, o fez mediante os próprios critérios inscritos no paradigma da modernidade no ensejo de romper com os grilhões da dependência pelo crivo da busca viciante e compulsória do universal. À maneira que problematizei neste subtítulo, não existiam *memórias ancestrais, cosmologias de vida, comportamentos ou mesmo padrões cognitivos*<sup>2232</sup> dos povos indígenas no “Manifesto Antropófago”, apenas ilusões corpo-gráficas de assujeitados sem corpo, sem alma e sem história<sup>2233</sup> desenhados pelo entoar masculino, branco e elitizado de um poeta bradejando seu

---

<sup>2229</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 209.

<sup>2230</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 209.

<sup>2231</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 23.

<sup>2232</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 209.

<sup>2233</sup> NOLASCO. Por um manifesto modernista, não; descolonial, p. 41.

cântico a partir da *futurópolis*<sup>2234</sup> progressista e desenvolvimentista. Ainda que embebido do desejo nacionalista, verde-amarelo e disruptivo, Oswald não explora as camadas coloniais inscritas *nos conflitos entre o imundo e o limpo, o fétido e o fresco, advindos dos europeus do Velho Mundo e os povos pré-colombianos das Américas que, quando interagidos violentamente, acabaram por criar um novo mundo*<sup>2235</sup> – a redundância é proposital.

Tais conflitos decorridos da violência pela imposição colonial da metrópole à colônia é suscitada por Kusch com base nas sabedorias da América enquanto fagocitose cultural, um processo de mão dupla “[...] enquanto a civilização ocidental era transformada nas margens pelas tradições ameríndias, essas mesmas tradições geradoras de transformação foram e continuam sendo relegadas [...]”<sup>2236</sup> a um “[...] segundo (ou terceiro) plano pela promoção hegemônica do ‘processo civilizador’ durante o período colonial e do ‘progresso e modernização’ durante o período pós-colonial.”<sup>2237</sup>. À vista de tal entendimento, pode-se optar *pelo endosso aos princípios de civilização, progresso e modernização ou à resistência a eles pelo exercício de problematizar as complexidades desse terreno*<sup>2238</sup>. Da minha perspectiva desobediente e desprendida atravessada pelo teorizar fronteiro deste Brasil pretérito e imperfeito, afasto-me, à última potência, do primeiro arsenal paradigmático contrastado por Kusch, ao mesmo tempo que compreendo o quanto sua presença por aqui foi cotejada, primeiro, pelos modernistas, dentro dos seus limites internos de pensamento, e, mais ainda, pela crítica revisionista através de suas inquições modernas.

---

<sup>2234</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 16-17.

<sup>2235</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 209.

<sup>2236</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 210.

<sup>2237</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 210-211.

<sup>2238</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 210.

Ao eleger a desobediência e o desprendimento enquanto premissas basilares do meu pensamento matizado pelas dores e apagamentos destas bordas, não posso desconsiderar os caracteres de progresso e modernização imbuídos no “Manifesto Antropófago” de Oswald, uma vez que tanto nele quanto nos modernistas, o desejo de se modernizar através da internalização dos paradigmas vanguardistas em prol de se universalizar era pujante. À diferença daquilo ocultado no cântico oswaldiano, a fagocitose cultural pressupõe intervenções culturais as quais façam valer a exigência por novos lugares<sup>2239</sup> de enunciação, ou melhor, o inscrever inegociável das histórias locais e das reivindicações críticas daqueles tornados “outros” e “específicos” em detrimento à hegemonia pretendida homogênea dos centros interiorizados. Sem fetichizar as cosmologias dos assujeitados indígenas, angaria-se uma *consciência dupla que devolva ao subalterno seu potencial epistemológico usurpado*<sup>2240</sup> pelos brancos do “Velho Mundo” ou mesmo por intelectuais nacionalmente centralizados em bradejares ilusórios apostos na subversão estético-gráfica.

Nessa seara, o argentino<sup>2241</sup>, ressalvadas as diferenças já problematizadas, parece se aproximar um pouco do proposto na antropofagia quando estabelece que se conheça tanto a razão do “senhor” quanto a do “escravizado”, visto que o primeiro só sabe aquilo que diz respeito a si mesmo ao passo que ao segundo é compelida a tarefa de compreender o próprio e o alheio – os binômios sinalizados por Kusch estariam no mesmo campo do que pressupõe “civilização” de um lado e “barbarismo” de outro<sup>2242</sup>. Calcada em tal lógica, a fagocitose seria “[...] precisamente aquele momento no qual a razão do senhor é absorvida pelo escravo e a razão subalterna

---

<sup>2239</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 211.

<sup>2240</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 214.

<sup>2241</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 214.

<sup>2242</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 214.

pratica a fagocitose em relação à outra razão.”<sup>2243</sup>. Pelo contrário do que se poderia supor, o estabelecido por Kusch não seria única e tão somente um ato de antropofagia, inclusive mencionado por Mignolo em *Histórias locais/projetos globais*<sup>2244</sup>, mas o momento em que se absorveriam os ideais modernos/coloniais de civilização pela desobediência e despreendimento dos paradigmas da modernidade em prol de se universalizar o quanto fosse possível.

A fagocitose não se reveste do desejo compulsório de comer e absorver *tudo aquilo* que fosse possível para se tornar “moderno” da óptica eurocêntrica internalizada pelos agentes de 1922 neste país do pretérito imperfeito – a exemplo do que evoquei neste subtítulo pela presença das máquinas em textos futuristas. Não se trata, portanto, *de uma hibridez aposta nas imagens conviviais das zonas de contato, e, sim, forças de teorização emergidas a partir das “racionalidades bárbaras” integradas em vencer as lógicas restritivas escondidas pelas ideias civilizatórias cuja hegemonia suprimiu a autopropriação das qualidades dos ditos “bárbaros”*<sup>2245</sup>. De maneira diversal à razão antropofágica em sua totalidade, a fagocitose cultural inscreveria, portanto, aquilo que Oswald não conseguiu através de seus anseios modernizantes e fetichizantes: *as complexidades geoistóricas, sexuais, raciais, nacionais, diaspóricas, de exílio* etc. das exterioridades assujeitadas às condições coloniais, imperiais, modernas, progressistas, desenvolvimentistas e civilizatórias enquanto *formas pluriversais de pensamentos emergindo como reação às condições de vida criadas pelas faces das diferenças coloniais*<sup>2246</sup> – em outras palavras, a preocupação aqui não é de ordem especificamente estética, artística ou apenas literária, mas, sim, de possibilidade do viver com dignidade.

---

<sup>2243</sup> KUSCH *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 214.

<sup>2244</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 399.

<sup>2245</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 399.

<sup>2246</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 399.

Diante disso, no que circunscreve não apenas a razão antropofágica, mas, também, a futurista, ambas situadas em justaposição à descolonial calcada na desobediência e no desprendimento, encaminho-me para o, enfim, encerramento deste subtítulo. Concluo reafirmando que minhas teorizações críticas biográficas fronteiriças, diferentemente do que explicita Silviano e na contramão ideológica dos modernistas, *não são desejosas do capital artístico, literário ou mesmo teórico dos ditos universais inventando novas metodologias de leitura nada convencionais*<sup>2247</sup>. Respaldo-me não em novos paradigmas proclamados mestres ou único possíveis, e, sim, em paradigmas *outros* que se prestem a me ressoar forças de *perder o medo de pensar por mim mesmo, ainda que em posição de embate pelo advindo das forças implicadas nas diferenças epistêmicas e ontológicas*<sup>2248</sup> emergidas do seio da matriz de poder hegemônica em sua (auto)proclamada “universalidade” modernizante.

Portanto, asseguro que tentei estabelecer intervenções políticas alheias ao que boa parte da crítica brasileira vem há anos endossando em torno do modernismo brasileiro de 1922 sem lançar luz sobre seu lado obscuro quase como se o movimento estivesse sacralizado e livre de quaisquer problematizações, sobremaneira, as que se desenquadraram do coro uníssono da modernidade/colonialidade nas universidades brasileiras deste tempo-espço pretérito e imperfeito. Nesse viés, reconheço as benfeitorias galgadas pelo modernismo, a serem aprofundadas no próximo subtítulo, mas não me coloco à disposição de barganhar com seus princípios e paradigmas recalcados e por vezes contraditórios no que circunscreve nossa “dependência” ao eurocentrismo. À vista disso, presto-me a *conhecer mais para poder me desprender do conhecido, minar os silêncios conscientes ou inconscientes*<sup>2249</sup> das *práxis*

---

<sup>2247</sup> SANTIAGO. O começo do fim, p. 25.

<sup>2248</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 147.

<sup>2249</sup> MIGNOLO. Sí, podemos, p. 150.

modernistas traçando o meu próprio caminho de pesquisador dissidente e fronteiro escre(vi)vendo sem *depende(r) das palavras dos expertos* e dos rastros de violência, destruição e apagamento deixados por eles. Minha desobediência e meu desprendimento epistemológicos são irrevogáveis e inegociáveis intervendo político e epistemicamente através do meu ato de teorizar calcada, ao modo do trecho de tese posterior a este, em uma provincialização da Europa, por excelência.

## 2.4 – Uma outra leitura do movimento modernista a partir de 1942 e pela provincialização da Europa

[...] o que *Pau-Brasil* faz é acentuar uma segunda e outra forma de colonização, desta vez não por imposição do estrangeiro (os portugueses, no caso), mas por livre autocrítica e espontâneo desejo dos antigos colonos. A constituição de uma nação chamada Brasil, produto da inserção de terras e povos 'bárbaros' no movimento de ocidentalização do mundo, foi equivocada e injustamente feita a ferro e fogo a partir de 1500, ou seja, feita pela violência da conquista. A inserção do Brasil no Ocidente deve vir antes da vontade livre dos cidadãos, inspirados por uma razão não só universalizante, mas também reveladora do atraso do país e da possibilidade de progresso material e espiritual. [...] Estava ali a primeira manifestação da vontade intelectual em abdicar da minoridade socioeconômica e política a que tinham sido obrigados os brasileiros pela colonização (a primeira) europeia.

SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 136, grifos meus.

Esta necessidade espiritual, que ultrapassa a literatura, é diferencia fundamentalmente Romantismo e Modernismo, das outras escolas de arte brasileiras. Estas foram todas essencialmente acadêmicas, obediências culturalistas que denunciavam muito bem o colonialismo da Inteligência nacional. Nada mais absurdamente imitativo (por si nem era imitação, era escravidão!) que a cópia, no Brasil, de movimentos estéticos particulares, que de forma alguma eram universais, como o culteranismo ítalo-ibérico setecentista, como o Parnasianismo, como o Simbolismo, como o Impressionismo, ou como o Wagnerismo de um Leopoldo Miguez. São *superfectações* [sic] culturalistas, impostas de cima pra baixo, de proprietário a propriedade, sem o menor fundamento nas forças populares. Daí uma base desumana, prepotente e meus Deus! arianizante que, si aprova o imperialismo dos que com ela dominavam, prova a sujeição dos que com ela eram dominados.

ANDRADE. O movimento modernista, p. 274-275, grifos meus.

É à luz da perspectiva de um *modernismo aberto para des-balanço* apostado nos campos conceituais da crítica biográfica fronteira e, por extensão, nas opções descoloniais, desobediência epistêmica e desprendimento que este subtítulo conclusivo deste capítulo se delinea, em específico, com base no engaste teórico *outro* respaldado na ideia de provincialização da Europa, diferencialmente pluriversal ao galgado pelos proponentes de 1922. Na contracorrente do exposto até o presente momento neste capítulo, salto temporalmente a 1942, justificado pelo texto “O movimento modernista” de Mário de Andrade, quando, vinte anos após a Semana de Arte Moderna, o pai do movimento, em conferência solicitada pelo “Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil” realizada no dia 30 de abril do referido

ano<sup>2250</sup>, traça um panorama das suas atividades e pretensões durante o modernismo brasileiro ao mesmo tempo que tensiona problematizações a respeito dos seus companheiros no empreendido pelos *ventos da destruição*<sup>2251</sup> que os arrebataram na eclosão e no desenvolvimento dos princípios artísticos, literários, teóricos e políticos pretendidos revolucionários decorridos a partir de 1922.

Na clave de tal intento, retomo, de antemão, a epígrafe de Silviano, contudo, subverto-a pelas filigranas da teorização *outra* que sustenta quaisquer reflexões chanceladas nesta tese. Se, para o mineiro, *a poesia Pau-Brasil fez acentuar uma segunda forma de colonização por livre e espontânea vontade dos antigos colonos*, prefiro afirmar, desprovido do particularismo da referida citação, que foi a totalidade eurocêntrica do modernismo, sem uma real desobediência epistêmica e/ou despreendimento, que acabou por *acentuar uma segunda forma de colonização* nestes trópicos pretéritos imperfeitos. Assim, no que compete aos *modi operandi e vivendi* do colonialismo expansionista do século XVI, a ser discutido no terceiro capítulo deste trabalho, não foi dada possibilidade de escolha tampouco de escapatória sendo, portanto, imposto através da violência aos povos originários deste lócus. No entanto, à *segunda colonização* alimentada pelos modernistas, de insígnias literário-culturais e epistemológicas calcadas no projeto da modernidade/colonialidade, existia uma possibilidade deliberativa cuja contraproposta de matiz descolonizado, consciente das renitentes diferenças coloniais, foi desprezado.

No que compete ao corolário de uma *segunda colonização*, aproximo o exposto às palavras epigrafadas de Mário de Andrade quando relê em 1942 o modernismo pelo seu caráter *essencialmente acadêmico, de obediência culturalista, pretendendo denunciar o aspecto colonialista da Inteligência nacional pari passu à escravidão*

---

<sup>2250</sup> SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 114.

<sup>2251</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 264.

*imitativa da cópia brasileira em detrimento aos movimentos estéticos europeus.* Ademais, ressoa o já problematizado por mim neste capítulo em torno do divórcio abissal situado entre *o Brasil dos intelectuais elitistas*, embebidos de universalismos abstratos, e *o dos dizimados, explorados e esquecidos*<sup>2252</sup>, arregimentados pelas especificidades exteriorizadas de suas histórias locais e sensibilidades biográficas tornadas inexistentes em detrimento à pseudo-superioridade dos centros. Com base nos dizeres de Mário de Andrade, o não-diálogo cravado entre elite e massa *se deu através de fecundações culturalistas, impostas de cima para baixo, sem fundamento algum nas forças populares sendo, então, desumanas, prepotentes e até mesmo arianizantes em prol à sujeição dos dominantes sobre os dominados.*

Em um preciso sentido descolonial, dá-se o lastro da diferença pluriversal em torno do que intento problematizar neste subtítulo conclusivo, isto é, o quanto o modernismo paulista, de pretensa natureza revolucionária e emancipatória, não deu conta, de forma consciente ou não, de provincializar a Europa. Mas, sim, torná-la o *ponto zero*<sup>2253</sup> do universalismo artístico, literário, epistêmico e político que os agentes de 1922 tanto se automutilaram colonialmente para perseguir à exaustão no ensejo de (tentarem) ser, ainda que de modo píffio, modernos, atuais e, em medida maior, universais como nossos colonizadores (auto)proclamados enquanto tais através de uma ficção hegemônica. Face a isso, provincializar a Europa, como nos ensina o indiano Dipesh Chakrabarty<sup>2254</sup>, não pressupõe um mero projeto descolonizado de rejeição da modernidade e seus valores pretendidos liberais, universais, racionais, totalizantes, bem como, ao mesmo tempo, não suscita relativismos culturais em que

---

<sup>2252</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>2253</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2254</sup> CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 272.

os valores citados seriam específicos para cada cultura, mas, ainda, pertencentes ao espaço-tempo europeu.

Assim, aquilatado em minhas próprias experivivências corpo e geo-políticas dissidentes de pesquisador que pensa *a partir de* uma epistemologia *outra* engastada em problematizar os grilhões modernos/coloniais renitentes neste Brasil do pretérito imperfeito, entrevejo o referido conceito, agora vis-à-vis ao corpo hegemônico do modernismo, enquanto possibilidade de des-ler a Europa *tornando-a uma dentre múltiplas e multifacetadas histórias locais disseminadas pelo planeta sem perder de vista suas práxis hegemônicas no sistema mundial e colonial moderno*<sup>2255</sup>. Provincializar a Europa, então, na esteira do intelectual indiano<sup>2256</sup>, urge o reconhecimento descolonizado de que o adjetivo “moderno” foi tão somente uma prática de apropriação europeia para si mesma constituindo apenas um fragmento, e não a totalidade, da dita história global cuja presença do imperialismo de uma interioridade aportada nos *humanitas* é parte indispensável o que, por sua vez, não implica, em nenhuma medida fronteira, seu protagonismo pseudo-universal em detrimento *a tudo e a todos*.

Ademais, a exemplo do espectro modernista no que compete ao Brasil, tensionar um campo conceitual embasado na ideia de provincializar a Europa requer, também, desvelar horizontes problematizadores às hospedagens e hospitalidades do Terceiro-Mundo. Esse, sobretudo meu Brasil do pretérito imperfeito há muito ansiando por “ser moderno”, onde *certa visão totalizante da Europa entremeada pela ficção da modernidade*, encontrou sobressalentes ressonâncias não sendo, portanto, *apenas obra dos europeus em suas inquirições imperialistas, mas, também, importações latentes por parte dos nacionalismos das exterioridades através de suas ideologias*

---

<sup>2255</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.

<sup>2256</sup> CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 272.

*modernizadoras atuando como cúmplices de tais procedimentos hegemônicos por excelência*<sup>2257</sup>. De alguma maneira, ainda que munido de intenções emancipatórias e revolucionárias entoadas pela destruição, o modernismo acabou por reproduzir o cerne da crítica empreendida por Aníbal Quijano<sup>2258</sup> em que só o lócus geoistórico e epistêmico europeu poderia ser racional e, por extensão, conter sujeitos ao passo que as outras culturas seriam não-rationais e compostas por bárbaros, sub-humanos e selvagens irracionais. Da minha perspectiva *outra*, provincializar a Europa se ancora, em alguma medida, no resvalado pela obra plástica “América Invertida” (1943) (Figura 25) de Joaquín Torres-García a qual reproduzo a seguir:

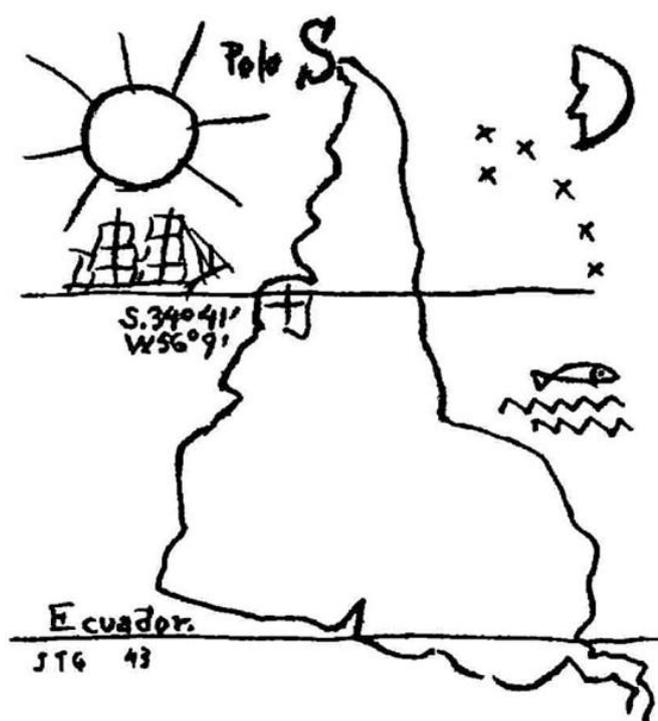


Figura 25 – “América Invertida” (1943) de Joaquín Torres-García  
 Fonte: <https://diplomatie.org.br/wp-content/uploads/2022/08/America-Invertida-1943.-Joaquin-Torres-Garcia.jpeg>

Pelo crivo de uma pluriversal diferença fronteiriça em detrimento aos pressupostos já arrolados neste capítulo em torno do modernismo, a provincialização

<sup>2257</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 272.

<sup>2258</sup> QUIJANO *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 284.

somada ao quadro de Torres-García me são salutares nesta teorização a fim de sustentar uma perspectiva *outra* e mais justa de nossa conjuntura des-lendo para re-ler o lugar relegado a nós pela interioridade pseudo-universal do mundo. Ainda que os modernistas talvez não tivessem autoconsciência descolonial acerca das defensivas epistêmicas suscitadas por mim nesta tese, prefiro *um ideal mais justo da nossa posição e não aquela que nos disseram o resto do mundo*<sup>2259</sup> enquanto tensiono críticas tanto às mentalidades colonizadoras quanto às colonizadas<sup>2260</sup>. Tal qual Walter Mignolo<sup>2261</sup> descortina, evito o campo totalitário das ideias mestras, de significantes vazios e acomodados pelos que optam por barganhar seus corpos e mentes com a modernidade/colonialidade; prefiro, na contracorrente, não manter mais os termos já conhecidos e endossados nas academias para me situar no mais para-além possível das totalizações que detêm o controle e as assimetrias de poder – elejo, não obstante, eleições críticas *outras* para abalizarem meu discurso descolonial assentado nas pluriversalidades *co-existenciais de muitos mundos possíveis*<sup>2262</sup>.

No bojo de horizontes *outros* cotejados pela ideia de provincialização da Europa, minha teorização fronteiriça, gestada no cerne das opções descoloniais, desobediência e desprendimento epistêmicos, dá-se, enquanto condição *sine qua non*, pela contracorrente dos ideários modernizantes, futuristas, antropofágicos, elitistas e hegemônicos corroborados à última potência em 1922 e revisitados criticamente em 1942 por Mário de Andrade. Em estreitas linhas, como convoca Silviano<sup>2263</sup>, o Brasil sempre foi pensado com base no seu *afuera*, através de percepções incompletas e tomando corpo enquanto prolongamento da Europa – ainda

---

<sup>2259</sup> TORRES-GARCÍA *apud* SANTIAGO. Modos de inserção da América Latina, p. 249.

<sup>2260</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 42.

<sup>2261</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.

<sup>2262</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>2263</sup> ALECANSTRO *apud* SANTIAGO. Artelatina (manifesto), p. 60.

que prolongamento pela dita “negação”, no que é palpável ao caso modernista – ignorando, por consequência, os complexos sistemas de exploração colonial<sup>2264</sup>, nos mais variados campos da vida, do saber e das artes, decorridos da expansão europeia no século XVI e ferrenhas não apenas no século XX modernista como, ao modo que discuti no capítulo I desta tese, no agora do XXI. Mário, então, vinte anos pós-Semana, mostrou certa lucidez quando afirmou saber *que ainda existiam espíritos coloniais naquele momento cujo espectro da erudição era tão facilmente alcançado em seus academicismos importados*<sup>2265</sup>.

A isso, o pai modernista<sup>2266</sup> arregimenta sua *mea culpa*, pois se, de um lado, havia, nas bases destruidoras do modernismo, uma preocupação pujante em torno da “atualização da inteligência artística brasileira” calcada na importação das vanguardas europeias, e não na tentativa de suas provincializações, em prol da *criação hedonística da beleza aquilatada na arte como expressão interessada da sociedade*<sup>2267</sup>, de outro, existia o quase completo desinteresse na vida cotidiana do seu tempo. Ou, nos seus próprios dizeres, “Se tudo mudávamos em nós, uma coisa que nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. E isto era o principal!”<sup>2268</sup>. Face a Mário em sua revisitação, faz-se impossível que eu me esqueça de Silviano quando apregoa *uma segunda colonização*<sup>2269</sup> ao modernismo, sobremaneira, ao escritor paulista ressoar que existia um *individualismo em si e em seus companheiros fomentado pela mais antiquada ausência de realidade em muitos deles*<sup>2270</sup>. Seriam, no seu raciocínio, *dirigidos dando às suas obras*

<sup>2264</sup> SANTIAGO. Artelatina (manifesto), p. 60.

<sup>2265</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 274.

<sup>2266</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 276.

<sup>2267</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 276.

<sup>2268</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 276.

<sup>2269</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 136.

<sup>2270</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277.

*caducidade de combate lutando contra lençóis superficiais de fantasmas desprovidos das angústias dos seus tempos no que competia à revolta direcionada a vida como ela era*<sup>2271</sup> indo, pelo contrário, “[...] quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura.”<sup>2272</sup>.

Talvez, não só em Mário, como em grande parte dos modernistas, tenha faltado *não apenas a ausência da realidade*<sup>2273</sup>, mas, sim, uma consciência *outra a partir das artes, literaturas, teorias etc.* bem como, em destaque, das violências renitentes das diferenças coloniais que, desde o século XVI, grassam de todas as fronteiras, margens, periferias e bordas deste Brasil do pretérito imperfeito através dos deserdados exteriorizados abafados pelos hegemonia intelectualizada dos centros, tal qual o não-diálogo entre elite e massa, coadunado pelo modernismo, comprova. Em justaposição comparatista, os reais gritos dos tornados não-existentes, sub-humanos, racializados, bárbaros e selvagens (*anthropos*) foram suprimidos, naquele momento, pela quase necessidade viciante dos intelectuais e artistas da época de tentarem internalizar, ainda que defendendo a negação, os princípios advindos dos *humanitas* interiorizados. Ao não ensejarem quaisquer práticas de provincialização dos *loci* modernos/coloniais, Mário, em 1942, afere que “[...] alcanço agora esta consciência de que fomos bastante inatuais. Vaidade, tudo vaidade... Tudo o que fizemos...”<sup>2274</sup> e, ainda, “Mas apesar de sinceras intenções boas que dirigiam a minha obra e a deformaram muito, na verdade, será que não terei passeado apenas, me iludindo de existir?”<sup>2275</sup>.

---

<sup>2271</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277.

<sup>2272</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277

<sup>2273</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277.

<sup>2274</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 278.

<sup>2275</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 278.

Diante do cenário descortinado por Mário, Silviano<sup>2276</sup> pontua que foi por meio da “proteção” dos salões paulistanos que o espírito destruidor do movimento modernista se disseminou, sendo espaços seletos e aristocratizantes predestinados a espalharem as defensivas estéticas defendidas por seus agentes. Afirma<sup>2277</sup> ainda que Mário, em retrospectiva, considera os anos 1920 como o marco do seu “suicídio enquanto artista” ao ensejar promover uma “arte de ação” divulgando por todos os lados do Brasil a “palavra da modernidade” através de cartas e, ao mesmo tempo, “em prejuízo da sua arte pessoal”. Preocupado com a poesia enquanto elaboração de pesquisas formais, Mário, já descolado dos princípios futuristas, concebe nela *uma verdadeira revolução literária*<sup>2278</sup> no país. No entanto, ainda que o pai modernista revise sua própria carreira e as dos seus companheiros, ainda assim, sua percepção não se descola do viés moderno embutido no projeto da modernidade, posto que, como suscita o sul-fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira<sup>2279</sup>, não empreende que a ideia de “ser moderno” corrobora o projeto extensionista de um pensamento hegemônico e assimétrico.

Esse, por sua vez, constituído na base da interioridade ocidental que acabou por se tornar *ponto zero*<sup>2280</sup>, isto é, o padrão pretendido universal da raça europeia, do gênero masculino e das classes elitistas<sup>2281</sup> enquanto as dominantes passíveis, por isso, de reconhecerem e se apropriarem dos *loci* ditos “descobertos” e, não menos, das histórias locais e sensibilidades biográficas apostas nos povos ali pré-existentes exteriorizados. Ao se afastarem das possibilidades de provincialização da Europa,

---

<sup>2276</sup> SANTIAGO. (Ora) direis puxar conversa!, p. 101.

<sup>2277</sup> SANTIAGO. (Ora) direis puxar conversa!, p. 105.

<sup>2278</sup> SANTIAGO. (Ora) direis puxar conversa!, p. 109.

<sup>2279</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 179.

<sup>2280</sup> GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2281</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 179.

*despreocupados e ausentes das realidades dos seus tempos*<sup>2282</sup>, os modernistas reforçaram a lógica abstrata de que a Europa inventou o mundo reforçando o ideal imitativo em que os loci periféricos teriam de, sempre, perseguirem a participação na dita História Mundial e, portanto, reconhecerem-se como “modernos” “vivendo a modernidade”<sup>2283</sup>. Na perspectiva *outra* de Bessa-Oliveira<sup>2284</sup>, é posto que o repertório eurocêntrico modernista endossou a lógica da autoinscrição responsiva aos padrões pré-determinados pela Europa a partir da qual interiorizamos a prática colonizada de sempre reproduzir em detrimento à de re-fazer de modo *outro*.

Modernistas, distantes da provincialização da Europa, reforçaram não menos que o padrão latente universalizante em que europeus seriam *os mais modernos do mundo cabendo a eles o “dever” de “modernizá-lo” e fazendo seus “restos” acreditarem ser, também, modernos à sua semelhança reprodutória*<sup>2285</sup>. Isso posto, concordo com Mário quando assevera que “[...] os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.”<sup>2286</sup> e, intencionalmente pensado mediante tal intento, este capítulo acaba por autenticar o aferido pelo pai modernista. Percebo as boas intencionalidades pressupostas pela violência destruidora de 1922, não as desprezo em hipótese alguma, porém, munido da crítica biográfica fronteiriça, só posso problematizá-las no engaste de suas predileções modernas/coloniais, não menos que isso. E, sobretudo, quando percebo o quanto as universidades ainda insistem em se apregoar apenas às benesses estético-artísticas do movimento ignorando, por consequência, seu lado obscuro imitativo e dependente à última potência. A título de Silvano na égide de

---

<sup>2282</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277.

<sup>2283</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 179.

<sup>2284</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 180.

<sup>2285</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 179.

<sup>2286</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 279.

Sérgio Milliet, *ignorar a existência da Semana seria tão infantil quanto lhe dar importância excessiva, esquecê-la é tão grave quanto tê-la sem cessar frente às vistas*<sup>2287</sup>. Cito novamente Mário em 1942:

[...] o que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Nada disso representa exatamente uma inovação e de tudo encontramos exemplos na história artística do país. A novidade fundamental, imposta pelo movimento, foi a conjugação dessas três normas num todo orgânico da consciência coletiva. E si [sic], dantes, nós distinguimos a estabilização assombrosa de uma consciência nacional num Gregório de Matos, ou, mais natural e eficiente, num Castro Alves: é certo que a nacionalidade deste, como a nacionalistiquice do outro, e o nacionalismo de Carlos Gomes, e até mesmo de um Almeida Júnior, eram episódicos como realidade do espírito. E em qualquer caso, sempre um individualismo. Quanto ao direito de pesquisa estética e atualização universal da criação artística, é incontestável que todos os movimentos históricos das nossas artes (menos o Romantismo que comentarei adiante) sempre se baseara no academismo. *Com alguma exceção individual rara, e sem a menor repercussão coletiva, os artistas brasileiros jogaram sempre colonialmente no certo. Repetindo e afeiçoando estéticas já consagradas, se eliminava assim o direito de pesquisa, e conseqüentemente de atualidade.*<sup>2288</sup>

Diante do excerto, friso o seguinte trecho: *os artistas brasileiros jogaram sempre colonialmente no certo repetindo e afeiçoando estéticas já consagradas*. Assim, ao fazê-lo, perpetuaram à exaustão o pressuposto hegemônico e assimétrico de que seríamos, sempre, desprovidos de paradigmas *outros* e pensamentos próprios, isto é, de quaisquer possibilidades de caminharmos com as nossas próprias pernas e nos pensarmos, artístico-teoricamente, através de nós mesmos. Ao se embeberem de boas intenções com *instrumentos de trabalho carentes de expressões de identidade*<sup>2289</sup> próprias, conforme Mário atesta, “[...] uma coisa não ajudamos verdadeiramente, uma coisa não participamos: o melhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.”<sup>2290</sup>. Ou seja, *acreditavam-se atuais, nacionalistas, universais*<sup>2291</sup> e modernos o quanto fosse possível, todavia,

<sup>2287</sup> MILLIET *apud* SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 114.

<sup>2288</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 266, grifos meus.

<sup>2289</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 268.

<sup>2290</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 280.

<sup>2291</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 280.

pouco fizeram no que dizia respeito às próprias urgências e necessidades destes trópicos colonizados de um Brasil do pretérito imperfeito, mais uma vez, alocado no lugar de subserviência e reprodução da interioridade ocidental sem iminência alguma de provincializá-la.

Ademais, Silviano<sup>2292</sup> destaca que existe um lado de 1922 que foi pouco ou quase nada discutido por parcelas sobressalentes dos críticos, ou seja, a maneira como o passado colonial foi recuperado através de uma óptica reducionista aplicada às contribuições culturais dos indígenas e afro-brasileiros pelo enviesamento da modernidade/colonialidade ocidental. Segundo o mineiro, “Esse reducionismo acaba por valorizar uma razão moderna etnocêntrica, intolerante, incapaz de manter diálogo com seu outro (as culturas ameríndias e africanas) [...]”<sup>2293</sup>, pois “[...] sempre o coloca em situação hierarquicamente desfavorável e como responsável pelas piores ‘contaminações’ que a ‘pureza’ ocidental pode sofrer.”<sup>2294</sup>. Nessa linha, retomo a fala já descortinada por Mário quando aquilata *sua vaidade e a dos seus, seus individualismos em antiquadas ausências de realidades desprovidos das angústias dos seus tempos e da vida como era*<sup>2295</sup>. Em suma, não só não provincializaram a Europa, mas, endossoando-a pela negação o quanto fosse possível, traçaram um corte abissal e substancial na cultura brasileira orientados pelos *ventos da destruição*<sup>2296</sup> pseudo-emancipatória que tanto perseguiram.

Pelo não-diálogo, entre seus centos intelectualizados desejando serem universais como seus ex-colonizadores e as camadas populares subjugadas, os agentes de 1922 desprezaram as *reais* presenças e inscrições dos já deserdados e

---

<sup>2292</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 137.

<sup>2293</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 137.

<sup>2294</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 137.

<sup>2295</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 277.

<sup>2296</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 264.

escravizados pelo colonialismo lhes aferindo, novamente, a quase inexistência do silêncio moderno/colonial. Nesse preciso sentido, na guisa de Silviano<sup>2297</sup>, entrevejo que quaisquer reais contribuições providas por tais grupos sociais subjugados eram desqualificadas como conhecimento ao lhes negarem a possibilidade de serem parceiros frutíferos atuantes na construção da História deste Brasil. Em suma, “[...] a revisão reducionista está incorreta quando percebe que nada mais faz do que reafirmar o centramento da verdade histórica da razão europeia [...]”<sup>2298</sup> endossando o pressuposto universalista e hegemônico de que, fora da Europa, *nem revolução científica, nem artística, estatal, econômica coadunadas pela racionalização latente do Ocidente em respostas fechadas e dogmáticas*<sup>2299</sup> replicadas, quer queiram as academias brasileiras modernas ou não, pelos modernistas “emancipadores da cultura nacional”.

Por outro lado, defender o corolário de provincializar a Europa da perspectiva descolonial implica, segundo Chakrabarty<sup>2300</sup>, compreender que, assim como o Ocidente, a Europa é tão somente uma “entidade imaginária” e não a detentora universal de *todo e qualquer* pensamento/saber existente na multiplicidade pluriversal do mundo e, não menos, das fronteiras tornadas arrabaldes – restos – dos centros interiorizados. Conforme o indiano<sup>2301</sup> argumenta, tal projeto de base *outra* não se dá de maneira alheia aos seguintes pressupostos: o reconhecimento de que o adjetivo “moderno” foi apropriado pela Europa, constituindo parte da história mundial, no entanto, sem perder de vista seu entrelaçamento direto com o imperialismo expansionista europeu e, ainda, o já supracitado fato de que os nacionalismos

---

<sup>2297</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 137.

<sup>2298</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 138.

<sup>2299</sup> WEBER *apud* SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 138.

<sup>2300</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 21.

<sup>2301</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 21.

terceiro-mundistas reproduziram à exaustão a versão hegemônica da modernidade europeia à luz da incessante busca pelas “ideologias de modernização”, ou, no presente caso, “ideologias modernistas”.

Frente a isso, urge pontuar que provincializar a Europa não suscita *projetos nacionalistas e nativistas conclusos em si mesmos, mas problematizar e escre(vi)ver as ambivalências, contradições, violências, tragédias e ironias*<sup>2302</sup> que acompanharam o projeto da modernidade/colonialidade ou, em um estrito sentido, o projeto modernista de 1922 neste país do pretérito imperfeito cujos substratos colonizados nossa crítica acabou por, muitas das vezes, ignorar em detrimento às “conquistas estéticas” decorridas pós-Semana e que, em 1942, foram revisitadas por Mário de Andrade. A propósito da insígnia de “entidade imaginária”, pleiteada por Chakrabarty<sup>2303</sup> a respeito da Europa, dá-se o entendimento descolonial, quase óbvio para nós pesquisadores fronteiriços, de que tal *lócus humanitas vem atuando como referente silencioso nos conhecimentos, apregoando, por extensão, subalternidades irrestritas às histórias, saberes e artes/literaturas não-ocidentais*<sup>2304</sup> localizadas, geoistórico e epistemicamente, no mais *afuera* da exterioridade criado ficcionalmente pela interioridade assimétrica e hegemônica.

Assim, ao não desobedecerem, tampouco se desprenderem, dos colonizadores ditos vanguardistas, os modernistas importadores se automutilaram através das canibalizações, viciantes endossando o extremo oposto de um ideal provincializador. Isto é, reafirmaram, de maneira consciente ou não, que os *intelectuais exteriorizados tinham a necessidade de referenciar obras europeias quando, no oposto, esses não sentiam necessidade alguma de se valerem do*

---

<sup>2302</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 21.

<sup>2303</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 21.

<sup>2304</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 02.

*pensamento daqueles e, ao fazê-lo em situação de ignorância diante do Terceiro-Mundo, a qualidade dos seus trabalhos parecia não ser afetada*<sup>2305</sup>. De alguma forma, em especial, com base no que discutirei no capítulo III desta tese, entrevejo que tal traço reprodutor e imitativo parece ser um demarcador recorrente em nossas formações críticas, artísticas, literárias, políticas etc. quase como se não tivéssemos condições de arregimentarmos nossas próprias questões sem estarmos, como condição *sine qua non*, voltados para a interioridade abissal (auto)proclamada universal, antes de matiz europeu e hoje estadunidense. Quero dizer, então, lançando luz aos agentes de 1922, que suas *práxis* modernas, em alguma medida, contribuíram com a *dominância da Europa como sujeito de todas as histórias*<sup>2306</sup> e não como parte integrante de um todo complexo, heterogêneo e pluriversal.

Diante desse intento, aproximo o campo teórico de provincializar a Europa à proposta do ponto zero debatida pelos estudos descoloniais, uma vez que, da minha perspectiva *outra*, sobretudo nos termos do modernismo brasileiro, ambos os conceitos são passíveis de diálogo no cerne da teorização fronteiriça empreendida. Unidos das internalizações, hospedagens e reproduções automutiladoras, canibalizadoras, futuristas e antropofágicas, os agentes de 1922 alimentaram a premissa *de os observadores observando o vale do topo da montanha*<sup>2307</sup>. Grosso modo, a mentalidade colonizada da Europa não enquanto, também, *uma história local*, e, sim, *a história global como ponto de origem da ideia de modernidade e das rotas imperiais de dispersão a partir das quais histórias, condições, sensibilidades e epistemologias*<sup>2308</sup> pluriversais não tinham direito algum de serem sequer consideradas existentes, relevantes, quiçá institucionalizadas; poderiam, quando

---

<sup>2305</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 02.

<sup>2306</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 02.

<sup>2307</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

<sup>2308</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

muito, *serem observadas por aqueles que conseguiam subir até o topo da montanha*<sup>2309</sup>, nada mais.

Na esteira do que defende Ramón Grosfoguel<sup>2310</sup>, a perspectiva do ponto zero está diretamente associada à abstração monotópica de uma “verdade universal” localizada no para-além do tempo e do espaço, com acesso privilegiado às leis do universo e tomada pela capacidade de produzir “teorias científicas” ou “Artes e Literaturas” através da mente do Homem ocidental que *pensa, logo existe*<sup>2311</sup>. Seria, na superficialidade do discurso autorreferido ficcionalmente, *a proclamação de um conhecimento não-situado, universal e enxergado pelos olhos de Deus*<sup>2312</sup> que emerge de *uma* história local tornada, portanto, a história global a ser reproduzida, conduzida e continuada por todos os *loci* existentes no planeta. Na guisa desse entendimento, é salutar entrever que “O ponto zero é o ponto de vista que se esconde, e escondendo-se, se coloca para lá de qualquer ponto de vista, ou seja, é o ponto de vista que se representa como não tendo um ponto de vista.”<sup>2313</sup>. Daí reside, não obstante, o ponto fulcral de que a Europa nunca passou de uma “entidade imaginária”<sup>2314</sup> cujas *práxis* abissais se incumbiram de minar as possibilidades pluriversais dos seus “restos” exteriorizados.

Mediante isso, em destaque, quando do não-diálogo entre elite intelectual e grupos populares no engaste do modernismo, entrevejo que suas inquições artístico-literárias, estéticas, políticas etc. privilegiaram *uma egopolítica do saber em*

---

<sup>2309</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

<sup>2310</sup> GROSGOQUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2311</sup> DESCARTES *apud* GROSGOQUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2312</sup> GROSGOQUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2313</sup> GROSGOQUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2314</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 21.

*detrimto a quaisquer contingências geo e corpo-políticas*<sup>2315</sup> no que se declina neste Brasil do pretérito imperfeito há muito embebido de uma mentalidade colonizada e reprodutória. Ao não provincializarem a Europa em nenhuma instância, os agentes de 1922 reverberaram o ideal hegemônico *de que seus conhecimentos, como os dos europeus, seriam os únicos possíveis a alçarem uma consciência universal dispensando, por consequência, aqueles de insígnia particularista dada sua dita incapacidade de alcançar um estatuto universal*<sup>2316</sup>. Enquanto reforço ao que estou problematizando, Mário, em 1942, certifica minha leitura *outra*: “[...] quanto à conquista do direito permanente de pesquisa estética, creio não ser possível qualquer contradição: é a grande vitória do movimento no campo da arte.”<sup>2317</sup> e, ainda, “Não só importávamos técnicas e estéticas, como só as importávamos depois de certa estabilização na Europa, e a maioria das vezes já academizadas.”<sup>2318</sup>.

E, então, afirma: “Era ainda um completo fenômeno de colônia, imposto pela nossa escravização econômico-social. Pior que isso: esse espírito acadêmico não tendia para nenhuma libertação e para expressão própria.”<sup>2319</sup>. Atravessado pelos fragmentos de Mário, sobremaneira, pelos campos semânticos delineados por “certa estabilização na Europa”, “completo fenômeno de colônia”, “imposto pela nossa escravização econômico-social” e “não tendia para nenhuma libertação e expressão própria”, padeço com base no atestado por Silviano citando Sérgio Milliet<sup>2320</sup> quando assente que a geração de 1922 falava francês e lia poetas ao passo que a de 1944 lia em inglês e fazia sociologia. Ou seja, passamos da importação de pressupostos

---

<sup>2315</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2316</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

<sup>2317</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 273.

<sup>2318</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 273.

<sup>2319</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 273.

<sup>2320</sup> MILLIET *apud* SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 114.

enviesados pelas filigranas eurocêntricas para um outro do contexto do si-mesmo *humanitas* a partir do qual o imperialismo estadunidense acabou por tomar corpo entre os intelectuais da época. De algum modo, tais predileções críticas, sempre voltadas ao estrangeiro não-racializado e entremeado pelo ponto zero de *observação do topo da montanha*<sup>2321</sup>, levou-nos à *falta de discernimento interpretando os nossos supostos “outros” através da linguagem do medo em sua fobia ao que esses “outros” poderiam apresentar*<sup>2322</sup>.

Em linhas estritas, Silviano<sup>2323</sup> é salutar quando, em vias do contexto hegemônico desenhado, assevera que sempre fomos ricos de tradicionais e hediondas experiências, mas, ao mesmo tempo, destituídos de tal consciência, em destaque, no que compete às lutas dos indígenas e negros escravizados tornados “os outros”; da minha perspectiva *outra*, primeiro, em detrimento aos europeus, depois, em relação às elites intelectuais dos centros nacionais, *à la* ao modernismo. Mediante tais cenários abissais, deslinda-se os porquês de afiançarmos nossos direitos de, também, problematizarmos o modernismo lhe retirando do lugar sacro e intocável o qual o pensamento brasileiro, em grande parte, racializado, eurocêntrico, estadunidense e desejanter da “modernidade universal” o colocou. Combativamente, os estudos descoloniais acabam por *contribuir para descolonizarmos nossas pesquisas refletindo criticamente através do que se esconde por detrás das produções e reproduções dos saberes a fim de evitar nossas estratégias de subalternização*<sup>2324</sup>, especialmente quando se tem a autorreflexão de que fomos formados à luz da naturalização irrestrita das importações e hospedagens dos centros.

---

<sup>2321</sup> MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 13.

<sup>2322</sup> SANTIAGO. *Sobre plataformas e testamentos*, p. 131.

<sup>2323</sup> SANTIAGO. *Sobre plataformas e testamentos*, p. 129.

<sup>2324</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 271.

Provincializar convoca a perspectiva descolonial de que a *Europa foi tornada o sujeito teórico soberano de todas as outras múltiplas histórias locais*<sup>2325</sup> do planeta assujeitadas ao seu ponto zero autoproclamado “universal”. Requer, também, desvelar ambos os lados da modernidade, ou, como assevera Mignolo<sup>2326</sup>, entrever como o Terceiro-Mundo contribuiu para a consolidação da ideia de “modernidade” *pari passu* à produção fictícia do “Terceiro-Mundo” por essa mesma modernidade abissal e hegemônica em interação assimétrica mediada pela violência das diferenças coloniais. Em outras palavras, emerge a urgência generalizada de que *o mundo possa se imaginar radicalmente heterogêneo sendo impossível fazê-lo, no entanto, com base no interior dos pressupostos “universalistas” dos saberes*<sup>2327</sup>. No caso dos modernistas, e em muito da crítica que se fez pós-1922, perdeu-se de vista que *a modernidade era um fenômeno exclusivamente europeu constituído em relação dialética com seu afuera, sua alteridade não-europeia, ao se afirmar enquanto “centro” da História Mundial e, seu resto, a “periferia que a rodeia” sendo, também, parte indissociável de sua autopromoção*<sup>2328</sup>. Novamente, retomo Mário de Andrade:

[...] o modernismo, no Brasil, foi ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. E as modas que revestiram este espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa. Quanto a dizer que éramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica. É esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela 'Revista do Brasil'; é esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato; é esquecer a arquitetura e até o urbanismo (Dubugras) neocolonial, nascidos em São Paulo. Desta ética estávamos impregnados. Menotti del Picchia nos dera o 'Juca Mulato', estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos; e canta regionalmente a cidade materna o primeiro livro do movimento. *Mas o espírito modernista e suas modas foram diretamente importados da Europa.*<sup>2329</sup>

<sup>2325</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 271.

<sup>2326</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 273.

<sup>2327</sup> CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 273.

<sup>2328</sup> DUSSEL *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 276.

<sup>2329</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 258, grifos meus.

Diante do fragmento reproduzido, pergunto-me: como o modernismo contribuiu para a independência da inteligência brasileira se, a partir do que Mário afirma, seu espírito e suas modas foram diretamente importados da Europa? Faz-se possível cotejar qualquer instância de independência, ou arte e conhecimento próprios, quando o filtro legitimador de *tudo* pensado nestes arrabaldes pretéritos imperfeitos era de base eminentemente eurocêntrica, colonizatória e imperialista? Ainda que o paulista deslinde sua *mea culpa* no texto de 1942, para a força motriz *outra* de minha teorização fronteiriça, a conta simplesmente não fecha, mas descortina horizontes *outros* de pensamento a serem questionados. Valho-me, novamente, de Bessa-Oliveira<sup>2330</sup> para afirmar que, na contracorrente de muitas das reflexões modernas de nossa crítica, o modernismo foi tão somente uma ruptura assentada na continuidade pela nossa arte em relação à europeia e não um movimento da libertação – como se replica até hoje não só nas universidades como, também, nos ensinos médios escolares a exemplo das minhas próprias formações escolares e universitárias.

Pela baliza dessa premissa, *precisamos reconhecer que temos de galgar o direito de pensarmos e escrevermos o que quisermos sobre 1922, mais ainda quando conscientes de nossa condição de exterioridade*<sup>2331</sup>. Antes de nos querermos modernos em qualquer instância epistêmica e/ou artístico-literária, o referido intelectual<sup>2332</sup> aponta para a direção de que precisamos nos salvar e nos libertar das amarras da modernidade em todas as instâncias onde seus grilhões hegemônicos estão localizados para culminarem no único viés possível de dependência cujo estrato engastamos nossas produções neste Brasil do pretérito imperfeito. Na contracorrente das revisitações naturalizadas através de, mais uma vez, preceitos modernos, o

---

<sup>2330</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 185.

<sup>2331</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 186.

<sup>2332</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 184.

modernismo, em minha perspectiva descolonial, declina-se em uma *continuidade pela negação quase como se fizesse possível estabelecer diálogos simétricos (exterioridade x interioridade) com as mesmas epistemologias modernas e desenvolvimentistas dos centros pulverizadas pelas fronteiras culturais, políticas, econômicas, sociais, artísticas etc.*<sup>2333</sup>.

Para Bessa-Oliveira<sup>2334</sup>, a lógica do modernismo brasileiro não se dá pela provocação de rupturas com a Europa, e, sim, através da continuidade pela dita negação o que, para mim, é tão somente o estabelecimento de uma contradição já discutida neste capítulo. Em um preciso sentido, *serviríamos para dar continuidade às datações estabelecidas pelo repertório da “arte mundial” provido pela Europa e, a posteriori, absorvido pelos Estados Unidos*<sup>2335</sup> – como afirmei há pouco à luz de Silvano citando Milliet<sup>2336</sup> ao comparar as gerações de 1922 e 1944. Portanto, sendo de base aristocrática, elitista, antipopular, vaidoso e individualista, o movimento modernista, intencionado ou não, pleiteou uma ideia de *Brasil homogêneo, subjugado ao DNA europeu e buscando sua inscrição no universalismo eurocêntrico*<sup>2337</sup> aposto no cerne do ponto zero abstrato e, radicalmente, exterior a quaisquer ideais de provincializar a hegemonia dessa interioridade abissal. Suscitado por tal entendimento, é notável comparar o posicionamento de Mário em 1942 ao de Oswald de Andrade, ambos diametralmente opostos.

Se, para Mário, o sentimento é de culpa reverificando seus erros, acertos e dotado de uma certa melancolia na revisitação das vias de fato decorridas das defensivas empreendidas por si e pelos seus companheiros, Oswald se direciona à

---

<sup>2333</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 187.

<sup>2334</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 187.

<sup>2335</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 183.

<sup>2336</sup> MILLIET *apud* SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 114.

<sup>2337</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silvano Santiago/Abaporu, p. 187.

sua revelia. Como descortina Silviano<sup>2338</sup>, o criador dos pressupostos antropófagos escolhe comemorar e relembrar as guinadas nacionalistas entremeadas aos vanguardismos futuristas dos trópicos, em específico, por meio da viagem a Minas Gerais realizada em 1924, a qual já discuti a contento neste capítulo. Enquanto o primeiro opta por tecer um balanço daquilo que não foi alcançado pelos agentes da Semana de 1922, trazendo tons pessimistas em seu discurso<sup>2339</sup>, o segundo se reveste dos supostos *atrasados na cultura brasileira que, segundo afirma, teriam sido “varridos” pela luta e empenho modernistas ao reverificar o passado saindo sorridente e feliz da festa de 20 anos e, claro, das reminiscências históricas*<sup>2340</sup> deixadas pela eclosão artístico-literária de 1922. Não ironicamente, ao compararmos os comportamentos de ambos, faz-se ainda mais pertinente a afirmação de Paulo Prado quando diz que *Oswald em viagem a Paris, suposto umbigo do mundo, descobriu com deslumbramento a sua própria terra*<sup>2341</sup>.

Ou seja, mesmo transcorridos vinte anos pós-Semana, Oswald, à diferença de Mário um tanto quanto mais lúcido em torno da insígnia colonial, continuou preso ao ponto zero do universalismo abstrato reverberando o topos *de que precisamos abandonar nosso país para, depois de melhorados intelectualmente em “países desenvolvidos”, redescobri-lo*<sup>2342</sup>. E, mais ainda ao modo do destacado por Silviano, *redescobri-lo desejando acertar seu passo com as revoluções culturais do pretendido “progresso ocidental”*<sup>2343</sup>, isto é, sem a constituição de qualquer ensejo de provincializar a interioridade abissal, mas, sim, absorvê-la ensejando ser, ainda que minimamente, como ela enquanto instância final de produção. Nas palavras de

---

<sup>2338</sup> SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 116.

<sup>2339</sup> SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 116.

<sup>2340</sup> SANTIAGO. Sobre plataformas e testamentos, p. 116.

<sup>2341</sup> PRADO *apud* SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 134.

<sup>2342</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 134.

<sup>2343</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 134.

Oswald, “Querer que a nossa cultura se processe sem a latitude dos países que avançam é a triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas”<sup>2344</sup> e, ainda, “Em 22, o mesmo contato subversivo com a Europa se estabeleceu para dar força e direção aos anseios subjetivos nacionais [...]”<sup>2345</sup>.

Contrariamente ao antropófago, Mário<sup>2346</sup> ressoa traços de uma consciência *outra* em torno dos aspectos coloniais forjados nas *práxis* de 1922 ao entrever que a liberdade cotejada era, infelizmente, apenas estética, uma independência às inquietações e as às pesquisas acadêmicas no campo da arte, sendo, para si, a enorme conquista do movimento. Ademais, reitera<sup>2347</sup> que o movimento modernista foi essencialmente destruidor, destruidor até deles mesmos, sendo doutrinários, embebidos por mil e umas teorias e acreditando “salvar” o Brasil enquanto “inventavam o mundo” através do cultivo amargo e quase delirante dos prazeres estéticos. E, então, afere que: “[...] esta destruição, apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma... convulsão profundíssima da realidade brasileira.”<sup>2348</sup>. No entanto, escapa à percepção de Mário o desvelado por Enrique Dusse<sup>2349</sup> quando argumenta que o “nascimento da modernidade” é forjado pelo confronto com seu “outro” (*anthropos*).

Isso, pois, intentava-se controlá-lo, assujeitá-lo e violentá-lo ao definir um ego<sup>2350</sup>, implicado no ponto zero, cujo estrato está revestido pelos ideais de descobridor, conquistador e, em um maior grau, colonizador da alteridade que constitui a própria noção de modernidade – tais horizontes *outros* praticamente

<sup>2344</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 135.

<sup>2345</sup> ANDRADE *apud* SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 135.

<sup>2346</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 275.

<sup>2347</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 273-274.

<sup>2348</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 265-266.

<sup>2349</sup> DUSSEL *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 180.

<sup>2350</sup> DUSSEL *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 180.

ignorados tanto pelos modernistas de 1922 quanto por parcelas sobressalentes de suas revisitações críticas modernas. Através da falta de opções descoloniais, desobediência, desprendimento e, ainda, de provincializar a Europa, replicou-se o ideário dos ditos “*outros*” *en-cobertos pelos si-mesmos*<sup>2351</sup>, primeiro, da Europa, depois, dos centros elitistas nacionais. Diante disso, “[...] formou-se uma elite com os olhos voltados para fora, portanto insensível e exploradora. [...] da elite saciada ao povo maltratado.”<sup>2352</sup> requerindo, sobretudo de uma perspectiva descolonial, o evocado por Silviano<sup>2353</sup>, isto é, possibilidades não-convencionais de se compreender o modernismo hoje, de maneira diversal, inclusive, às maneiras como os livros didáticos interpretaram o movimento de 1922.

De alguma forma, até o tempo presente do meu escre(vi)ver e não muito distinto do pleiteado no século XX, as pessoas parecem não querer crer *que foram colonizadas e que ainda sobrevivem sob as agruras da colonialidade impostas, a princípio, pela Europa e, a posteriori, pelos Estados Unidos*<sup>2354</sup>. Mais urgente é, ainda, problematizar a suposta “neutralidade” colada aos estudos artístico-literários *a qual acaba por camuflar as relações intrínsecas entre conhecimento e poder a fim de manter a manutenção da soberania dos loci centralizados em detrimento aos seus supostos “outros múltiplos e bárbaros”*<sup>2355</sup>. Em somatória, o intelectual brasileiro Eduardo F. Coutinho<sup>2356</sup> chama atenção para a pretensão da “universalidade” que, tal qual a dita “neutralidade política dos estudos literários”, faz-se falaciosa e atravessada por disputas de poder hegemônico ao criar categorias generalistas a todos os *loci* e tempos históricos homogeneizando as particularidades culturais dos povos

<sup>2351</sup> DUSSEL *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 180.

<sup>2352</sup> TURINO *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 196.

<sup>2353</sup> SANTIAGO *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 191.

<sup>2354</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 201.

<sup>2355</sup> COUTINHO. Learning how to curse in the master's tongue, p. 94.

<sup>2356</sup> COUTINHO. Learning how to curse in the master's tongue, p. 94.

exteriorizados – muitos dos quais, como os modernistas, internalizaram e reproduziam à última potência através da ânsia por serem, também, modernos como os *humanitas*.

Mário, então, afere duas percepções: a de que *é tão mais fácil ler os clássicos*<sup>2357</sup> e que *naqueles anos foram puros, livres, desinteressados, vivendo uma união iluminada e sentimental das mais sublimes, isolados do mundo ambiente*<sup>2358</sup>. É escusado dizer que o isolamento mencionado pelo pai modernista se faz pertinente, no bojo da minha teorização descolonial, apenas no que compete às realidades viscerais deste Brasil do pretérito imperfeito e aos seus assujeitados desqualificados pela vontade antipopular do modernismo. Diferentemente da relação com esses, os agentes de 1922 não se isolaram das teorias itinerantes, das buscas estéticas incessantes, das importações automutiladoras, menos ainda dos universalismos embebidos do ponto zero da racionalidade eurocêntrica. Porém, como atesta Silviano<sup>2359</sup> acerca da tônica clássica modernista, a necessidade de atualização urgia pelos pontos de contato, continuidade tal qual aferiu Bessa-Oliveira, com os países considerados “desenvolvidos” enquanto condição *sine qua non* para que os produtos culturais daqui fossem dignos de serem exportados.

Nessa lógica, seria preciso, de antemão, *acatar primeiro o exterior em sua concretude, uma vez que o conhecimento acerca da consciência nacional não estaria no seu interior e, sim, no quanto de interiorização do exterior fosse possível*<sup>2360</sup> canibalizar e deglutir à última potência colonizada. Ademais, urge-se frisar, sobremaneira no que concerne ao século XX, o evocado pela indiana Gayatri Spivak<sup>2361</sup> quando destaca seu caráter pós-colonial, entretanto, neocolonizado, visto

---

<sup>2357</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 270.

<sup>2358</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 260.

<sup>2359</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 135.

<sup>2360</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 135.

<sup>2361</sup> SPIVAK *apud* COUTINHO. Learning how to curse in the master's tongue, p. 97.

que grande parte dos países alçaram suas independências políticas, porém, transferiram suas relações de dependência a outros campos, como no caso do viés cultural – o qual o modernismo se associa diretamente – enviesado pelos modos de apropriação dos aparatos epistêmicos, artísticos, literários, políticos etc. europeus. Em um preciso sentido, na esteira de Coutinho<sup>2362</sup>, moldamo-nos cooptados pela insígnia europeia e naturalizamos um conviver com as práticas dominantes de importarmos acriticamente as tendências de pensamento itineradas dos centros *humanitas* para as fronteiras enquanto *anthropos* – o terceiro capítulo desta tese se debruçará, sobretudo, nesse traço a partir das nossas formações literário-culturais deste Brasil do pretérito imperfeito.

Suscitado por tal percepção *outra*, ainda que o modernismo tenha *dado origem a algo novo*<sup>2363</sup>, em especial, no campo das pesquisas estéticas, entrevejo que seu dito “novo” foi tão somente o “novo” baseando em um si-mesmo homogêneo, hegemônico e calcado no mesmo projeto da modernidade/colonialidade. Ainda conforme expõe Mário: “[...] era nitidamente aristocrático. Pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido [...]”<sup>2364</sup> e mais “[...] pela sua gratuidade antipopular, pelo seu dogmatismo prepotente, era uma aristocracia de espírito.”<sup>2365</sup>. Em outras palavras, fundamentalmente na contracorrente de uma premissa aposta na provincialização da Europa, o modernismo, segundo Silviano<sup>2366</sup> ressoa, marcou o desejo de fazer o Brasil “atrasado e periférico” entrar para “o concerto das nações modernas e desenvolvidas” se inserindo, dessa forma, no

---

<sup>2362</sup> COUTINHO. Learning how to curse in the master's tongue, p. 98.

<sup>2363</sup> COUTINHO. Learning how to curse in the master's tongue, p. 98.

<sup>2364</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 259.

<sup>2365</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 259.

<sup>2366</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 136.

movimento da modernidade ocidental sem quaisquer problematizações em torno das diferenças coloniais que há século sobrevivem neste Brasil do pretérito imperfeito. É fato, pois, que “[...] o brasileiro, retardado pela busca do local inscrito no universal, continua, ainda hoje, reforçando o peso da cultura europeia sobre os ombros da desmerecida cultura brasileira.”<sup>2367</sup>. Nas palavras de Mário:

[...] manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com a violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática europeia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal. *Servido de altifalantes de uma força universal e nacional muito mais complexa que nós*. Força fatal, que viria mesmo.<sup>2368</sup>

Face às aferições do pai modernista, lanço luz a quando assevera que *serviram de altifalantes de uma força universal e nacional* e, em comparação, aproximo o exposto a quando Silviano<sup>2369</sup> descortina que a busca por valores estéticos “universais” deslindou imitações silenciosas frente aos europeus bem como expressões através da cópia, pontos que discutirei no próximo capítulo com base no seu conceito de entre-lugar. Ao ensejar a inscrição da identidade nacional no compêndio homogêneo e hegemônico do Ocidente, acabou-se por *recorrer a atalhos pretendidos nacionais e patrióticos*, apostos no ponto zero eurocêntrico, a fim de *atingir os valores universais ambicionados*<sup>2370</sup>, ainda que padecendo do lugar de dependência permeado pelas insígnias de cópia e imitação servil. A isso, somam-se as *marcas eurocênicas e intolerantes circunscritas nas razões históricas aos ditos “outros” quando, para as elites intelectuais, não existia neles uma contribuição positiva*

<sup>2367</sup> BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 199.

<sup>2368</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 253, grifos meus.

<sup>2369</sup> SANTIAGO *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 199.

<sup>2370</sup> SANTIAGO *apud* BESSA-OLIVEIRA. Silviano Santiago/Abaporu, p. 199.

*aos sentidos históricos modernos em seus reducionismos*<sup>2371</sup> embebidos de uma hegemonia pretendida universal. Não obstante, no engaste do lócus a partir do qual o modernismo haveria de ser gestado, Mário é pontual:

[...] ora São Paulo estava muito mais 'a par' que o Rio de Janeiro. E, socialmente falando, o modernismo só poderia mesmo ser importado [da Europa] por São Paulo e arrebentar na província. *São Paulo era espiritualmente muito mais moderna porém fruto necessário da economia do café do industrialismo conseqüente. São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo.* É mesmo de assombrar como o Rio mantém, dentro da sua malícia vibrátil de cidade internacional, uma espécie de ruralismo, um caráter parado tradicional muito mais maiores que São Paulo. O Rio é dessas cidades em que não só permanece indissolúvel o 'exotismo' nacional (o que aliás é prova da vitalidade do seu caráter), mas a interpenetração do rural com o urbano. Coisa já impossível de se perceber em São Paulo. Como Belém, o Recife, a Cidade do Salvador: o Rio ainda é uma cidade folclórica. Em São Paulo o exotismo folclórico não frequenta a rua Quinze, que nem os sambas que nascem nas caixas de fósforo do Bar Nacional. Ora no Rio malicioso, uma exposição como a de Anita Malfatti podia dar reações publicitárias, mas ninguém se deixava levar. *Na São Paulo sem malícia, criou uma religião.*<sup>2372</sup>

Através das filigranas modernas suscitadas pelo discurso de Mário, compreendo de uma perspectiva crítica biográfica fronteira que se delineiam os seguintes campos semânticos hegemônicos: progresso + desenvolvimento, à *la* aos moldes futuristas, estariam para a civilização dos si-mesmos elitistas e centralizados ao passo que exotismo + folclore se dariam através da barbárie dos “outros”, dos movimentos populares e dos tornados inexistentes neste Brasil pretérito e imperfeito. Em suma, São Paulo seria tão somente o único lugar possível para que a arte assumisse um caráter de “religião”, ou seja, tornar-se existente ou mesmo legitimada com base no endosso à lógica/razão moderna/colonial da metrópole (dos centros) em detrimento à colônia (os exteriores). Reforça-se, ainda, o lugar do sujeito suposto saber *sobre* um objeto analisante se (auto)proclamando superior aos aportados em tempos/espacos fronteiros por excelência. Arregimentado nessa reflexão descolonial, questiono: como poderiam provincializar a Europa se suas lógicas de

<sup>2371</sup> SANTIAGO. Oswald de Andrade, p. 142.

<sup>2372</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 258-259, grifos meus.

pensamento se davam através da mimetização daquelas importadas pela interioridade ocidental e, por extensão, reproduzida na interioridade nacional?

De maneira consciente ou não, Mário e seus companheiros de movimento acabaram por corroborar, mais uma vez, linhas abissais nas exterioridades já deserddadas destes trópicos colonizados quase como se os agentes de 1922 não fossem, também, assujeitados apostos nas fronteiras do Ocidente. Tal qual problematiza Chakrabarty<sup>2373</sup> na égide do provincializar a Europa, para os modernistas, apenas “São Paulo” poderia ser teoricamente conhecível no nível das categorias que abalizam o pensamento enquanto seus *afueras* nacionais seriam apenas questões válidas para serem “analisadas” pelas pesquisas científicas, artísticas, literárias, estéticas tornadas “universais”, nada menos que isso, como é o caso dos indígenas e afro-brasileiros no bojo da fetichização empreendida pelo movimento. Segundo Mário<sup>2374</sup>, havia, no suscitar de 1922, um conformismo legítimo, disfarçado e mal disfarçado nos melhores, mas cheio de cínica satisfação os deixando tão escravos da gramática lusa como qualquer outro português. E, então, se “[...] afirmam escrever brasileiro, não tem uma só frase deles [modernistas] que qualquer luso não assinasse com integridade nacional... lusa.”<sup>2375</sup>, isto é, desprovidos do que conclama de *entidade ameríndio-afro-luso-latino-americano-anglo-frango-etc se referindo não a alguém específico, mas a centenas*<sup>2376</sup>.

Portanto, entremeado não só pelas palavras de Mário de Andrade, dotadas de uma melancolia pulsante, bem como pelas reflexões de Silviano no galgar, ora mais ora menos, de problematizações em torno do movimento de 1922, encaminho-me para o encerramento não só deste subtítulo como, também, da totalidade do capítulo

---

<sup>2373</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 03.

<sup>2374</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 267.

<sup>2375</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 170.

<sup>2376</sup> ANDRADE. O movimento modernista, p. 170.

respaldado na ideia do *modernismo em des-balanço*. Sendo assim, concluo o corolário de provincializar a Europa abrindo-o para os debates a serem empreendidos a seguir nesta tese à luz do conceito de formação e, sobretudo, levando em consideração o quanto *a correlação entre imperialismos modernos e nacionalismos terceiro-mundistas contribuíram para as empreitadas violentas dos universais abstratos*<sup>2377</sup>.

Situo-me, na esteira de Chakrabarty<sup>2378</sup>, não unicamente em uma rejeição simplista e automática da modernidade, posto que tal escolha, de alguma forma, acaba por deslindar coerções alcunhadas em assimetrias de poder nas mais variadas esferas físicas, institucionais e simbólicas mascaradas de idealismos sonhadores. Elejo, no entanto, pela alcunha das opções descoloniais, da desobediência e do despreendimento epistêmicos aportados no ideal da provincialização, conceber o paradigma moderno como aquele a ser pensado não mais na esteira de novos paradigmas enquanto versões alternativas de um si-mesmo *humanitas*, e, sim, *a partir de paradigmas outros (anthropos)* que vislumbrem, de fato, pensamentos próprios que possam, inclusive, levar-nos a *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>2379</sup> não apenas o movimento artístico-literário modernista de 1922, mas, para-além dele, os nossos processos formativos engastados em uma teorização fronteira, por excelência, neste Brasil do pretérito imperfeito.

---

<sup>2377</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 20.

<sup>2378</sup> CHAKRABARTY. Postcoloniality and the artifice of history, p. 20.

<sup>2379</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

**CAPÍTULO III – BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959):**  
*fisiologia da des-formação*

O *paradigma outro* é, em última instância, o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares os quais a expansão imperial/colonial negou a possibilidade de razão, de pensamento e de pensar o futuro. É *paradigma outro* em última instância porque já não pode se reduzir a um paradigma mestre, a um paradigma novo que se autoapresente como a nova verdade.

MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20, tradução e grifos meus.

### 3.1 – Des-formação literário-cultural brasileira: de Antonio Candido a Silviano Santiago

Como ‘explicar’ a ‘nossa constituição’, como refletir sobre a nossa inteligência? Nenhum discurso disciplinar o poderá fazer sozinho. Pela História universal, somos explicados e destruídos, porque vivemos uma ficção desde que fizeram da História europeia a nossa estória. [...] Ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos – eis o *falso* dilema para o intelectual brasileiro, que gera, na sua simplificação, todas as formas de discurso autoritário entre nós [...] *É preciso buscar a ‘explicação’ da ‘nossa constituição’ (vale dizer da nossa inteligência) através de um entre-lugar [...]*

SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17-18, grifos meus.

À luz das problematizações críticas biográficas fronteiriças descortinadas nos capítulos I e II, a partir da política Bolsonarista no século XXI e do modernismo no XX, respectivamente, indago-me, na égide do meu Silviano e das minhas experiências corpo e geo-políticas suleadas nos trópicos verde-amarelos: *quando e como o Brasil descarrilhou?*<sup>2380</sup> Em outras palavras, quero entender que, para dar conta de responder o questionamento apostado, só posso, na circunscrição final desta tese, debruçar-me sobre a ideia (paradigma)<sup>2381</sup> de formação. Ou, ainda, nos meus termos imbuídos de perspectiva *outra* descolonial, sobre uma des-formação literário-cultural de um Brasil do pretérito imperfeito cujo fundamento teórico será delineado, *a priori*, com base nas reflexões de Antonio Candido e, não obstante, de Silviano Santiago, tal qual venho empreendendo desde os entrecos iniciais desta teorização em favor de perseguir minha hipótese outrora demarcada.

Nesse preciso sentido, remeto-me à epígrafe de meu mineiro quando, no campo semântico da dita formação, indaga sobre *como explicar nossa constituição e refletir acerca de nossa inteligência, dado que, entremeados por uma ficção, fizeram da História europeia nossa estória?*<sup>2382</sup> Elevada à condição de paradigma<sup>2383</sup>, e não

---

<sup>2380</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 245.

<sup>2381</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 259.

<sup>2382</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17-18.

<sup>2383</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 259.

muito distante do que argumentei nos capítulos anteriores nos âmbitos políticos (2018-2023) e artístico-literários (1922-2022) na baliza da matriz colonial de poder, revestiu-se de euro-etnocentrismos a fim de mapear nossas constituições e inteligências<sup>2384</sup> enquanto ex-colonos ditos impossibilitados de *cortarmos o cordão umbilical com a Europa*<sup>2385</sup>. E, por extensão, *tornando sua cicatrização colonial quase como interminável*<sup>2386</sup>, na medida que a formatação de tal paradigma, pretendido universal, reafirmou o dito caráter de descentralizados e dependentes situados nos arrabaldes do Sul global a contrapelo dos centros europeizados, ficcionalmente caracterizados enquanto a origem e a originalidade nacionais brasileiras.

Com isso em mente, o crítico biográfico fronteiro, dedicado a um paradigma *outro* com intuito de des-pensar nossas feridas coloniais, como é o meu caso nesta tese, vê-se em apuros não podendo desprezar a presença da (tentativa de) *cicatrização interminável do umbigo colonial*<sup>2387</sup> no aquilatar de nossa formação. Tomado por tal sentimento de ânsia por paradigmas *outros* e pensamentos próprios, sem que haja a necessidade *sine qua non* de nos remetermos à Europa e sua (auto)proclamada “origem/originalidade”, deslindo a alcunha conceitual de formular uma des-formação de base fronteira afiançada, primeiro, em Candido e em Silviano para, *a posteriori*, *des-lê-los* naquilo que lhes é mais diversal, isto é, uma teorização descolonial descompromissada com universais abstratos, euro-etnocentrismos e dívidas impagáveis revestidas de unidades e purezas cujos substratos não nos deram sequer o direito de escolha.

---

<sup>2384</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17-18.

<sup>2385</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 243.

<sup>2386</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 243.

<sup>2387</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 245.

*Distantes pela geografia, interligados pela colonização, cicatrização nacionalista e maturação ocidental*<sup>2388</sup> são todos campos minados a partir dos quais me ressinto de percorrer, sobremaneira, na esteira, *a priori*, de Candido e Silviano, contudo, não o fazer pressupõe ressentimento ainda maior em minha ética intelectual *outra* tracejada desde a introdução desta tese. Se, para meu mineiro, a antropofagia de Oswald de Andrade, defendida na década de 1920, conseguiu ocidentalizar o Brasil pelas forças vanguardistas<sup>2389</sup>, tal qual debati no capítulo anterior, minhas preocupações latentes aqui se prefiguram menos em defesa de forças ocidentais e universalizantes e mais no angariar de paradigmas *outros* e pensamentos próprios entrecortados por uma leitura descolonial em perspectiva de des-formação pluriversal. Na insígnia do paradigma formação, estão implicados os campos semânticos de *elasticidade, multiplicidade, visões históricas e identitárias*<sup>2390</sup> de Brasil, posto que *fundou e estruturou no século XX diversos saberes confessionais, artísticos e científicos compartilhando modus operandi gerais dos nosso ser e estar em desenvolvimento*<sup>2391</sup>.

Nesse íterim, vejo-me, enquanto intelectual escre(vi)vendo por via das minhas inscrições corpo e geo-políticas dissidentes em tempo e espaço diversos a partir deste Brasil pretérito e imperfeito, *em confronto com determinadas disciplinas aportadas no pensamento europeu que, se direcionadas “aos outros”, coadunam violentas camadas de etnocentrismo invalidando o rigor crítico*<sup>2392</sup>. A exemplo, menciono novamente Silviano quando, ao ensinar literatura brasileira em universidade norte-americana no ano de 1962, viu-se frente à problemática da utilização do adjetivo

---

<sup>2388</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 245.

<sup>2389</sup> SANTIAGO. Bons ventos sopraram de Brasília, p. 244.

<sup>2390</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 259.

<sup>2391</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 259.

<sup>2392</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 19,

“brasileiro” para qualificar determinadas disciplinas. Segundo ele, na tentativa de *nortear seu saber embrionário*<sup>2393</sup>, recorreu às obras: *Minha formação* (1900) de Joaquim Nabuco, *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior, *Formação da literatura brasileira* (1959) de Antonio Candido e *Formação econômica do Brasil* (1959) de Celso Furtado<sup>2394</sup>. Não por acaso, a listagem aposta, na égide do adjetivo “brasileiro”, justifica-se através de um ponto comum: o conceito iluminista de formação (*bildung*)<sup>2395</sup> *personalizando por obrigação a reflexão crítica desses intelectuais em um momento histórico a partir do qual o saber nacional se afirmara enquanto força vital na experiência discente e docente de ponta*<sup>2396</sup>.

Recortando o mencionado no que me é pujante neste momento da tese, justifica-se, portanto, a presença de Antonio Candido ao lado de Silviano em minhas tessituras descoloniais em favor da des-formação deste Brasil pretérito e imperfeito no âmbito literário-cultural. Do rol de textos elencados, no decorrer deste capítulo, opto por me deter, de maneira mais contumaz, à *Formação da literatura brasileira* (2017) *pari passu* a diversos textos do meu mineiro os quais pontuarei à frente nesta introdução. Quando necessário, e no que circunscreve as reflexões de Silviano, resguardo minha liberdade de evocar, para além dos críticos descoloniais impulsionadores das minhas teorizações, autores discutidos por Silviano sem, todavia, enclausurar-me neles – à exceção de Candido que será recorrente. De modo objetivo, meu enfoque será problematizar o paradigma formação, no seu recorte literário-cultural, partindo de Candido e de Silviano até a crítica biográfica fronteira a fim de desenhar a *fisiologia da des-formação* deste Brasil pretérito e imperfeito.

---

<sup>2393</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2394</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2395</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2396</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

Para tal, serão utilizados, no campo dos conceitos gerais, o Brasil do pretérito imperfeito e a des-formação enquanto *suleadores* primordiais destas problematizações críticas biográficas fronteiriças. No que diz respeito aos conceitos secundários, estarei assentado no paradigma *outro* (em viés diferencial ao paradigma formação iluminista), no pensamento próprio a fim de descolonizar nossa dita “dependência”<sup>2397</sup> em detrimento à História europeia e, por fim, guiado por tais discussões teóricas, aprofundar, de modo latente, uma des-formação literário-cultural brasileira e não mais uma revisitação crítica do paradigma formação enviesado pela perseguição incessante de universais abstratos imbuídos do que nos é mais alheio, estrangeiro e/ou itinerante. À revelia do disseminado pelo euro-etnocentrismo, não ensejo a defensiva de um *novo paradigma mestre ou autoapresentando como a nova verdade*<sup>2398</sup>, e, sim, perspectivas *outras* de nos pensarmos por ricochete de nossas próprias inteligências e constituições pluriversais, em especial, no que concerne “aos outros” há séculos desprezados, invisibilizados ou mesmo objetificados pelas elites intelectuais.

Tracejando, então, o percurso temático deste capítulo, é pujante ressaltar que a *Formação da literatura brasileira* de Candido se presentificará em todos os subtítulos ao passo que os textos de Silviano serão convocados no bojo destes recortes específicos, sendo no 3.2 a “Carta de Pero Vaz de Caminha” (1500) e o período colonial atravessados pelo entre-lugar, no 3.3 Arcadismo/Romantismo e o século XVIII pela insígnia da independência da república e, enfim, no 3.4 o corolário de uma des-formação pluriversal aos que ensejaram inserir o Brasil no palanque dos universais abstratos aqui hospedados, a exemplo de Joaquim Nabuco e sua posição

---

<sup>2397</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17-18.

<sup>2398</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

euro-etnocêntrica. Já no que implica o espectro conceitual da crítica biográfica fronteiriça, iniciarei minhas discussões a partir do paradigma *outro* de Walter Mignolo (3.2), seguirei na baliza do pensamento próprio de Rodolfo Kusch, Catherine Walsh e Edgar César Nolasco (3.3) e, por fim, no 3.4, Boaventura de Sousa Santos, para além dos já citados, será preponderante para conceituar uma des-formação tendo explicitada sua fisiologia nos subtítulos anteriores.

No que compete aos textos de Silviano, afins à temática do capítulo, serão utilizados: “Bons ventos sopraram de Brasília” (2013), “Apesar de dependente, universal” (1982), *Fisiologia da composição* (2020), “Formação e inserção” (2013), “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial” (2020), “Nota preliminar” (2019), “O entre-lugar do discurso latino-americano” (2019), “A palavra de Deus” (2019), “Alegoria e palavra em *Iracema*” (2019), “Modos de inserção da América Latina” (2013), “Atração do mundo” (2004) e “Escritor Silviano Santiago recebe Prêmio Camões” (2023), seguindo a ordem conceitual sinalizada pelos subtítulos 3.2, 3.3 e 3.4 *pari passu* à presença de Antonio Candido, não apenas em sua *Formação* bem como, ao final, através do ensaio “Literatura Comparada” de 1986. Portanto, munido de uma teorização crítica *outra, articulada pelos lugares negados pela expansão imperial/colonial*<sup>2399</sup>, buscarei me situar no pluriverso à História europeia e me aproximar das nossas histórias brasileiras pretéritas e imperfeitas descoladas *dos discursos autoritários entre nós e através de múltiplos entre-lugares*<sup>2400</sup> descolonizados.

---

<sup>2399</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2400</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

### 3.2 – Nas tábulas rasas, a semente é a palavra de Deus: origem e começo em perspectiva de um paradigma outro

*Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará por esquecimento descaso ou incompreensão.*

CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31, grifos meus.

Desde o século passado, os etnólogos, no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no Novo Mundo *se deve menos a razões de caráter cultural, do que o uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia*, como atestaria a recorrência das palavras 'escravo' e 'animal' nos escritos dos portugueses e espanhóis. Essas expressões, aplicadas aos não ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer.

SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 11-12, grifos meus.

Este último capítulo, de caráter conclusivo no tocante às problematizações circunscritas na hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito a partir do meu Silviano, nasce e dissemina, bem como nos anteriores, minha revolta crítica biográfica fronteiriça<sup>2401</sup>; agora, no bojo do paradigma, moderno/colonial do Ocidente, “formação” (*bildung*)<sup>2402</sup>, especificamente no âmbito cultural-literário destes trópicos verde-amarelos. Quero entender que, se para o mestre de todos nós, Antonio Candido, toda crítica viva empenha a personalidade do pesquisador e intervém na sensibilidade do leitor<sup>2403</sup>, as teorizações cotejadas nesta tese se revestem das minhas corpo e geo-políticas conscientes e exteriorizadas no entrecortar de perspectivas *outras* de pensamento situadas no para-além de tudo aquilo que nos ensinaram, através da insígnia de “universal”, ser possível e/ou verdadeiro, à maneira do paradigma formação em foco nestes entrecortos finais. Volto-me, à última potência, ao que foi ignorado, ocultado, rechaçado, mascarado, invisibilizado, deslegitimado,

---

<sup>2401</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>2402</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2403</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

violentado, absorvido e assassinado pelo *superparadigma da modernidade/colonialidade europeia*<sup>2404</sup> enquanto traço seminal das minhas personalidade e ética intelectuais *outras* de gente desobediente e desprendida que pensa, sobrevive, rivaliza e escre(vi)ve do outro lado da borda do Sul global.

Ainda conforme Antonio Candido nos ensina, essa mesma crítica viva emerge de *impressões*<sup>2405</sup>, hipóteses no meu caso, a fim de propor juízos no caminhar do intelectual atravessado por estados de prazer, tristeza, felicidade, constatação, serenidade, reprovação e, claro, seus interesses, experimentando-os e manifestando-os<sup>2406</sup>. Afere ainda que se descortina com base em doses necessárias de arbítrio definidoras de suas ópticas pessoais constituindo, por fim, o seu escritor-objeto<sup>2407</sup> ou, no que diz respeito a este trabalho descompromissado com objetificações analisantes, ao país que vivo há vinte e sete anos embebido de revolta fronteira<sup>2408</sup> no tocante às mazelas sociopolíticas, econômicas, artísticas, literárias e culturais cujos estratos latentes me debrucei sobre no capítulo I com o Bolsonarismo imperialista e no II na chancela do movimento modernista de 1922 e sua ânsia compulsória pela modernidade colonial.

À maneira de um *moinho, triturei, imprimi, subdividi, filiei e comparei*<sup>2409</sup> elementos caros tanto a minha teorização, no bojo da epistemologia *outra* que sustenta esta tese, quanto aqueles mais íntimos ao meu biolocus individual dissidente de um Pedro jovem, homossexual, pesquisador, sul-mato-grossense e fronteiraço. Em 2015, quando adentrei a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no

---

<sup>2404</sup> MIGNOLO. Prefácio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2405</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2406</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2407</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2408</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>2409</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), fui tomado pela percepção descolonial de que *muitos mundos podem co-existir*<sup>2410</sup> ao passo que passei, pouco a pouco, à (auto)consciência descolonial filtrando tudo aquilo que me foi ensinado desde os idos escolares enquanto problematizava, também, o ensino oferecido pelo curso de Letras tomado pelas suas *belles lettres* elitistas e excludentes à exaustão. Por isso, minhas hipóteses de tese, *impressões*<sup>2411</sup>, na semântica do mestre Candido, carregam consigo *meus orgulhos iniciais não apenas na posição de crítico, mas de leitor irmanando lugares-comuns ao meu tempo pela tentativa de compreender, interpretar e explicar*<sup>2412</sup> o meu, e não outro, Brasil pretérito e imperfeito desenhado nesta teorização matizada pelo calor sanguinolento destes trópicos colonizados.

Nessa seara teórica e de vida, *sendo os saberes pluralidades de significados, ideias e imagens passíveis de exprimirem uma ou mais visões*<sup>2413</sup>, agarro-me à minha *sensibilidade de mundo*<sup>2414</sup> no intento de fundamentar possibilidades *outras*, diversais, na égide de Mignolo<sup>2415</sup>, tentando dar conta de cumprir meu enveredar epistêmico neste horizonte agridoce e minado de nossa formação artístico-literária brasileira com base, sobretudo, em Antonio Candido e Silviano Santiago em perspectiva de um paradigma descolonial, situado no *afuera* de quaisquer barganhas modernas/coloniais, sejam essas com conceitos ou mesmo com as reflexões, muitas vezes não-desprendidas e nem sempre desobedientes, dos meus mestres. Em outras palavras, ao modo que vim tensionando com meu mineiro nos capítulos anteriores, escavo e resguardo meu direito de escre(vi)ver à luz do que eu quero, *do meu*

---

<sup>2410</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>2411</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2412</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2413</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 39.

<sup>2414</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

<sup>2415</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

*arbítrio*<sup>2416</sup>, sem a necessidade de endossar cegamente aqueles que muito me ensinaram, mas, que, nem sempre, estabelecem ressonâncias com a epistemologia crítica biográfica fronteira erigida *a partir dos* meus escombros sul-mato-grossenses.

Isso em mente, urge pontuar que minha *fisiologia da des-formação*<sup>2417</sup>, por mais que assentada no recorte literário-cultural brasileiro, não pretende se enquadrar nos moldes dos estudos em teoria da literatura, sobremaneira, quando sua preocupação se dá por princípios estéticos das obras e dos sistemas os quais os autores estão inseridos ou não, a exemplo de Candido e suas discussões, ainda que sejam também de base histórica, propostas em *Formação da literatura brasileira* em torno das ditas “manifestações literárias”<sup>2418</sup>. Minhas inquietações e enfoques descoloniais nesta tese são de outra ordem, aliás, de ordem *outra*<sup>2419</sup>, uma vez que a defensiva pelos processos implicados *na seriedade de artistas “conscientes” com suas poesias “civilizadas”, inteligíveis aos “homens de cultura” (destinatários de suas obras), permitindo que a “literatura funcionasse no Brasil*”<sup>2420</sup>, tais quais os árcades para Candido<sup>2421</sup>, não me compete em medida alguma, pelo contrário. Já o fizeram e muito bem feito, muito obrigado.

---

<sup>2416</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

<sup>2417</sup> Em um preciso sentido, o que possibilita que eu pense, coteje e delinear a ideia de uma *fisiologia da des-formação* é sua ancoragem epistêmica no paradigma *outro*, sobretudo, no que se refere ao que foi deserdado, deixado de fora, da *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido.

<sup>2418</sup> Ainda que um dos pontos de partida das minhas problematizações seja a *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido, julgo pertinente pontuar que não me aprofundarei nas questões conceituais situadas no embate entre “manifestações” e “sistema” literários presentes no capítulo “Literatura como sistema” da referida obra. Isso, pois, diversos intelectuais brasileiros, de multifacetadas vertentes teóricas, já o fizeram (e muito bem feito), como Haroldo de Campos em *O sequestro do barroco* (2000). *Pari passu*, dá-se o fato de que minhas discussões descoloniais propõem desvelar o lado oculto do paradigma iluminista “formação” (*bildung*) em perspectiva diversal do paradigma *outro* no que diz respeito ao seu viés moderno/colonial cujo cerne universalista apagou quaisquer possibilidades de presenças e/ou inscrições indígenas, afro-brasileiras etc. naquilo que se sistematizou enquanto “formação” literário-cultural deste país pretérito e imperfeito que, no viés ocidental, sempre esteve em condição imitativa, devedora e dependente da “fonte do modelo original” eurocêntrico pseudo-justificada pela violência do colonialismo a partir do século XVI.

<sup>2419</sup> MIGNOLO. Prefácio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2420</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2421</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

De certa forma, no campo do exposto, aproximo-me mais de Silviano que de Candido quando, em prática docente de 1962 a 1972, *tenta abandonar gradativamente a conceituação de literatura enquanto belles lettres para se direcionar ao abrangente conceito de cultura no evocar de discursos identitários do/no Brasil cujas belles lettres são, apenas, parte e não a totalidade*<sup>2422</sup>. Na esfera de tal ideia, o ensaio “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento” de autoria do meu mineiro, publicado primeiro em 2014 e depois em *Um livro para Silviano Santiago* de 2020, organizado por mim e por Edgar César Nolasco, é pujante para iniciar estas teorizações, *a priori*, por seu subtítulo ser prefigurado pelo caráter de depoimento. Questiono, então, qual a necessidade de, já no século XXI, depor em torno do conceito de “formação”, mais ainda, de uma visada “pós-colonial”? Por que, depois de tudo que se transcorreu em quinhentos anos de produção literário-cultural, Silviano, ocupando o lugar de prestígio que possui nas Letras, sente a necessidade de prestar seu depoimento acerca do tema? Em especial, entrecortado, desde a epígrafe, pelas reflexões, na-diferença, de nosso mestre Antonio Candido?

Para responder às minhas próprias indagações, recorro às epígrafes deste subtítulo, em especial, quando justaponho os trechos grifados: *comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca*<sup>2423</sup>, ademais, *a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos ao caráter cultural e mais ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia*<sup>2424</sup>. Não obstante, *nas tábulas rasas, a semente era a palavra de Deus*<sup>2425</sup>, ou seja, atravessado pelas percepções críticas aportadas na *Formação* de Candido, entrevejo que a violência do genocídio indígena ou mesmo da escravidão afro-brasileira, presentes, ao meu ver, nos ditos de Silviano, parece ser

---

<sup>2422</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2423</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31.

<sup>2424</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.

<sup>2425</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 42.

tratada de modo secundário por Candido ao passo que suas percepções se pretendem, a partir do Arcadismo/Romantismo, apregoar o suposto “início” da literatura brasileira por estas terras colonizadas, em destaque, no que exprime a absorção de valores estéticos e “universais” do Ocidente pela *nossa literatura pobre e fraca*<sup>2426</sup>. Significante é, ainda, quando meu mineiro evoca *a imposição brutal de uma ideologia*<sup>2427</sup>, tomada por mim na esteira de Mignolo como *superparadigma moderno, colonial, imperialista e ocidental*<sup>2428</sup>, cujo cerne vim problematizando nos capítulos anteriores e ao qual agora despenderei um parêntese coesivo e conclusivo importante, nos termos do que entendo enquanto tese de doutoramento, à luz da simbologia de uma Fita de Möbius<sup>2429</sup> (Figura 26):

---

<sup>2426</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31.

<sup>2427</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.

<sup>2428</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2429</sup> Segundo o artigo “Fita de Möbius, o enigmático objeto com um só lado que fascina matemáticos, artistas e engenheiros”, publicado em 2018 no site da “BBC News Brasil”, “Uma das características mais fascinantes da fita de Möbius é ser o que os matemáticos chamam de ‘objeto não orientável’, ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora. ‘É algo complicado de entender intuitivamente’, diz Alejandro Adem, professor de Matemática da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá. Se, por exemplo, você começasse a caminhar pela parte de ‘cima’ de uma fita de Möbius, quando desse a volta completa e chegasse novamente ao ponto de partida, estaria, sem se dar conta, parado na parte de ‘baixo’. Da mesma forma, se começasse a caminhar pela borda externa da fita, ao dar a volta completa, terminaria em sua borda interna.”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>

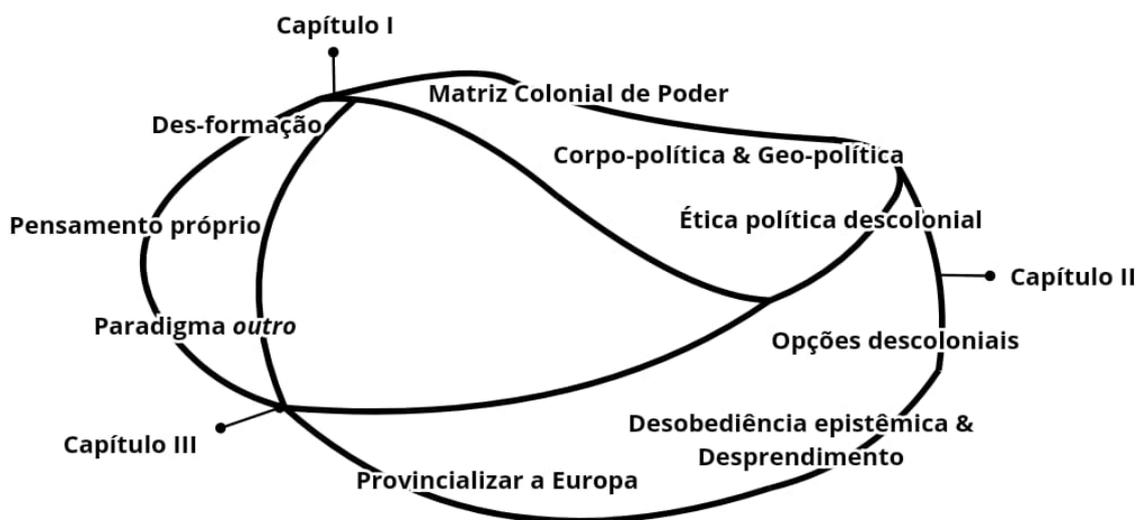


Figura 26 – Fita de Möbius representando os capítulos I, II e III desta tese bem como todos os conceitos que a sustentam

Fonte: arte desenvolvida pelo colega de grupo de pesquisa Luiz Alencastro

No que concerne à figura simbólica reproduzida e à sua breve explicação, *sendo algo complicado de compreender intuitivamente*<sup>2430</sup>, destaco os seguintes trechos: “Se, por exemplo, você começasse a caminhar pela parte de ‘cima’ de uma Fita de Möbius [...] quando desse a volta completa e chegasse novamente ao ponto de partida, estaria, sem se dar, conta, parado na parte de ‘baixo’.”<sup>2431</sup> e, ainda, “Da

<sup>2430</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>

<sup>2431</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>

mesma forma, se começasse a caminhar pela borda externa da Fita, ao dar a volta completa, terminaria em sua borda interna.”<sup>2432</sup>. Face a isso, transponho o citado a esta tese perseguidora da hipótese de que há *um* Brasil do pretérito imperfeito cujas especificidades modernas/coloniais e imperiais/capitalistas, à revelia da compreensão da Fita para os matemáticos, podem ser menos *complicadas de compreender criticamente* pelo respaldo do arcabouço epistemológico crítico biográfico fronteiriço desenhado pela *minha* Fita a partir da qual os conceitos descortinados no primeiro capítulo se entrelaçam, como condição *sine qua non*, em paralelo, com os do terceiro, mesmo que na égide de recortes históricos distanciados ao largo do tempo destes trópicos tupiniquins. A Fita cumpre, então, a função de metaforizar a própria estrutura conceitual, temática e histórica deste trabalho, na medida que *tudo* está interconectado pela premissa, inclusive, de que não há exterioridade sem interioridade, obrigatoriamente.

Em outras palavras, quero entender que matriz colonial de poder, problematizada com base nas políticas autoritárias do Bolsonarismo (2018-2023) e assentadas de modo mais próximo ao meu tempo do viver e da escrita, na história deste Brasil pretérito e imperfeito, não é tão distante assim do paradigma iluminista Formação (*Bildung*)<sup>2433</sup> (1500-1922) a partir do qual fomos “predestinados” a viver sob seu espectro hegemônico nas relações assimétricas entre colônia/metrópole, margem/centro e, acima de tudo, exterioridade/interioridade. Isso em mente, não poderia encerrar as teorizações fronteiriças desta tese, imbuídas de um paradigma *outro*, senão pela proposta de uma *fisiologia da des-formação* que, de alguma forma, acaba por explicar *tudo aquilo* que fora desenhado nos capítulos anteriores quando

---

<sup>2432</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>

<sup>2433</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

consideramos o enviesamento de um *superparadigma eurocêntrico*<sup>2434</sup> e estadunidense nestes *bioloci* esquecidos nos arrabaldes do Sul global.

Assim, no capítulo I, ao congregar matriz colonial de poder, corpo e geopolíticas e ética política descolonial se somando ao II com opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento e a provincialização da Europa, agora, só poderia me situar exatamente onde estou: no ensejo de angariar um paradigma *outro* ao iluminista que nos empurrou cada vez mais para a condição de periferia em detrimento à dita supremacia da metrópole. Melhor dizendo, este capítulo III urge à luz da necessidade de tornar explícito que *tudo aquilo*, experienciado no século XXI na chancela de políticas autoritárias, capitalistas e militarizadas bem como no século XX com a ânsia implacável pela modernização compulsória pelos modernistas, tem, para mim, um ponto comum de contato salutar e gritante: as mazelas modernas/coloniais implicadas em nossos processos formativos. Em destaque, quando apregoamos tensões críticas *outras* à ideia de origem e começo em que nas *tábulas rasas, a semente era a palavra de Deus*<sup>2435</sup>.

Em suma, o capítulo que encerra esta tese fronteiriça é o mesmo que provoca a tentativa de explicar as razões pelas quais experienciamos no corpo e na mente os processos modernos/coloniais civilizatórios em prol dos mesmos ideais, ainda que transmutados em outras terminologias, decorridos a partir do século XVI com a “Era das Descobertas” e das “Grandes Navegações” rumo ao “Novo Mundo”. De algum modo, o fim, aqui, é o começo de *tudo* que alargou os múltiplos horizontes de desigualdades a partir dos quais fomos “destinados” a viver sem quaisquer possibilidades de pensarmos do seu *afuera*. O fim desta tese retoma, exatamente, o

---

<sup>2434</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2435</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 42.

nosso começo e origem, neste momento, a fim de *construir espaços de esperança respaldados não em uma razão*<sup>2436</sup> pretendida universal, homogeneizante, boa e/ou possível para todos, cujo cerne inventou os conceitos modernos/coloniais internalizados em nós. Mas, sim, *em paradigmas outros, das diversidades, pleiteando formas críticas de pensamento e projetos futuros pela esfera das experiências marcadas pela modernidade e colonialidade, dominantes até hoje*<sup>2437</sup>, tal qual desvelei nos capítulos I e II desta tese.

Implicado nessa lógica *outra*, arregimento-me dos conhecimentos, *na baliza dos loci de enunciação*, enquanto *geo-política em posição diferencial a compreendê-los apenas como lugares universais os quais o acesso é “generalizado”, mas que poucos têm suas chaves*<sup>2438</sup>. Na esteira de Mignolo, tal perspectiva implica lidar com os desafios de desfazer os lugares de poder atribuídos aos saberes no entrecortar do preconceito que assume a superioridade de uns específicos em detrimento a muitos outros<sup>2439</sup>. Por isso, intermediado pela metaforização estrutural e conceitual incutida na *minha* Fita de tese, outrora evocada, situo-me no lugar de problematizar *as funções e as necessidades* para as quais a “Formação” (*Bildung*)<sup>2440</sup> iluminista literário-cultural brasileira *foi criada, reproduzida e transformada*<sup>2441</sup> nos termos de nossa origem e começo enquanto “Brasil” – pretérito e imperfeito. Em suma, minha *fisiologia da deformação* está forjada, como condição *sine qua non*, por *uma perspectiva de conhecimento enquanto geo-política*<sup>2442</sup> afiançada em interesses “particulares” e “universais”<sup>2443</sup> – para fazer menção ao mestre Candido.

---

<sup>2436</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

<sup>2437</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2438</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 21.

<sup>2439</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 21.

<sup>2440</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2441</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 21.

<sup>2442</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 21.

<sup>2443</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

Ainda no que concerne à reprodução estrutural desta tese por meio da *minha* Fita, Mignolo me é salutar na medida em localiza a ancoragem do pensamento fronteiriço, sendo este a premissa basilar das minhas teorizações, no século XVI com a “invenção da América”, seguida pelo capitalismo e pela lógica da colonialidade sendo celebrada pela modernidade enquanto ponto de chegada da civilização global<sup>2444</sup>. À maneira que estou argumentando, o exposto se presentifica nestas elocubrações *outras* desde a introdução quando proponho *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>2445</sup> *meu* Brasil pretérito e imperfeito destituído do *superparadigma ocidental*<sup>2446</sup> pelo crivo, sobretudo, do meu lócus de enunciação<sup>2447</sup> aportado na exterioridade. Com isso, faz-se possível explicitar que no capítulo I tentei dar conta de conjecturar os grilhões autoritários do Bolsonarismo através da clave de que o *colonialismo seria o lado obscuro do imperialismo, enquanto esse seria sua face visível e aquele o mal necessário para o seu exercício de reativação de políticas coloniais*<sup>2448</sup> – a exemplo da pandemia debatida no 1.4 cujo espectro desvelou um horizonte de morte implacável aos corpos desprezados e dispensáveis.

Ademais, no viés de uma lógica similar à citada, e no endosso ao já destrinchado no capítulo II, *a colonialidade constitui, então, a face obscura da modernidade corroborando novas formas de colonização*<sup>2449</sup> – estando tal consciência situada, de algum modo, à revelia dos modernistas, pois, ainda que tivessem intenções libertadoras, seus instrumentos críticos não foram exteriores à mesma lógica moderna/colonial que nos colonizou. Ante tais constatações *outras*, dão-se dois

---

<sup>2444</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 28.

<sup>2445</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2446</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2447</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 21.

<sup>2448</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2449</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 23.

binômios previamente descortinados: imperialismo/colonialismo<sup>2450</sup> (capítulo I) e modernidade/colonialidade<sup>2451</sup> (capítulo II), sendo os primeiros, para alguns, a superfície “palatável” dos segundos escondidos com seus fins “civilizatórios” de dominação e (auto)manutenção de poder hegemônico. Estão congregadas, então, no que diz respeito ao viés crítico mencionado, *as ideologias da modernidade com suas duplas faces, ditas emancipatórias e libertadoras, construídas através do Cristianismo, liberalismo, conservadorismo, socialismo/marxismo*<sup>2452</sup>. Nesse preciso sentido, por que encerrar com uma *fisiologia da des-formação* literário-cultural deste Brasil pretérito e imperfeito?

Pelo fato de que, no bojo de Mignolo<sup>2453</sup> aportado em um paradigma *outro*, é uma história, uma nova ficção, defender que o colonialismo é coisa do passado e que agora nos encontramos na pós-modernidade do império – enquanto significado literal do termo, ou seja, novas formas de colonialidades globais<sup>2454</sup>. Reconhecer isso implica, como condição *sine qua non*, tomar enquanto ponto de partida *as diferenças epistêmicas*, ou ainda, *rupturas epistêmicas*<sup>2455</sup>; no caso específico desta tese, do que se propôs, com base em paradigmas e *práxis* modernas/coloniais, enquanto um Brasil independente cujo cerne muitas vezes é relido quase como se nossas heranças e feridas coloniais, ainda presentes no meu tempo do escre(vi)ver, fossem meros delírios militantes à esquerda. Esta tese é, portanto, a minha tentativa de pesquisador crítico biográfico fronteiriço de angariar *rupturas epistêmicas*<sup>2456</sup> em favor de conceituar um, ou o *meu*, Brasil do pretérito imperfeito a partir de Silviano, estando

---

<sup>2450</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2451</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2452</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2453</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2454</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2455</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2456</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

agora em conjunto com Candido. Por isso, proporei a *fisiologia da des-formação* que se segue, na baliza dos ideais de “começo” e “origem”, a fim de rastrear e problematizar o nosso suposto “início” formativo tentando entender as razões que “justificam” termos perseguido, no modernismo, a ânsia compulsória pela modernização renitente, e, então, no século XXI, sido cooptados por uma política violenta e autoritária Bolsonarista tão análoga aos ideais coloniais do século XVI.

Sendo assim, na égide da crítica biográfica fronteira, *fisiologia da des-formação* foi, à luz de uma relação intertextual com Silviano, o termo eleito por mim ensejando dissecar funções e funcionamentos deste corpo-Brasil, pretérito e imperfeito, no que diz respeito não mais à dita formação literário-cultural intermediada pelo paradigma iluminista (*bildung*)<sup>2457</sup> importado e reproduzido à exaustão por boa parte da crítica acerca do tema. Pelo contrário, ao estabelecer uma premissa *des-formativa*, desobedecendo e me desprendendo do binômio inseparável modernidade/colonialidade, aporto meu discurso no campo dos *paradigmas outros emergidos a partir das diversidades implicadas nas experiências marcadas pela colonialidade*<sup>2458</sup>. Pelo corolário desta tese enquanto *ruptura epistêmica*<sup>2459</sup>, minha *fisiologia da des-formação* aquilata uma perspectiva descolonial dos nossos processos formativos assegurando uma escolha epistêmica *outra* passível de não endossar paradigmas alheios, estrangeiros e pseudo-universais às leituras direcionadas aos nossos “começos” e “origens” como se estivéssemos sempre em dívida ou dependência em detrimento à metrópole que sempre nos situou do lado mais *afuera* possível, isto é, no espaço por excelência da exterioridade.

---

<sup>2457</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2458</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2459</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

Por via dessa percepção, dou início às reflexões próprias deste subtítulo na chancela do meu mineiro quando problematiza os ideais de “começo” e “origem” do Brasil na contracorrente dos argumentos de Antonio Candido. Segundo Silviano<sup>2460</sup>, a distinção entre ambos os termos seria de difícil ultrapassagem quando nossa busca pela “origem” seria de base racional ao passo que a pelo “começo” de caráter sentimental tendo, portanto, pesos e valores distintos em suas ocupações semiautônomas, mais ainda pela clave de nossa formação. De posse do já mencionado paradigma formação (iluminista), cujo cerne será aprofundado *a posteriori*, presente em diversos manuais acadêmicos, furta-se a data de nacionalidade do país apregoando seu marco inicial, seu começo, no que fora cravado pelos marinheiros portugueses neste lócus, que mais adiante seria conclamado “Brasil”<sup>2461</sup>. Salientar é a aferição do mineiro<sup>2462</sup> quando defende que a data aposta no “começo” não é coincidente com a da “inserção das Américas” (e do Brasil) no mapa-múndi das “descobertas renascentistas”, pois seu marco inicial não passou de imposição dos colonizadores, conquistadores e religiosos aos povos que ali, há muito, já habitavam.

Dessa maneira, Silviano, à revelia de Candido, é-me salutar na medida que desvela as contradições de nossas datas iniciais de formação e da centralidade do mundo, visto que a cronologia que nos metamorfoseou de “descobertos” para “colonos” e depois “cidadãos” foi localizada pelas ciências sociais e pela literatura, inclusive por Candido, no século XVIII. No entanto, o mineiro<sup>2463</sup>, embebido de sua escolha crítica cultural aberta ao pós-colonial, considera que o paradigma formação se fez responsável pela pauta identitária do cidadão brasileiro – qual cidadão?

---

<sup>2460</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 30.

<sup>2461</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2462</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2463</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

Questiono-me – ao modo de uma “emancipação do estatuto colonial”. Nesse viés, *escamoteia-se o século XVI, momento de inserção inicial deste lócus no Ocidente, e, por extensão, o período histórico colonial antecedente atravessado pelo genocídio indígena e pela escravidão afro-brasileira mostrando que nem tudo são flores na vida dos brasileiros*<sup>2464</sup>, tal qual minha retórica fronteira está comprometida em descortinar através dos recortes históricos eleitos nos capítulos I, II e, agora, III desta tese.

Assim como o foi para mim, através do ensinado no curso de Letras pelos estudos em literatura brasileira, Silviano<sup>2465</sup> expõe que sua formação foi proposta, no campo do literário, enquanto iniciada no século XVIII na égide dos bastões de revezamento da *Formação* de Candido. Então, no campo do mencionado, “origem” *estaria para os valores ocidentais assim como “começo” para os valores brasileiros*<sup>2466</sup> e, a fim de ultrapassar o *centramento europeu na insígnia da “origem”*, o mineiro *opta por lê-la pelo crivo de uma literatura comparada pós-colonial no engaste do vírus lusitano perpetuado por sua esplêndida e trágica tradição milenar cujo estrato organizou e qualificou as produções literárias das metrópoles em suas disseminações desafortunadas nos países coloniais*<sup>2467</sup>. Face ao cenário conflituoso aportado entre “começo” e “origem”, emerge a proposição crítica do entre-lugar aposta em um espaço “[...] negociável de leituras das literaturas latino-americanas e das demais que passaram por processos semelhantes de colonização, cujo principal intuito era o de dar o troço pela diferença (originalidade) [...]”<sup>2468</sup>.

---

<sup>2464</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2465</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 45.

<sup>2466</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 45.

<sup>2467</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 46.

<sup>2468</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 46.

É pujante em minha teorização *outra* aqui empreendida o avanço que Silviano possibilita no bojo das questões pertinentes aos processos formativos literário-culturais deste Brasil do pretérito imperfeito. É, por óbvio, falacioso aferir que o mineiro congrega em seus escritos uma postura descolonial, entretanto, o ponto latente de suas reflexões se dá pela percepção de que, na contracorrente de Candido, rui o ideário civilizatório das *belles lettres*<sup>2469</sup> “universais” e, por outro lado, ascende o de cultura em posição vis-à-vis das bordas no que convém aos centros/metrópoles. Ainda que as empreitadas teóricas de ambos os intelectuais possam ser consideradas datadas à luz de um ou outro recorte específico, como quaisquer conceitos e teorias no âmbito acadêmico, faz-se possível avançá-las, por via de uma perspectiva *outra*, com fins de não nos ressubmetermos à hegemonia universalizante do *superparadigma da modernidade ocidental*<sup>2470</sup> em suas incursões imperiais de dominação. Na guisa do pretendido, ofereço ressonância a Candido<sup>2471</sup> quando afere que cada literatura exige um tratamento peculiar no empreender de seus problemas próprios ou da relação que mantém com outras.

Mais ainda quando tensiona a inscrição de seus caracteres próprios não podendo ser estudada como as demais, sobremaneira, de um viés histórico<sup>2472</sup>. Problemático é, no respaldo do meu paradigma *outro*, quando lhe afere *insígnia recente, sendo gerada pela portuguesa em relação de influência de outras duas ou três para se constituir*<sup>2473</sup>, espectro abordado por Candido no engaste de definir os valores e as funções das obras pelo entrecortar das relações delas com as providas pelos centros do Ocidente quase como se os pontos de contatos entre os dois polos

---

<sup>2469</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2470</sup> MIGNOLO. Prefácio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2471</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2472</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2473</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

fosse o elemento salutar para se gerar, de fato, uma “genuína literatura brasileira”, pretendida universal, no século XVIII. Nesse ínterim, Silviano e Candido estão localizados em esferas críticas diametralmente opostas; o primeiro se embebe da vertente cultural aberta ao pós-colonial em prol da resolutiva de nossa “dependência” pelo crivo do *troco à diferença*<sup>2474</sup>, já o segundo deslinda sua preocupação histórico-estética com o “quanto” de “universal” os escritores árcades e românticos conseguiram incorporar do Ocidente para aquilatar, nos cursos de Letras, o popularizado “início da literatura brasileira” provido pelo sistema a partir do qual a literatura estaria empenhada – empenhada para quem? – sendo, portanto, não mais meras “manifestações”, a exemplo do barroco.

Do plasmar concernente à internalização dos elementos ocidentais, o paradigma formação iluminista *escamoteia a violência dos processos implicados pela imposição da língua portuguesa, do credo cristão e da supremacia branca europeia aos povos indígenas e aos afro-brasileiros*<sup>2475</sup> – elemento esse quase que desconsiderado pelas inquirições estético-históricas de Candido em sua necessidade de perseguir o universal literário do Ocidente nestes trópicos pretéritos imperfeitos. Com isso em relevo, no âmbito dos limites desta teorização crítica biográfica fronteira, só posso formular esta *fisiologia da des-formação* a partir de Silviano e de Candido provido pelas desobediências e desprendimentos epistêmicos do paradigma *outro* ao evocar *as misérias decorridas de anos de colonialismo na urgência de elaborar não novos paradigmas assentados no projeto da modernidade*<sup>2476</sup> – ao modo do aposto nas aferições de Candido. Defendo, então, *paradigmas outros construídos pela clave de princípios políticos, éticos, econômicos, epistêmicos, subjetivos etc. em*

---

<sup>2474</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 46.

<sup>2475</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2476</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

*formas críticas de pensamento preocupadas com as histórias e experiências marcadas pela colonialidade*<sup>2477</sup>, como é o caso pujante deste Brasil pretérito e imperfeito pelo atravessamento do colonialismo e da colonialidade renitentes há séculos.

Suscito, na contracorrente de quaisquer defensivas por universais abstratos imperialistas, *um paradigma outro respaldado nas diversidades conectadas pelo ponto comum da colonialidade aos que experienciaram no corpo e na mente o trauma, a falta de respeito e a ignorância na empreitada de reaprender a ser*<sup>2478</sup>, destituídos dos grilhões hegemônicos de conquista, civilização e progresso itinerantes e hospedados nestas bordas fronteiriças. À diferença das *práxis* modernas/coloniais, relembra-me Mignolo<sup>2479</sup>, o paradigma *outro* não possui um único autor de referência ou mesmo origem comum e homogênea, mas, sim, um recorte histórico específico situado na expansão imperial/colonial do século XVI até hoje sendo o nome que aproxima formas críticas de saberes emergentes das Américas, no empreender do pensamento fronteiriço, em posição de re-existência aos grilhões civilizatórios da modernidade/colonialidade. Mais ainda, *o paradigma outro emerge de todos aqueles cuja expansão imperial negou quaisquer possibilidades de razão, pensamento ou mesmo futuro, não podendo ser reduzido a um paradigma mestre, menos ainda a um novo paradigma (auto)apresentado como a nova verdade universal*<sup>2480</sup> – do contrário, promulgaríamos apenas uma permuta de termos com base na mesma lógica moderna/colonial que, não obstante, marginalizou-nos à última potência.

---

<sup>2477</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2478</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2479</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2480</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

Face a tal entendimento, *seu cerne se dá pelo crivo da diversalidade como única possibilidade universal ao se contrapor aos universais abstratos, ocultadores da colonialidade*<sup>2481</sup>, em seus projetos de conquista e definição hegemônica assimétrica – a exemplo do paradigma formação iluminista sendo paulatinamente delineado e problematizado neste capítulo, sobremaneira, pelo viés de Candido contraposto ao de Silviano. No cotejar do paradigma *outro*, embebido pela diversalidade enquanto projeto universal, faz-se impensável oferecer ressonância a Candido quando, no prefácio da primeira edição de sua *Formação* citando Tolstói, afirma: “A leitura produz efeito parecido [fascinação pela beleza] em relação às obras que anima. Lidas com discernimento, revivem na nossa experiência [...]”<sup>2482</sup> e continua “[...] dando em compensação e inteligência e o sentimento das aventuras do espírito. Neste caso, o espírito do Ocidente, procurando uma nova morada nesta parte do mundo.”<sup>2483</sup>. Diante do citado, pergunto: o dito “espírito do Ocidente”, ou melhor, espírito civilizatório, imperial, conquistador e dominador já *não buscou morada nesta parte do mundo* através da violência genocida, da escravidão afro-brasileira e da imposição de uma *ideologia religiosa brutal*<sup>2484</sup> aos que aqui já habitavam? Fazia-se necessário nos abrimos à internalização do alheio mais uma vez? Agora, de maneira consciente e desejante?

Novamente, as diferenças entre Candido e Silviano se interpolam vorazmente quando me parece que o primeiro, à diferença do mineiro, relega ao segundo plano a violência a partir da qual os assujeitados indígenas foram submetidos em prol à suposta urgência de requerir princípios estéticos no bojo da formatação do que se concebeu enquanto “início da literatura brasileira” pelo entrecortar da presentificação

---

<sup>2481</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>2482</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2483</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2484</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.

do *espírito do Ocidente*<sup>2485</sup> pretendido universal. As preocupações de ambos são de ordens distintas e, claro, as minhas mais ainda, posto que esta teorização se engasta mais pelas *dores das diferenças coloniais e dos gritos dos sujeitos nas muitas privações causadas pelos europeus*<sup>2486</sup> do que por questões de ordem estéticas em suas importações latentes do que era produzido no suposto “real Ocidente” – quase como se não fôssemos, também, parte integral dessa concepção.

Nesse preciso sentido, voltando-me à ideia exposta por Silviano no prisma do *uso arbitrário da violência e da imposição brutal de uma ideologia nos escritos dos portugueses*<sup>2487</sup> quando, *nas tábulas rasas, a semente era palavra de Deus*<sup>2488</sup>, direciono meu discurso à proposta aberta ao pós-colonial que o intelectual tensiona à “Carta de Pero Vaz de Caminha” (1500), na contracorrente *do paradigma (bildung) iluminista de sua/nossa própria formação*<sup>2489</sup>, cujo substrato moderno/colonial foi alimentado à exaustão por Candido no anseio pela internalização do *espírito do Ocidente*<sup>2490</sup> nestes trópicos. Tomado pelo embate entre “começo” e “origem”, no que circunscreve nossos processos formativos, o mineiro<sup>2491</sup>, ao ensinar história das culturas e literaturas brasileiras em 1962, parte da “Carta” a concebendo enquanto a ideia de “começo” do Brasil, na chancela do que discuti nos parágrafos anteriores. Feito isso, procurou se desidentificar do *bildung* para *propor uma leitura pela vertente pós-colonial na busca por motivações não-eurocêntricas no trabalho didático e na reflexão crítica em tornos dos princípios de nacionalidade brasileira*<sup>2492</sup>.

---

<sup>2485</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2486</sup> MIGNOLO. Prefácio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2487</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.

<sup>2488</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 43.

<sup>2489</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2490</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2491</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2492</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

Silviano, então, munido de um arsenal epistêmico de matiz cultural e não unicamente histórico-estético à *la* nosso mestre Candido em seu sistema literário aportado no paradigma universalista do Ocidente, opta, no âmbito da “Carta”, menos pelo que se apresenta colonialmente na superfície do texto europeu destinado ao rei de Portugal e mais pelas metáforas localizadas no que chama de “inconsciente do texto”<sup>2493</sup>. A partir delas, traz à tona aquilo que se esconde por detrás das figuras de linguagem pelo manejo de sua “análise pós-colonial” no descortinar das atividades empreendidas pelos marinheiros comandados por Pedro Álvares Cabral<sup>2494</sup>. Em termos específicos, presentificam-se duas metáforas pujantes para compreendermos os *modus operandi da violência e da imposição brutal ideológica dos colonizadores*<sup>2495</sup> no que diz respeito à “catequese indígena”, são elas: *semente est verbum Dei* e *tanquam tabula rasa*<sup>2496</sup>, apostas por mim em relação intertextual no título deste trecho de tese. Conforme o mineiro defende, a primeira “[...] se refere ao trabalho de doutrinação cristã a ser conduzido posteriormente, *in loco* e nos colégios religiosos, pelos padres jesuítas.”<sup>2497</sup>, a segunda seria “[...] algo semelhante a uma tábula rasa, se refere à facilidade da recepção da nova doutrina pela mentalidade indígena. Não haverá conflito catequético porque não há doutrina religiosa nativa [...]”<sup>2498</sup>.

No plasmar das aferições citadas, em especial, no que concerne à ideologia cristã imposta à revelia das cosmologias e dos habitantes deste lócus já existente, posto que não existe “descoberta do Brasil”, valorizou-se a palavra de um único e absoluto Deus, o princípio de uma unidade pretendida universal, *enquanto a “principal”*

---

<sup>2493</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2494</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 31.

<sup>2495</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.

<sup>2496</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

<sup>2497</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32, grifos do autor.

<sup>2498</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

*semente a ser lançada na terra até aquele momento “desconhecida”*<sup>2499</sup> quase como se isso justificasse toda violência genocida que se decorreria *a posteriori*. Aos povos originários, tomados pelos colonizadores através das insígnias de *inocentes, mentes vazias, tábulas rasas, pressupunha-se que seriam dóceis na aprendizagem da catequese jesuíta passível, nessa lógica, de “oferecerem-lhes redenção”*<sup>2500</sup>. Tomado pelo engaste de Silviano e, em demasia, pelo calcado no paradigma *outro* que respalda estas minhas problematizações de intelectual fronteiro escre(vi)vendo *a partir da* exterioridade, parece-me que o exposto, tanto na chancela da ideologia cristã (pela semente) quanto pela percepção do si-mesmo direcionada “aos outros” (pelas tábulas rasas), não se encerrou com o fim dos processos colonizatórios.

Pelo contrário, transfigurou-se em outros termos, paradigmas, conceitos e *práxis* modernas/coloniais a fim de (auto)manter sua matriz de poder hegemônica passível de definir os *loci* “agraciados” pelo *espírito do Ocidente*, para utilizar a expressão de Candido, assim como aqueles destituídos de tal “benesse”. Mais ainda, disseminou-se de Norte a Sul global *pelo mapeamento das diferenças coloniais, mascaradas de diferenças culturais, ocultando os pontos diferenciais de poder*<sup>2501</sup> ao *eleger as histórias locais que teriam seus potenciais epistêmicos negados*<sup>2502</sup>, a exemplo, inclusive, de pensarem por si mesmos seus processos formativos à luz não de projetos globais sobrepostos às histórias locais, mas, *a partir de* si mesmos sem a incumbência do “universal” pulverizado mundo afora – como é o caso deste Brasil do pretérito imperfeito entrecortado por um paradigma iluminista (*bildung*) tão alheio às nossas realidades quanto muitas da teorias modernas e pós-modernas importadas por nossas universidades, a título do meu caso na graduação em Letras durante os

---

<sup>2499</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

<sup>2500</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

<sup>2501</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2502</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

anos de 2015 a 2019, não obstante, tal como Silviano, à maneira da *Formação da literatura brasileira* de Candido.

Pensar então, pelo corolário de um paradigma *outro*, implica fazê-lo pela perspectiva *das histórias coloniais postas em relevo nos conflitos entre línguas, saberes e sentires evocando seus poderes diferenciais racializados*<sup>2503</sup> pelo universalismo abstrato da modernidade/colonialidade em seus paradigmas imperiais. Na contracorrente da “Carta” discutida por Silviano, na *aprendizagem redentiva pelas mentes dóceis vazias*<sup>2504</sup> e, ainda, no diversal à internalização do *espírito do Ocidente*<sup>2505</sup> a partir do qual nossa *literatura seria pobre e fraca*<sup>2506</sup> para Candido, a *fisiologia da des-formação* inscrita no *meu paradigma outro* congrega os *saberes subalternizados pela descrença monotópica na superioridade da teologia, filosofia e da ciência com seus princípios e métodos*<sup>2507</sup>. Volto-me para experivivências e resistências destas fronteiras exteriorizadas do Sul global no chancelar *de lugares epistêmicos diversosais que desenham paradigmas outros*<sup>2508</sup> desobedientes e desprendidos em relação aos que nos fizeram acreditar serem os únicos verdadeiros, como o iluminista de nossa formação reproduzido por Antonio Candido.

À maneira que arregimenta Mignolo<sup>2509</sup>, tais lugares epistêmicos diversosais convocam histórias, memórias, dores, línguas e saberes diversos não mais como objetos de estudos passíveis de análises pelo crivo do projeto moderno/colonial. E, sim, espaços *a partir dos* quais se germinam saberes enquanto epistemologias fronteiriças destituídas das privações perpetuadas pelo Renascimento nos processos

<sup>2503</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

<sup>2504</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 32.

<sup>2505</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2506</sup> CANDIDO apud SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31.

<sup>2507</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

<sup>2508</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

<sup>2509</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

colonizatórios de classificação, nos seus próprios critérios, dos povos pelos níveis de inteligência<sup>2510</sup>. Voltando-me à enseada crítica de Silviano, *pode-se experimentar múltiplas abordagens do âmbito literário-cultural ao invadir o período colonial, a exemplo da “Carta de Pero Vaz de Caminha”, fazendo-o menos pelos critérios do paradigma disciplinar iluminista e muito mais pela esfera dos discursos culturais encenados pela sua noção de entre-lugar*<sup>2511</sup> – a qual evocarei *a posteriori* de maneira mais aprofundada neste subtítulo. Pela vertente distendida ao pós-colonial, à revelia de Candido, esse com suas preocupações assentadas *nos homens do passado no fundo de uma terra inculta em meio à aclimação penosa da cultura europeia e em suas descendências, sentimentos experimentados e observações formativas de nós mesmos*<sup>2512</sup>, Silviano ganha *pela diferença alcunhada pela destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza, papel preponderante da América Latina no engaste da cultura ocidental*<sup>2513</sup> cujo espectro assimétrico imperial parece ter nos deixado de fora.

Ademais, não só nos relegado à invisibilidade e à inexistência da exterioridade em detrimento ao ideário de “Ocidente”, mas, sobremaneira, à quase impossibilidade de cotejarmos nossa própria formação literário-cultural, “origem” na baliza de Silviano, sem a presença renitente de *práxis*, teorias, métodos e conceitos itinerados, novamente, dos centros e hospedados nestas bordas – Candido parece aferir valor positivo a isso, quando entrecorta o suposto “início de nossa literatura brasileira” pela internalização dos princípios estéticos universais por parte dos árcades em seus cultos à Antiguidade greco-romana europeia. Ainda no resvalar discursivo da “Carta”

---

<sup>2510</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2511</sup> SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.

<sup>2512</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2513</sup> SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.

empreendido por Silviano<sup>2514</sup>, ao “*catar metáforas da época colonial*”<sup>2515</sup>, afirma que tal prática servia de mecanismo para apreender as manobras eficientes dos colonizadores as quais, inocentes na superfície descritiva do texto, perfilavam cargas semânticas inexploradas e explosivas requerindo descodificação pela vertente de leitor pós-colonial brasileiro.

Em duras palavras no entorno do nosso dito “começo”, o mineiro<sup>2516</sup> atesta que ao chegar à posse do seu destinatário, o rei de Portugal D. Manuel I, a “Carta de Pero Vaz de Caminha” acaba por lhe aferir, também, a posse da terra e dos povos que nela foram descritos pela primeira vez na perspectiva das metáforas supracitadas. *Grosso modo*, o material histórico tecido por Caminha *cria para a História o acontecimento da suposta “descoberta” daquela região, a posteriori denominada Brasil, pelo país europeu selando, por consequência, a insígnia portuguesa e cristã àquela cultura considerada não-ocidental*<sup>2517</sup>. Pela figuração explicitada através das metáforas da semente e da tábula rasa, *o simulacro do escrivão ofereceu ao leitor seu relato colonial com base em sua própria verdade histórica, ou seja, que a palavra de um Deus universal seria impressa com facilidade nas páginas em branco das mentalidades indígenas sendo, portanto, natural que os valores do Ocidente se escrevessem nas mentalidades virgens e acolhedoras daqueles povos “bárbaros”*<sup>2518</sup>. É escusado dizer, de uma *sensibilidade de mundo*<sup>2519</sup> entrecortada pelo século XXI e por *tudo aquilo* decorrido em quinhentos anos, que a óptica colonial mencionada parece não ter se encerrado com o fim da colonização destes tristes trópicos pretéritos e imperfeitos –

---

<sup>2514</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 41.

<sup>2515</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 41.

<sup>2516</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 42.

<sup>2517</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 42.

<sup>2518</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 43.

<sup>2519</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

os capítulos anteriores se propuseram a descortinar e problematizar tal intento no bojo dos séculos XXI e XX.

Longe disso, sobretudo, nos campos das artes, literaturas e epistemologias quando reproduzimos o mesmo simulacro colonial *através das nossas mentes virgens e acolhedoras das verdades históricas providas pelas palavras de um Deus*<sup>2520</sup> universal ou mesmo das Ciências Humanas, Filosofia, Antropologia, *Belles Lettres* (todas em maiúsculas) ou quaisquer outras *epistemes* gestadas no seio das histórias locais europeias e aqui relidas pelo prisma de “universais”. Parece-me que, para além das múltiplas imposições as quais fomos submetidos séculos a fio no que concerne à matriz colonial de poder, escolhemos não entender que, como Mignolo<sup>2521</sup> pontua no angariar de um paradigma *outro*, as línguas coloniais da modernidade, derivadas do latim na formação da Europa, já não nos são suficientes, pois se limitam à própria visão fragmentada eurocêntrica em seu panorama unilateral e parcial. Ou seja, *uma mesma história criada e replicada a partir da diversidade, mas diversidade apenas no que compete ao interior do eurocentrismo pari passu ao apagamento das experiências inscritas nos loci colonizados*<sup>2522</sup>. Com o exposto em relevo, faz-se impossível, de uma perspectiva crítica biográfica fronteiriça, oferecer ressonância ao viés teórico de Candido quando coteja o paradigma formação, iluminista de base germânica, aos recortes históricos delimitados às nossas “origens” e “começos” literário-culturais no que tange aos processos colonizatórios do século XV para XVI.

Menos ainda quando Candido assegura que houve literatura entre nós desde o século XVI, enquanto esparsas manifestações desprovidas de um sistema articulado e sem ressonâncias, mesmo que *estabelecendo um começo e demarcando posições*

---

<sup>2520</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 43.

<sup>2521</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

<sup>2522</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

*para o futuro*<sup>2523</sup>. No século XVII, emergiriam na Bahia escritores providos de “porte”, mas apenas na metade do século XVIII, no engaste das Academias embebidas de importações lusitanas, *a vida literária brasileira teria sua primeira densidade considerada apreciável*<sup>2524</sup>. Ademais, dependeria “[...] de uma certa *continuidade da tradição*. [...] a brasileira não nasce, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo, que vinha antes e continuou depois.”<sup>2525</sup>. Curioso, no mínimo, é o fato de Candido tensionar *a continuidade de uma tradição* em suas observações debruçadas sobre os primeiros séculos do “começo brasileiro” ao mesmo tempo que relega à inexistência quaisquer possibilidades de inscrições culturais advindas dos grupos sociais assujeitados, em especial, os povos indígenas originários e os afro-brasileiros fazendo parecer que suas presenças neste lócus fossem exteriores ao ideário de “tradição” aplicado por Candido.

Novamente, como se fomentar quaisquer corolários de nacionalidade brasileira, ou, para me valer do enfoque deste subtítulo, de formação literário-cultural, sem considerar a presença pujante daqueles que, primeiro, sempre estiveram aqui e, dos que, *a posteriori*, comporiam a maioria absoluta da população deste país pretérito e imperfeito? Pela ancoragem do meu paradigma *outro*, entrevejo que Candido está forjado e regido por uma óptica de pensamento calcada nos pressupostos da modernidade/colonialidade e seus paradigmas itinerantes aqui internalizados, ao passo que, por outro lado, Silviano o avança pelo artifício epistêmico aberto ao pós-colonial e de base eminentemente cultural. Se, para Candido, interessa mais a insurgência latente dos princípios estéticos, mesmo que de um viés pretendido histórico, no bojo dos sistemas e das obras que regeram as produções literárias do

---

<sup>2523</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 17.

<sup>2524</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 17.

<sup>2525</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 17.

país, o mineiro se volta para aquilo que ficou obscurecido na inexistência da exterioridade à sombra das *necessidades dos leitores cultos*<sup>2526</sup> e embebidos de suas *belles lettres* aos moldes do *espírito do Ocidente*<sup>2527</sup> eurocêntrico – evocando os próprios dizeres apostos na *Formação* de Candido.

Retornando à “Carta de Pero Vaz de Caminha”, Silvano tensiona ainda outros pontos preponderantes no estrado de seu simulacro colonial e catequizante em favor da imitação servil, do ponto de vista do escrivão. Pelo crivo das metáforas, as quais coadunariam que *nas tábulas rasas, a semente seria a palavra de Deus*<sup>2528</sup>, aparentava existir nos índios um traço “naturalmente inclinado” à conversão religiosa católica, posto que passavam a imitar os gestos dos cristãos durante o exercício do santo sacrifício da missa, em outros termos, *figuras vermelhas que macaqueavam os brancos afins ao êxtase espiritual provido pela duplicação dos movimentos*<sup>2529</sup>. Como afirma o mineiro<sup>2530</sup>, Caminha insistiu na “capacidade extraordinária” de imitação por parte daqueles desconhecidos, quase como se, ao nos debruçarmos sobre nosso paradigma formativo pelo entrecortar do hoje pelo século XXI, fôssemos sempre os imitadores e replicadores daqueles advindos dos centros/metrópoles e, mais ainda, de tudo que fosse produzido em tal lócus circunscrito em sua (auto)proclamada interioridade universal hegemônica. Ademais, elementar é, ainda, a desconfiança tensionada pelo mineiro, dada a dificuldade de se efetivamente saber se o *espírito da imitação presente no texto histórico era produto da imaginação do seu autor ou um estratagema político afim ao rei de Portugal*<sup>2531</sup>.

<sup>2526</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

<sup>2527</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2528</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 42.

<sup>2529</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 13.

<sup>2530</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 268.

<sup>2531</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 268.

Termos como *cópia*, *reprodução verossímil* e *mímica*<sup>2532</sup>, no entorno do culto à doutrina cristã por parte dos jesuítas colonizadores aos indígenas, prefiguram-se na medida que inexistia um código linguístico comum aos dois povos “facilitando” o processo da violenta catequização. Em tal contexto, a *originalidade* significaria a *transgressão ao código tido como fonte e inspiração da Palavra de Deus, ou seja, a heresia ao código religioso e, não menos, a transgressão ao código civil*<sup>2533</sup> imposto. Assim sendo, na falta de uma língua-comum que pudesse contribuir para o imperativo religioso católico, ou melhor, *a imposição da Fé e do Império cristãos*, a metrópole portuguesa acaba por *estabelecer uma razão superior que marcaria sua superioridade através da prescrição da língua portuguesa como oficial do espaço “recém-descoberto”, uma vez que se os ditos “selvagens” entendessem o registro imperial tornariam-se, portanto, cristãos*<sup>2534</sup>. Através desse intento, percebo o desenho do rascunho colonial/imperial daquilo que, *a posteriori*, transfiguraria-se no ideário hegemônico de um universal abstrato.

Esse, pois, “provido” pelos centros objetivando ser interiorizado, assimilado, mimetizado e reproduzido pelas bordas enquanto ex-colônias dependentes. No âmbito do descortinado por Silviano, *aboliu-se a possibilidade de outros deuses existirem pari passu ao fim do bilinguismo entre os povos originários*<sup>2535</sup>, posto que a língua se transformou em instrumento de disseminação da Fé e do Império católicos. Na esteira de Mignolo<sup>2536</sup>, atravessado pelo paradigma *outro*, compreendo que as missões das ordens religiosas, em justaposição ao Estado moderno/colonial e o Banco Mundial no século XXI, “avançaram” suas fés, em um Deus universal ou nos

---

<sup>2532</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 278.

<sup>2533</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 273.

<sup>2534</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 267.

<sup>2535</sup> SANTIAGO. A palavra de Deus, p. 270.

<sup>2536</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 25.

mercados hipercapitalistas, *pari passu* à marginalização e ao desprezo, pelos restos exteriorizados dos povos, desprovidos de quaisquer preocupações com as vidas ou mesmo com os recursos naturais hoje pela tecnocratização globalizante – a exemplo do que discuti no capítulo I desta tese no bojo da colonialidade do meio ambiente.

No entanto, Mignolo<sup>2537</sup> explicita que, mesmo com as violências decorridas pelos processos colonizatórios e imperialistas do século XV para XVI, ali, em um tempo-espaço de extrema violência, gestou-se a possibilidade de emergência de um paradigma *outro*. Isso porque aqueles povos assujeitados, primeiro, às hegemonias da Fé e do Império, depois, às Ciências e seus Paradigmas e Conceitos, *não tinham mínimas remotas ideias de quem seriam Platão, Aristóteles ou qualquer outro homem culto das letras*, na semântica de Candido, *e nem fazia sentido que tivessem*<sup>2538</sup>, tendo em vista que suas cosmologias de mundo, saberes e sentires eram, em absoluto, diversais às dos homens brancos do “Velho Mundo”. Aflorando do século XV para o XVI, o paradigma *outro* contempla e inscreve os silêncios gritados por cada um dos exteriorizados assujeitados à conquista e à colonização do Brasil do pretérito imperfeito e a América<sup>2539</sup>. Silêncio que, por sua vez, não está posto nem no paradigma formação iluminista internalizado por Candido, nem por boa parte de crítica moderna brasileira, menos ainda nos *homens das letras cultos*<sup>2540</sup> e eurocêntricos como Kant, Hegel, Locke ou Marx, ao modo que nos recorda Mignolo.

Nesse preciso fim, atravessado pelo rascunho do que viria a ser o tracejo de um universal abstrato retroalimentado por paradigmas modernos/coloniais, *à terra “descoberta” e aos povos ali pré-existentes, códigos linguísticos e religiosos seriam*

---

<sup>2537</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 25.

<sup>2538</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 25.

<sup>2539</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 25.

<sup>2540</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

*um só aferindo aos assujeitados a perda quase absoluta de suas línguas e sistemas sagrados pela “moeda de troca” do substituto europeu*<sup>2541</sup>. Conforme Silviano expõe, pela diferença de Antonio Candido em seu ensejo de internalizar o Ocidente, evitando as especificidades pluriversais das línguas indígenas e dos preceitos religiosos apostos em cosmologias *outras*, desenha-se a “[...] álgebra dos brancos, do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só deus, um só rei, uma só língua [...]”<sup>2542</sup> e, ainda, “[...] o verdadeiro deus, o verdadeiro rei, a verdadeira língua.”<sup>2543</sup>.

Dessa feita, na contracorrente do que muito da crítica brasileira desejou nos fazer crer endossando teorias itinerantes hospedadas nos trópicos, Renascimentos e Iluminismos não foram outra coisa, neste Brasil do pretérito imperfeito, *senão expansões colonialistas enquanto produto de outras Renascenças e Iluminismos idealizados na Europa inscrevendo-se, pela conversão, no contexto do “Novo Mundo” ao lhe aferir estatuto familiar e social de primogênito*<sup>2544</sup>. Em outras palavras, tais períodos, da minha perspectiva teórica, não passaram da exportação de histórias locais europeias, engastadas nas suas próprias diversidades internas, exportadas e internalizadas através dos projetos globais pelas margens, fronteiras, bordas, isto é, “o resto” do mundo, concebido enquanto subdesenvolvido e, portanto, “necessitado” de processos civilizatórios. Quanto ao Renascimento colonialista problematizado por Silviano e às luzes do Iluminismo para Candido, no chancelar do paradigma atribuído à nossa *Formação*, reproduzo excertos de ambos os intelectuais:

[...] o renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura

<sup>2541</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

<sup>2542</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

<sup>2543</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

<sup>2544</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

do único caminho possível que poderia levar à descolonização. [...] no novo e infatigável movimento de oposição, de mancha racial, de sabotagem dos valores culturais e sociais impostos pelos conquistadores, uma transformação maior se opera na superfície, mas que afeta definitivamente a correção dos dois sistemas principais que contribuíram para a propagação da cultura ocidental entre nós: o código linguístico e o código religioso. *Esses códigos perdem o seu estatuto de pureza [...]*<sup>2545</sup>

A nossa Ilustração | *A situação de tais problemas é diferente em Portugal e no Brasil, comparado aos países modelos, França e Inglaterra. O nosso foi um Século das Luzes predominantemente beato, escolástico, inquisitorial; mas elas se manifestaram nas concepções e no esforço reformador de certos intelectuais e administradores [...]* Seja qual for o juízo sobre este, sua ação foi decisiva e benéfica para o Brasil, favorecendo atitudes mentais evoluídas, que incrementariam o desejo de saber, a adoção de novos pontos de vista na literatura e na ciência, certa reação contra a tirania intelectual do clero e, finalmente, o nativismo. [...] *capaz de difundir as luzes no Brasil inculto e integrá-lo no sistema das nações civilizadas.* [...] o Canto genético e a Ode a d. Maria I, de Alvarenga Peixoto; As artes, de Silva Alvarenga; As Aves, de Sousa Caldas, documentam uma atitude que, dentro das limitações apontadas, *constituem o eco brasileiro, ou luso-brasileiro, das ideias modernas.*<sup>2546</sup>

Na clave dos trechos citados, destaco seus campos semânticos diversos: de um lado, em Silviano, uma crítica ao renascimento de base colonialista atravessado pela ruptura do princípio da unidade na homogeneização social a partir da qual os códigos perdem suas ditas “purezas”. De outro, para Candido, a defensiva em prol de uma “nossa” Ilustração, ou “nosso” Século da Luzes, de insígnia beata, escolástica e inquisitorial aferindo a isso um juízo de valor benéfico para o Brasil no que diz respeito aos pontos de vistas da literatura e da ciência em contraponto ao “Brasil inculto” no ensejo de “integrá-lo às nações civilizadas” constituindo os ecos luso-brasileiros das “ideias modernas”. A propósito do viés justaposto entre ambas as visadas, não por mero acaso grifo entre aspas alguns dos termos utilizados por Candido, na medida que, pela insígnia de um paradigma *outro*, não poderia me situar mais à sua revelia, pois compreendo que sua razão moderna formativa se desatenta dos *pontos de articulação situados na lógica de um pensamento circunscrito pela e na*

<sup>2545</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 16-17, grifos meus.

<sup>2546</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 67-68, grifos meus.

*colonialidade*<sup>2547</sup> de tal forma como se essa fosse algo de diferente ou de exterior à modernidade.

Ao contrapor Iluminismo a imagens como “Brasil inculto”, “integração às nações civilizadas” e “ecos luso-brasileiros das ideias modernas”, desconsiderando a importação pujante de um Iluminismo alheio, estrangeiro, estranho e exterior às nossas histórias locais de país pretérito e imperfeito, Candido, quer queira quer não, endossa um outro paradigma aportado no interior dos limites perpetuados pelo si-mesmo moderno, ou seja, trocas epistêmicas dentro de um mesmo sistema de poder hegemônico. Não há o desenho de um paradigma *outro* emergido à luz do século XVI com base no grito abafado das exterioridades, mas, sim, arremedos de uma mesma lógica *ancorada em Aristóteles, Platão, Adão e Eva, Cristianismo, Dante, Hegel ou Marx pelo gestar da modernidade e, por consequência, da colonialidade através da crença de que a Europa estava incumbida de, um ponto de vista (auto)proclamado universal, contar a história do mundo, da humanidade*<sup>2548</sup> e, claro, deste Brasil pretérito e imperfeito, bem como de sua formação literário-cultural, acometido pelos grilhões civilizatórios e imperiais do eurocentrismo e sua abstração falaciosa. De algum modo, em Candido, *não há o abandono gradativo do conceito de literatura no sentido de belles lettres*<sup>2549</sup>, e, sim, sua retroalimentação compulsória.

Face a tal intento, julgo necessário frisar que minha *fisiologia da des-formação* não pleiteia, em nenhuma medida, ser um outro conceito de formação, aos moldes da já muito bem estabelecida de Antonio Candido e revisitada de modo contumaz pelos estudiosos de literatura e cultura brasileiras. Meu objetivo é, entendendo esta tese

---

<sup>2547</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 28.

<sup>2548</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 28.

<sup>2549</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

crítica biográfica fronteira enquanto uma *ruptura epistêmica*<sup>2550</sup> emergida *a partir das* minhas corpo e geo-políticas de pesquisador dissidente, tecer uma perspectiva *outra*, de matiz problematizador ao assegurar meu traço de originalidade, em torno daquilo que foi tratado de modo secundário ou mesmo desconsiderado pelo nosso mestre no que compete aos nossos processos literário-culturais formativos. Contudo, com meus interesses epistêmicos estando situados no descompromisso latente com inquirições estéticas, civilizatórias ou mesmo entrecortadas pelo internalizar do Ocidente nestes trópicos, angario não apenas cotejar contradições por contradições pluriversais a Candido ou mesmo a Silvano, quando o mineiro, ainda que cultural aberto ao pós-colonial, não se desprende dos universais.

Mas, sim, descortinar possibilidades para que possamos pensar em *des-ler para re-lermos*<sup>2551</sup>, pela égide de uma perspectiva descolonial, nossa formação literário-cultural desprovidos do pseudo-compromisso de referendarmos o *superparadigma da modernidade*<sup>2552</sup>. Ainda que eu possua a consciência descolonial de que Silvano nem sempre esteja alinhado às reflexões da minha crítica biográfica fronteira ressoada destas bordas sul-mato-grossenses, sua presença se faz pujante quando percebo em seu pensamento um avanço pós-colonial em detrimento ao de Candido, mesmo que não dando conta por completo das questões que aquilatam minhas inquietações respaldadas em um paradigma *outro*. Ao fazê-lo, vejo-me, também, frente aos meus próprios eus, nas circunstâncias de, *a priori*, aluno e, depois, professor, ao adentrar as veredas literário-culturais do Brasil através dos paradigmas modernos/coloniais aprendidos e reproduzidos na esfera dos *estritos conceitos das belles lettres, do desejo de legitimação cultural e da periodização das escolas*

---

<sup>2550</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2551</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2552</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

*literárias*<sup>2553</sup>, posto que, *à la* ao modernismo debatido no capítulo II, esses elementos foram latentes em minha formação<sup>2554</sup> escolar e universitária no curso de Letras.

Com o transcorrer do tempo e, sobremaneira, pelo atravessamento do NECC *pari passu* à entrada de Silviano em minha vida acadêmica, vislumbrei um horizonte *outro* que não aquele outrora brindado pelos espaços de formação escolástica em suas importações latentes já naturalizadas enquanto o “curso natural do saber”. Aprendi, pouco a pouco, a conhecer e, assim, escolher me distanciar dos postulados estritamente conclusos em si mesmos no bojo dos fundamentalismos estéticos em literatura para me apregoar a um outro campo crítico que fosse arregimentado nas pluriversalidades de mundos e gentes possíveis. Em termos mais específicos, direcionei-me *à busca de conhecimentos de outra e anterior formação, digo, a dos discursos identitários neste Brasil do pretérito imperfeito em que as belles lettres, objetos pujantes de desejo do nosso mestre Antonio Candido, fossem apenas partes, ainda que sublimes e nobres, de um todo*<sup>2555</sup> amplo e composto por especificidades diversais, essas, por sua vez, mais próximas às fronteiras geoistóricas e epistêmicas que permeiam cotidianamente o viver do meu lócus enunciativo sul-mato-grossense à margem dos centros nacionais.

Em algum momento da minha jornada intelectual matizada pela revolta descolonial, entendi que nós, *outros brasileiros, não seríamos jamais o mesmo europeu*<sup>2556</sup>, talvez extensões periféricas, exteriorizadas, marginais ou mesmo “restos” do que sobrou ou foi desprezado pela metrópole eurocentrada. Posicionando-me ao

---

<sup>2553</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2554</sup> Face à ideia implicada em “minha formação”, julgo pertinente pontuar minha ciência a respeito da obra *Minha formação* (1900) de Joaquim Nabuco. O referido texto será abordado no último subtítulo deste capítulo (3.4) com base nas problematizações descortinadas por Silviano Santiago em seus ensaios.

<sup>2555</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2556</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

lado de Silviano em suas pretensões pós-coloniais<sup>2557</sup> interceptando o centramento ocidental pelos efeitos da colonização, avistei, a princípio, a alternativa de desconstruir o esteticismo disciplinar provido pela *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido ao mesmo tempo em que punha em suspensão o sabido por aqui em torno dos conceitos identitários, pelo viés da diferença de Jacques Derrida, no que diz respeito às nossas “origens” e “começos”. No entanto, conforme fui me lançando aos horizontes pluriversais respaldados pelo paradigma *outro*, entendi que desconstruir não bastava, visto que apenas alteraria os termos dentro de uma mesma lógica hegemônica, pois o mesmo europeu “[...] conformava, modelava e instruía o outro brasileiro [...] de maneira cruel e sanguinária, como atestavam os bons estudos sobre aculturação.”<sup>2558</sup>.

Nesse ínterim, se *existia História*, com inicial maiúscula simbolizando sua (auto)proclamada hegemonia pretendida universal, *haveria de inscrevê-la a contrapelo da Fé do Império*<sup>2559</sup>, ou melhor, da perspectiva *outra* emergida a partir dos considerados “vencidos” pelos grilhões imperiais eurocêntricos, pretendidos “civilizatórios” e “salvíficos”, da modernidade/colonialidade. Com tal vertente em mente, adentrei, portanto, o entre-lugar de Silviano Santiago aposto não na *integração no sistema das nações civilizadas*, nos termos de Candido<sup>2560</sup>, por analogia ou tentativa de assemelhar-se, mas, sim, pela inscrição pujante da originalidade alcunhada, como princípio basilar, pela diferença. À vista das reflexões coadunadas pelo mineiro, compreendo, por artífice da colonização do século XVI, que a América e, claro, o Brasil foram transfigurados em cópia e simulacro da Europa pretendidos

---

<sup>2557</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2558</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2559</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 39.

<sup>2560</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 67.

enquanto os mais semelhantes possíveis aos modelos originais<sup>2561</sup> – lógica alimentada até hoje por muitas das nossas universidades embebidas do anseio *parasitário no que circunscreve a busca incessante pelo campo magnético estabelecido pela dita estrela originária*<sup>2562</sup>, estando, Candido, na minha leitura *outra*, inserido também nessa plêiade dos importadores acerca do itinerante.

No entanto, Silviano<sup>2563</sup> é salutar para o meu paradigma *outro* quando assegura que a originalidade destes trópicos não estaria jamais na cópia do que foi muito bem produzido nos *loci* eurocentrados a partir da diversidade de suas próprias histórias locais. Pelo contrário, nosso traço seminal de originalidade se resguardaria, portanto, em nossa própria “origem” exterminada, quase que em sua totalidade, pelos conquistadores perpetuadores de uma lógica de esquecimento ao passo que delineariam o fenômeno da duplicidade, da colônia para com a metrópole, como o único critério possível de “civilização”. Frente a isso, faz-se impossível desconsiderar os apontamentos do autor de *Formação da literatura brasileira*<sup>2564</sup> quando defende a premissa de que há literaturas que os homens cultos não precisam ir além para “receber cultura” e “enriquecer as sensibilidades”, enquanto outras só poderiam adentrar suas vidas parcialmente, uma vez que, do contrário, poderiam lhes restringir os horizontes.

A exemplo, menciona<sup>2565</sup>, no campo de uma “literatura civilizada”, os franceses, italianos, ingleses, alemães, russos e espanhóis, passíveis de encontrarem em suas próprias literaturas “[...] o suficiente para elaborar a visão das coisas experimentando

---

<sup>2561</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

<sup>2562</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

<sup>2563</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.

<sup>2564</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

<sup>2565</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

as mais altas emoções literárias.”<sup>2566</sup>. No extremo oposto, afere<sup>2567</sup> que se o dito seria impensável no âmbito de um português, no do brasileiro, mostrava-se impossível. Isso devido ao fato de que os ditos “momentos decisivos” eleitos por Candido são, como premissa *sine qua non*, enviesados pelo ideário moderno/colonial de *endosso parasitário ao brilho magnético da estrela*<sup>2568</sup> centralizada no sentido de aferir que a *nossa literatura é um galho secundário da portuguesa e arbusto de segunda ordem no jardins das musas; aqueles nutridos por ela seriam reconhecidos de antemão, mesmo que eruditos e inteligentes, por seus gostos provincianos e escassez de senso das proporções*<sup>2569</sup>. Segundo ele, carregamos o fardo de sempre dependermos de outras letras, podendo levar ao desinteresse e ao desprezo pelas nossas próprias, ainda que enxergue nossa literatura brasileira com, nas suas palavras, “espírito crítico, cheio de carinho e de apreço”<sup>2570</sup> no intento de penetrar nas obras, vertidas pelo seu sistema, no que compete à formação de nossas sensibilidades e visões de mundo.

À baila de tais elocubrações, o pretendido “espírito crítico” de Candido, da minha perspectiva *outra*, é tão somente o espírito crítico do si-mesmo mascarado de princípios formativos de nossa literatura e cultura brasileiras. O referido intelectual parece não padecer das violências e das dores exercidas pelas diferenças coloniais tampouco se predispuser a pensar à luz de paradigmas, conceitos ou mesmo teorizações *outras* emergidas *a partir das diferenças coloniais, dos gritos dos sujeitos, dos deserdados da modernidade os quais tiveram suas experiências e memórias*<sup>2571</sup> exterminadas, *à la* Silviano atestando no entre-lugar. Sem querer radicalizar meu

---

<sup>2566</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

<sup>2567</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 11.

<sup>2568</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

<sup>2569</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 32.

<sup>2570</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 32.

<sup>2571</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

discurso, contudo, não me afastando da revolta fronteiriça<sup>2572</sup> que permeia meu ser enquanto pesquisador, leitor e cidadão brasileiro, parece-me que Candido traçou um corte na formação cultural deste país pretérito e imperfeito não só no que compete à insígnia de “manifestações” apregoadas à literatura barroca, mas, sobremaneira, às identidades pluriversais deserddadas pelo projeto colonial. Onde estão os povos originários e a inscrição de suas tradições ancestrais, espirituais, orais, seus grafismos, imagens, monumentos, vestígios arqueológicos, seus rituais, danças<sup>2573</sup> e cosmologias *outras* de adentramento no mundo? Nada *disso tudo* prescreveu, influenciou ou mesmo tensionou nenhum “momento decisivo” para a formação literário-cultural deste país de origem ameríndia?

Parece-me, então, que do alto *das necessidades dos leitores cultos internalizando o espírito do Ocidente*<sup>2574</sup>, não haveria espaço para quaisquer inscrições, mesmo que mínimas, daqueles que aqui sempre estiveram e que foram dizimados, simbólico e fisicamente, pelas artimanhas imperiais da conquista colonizatória. De algum modo, Candido, calcado no paradigma ocidental do si-mesmo moderno, acaba por deserddar mais uma vez os já deserddados deste Brasil do pretérito imperfeito quase que nos dizendo que não existia qualquer traço seminal relevante dos povos indígenas, dos afro-brasileiros, das mulheres etc. para os ditos “momentos decisivos” da *Formação da literatura brasileira*. Havia lugar tão somente para os grandes homens de letras, enquanto leitores cultos, providos pelo que fosse possível importar da metrópole *pari passu* ao engaste latente de, novamente, apagamento das pluriversalidades gritantes dos arrabaldes de um lócus com dimensões geostóricas continentais. Diante disso, Silviano<sup>2575</sup>, embebido de sua vertente pós-colonial, dá um

---

<sup>2572</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>2573</sup> MACUXI *apud* TETTAMANZY. *Falas à espera da escuta*, p. 20.

<sup>2574</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2575</sup> CANDIDO. *O entre-lugar do discurso latino-americano*, p. 17.

salto em detrimento a Candido quando afiança que a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental não seria sua reprodução viciante, insistente e (auto)mutiladora.

Mas, sim, a destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza – providos, sobretudo, pelos exercícios catequizantes dos jesuítas em prol da já debatida correlação entre códigos linguísticos e religiosos em favor da *práxis* de disseminar a Fé do Império Católico às “tábulas rasas”. Enquanto brasileiros, ou mesmo latino-americanos, *falar e escrever significariam: falar contra, escrever contra*<sup>2576</sup> elidindo uma ruptura quase que absoluta com a *Formação* disciplinar de Candido a partir da qual produzir literatura seria, em eminência, falar e escrever em favor de internalizar o Ocidente e seus princípios de civilização, endossando, portanto, paradigmas semelhantes aos que vêm nos vilipendiando desde o século XVI. Nossa instituição no mapa da pretendida “civilização ocidental” se perfilaria não mais pela cópia ao modelo e à repetição incessante, mas na égide dos *movimentos transgressores de desvios das normas, ativos e destruidores, transfigurando os elementos que os europeus “exportaram” para este “Novo Mundo”*<sup>2577</sup>. Ao modo que discuti no capítulo II desta tese no chancelar de uma fagocitose cultural, faz-se impossível, nos âmbitos latinos e brasileiros, ignorar a presença dos elementos estrangeiros euro-estadunidenses como se fôssemos o *paraíso, o isolamento ou a inocência*<sup>2578</sup>, tais princípios não nos competem mais há séculos, posto que essa possibilidade nos foi roubada.

---

<sup>2576</sup> CANDIDO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.

<sup>2577</sup> CANDIDO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17.

<sup>2578</sup> CANDIDO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17.

Calcado em tal entendimento, Silviano<sup>2579</sup> desenha o corolário de uma geografia de assimilação e agressividade, de aprendizagem e reação, de falsa obediência, respaldada pelo extremo oposto à passividade, pois, do contrário, caso endossássemos a defensiva perseguidora do Ocidente ao molde de Candido, desapareceríamos por analogia. Isso porque é sabido que, devido aos artifícios de controle dos centros em suas *práxis* imperiais, acabamos por ocupar lugares econômicos desfavorecidos em detrimento àqueles construídos pelos projetos globais com base na violência, assassinato, invasão, roubo e no sangue dos deserdados nas exterioridades dos centros. É latente, no que tensiona a lógica suscitada, *que assinalemos nossa diferença, marquemos nossas presenças erigindo nossa originalidade* não pelo que nos assemelha, e, sim, pelo que nos distancia, *posto que o silêncio seria a resposta mais favorecida ao imperialismo cultural ou ainda um eco sonoro passível de estreitar ainda mais os laços do poder conquistador*<sup>2580</sup>.

No meio disso tudo, Silviano, em seu entre-lugar, interroga qual seria o papel do intelectual hoje no que tange às relações entre *loci* que compartilham a cultura ocidental, como Brasil e Europa na esfera deste capítulo, mas a partir do entendimento de que um detém poder econômico sobre outro e, claro, em tal contexto, as obras e os encadeamentos que dele emergem. Ao mineiro, ofereço uma vertente responsiva que não poderia ser outra, no transcorrer da minha crítica biográfica fronteiriça, senão *a de uma mirada oposta à perspectiva da modernidade/colonialidade nas filigranas de um pensamento outro, uma língua outra e uma lógica outra apregoando a descontinuidade da história contada pela óptica única, abstrata e pretendida universal dos “vencedores”*<sup>2581</sup>. Em outras palavras, aproximo-me de Mignolo<sup>2582</sup>, no ricochete

---

<sup>2579</sup> CANDIDO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17.

<sup>2580</sup> CANDIDO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.

<sup>2581</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2582</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

ao questionamento do mineiro, a fim de assegurar que a minha mirada não é aquela pareada a de Colombo e a de Pedro Álvares Cabral (ou mesmo a de Candido) observando os “índios” quando se achegaram à costa “desconhecida”.

Pela contracorrente, minha perspectiva fronteiriça se dá, de maneira jamais predisposta a barganhas imperiais, *àquela dos “índios” olhando, ao mesmo tempo, os objetos estranhos*<sup>2583</sup> que primeiro se aproximaram para, então, dizimar seus corpos, mentes, cosmologias, simbolismos, crenças, ancestralidades, tradições e tudo mais que fosse empecilho para a imposição da Fé do Império colonial. Minha teorização se engasta e se irmana com os deserdados ancestrais destes trópicos pretéritos imperfeitos do século XVI ao mesmo tempo que se revolta com o genocídio renitente do século XXI, por exemplo, aos povos originários que re-existem neste estado sul-mato-grossense dominado pelas artimanhas hipercapitalistas do agronegócio. À diferença de Candido, *as belles lettres* despovoaram meu imaginário e, por extensão, meus escritos há muito quando entrevi que os paradigmas e os exercícios da conquista foram transmutados, mas seu cerne se manteve o mesmo no intento homogêneo, hegemônico e abstrato de se universalizar apagando as exterioridades sobreviventes. Contraponho-me à *Formação* de Candido, a partir do momento que concebo as *miradas coloniais e modernas como um entrelaçamento único de relações de poder e, com isso, a instauração dos paradigmas de silêncio replicados por quem só sabe conceber o mundo com base na mirada dos brancos que aqui chegaram*<sup>2584</sup> para deserdar e exterminar os povos originários.

Em mim, a colonialidade, e sua exaustiva retroalimentação por professores universitários, estudos e grupos de pesquisas, a exemplo do nosso mestre maior,

---

<sup>2583</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2584</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

impregnou *olhares de raiva, necessidades de libertação e de reatividade diante da arrogância e da cegueira tanto da pseudo-bondade de alguns quanto da crueldade de muitos outros*<sup>2585</sup>. Por óbvio, não situo Candido no espectro da crueldade, uma vez que sua obra geral tem sido salutar para recortes históricos, sociais e literários do nosso país, todavia, ao mesmo tempo, é preciso de uma vez por todas assegurarmos nossa liberdade crítica de podermos *des-lê-lo para nos re-aprender*<sup>2586</sup> com base em uma mirada *outra*<sup>2587</sup>, descompromissada com o *superparadigma*<sup>2588</sup> eurocêntrico. Escre(vi)ver, portanto de fora, da margem, reduplica meu cuidado teórico afim ao meu compromisso ético de pesquisador fronteiro acentuando, por consequência, a urgência de problematizarmos nossos princípios formativos e os porquês de terem sido concebidos enquanto tais quando, em especial, vêm sendo reproduzidos à exaustão com base nos mesmos critérios e paradigmas modernos/coloniais, transmutados em terminologias diferentes de semelhante base racionalista. Asseguro meu cuidado pujante em não endossar projetos globais respaldados em princípios de unidade/pureza em nenhuma medida quanto for possível, buscando desobedecer e me desprender, ao mesmo tempo, da minha própria formação individual escolástica.

Nesse sentido em específico, retomo o entre-lugar quando Silviano aponta, de uma vez por todas, a necessidade de decretar o fim da visada genealógica das fontes e das influências nos estudos em literatura, sobretudo, de vertente comparatista<sup>2589</sup>.

---

<sup>2585</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2586</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2587</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2588</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2589</sup> A propósito dessa menção, percebo que, de algum modo, este capítulo acaba por se respaldar em uma perspectiva de base comparatista, em destaque, no que concerne às interrelações estabelecidas por mim entre os postulados teóricos de Silviano Santiago e Antonio Candido. No entanto, minha teorização, de base eminentemente crítica biográfica fronteira, ainda que matizada pela prática do comparativismo, não é aquela assentada em uma “literatura comparada” de insígnia pós-colonial, tal qual a empreendida pelo mineiro, menos ainda a de base tradicionalista moderna/colonial. Se há uma vertente comparatista em meu discurso, é aquela forjada nas filigranas do que o intelectual sul-matogrossense Edgar César Nolasco vem conclamando enquanto uma “literatura comparada descolonial”.

Conforme atesta nas circunstâncias dos complexos sistemas de obras explicados estaria prefigurado “[...] um método tradicional e reacionário cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências? Qual seria a atitude do artista de um país em evidente inferioridade econômica [...]”<sup>2590</sup> com “[...] relação à cultura ocidental, à cultura da metrópole, e finalmente à cultura do seu próprio país?”<sup>2591</sup>. O exposto por Silviano é ainda mais gritante quando recuperamos nossos princípios “originários” aportados nas culturas dos povos indígenas que, desde o século XVI, *vêm sendo tratadas com desdém cortadas por um hiato de esquecimento abissal*<sup>2592</sup>, esse, *por sua vez, enquanto esquecimento sobre o que é o Brasil profundo*<sup>2593</sup>.

Conceber, portanto, a importação de tendências universalistas internalizadas e replicadas pelas particularistas, termos evocados por Candido em sua *Formação*<sup>2594</sup>, atesta o fato de que o Brasil vem sendo pensado e teorizado, por muitos, à luz da quase completa ignorância em detrimento aos povos indígenas pré-existentes<sup>2595</sup> neste lócus como se suas cosmologias, oralidades, escritas, simbolismos, ancestralidades e formas de arte estivessem exteriores ou mesmo fossem diferentes do que se concebeu, através de um paradigma moderno/colonial de base germânica (*bildung*), enquanto “literatura brasileira” e seus “momentos decisivos”. É escusado ressaltar que o *modus operandi* tecido pelo mestre se dá à revelia do empreendido por Silviano, uma vez que, àquele, nossos processos formativos se aquilatam com base no falar e escrever a favor do espírito do Ocidente e no quanto dele poderia ser assimilado, ao passo que o mineiro desvela a agressividade enquanto ideário original

---

<sup>2590</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.

<sup>2591</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.

<sup>2592</sup> HAKYI *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 18.

<sup>2593</sup> TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 18.

<sup>2594</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

<sup>2595</sup> HAKYI *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 18.

de erigir uma disrupção com o corolário da dependência literário-cultural. Diante do contexto em debate, cito:

[...] é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais ilustrados, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura brasileira. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, *estabelecendo-se deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações*. Já que é preciso um começo, tomei como ponto de partida as Academias dos Seletos e dos Renascidos e os primeiros trabalhos de Cláudio Manuel da Costa, arredondando, para facilitar, a data de 1705, na verdade puramente convencional.<sup>2596</sup>

Face ao fragmento de *Formação da literatura brasileira*, não por coincidência destaco o trecho onde se assegura *o estabelecimento de uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações* e, ainda, *com os árcades mineiros*<sup>2597</sup> *que surgem os homens de letras manifestando vontade de fazer literatura brasileira*. Curioso é, na esteira das palavras de Candido, que as menções às possibilidades de aferir “tradições”, no que concerne àquele período, em momento algum coteja, mesmo que minimamente, as existências dos povos originários. Teoriza-se de modo quase como se Pedro Álvares Cabral estivesse aportado neste espaço e não tivesse se deparado com nenhuma pessoa sequer, com nenhuma cosmologia *outra* ou nenhuma forma *outra* de escre(vi)ver as realidades que atravessavam tais sujeitos, seja pela oralidade ou pela escrita alfabetizada. Calcado nesse entendimento em diálogo com a falência dos métodos de fontes e influências, embebidos da unidade e da pureza, vejo que os *assédios sobre os povos indígenas não se deram apenas pelas suas terras, campos, rios, florestas e conhecimentos tradicionais*<sup>2598</sup> – a exemplo do problematizado no capítulo I desta tese a partir das políticas bolsonaristas.

<sup>2596</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 26-27, grifos meus.

<sup>2597</sup> Não estou desconsiderando o fato de que alguns escritores da época, como por exemplo Santa Rita Durão em *Caramuru* (1781), de alguma maneira, debruçaram-se sobre a temática indígena ao seu modo. No entanto, fizeram-no crivados pela exotização absoluta dos povos indígenas, sobremaneira, no que concerne à “tentativa” de narrá-los através da “estereotipação europeizante”, isto é, como se fossem estivessem desenhados à semelhança “dos heróis europeus”.

<sup>2598</sup> MACUXI *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 24.

Pelo contrário, estendeu-se *aos imaginários, aos conhecimentos ancestrais, aos tempos imemoriais, aos símbolos, mitos, línguas, filosofias e ciências, histórias, enredos, rituais, ritmos, cantos e poesias elaborados há milhares de anos em suas sociabilidades e nos rituais de celebração da vida*<sup>2599</sup>. Ou seja, todas as idiossincrasias culturais, artísticas e epistemológicas *outras* oriundas desses deserdados foram simplesmente ignoradas por Antonio Candido ao fundamentar o início das produções deste lócus do pretérito imperfeito justamente no ponto que Silviano viria a criticar radicalmente: a perseguição à genealogia das fontes e das influências como método de estudos em literatura. É salutar, ainda, quando a *Formação* descortina: “A literatura do Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto [...]”<sup>2600</sup>, ademais, “[...] circunstância que inexistente nas literaturas dos países da velha cultura. Nelas, os vínculos neste sentido são os que prendem necessariamente as produções do espírito [...]”<sup>2601</sup>.

Por intermédio dos excertos, prefigura-se que o “Velho Mundo” não se preocupava *com a consciência ou intenção de estar fazendo um pouco da nação ao escrever literatura*<sup>2602</sup>. Logo, questiono: por que será que é ausente no imaginário ocidental da interioridade se inquietar com elementos concernentes às diferenças coloniais empregadas àqueles que, pelos seus critérios hegemônicos, deserdaram, surrupiam, assassinaram e expurgaram do horizonte de realidade possível ou mesmo legítima? Incomoda-me, frente a isso, que Candido, em momentos como no aferido acima, tensiona aberturas para delinear uma crítica de perspectiva descolonizada em torno dos processos que aquilataram nossos ideários formativos

---

<sup>2599</sup> MACUXI *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 24.

<sup>2600</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2601</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2602</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

de “origem” e “começo”, sobremaneira pelo crivo comparatista; no entanto, não o faz. Na chancela de Silviano<sup>2603</sup>, vejo que o mestre opta por reverberar a lógica do si-mesmo falando em nome da suposta objetividade do conhecimento enciclopédico, escolástico e da verdade científica assinalando a indigência de nossa arte, pobre em condições econômicas, e sublinhando a “falta de imaginação dos artistas” das margens que se viam “obrigados”, por escassez de uma tradição autóctone deserddada pela metrópole, a se apropriarem dos restos providos pela Europa.

Então, na guisa dessas reflexões e respaldado pelo meu paradigma *outro*, Candido, conscientemente ou não, acaba por *acentuar por ricochete a beleza e glória das obras criadas no lócus colonialista reduzindo a criação dos nossos artistas ao estrito limite de estarem sempre condicionados à insígnia de parasitas*<sup>2604</sup>. Ou melhor, tal qual afere Silviano<sup>2605</sup>, obras que se nutrem de outras sem jamais aferir quaisquer contribuições às parasitadas; a *Formação* disciplinar, escolástica e embebida de ocidentalismos modernos/coloniais, *limita-nos e nos precariza ao nos aprisionar pelo brilho e prestígio da fonte, da estrela inatingível, pretendida pura sem se deixar contaminar*<sup>2606</sup> pela “opacidade” projetada pelos trópicos. Provido pelas “luzes do Iluminismo”<sup>2607</sup>, outrora citado neste subtítulo, Candido estabelece o *valor da estrela do Ocidente como o único que conta ao contrairmos a dívida que poderia minimizar nossas distâncias insuportáveis de insígnia colonial*<sup>2608</sup>. Seríamos, nessa lógica, os *mortais em busca da imortalidade da estrela, endividados pela imitação através da pregação do amor à genealogia*<sup>2609</sup>. A saída para a desenhada relação de

---

<sup>2603</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.

<sup>2604</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.

<sup>2605</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.

<sup>2606</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

<sup>2607</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 67.

<sup>2608</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

<sup>2609</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

dependência, reproduzida de algum modo por Candido, estaria no que Silviano decreta como falência do método em questão.

A fim de substituí-lo por outro, o mineiro<sup>2610</sup> propõe que o único valor crítico haveria de ser a diferença enquanto o cerne epistêmico de seu entre-lugar. Essa, por sua vez, descortinando elementos esquecidos, negligenciados e abandonados pelo pensamento brasileiro, estando, não obstante, Candido incluso na plêiade de intelectuais que optaram por ignorar ou relegar a segundo plano as pluriversalidades *outras* existentes, e pré-existentes, neste Brasil pretérito e imperfeito. De acordo com o indígena brasileiro Ailton Krenak, a história de resistência dos povos indígenas deste país é marcada por lutas, mas, principalmente, pela sua submissão e submetimento à marca, moderna/colonial/ocidentalizante, do pensamento brasileiro sobre como vem tratando as sociedades originárias. E, mais, pela completa ignorância ao fato de que esses povos são os “donos originários deste território”, não como alguém que pode se tornar proprietário de um carro, de uma casa ou de um eletrodoméstico em uma visada hipercapitalista, e, sim, *enquanto herança cultural e material, de guardadores do território e das florestas, não para que alguém viesse tomar posse depois*<sup>2611</sup>.

São, portanto, experivivências, re-existências, cosmologias, saberes, poéticas, artes, ancestralidades, simbolismos, enfim, *falares à espera da escuta*, deserdados, inclusive, pelo próprio mestre Candido em sua *Formação* a partir de “momentos decisivos” interceptados pelo engaste reprodutor das tradições ocidentais, desprezando a riqueza cultural dos povos indígenas pelo fato de que “[...] as escritas não alfabéticas [originárias] como antecedentes da letra ocidental, e mesmo coexistentes a ela.”<sup>2612</sup>. Respaldao nessas problematizações, apregoo minha

---

<sup>2610</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.

<sup>2611</sup> KRENAK. Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta, p. 32.

<sup>2612</sup> TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 20.

*fisiologia da des-formação* não em um novo e outro paradigma mestre moderno/colonial alheio ao de Candido, pelo contrário, penso *a modernidade não mais refletida em si mesma no espelho, mas enquanto o reflexo do seu outro lado que é a colonialidade questionando, por consequência, as lógicas que subsidiaram suas reproduções*<sup>2613</sup> neste lócus fronteiro.

À revelia de Candido e, em menor grau, de Silviano, irmanando-me de Mignolo<sup>2614</sup> e dos gritos abafados dos deserdados, meu paradigma *outro* não é, e não pode ser, pensado e reproduzido dentro dos limites internos da modernidade menos ainda da pós-modernidade. Caso o fizesse, permaneceria no mesmo paradigma ocidental passível de ser reduzido ao silêncio<sup>2615</sup> como as formas *outras* de pensamento, a exemplo dos indígenas e afro-brasileiros, sendo vilipendiados e deserdados há quinhentos anos. Da minha perspectiva, faz-se posto que nosso mestre, apesar de ora ou outra delinear horizontes de abertura a uma crítica aos processos colonizatórios, barganha com a modernidade e seus pós ao cortar nossa *Formação* e seus “momentos decisivos” ao meio através da importação de um paradigma tão alheio e estrangeiro às nossas idiossincrasias identitárias originárias. Face a isso, o discurso desvelado por Candido acaba por se inserir na lógica de *integração de povos distintos nas ideologias da modernidade europeia, povos cujos modos de vida eram absolutamente distintos das metrópoles* em seus mecanismos de conquista mascarados de *integração à civilização*<sup>2616</sup>. Nas filigranas de tal cenário abissal, evoco reflexões *outras* e salutares de escritores indígenas:

Esses povos traziam consigo a Memória Ancestral. Entretanto, essa harmônica tranquilidade foi alcançada pelo braço forte dos invasores: caçadores de riquezas e de almas. *Passaram por cima da memória e escreveram no corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento*. Muitos dos atingidos pela gana destruidora tiveram que ocultar-se sob outras

<sup>2613</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2614</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2615</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 27.

<sup>2616</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

identidades para serem confundidos com os desvalidos da sorte e assim sobreviver. Esses se tornaram sem-terras, sem-teto, sem-história, sem-humanidade.<sup>2617</sup>

Na literatura indígena, a escrita, assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento. *À noite o indígena sonha com o que vai ser escrito ou com a música a ser cantada com os guerreiros da aldeia. Acredita-se que quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais, dos encantados, por isso a literatura dos povos da floresta é percebida com um valor material e imaterial.*<sup>2618</sup>

*Pelo braço forte dos invasores, passaram por cima da memória e escreveram nos corpos dos vencidos uma história de dor e sofrimento; diante de tais memórias deserddadas, acredita-se que quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais, dos encantados, com seus valores materiais e imateriais. É, primordialmente, a partir de tais lógicas descolonizadas que meu paradigma *outro* se interpõe e rasga ao meio as filigranas modernas/coloniais do paradigma iluminista germânico *bildung* importado por Antonio Candido e, em alguma medida, criticado por Silviano de uma vertente pós-colonial. Em outras palavras, entrevejo que existem contraposições latentes entre ambos os paradigmas, uma vez que a formação empreendida pelos preceitos modernos se resguarda no mais alto escalão das, já discutidas nesta tese, artimanhas teo e, sobremaneira, egopolíticas do Ocidente. Por outro lado, o paradigma *outro* emerge, enquanto condição *sine qua non*, das geo e corpo-políticas vencidas conjecturadas pelas histórias de dores e sofrimentos dos seus/nossos deserddados do projeto da modernidade/colonialidade. Se, de uma esfera, o suposto “início” da literatura brasileira se dá pelo quanto foi possível apropriar dos europeus em suas teo*

<sup>2617</sup> MUNDURUKU *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 18, grifos meus.

<sup>2618</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 40.

e egopolíticas sobressalentes, na contracorrente, o paradigma *outro* só se constrói em condição fronteiriça de exterioridade.

*A literatura que nos exprime*<sup>2619</sup> se forja, portanto, pelo intermédio dos *braços brancos e fortes dos invasores*<sup>2620</sup> fortificados, mais ainda, por grandiosas parcelas de estudiosos brasileiros ignorantes em detrimento às especificidades identitárias originárias que, sim, poderiam nos exprimir de fato – ao modo que explicitarei com base em Aílton Krenak no entorno do pensamento brasileiro e seu assujeitamento aos indígenas. Em outras linhas, a formação que acaba por nos exprimir é aquela de matizada pelo falocentrismo, pela racialização, pelo proselitismo cultural, pelo ideário civilizatório empenhada por um “sistema” matizado no seio da modernidade imperial. Com tal ponto em destaque, Silviano<sup>2621</sup> aponta que, no decorrer das décadas, formação, pelo aporte germânico *bildung*, ganha valor de paradigma através do sentido emprestado do filósofo Thomas Kuhn e compreendido pelas transições epistemológicas no bojo de Michel Foucault. *Bildung*, segundo atesta o mineiro, cunha-se na Europa por intermédio do idealismo alemão se tornando peça-chave do surgimento das ideias ilustradas, isto é, do Iluminismo, também cotejado por Candido enquanto “nosso” em prol do viés “civilizatório”.

Silviano<sup>2622</sup> explicita ainda que seu conceito se confunde com aquilo que os gregos conclamavam enquanto *Paidéia* e os latinos de *Humanitas* no entorno não apenas de uma formação no plano comunitário e coletivo, mas, também, do indivíduo em seu estrado de crescimento à maturidade que diz respeito à excelência humana. Permeado pela visada diacrônica e escolástica da historiografia literária, em Candido,

---

<sup>2619</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31.

<sup>2620</sup> MUNDURUKU *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 18, grifos meus.

<sup>2621</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

<sup>2622</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 28.

cerca-se das categorias de estilo de época sendo transposto ao “sistema” de produção literária<sup>2623</sup>. Sendo assim, o conceito iluminista passa “[...] a qualificar nosso desejo especificamente literário de independência e de liberdade sob o jugo do poder colonial da cultura portuguesa, nosso desejo de autonomia política e literária.”<sup>2624</sup>. Pelo presentificar latente de tal aspiração desejante, interpolam-se *cidadãos privilegiados das letras forjando o adjetivo nacional apregoado à literatura, à nação, sua história e economia tentando se afirmar como autêntico e original na manutenção estável e rentável das “nações modernas do Ocidente”*<sup>2625</sup>. Ou seja, é visível, da minha perspectiva respaldada pelo paradigma *outro*, os porquês de Candido ignorar as tradições milenares originárias em sua ideia de *Formação*.

Seus interesses estavam ancorados, através dos árcades e românticos, nos homens das letras, civilizados, cultos e leitores das “grandes literaturas universais do Velho Mundo” preocupados em moldar uma premissa crítica que pudesse, do seu ponto de vista, aproximar-se da civilização “maior” do Ocidente, quase como se estivéssemos de fora dele, através de tentativas (auto)mutiladoras de imitação e cópia das unidades e purezas dali “providas”. Pelas tradições indígenas, tais estratos homogêneos são, radicalmente, desestabilizados, em destaque, porque suas cosmologias *outras* e *modus operandi* de produzir “textos literários” se perfilavam de maneira diversal àquela concebida pelo *superparadigma eurocêntrico*<sup>2626</sup>, a genealogia da influência só era possível pelos *encantados espíritos ancestrais*<sup>2627</sup> e não pelos pretendidos “autores universais”, uma vez que eram desconhecidos para os povos originários. Conforme Silviano<sup>2628</sup> atesta, pelo *bildung*, de natureza

---

<sup>2623</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 35.

<sup>2624</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 35.

<sup>2625</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 29.

<sup>2626</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2627</sup> KAMBEBA. *Literatura indígena*, p. 40.

<sup>2628</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 34.

cronológica diacrônica, acabamos por apenas reproduzir cópias singulares e sentimentais em detrimento aos “inatingíveis originais europeus” nos relegando as insígnias de inferioridades nacionais e periféricas – ponto esse já evocado com base no aferido por Candido de que seríamos *galhos secundários da literatura portuguesa e arbusto de segunda ordem no jardim das musas*<sup>2629</sup> *enquanto, literariamente, pobres e fracos*<sup>2630</sup>.

Pela égide da razão paradigmática imbuída no *bildung*, liberdade de criação crítica e artística dessas nossas exterioridades só poderiam se mexer entre os limites desenhados pelas culturas e literaturas europeias<sup>2631</sup>, entre o código linguístico imposto e, não menos, pelo religioso cristão delineando, por consequência, esses estrados teo e egopolíticos, já mencionados. Silviano me é necessário a fim de compreender que apenas podendo se mexer, a literatura brasileira haveria de ser exercitada tão somente dentro dessas fronteiras invisíveis tracejadas apregoando a submissão ao paradigma do universal de viés eurocêntrico<sup>2632</sup> difundido entre as colônias que, *a posteriori*, viria a ser transmutado em outras terminologias conceituais mascarando sua face mais perversa com o intuito de ser ressoada por aqui através dos seus próprios habitantes e estudiosos alimentados pelo que mais nos é itinerante e alheio. Nas palavras do mineiro, na contracorrente de Candido, o empreendido “[...] quanto ao paradigma formação, que abole a diferença para calçar regionalmente a independência e a emancipação.”<sup>2633</sup>.

Justapondo-se, então, formações individuais e coletivas/comunitárias, o mestre (Candido), nós enquanto aprendizes, leitores, alunos e professores assim como *a cara*

---

<sup>2629</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 32.

<sup>2630</sup> CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 31.

<sup>2631</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 34.

<sup>2632</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 34.

<sup>2633</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 34.

*juvenil da literatura nacional vivemos os lentos, sofridos e gradativos processos de nossas formações à luz da interiorização de um saber alheio em dependência pela apreensão histórica e crítica de saberes intrusos angariando elaborar os alicerces indispensáveis para a grandeza plena de nossas personalidades*<sup>2634</sup>. Tomando em perspectiva salutar o exposto na chancela dos povos originários, Mignolo<sup>2635</sup> me é necessário nesta teorização fronteiriça quando defende que o colonialismo deu origem a histórias *outras* e não apenas a outras histórias integradas, como pretende o discurso crítico de Candido, e absorvidas pelo superparadigma da civilização ocidental e da modernidade europeia. Essas histórias locais evocadas pelo argentino<sup>2636</sup> querem dizer, em outras linhas, rupturas e descontinuidades que emergiram à revelia da tirania do tempo linear, do progresso, da evolução, do ideal tacanho civilizatório e, não menos, na contracorrente do *bildung* articulador da *Formação da literatura brasileira* negador dos potenciais literários, artísticos e epistemológicos *de tudo aquilo* de dissidente produzido pelos povos indígenas em tempos-espacos muito anteriores, inclusive, à invasão genocida portuguesa nestes trópicos tupiniquins pretéritos e imperfeitos. Isso em mente, cito alguns questionamentos aferidos pelo escritor indígena brasileiro Ely Macuxi:

Quem são essas pessoas [povos indígenas originários brasileiros], que estão longe e, ao mesmo tempo, perto de cada brasileiro? Quais os reais motivos que estão por trás dos preconceitos e das discriminações em relação a eles? *Por que são negados em seus direitos e tratados de forma tão preconceituosa, se suas histórias remetem à ancestralidade de cada um dos brasileiros?* O que é real, irreal ou hiper-real nesses versos e prosas sobre os povos indígenas que chegam ao mercado editorial brasileiro? Quem fala e do que se fala no contexto da Literatura Indígena? Qual a importância que a Literatura Indígena tem para a manutenção da cultura, da língua e da sociabilidade desses povos? Ou, ao contrário, pode ela se tornar mais uma estratégia de assimilação, pacificação das culturas tradicionais à assimilação e ao tutelamento promovidos pelo Estado nacional brasileiro?<sup>2637</sup>

<sup>2634</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 32.

<sup>2635</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2636</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2637</sup> MACUXI *apud* TETTAMANZY. Falas à espera da escuta, p. 22, grifos meus.

Mediante ao reproduzido, ratifico: *por que são negados em seus direitos e tratados de forma tão preconceituosa se suas histórias remetem à ancestralidade de cada de um nós brasileiros?* Talvez porque, através do que Silviano coaduna, nossa “boa formação” seja, até hoje, aquela provida pela dádiva da Família branca, heterossexual, cisgênero, rica, cristã, esteticamente homogênea, pelo Estado assegurador dos direitos aos privilegiados e, não obstante, pelas universidades escolásticas brasileiras em suas obsessões imitativas de não conseguirem, salvo exceções, pensar pelo lado de fora do *superparadigma moderno/colonial do Ocidente*<sup>2638</sup>, seja de matiz eurocêntrico ou, na atualidade, estadunidense. À guisa de tal corolário, o *bildung*, enquanto paradigma formativo de origem germânica, assume, na semântica de Candido, *o processo soberano e moderno de construção de um Brasil literário se confundindo com o conceito anglo-saxão de self-fashioning (ou automodelagem) de Stephen Greenbalt com base nas peças de Shakespeare*<sup>2639</sup>.

Embebido dessa razão moderna, reafirmo o explicitado pelo nosso mestre<sup>2640</sup> quando aponta que o Arcadismo foi necessário para nossa constituição por ter “plantado” a literatura do Ocidente no Brasil graças aos padrões universais pelos quais era regido e que “permitiram articular” nossas atividades literárias com sistemas expressivos da “civilização” a qual somos pertencentes. Ademais, afere<sup>2641</sup> aos árcades a insígnia da “seriedade enquanto artistas conscientes” provedores de uma poesia civilizada, inteligível aos homens de cultura sendo esses seus destinatários e, sobremaneira, fazendo com que a “literatura funcionasse no Brasil”<sup>2642</sup>. *Graças à disciplina clássica e à inspiração tópica reinante unificando as letras do Ocidente num*

---

<sup>2638</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 30.

<sup>2639</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 33.

<sup>2640</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2641</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2642</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

*grande organismo compensando os desbragamentos dos românticos com particularismos psicológicos e descritivos*<sup>2643</sup>. Suscita, ainda, “a palavra formação” intermediada pelos “decisivos momentos estudados” na esteira de características internas (línguas, temas e imagens) e dos elementos sociais e psíquicos que fariam da “literatura aspecto orgânico da civilização”<sup>2644</sup>.

Com o exposto em mente e me encaminhando para o encerramento deste subtítulo, pela minha perspectiva aportada em um paradigma *outro*, minha *fisiologia da des-formação* descortina o salto crítico e identitário de Silviano em detrimento de Candido – com destaque às aferições mencionadas no parágrafo anterior – quando o mineiro, ainda que não refletindo de uma epistemologia descolonial, acaba por avançar os princípios escolásticos e modernos do mestre em sua ignorância no que concerne às inscrições dos povos pré-existentes e originários aquilatados, como condição *sine qua non*, na base dos nossos processos formativos neste Brasil pretérito e imperfeito. Não há, na esteira do que assegura Mignolo<sup>2645</sup>, como refletir a *partir das* categorias de conhecimento, artes, literaturas, culturas etc. destituídos de uma estreita leitura geo-política em prisma de descontinuidade das fronteiras, sobretudo, em torno dos *modus operandi* com os quais foram concebidas através da imposição brutal de violências e assujeitamentos hegemônicos. É indiscutível que o *colonialismo como ideologia foi paralelo à conquista e à colonização da América em prol dos avanços civilizatórios do Ocidente*<sup>2646</sup>, tão almejados e defendidos por Candido em sua *Formação*.

---

<sup>2643</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

<sup>2644</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

<sup>2645</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 29.

<sup>2646</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 29.

Por fim, esta minha teorização crítica biográfica fronteira se engasta *pela descontinuidade das tradições clássicas, a priori, chegadas aqui pelas expansões coloniais de Cristóvão Colombo e de Pedro Álvares Cabral carregando suas leituras antigas e medievais* ao invadirem *loci* pré-existentes e já habitados por *peessoas as quais tais tradições eram desconhecidas, estrangeiras e alheias pouco as importando*<sup>2647</sup>, visto que, ao modo que explicitarei outrora, estavam revestidos dos potenciais cosmológicos de suas próprias especificidades identitárias. Conjecturado pelos silêncios gritantes ressoados *a partir do século XVI*, a emergência do paradigma *outro* me permite cotejar o que discutirei no subtítulo seguinte enquanto “pensamento próprio” não pela insígnia objetificante provida pelo paradigma moderno, mas, pelo contrário, *enquanto forças de pensamentos daqueles que foram levados a crer que não podiam pensar se não fosse por intermédio das ideologias da modernidade/colonialidade*<sup>2648</sup>. Podemos e devemos pensar aquilo que desejamos aferindo nossos potenciais epistêmicos enquanto forças latentes de reproduzirmos as muitas vidas que grassam das fronteiras a fim de recuperar, de fato, o que é próprio ao compreendermos que existe todo um universo de saberes providos pelo si-mesmo em suas diversidades internas, mas, que, essas, talvez não nos sirvam mais.

---

<sup>2647</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 22.

<sup>2648</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 31.

### 3.3 – *A História europeia se tornou a estória brasileira*: pela coragem de caminharmos com nossas próprias pernas

Duplamente despojado: *a História europeia é a estória do indígena*. Resta-lhe memorizar e viver com entusiasmo uma 'ficção' europeia (portuguesa, em particular) que se transcorre num grande palco que é a sua própria terra. E já no século XX nem mais a terra é sua. [...] historiadores contemporâneos nossos julgam acreditar que a origem de uma 'inteligência brasileira' se dê quando colégios são criados no século XVI. Ou seja: quando a história alheia é imposta como matéria de memorização, de ensino, imposta como a única verdade. Desnecessário é salientar o compromisso violento da categoria de 'inteligência', nesse contexto, com o mais ardoroso etnocentrismo.

SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 15, grifos meus.

*Na literatura comum, a sua fórmula seria mais ou menos a seguinte: Arcadismo = Classicismo francês + herança greco-latina + tendências setecentistas*. Estas variam de país para país, mas compreendem, em geral, como vimos, o culto da sensibilidade, a fé na razão e na ciência, o interesse pelos problemas sociais, podendo-se talvez reduzi-las à seguinte expressão: o verdadeiro é o natural, o natural é o racional. A literatura seria, conseqüentemente, expressão racional da natureza, para assim manifestar a verdade, buscando, à luz do espírito moderno, uma última encarnação da *mimesis* aristotélica. Foi este o padrão ideal, o arquétipo a que se podem referir as várias manifestações particulares, e a cuja investigação convém proceder, tomando como ponto de referência os três grandes conceitos-chave mencionados: razão, natureza, verdade.

CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 44-45, grifos meus.

É preciso coragem para caminharmos com as nossas pernas calcados em um pensamento próprio, sobretudo, quando se pode entrever, de um plasmar crítico biográfico fronteiro, que a *História europeia acabou por se tornar a nossa estória brasileira*<sup>2649</sup>. Essa, por sua vez, embebida de importações assimétricas em torno da diversidade interna das histórias locais alheias e longínquas que pouco diziam sobre as nossas realidades e, não obstante, pouco contribuíram para a descolonização dos nossos processos formativos literário-culturais. Pelo contrário, tal estória nos empurrou o quanto foi possível para o espaço, por excelência, da exterioridade vilipendiando nossos potenciais teóricos de *podermos pensar, por nós mesmos*,

---

<sup>2649</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 15.

*enquanto não-europeus*<sup>2650</sup> e, mais ainda, enquanto um lócus geoistórico e epistemológico povoado, desde sempre, por populações marcadas pela insígnia das diferenças coloniais as enclausurando, *antes de mais nada e apenas, enquanto imitadores de um dito modelo original*<sup>2651</sup>, isso quando eram sequer consideradas pelo que se concebeu enquanto *Formação da literatura brasileira* através de Antonio Candido e revisitada, na-diferença, por Silvano Santiago.

Com o exposto em destaque, se, no subtítulo anterior me debrucei sobre as ideias de “começo” e “origem” deste país do pretérito imperfeito *pari passu* à problematização da “Carta de Pero Vaz de Caminha” em suas artimanhas políticas escondidas pelas metáforas hegemônicas e, então, contrapus o já conhecido paradigma formação (*bildung*) ao paradigma *outro* da descolonialidade, agora, dedico minha teorização ao corolário de um pensamento próprio arraigado a estes trópicos tupiniquins na chancela dos recortes históricos em torno do Arcadismo/Romantismo e, por extensão, da “Independência” do Brasil. É escusado dizer, de uma sensibilidade de mundo autobiográfica, o quanto nos parece distante, enquanto brasileiros, cotejar aquilo que nos é próprio, posto que nos fizeram acreditar durante uma vida inteira, cujo estrato de dependência aparelhou nossos cérebros, que os valores positivos sempre estariam resguardados no alheio, antes no eurocêntrico e hoje no estadunidense, ao passo que *tudo aquilo* emergido a partir deste lócus periférico seria de segunda classe ou mesmo desconsiderado, ignorado e deslegitimado.

O evidenciado se torna ainda mais sobressalente quando me revisto da minha revolta fronteiriça<sup>2652</sup> e nela encontro forças para, quando for necessário no que compete ao meu modo *outro* de teorizar e escre(vi)ver, posicionar-me na

---

<sup>2650</sup> Cf. *¿Podemos pensar los no-europeos?* organizado por Facundo Giuliano.

<sup>2651</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 14.

<sup>2652</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

contracorrente aos que, desde o início da minha graduação em Letras, ocuparam o espaço simbólico de mestres em meu ser. Urge, nesta tese de matiz descolonial, a premissa pujante de *des-aprender para re-aprender*<sup>2653</sup> pelo crivo de perspectivas *outras* o que foi naturalizado na academia, no correr do cotidiano, nas nossas mentes e corpos enquanto a única via possível de refletir, problematizar e escre(vi)ver seja literatura ou mesmo teorização, em especial, considerando o que se esconde por detrás dos discursos benevolentes e messiânicos retroalimentados pela modernidade/colonialidade. Em um preciso sentido, esta *fisiologia da des-formação* permeada pela égide conceitual de um Brasil do pretérito imperfeito angaria mostrar como os ideais aportados na *Formação* de Candido acabaram por não alcançar a fronteira; são, por excelência, uma proposta formativa descortinada com base na razão hegemônica replicada nos grandes centros, isto é, um campo minado onde a fronteira se faz ausente quase como se não existisse enquanto realidade possível ou imaginável.

Pelo contorno do outro lado dessa falta, busco me direcionar àquilo que ficou de fora de tais processos formativos literário-culturais, uma vez que a perspectiva fronteiriça é a condição *sine qua non* do meu *modus operandi e vivendi* de escre(vi)ver esta tese e, portanto, indissociável não apenas do meu discurso, mas do meu ser enquanto cidadão, leitor, professor e pesquisador pensando a partir da margem. De algum modo, Silviano, neste embate, situa-se no entre-lugar entre mim e Candido, visto que, ao seu modo, avança os postulados do mestre maior, todavia, não se desprende do vício desconstrutor pós-moderno, à diferença desta teorização desobediente eleita por opções descoloniais descompromissadas em negociar, em qualquer medida, nossas vidas, corpos e saberes com o que nos é alheio. Meu

---

<sup>2653</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

compromisso crítico horizontalizado nestas letras fronteiriças imbuídas de um pensamento próprio se perfila pela contracorrente aos muitos sequestros que viemos sendo submetidos desde 1500, sejam os cometidos por agentes colonizatórios ou mesmo pelos que escolherem reproduzir os ideais desses nos arrabaldes do Sul global.

Em relevo, não apenas no que diz respeito ao campo do literário, como *O sequestro do barroco* (2000) de Haroldo de Campos já mostrou muito bem, mas, sim, aos sequestros, por exemplo, dos indígenas e afro-brasileiros na *Formação*, ademais, ao branqueamento de Machado de Assis na historiografia literária do Brasil e diversas outras formas de violências, simbólicas e físicas, as quais nos submeteram desde a invasão europeia. A ideia de sequestro nesta discussão pressupõe a tomada de consciência de que nossos processos formativos não deixaram de reproduzir sucessivos sequestros dos indígenas e dos negros e, mais, reforçaram a exclusão e o separatismo de grupos socioculturais já deserdados pelo projeto hegemônico da modernidade/colonialidade. Em outras palavras, a ideia naturalizada de *Formação* pouco contribuiu para cotejarmos uma descolonização do país, houve boa intencionalidade, à maneira do já discutido em torno dos modernistas, mas, por estar colada a um modelo de literatura alheio, inconscientemente ou não, contribuiu para que não conseguíssemos caminhar com as nossas próprias pernas descompromissados com a suposta “obrigatoriedade” de sempre *termos* que ser os imitadores dos modelos “originais”.

Face a tal intento e no que compete às epígrafes de Silviano e Candido reproduzidas, apregoo meu discurso crítico biográfico fronteiriço no duplo despojamento apontado pelo intelectual mineiro cujo substrato ideológico quis nos fazer crer que não possuíamos História e, sim, estória – apenas. Fomos levados a

acreditar e internalizar o sentimento de despojamento latente quase como se não possuíssemos quaisquer condições de elaborarmos questões de ordem literário-epistemológicas por nós mesmos, isto é, com base em pensamentos próprios no engaste de nossas ancestralidades originárias ou afro-brasileiras. Assim, Silviano<sup>2654</sup> é salutar quando afere que o “estabelecimento de uma inteligência brasileira”, conforme apontam historiadores, só teria se dado no século XVI com as criações dos colégios e, no que se esconde por detrás, quando a história alheia é imposta como matéria de memorização e de ensino sendo, portanto, a única verdade. De alguma maneira, estabeleceu-se mais um mecanismo de violência, agora em torno da ideia de “inteligência nacional”, entrecortado pelo *ardoroso etnocentrismo*<sup>2655</sup> em que a Europa, novamente, seria a interioridade do mundo e todo resto seu exterior fronteiro, marginal e imitativo.

Por outro lado, Candido<sup>2656</sup>, em sua *Formação*, defende justamente o problematizado por Silviano: a naturalização dos pressupostos alheios, itinerantes e nada providos por uma insígnia própria brasileira quando afere o corolário de uma literatura comum formatada pelo Arcadismo = Classicismo francês + herança greco-latina + tendências setecentistas. No bojo dos seus pressupostos<sup>2657</sup> estariam o culto à sensibilidade, fé, razão e à ciência, o interesse pelos problemas sociais em que o verdadeiro seria o natural, e o natural seria o racional em um endosso irrestrito ao espírito moderno encarnando, inclusive, a mimesis aristotélica enquanto padrão ideal literário. Fala-se, então, de “problemas sociais”, no entanto, ao mesmo tempo, sequestra-se quaisquer inscrições daqueles afligidos pelo interceptar das diferenças coloniais quase como se essas não fossem motivações suficientes para se

---

<sup>2654</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 15.

<sup>2655</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 15.

<sup>2656</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 44.

<sup>2657</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 45.

enquadrem no eixo de “problema sociais”. Quando aparecem indígenas, esses são formatados nas bases de um Indianismo romântico ao modo dos “heróis europeus”, em absoluto, estereotipados e exotizados sem qualquer ressoar de suas próprias vozes na égide de suas cosmologias *outras*, há apenas apagamento e estereotipação à última potência.

Dessa forma, parece-me que a problemática da “criação da inteligência brasileira” sinalizada por Silviano é tomada positivamente por Candido em seus interesses sobressalentes direcionados aos homens das letras, civilizados e dotados das importações mais latentes do espírito do Ocidente neste lócus pretérito e imperfeito reproduzindo, por extensão, o espírito imitativo esperado pelo eurocentrismo no que compete ao seu exterior, ao seu “resto”. Assim, o que é problematizado pelo mineiro, na contramão, dissemina-se favoravelmente nos postulados do mestre maior quando, da minha perspectiva fronteira e própria, parece ser secundária em sua *Formação* a renitente existência das diferenças coloniais, presentes até hoje em nosso cotidiano – tal qual discuti no capítulo I desta tese através das políticas hegemônicas bolsonaristas. Nessa guisa, é quase como se não fôssemos *nem europeus nem americanos do Norte enquanto destituídos de cultura original em que nada seria estrangeiro, pois tudo o é*<sup>2658</sup>.

Ainda, *as construções de nós mesmos se desenvolveriam na dialética entre o não ser e o ser o outro*, em destaque, quando se defendem perspectivas críticas a partir das quais nossos processos formativos devam, obrigatoriamente, dar-se através de *interpretações eminentemente universalistas dos nossos problemas brasileiros pressupondo visadas nacionalizadoras e regionalizadoras*<sup>2659</sup>. No que mais é

---

<sup>2658</sup> GOMES *apud* SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 13.

<sup>2659</sup> MERQUIOR *apud* SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 13.

pluriversal à óptica universalizante, defender a inquirição de um pensamento próprio, indígena, originário, americano, afro-brasileiro etc., na esteira de Rodolfo Kusch<sup>2660</sup>, pressupõe não apenas exumá-lo no tocante ao campo científico do saber apostado pela *práxis* sujeito/objeto analisante. Pelo contrário, dá-se pela urgência de resgatar estilos de vidas e de pensares que se projetam *a partir do fundo da América e do Brasil mantendo certa vigência com as populações originárias*<sup>2661</sup>. Por isso, quando um indígena não demonstra interesse em saber sobre literatura “universal”, sistema literário, manifestações, marxismo, desenvolvimento ou progresso, *não o faz por ignorância nem por subdesenvolvimento, mas porque seu mundo cultural, sua personalidade e sua sensibilidade de mundo giram em torno de outros eixos*<sup>2662</sup> – o que não implica, na perspectiva de um pensamento próprio, uma valoração positiva tampouco negativa, apenas diversal desprovida de binarismos modernos/coloniais.

Nesse intento, Kusch<sup>2663</sup> assegura que assumir um pensamento próprio convoca o esboço de um pensamento que gire em torno da ideia de *estar* ao invés de *ser*, podendo concretizar os reais estilos de vida destes *loci* suleados em sua inusitada riqueza, um verdadeiro lugar desprovido da penosa universalidade que muitos pretendem esgrimir inutilmente. Em termos destes trópicos colonizados, desenham-se duas formas de se pensar: primeiro, oficialmente e, segundo, de maneira privada. Enquanto a primeira estaria nas universidades reverberando problemáticas europeias traduzidas ao nível de uma racionalidade filosófica, a outra se daria pelo transcorrer do cotidiano nas ruas, campos, favelas, assentamentos, aldeias e comunidades tomada pela insígnia de “popular” quase como se nada tivesse a crescer aos ditos

---

<sup>2660</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 259.

<sup>2661</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 259.

<sup>2662</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 260.

<sup>2663</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 262.

“discursos oficiais”<sup>2664</sup>. Evocar tal contexto não implica *negar a razão do pensamento ocidental, e, sim, descortinar a busca por propostas que estejam mais próximas às nossas vidas*<sup>2665</sup>.

Em um preciso sentido, Walter Mignolo<sup>2666</sup> explicita que defender um pensamento próprio seria, então, conseguir andar com as próprias pernas perdendo o medo de pensar por si mesmo. Medo esse criado, por sua vez, pela força hegemônica das diferenças coloniais epistêmicas e ontológicas que o atualiza constantemente ao nos inquirir um sentimento de que não pertencemos à ontologia que a classificação nos relegou<sup>2667</sup>. Calcado nessa perspectiva de Mignolo<sup>2668</sup>, entrevejo que minha teorização crítica biográfica fronteiriça desenvolvida nesta tese acaba por desvelar os “truques” que se escondem por detrás das classificações a fim de encontrar condições de nos desprendermos e começarmos a andar por conta própria não mais traduzindo problemas europeus à linguagem da América e, claro, do Brasil do pretérito imperfeito. Resguardo *a liberdade de me apropriar do que é alheio único e exclusivamente como motivação latente de desobediência e desprendimento do que se naturalizou como “modo oficial” de pensamento*<sup>2669</sup>, reverberado em menor medida por Silviano e em maior por Antonio Candido.

Minha teorização, portanto, dá-se, conforme Edgar César Nolasco<sup>2670</sup> defende, pelo lado de fora das práticas modernas de teorias disciplinares e escolásticas que pouco contribuem para a desnaturalização de uma matriz colonial de poder cujo cerne é, em absoluto, limitante para as totalidades imaginárias das exterioridades pelo crivo

---

<sup>2664</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 263.

<sup>2665</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 263.

<sup>2666</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 147.

<sup>2667</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 147.

<sup>2668</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 147.

<sup>2669</sup> MIGNOLO. *Sí, podemos*, p. 147.

<sup>2670</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 69.

da imposição imperial de países capitalistas e cristãos ocidentais. Nesse aspecto, é salutar que, no bojo da nossa formação, inclusive reverberada pelos escritos de Candido, desenha-se uma *teoria certa, soberana, universal, antropofágica e moderna que deve ser endossada, alimentada e repetida pelos “letrados” à exaustão por todos os lados possíveis*<sup>2671</sup> quase como se não houvesse possibilidade alguma de se eximir do medo de pensar por si mesmo, ou seja, no que circunscreve um pensamento próprio, à luz das reflexões de Kusch e Mignolo. Nesse ínterim, defender o corolário de uma formação escolástica, provida pela diversidade das histórias locais europeias, implica a compreensão de que não há desprendimento, desobediência epistêmica ou mesmo liberdade<sup>2672</sup> para os descentralizados caminharem pela via do que lhes é mais próprio ou sintomático no engendramento e na resolutiva das *suas* próprias questões permeadas pelas diferenças coloniais.

Em outras palavras, *não há liberdade para pensar e escre(vi)ver a partir de perspectivas outras, paradigmas outros* ou mesmo no engaste de um pensamento que seja, genuinamente, próprio. À maneira que tensiono com base em Candido e Silviano, sinalizando sempre suas contradições epistêmicas, situo-me no espaço fronteiriço pressuposto pelos *múltiplos territórios de nossos pensamentos implicado por desobediências e indisciplinas educativas, rebeliões éticas e, não obstante, subversões políticas coadunadas por uma prosa filosófico-literária inscrita na paisagem do cotidiano a partir do qual se luta, sobretudo, quando tomada enquanto elemento justaposto à insígnia de uma certa poética originária*<sup>2673</sup>. Isso em mente, é preponderante, no âmbito desta teorização, problematizar questões que circundam

---

<sup>2671</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 71.

<sup>2672</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 71.

<sup>2673</sup> GIULIANO *apud* NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 71.

espectros ideológicos aquilatados pelo que, no âmbito de nossa formação escolástica assegurada por Candido e revisitada por Silviano, nos é próprio e, em relevo, alheio, mas naturalizado por uma ficção imperial/colonial como se fôssemos, também, pertencentes a tais importações viciantes e desprovidas de quaisquer identificações com as nossas realidades socioculturais e literárias.

Conforme aponta Silviano Santiago<sup>2674</sup> em torno da insígnia “formação”, no século XIX brasileiro, o discurso colonial europeu “perde” sua razão e forma de ser sendo substituído por uma outra força discursiva, de matiz pós-colonial, pretendida autônoma, explorando eficácias civilizacionais nos efeitos pragmáticos das linguagens. Impulsionados pelo paradigma formação, são disseminados discursos subjetivos e objetivos, originais e concorrentes ao pressupor autorreflexões em torno das identidades dos brasileiros, ditos “autônomos”, *pari passu* às descrições do espaço social e político (Brasil) lido, por ele<sup>2675</sup>, enquanto emancipado e informe a ser bem ou mal governado por nós em liberdade. Logo, “[...] Formação vem qualificada, seja por possessivo (minha/nossa), seja por adjetivo pátrio (brasileiro), seja finalmente por disciplina acadêmica (literatura, economia etc.).”<sup>2676</sup>. Com o referido em mente, urge a emergência de discutir as rotas percorridas pelo discurso da formação, na medida que, à luz do mineiro<sup>2677</sup>, seu sentido é, por excelência, agônico no embate entre, da minha perspectiva, um pensamento próprio e a importação irrestrita e viciante do alheio desprovida de problematizações assentadas nas diferenças coloniais enquanto cerne dos “problemas sociais” deste lado da fronteira.

---

<sup>2674</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 260.

<sup>2675</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 260.

<sup>2676</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 260.

<sup>2677</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 261.

Na contracorrente do descortinado por Silviano, Candido<sup>2678</sup> assegura que o momento decisivo a partir do qual as “manifestações literárias” adquiriram “características orgânicas de um sistema literário” se deve a três esferas principais “de gosto e pensamento” que são: o Neoclassicismo, a Ilustração e o Arcadismo<sup>2679</sup>. Nessa leitura, ainda que possam se misturar em predominâncias mutáveis entre si é, de fato, sua reunião que se sustenta enquanto caracterização do período a depender do autor ou da obra em destaque. Arregimentando-me na pluriversalidade do pensamento próprio em detrimento à óptica do mestre, destaco a proeminência, na *Formação*<sup>2680</sup>, do aspecto filosófico a partir do qual se fundem racionalismo e empirismo nas letras em justaposição ao pendor didático e ético de empenhar à última potência a propagação das Luzes nestes espaços fronteiriços, isto é, o paradigma germânico à última potência, ao modo que tensionei no subtítulo anterior. Ademais, perfila-se a defensiva implacável em torno de uma “estética da imitação” a partir da qual seríamos, sempre, dependentes em uma busca automutiladora pelos universais abstratos.

Automutiladora na medida que os ideais formativos de Candido não nos libertam, em nenhuma medida, da suposta “dívida” placentária com a metrópole; pelo contrário, situa-nos no lugar de cópias sempre a serviço das imitações puras e simples como é o caso do Arcadismo brasileiro. Nesse sentido, é curioso visitar minha

---

<sup>2678</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 43.

<sup>2679</sup> Segundo Candido, “Neste livro, as três designações serão usadas conforme o aspecto referido, preferindo-se para o conjunto a designação tradicional de Arcadismo, por ser menos técnica, ficando subentendido que engloba as demais, sempre que não houver ressalva expressa. Neoclassicismo é termo relativamente novo em nossa crítica, nesse contexto, e nos veio dos portugueses, que, por sua vez, o tomaram aos espanhóis. Estes e os ingleses costumam designar assim a imitação do Classicismo francês, verificada em toda a Europa no século XVIII. Por Ilustração, entende-se o conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte: exaltação da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por seu intermédio, confiança na ação governamental para promover a civilização e o bem-estar coletivo.”. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 43.

<sup>2680</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 43.

própria experivivência escolar quando, no estudo em torno das escolas literárias, ensinaram-me que os árcades nada mais eram que homens letrados, cidadãos, representando pastores em seus campos com vidas permeadas pela simplicidade do cotidiano em um espaço singular. Minha própria formação escolástica é desnudada constantemente nesta teorização crítica biográfica fronteira quando, ao tecer letras imbuídas de um pensamento próprio, não consigo me desvencilhar da minha própria vida, sobretudo, no que diz respeito a tudo que me foi escamoteado nos processos educacionais. Sinto, de alguma forma, que me transformo sendo eu mesmo e outro, talvez mais consciente, por via do *modus operandi e vivendi* de escre(vi)ver esta *fisiologia da des-formação* em prol da conceituação de um Brasil do pretérito imperfeito.

Isso, de tal forma, quase como se um jovem espectro de mim mesmo estivesse à espreita do meu eu adulto, professor e pesquisador no ensejo de absorver muito daquilo que foi desconsiderado pelos espaços modernos/coloniais do saber e que, agora, posso trazer à tona sem medo de pensar por mim mesmo, caminhar com as minhas próprias pernas, ainda que à revelia dos meus mestres universitários quando se fizer necessário ao que é preponderante à minha teorização *outra*. Respeito-os à última potência, mas me desvinculo da quase necessidade de endossá-los a todo tempo, em especial, por entrever que os *loci* epistêmicos a partir dos quais escre(vi)vemos, muitas das vezes, ressoam em instâncias críticas distintas. Em um preciso sentido, se Candido<sup>2681</sup> opta por eleger o Arcadismo enquanto a consciência de integração e ajustamento a uma ordem natural, social e literária decorrendo a citada “estética da imitação” a partir da qual se reproduziam formas naturais concebidas e recriadas pelos bons autores da Antiguidade clássica e seguidas pelos

---

<sup>2681</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 53.

escritores modernos, a isso, só posso oferecer desobediência e desprendimento no que compete à defensiva irrestrita pela perspectiva de um pensamento próprio, *outro*, de matiz fronteiroço erigido destas periferias deserddadas. De acordo com o mestre:

Para a figura principal da Arcádia Lusitana, a literatura se concebia, pois, à maneira de um arquivo da natureza, formado pelos antigos e funcionando, por assim dizer, como natureza de segundo grau, recriada mediante a imitação literária, que dava à obra segurança e nobreza, dando-lhe genealogia estética. [...] ‘*O poeta, que não seguir os antigos, perderá de todo o norte, e não poderá jamais alcançar aquela força, energia e majestade, com que nos retratam o formoso e angélico semblante da natureza*’. Imitar Virgílio é não apenas participar, por exemplo, na ordem de valores criados por ele, mas também assegurar um instrumento literário já verificado no trabalho da criação. A conformidade com o modelo é o orgulho do escritor neoclássico, a quem pareceria estulta a presença de originalidade dos românticos e pós-românticos porque para ele ‘só a aprovação da posteridade é capaz de estabelecer o verdadeiro mérito das obras’, e por isso ‘se a antiguidade de um escritor não é título certo de seu mérito [...] a antiga e constante admiração havida sempre por suas obras é prova segura e infalível de que elas podem ser admiradas.’<sup>2682</sup>

Se, para Candido, *o poeta que não seguir os antigos, a conformidade com o modelo e a imitação literária perderá seu norte*, escolho, portando, situar-me mais ao Sul o quanto for possível de sua leitura empenhada pelo espírito do Ocidente. Segundo seus próprios dizeres em torno do contexto desenhado pelo fragmento aposto, “[...] Mais do que nunca, é o tempo da psicologia do adulto, branco, civilizado e normal – à qual se procura reduzir a do próprio primitivo, do homem em estado de natureza, que era o padrão.”<sup>2683</sup>, e, ainda, não se descia aos subterrâneos da terra, logo, também não poderia se abaixar aos do espírito. Em suma, a instância final que daria o tom da imitação por parte dos árcades em detrimento ao Ocidente seria, como já mencionei, a proposta mimética de Aristóteles a fim de *representar as coisas conforme as ideias universais, ou melhor, a formação de uma ideia universal através da soma de ideias particulares*<sup>2684</sup>. Ou seja, angaria-se pensar o que é local, próprio e cotidiano pela via do mais alheio e equidistante possível, não se volta os olhos para

<sup>2682</sup> GARÇÃO apud CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 53, grifos meus.

<sup>2683</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 55.

<sup>2684</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 64.

as fronteiras, margens e periferias do próprio Brasil pretérito e imperfeito, mas, sim, uma escolha em assumir e internalizar algo que pouco diz sobre nós mesmos, uma vez que a condição daquele momento, para Candido, era *de valorizar a rusticidade admiravelmente à situação do intelectual de cultura europeia num país semibárbaro, dando-lhe a possibilidade de, alguma forma, justificar seu papel*<sup>2685</sup> – algo, de uma sensibilidade de mundo autobiográfica e em outras palavras, quase que colado à imagem criada por professores de literatura em meus idos escolares no plasmar do Arcadismo brasileiro.

Diante disso, não há quaisquer potenciais epistêmicos, artísticos, literários ou culturais no que o Brasil poderia fornecer por si mesmo em tal contexto, quase como se, na referida visada, os intelectuais/escritores precisassem obrigatoriamente se munir de uma cultura que não a sua para poder, assim, “escrever melhor” a incursão das suas sensibilidades e localidades entrecortados por um viés conceitual de representação advindo lá da Antiguidade da Grécia Antiga. Não há, portanto, vislumbres de pensamentos próprios ou mesmo a tentativa de fazer valer a presença dos povos originários por aqui, visto que as ideias itineradas e hospedadas vêm aparelhando nossas mentes há séculos ininterruptamente como se, de nós mesmos, nada pudesse ser aproveitado. Delineia-se, em tal âmbito, um embate travado entre *civilização e primitivismo empenhado pela adoção de personalidades poéticas rústicas embebidas das tradições clássicas a fim de exprimir contrastes culturais que, como defende Candido*<sup>2686</sup>, *valorizaram ao mesmo tempo os componentes locais e os cânones da Europa sua matriz e forma de civilização as quais o “intelectual brasileiro pertencia” e, mais, “desejava incorporar à vida espiritual do país”.*

---

<sup>2685</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 64.

<sup>2686</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 64.

Com as elocubrações tanto de Silviano quanto de Candido em sobressalto, Kusch<sup>2687</sup>, no que empreende o pensamento próprio, é salutar quando apregoa que esse pensar europeu, corroborado pelo nosso mestre formativo, sempre esteve vinculado a um estilo de vida deslindando, como a filosofia, a arte e a religião, um mesmo grau de receptividade. É necessário, antes de tudo, assumir um posicionamento *outro*, de base fronteiriça, que assegure uma *margem de distorção*<sup>2688</sup> cuja aplicabilidade poucos são capazes de alcançar<sup>2689</sup> ou mesmo desejam fazê-lo. No implicar deste escre(vi)ver *a partir de uma fisiologia da des-formação* a serviço da hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito, ao meu modo e consciente dos limites discursivos, esta tese enseja, pelo entrecortar das minhas eleições epistemológicas, galgar tal *margem de distorção*<sup>2690</sup> àquilo que foi naturalizado como a única verdade possível ou, conforme o intelectual mineiro<sup>2691</sup>, nossa suposta estória brasileira. Para ir ao cerne da questão, Kusch<sup>2692</sup> expõe a impossibilidade, por exemplo, de resgate dos pensamentos próprios latino-americanos, incas, originários, indígenas, afro-brasileiros, populares etc. com base em atitudes filosóficas aportadas, por excelência, em tradições itineradas dos centros metropolitanos para as bordas fronteiriças.

Isso porque, quer queira quer não, nossos estilos de vidas e cotidianos são, em absoluto, diferenciais aos experienciados em *loci* geoistóricos e epistêmicos da interioridade ocidental sendo, então, incongruente os traduzir com base em *práxis* modernas/coloniais que, sobre nós situados no Sul global, nada dizem ou pouco contribuem na tentativa de superação das diferenças coloniais que entrecortam nossos corpos, mentes, saberes, literaturas, artes etc. Do contrário, *acabaria por se*

---

<sup>2687</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 264.

<sup>2688</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17

<sup>2689</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17

<sup>2690</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17

<sup>2691</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

<sup>2692</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 264.

*repetir na cátedra*<sup>2693</sup> o si-mesmo da interioridade não emergindo dali nada que tão somente outras versões traduzidas, copiadas e imitadas, de algum modo, como muito se fez em torno do paradigma formação *bildung*. Enquanto pensamento próprio, forjado no seio da desobediência e do desprendimento epistêmicos, urgem formas *outras* de escre(vi)ver que não aquelas *enredadas nos termos empregados por investigadores dos centros tentando superar seus próprios preconceitos epistemológicos*<sup>2694</sup>.

Indo além do argumento citado, não há no Brasil *um estilo uniforme de vida*<sup>2695</sup>, passível de ser homogeneizado e, ademais, universalizado ao dito “real Ocidente”, bem como não há uma forma única de se produzir e pensar literário, epistêmico e culturalmente, a pluriversalidade se esparrama através das estruturas continentais e fronteiras invisíveis destes trópicos nas muitas gentes que aqui habitam e sobrevivem em luta há séculos. Cada um, embebido de suas formas próprias de pensar e escre(vi)ver, *jogam com estilos de vidas impermeáveis quando, por exemplo, os povos indígenas detêm suas cosmologias apostas em pensamentos de antiguidades milenares*<sup>2696</sup> e, por outro lado, grande parte dos brancos estão embebidos em importações viciantes de tudo o quanto for possível suprimir, copiar, imitar ou (tentar se) integrar aos grandes centros mundiais em diversos âmbitos de pensamento. É posto, para Kusch<sup>2697</sup>, que se Europa concretou seu pensar, sua filosofia, é devido ao fato de que desde a Idade Média, mesmo que com sua diversidade interna, acabou por constituir um corpo social relativamente homogêneo – à diferença da América e, não obstante, do Brasil.

---

<sup>2693</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 264.

<sup>2694</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 264.

<sup>2695</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 265.

<sup>2696</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 265.

<sup>2697</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 265.

No cancelar da formação, uma crítica biográfica fronteiriça em perspectiva de um pensamento próprio só pode se calcar em *formas outras de pensamento que possam transcender as diferenças coloniais se construindo a partir das fronteiras das cosmologias em conflito, esse, por sua vez, decorrido da colonialidade do poder estruturante do mundo moderno/colonial*<sup>2698</sup>. Isso em mente, faz-se incoerente, da minha perspectiva teórica, defender o pressuposto de uma *Formação da literatura brasileira*, como a de Candido, quando seus postulados ignoram os *pensamentos alternativos produzidos há séculos pelos movimentos indígenas, quando não se volta à classificação étnico-racial do Brasil, à sua dominação estrutural e, em maior grau, às possibilidades de descolonização*<sup>2699</sup>. De maneira consciente ou não, o que pouco interfere em minhas problematizações, as defensivas do mestre maior não suscitam *práticas políticas como contrarresposta à hegemonia geo-política do conhecimento tampouco denotam formas outras de conhecimento à luz da premissa implicada nas diferenças coloniais*<sup>2700</sup>, ali, não há um Brasil diferente, pluriversal em sua totalidade, mas quase que unicamente o país dos centros, do si-mesmo, dotado de suas *belles lettres* desejantes em ser considerado como parte “real” e “integrante” do Ocidente moderno/colonial.

À diferença do que Candido forja em sua *Formação*, Catherine Walsh<sup>2701</sup> me é salutar para corroborar o intento de que os indígenas e afro-brasileiros sempre tiveram muito a oferecer em termos de geo-políticas do conhecimento e, mais ainda, da colonialidade do poder renitente neste país verde-amarelo. Respalado em tal intento,

---

<sup>2698</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 06.

<sup>2699</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 10.

<sup>2700</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 10.

<sup>2701</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 12.

ainda que eu seja consciente do avanço crítico que Silviano estabelece em relação ao nosso mestre, é posto, da minha epistemologia *outra*, que ambos, ressalvadas suas diferenças, não dão conta de resolver minhas indagações em torno dos processos formativos quando contrapostos ao ideário de um pensamento próprio. E pelo “simples” motivo de que não conseguem se desprender das amarras circunscritas nas *práxis* modernas de pensamento, estando, portanto, o pensamento próprio, em suas especificidades pluriversais, escamoteado. Dessa maneira, parece-me que, na baliza dos referidos intelectuais, não existiam modelos *outros* de pensamento que aqueles imitativos em detrimento aos centros ou, em alguma medida, advindo do ranço pós-moderno desconstrutor ou foucaultiano.

É nevrálgico ressaltar, então, que mesmo Silviano me auxiliando em minha empreitada teórica nesta tese, seu juízo não me é suficiente por não se despende, de fato, a um pensamento de insígnia fronteiriça erigido dos deserdados da modernidade pelos projetos coloniais. Há, sim, uma abertura pós-colonial em seu modo de teorizar e escre(vi)ver, contudo, para uma perspectiva descolonial, não basta, uma vez que, ainda assim, barganha com os ideários apostos em paradigmas e estruturas do Ocidente em sua interioridade hegemônica. Não rivalizo com minha opção crítica e de vida, ainda que, para defendê-la, eu precise, ora mais ora menos, distanciar-me dos mestres aqui presentificados e, há muito, figuras incontestes em minha jornada universitária. Com tal ressalva em mente, retorno ao exercício comparatista entre Silviano e Candido. Pois, se para o mineiro<sup>2702</sup> urge descondicar e desestabilizar o saber eurocêntrico do mundo levando o sujeito a reconsiderar as antigas coordenadas históricas, sociais e econômicas com base nas experiências pós-coloniais do Sul, exemplificando isso à luz do já mencionado quadro “América

---

<sup>2702</sup> SANTIAGO. Modos de inserção da América Latina, p. 248.

Invertida” de Joaquin Torres-García, o mestre em sua *Formação* opta, no entanto, pela *constituição da literatura no crivo da sua incorporação à cultura do Ocidente*<sup>2703</sup>.

Leva-se a cabo em Silviano, a defensiva pela inversão da América do Sul com o intuito de termos *uma ideia mais justa da nossa posição e não aquela que nos disseram o resto do mundo*<sup>2704</sup>, ou seja, um posicionamento diversal ao *etnocêntrico que nos apregooou a insígnia de ultrapassados sub judice à condição de cópia tardia e servil dos modelos advindos das metrópoles alimentada pelo princípio fundamental da pureza original*<sup>2705</sup> – elemento já problematizado no subtítulo anterior deste capítulo. Em um sentido contrário, Candido<sup>2706</sup>, no que compreende o espectro do Arcadismo, assegura que apenas quando formalismo (imitativo dos modelos clássicos) e sentimentalismo (em tornos dos ditos preceitos locais) se equilibraram com harmonia que foi possível entrever “excepcional beleza” constituindo “o melhor” da contribuição de Basílio da Gama, Sílvia Alvarenga e Gonzaga. Em suma, “A sua maior qualidade [do Arcadismo], nos bons momentos, foi assegurar uma tonalidade universal e artisticamente elaborada à expressão literária.”<sup>2707</sup> e, ainda, “No caso do Brasil – mero apêndice da Metrópole – é necessário assinalar qual o significado e a influência das tendências arcádicas [...] que engloba Classicismo e Ilustração.”<sup>2708</sup>.

Assentado nessa percepção, o mestre<sup>2709</sup> assevera que quatro temas presidiram à formação da literatura brasileira enquanto “sistema” entre 1750 e 1880, são eles: a correlação íntima com a elaboração de uma consciência nacional, o conhecimento da realidade local, a valorização das populações aborígenes e o desejo de contribuir para o progresso do país, diga-se, incorporação aos padrões europeus.

<sup>2703</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2704</sup> TORRES-GARCÍA *apud* SANTIAGO. Modos de inserção da América Latina, p. 249.

<sup>2705</sup> SANTIAGO. Modos de inserção da América Latina, p. 249.

<sup>2706</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2707</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2708</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2709</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70-71.

A poesia, nesse contexto, seria *o veículo de sentimentos e ideias na coletividade dos homens cultos*<sup>2710</sup>, esses, muitas vezes, conforme aponta<sup>2711</sup>, “censurados” pela não-libertação das quinquilharias greco-romanas. Da sua óptica<sup>2712</sup>, tal “quinquilharia”, no Brasil, foi excelente e proveitoso favor de integração cultural ao “estreitar” com a cultura do Ocidente a nossa comunhão de coloniais mestiçados pela aventura de plasmar nos trópicos uma sociedade em moldes europeus. Através desse intento, “O tempo era da literatura universalista, orientada para o que de mais geral houvesse no homem.”<sup>2713</sup>, ademais, “[...] os escritores asseguravam universalidade às manifestações intelectuais da Colônia, vazando-as na linguagem comum de cultura europeia. E com isto realizavam o mais profundo dos brasileiros instruídos.”<sup>2714</sup>.

Da minha perspectiva *outra*, aportada no corolário descolonial de um pensamento próprio, compreendo que as aferições do mestre se dão através de um desejo de integração, mas, em qual medida? Com base no apagamento das especificidades pluriversais dos deserdados quase como se não pudessem pensar por si mesmos quando justapostos aos ditos “homens civilizados”? Para mim, a partir do lugar a partir do qual escavei a fim de pensar à luz do que foi obscurecido pelo projeto da modernidade/colonialidade, a literatura brasileira, para Candido, nasce a partir da exigência de imitar a Antiguidade Clássica do dito “Velho Mundo”, ou seja, só nos tornamos “sistema literário” quando nos predispomos à imitação, à cópia, à reprodução incessante replicando uma falácia hegemônica de que, destes lados tropicais, nada houvesse de contribuição genuína para nenhuma forma de produção artístico-literária.

---

<sup>2710</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 71.

<sup>2711</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 71.

<sup>2712</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 73.

<sup>2713</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 73.

<sup>2714</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 73.

Na clave do que suscita a escritora indígena Márcia Wayna Kambeba<sup>2715</sup>, a literatura nas vidas dos povos indígenas sempre se fez presente; a princípio, através das rodas de conversas abaixo das árvores durante o cair da noite quando os mais velhos se revezavam em contar narrativas próprias às suas cosmologias *outras* aos mais jovens transpassando seus legados históricos às novas gerações. No bojo de tais histórias, evocavam figuras lendárias, como o curupira, o boto e a Matinta enquanto presentificavam o emblema das cosmogonias dos seus povos, suas lutas e resistências estando, portanto, o narrador no centro de tudo em suas práticas peculiares de informações expressivas<sup>2716</sup>. Segundo Kambeba<sup>2717</sup>, não se pode criar tais narradores ou contadores de histórias das aldeias, pois já nascem sabendo narrar e, mais ainda, aprenderam com seus antepassados e com as experiências de conhecimento das florestas. No entanto, questiona: onde está a maior parte dessas literaturas? E responde: nas aldeias, nos cadernos de anotações guardados, nas práticas orais dessas comunidades<sup>2718</sup> que, à maneira que venho problematizando sobremaneira no bojo de Candido, não encontram visibilidade alguma no âmbito do pensamento brasileiro nacional.

A referida autora<sup>2719</sup> assevera ainda que os escritos indígenas existem para deixar aos jovens uma continuidade dos seus legados, para lembrar que suas culturas são um tesouro que não se pode roubar ou mesmo perder, existem para que se sintam responsáveis por seus territórios sagrados e que esses, por sua vez, encontram-se em si e não fora, no que diz respeito ao espaço físico vivido em contínuo estado de habitar a fronteira em luta. Em um preciso sentido no que conclama a premissa do

---

<sup>2715</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 41.

<sup>2716</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 41.

<sup>2717</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 42.

<sup>2718</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 42.

<sup>2719</sup> KAMBEBA. Literatura indígena, p. 44.

pensamento próprio, dá-se *uma construção a partir desses lugares políticos de enunciação, não apenas do movimento indígena, mas dos grupos subalternizados, um pensamento que contrasta, através das diferenças coloniais, com a lógica e significação dos que sustentam os interesses hegemônicos*<sup>2720</sup>. Em outras palavras, o pensamento próprio convoca não apenas um discurso, mas uma *lógica construída a partir da particularidade da diferença colonial enquanto consequência da passada e presente subordinação dos povos, linguagens e conhecimentos*<sup>2721</sup>. Dessa forma, ainda no âmbito dos conhecimentos indígenas, o escritor Tiago Hakiy afirma:

[...] [a] manutenção do legado indígena, legado este que muitas vezes, em noites de lua cheia, ao redor das fogueiras acesas, quando ouvia-se apenas o canto dos pássaros e o silêncio ensurdecedor da floresta, era repassado pelo contador de histórias. O contador de histórias sempre ocupou um papel primordial dentro do povo, era centro das atenções, ele era o portador do conhecimento, e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. *Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, mostrando-nos um caleidoscópio ímpar, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena*. Em sua essência o indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão. Aí está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. *Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.*<sup>2722</sup>

Na seara do que descortina o excerto de Hakiy, só consigo conceber o quanto de experiências e potenciais literário-culturais *outros a Formação de Candido*, em seu paradigma importado, desperdiçou ao se aportar nas necessidades e nos desejos dos *intelectuais letrados de cultura europeia num país semibárbaro*<sup>2723</sup> *na empreitada de seguir os antigos do Velho Mundo em conformidade com o modelo e a imitação*

<sup>2720</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 20.

<sup>2721</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 15.

<sup>2722</sup> HAKIY. Literatura indígena, p. 38, grifos meus.

<sup>2723</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 64.

*literária*<sup>2724</sup>. Frente a isso, interrogo-me: será que uma literatura com *contornos de oralidade, ritos de grafismos e sons de floresta com entrelinhas de ancestralidade*<sup>2725</sup> não tinham quaisquer potenciais para influenciar a formação artístico-literária do Brasil? E, mais, seria ela tão desprovida de *excepcional beleza sem formalismos e sentimentalismos*<sup>2726</sup>, nos critérios hegemônicos de Candido, que foi sequer considerada “manifestação” como o Barroco de Gregório de Matos? E, enfim, como se cotejar a ideia de um pensamento próprio neste lócus pretérito e imperfeito, por excelência, quando o mestre de todos nós acaba por sequestrar totalmente a presença dos povos originários aqui desde os primórdios?

São diversas questões que me tomam de rompante e que se roçam à minha revolta fronteiriça<sup>2727</sup>, ancorada desde o início deste trabalho e que engasta as filigranas da minha *fisiologia da des-formação* enquanto perspectiva problematizadora à última potência. Sendo um pesquisador que escre(vi)ve *a partir de* um dos estados com a maior concentração de povos indígenas do país, o sentido basilar desta tese se perderia por completo caso eu tivesse medo de pensar por mim mesmo e barganhasse com os sequestros realizados pela *Formação* de Candido. Rivalizo com o naturalizado pelos saberes modernos/coloniais universitários deste país pretérito e imperfeito, sobretudo, quando aprendi com Kusch<sup>2728</sup> a reconhecer meu papel como classe média intelectual de, inclusive, reger o pensamento do meu país, ainda que eu possua a compreensão de que não tenho a real liberdade de, facilmente, assumir qualquer maneira de pensar; tomo para mim, sem embargo, minha missão *outra*, intelectual e de vida, de maneira desobediente e desprendida.

---

<sup>2724</sup> GARÇÃO *apud* CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 53, grifos meus.

<sup>2725</sup> HAKIY. Literatura indígena, p. 38, grifos meus.

<sup>2726</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2727</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>2728</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 266.

Na contracorrente, em maior medida, de Candido e, em menor, de Silviano, tematizo o sentir profundo das pluriversalidades dos deserdados brasileiros ao me desprender de especificidades alheias que sobre nós pouco dizem excedendo as barreiras e pensando a partir das margens das categorias econômicas, civilizatórias ou mesmo culturais<sup>2729</sup>. Voltando-me ao corolário defendido por Silviano<sup>2730</sup> no âmbito dos indígenas e a experiência da colonização, opera-se um movimento narcísico em que “o outro” acaba por ser assimilado à imagem refletida do conquistador, em linhas gerais, o originário se torna “o outro” europeu, ou, nos dizeres descoloniais, a exterioridade enquanto o afora da interioridade moderna/colonial. Segundo o mineiro, “Quanto mais diferente o índio, menos civilizado; quanto menos civilizado, mais nega o narciso europeu; quanto mais nega o narciso europeu, mais exigente e premente a força para torná-lo imagem semelhante [...]”<sup>2731</sup> e, assim, “[...] quanto mais semelhante menor a sua força da sua própria alteridade. Eis como se desenrola a ocupação. Eis como a se cria a ‘inteligência’ no Brasil.”<sup>2732</sup>.

Frente à percepção descortinada pelo mineiro, como conjecturar a *Formação* literária defendida por Candido senão em perspectiva crítica da “inteligência brasileira” de Silviano? Para mim, é impossível não considerar a produção literária como um ato provido pela “inteligência”; logo, o campo semântico que se mostra aos meus olhos é, não menos, que o da ficção do narciso europeu direcionada ao indígena originário. Nessa lógica, um *possui História ao passo que o outro apenas estórias imitadas, ficções para os ocupados*<sup>2733</sup>, processo esse que instituiu a classe dominante como detentora do discurso cultural que, ao assimilar “os outros”, recalcou hierarquicamente

---

<sup>2729</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 272.

<sup>2730</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente*, universal, p. 15.

<sup>2731</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente*, universal, p. 16.

<sup>2732</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente*, universal, p. 16.

<sup>2733</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente*, universal, p. 16.

*os valores autóctones e negros que, com ela, entraram em embate*<sup>2734</sup>. Na clave de tal entendimento, para Silviano, “No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser questão de silêncio, é a hierarquização de valores.”<sup>2735</sup> ou, ainda, “Somos explicados e destruídos; somos constituídos, mas já não somos explicados.”<sup>2736</sup>. Ou seja, formação e inteligência brasileiras, nessa lógica, dão-se a partir dos seguintes construtos: uniformização + assimilação + imposição de uma única cultura tornada oficial + recalque e hierarquização de valores daqueles tornados “outros”.

Diante do exposto, o próprio Silviano<sup>2737</sup> deslinda determinadas questões, em absoluto, preponderantes para este debate em especial: como “explicar” nossa constituição? Como refletir sobre a nossa “inteligência”? Soma-se, ainda, como pensar nossa “formação artístico-literária” à luz de tais problemáticas? *Nenhum discurso disciplinar poderá responder a tais demandas sozinho, uma vez que pela História “universal”, somos explicados e destruídos porque vivemos uma ficção desde que nos fizeram da História europeia a nossa estória nacional*<sup>2738</sup>. A saída crítica, para ele<sup>2739</sup>, encontra-se no entre-lugar do discurso latino-americano – já debatido no subtítulo anterior – enquanto, para mim, na descolonização das geo-políticas do conhecimento, sobretudo, no que circunscreve o campo desobediente e desprezado do pensamento próprio daqueles deserdados do projeto da modernidade/colonialidade. Urge, então, tal qual tenho realizado nesta tese, a *necessidade de questionarmos essas “integrações históricas” para que nos afastemos das condições ficcionais impostas como determinantes do nosso passado e, não obstante, desaparecimento futuro*<sup>2740</sup>.

---

<sup>2734</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

<sup>2735</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

<sup>2736</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

<sup>2737</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 17.

<sup>2738</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 18.

<sup>2739</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 18.

<sup>2740</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 18.

Com isso em mente, ainda que Antonio Candido intente apregoar um sentido histórico à sua *Formação*, da minha perspectiva crítica biográfica fronteiriça, esse é sobreposto, através da importação de paradigma alheio imbuído de sua hegemonia interna, pela insígnia do estético quando, ao modo que venho descortinando, suas preocupações se respaldam na internalização nacional de princípios ditos universais e dotados de *beleza em seus formalismos e sentimentalismos*<sup>2741</sup>, imitativos, por excelência, nos moldes da mimesis aristotélica. Enquanto, por outro lado, Silviano Santiago, ainda que munido do ranço pós-moderno desconstrutor, visa entrecortar suas reflexões por campos plurais de bases *histórico-antropológicas, econômicas, sociais, políticas e culturais no sentido mais amplo a fim de compreender a necessidade de o intelectual latino-americano se engastar no embate com disciplinas providas pelo pensamento europeu*<sup>2742</sup>, endossado à exaustão pelo mestre em sua busca pelo *espírito do Ocidente, procurando, novamente, uma nova morada nesta parte do mundo*<sup>2743</sup>.

Há, então, um horizonte diferencial nas leituras efetuadas pelo mineiro<sup>2744</sup> que, para mim, faz-se ausente na *Formação* de Candido, naturalizada pelas universidades, isto é, as violentas taxas de etnocentrismo apostas no cerne das disciplinas europeias quando colocadas no lugar de se autoproclamarem o “direito” de “produção do outro”, a exemplo dos indígenas e afro-brasileiros, invalidando, dessa forma, os rigores críticos dos raciocínios. Nesse preciso sentindo, o mestre<sup>2745</sup> opta por aferir à definição de nossa literatura o caráter de “eminente interessada” estando, de alguma maneira, direcionada à construção de uma pretendida “cultura válida para o país”.

---

<sup>2741</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 70.

<sup>2742</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 19.

<sup>2743</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2744</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 19.

<sup>2745</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 20.

Face ao exposto, pergunto: interessada em quê? A partir de quais critérios? O que seria uma “cultura válida para o país”? Em qual medida é do “interesse” dessa “cultura válida para o país” as presenças e produções indígenas e afro-brasileiras imbuídas de seus pensamentos próprios? Tais apontamentos, por óbvio, são apenas recursos retóricos, no entanto, colaboram com a minha argumentação descolonial neste momento na medida que, agora, transcorro meu discurso dos ideários aportados no Arcadismo para o Romantismo e, por consequência, para a chancela da Independência do Brasil “ocorrida” em 1822 que encerrarão este subtítulo. Segundo a *Formação* aponta:

Seria, aliás, curioso, embora mais injusto ainda, inverter o raciocínio corrente e mostrar que os românticos é que poderiam ser considerados alienadores.... O que escreveram corresponde em boa parte ao que os estrangeiros esperam da literatura brasileira, isto é, um certo exotismo que refresca o ramerrão dos velhos temas. Os velhos temas são os problemas fundamentais do homem, que eles preferem considerar privilégio das velhas literaturas. É como dizer que devemos exportar café, cacau ou borracha, deixando a indústria para quem a originou historicamente. E o mais picante é que os atuais nacionalistas literários acabam a contragosto nesta mesma canoa furada, sempre que levam a tese particularista às consequências finais. A este problema se liga um derradeiro pressuposto do livro, que parece não ter sido bem-compreendido, naturalmente porque o expliquei mal. *Quero me referir à definição da nossa literatura como eminentemente interessada. Não quero dizer que seja ‘social’, nem que deseje tomar partido ideologicamente. Mas apenas que é toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção duma cultura válida no país.* Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional. Os árcades, sobretudo Cláudio Manuel, Durão, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, tinham a noção mais ou menos definida de que ilustravam o país produzindo literatura; e, de outro lado, levavam à Europa a sua mensagem. Não é um julgamento de valor que estabeleço, mas uma verificação dos fatos. Mesmo porque acho que esta participação foi frequentemente um empecilho, do ponto de vista estético, tanto quanto foi, noutros casos, uma inestimável vantagem.<sup>2746</sup>

A partir do exposto pelo fragmento de Candido, mostra-se às vistas que, no tangível aos nossos processos formativos, havia um ponto conflitante entre a percepção crítica atrelada aos escritores árcades e, por outro lado, aos românticos. Assim, aos primeiros, existia um posicionamento literário respaldado na imitação dos modelos greco-romanos pela baliza da representação pseudo-universalista mimética

<sup>2746</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 19-20, grifos meus.

aristotélica a todo custo, ao passo que, para os segundos, a preocupação estava assentada menos em critérios estéticos e mais na tentativa de construir uma dita “identidade nacional” embebida das particularidades locais deste Brasil pretérito e imperfeito – ainda que atravessados pela exotização à última instância dos povos indígenas originários, a exemplo de *Iracema* (1865) do autor José de Alencar. Nesse preciso sentido, o mestre<sup>2747</sup> acaba por, de algum modo, considerar tais românticos enquanto alienadores, escrevendo justamente aquilo que seria esperado pelos *loci* estrangeiros centralizados, imbuídos de teses particularistas levadas às últimas instâncias. Ademais, assegura o viés “eminente interessado” desta nossa literatura brasileira quando seu cerne estava voltado à tentativa de “construir uma cultura válida no país”, ou, ainda, inscrevendo-se “em um processo histórico de elaboração nacional”.

Dessa maneira, Candido afirma que tais tentativas, em alguma medida, foram um “empecilho” à óptica pautada no ponto de vista estético e, em outros momentos, uma “inestimável vantagem”. Para além do fragmento reproduzido, mas ainda no que compete à *Formação*, o intelectual<sup>2748</sup> resente o fato de que os escritores tiveram seus “voos imaginativos” tolhidos pela necessidade pós-colonial empenhada à formulação de uma literatura brasileira nacional com coloração própria, pois, ao fazê-lo, ficavam em débito com os critérios estéticos pretendidos universais erigidos das metrópoles no arrematar do *espírito ocidental*<sup>2749</sup> a partir do qual nossa *literatura seria, então, pobre e fraca*<sup>2750</sup>. Em torno do caráter “empenhado” de nossa literatura, “[...] poucas têm sido tão conscientes de sua função histórica, em um sentido amplo. Os escritores neoclássicos são quase todos animados do desejo de construir uma

---

<sup>2747</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 19-20.

<sup>2748</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2749</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2750</sup> CANDIDO apud SANTIAGO. *A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial*, p. 31.

literatura como prova [...]”<sup>2751</sup> de que “[...] os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus, e mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento, estão visando este aspecto.”<sup>2752</sup>.

Diante disso, mediante à teorização que venho escre(vi)vendo nesta tese fronteiriça, é escusado afirmar nossas potencialidades artístico-literárias de pensarmos e produzirmos por nós mesmos, caminharmos com nossas próprias pernas e em torno das reais problemáticas que, há séculos, são renitentes nestes trópicos verde-amarelos. Em um preciso sentido, *podemos e devemos pensar enquanto não-europeus*<sup>2753</sup>, *invertendo o mapa da América do Sul pari passu à subversão daquilo tudo que nos foi imposto*<sup>2754</sup>; no entanto, através das citações transcritas de Candido, parece-me que nunca conseguimos, de fato, libertarmo-nos da presença dos universalismos abstratos, posto que tal ensejo prefigura, em nós ex-colonos, quase que um fim desejante de tudo e qualquer coisa que se produza neste lócus. Como contrarresposta a isso, só posso me munir do ensejo pós-abissal delineado por Boaventura de Sousa Santos quando defende *aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul*<sup>2755</sup> irrompendo, portanto, uma cisão na busca automutiladora e aos sequestros perpetrados pelos, nas palavras de Candido<sup>2756</sup>, “moldes universalistas” dos saberes e das literaturas.

No pluriverso ao tensionado, o pensamento próprio apostado nesta discussão é, como condição *sine qua non*, aquele emergido *a partir dos* deserdados do projeto da modernidade/colonialidade pelo entrecortar de nossas sensibilidades biográficas e geoistóricas enquanto exterioridades, por excelência, das metrópoles centralizadas.

<sup>2751</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2752</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2753</sup> Cf. *¿Podemos pensar los no-europeos?* organizado por Facundo Giuliano.

<sup>2754</sup> TORRES-GARCÍA *apud* SANTIAGO. Modos de inserção da América Latina, p. 249.

<sup>2755</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>2756</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

Por esse viés, concebo que tal percepção teórica me auxilia a desencobrir muito do que ficou escamoteado, escondido, apagado e invisibilizado neste Brasil pretérito e imperfeito no engaste da *fisiologia da des-formação* como premissa problematizadora de nossos lugares epistêmicos de, na maior parte das vezes, estarmos voltados para o que mais nos é estrangeiro. Em um preciso sentido, o pensamento *outro* é aquele que corre, obrigatoriamente, por fora, pela borda e pelas zonas fronteiriças da matriz colonial de poder; então, tal *des-formação* só poderia ser pensada através dele resgatando o que foi recalcado pelo pensamento crítico brasileiro, seja por Silviano ou, em maior instância, por Antonio Candido. Mesmo que o mestre apregoe um significado *desejante de construção de uma literatura nacional consciente de sua função histórica*<sup>2757</sup>, para uma perspectiva descolonial, isso não basta, pois no afora do conceito de formação estão congregados muitos dos já excluídos pelos processos colonizatórios e imperiais.

Tal como Kusch<sup>2758</sup> aponta, viemos, ininterruptamente, apenas administrado conhecimentos europeus de forma como se tais saberes fossem, aquilatados em suas próprias diversidades internas, pertencentes à uma épica generalista e homogênea da humanidade sem quaisquer equilíbrios com suas bordas. Quanto a esses saberes da interioridade, pouco temos a ver, apenas os utilizamos e reproduzimos, muitas das vezes sem considerar que escre(vi)vemos *a partir de um lócus afro-indígena transmutado em passivo, retrógrado e fonte de tiranos com grupos sociais indesejáveis em justaposição a epistemologias tornadas ficcionalmente universais, evadidas de seu continente geográfico e epistêmico*<sup>2759</sup>. Suscitado pelo descortinar do intelectual argentino<sup>2760</sup>, embebido da construção crítica do pensamento próprio,

---

<sup>2757</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2758</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 285.

<sup>2759</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 521.

<sup>2760</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 472.

incorremos na despersonalização decorrida pelos saberes puramente racionais e estéticos cujo espectro latente temos o dever de combatermos nos voltando aos nossos fundos pessoais de pensamento. A isso, alia-se o *estar do pensamento próprio*, ao invés do ser, *em um re-fazer cultural ocidental em torno do que foi segregado na vida cotidiana nestas zonas liminares onde confluem pensares antigos indígenas e aqueles ocidentais fragmentados e hospedados*<sup>2761</sup>.

Com a pluriversalidade do pensamento próprio em questão, sobremaneira, quando juxtaposta aos universalismos abstratos endossados pela *Formação*, Candido<sup>2762</sup> destaca que, no período pós-Independência, o pendor da sobreposição particularista se acentua em detrimento aos vieses estéticos aos escritores considerarem suas atividades literárias enquanto partes integrantes do esforço em prol da construção de um Brasil livre. Leva-se a cabo, então, a tentativa de cumprimento de um programa visando a diferenciação e a particularização de temas afins às descrições dos espaços que, conforme o mestre<sup>2763</sup> defende, exprimiam encarnações literárias do espírito nacional *pari passu* à redundância dos autores prejudicados e desnorteados no que dizia respeitado às empreitadas, em eminência, estéticas. *Grosso modo*, “[...] a ponto de sermos obrigados, para acompanhar até os limites as suas manifestações, a abandonar o terreno específico das belas-letras.”<sup>2764</sup> e, não obstante, assevera que “[...] os escritores se sentiram frequentemente tolhidos no voo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de escrever a realidade imediata [...]”.<sup>2765</sup> Destaco, portanto, o ponto fulcral de preocupação do intelectual, isto é, o quanto se “perdeu”

---

<sup>2761</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 472.

<sup>2762</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2763</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2764</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2765</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

de estético das *belles lettres* quando, no pós-Independência, urgia-se a necessidade de se pensar um Brasil pretendido próprio e independente.

Pelo entrecortar do Romantismo e da Independência, Candido<sup>2766</sup> afere aos árcades neoclássicos as insígnias de “sistematização literária” em benefício das “concepções universais” atravessadas pelo “rigor da forma” e pela “contenção emocional” ao passo que os românticos seriam os “atrasados do meio” e permeados por sua “indisciplina romântica”. Ademais, a *Formação*<sup>2767</sup>, ainda que desprovida de quaisquer aferições críticas de base *outra* ou mesmo próprias desprendidas de uma matriz colonial de poder, afiança que os autores brasileiros possuem poucas gratuidades que viriam a dar asas às obras de arte estando, por outro lado, aportadas na fidelidade documentária ou sentimental vinculada à experiência brutal. À luz dessa, recordo-me do descortinado por Kusch<sup>2768</sup> quando discute o mapa do Peru feito por Guamán Poma, uma vez que, caso fosse pensando através das bases do pensamento moderno/colonial, poderia ser real, mas pouco teria de relação com o que os peruanos pensavam sobre seu próprio país. Seria, pois, *impessoal, elaborado pelo anonimato da ciência e aceito pelas maiorias esmagadoras das estatísticas*<sup>2769</sup>.

Semelhante é, portanto, o problematizado por Kusch a partir de Guamán Poma no Peru com o que venho tensionando nesta tese, fronteira e revoltosa, na égide da *Formação* de Candido e, não menos, pelo entrecortar das reflexões de Silviano. Para além do já mencionado sequestro dos indígenas e afro-brasileiros nos nossos processos formativos, compreendo que, na alcunha de um pensamento próprio aportado neste Brasil do pretérito imperfeito, o mestre afere pouca relevância a quaisquer tentativas de construções literárias *outras* de um país independente, livre e

---

<sup>2766</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2767</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2768</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 266.

<sup>2769</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 266.

que pudesse caminhar sozinho desprovido da sombra renitente da metrópole colonizatória e imperial. Ainda que os românticos escrevessem sob a pluma de critérios exotizados e estereotipados dos indígenas, havia, de algum modo, uma diminuta preocupação em torno dos povos indígenas, no entanto, a isso, Candido<sup>2770</sup> afere “imaturidade por vezes provinciana” dando à literatura “sentido histórico e excepcional poder comunicativo”, apenas.

Conforme apregoa o intelectual argentino<sup>2771</sup>, nestes trópicos, oscilamos entre francas subjetividades que nos afetam e atitudes científicas, por que não literárias nos termos da *Formação?*, cuja rigidez é esgrimida com o intento de encobrir cada um dos deserdados e excluídos que optam por não as canalizar. A fim e a cabo, *pensamos com base nas pressões que culturas importadas exercem sobre nossos foros internos e, mais ainda, na importância que tal foro influi sobre a elaboração de nossas culturas próprias cujo cerne é enviesado pela perpetuação e legalização de saberes importados*<sup>2772</sup> – cultura no plural, dada a quase impossibilidade de pensá-la no singular em termos de Brasil. Tomado pela ética e posicionamento *outros* do meu modo fronteiriço de teorizar estes escritos no engaste das filigranas de minha corpo e geo-políticas dissidentes aportadas, por excelência, em um *estar* localizado, geo e epistemicamente, no Sul global, revisto-me menos do “*real*” detectado pela ciência e pelas *belles lettres* e muito mais pelas realidades que cada deserdado produz *cotidianamente*<sup>2773</sup>.

Abalizando meus escritos na baliza da *fisiologia da des-formação* possibilitada pela inscrição pujante de um pensamento próprio deste Brasil do pretérito imperfeito, meu engaste epistêmico se trata, antes de qualquer coisa, *de um conhecimento de*

---

<sup>2770</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2771</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 266.

<sup>2772</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 266.

<sup>2773</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 269.

*peças a priori a um conhecer das coisas*<sup>2774</sup> que de muito longe vieram e que, conforme Candido<sup>2775</sup> ressoa, encontraram morada nesta parte do mundo. Permito-me, à maneira da defensiva crítica de Kusch<sup>2776</sup>, conhecer sensibilidades e histórias locais *outras* me abrindo para mundos específicos esquecidos angariando, ao mesmo tempo, possibilidades de construções pluriversais na contracorrente dos preconceitos alcunhados pelas elites científicas e literárias que escolhem desconsiderar os nossos reais problemas<sup>2777</sup>. Com o exposto pelas percepções descoloniais arroladas, Silviano<sup>2778</sup>, ao seu modo em torno do espectro romântico do século XIX, afirma que nos trópicos, à diferença da Europa, o Romantismo não foi uma abertura das fronteiras, mas, sim, encasulamento. Já em Candido, no mesmo contexto, tais tentativas de se construir um país livre deram margem ao que denomina de “nacionalismo infuso”<sup>2779</sup> a partir do qual contribuiu para a renúncia à imaginação e à incapacidade de aplicá-la à representação do real.

Em somatória, postula<sup>2780</sup> ainda que se decorreu um contexto literário onde coexistiam realismo e fantasia, documento e devaneio em uma mesma obra citando, como exemplo, os escritos de José de Alencar – autor evocado à frente com base nas reflexões de Silviano. Favorece-se, para a *Formação*, expressões de um conteúdo humano significado para os estados de espírito desta sociedade que, conforme arregimenta, “estruturava-se em bases modernas”, lembremos da percepção do mestre em torno do Iluminismo por aqui já discutida no subtítulo anterior. Logo, esse nacionalismo artístico “[...] não pode ser condenado ou louvado em abstrato, pois é fruto de condições históricas, – quase imposição nos momentos em que o Estado se

<sup>2774</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 281.

<sup>2775</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 12.

<sup>2776</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 283.

<sup>2777</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 462.

<sup>2778</sup> SANTIAGO. *Alegoria e palavra em Iracema*, p. 279.

<sup>2779</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2780</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

forma e adquire fisionomia nos povos antes desprovidos de autonomia [...]”<sup>2781</sup>. Suscitado pelo fragmento apostro, justapõem-se pontos como: *autoconsciência nos povos velhos ou novos que penetram no ciclo da civilização ocidental esposando, pós-Independência, suas formas de organização política requerendo setores da vida mental a partir dos quais se delineava um esforço de glorificação dos valores locais*<sup>2782</sup>. Contudo, mesmo que em alguma medida afira valorização positiva às *práxis* dos escritos românticos, Antonio Candido não se desprende tampouco desobedece à universalidade do Ocidente.

Ou melhor, reitera que tal prática “[...] compromete a universalidade da obra fixando-a no pitoresco e no material bruto da experiência, além de querê-la [...] empenhada, capaz de servir aos padrões do grupo.”<sup>2783</sup>. Frente ao conjecturado, questiono: quais materiais brutos da experiência? Servindo aos padrões de quais grupos? Isso, pois, à maneira que já corroborei, é ausente nas formulações do mestre as presenças de quaisquer deserdados e sequestrados pelos moldes modernos/coloniais em detrimento à supremacia universalista e homogênea dos princípios universais, esses, por sua vez, obrigados a serem imitados à última potência por estes tristes trópicos impossibilitados de formularem seus princípios formativos culturais-literários por si mesmos mesmo que entrecortados pelo espírito galgado pela Independência de 1822. Ignora-se, nessa visada, *quaisquer ensejos de rupturas epistêmicas, literárias ou culturais tendo por base o passado e presente experienciados enquanto realidades de dominação, exploração e marginalização que se constituem simultaneamente como consequência da modernidade e da*

---

<sup>2781</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2782</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>2783</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

*colonialidade*<sup>2784</sup>. Se, para Candido, a modernidade foi uma benesse à racionalidade das *belle lettres*, para mim, que *aprendi que existe o Sul, a ir para o Sul, a partir do Sul e com o Sul*<sup>2785</sup>, sua recorrência por aqui tem sido tão somente a transmutação de um processo imperialista a todo custo.

No que implica termos particulares, a *Formação* certifica que o intento universalista de que “Sempre que se particularizou, como manifestação afetiva e descrição local, adquiriu, para nós, a expressividade que estabelece comunicação entre autores e leitores [...]”<sup>2786</sup> essa, por sua vez, “[...] a qual a arte não passa de experimentação de recursos técnicos.”<sup>2787</sup> O mestre<sup>2788</sup>, então, tenta negociar os jogos entre forças universais e nacionais, técnicas e emocionais, que acabaram por conjecturar as permanentes misturas entre as tradições europeias e as descobertas deste Brasil, pretérito e imperfeito da minha perspectiva descolonial. Quando apregoa caráter “interessado” à nossa literatura, Candido<sup>2789</sup> o faz mediante uma percepção enviesada de “brasilidade” com base na presença de elementos descritivos locais como traços diferenciais e critérios de valor desprovidos de tradições afro-brasileiras e indígenas enquanto, para mim, presenças incontestáveis em todo e qualquer discussão debruçada sobre o que é, de fato, o Brasil profundo, o quê e quem produz *a partir desse* espaço-tempo geohistórico e epistemológico engastado no arrabalde do Sul global.

Ainda no entorno do espectro romântico, o autor de a *Formação*<sup>2790</sup> assevera que a literatura brasileira, para seus agentes, “começou propriamente” pelo

---

<sup>2784</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 14.

<sup>2785</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>2786</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2787</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2788</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2789</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2790</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 30.

entrecortar das temáticas indianistas a partir das quais agiam como adolescentes mal seguros, negando a dívida paterna, em detrimento a Portugal, tendo em vista que, segundo o referido crítico, nossa literatura seria, não menos, que ramo da portuguesa. Ademais, angaria<sup>2791</sup> que poderia considerá-la independente desde Gregório de Matos ou após aos românticos Gonçalves Dias e José de Alencar, todavia, respalda sua óptica no plasmar do literário enquanto “fenômeno da civilização”, dos homens brancos e letrados, diga-se de passagem, e não como algo diverso ao produzido pela portuguesa. Em elementos precisos em torno dos contornos do Romantismo, nossa naturalizada *Formação* concede, então, aos românticos, o corolário de um nacionalismo crítico cujo valor aferido à obra seria muito mais dependente dos seus potenciais representativos do que, à revelia dos árcades, das quinquilharias greco-romanas. Diante de tal contexto, retoma à Época da Luzes ao defender que apenas com a vinda de d. João VI a estes trópicos que se convergiu a promoção e consolidação da Independência:

*[...] foi todavia com a vinda de d. João VI que o Brasil conheceu realmente, embora em escala modesta, a sua Época das Luzes, como entrosamento da iniciativa governamental, do pragmatismo intelectual, da literatura aplicada, que finalmente convergiram na promoção e consolidação da Independência. Se a poesia desse momento é de qualidade inferior, são excelentes o ensaio e o jornalismo, que, levando à consequência lógica as tendências didáticas da Ilustração, tomam o seu lugar no espírito dos melhores e contribuem para criar a atmosfera de cujo adensamento sairiam as iniciativas de independência literária. As tendências do século XVIII se coroam, entre nós, pelas obras de liberais como Hipólito da Costa, frei Caneca e Evaristo de Veiga, a cujo lado operam os 'realistas', os conservadores que trazem o elemento de freio, mas que, na perspectiva brasileira, são igualmente ilustrados, conscientes dos problemas do país, voltados para a aplicação da inteligência ao progresso. Como o seu paradigma, José Bonifácio, poderiam bradar: 'Eu também sou cristão e filantropo!'. Cristianismo, concebido como fraternidade, não clericalismo. filantropia, ou seja, disposição de promover o bem dos homens pela razão: eis o lema destes maçons com ou sem batina, que entregam ao jovem Pedro II e aos jovens românticos as rédeas de uma cultura orientada pela razão, a verdade e o culto da natureza.*<sup>2792</sup>

<sup>2791</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 30.

<sup>2792</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 69, grifos meus.

Diante do debate empreendido pelo mestre em torno do par Romantismo/Independência e seus atravessamentos pelo Iluminismo, consciência em torno dos problemas do país, aplicação da inteligência e do progresso, disposição de promover o bem dos homens pela razão e, não obstante, o ideário de uma cultura orientada pela verdade, no singular, retomo as reflexões de Silviano no que circunscreve o mesmo entorno histórico. Conforme já mencionei à luz do mineiro<sup>2793</sup>, a clave romântica por aqui se deu não pela abertura das fronteiras, e, sim, por um encasulamento político e literário, pelo menos no que diz respeito às aparências e à consciência do que se ensejava produzir. Corroborado por tal opção, desvela-se o *próprio tema do exílio sob forma conflitiva enquanto reforço por oposição aos instintos pátrios, quer dizer, do encurralamento*<sup>2794</sup>. Nessa guisa, a literatura passa a ser mais do que nunca “[...] forma e expressão do nacionalismo nascente, e que dois dos principais temas do Romantismo europeu aportem e recebam as cores verde e amarela [...]”<sup>2795</sup>, ou seja, “[...] a descrição da natureza e o indianismo. Basicamente, estes temas se desenvolvem na Europa e no Brasil de maneira semelhante, inclusive se originam das mesmas fontes; nos fins é que se distanciam.”<sup>2796</sup>.

Mais uma vez, encontro-me impossibilitado de problematizar tais questões de um prisma crítico biográfico fronteiriço sem me contaminar pelas minhas próprias sensibilidades biográficas e, ao mesmo tempo, revisitar minha formação escolástica. Pensar em Romantismo, arregimentado pelas filigranas do meu eu adolescente, transporta-me automaticamente para as aulas de literatura durante as manhãs do ano de 2013 quando, já tendo optado pelo curso de Letras, percorria as fases românticas através de uma historiografia datada e povoada por inacabáveis características dos

---

<sup>2793</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 279.

<sup>2794</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 279.

<sup>2795</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

<sup>2796</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

elementos que “compunham” tal período pelas veredas de nacionalismos, indianismos exotizados, pessimismos e críticas sociopolíticas permeados pela urgência, à época, de se cotejar uma literatura “do” Brasil e não apenas “no” Brasil. Hoje, suscitado pelas percepções de um pensamento próprio, compreendo o *proceder metódico e metodológico realizado naquele espaço-tempo escolar e seus fins didáticos*, entretanto, agora, posso *buscar me assegurar em perspectivas outras, ou melhor, em outros pontos de partida desencobrendo áreas que as excessivas colonizações nos suprimiram*<sup>2797</sup>.

Melhor dizendo, neste meu tempo do viver *a partir do qual teço minha tese de doutoramento*, entrevejo aquilo que, nos idos escolares, nem mesmo meus professores talvez conseguissem conceber, isto é, que a ideia de negação do próprio circunscrito no Brasil profundo, pretérito e imperfeito, antes de tudo, fosse *tomado como afirmação implícita do que torna os ditos “outros” pensando em categorias que não aquelas pretendidas em captar o suposto “todo”*<sup>2798</sup>. Na baliza do pensamento próprio, posso compreender que *a negação deixa de ser um fechamento para, então, tornar-se abertura*<sup>2799</sup> às pluriversalidades que grassam das bordas, margens, periferias e fronteiras as quais foram deixadas de fora das prospecções literário-culturais formativas – por Candido, em alguma medida, por Silviano e, ainda, por meus docentes no período colegial. Em um estrito sentido romântico, perfilam-se *processos de (reconhecimento) em que os artistas intentam se tornar conscientes dos limites pátrios, um desejo de observar, de maneira objetiva, aquilo que os cerca*<sup>2800</sup>. Daí reside, então, a proeminência dos elementos indianistas e particularistas locais do Romantismo pós-Independência cujo estrato Candido acaba por aferir a insígnia de

---

<sup>2797</sup> KUSCH. *La negación en el pensamiento popular*, p. 570.

<sup>2798</sup> KUSCH. *La negación en el pensamiento popular*, p. 571.

<sup>2799</sup> KUSCH. *La negación en el pensamiento popular*, p. 571.

<sup>2800</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

“imaturidade provinciana”<sup>2801</sup> quando justapostos aos árcades em suas imitações à última potência.

Conforme Silviano<sup>2802</sup> evoca, descrever a natureza, para os românticos, seria o equivalente ao (re)conhecimento da paisagem tropical a qual estavam imersos ao passo que buscavam se aproximar mais ao solo que pisavam. *Pela objetividade representativa, tentaram aviar as cores já vivas exagerando o recurso pitoresco o que, ao contrário do suposto a priori, delinearam apenas exercícios estilísticos* a ponto de, como o mineiro reproduz, Machado de Assis criticar tais *práxis*: ‘Um poema não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais.’<sup>2803</sup> e continua: “Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os toques, a que estes sejam naturais, não de acarreto.”<sup>2804</sup>. No chancelar de tal lógica, é posto, para minha perspectiva do pensamento próprio, que não havia nem nos românticos, tampouco na leitura formativa de Candido, possibilidades pluriversais de se *gestar um conhecimento outro ou mesmo pensamento outro conscientes das eminências das diferenças coloniais em posição de exterioridade*<sup>2805</sup>.

Ademais, *à la* ao ressoado por Walsh<sup>2806</sup>, não se trabalhou para transgredir as fronteiras do que foi figurado como hegemônico, interior e/ou subalternizado em esferas políticas, sociais, culturais e literárias afins à descolonização das estruturas e dos paradigmas dominantes em sua pretendida padronização cultural responsável por aquilatar o conhecimento dito “universal” do Ocidente. Pelo contrário, *exportou-se*

---

<sup>2801</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

<sup>2802</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

<sup>2803</sup> ASSIS *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

<sup>2804</sup> ASSIS *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 280.

<sup>2805</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 15.

<sup>2806</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 15.

*para a Europa o índio e o indianismo como matéria-prima retornando, para nós brasileiros, como formas de reações políticas, sociais e literárias contra Portugal e, ainda, tentando proporcionar um retorno às pretendidas “verdadeiras fontes” do Brasil*<sup>2807</sup>. Quero dizer, na esteira de Silviano<sup>2808</sup>, uma busca pelos sentimentos de “brasilidade”, desprovida dos reais afro-brasileiros e indígenas, passível de nos tornar ímpar entre os pares; nesse contexto, *exotismo, para o viés romântico, retomaria uma bandeira sociopolítica apregoada ao nacionalismo enquanto afirmação final, à revelia da fuga romântica do europeu*<sup>2809</sup>, posto que, como evoquei à luz de Candido, às ditas “Velhas Culturas” se fazia desnecessário tal ímpeto de construção nacional.

Pelo crivo da lógica corroborada, Silviano<sup>2810</sup> afirma que se daria a Independência política para, então, dar-se a literária. Contudo, no suscitar do pensamento próprio, interrogo: a que custo? Realmente nos tornamos independentes em algum momento, sobretudo em um plasmar artístico-cultural, ou apenas experienciamos vislumbres de liberdade? Frente a isso, *não importava se tais índios seriam europeizados, como Iracema, o importante seria expressar uma ideia forjada de Brasil buscando produzir o “verdadeiro poema nacional, tal como imaginado”*<sup>2811</sup>, construto esse, em absoluto, desprovido de quaisquer problematizações embasadas nas diferenças coloniais que entrecortam, desde sempre, nossos corpos e saberes, inclusive no que empreende, em maior medida, Candido, e ressalvadas suas diferenças, Silviano. A propósito da personagem *Iracema*, o mineiro<sup>2812</sup> pontua que mesmo sendo idealizada aos moldes dantescos como uma nova Beatriz dos trópicos ou mesmo figurada nas cantigas de amores medievais em suas idealizações, ainda

---

<sup>2807</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 282.

<sup>2808</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 282.

<sup>2809</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 283.

<sup>2810</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 283.

<sup>2811</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 283.

<sup>2812</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 283.

assim, estaria em José de Alencar a proposta de escrever seu poema nacional à maneira que imaginava. Trata-se, no âmbito suscitado, *não de julgar os românticos, mas de compreendê-los se simpatizando com seus criadores*<sup>2813</sup>.

Ao escre(vi)ver pelo lado fronteiro da matriz colonial de poder, a isso, só posso oferecer desobediência e desprendimento em consonância à proposta do pensamento próprio alocado no cerne da minha *fisiologia da des-formação* em pluriversalidade latente a Candido e a Silviano. Se Afrânio Peixoto acaba por aferir à *Iracema* a insígnia de “[...] poema das origens brasileiras, noivado da Terra Virgem com seu Colonizador Branco, pacto de suas raças na abençoada Terra da América.”<sup>2814</sup>, novamente, elejo a ancoragem pós-abissal de *aprender que o Sul existe, a ir para ele pensar a partir dele*<sup>2815</sup> sem recair nas armadilhas minadas dos processos formativos literários a partir dos quais nossos deserdados e sequestrados, não apenas pelo colonizadores aportados aqui no século XV, só podem existir se exotizados, estereotipados e sem quaisquer ressonâncias de suas próprias vozes. *Iracema* pode até ser o anagrama escondido de América, como Peixoto afirma<sup>2816</sup>, entretanto, há muitos outros pontos concernentes aos povos indígenas deste Brasil do pretérito imperfeito que ficaram escondidos e apagados e que, até hoje, muito dos pensadores brasileiros continuam insistindo em ignorar quase como se suas presenças por aqui nada tivessem influído no corolário da formação de uma ideia de “brasilidade”.

Face a *Iracema*, delineia-se, portanto, *a idealização do Brasil como era feita na literatura de informação acerca do espaço dito “recém-descoberto”, ademais, com seu caráter feminino, acabaria por atrair pela sua aparência o estrangeiro até enfeitiçá-lo*

---

<sup>2813</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 283.

<sup>2814</sup> PEIXOTO *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 281.

<sup>2815</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

<sup>2816</sup> PEIXOTO *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 281.

com o licor de Jurema que a Índia ministraria<sup>2817</sup>. Em outros termos, Silviano<sup>2818</sup> defende o argumento de que seria a alegoria do nascimento do Brasil, da civilização brasileira permeada pelo contato entre portugueses e índios, arquitetada cuidadosamente por José de Alencar. E, mais, no que diz respeito a muito do pensamento brasileiro e me encaminhando para as reflexões finais deste subtítulo, Machado de Assis vocifera que: “É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum, e isso basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária”<sup>2819</sup>, em somatória, o futurista Graça Aranha assevera que: “O nosso privilégio de não termos o passado de civilizações aborígenes facilitará a liberdade criadora [...] O Brasil não recebeu nenhuma herança estética dos seus primitivos habitantes, míseros selvagens rudimentares.”<sup>2820</sup>.

Ante absurdos e preconceitos sem precedentes reproduzidos, ainda que eu tenha desvelado múltiplas problematizações em torno de Mário de Andrade e Oswald de Andrade no capítulo II desta tese, talvez, a esses, em comparação com Machado de Assis e Graça Aranha, pode-se conceber alguma proximidade com o corolário pluriversal deste Brasil pretérito e imperfeito. Urge destacar que é *insuportável não conseguir pensar pelo afuera da tradição ou dos cânones impostos*<sup>2821</sup>, sejam pelos estrangeiros ou mesmo por intelectuais do pensamento crítico brasileiro aportados em teorias itinerantes hospedadas aqui à exaustão. Pelo intento do pensamento próprio, cotejo, mais uma vez, *a necessidade de questionarmos as possibilidades e impossibilidades de pensarmos por fora do naturalizado e estabelecido, podemos*

---

<sup>2817</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 281.

<sup>2818</sup> SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 297.

<sup>2819</sup> ASSIS *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 297.

<sup>2820</sup> ARANHA *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 297.

<sup>2821</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 72.

*pensar os não-europeus?*<sup>2822</sup> É claro que sim, não só podemos, como devemos doar a quem doar, independentemente de quem ou do que precisemos nos desprender em quaisquer medidas, ao modo que declino minha teorização *outra* nesta tese de matiz fronteiriço à última potência.

Convoco em minhas letras descoloniais, *éticas outras, políticas outras e lógicas outras articuladas por fora da lógica da colonialidade e da retórica da modernidade*<sup>2823</sup> sem barganhar com tais paradigmas em nenhuma medida, em um preciso sentido do que compete a este capítulo, nem com Candido nem com Silviano quando entrevejo suas visadas críticas embebidas de importações viciantes. Escavo, pela chancela da minha *fisiologia da des-formação*, um tempo-espaço convidativo ao pensamento próprio enquanto condição *sine qua non* para se refletir descolonialmente fomentando políticas de teorizações respaldadas na crítica biográfica fronteiriça, como há quase dez anos vem me ensinando meu professor e orientador Edgar César Nolasco<sup>2824</sup>. Defendo, não menos, que um pensamento próprio *calcado na redistribuição geopolítica do conhecimento no pluriverso à forma como foi organizado pelo Ocidente e pelo seu imaginário dominante de autodefinição do sistema mundial moderno*<sup>2825</sup>, cujo substrato central, muitos dos nossos intelectuais brasileiros escolhem ignorar ou mesmo tratar de maneira secundária.

Direcionando-me às linhas conclusivas deste subtítulo, quero entender que minha teorização própria, aprendida como as ressonâncias crepusculares destas minhas fronteiras geoistóricas e epistêmicas, *descortina conhecimentos e lugares*

---

<sup>2822</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 72.

<sup>2823</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 72.

<sup>2824</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 72.

<sup>2825</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 73.

*outros a partir dos quais também se produzem saberes*<sup>2826</sup>, artes e literaturas, ainda que nossos processos formativos escolásticos, brancos, patriarcais, masculinizados, dos centros e embebidos de paradigmas modernos/coloniais não os reconheçam. Ao modo que Mignolo<sup>2827</sup> assegura, tais perspectivas descoloniais, na contracorrente das ópticas imperiais, não ensejam dominar nem humilhar, mas, sim, inspirar-se em suas próprias limitações e abertas ao que foi deserdado e sequestrado múltiplas vezes de modo ininterrupto. Com isso, direciono-me ao último entrecho deste capítulo debruçado sobre o conceito em si mesmo de uma *des-formação*, atravessado pelo entendimento de que estou *propondo transformações e não pedindo por reconhecimento nem inclusão*<sup>2828</sup>. O que proponho é, não menos, *perspectivas outras circunscritas em ordens geo-políticas de produção dos saberes*<sup>2829</sup> e, não obstante, dos nossos processos formativos literário-culturais, nada menos e sem quaisquer possibilidades de barganhas modernas/coloniais.

---

<sup>2826</sup> NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 73.

<sup>2827</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça, p. 73..

<sup>2828</sup> MIGNOLO *apud* WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 25.

<sup>2829</sup> WALSH. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial, p. 29.

### 3.4 – A exaustão do paradigma em horizonte comparatista: des-formando universalismos

O problema do desenvolvimento nacional nunca deixará de ser alicerce e impulso para a reflexão, daí que a agonia do discurso de formação seja mero cansaço epistemológico. Este, no entanto, assinala que o paradigma está a perder a condição de prioritário. *A exaustão deriva de transformações significativas na definição de prioridades nacionais, das prioridades materiais no novo milênio que exigem outro feixe de discursos afins e complementares, que constituirão novo paradigma.* [...] A iminência do corte epistemológico nos leva a detectar um buraco de grandes proporções no discurso de formação, que foi escavado pela ignorância no tocante a novas questões e a novos objetos. Hoje, a produção discursiva deve fundar e disseminar novo paradigma.

SANTIAGO. Formação e inserção, p. 261-262, grifos meus.

Há mais de quarenta anos eu disse que '*estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada*', porque a nossa produção foi sempre vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. Daí ter havido uma espécie de comparatismo difuso e espontâneo na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do romantismo, quando os brasileiros afirmaram que a sua literatura era diferente da de Portugal.

CANDIDO. Literatura comparada, p. 211, grifos meus.

É pelo corroborar as filigranas críticas biográficas fronteiriças circunscritas nos subtítulos anteriores e debruçadas sobre a perspectiva *outra* de uma *fisiologia da des-formação* que este entrecho final de tese está assentado e, por sua vez, disposto conceitualmente. Em outras palavras, quero, agora, a fim de concluir minhas reflexões descoloniais, direcionar-me à, de algum modo, sistematização epistêmica do que venho evocando enquanto des-formação no engaste, pela diferença pluriversal, das reflexões dos mestres Silviano Santiago e Antonio Candido em prol da minha hipótese deste nosso Brasil do pretérito imperfeito. Para tal, foi necessário que, *a priori*, no que compete à totalidade do capítulo, eu transcorresse as insígnias teóricas do paradigma *outro* e do pensamento próprio como estratégias indispensáveis à teorização pleiteada e, não menos, emergentes à luz das particularidades do meu biolocus corpo-geopolítico exteriorizado em consonância à retomada daquilo que fora desconsiderado pelos ditos discursos oficiais em torno dos nossos processos formativos culturais-

literários para, enfim, assentar-me, por excelência, na proposta *outra* da des-formação.

Dito isso, à revelia de outros conceitos tensionados nesta tese, não apenas no presente capítulo, mas na totalidade do trabalho, a des-formação não desfruta de horizontes epistêmicos prontos e acabados, isto é, previamente discutidos por intelectuais terceiro-mundistas através de campos delimitados no conjecturar dos estudos críticos biográficos fronteiriços. Pelo contrário, pressupõe, de antemão, um *estar* antes de um *ser*<sup>2830</sup> *aprendendo a desaprender para re-aprender pela desvinculação com as opções existentes pressupostas por construtos autoproclamados universais*<sup>2831</sup>. Então, por não ser um conceito previamente existente na seara da teorização que sustenta estas reflexões, des-formação acaba por consignar/amalgamar aqueles conceitos já abalizados por mim sendo, por extensão, o resultado desta teorização fronteiriça. Para tal intento, recupero a simbologia imagética da Fita de Möbius, reproduzida no subtítulo 3.2, a fim de tecer o tom introdutório deste debate preparando um campo conceitual e semântico *outro* daquilo que, ao fim, angaria fundamentar o corolário de uma des-formação cujo cerne é não um *ser* pré-existente, mas, sim, um *estar*<sup>2832</sup> em processo de *fazimento*.

Justificada a necessidade de explicitar a demarcação conceitual declinada na ideia *outra* de uma des-formação, aos moldes do realizado no 3.2 deste capítulo na égide da Fita de Möbius, matriz colonial de poder, corpo e geo-políticas, ética política descolonial, opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento, provincialização da Europa, paradigma *outro* e, não obstante, pensamento próprio são, portanto, premissas críticas basilares afins à problematização empreendida. Em

---

<sup>2830</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 472.

<sup>2831</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 221.

<sup>2832</sup> KUSCH. *El pensamiento indígena y popular en América*, p. 472.

destaque, quando compreendo que o “fim” estrutural desta tese acaba por, de alguma maneira, retomar o “começo/origem” deste Brasil do pretérito imperfeito enviesado por múltiplos contextos de desigualdades e hegemonias renitentes a partir dos quais desvelamos a quase impossibilidade de pensarmos do seu afora. Logo, encontro-me embebido do *processo de desaprender pensando categorias outras de leitura que não estejam infectadas pela retórica da modernidade sendo, por consequência, uma árdua tarefa crítica aberta ao convite aos que queiram se ajuntar em luta*<sup>2833</sup>.

Ancorado em uma opção descolonial, de baliza *outra* e própria, respaldada na *desvinculação do aprender a desaprender os fundamentos das opções ditas universais esgotadas*<sup>2834</sup> pelo projeto moderno/colonial à última potência, anco-me na pluriversalidade fronteiriça no ensejo de uma des-formação contestadora aportada nas diferenças coloniais que entrecortam nossos corpos, mentes, saberes, artes e literaturas há séculos se estendendo até a atualidade do meu tempo histórico do escre(vi)ver. Para tentar dar conta do exposto, trabalho tanto com preceitos críticos da descolonialidade quanto os providos pelas epistemologias do Sul na confluência entre os pontos de contato conceituais descortinados na seguinte fórmula: *desatar os nós, aprender a desaprender e aprender a reaprender a cada passo*<sup>2835</sup> + *desaprender/despensar*<sup>2836</sup> + *autorreflexidade*<sup>2837</sup> + *conhecimento-com*<sup>2838</sup> pelo transcorrer das perspectivas fronteiriças e pós-abissais sendo, ademais ao citado acima, as bases indispensáveis do que estou teorizando enquanto des-formação literário-cultural deste Brasil do pretérito imperfeito.

---

<sup>2833</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 222.

<sup>2834</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 222.

<sup>2835</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2836</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 224.

<sup>2837</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2838</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

Nesse intento, quero entender que pouco a pouco, linha a linha e página a página deste trabalho, embebido da revolta fronteiriça<sup>2839</sup> que transcorre por dentro e por fora minhas teorizações *outras* de gente que pensa, como condição *sine qua non*, *a partir do* outro lado da margem, tento empreender saberes/práticas descoloniais que permitam, também, um desnudamento *da minha própria trajetória pessoal de investigador pós-abissal atravessado pelas problematizações e, por extensão, pelos exercícios de autorreflexidade*<sup>2840</sup> que me concernem pelo entrecortar da epistemologia *outra* que venho há anos escavando, para, finalmente, aportar-me no espaço-tempo do escre(vi)ver o qual estou figurado pela condição de doutorando em fase de fechamento da tese. À maneira discutida neste capítulo, e nos anteriores, elejo a pluriversalidade da diferença em detrimento à *hegemonia dos pensadores ou das teorias do Norte e suas ciências abissais deslindando rupturas autorreflexivas no engaste das metodologias*<sup>2841</sup> naturalizadas, institucionalizadas e, em maior grau, pretendidas universais sem quaisquer esferas problematizadoras assentadas nas diferenças coloniais.

Isso posto, retorno às epígrafes de Silviano e Candido, respectivamente reproduzidas, afins ao debate respaldado *na exaustão do paradigma formação*<sup>2842</sup> justaposto ao *horizonte comparatista*<sup>2843</sup>, na minha teorização, declinado em um paradigma descolonial. Segundo o mineiro<sup>2844</sup>, a agonia dos discursos de formação, permeados pelos problemas do desenvolvimento nacional, não perdem o estatuto de alicerce e impulsos reflexivos, no entanto, acabam por forjar uma espécie de cansaço epistemológico perdendo, por consequência, a condição de paradigma prioritário para

---

<sup>2839</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

<sup>2840</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2841</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2842</sup> SANTIAGO. *Formação e inserção*, p. 261-262..

<sup>2843</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 211.

<sup>2844</sup> SANTIAGO. *Formação e inserção*, p. 261.

pensar em nós mesmos e em nossas produções. Ademais, explicita<sup>2845</sup> que o preceito da exaustão emerge das múltiplas transformações decorridas das prioridades nacionais e materiais do novo milênio, século XXI, que acabam por exigir outros feixes de discussão em prol de novos paradigmas – minha saída crítica, à forma que discuti no início deste capítulo, centra-se no corolário fronteiro do paradigma *outro*. Perfila-se, assim, *a iminência de um corte epistemológico passível de entrever buracos de grandes proporções no plasmar teórico da dita formação*<sup>2846</sup>.

Essa, por sua vez, *escavada pela ignorância no que concerne a novas e plurais questões*<sup>2847</sup> (ou ainda, questões *outras*) suscitadas no empreendimento cultural-literário e epistemológico de nossas “origens” e “começos” cooptados e viesados pelos universalismos abstratos itinerados dos grandes centros mundiais, hospedados e reproduzidos, com demasiada ressonância, por intelectuais brasileiros, a exemplo de Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*. No escopo do campo conceitual tracejado por Silviano através dos termos *exaustão, agonia, cansaço epistemológico, perda da condição de prioritário, novos paradigmas e ignorância perante novas e plurais questões*<sup>2848</sup> no entorno do paradigma formação, imbuído de minha des-formação de matiz fronteiro, entrevejo que tais insígnias empregadas pelo mineiro só se sustentam no que diz respeito a preceitos críticos de base moderna/colonial (e seus pós), uma vez que a formação não foi devidamente discutida e problematizada *a partir de* uma perspectiva fronteira no âmbito dos muitos estudos difundidos nas universidades brasileiras, inclusive pelo próprio Silviano em seu engaste desconstrutor pós-moderno.

---

<sup>2845</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 261.

<sup>2846</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 262.

<sup>2847</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 262.

<sup>2848</sup> SANTIAGO. Formação e inserção, p. 262.

Quanto à epígrafe reproduzida à luz do mestre de todos nós, diferentemente do realizado nos entrecos anteriores, opto, agora, por trabalhar, pela alcunha da pluriversalidade fronteiriça e para além da *Formação*, com seu breve texto “Literatura comparada” (1986), pois, nele, Candido recupera sua própria premissa de que “[...] estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada.”. Em um preciso sentido, aquilata<sup>2849</sup> seu pressuposto no intento de que nossas produções sempre estiveram vinculadas a modelos externos e, não menos, que nossos estudiosos insensivelmente se dispuseram a elaborar seus juízos, leituras e análises tomando como fio condutor basilar critérios de validade arregimentados na pseudo-universalidade do Ocidente – nisso, não obstante, percebo o próprio Candido incluído na plêiade de tais intelectuais. Conforme afirma<sup>2850</sup>, mediante tal percepção da literatura brasileira, houve, então, da sua óptica teórica, uma espécie de comparatismo difuso e espontâneo no que circunscrevia o trabalho crítico desde o Romantismo, quando, à época, seus agentes defendiam um viés literário de produção à revelia do de Portugal.

Com tais aferições epistêmicas em destaque nas epígrafes, evoco-as na medida em que, de algum modo, a de Silvano acaba por desvelar uma revisitação crítica à de Candido, avançando-a de um viés desconstrutor e cultural – que não me basta no galgar de uma epistemologia *outra* –, ademais ao fato de que, até este momento, não me debrucei a contento sobre um debate conceitual de base comparatista a respeito da literatura brasileira, em especial, pela clave da crítica biográfica fronteiriça em seu cerne descolonial. De algum modo, compreendo o horizonte comparatista moderno descortinado pelo mestre, no entanto, trabalho-o através de razões pluriversais às suas e à luz da consciência de que seu paradigma

---

<sup>2849</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 211.

<sup>2850</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 211.

formativo, esparramado na canônica e naturalizada obra *Formação*, hoje, no entrecortar do século XXI e de uma perspectiva fronteiriça, deve ser desnaturalizado, problematizado e, sobretudo, descolonizado na égide de saberes/práticas desobedientes e desprendidos.

À *la* ao empreendido em capítulos anteriores desta tese, situo-me, no penetrar da vida pessoal crepuscular da/na fronteira-sul e da universidade periférica responsável pela minha formação acadêmica, a contrapelo dos paradigmas universalistas hegemônicos que *aparelharam e programaram nossos cérebros através da sua razão imperial/colonial* ao passo que escolho me voltar ao des- aprender *coadunado pelo projeto de aprendizagem outra e indígena Amawtay Wasi*<sup>2851</sup>. A partir disso, facultado pelas agonias hegemônicas dos nossos processos formativos culturais-literários, em destaque, na égide dos momentos decisivos eleitos pela *Formação*, só posso discuti-los, no engaste de uma epistemologia *outra*, à luz do, também agônico, entendimento de que Candido estaria, com base na minha argumentação, muito mais para o corolário de um Brasil do pretérito imperfeito do que Silviano – uma vez que, ao seu modo cultural, no mineiro há uma tentativa de, no mínimo, visitar criticamente as reflexões do mestre maior, ainda que não desprendido das amarras desconstrutoras pós-modernas. Em outras palavras, Candido acaba, intencionado ou não, pelo crivo da renitente importação do dito “universal”, endossando nossas condições de dependentes e imitadores das “Velhas Culturas” nos projetos de dominação expansionista no que concerne às exterioridades do Sul global.

Dessa forma, só posso escre(vi)ver o que eu quero e realizar o que desejo com meus dois pés fincados no presente histórico deste Brasil e tomado pela consciência

---

<sup>2851</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

corpo-geo-política, desobediente e desprendida de que *o colonialismo não é coisa do passado, pelo contrário, transmutou-se em colonialidades globais*<sup>2852</sup> difundidas pelas quatro direções do globo terrestre em multifacetadas esferas dos conhecimentos e das artes. É, portanto, a partir disso que minha des-formação se desenha e convoca seu direito de existência neste trabalho, isto é, pelo problematizar descolonial daquilo naturalizado em nossas universidades modernas enquanto a única via possível de conhecimento, sobremaneira, quando defendido por intelectuais de indiscutível relevância dentro da tradição crítica brasileira, como Antonio Candido e Silviano Santiago. Arregimento-me nos *exercícios de autorreflexidade emergidos das minhas trajetórias pessoais questionando muito do que aprendi e, mais ainda, boa parte do que me ensinaram sobre como e a partir do que e de quem aprender*<sup>2853</sup> – a exemplo do que venho suscitando neste capítulo em torno da minha formação escolar de literatura brasileira cujo espectro central a teorização fronteira tem me possibilitado questionar e, mais ainda, descolonizar.

Des-formação, portanto, não quer dizer em nenhuma medida desprezar, ignorar, esquecer ou menosprezar as discussões formativas de Candido tampouco as de Silviano. Pelo contrário, implica colocá-las em perspectiva *outra* de problematização que não aquela assentada em preceitos, análises, objetos, *práxis*, razões e/ou paradigmas advindos do projeto da modernidade/colonialidade aqui hospedados e reproduzidos à última potência. Implica, ao contrário do muito que estudiosos embebidos de construtos hegemônicos me direcionaram em congressos da área de literatura nos últimos anos, *lembrar de um modo diferente retirando as metodologias dos lugares de poder previamente localizados as quais, aos que as*

---

<sup>2852</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 32.

<sup>2853</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

*utilizam, dão uma falsa sensação de segurança*<sup>2854</sup>. Des-aprender/des-pensar e, primordialmente, des-formação suscita *colocar o dito universalizado em um espaço mental a partir do qual esteja, também, sujeito a exercícios críticos de desconforto pós-abissal*<sup>2855</sup>. Na esteira de Boaventura de Sousa Santos<sup>2856</sup>, escolho me surpreender por metodologias e atitudes *outras* que revelam conhecimentos e campos *outros*, desprezados pelo saber abissal, aprendendo a ser crítico de modo *outro*, até mesmo em posição epistêmica diversal a Silviano e Candido em suas incursões modernas e pós-modernas, por excelência.

Prefiro, na guisa desta teorização pensada e produzida *a partir dos* arrabaldes fronteiriços do Sul global e, mais ainda, da consciência ética e política implicada em habitar esse lócus calcado em uma corpo-política dissidente, *descortinar espaços mentais para abordagens outras em suas possibilidades plurais*<sup>2857</sup> com o intuito de não teorizar *sobre* objetos, sociedades e/ou grupos sociais, mas, sim, *produzir conhecimentos-com*<sup>2858</sup> escre(vi)vendo *a partir da* convicção de que não basta habitar a fronteira, ou a exterioridade de um país periférico, para pensar e produzir *a partir dela*<sup>2859</sup>. De antemão, urge a necessidade de firmar uma opção e uma consciência *outras*, em especial, no que circunscreve o quanto a violência das diferenças coloniais foi tratada periféricamente por grande parte do pensamento brasileiro voltado à hegemonia dos universais abstratos. Ao contrário do que se poderia supor, não se trata de um *exercício solipsístico enquanto pesquisador, e, sim, pensar-com*<sup>2860</sup> e a

---

<sup>2854</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2855</sup> SANTIAGO. *Formação e inserção*, p. 261.

<sup>2856</sup> SANTIAGO. *Formação e inserção*, p. 261.

<sup>2857</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2858</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2859</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2860</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

*partir de*<sup>2861</sup> não sendo, portanto, uma *práxis* dualista aos moldes cartesianos passível de analisar tudo e todos sem quaisquer precedentes.

Com tal perspectiva crítica *outra* em mente, retomo pluriversalmente as reflexões de Silviano<sup>2862</sup>, no empreendimento de um viés desconstrutor do paradigma formação, quando destaca, à maneira da epígrafe reproduzida, que se dá conta do esgotamento dos múltiplos discursos de formação responsáveis por aquilatarem o desenvolvimentismo enquanto prática prioritária deste país pretérito e imperfeito. Para o mineiro<sup>2863</sup>, tal exaustão não aliena o conceito, e, sim, demarca sua perda de prioridade no cerne do debate requerindo novas visões e versões dos cidadãos brasileiros e, claro, da sociedade no engaste pela forma como se automodelou a emancipação nacional nestes trópicos. O Brasil, do pretérito imperfeito, seria, pelo crivo da linha de raciocínio estabelecida e ao modo de Moacyr fruto de Iracema, *filho do sofrimento porque fruto do desencontrado*<sup>2864</sup>. O mineiro ressoa ainda que, no âmbito das criações ensaísticas e ficcionais, o ideal da liberdade não é muito distinto, nos anos 1960, isto é, nos idos da publicação de *Formação da literatura brasileira* de Candido, daquele empreendido por Graciliano Ramos nos momentos finais de *Memórias do cárcere* (1953).

*Grosso modo*, a percepção de que os estimulantes acadêmicos, quando em circunstância de vício por professores ou escritores, desvelam a compulsão à repetição daqueles concebidos enquanto grandes mestres se transformando, por consequência, em estimulantes passíveis de, a priori, aliviarem as dores<sup>2865</sup>. Entremeado pela formação desconstruída por Silviano, direciono-me à formação

---

<sup>2861</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2862</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 50.

<sup>2863</sup> SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 50.

<sup>2864</sup> ALENCAR *apud* SANTIAGO. Alegoria e palavra em *Iracema*, p. 296.

<sup>2865</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 33.

moderna de Candido quando diz que: “[...] refiro-me ao que poderia chamar de temas do ‘saber universal’ e da ‘obra-prima perdida’.”<sup>2866</sup> e, ainda, “Consiste o primeiro em atribuir ao intelectual brasileiro extraordinária cultura e inteligência, fazendo-o capaz de embasbacar os estrangeiros [...]”<sup>2867</sup>. Não obstante, o mestre<sup>2868</sup> corrobora que o homem de letras, objeto latente de sua formação, sente-se tomado pelo desejo de saber e falar sobre tudo lhe parecendo que a ciência seria infinita ao, supostamente, abranger tudo que se pode ser sabido criando, por consequência, na dita “massa” um espectro quase folclórico no plasmar da fama literária.

Conjecturado na pluriversalidade diferencial da des-formação em torno dos preceitos pós-modernos e modernos de formação, respectivamente em Silviano e Candido, não posso conceber em nenhuma instância a possibilidade de exaustão/esgotamento do conceito de uma perspectiva respaldada nas opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento, paradigma *outro* e pensamento próprio, o exposto só se justificaria em viés epistêmico moderno ou pós-moderno, não pelo crivo das epistemologias fronteiriças trabalhadas neste tese em prol da hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito. Des-formação, portanto, implica trazer à voga minhas corpo e geo-políticas exteriorizadas e pressupostas por uma escolha de vida/carreira, de base ética política *outra*, cravada, como condição *sine qua non*, nas renitentes diferenças coloniais, coladas aos nossos processos formativos, exercitando saberes/práticas *de desconforto que possam desnaturalizar as monumentalidades daquilo naturalizado pelas práxis e teorias abissais*<sup>2869</sup> reproduzidas à exaustão em nossas universidades ainda modernas cujo cerne latente

---

<sup>2866</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 247.

<sup>2867</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 247.

<sup>2868</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 247.

<sup>2869</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

minha formação individual não foi diferente da maioria dos estudantes das humanidades.

Des-formação, à maneira que delineei no início deste subtítulo, implica problematizar e se posicionar na defensiva pós-abissal e fronteiraça *por diferentes saberes/práticas atravessados por exercícios de autorreflexidade*<sup>2870</sup>, os quais transcorrem por dentro e por fora tanto minha formação escolástica quanto os preceitos modernos e pós-modernos de Candido e Silviano. Não me deixo levar por um *triumfalismo intelectual* de matiz pretendido universal, assumo os medos e os *riscos pessoais e profissionais para desenhar minhas investigações pós-abissais na contracorrente dos controles e orientações metodológicas*<sup>2871</sup> que há séculos vieram nos brindando como as únicas vias de pensamento possíveis. Assim, conforme defende Boaventura<sup>2872</sup>, levo ao corolário da des-formação convicções animadoras sujeitas às dúvidas e às inquietações no intento de neutralizar possíveis heroísmos intelectuais que angariem universais abstratos. Pelo contrário, minha teorização crítica biográfica fronteiraça aportada nas histórias locais e sensibilidades biográficas deste Brasil pretérito e imperfeito se dá pela baliza das *resistências e fortalecimento das lutas contra dominações de quaisquer naturezas, solidarizo-me e me coloco no lugar de cumplicidade como atos de vontade* enquanto intelectual fronteiraço suscitando *conhecimentos-com*<sup>2873</sup> e, não menos, *a partir de*<sup>2874</sup>.

Então, a ideia de uma des-formação acaba, em alguma medida, desvelando-me a possibilidade de pensar em uma biografia *outra* deste Brasil do pretérito imperfeito, uma vez que os campos conceituais modernos e pós-modernos, de

---

<sup>2870</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2871</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2872</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2873</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2874</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

Candido a Silviano, acabam, aos seus modos, por prefigurar uma biografia *sobre* o Brasil pensada do seu *afuera*, ou o quanto de lá se imitou (Candido) ou se alçou o universal (Silviano), ignorando, por extensão, as violências coloniais gritantes incutidas nas histórias locais e nas sensibilidades biográficas deserddadas e inscritas no próprio interior do país. A isso, dá-se, por exemplo, os horizontes comparatistas, entrecortados por distintas esferas teóricas, que ambos os intelectuais apregoam à literatura brasileira e os quais, agora, discorro através da diferença pluriversal respaldada na crítica biográfica fronteiriça. Para tal, na esteira de Mignolo<sup>2875</sup>, desobedeço e me desprendo da ideia asséptica de “teoria”, sobretudo no âmbito da literatura, enquanto campo conceitual herdado das Humanidades para me calcar em práticas autorreflexivas e críticas dentro da academia *a partir da* inscrição das experiências coloniais, enquanto pesquisador fronteiriço, em minhas práticas epistêmicas.

Des-formação acaba por convocar, portanto, opções descoloniais, desobediência epistêmica e desprendimento afins à pluriversalidade, isto é, uma possibilidade de problematizar os construtos da modernidade *cujos cernes vêm, há séculos, sendo descritos e pensados na égide do interior do seu sistema*<sup>2876</sup>, de matiz hegemônico por excelência. Em *pari passu*, *variedades de experiências histórico-coloniais foram simplesmente anexadas e, quando retomadas, contempladas apenas no bojo desse mesmo interior*<sup>2877</sup> moderno/colonial. Arregimentando-me nessa perspectiva *outra* de teorização, em especial, no âmbito do horizonte comparatista previamente evocado, em alguma instância, concordo com Silviano<sup>2878</sup> quando pontua que defender um pensamento autóctone autossuficiente descolado de quaisquer

---

<sup>2875</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 09.

<sup>2876</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 09.

<sup>2877</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 09.

<sup>2878</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 20.

pontos de contatos “alienígenas” com o estrangeiro seria, nas suas palavras, devaneio verde-amarelo requerendo, então, um viés de base comparatista no estrado deste Brasil do pretérito imperfeito. Em termos específicos, pressupõe<sup>2879</sup> uma defensiva em torno das contingências econômico-sociais e político-culturais no ensejo de não recair em traços ufanistas dispensáveis.

Ademais, imbuído de sua tradição pós-moderna suscitada pela diferença derridiana, o mineiro sinaliza em “Apesar de dependente, universal” (1982)<sup>2880</sup>, vinte e cinco anos após a publicação da *Formação* de Candido, que muitos dos nossos intelectuais ainda insistiam em defeitos de método explicitando uma preocupação em torno da forma como o utilizavam e, ainda, das táticas de abordagens de leitura dos textos. Em um preciso sentido, resguardado pela sua conceituação do entre-lugar latino-americano de insígnia desconstrutora em prol do troco pela diferença original, critica<sup>2881</sup> a apreciação da nossa literatura, em viés comparatista à europeia, através de princípios etnocêntricos advindos da literatura comparada, ou melhor, os ideais de fonte e influência, já problematizados neste capítulo. Pela continuidade de tal método hegemônico no campo das relações comparatistas entre metrópole/colônia, “[...] apenas insistiremos no seu lado dependente, nos aspectos repetitivos e redundantes.”<sup>2882</sup>. À maneira que venho tecendo, o receio descortinado por Silviano em 1982 não se pulverizou com o transcorrer dos mais de quarenta anos desde sua proferição, muito pelo contrário, pois, se assim fosse, não faria o mínimo de sentido a existência desta *fisiologia da des-formação* e, em maior grau, desta tese.

---

<sup>2879</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 20.

<sup>2880</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 20.

<sup>2881</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 20.

<sup>2882</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 20.

A busca pela genealogia das fontes e influências não é apenas um dos construtos basilares da *Formação* de Candido publicada no idos dos anos 1960, mas continua sendo reproduzida à exaustão nas salas de aula das universidades, nos artigos científicos, nos congressos da área, nos grupos de pesquisas etc. Perdi a conta de quantas vezes, desde a graduação, colocaram-me em situações de desconforto e constrangimento por simplesmente não compactuar com a reprodução renitente de teorias assépticas, dotadas de teo e egopolíticas, que sobre nós, exteriorizados, pouco ou quase nada diziam *a partir das* nossas sensibilidades biográficas e histórias locais de gente que pensa e escre(vi)ve do outro lado da borda do Sul global. Desformação pressupõe *a urgência de aprender a desaprender os termos escondidos na retórica da modernidade, do progresso, das belles lettres, do capitalismo, da colonialidade, do racismo, do patriarcado, dos genocídios etc. ocultados pela lógica da colonialidade e da dominação*<sup>2883</sup>. Ou, ainda, uma prática/saber desobediente e desprendido que possibilite *o desvinculamento da ilusão de que o conhecimento em todas as esferas possíveis está, como condição sine qua non, conectado a um conjunto de categorias universais e ocidentais*<sup>2884</sup>.

E é justamente aí, nesse cerne latente de uma teorização *outra*, que reside minha crítica tanto a Candido quanto a Silviano, pois, independentemente dos respaldos epistêmicos que ambos se abalizem para pensar, os dois, aos seus modos, não se desvinculam da busca irrestrita pelos universais abstratos. Mesmo que o mineiro releia criticamente o mestre através de sua tradição pós-moderna desconstrutora, ainda assim, não se desprende, desobedece ou problematiza a hegemonia de existir uma ideia monotópica e abstrata de universalidade, mas,

---

<sup>2883</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 197.

<sup>2884</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 198.

intencionalmente ou não, persegue-a endossando o interior do sistema pelo crivo da diferença pós-moderna. Em um preciso sentido, Silviano, ainda que sinalizando uma preocupação em torno dos métodos empreendidos, acaba por recair no endosso do si-mesmo, fruto do pretendido berço da civilização ocidental onde *tudo e qualquer coisa existente* tenha que, de algum modo, estar declinado na formação greco-latina e nas línguas europeias, necessariamente.

Des-formação, no entanto, implica o corolário *outro* do *aprender a desaprender passível de problematizar que aquilo que aprendemos foi estabelecido enquanto tal pelas regras de controle do jogo teo e egológico*<sup>2885</sup> de dominação. Assim, Candido e Silviano, em seus preceitos teóricos de formação, não dão conta de se desvincularem de abstrações pseudo-universalistas, em suma, reverberam o pressuposto *da crítica interna em descompasso com as mudanças geo e corpo-políticas descoloniais contrapostas à hegemonia da dita civilização ocidental e das suas categorias de pensamento respaldadas no grego, no latim e nas seis línguas imperiais modernas*<sup>2886</sup>. A isso, Mignolo<sup>2887</sup> é salutar, sobretudo em comparação às reflexões dos mestres aqui em destaque, quando afirma que as teorias estão onde podemos encontrá-las, logo, não há nenhum lócus geográfico ou epistemológico que detenha para si os direitos irrevogáveis de propriedade sobre elas, mesmo que nossas formações escolásticas individuais e coletivas tenham nos feito acreditar no contrário à luz das mentes colonizadas de nossos professores primários e até mesmo universitários.

Arregimentado em tal linha de raciocínio, pluriversal à ideia asséptica dos universais abstratos, recordo-me da maneira como no ensino médio as aulas de

---

<sup>2885</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 193.

<sup>2886</sup> Madina Tlostanova e Walter Mignolo em *Learning to unlearn* (2012) definem as seis línguas imperiais modernas europeias como: italiano, espanhol, português, francês, alemão e inglês. MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 193.

<sup>2887</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 153.

história eram divididas. Primeiro, por História Geral, eminentemente europeia, depois, história do Brasil, por óbvio, com carga horária reduzida em detrimento à primeira de insígnia pretendida “geral” e “universal”. O exposto me leva ao seguinte questionamento: por que, em qualquer instância possível, resguardamos nossos tempos em sala de aula para aprender e internalizar algo que, em comparação aos quinhentos anos de violências coloniais nestes trópicos, pouco nos educa no que circunscreve nossa própria formação cultural? Não seria, no mínimo, mais coerente estudarmos os processos históricos da América Latina e, mais ainda do Brasil, em posição desobediente e despreendida do interior do sistema de pensamento ocidental? Por óbvio, não estou defendendo um encasulamento do Brasil pelo Brasil em prol de desconsiderar, excluir ou apagar o traço incontestado da Europa por aqui, mas, sim, problematizando o quanto nos afastamos das nossas histórias locais e biográficas para nos aproximarmos dos ditos projetos globais daqueles que nos corroeram por dentro e por fora naturalizados nestes *loci* fronteiriços como a “História Geral do Mundo” – para fazer jus à nomenclatura da disciplina no meu tempo escolar.

Pela insígnia epistêmica *outra* da des-formação, imbuído de uma perspectiva comparatista descolonial, situo vis-à-vis as percepções de Candido à minha própria formação individual. Assim como realizado nas aulas de História, não muito diferente o foi também nas de Literatura quando, na maior parte do tempo, a preocupação latente se circunscrevia pelo quanto de imitação, cópia, reprodução e internalização os escritores brasileiros conseguiram se apropriar daqueles da metrópole. Em um preciso sentido, Antonio Candido em “Literatura Comparada” delineia um cenário onde os críticos literários estavam tomados pela mania de referência a partir da qual podiam “[...] sentir melhor a natureza e a qualidade dos textos locais quando podiam referi-los a textos estrangeiros, como a se a capacidade do brasileiro ficasse justificada pela

afinidade tranquilizadora com os autores europeus [...]”<sup>2888</sup>. Ademais, destaca<sup>2889</sup> ainda que tal relação entre os autores locais e aqueles participantes de literaturas antigas e ilustres, em seus pontos de influência, davam aos primeiros um sentimento confortante de parentesco quase como se compartilhassem uma mesma tradição.

De um viés moderno, o exposto pode ser relido como ponto alto de nossa formação cultural-literária, afinal, quem não gostaria de se parecer, ainda que minimamente, com aqueles dotados de tanto prestígio e sabedoria universais? No entanto, de uma perspectiva *outra*, o cenário em questão só acabou por nos apregoar mais e mais a condição de sempre imitadores e dependentes como se não pudéssemos caminhar com as nossas próprias pernas. Assim, Candido é ainda mais enfático: “[...] praticamente desde as origens da nossa crítica até quase nossos dias, um dos critérios para caracterizar e avaliar os escritores tem sido a alusão paralela a autores estrangeiros.”<sup>2890</sup> e mais “Mesmo em análises mais recentes [1986], feitas em momentos de maior confiança nacional, a referência surge como técnica de caracterização crítica.”<sup>2891</sup>. Em outras palavras, Candido está evocando premissa similar à descortinada por Silviano em 1982 e que, agora, torno também uma inquietude intelectual minha, contudo, em posicionamento absolutamente diversal às dos mestres em direção à insígnia fronteira de uma des-formação.

Frente ao meu tempo histórico do escre(vi)ver, o que se mostra, mais ou menos quarenta anos desde ambas as afirmações, é um cenário um tanto quanto mais avançado, sobretudo pela ascensão dos estudos pós-coloniais, descoloniais, fronteiriços e pós-abissais, mas passível, ainda, de muitas e diversas

---

<sup>2888</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 211.

<sup>2889</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 211.

<sup>2890</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 211.

<sup>2891</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 211.

problematizações em perspectiva *outra*. Diferentemente das formações modernas e pós-modernas de Candido e Silviano, a des-formação descolonial *se entranha em cada história local e sensibilidade biográfica daqueles que ficaram de fora do projeto da modernidade/colonialidade não sendo, então, um significante vazio e asséptico, e, sim, a ligação entre as experiências dos deserdados*<sup>2892</sup>. Conforme Mignolo<sup>2893</sup> fomenta, o pensamento fronteiriço, aposto no cerne da des-formação, é o conectivo passível de inserir as diversidades das histórias locais no corolário de um universal pela pluriversalidade suscitada pelo deslocamento do universalismo abstrato centrado em uma única história local (da Europa) cujo estrato basilar fundou, criou, fundamentou e imaginou o sistema mundial colonial/moderno o qual, Candido e Silviano, mesmo que bem intencionados, não desobedecem tampouco se desprendem. Através de tal intento, cito Candido à luz das práticas dos escritores neoclássicos e românticos brasileiros:

[...] sem falar das traduções, capítulo privilegiado nos estudos comparatistas, lembra, ainda no tempo do romantismo, o jogo abundante das epígrafes de autores estrangeiros contemporâneos. O poeta dos períodos clássicos geralmente incorporava as evocações ou citações de autores nos quais desejava se amparar, fundindo-as com o seu próprio discurso, porque naquele tempo a imitação era timbre de glória, não havia o sentimento exacerbado de originalidade e as pessoas cultas tinham sempre em mente um certo toque de lições eruditas, que se podiam ajeitar como engastes. [...] Já o poeta romântico, filho de uma era que proclamava singularidade de cada um e o valor da novidade, desliga do texto a referência e a empurra para o destaque da epígrafe, onde ela aparece com o nome do seu autor e a forma exata, assumindo plenamente o caráter de referência. E, sem descartar de todo os autores antigos, o romântico prefere os contemporâneos estrangeiros, revelando a impregnação direta das fontes externas e o novo universo do intercâmbio intelectual mais dinâmico.<sup>2894</sup>

Ou seja, o traço demarcado por Candido, e alvo de preocupação de Silviano em outro momento, não é recorrente apenas nos críticos debruçados sobre a literatura brasileira, mas, também, nos escritores brasileiros – ao modo que discuti nos

<sup>2892</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>2893</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 131.

<sup>2894</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 212.

subtítulos anteriores com base no Arcadismo/Romantismo. A questão que se encena a partir do *aprender a desaprender*<sup>2895</sup> da des-formação é problematizar e desnaturalizar isso, pois, se entrevejo esse elemento como prática recorrente dos estudos desenvolvidos neste Brasil do pretérito imperfeito, não seria diferente no que diz respeito à maneira com a qual nossos intelectuais trataram dos nossos processos formativos, isto é, desprovidos da renitência das diferenças coloniais. Busco, por conseguinte no engaste de minha teorização de base epistêmica *outra, reinscrever nas histórias das humanidades o que foi anulado pela razão moderna, seja através das missões imperiais e pretendidas civilizadoras ou mesmo no que compete à negação de um pensar teórico aos tornados não-civilizados*<sup>2896</sup>. Des-formação é, não menos como nos ensina Mignolo, desvincular-se de preceitos naturalizados pelos projetos globais como universais e se antever pela defensiva de *pensar a partir da* fronteira.

Ou melhor, *nas fronteiras dos conceitos modernos e pelo atravessar de modos anônimos de pensamento silenciados pelo projeto da modernidade/colonialidade* que, por sua vez, acabou por defender tão somente a premissa de que *pensar seria dom e competência de determinados seres humanos apostos em um período específico, com loci geográfico-epistêmicos específicos falando um número restrito de línguas muito específicas*<sup>2897</sup>. Nas filigranas do conjecturado por Mignolo reside o ponto fulcral de minha des-formação aposta na pluriversalidade diferencial às reflexões de Candido e de Silviano, isto é, “Se a descolonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente.”<sup>2898</sup>, ademais, “[...] Seria, em outras palavras, uma teoria sobre um assunto

---

<sup>2895</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2896</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2897</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2898</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das e sobre as fronteiras.”<sup>2899</sup>. Dessa feita, mesmo que o mineiro revise criticamente os postulados do mestre, isso não basta, uma vez que tal empreendimento teórico desvela apenas novas versões da interioridade autoproclamada universal; formação, na égide de Silviano, seria uma formação desconstruída aos moldes de Jacques Derrida, no máximo.

Por meio de tal razão, tanto os horizontes comparatistas delineados por Silviano quanto por Candido não dão conta de se desvincularem do paradigma pseudo-universal do Ocidente. Ainda que o mineiro tensione pertinentes problematizações em torno da *práxis* etnocêntrica da literatura comparada à luz das fontes e influências, seu caminhar teórico não é diferente daquele aportado na busca por *novos universais*, visto que não tem como ponto de partida os processos de *aprender a desaprender a ideia monotópica de mundo pela contraproposta, a exemplo dos zapatistas, de que muitos mundos podem co-existir*<sup>2900</sup>. Dessa maneira, o mineiro pode até se distanciar das *aproximações reconfortantes, do comparatismo não intencional, elementar e ingênuo* sinalizado por Candido em 1986<sup>2901</sup>, entretanto, não rompe com a hegemonia da epistemologia moderna/colonial em sua ânsia compulsória e viciante por *novos universais*<sup>2902</sup>. Conforme o mestre<sup>2903</sup> reafirma, a tendência ao estrangeiro reproduzida pelos críticos esteve *pari passu* ao comportamento dos escritores inclinados ao apoio constante nos textos, segundo suas próprias palavras, das literaturas matrizes formando, nesse preciso sentido, *um*

---

<sup>2899</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2900</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 222.

<sup>2901</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 212.

<sup>2902</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 222.

<sup>2903</sup> CANDIDO. *Literatura comparada*, p. 212.

*ânimo comparatista antes mesmo da instauração da literatura comparada enquanto disciplina curricular*<sup>2904</sup>.

O exposto pelo mestre não fora apenas acessado por mim na chancela da solidão da leitura enquanto prática individual, e, sim, no para-além da sala de aula por intermédio da condição professor de Literatura Comparada I e II no estágio de docência apostado na grade do doutorado. No entanto, quando debatido com meus alunos, tentei sempre deslindar uma perspectiva *outra* de leitura, de cerne problematizador, com o intuito de colocar em prática, desde aquele momento, a fórmula delineada no início deste subtítulo: *desatar os nós, aprender a desaprender e aprender a reaprender a cada passo*<sup>2905</sup> + *desaprender/despensar*<sup>2906</sup> + *autorreflexidade*<sup>2907</sup> + *conhecimento-com*<sup>2908</sup>. Ou seja, a des-formação aqui tracejada não é recente em meu ser pesquisador e professor, há anos venho contornando suas bordas para, agora, adentrar seu cerne à luz do desconforto de tentar pensar *a partir do* afora do projeto da modernidade/colonialidade. É, portanto, inegável o traço de uma *vocação comparatista espontânea e informal*<sup>2909</sup> neste Brasil do pretérito imperfeito, porém, meu ponto fulcral de embate teórico é desvelar os porquês da existência de tal “vocação” no engaste da violência empreendida pela força das diferenças coloniais destes trópicos.

É ali, no desconsiderado pela *Formação* moderna de Candido e no não problematizado pela tradição pós-moderna de Silviano, que reside a presença incontestante da teorização de uma des-formação neste trabalho. Desde os tracejos

---

<sup>2904</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 212.

<sup>2905</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2906</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 224.

<sup>2907</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2908</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2909</sup> CANDIDO. Literatura comparada, p. 223.

iniciais desta tese de base descolonial, venho sendo guiado pela prática/saber de *aprender a desaprender enquanto ponto de partida pulsante da minha epistemologia fronteira enquanto possibilidade de desvinculamento das nossas educações hegemônicas, coletivas e individuais, a fim de não pedir mais por reconhecimento e inclusão*<sup>2910</sup>. Ante tal plasmar, Madina Tlostanova e Mignolo<sup>2911</sup> me são necessários para reconhecer que desaprender para re-aprender é um árduo caminho, uma vez que a modernidade/colonialidade ocidental está colada e inscrita em todos nós, queiramos ou não, a exemplo do quanto das teorias itinerantes assépticas são recorrentes à exaustão nas reflexões de Candido e de Silviano. Escolho, pelo contrário, *ser epistêmico e politicamente desobediente por hoje compreender que nem todo conhecimento precisa ser enquadrado nas plêiades gregas, romanas, francesas, alemãs, inglesas ou mesmo estadunidenses*<sup>2912</sup>.

Apesar disso, o percurso crítico de Silviano<sup>2913</sup> se dá na contramão de tais teorizações calcadas em um paradigma *outro*, posto que acaba por frisar a inevitável dependência deste Brasil do pretérito imperfeito, a dívida em detrimento às culturas dominantes e a busca pela inserção das visões originárias e negras na totalização universal – friso o campo semântico monotópico e abstrato apostado no discurso do mineiro. Para ele, a saída aos etnocentrismos se centra na subversão desconstrutora dos ditos valores de “atraso” e “originalidade” apregoados a estes trópicos sendo, portanto, “Subversão esta que não é um jogo gratuito de cunho nacionalista estreito, mas compreensão de que, apesar de produzir uma obra culturalmente dependente, pode-se dar o salto por cima das imitações [...]”<sup>2914</sup> e, ainda, “[...] das sínteses

---

<sup>2910</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 219.

<sup>2911</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 224.

<sup>2912</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 235.

<sup>2913</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 22.

<sup>2914</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 22.

enciclopédicas etnocêntricas e contribuir com algo original.”<sup>2915</sup>. Em um preciso sentido, o mineiro caminha na contramão de uma teorização de base descolonial, posto que sua defensiva se dá pela tentativa de nos inserir diferencialmente no universal hegemônico e não na sua desvinculação, desobediência ou mesmo desprendimento. Nessa linha, cito Silviano:

Faz-se necessário que o primeiro questionamento das categorias de fonte e influência, categorias de fundo lógico e complementar usadas para a compreensão dos produtos dominante e dominado, se dê por uma força e um movimento paradoxais, que por sua vez darão início a *um processo tático e desconstrutor da literatura comparada*, quando as obras em contraste escapam a um solo histórico e cultural homogêneo. [...] fazendo o texto da cultura dominada retroagir sobre o texto da cultura dominante (inversão não tão gratuita da cronologia), *consegue-se realmente que os textos da metrópole tenham também, de maneira concreta e pela primeira vez, uma avaliação real da sua universalidade*. A universalidade só existe, para dizer a verdade, nesse processo de expansão em que respostas não-etnocêntricas são dadas aos valores da metrópole. Caso contrário, cairemos sempre nas apreciações tautológicas e colonizantes.<sup>2916</sup>

À revelia do defendido por Silviano, não existe nem no discurso *outro* empreendido nesta tese tampouco em qualquer perspectiva de base descolonial uma preocupação em torno da inserção de qualquer história local ou mesmo sensibilidade biográfica exteriorizada no paradigma do universal abstrato composto pelas diversidades internas e etnocêntricas da Europa. A questão em destaque é justamente o contrário, isto é, *a supressão, o silenciamento, a desfiguração de culturas e formas de pensamento não-europeus*<sup>2917</sup> *pela colonialidade que tornou inferior, marginal, irrelevante, perigoso ou mesmo não-válidos os conhecimentos*<sup>2918</sup> emergentes das fronteiras, bordas, margens e periferias do Sul global. A problematização de tal intento não requer, em nenhuma medida, inserção, reconhecimento ou inclusão, mas, sim, *discutir e problematizar as estruturas de poder/saber que acompanham as expansões europeias desde o século XVI e que mantêm suas predominâncias até o século XXI*

<sup>2915</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 22.

<sup>2916</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 22-23, grifos meus.

<sup>2917</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 17.

<sup>2918</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 18.

*pressupostas por concepções de mundo, de conhecimento, de literatura, de arte, de corpos, mentes e lugares altamente eurocêntricas à luz das diferenças e das hierarquias raciais pela chancela das epistemologias exclusivistas etnocêntricas*<sup>2919</sup>.

Assim, hoje, pelo entrecortar da autorreflexão possibilitada pelas epistemologias do Sul, como a crítica biográfica fronteiriça, escolho não mais pensar *com base no final da modernidade, e, sim, do seu afora*<sup>2920</sup>, da sua exterioridade latente e pulsante politicamente pela insígnia de deserddado do projeto pretendido universal do Ocidente. Ao modo que assevera Boaventura<sup>2921</sup>, a modernidade não é outra coisa que tão somente um construto provinciano supostamente naturalizado enquanto universal *pari passu* ao seu outro lado colonial difundido nas vidas sociais, econômicas, políticas e culturais das sociedades ex-colonizadas, como é o caso renitente deste Brasil do pretérito imperfeito. Pela pluriversalidade das fronteiras, des- formação implica se preocupar com *tudo aquilo que o discurso eurocêntrico ignorou, apagou, aqueles saberes não-acadêmicos, populares, vernaculares, arcaicos, ou seja, todo o desperdício incomensurável de experiências outras*<sup>2922</sup>. Por isso e não somente, o exposto por Silviano simplesmente não se sustenta no bojo de uma des- formação fronteiriça pensada *a partir dos* arrabaldes destas margens.

Para ele, “A universalidade ou bem é um jogo do colonizador, em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história europeia como História universal [...]”<sup>2923</sup>, ademais, “[...] *ou* é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques

---

<sup>2919</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 24.

<sup>2920</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 36.

<sup>2921</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 34.

<sup>2922</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 37-38.

<sup>2923</sup> SANTIAGO. *Apesar de dependente, universal*, p. 23.

das ações de dominação e das reações de dominados.”<sup>2924</sup>. Na perspectiva *outra* da crítica biográfica fronteira, não existe esse *ou* marcado no início do segundo fragmento reproduzido, a universalidade monotópica é rechaçada em toda e qualquer instância, uma vez que a sua existência e reprodução sempre nos colocará em condição, por excelência, de fora da interioridade etnocêntrica. Des-formação não implica inserção, pelo contrário, quer dizer problematizarmos, de fato, nossas heranças coloniais desvinculadas da existência pujante de um universalismo abstrato e hegemônico, sem entre-lugares desconstruídos no entorno dessa reflexão.

O universal evocado pelo mineiro seria, da minha epistemologia, o universal diferencial de inserção do si-mesmo moderno/pós-moderno destituído de desobediência e desprendimento teóricos. De maneira específica, *uma nova teoria sobre um assunto sem a constituição de um sujeito epistemológico outro pensando a partir das fronteiras*<sup>2925</sup> e endossando, ainda que de formas distintas, padrões dominantes à *la Candido* em sua *Formação*. A isso, o mestre<sup>2926</sup> é enfático quando descreve a formação de uma atmosfera intelectual/literária no Brasil na égide das formações dos grêmios impregnados do dito “espírito moderno” em obediência às normas estéticas e sociais importadas por seus talentosos membros. Segundo pontua<sup>2927</sup>, tais contextos foram intermediados pelo reforço dos padrões dominantes sobre os quais se debruçaram as produções na chancela da devoção religiosa, da lealdade monárquica, do respeito à hierarquia no ensejo de reforçar os passos da estrutura vigente de dominação. Face a esse contexto, afere que “No caso da colônia

---

<sup>2924</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 24, grifos meus.

<sup>2925</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>2926</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 79.

<sup>2927</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 79.

brasileira, é preciso ajuntar que representavam, neste sentido, um reforço da política de imposição da cultura erudita do tipo europeu [...]”<sup>2928</sup>.

E continua: “[...] em detrimento das manifestações de cunho popular, que assumiam relevo ameaçador em certos casos. [...] revelando a concorrência e a necessidade de consolidar a de tipo erudito e europeu.”<sup>2929</sup>, *pari passu*, buscava-se *incorporar a tais espíritos associativos as diretrizes do Iluminismo às políticas das Academias Literárias*<sup>2930</sup>. Como saída aos padrões dominantes, Silviano<sup>2931</sup> calca sua reflexão em uma metodologia de leitura da literatura brasileira na desconstrução dos preceitos-base da literatura comparada nos valores de “cópia” e “contribuição” contrapostos à ideia de “originalidade em cópia inevitável”. Então, embebido do já destrinchado em seu entre-lugar, o mineiro<sup>2932</sup> tenta recondicionar a cronologia histórica invertendo os polos da historiografia iluminista através da desconstrução e da suplementariedade suscitadas pelo pensamento de Jacques Derrida. Tal qual afirmei no início deste subtítulo, minha des-formação *não possui um horizonte pronto como os paradigmas críticos modernos/coloniais, mas emerge do aprender a desaprender em prol da desvinculação das opções pretendidas universais* e que, tomadas de um prisma também moderno/colonial, *foram esgotadas*<sup>2933</sup>.

Sendo assim, baseado na lógica *outra* descortinada, desvinculo-me tanto de Candido em suas importações irrestritas quanto de Silviano em sua tentativa de inserção destes *loci* colonizados no universal monotópico hegemônico. Elejo, de antemão, o *aprender a desaprender para reaprender dos Amawtay Wasi ao invés de*

---

<sup>2928</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 79.

<sup>2929</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 79.

<sup>2930</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 79.

<sup>2931</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 35.

<sup>2932</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 35.

<sup>2933</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 221.

*me submeter às opções modernas/coloniais das epistemologias*<sup>2934</sup> revestidas de pseudo-universalismos. Ao modo que empreendem Tlostanova e Mignolo<sup>2935</sup>, compreendo que des-formação quer dizer, inclusive, o deslocamento das nossas geografias epistêmicas a fim de contribuir para geo-políticas *outras* dos conhecimentos e, por óbvio neste capítulo, dos nossos processos formativos culturais-literários. Em outras palavras, acredito que ao trazer à voga do meu discurso fronteiriço o corolário geo-político dos saberes, *especializo minha teorização a desvinculando da ideia abstrata, imperial e hegemônica de que existe uma única casa do conhecimento construída pelos alicerces das línguas clássicas e imperiais modernas eurocentradas*<sup>2936</sup>.

À luz do descortinado por Tlostanova e Mignolo e na guisa do pluriversal embutido na des-formação, direciono-me ao último ponto deste subtítulo e, não obstante, ao encerramento do capítulo com base na obra *Minha formação* (1900) de Joaquim Nabuco relida por Silviano e comparada pelo mineiro à *Formação* de Candido. Nesse contexto, em *Fisiologia da composição*<sup>2937</sup>, explicita-se que a formação das Américas, incluindo a do Brasil do pretérito imperfeito, é tardia e obrigatoriamente eurocêntrica em que, a partir de um intertexto com o referido livro de Nabuco, os americanos divulgariam “[...] um ‘sedimento novo, flutuante’ da crosta terrestre global cuja continuidade depende, em termos pragmáticos, do espírito humano da condição de circunscrito pela colonização europeia.”<sup>2938</sup>. Nesse caso, *seríamos eurocêntricos pela colonização da Europa no “Novo Mundo” e por natureza,*

---

<sup>2934</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 217.

<sup>2935</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 217.

<sup>2936</sup> MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 217.

<sup>2937</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 29.

<sup>2938</sup> NABUCO *apud* SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 29.

*não sendo, portanto, nada artificial no processo, uma vez que quase tudo seria aprendido e quase nada invenção própria*<sup>2939</sup>.

Em suma, através de um horizonte comparatista *outro*, concebo que o referido em *Fisiologia* com base na insígnia da formação em Nabuco estaria muito mais para a de Candido, de um plasmar eurocêntrico, do que a quaisquer propostas de uma desformação pluriversal, como a que venho delineando. Em “Atração do mundo” (2004), Silviano<sup>2940</sup>, ao estabelecer uma relação direta com o capítulo homônimo da *Minha formação* de Nabuco, acaba por aproximar a premissa, já evocada por mim nesta tese, da síntese entre “tendências particularistas e universalistas” de Candido às reflexões do político do século XIX, ambos os intelectuais cooptados pelo viés hegemônico declinado no etnocentrismo europeu à última potência. Nabuco, por sua vez, cinquenta e nove anos antes da *Formação* de Candido, imprimia sua própria imagem, no que circunscrevia seus vínculos com o lócus tropical exteriorizado, enquanto, conforme o referido ensaio de Silviano<sup>2941</sup>, espectador mais interessado nos dramas teatrais do século europeu do que nas próprias questões do seu lócus de origem recém-independente ao considerar o pretendido espetáculo do mundo, vulgo da Europa, como o de uma civilização em plena efervescência dramática, muito distinto do dito “país provinciano” o qual fora destinado a viver e, por extensão, encontrar-se em situação longínqua da “real civilização” do mundo. Dessa forma, cito de forma integral Joaquim Nabuco:

Nós, brasileiros – o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos – pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. *Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquela. A nossa imaginação não pode deixar de ser europeia, isto é, de ser humana; ela não para na Primeira Missa do Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas*

---

<sup>2939</sup> SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 29.

<sup>2940</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 12.

<sup>2941</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 12.

civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica. Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquerismo, como se criou em Paris a vida elegante dos milionários da Sul-América; a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem europeia. *A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana;* e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada de um nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia. As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre *squatters*, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem."<sup>2942</sup>

No arremetido pelo excerto de Nabuco, retirado do capítulo “Atração do mundo” com base em suas memórias revisitadas através de *Minha formação*, fica posto da minha perspectiva fronteira de uma des-formação que a atração do político não se aquilata, de fato, pelo mundo em suas possibilidades pluriversais e multifacetadas. Mas, sim, pelo entendimento etnocêntrico de que o mundo em sua totalidade seria tão somente a Europa em sua pretendida e autoproclamada ideia de civilização universal do mundo relegando, por consequência, as fronteiras e bordas à marginalidade da inexistência. Ressalvadas as diferenças e me precavendo de generalizações relativistas, de alguma maneira, Nabuco simboliza um retrato do pensamento brasileiro, ou ainda dos processos formativos culturais-literários deste Brasil do pretérito imperfeito, muitas das vezes em posição colonizada de desprezar as pluriversalidades dos pensamentos próprios, de um caminhar com as próprias pernas, em detrimento à pseudo-universalidade hegemônica da Metrópole.

A isso, rememoro o entoado por Aimé Césaire quando assevera que: “[...] há duas maneiras de perder a si mesmo: a segregação encerrada no particular, ou a

---

<sup>2942</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 58-59, grifos meus.

diluição no ‘universal’ [...]”<sup>2943</sup> em contraposição pluriversal à perspectiva *outra*, afim à des-formação, de “[...] um universal enriquecido por tudo o que é particular, um universal enriquecido pelas diversas particularidades: o aprofundamento e coexistência de todas as particularidades.”<sup>2944</sup>. Trazendo às especificidades do problematizado neste subtítulo e coadunado pelas opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento, paradigma *outro* e pensamento próprio apregoados, como caractere *sine qua non*, de uma des-formação fronteiriça, entendo que Candido e Nabuco, através da incorporação dos ditos “clássicos da literatura mundial” e do interesse único pela Política (em maiúscula) estrangeira, diluem-nos, nossas pluriversalidades particulares em multifacetados âmbitos deste país colonizado, nos grilhões hegemônicos dos universais monotópicos e abstratos em suas incursões renitentes e viciantes das *camadas estratificadas do “Velho Mundo”* com base no endosso *de que nossa imaginação não pode deixar de ser europeia* ou, nas palavras de Nabuco, *de ser Humana*<sup>2945</sup> – e destaque de modo proposital em inicial maiúscula.

Por outro lado, ainda que Silviano esteja enviesado por diversas dissonâncias teórico-conceituais com a perspectiva *outra* desta tese no fomentar de uma des-formação, ainda assim, suas reflexões revisitam criticamente as dos referidos intelectuais por se situar no entre-lugar entre o apego e o desapego das tradições etnocêntricas, mesmo que não dê conta na totalidade da problematização em destaque. Nesse intento, o mineiro afere<sup>2946</sup>, sem meias palavras, o estatuto de eurocêntrico a Nabuco<sup>2947</sup>, comparado por ele com Candido, ao descortinar, no bojo

---

<sup>2943</sup> CÉSAIRE *apud* SANTOS. *Descolonizar*, p. 93.

<sup>2944</sup> CÉSAIRE *apud* SANTOS. *Descolonizar*, p. 93-94.

<sup>2945</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 58.

<sup>2946</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 15.

<sup>2947</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 14.

da extensa citação reproduzida por mim há pouco, que, no concernente às camadas geológicas (América sendo a nova flutuante e a Europa a estratificada), o geólogo não deveria partir das tradições autóctones brasileiras para reconstituí-las, e, sim, desviar-se dali perseguindo, enquanto historiador das ideias, as pretendidas “[...] profundidades só encontradas em civilizações da humanidade, como a dos europeus.”<sup>2948</sup>. O exposto, então, da minha perspectiva descolonial, é tão somente a inscrição do si-mesmo já discutida por mim na enseada da *Formação* de Candido, ambos, o mestre e Nabuco, aproximam-se justamente pelas suas pseudo-necessidades de nos situarem, mais uma vez, enquanto as exterioridades dos centros metropolitanos, como se não o tivessem feito *a priori* pelo transcorrer dos processos expansionistas e imperiais do colonialismo do século XV para o XVI.

Face a isso, da minha teorização crítica biográfica fronteiriça, faz-se impossível pensar *a partir do* exposto sem me contaminar pelas filigranas colonizadas da minha própria formação cultural, para além da escolar já mencionada nesta tese. Cresci, como a maioria sobressalente dos brasileiros, em especial, pela interceptação disseminada da globalização midiática e cibernética, acreditando na ficção de que tudo, absolutamente tudo, advindo da Europa e dos Estados Unidos era, sem parênteses, superior, desenvolvido, melhor, à frente do tempo, soberano ou mais interessante do que quaisquer produtos culturais produzidos pelo Brasil. Quando digo tudo, refiro-me não apenas à literatura, mas, também, às artes plásticas, cinema, música, política, jornalismo, produtos alimentícios, tecnologias, ciência, remédios, vacinas, enfim, na generalidade totalitária mais possível enxertada em meu corpo e mente colonizados. À maneira que já elaborei nesta tese na esteira de Mignolo, não é exagero quando afirmarmos que *aparelharam e programaram nossos cérebros*

---

<sup>2948</sup> SANTIAGO. Atração do mundo, p. 15-16.

*através da razão imperial/colonial*<sup>2949</sup> para crermos que, naturalmente, sempre fomos inferiores, sub-humanos, ignorantes e menos desenvolvidos (*anthropos*) que as metrópoles (*humanitas*), desde os idos do colonialismo do século XVI.

Por isso e não somente que minha des-formação se incrusta pela premissa *outra de aprender a desaprender e re-aprender a cada passo desatando os nós*<sup>2950</sup> *universalistas monotópicos e hegemônicos a partir de um dispensar/desaprender*<sup>2951</sup> *com práticas pluriversais autorreflexivas*<sup>2952</sup> *de conhecimentos-com*<sup>2953</sup> não assentadas em um pensamento autossuficiente desprovido dos pontos de contato “alienígenas”, nas palavras de Silviano<sup>2954</sup>. Pelo contrário, um saber que possa caminhar com as próprias pernas em prol de *não apenas observar o Brasil, e, sim, viver o Brasil*<sup>2955</sup> autoconsciente das diferenças coloniais renitentes que enviesaram, cooptaram e minaram nossos processos formativos não apenas no que diz respeito às presenças dos colonizadores nestes trópicos, mas, para-além desses, das mentes colonizadas de intelectuais brasileiros como Candido, Nabuco e, em alguma medida, Silviano. Defendo, portanto, a perspectiva fronteiriça de uma des-formação por querer não apenas *viver o Brasil*<sup>2956</sup>, e sim, para que todos, sem reticências, possam vivê-lo e escre(vi)vê-lo com suas presenças incontestes, justiça e dignidade desprovidos das exclusões radicais perpetuadas pelas linhas abissais<sup>2957</sup> invisíveis endossadas à última potência nos mais variados círculos culturais.

---

<sup>2949</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>2950</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>2951</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 224.

<sup>2952</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2953</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>2954</sup> SANTIAGO. Apesar de dependente, universal, p. 20.

<sup>2955</sup> BANDEIRA *apud* SANTIAGO. Atração do mundo, p. 43.

<sup>2956</sup> BANDEIRA *apud* SANTIAGO. Atração do mundo, p. 43.

<sup>2957</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 76.

No que concerne a tais linhas abissais<sup>2958</sup>, suas permanências neste Brasil do pretérito imperfeito podem ser percebidas no engaste da *Formação* de Candido, tal qual venho argumentando, e, sobremaneira, nas reflexões presentes em *Minha formação* de Nabuco. Isso, pois, conforme Silviano<sup>2959</sup> assevera, ali, o Brasil seria apenas um dos resultados da colonização tropical decorrida pela invasão portuguesa desprezando, por conseguinte, elementos *outros*, também constitutivos de nossa formação, quer queiram quer não, como as culturas indígenas e africanas nos seus plasmares econômicos, sociais, culturais e, por que não, também literários? Ao político do século XIX afirmar com todas as letras que viveu de Política, com P grande, que nada mais seria que a História, por detrás do seu discurso havia o desprezo latente pelo que era de ordem nacional, uma vez que  *julgava a situação local em decorrência das suas curiosidades intelectuais pelas ditas “coisas do mundo”*<sup>2960</sup>, leia-se da Europa. No cerne do texto de Nabuco, o crítico mineiro<sup>2961</sup> aproxima, então, o viés da Política à premissa da História da Civilização Ocidental, em maiúsculas, uma vez que o que estava ocultado era tão somente o paradigma da modernidade/colonialidade.

Nessa linha de raciocínio estabelecida por Silviano<sup>2962</sup> em torno de Nabuco, os elementos nacionais seriam inferiores, setorizados e dominados por estruturas arcaicas com sentimentos baixos – comparativamente a todos os similares caracteres já arrolados por mim no que diz respeito à *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido e seus objetos de desejo universalistas apregoados aos escritores e às obras arcadistas e românticas. No arregimentado pelo político narrando suas memórias,

---

<sup>2958</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 76.

<sup>2959</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 32.

<sup>2960</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 13

<sup>2961</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 13.

<sup>2962</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 13.

*havia em si uma dupla incapacidade de viver a dita “medíocre política nacional” que o levaria para fora do Brasil, para a Europa em termos específicos, onde “[...] ‘o ponto de ação do drama contemporâneo é universal e mais complicado ou mais intenso’.*”<sup>2963</sup>. Universais, portanto, para Candido e Nabuco, *não poderiam ser presenciados pelos brasileiros, apenas apreciados da poltrona situada na plateia provinciana*<sup>2964</sup> de uma exterioridade abissal criada em detrimento à interioridade dos centros e, ainda, replicadas à exaustão por grupos consideráveis dos intelectuais deste lócus do pretérito imperfeito à exaustão. Mais uma vez, cito Nabuco no capítulo “Atração do mundo” (1900) revisitado por Silviano, também em horizonte comparatista com Candido, em 2004:

Em minha vida vivi muito da Política, com P grande, isto é, da política que é história, e ainda hoje vivo, é certo que muito menos. Mas, para a política propriamente dita, que é a local, a do país, a dos partidos, tenho esta dupla incapacidade: não só um mundo de coisas me parece superior a ela, como também minha curiosidade, o meu interesse, vai sempre para o ponto onde a ação do drama contemporâneo universal é mais complicada ou mais intensa. *Sou antes um espectador do meu século do que do meu país; a peça é para mim a civilização, se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo. Uma afeição maior, um interesse mais próximo, uma ligação mais íntima, faz que a cena, quando se passa no Brasil, tenha para mim importância especial, mas isto não se confunde com a pura emoção intelectual; é um prazer ou uma dor, por assim dizer doméstica, que interesse o coração; não é um grande espetáculo, que prende e domina a inteligência. [...]* Em tudo isto, porém, há muita pouca política; nesses três quadros por exemplo, a política suspende-se; o que há é o drama humano universal de que falei, transportado para nossa terra. Não se poderia dizer isto da luta dos partidos, nem do que, exclusivamente, é considerado *política* pelos profissionais. Esta é uma absorção como a de qualquer hábito, circunscreve a curiosidade a um campo visual restrito: é uma espécie de oclusão das pálpebras.<sup>2965</sup>

Atravessado pelo puro eurocentrismo etnocêntrico replicado por Nabuco, e não menos por Candido, lanço luz, guiado pela minha perspectiva de uma des-formação descolonial, a quando afere que *seria antes um espectador do século que do país sendo a civilização a peça-chave onde está a pura emoção intelectual que prende e*

<sup>2963</sup> NABUCO *apud* SANTIAGO. Atração do mundo, p. 13.

<sup>2964</sup> SANTIAGO. Atração do mundo, p. 13.

<sup>2965</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 53-54, grifos meus.

*domina a inteligência*. Face ao dito, minha teorização só pode se situar justamente no espaço prioritário pós-abissal suscitado pelas Epistemologias do Sul de contracorrente diferencial e pluriversal *às exclusões abissais e às possibilidades de lutas contra elas, inclusive ao epistemicídio perpetuados pelas ciências modernas eurocêntricas devastadoras para os outros lados das linhas abissais na medida da crescente violência e apropriação coloniais convertidas em formas coloniais de regulação social*<sup>2966</sup>. Valendo-me do próprio termo evocado pelo extenso fragmento supracitado, Nabuco, Candido e, em alguma medida, Silviano optam pela *oclusão das pálpebras*<sup>2967</sup> no que compete aos nossos processos formativos, entremeados pelas diferenças coloniais, e, sobretudo, por não desobedecerem nem se desprenderem da perseguição aos universais monotópicos abstratos e hegemônicos nas esferas teóricas que se dispuseram a pensar e escrever sobre.

Portanto, se, para Nabuco, a Europa *não deixou de ser o eterno impulso dado ao pêndulo imaginativo*<sup>2968</sup>, preferindo, conforme Silviano<sup>2969</sup> aponta, o esconderijo cosmopolita do sentimento íntimo às esferas públicas das exteriorizações triunfais em suas imaginações eurocêntricas e apegos ao autoexílio do país de origem; assentome, pelo crivo da des-formação, na problematização descolonial *que inclua no mesmo eixo a crítica à mentalidade colonizadora e, pari passu, a crítica à mentalidade colonizada*<sup>2970</sup> – a exemplo do que venho realizando a partir de Silviano, Candido e, agora, Nabuco. Meus interesses de pesquisador fronteiriço, que escre(vi)ve *a partir de* uma corpo-política dissidente e, não menos, de uma geo-política situada no arrabalde geostórico e epistêmico exteriorizado do Sul global povoado por

---

<sup>2966</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 57.

<sup>2967</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 53-54, grifos meus.

<sup>2968</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 57.

<sup>2969</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 19.

<sup>2970</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 38.

demasiados grupos sociais deserdados, dão-se pelas desigualdades, assimetrias, apagamentos, exclusões, esquecimentos etc. ao passo que universalismos, Políticas, Histórias, Civilizações e afins já foram, em demasia, exauridos de um ponto de vista teórico moderno/colonial e, a mim, nada competem.

Na esteira de Boaventura<sup>2971</sup>, fronteiriçamente, meu compromisso pós-abissal, colado à des-formação, está declinado nas consequências decorridas do colonialismo/colonialidade em suas apropriações, violências, cocriações e coautodestruições nos mais variados níveis da vida social e suas interrelações ademais às práticas e imaginários sociais – tal qual mencionei outrora na égide das minhas formações escolásticas e culturais. De maneira veemente, localizo-me na mais pluriversal diferença a certas aferições: “Mas tudo isto [Rio de Janeiro] é ainda, por assim dizer, um trecho do planeta que a *humanidade não tomou posse* [...]”<sup>2972</sup>, ou seja, “[...] é como um Paraíso Terrestre antes das primeiras lágrimas do homem, uma espécie de jardim infantil.”<sup>2973</sup> e, ainda, “[...] o *espírito humano*, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico; o Novo Mundo para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão [...]”<sup>2974</sup>. Em um preciso sentido, Nabuco, ressalvadas as diferenças, Candido e Silviano endossam *linhas abissais*, em prol dos universais, *que radicalizam as separações entre seres plenamente humanos e os sub-humanos (anthropos) pela clave da naturalização de hierarquias sociais profundas nos ditos tempos modernos*<sup>2975</sup>.

---

<sup>2971</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 38.

<sup>2972</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 59, grifos meus.

<sup>2973</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 59.

<sup>2974</sup> NABUCO. *Minha formação*, p. 59, grifos do autor.

<sup>2975</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 76.

Com base nesse intento, a proposta de uma des-formação só pode ser pensada se, como Boaventura<sup>2976</sup> defende, a história dos ditos vencedores for problematizada em torno da sua insígnia abissal que recria e oculta as linhas passíveis de demarcarem caracteres ditos “particulares (*anthropos*) e universais (*humanitas*)”, para utilizar um termo caro tanto a Candido quanto a Nabuco, ao modo que compara Silviano. Pela égide das reflexões do referido intelectual pós-abissal, entendo que descolonizar nossos processos formativos implica, então, denunciar as existências renitentes dessas linhas abissais reivindicando as plenas humanidades das populações tornadas sub-humanas, selvagens, ignorantes e bárbaras (*anthropos*) reaprendendo a história *a partir de uma perspectiva outra* que coloque em relevo os processos de sub-humanização e resistência<sup>2977</sup> aos quais viemos sendo submetidos há séculos ininterruptamente. Assim, textualmente, Silviano coloca vis-à-vis Candido e Nabuco: “[...] ao propor na década de 1950 uma outra formação, agora a da literatura brasileira, Antonio Candido não recomenda método distinto do proposto por Joaquim Nabuco [...]”<sup>2978</sup> com o intuito de “[...] avaliar corretamente a um tanto capenga literatura brasileira (só que em lugar de mensagens telegráficas vinda de países hegemônicos, recomenda ele a leitura dos clássicos da literatura mundial).”<sup>2979</sup>.

Há, portanto, conforme o mineiro<sup>2980</sup>, tanto em Candido quanto em Nabuco, um interesse pelo que é nacional que deve ser balizado e calibrado pelos desejos assentados em Literaturas (e Políticas) consideradas maiores, “universais”. Em suma, pelo entremear da minha des-formação, tais interesses foram filtrados pela hegemonia da interioridade assimétrica à última potência, elemento desconsiderado pela mente

---

<sup>2976</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 77.

<sup>2977</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 77.

<sup>2978</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 18.

<sup>2979</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 18.

<sup>2980</sup> SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 18.

colonizada de ambos os intelectuais. Segundo o próprio mestre defende, o escritor brasileiro “[...] escrevia num meio culturalmente pobre, encontrando repercussão limitada; tinha poucas oportunidades de cultivar o espírito, dar publicidade às obras e medir os próprios limites.”<sup>2981</sup>, ademais, “Tendia, pois, a atribuir um alto significado à própria atividade e a considerar-se o sal de uma terra inculta, onde a fama, quando, vinha, podia penetrar no domínio da lenda.”<sup>2982</sup>. No engaste do suscitado por tais intelectuais eurocêntricos, em especial, pelas referidas palavras de Candido, desenha-se o que Boaventura<sup>2983</sup> conclama de inércia ou vida excessiva das ideias dominantes.

Em um preciso sentido, atravessado pelos campos semântico suscitados por “meio culturalmente pobre”, “poucas oportunidades de cultivar o espírito” e “terra inculta”, tento, pelo crivo desta des-formação pluriversal e fronteira, entender quais critérios sustentam as formulações hegemônicas de Candido. Percebo, então, que suas ditas “manifestações literárias” estariam para a incivilidade dos homens não-cultos (*anthropos*) ao passo que seu “sistema literário” seria regido pela civilidade dos homens cultos (*humanitas*), perseguidores dos universais em detrimento ao apagamento sobressalente de quaisquer formas de produções *outras*, indígenas e afro-brasileiras, aportadas em cosmologias pluriversais e desprovidas de desejos universalizantes oriundos das interioridades dos centros. Não há, no cerne da formação embebida de um si-mesmo etnocêntrico, espaço para expressões culturais fronteiriças, isto é, para aquelas que não estivessem revestidas pelos desejos latentes empregados pelos universalismos abstratos que sempre disporiam às margens

---

<sup>2981</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 248.

<sup>2982</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 248.

<sup>2983</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 42.

condição inexorável de periferia, ou seja, do mais afora possível da exterioridade colonial/moderna.

Diante desse cenário, à luz de Boaventura<sup>2984</sup>, concebo minha des-formação mostrando como a ideia de inexistência não é ontológica no mundo e neste Brasil do pretérito imperfeito, mas, sim, produzida enquanto tal em detrimento à (auto)manutenção racializada e etnocêntrica de uns poucos em detrimento a muitos outros. Ademais, a inexistência se dá *sempre que determinadas entidades são desqualificadas e consideradas invisíveis, não-inteligíveis ou mesmo descartáveis*<sup>2985</sup> – como é o caso pulsante da nossa formação literário-cultural desprovida de traços não-estereotipados ou não-exotizados dos indígenas e afro-brasileiros. No bojo do que o crítico pós-abissal<sup>2986</sup> ressoa, não há um modo único de criar ausência, mas diversos, assumindo, como Nabuco, Candido e, em alguma medida no tocante à busca pelos universais, Silviano, uma racionalidade monocultural com base nos critérios de ignorância, atraso, inferioridade, particularismo, improdutividade ou esterilidade (*anthropos*).

Ao fazê-lo, perde-se uma quantidade imensurável de conhecimentos e expressões literário-culturais *ancestrais, populares e espirituais*<sup>2987</sup> *em detrimento ao cientificismo e às belles lettres eurocênicas pautadas nos corolários científicos, avançados, superiores, globais, produtivos*<sup>2988</sup> (*humanitas*) e, em maior instância, “universais” respaldados tão somente na diversidade interna das histórias locais europeias. Des-formação, por sua vez, pressupõe, como calcado no cerne das

---

<sup>2984</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.

<sup>2985</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.

<sup>2986</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.

<sup>2987</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.

<sup>2988</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.

Epistemologias do Sul<sup>2989</sup>, defender a recuperação dos saberes populares e vernaculares que foram desprezados pelos saberes considerados “científicos” ou “literários” e, não obstante, decorridas de exclusões cognitivas localizadas no cerne das exclusões sociais dos grupos deserdados, como é caso da eliminação dos povos indígenas (genocídio) e do apagamento dos seus saberes e produções ancestrais (epistemicídio)<sup>2990</sup>. No exemplo latente de Silviano, Candido e Nabuco, perfila-se, da perspectiva *outra* de minha des-formação, os *critérios monoculturais e monolíticos do saber apostos a desespecificar os assujeitados coloniais, sobremaneira os racializados, como ignorantes*<sup>2991</sup> em detrimento à pseudo-supremacia universal da interioridade. Face ao descortinado, convoco novamente Boaventura de Sousa Santos:

Inércia ou vida excessiva das ideias dominantes. *Podemos formulá-lo da seguinte maneira: apesar da longa trajetória da crítica ao eurocentrismo e da desacreditação intelectual das ideias e dos imaginários eurocêtricos, estes continuam dominando o discurso público e a trama da vida acadêmica. A inércia das concepções convencionais parece resistir com sucesso às críticas integrais, sólidas e aparentemente devastadoras que são produzidas em extensos círculos acadêmicos desde meados da década de 1960.* Na história das ideias, são abundantes os casos de ideias que, embora amplamente desacreditadas, mantêm sua influência. Em que medida o fato de os estudos anti-coloniais confrontarem o eurocentrismo num terreno específico e restrito (o terreno acadêmico), que no período moderno se assentou em estruturas conceituais e governamentais estabelecidas pelo eurocentrismo e embebidas em ideias eurocêtricas, contribui para a ostensiva blindagem destas últimas?<sup>2992</sup>

*Esses ideais e imaginários eurocêtricos continuam a dominar os discursos públicos e as tramas da vida acadêmica*, ao modo como evoquei com base em meus processos culturais e escolásticos formativos individuais não tão dissonantes de grandes parcelas de habitantes deste Brasil do pretérito imperfeito. Na pluriversalidade diferencial, des-formação se dispõe a questionar os *modos de ser e*

<sup>2989</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 52.

<sup>2990</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 52.

<sup>2991</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 86.

<sup>2992</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 42, grifos meus.

*atuar que foram tornados irrelevantes e ausentes por não atenderem aos critérios dominantes impostos*<sup>2993</sup>, à maneira que vim arrolando e problematizando com base nos postulados de, *a priori*, Silvano, depois Candido e, então, Nabuco em perspectiva comparatista descolonial no engaste da hipótese maior desta tese. Ao desaprender e re-aprender *a partir de* uma teorização crítica biográfica fronteiriça a ideia de formação, calcada no si-mesmo *humanitas* e perpetuada à exaustão por aqui, escolho, entrecortado pelas opções descoloniais, desobediência epistêmica, desprendimento, paradigma *outro* e pensamento próprio, o caminho de ensejar possibilidades pluriversais, matizado pelo *anthropos*, de descolonizarmos nossos processos formativos.

Isso posto, as epistemologias do Sul<sup>2994</sup> me auxiliam a entrever que a descolonização da formação requer o saber/prática de nos desidentificarmos da ficção escrita pelos vencedores pela chancela de um estrito passado conclusivo em favor de reescrever nossos “começos” e “origens” à luz da presença incontestável dos vencidos no tracejo de um passado-presente lançado a um futuro que suscite pluriversalidades pujantes. Des-formação, então, declina-se, primeiro, *nas histórias das ausências na responsiva dos apagamentos, esquecimentos e silenciamentos perpetuados por mecanismos que fizeram tão somente desperdiçar, descartar e condenar à inexistência da exterioridade bagagens pluriversais de experivivências e produções*<sup>2995</sup>. Em *pari passu*, demanda, não menos, *histórias de emergências que possam resgatar, recuperar e possibilitar que imaginemos novamente tudo aquilo que fora tornado ruína pressupondo seus potenciais de libertação*<sup>2996</sup>. Em um preciso sentido, des-formação pressupõe, também, confrontar as monoculturas do

---

<sup>2993</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 58.

<sup>2994</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 81.

<sup>2995</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 81.

<sup>2996</sup> SANTOS. *Descolonizar*, p. 81.

conhecimento e das literaturas reproduzidos à exaustão por Joaquim Nabuco, Antonio Candido e Silviano Santiago.

Portanto, encaminho-me para o encerramento deste subtítulo e, por consequência, deste último capítulo me valendo de entrecchos do discurso de Silviano Santiago, *à la* Mário de Andrade em 1942, ao receber o “Prêmio Camões” no ano de 2022. Ali, o mineiro<sup>2997</sup> evoca um sentimento *outro* de clamor por justiça e de culpa às suas gerações passadas no que circunscreve aos múltiplos e sucessivos apagamentos aportados na literatura brasileira. Arregimenta, então, que desde o Renascimento europeu e das viagens expansionistas, viemos sendo coniventes com as injustiças sociais renitentes, em destaque, aos povos indígenas atravessados por uma dor secular e cooptados, no âmbito da história nacional, pelos gritos amordaçados de suas mágoas séculos a fio de sofrimento e que, hoje, urge sua reparação<sup>2998</sup> – minha des-formação, ao seu modo fronteiriço, aquilata uma alternativa *outra* atravessada por tal contexto de modernidades/colonialidades renitentes neste Brasil pretérito e imperfeito. Isso em mente, o mineiro afirma *que é chegado o momento de liberação da literatura brasileira às águas amazônicas, às atlânticas africanas e às correntes diaspóricas* podendo, finalmente, *trafegar em liberdade por águas “democráticas” destituídas da bandeira menor do acervo folclórico ou mesmo da insígnia da oralidade*<sup>2999</sup>. Des-formação, enfim, conjectura o duplo movimento fronteiriço de problematizarmos tanto mentes coloniais quanto colonizadas em prol de, sempre, envolvermo-nos das pluriversalidades como a única instância possível

---

<sup>2997</sup> SANTIAGO. Escritor mineiro Silviano Santiago recebe Prêmio Camões, s/p.

<sup>2998</sup> SANTIAGO. Escritor mineiro Silviano Santiago recebe Prêmio Camões, s/p.

<sup>2999</sup> SANTIAGO. Escritor mineiro Silviano Santiago recebe Prêmio Camões, s/p.

dos universais defendendo a premissa descolonial de que *muitos mundos podem e devem co-existir*<sup>3000</sup>.

---

<sup>3000</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

## CONCLUSÃO – UMA TEORIZAÇÃO *OUTRA* DE BRASIL

[...] Brasil profundo, da grande maioria pobre, negra, indígena, jovem, vivendo nas favelas, apodrecendo nas masmorras [...] Esta maioria sentiu-se muitas vezes vítima de negligência, descaso, displicência e mesmo arrogância de quem se dizia defendê-la [...] Sentia, sobretudo, que a sua voz não estava incluída nos números que falavam a seu respeito e a respeito do seu progresso.

SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406-407.

'Sempre se pensou o Brasil fora do Brasil, mas de maneira incompleta: o país aparece no prolongamento da Europa. Ora, a ideia [...] é diferente e relativamente simples: a colonização portuguesa, fundada no escravismo, deu lugar a um espaço econômico e social bipolar, englobando uma zona de produção escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrados em Angola. [...] O que se quer [...] é mostrar como essas duas partes unidas pelo oceano se completam num só sistema de exploração colonial cuja singularidade *ainda marca profundamente o Brasil contemporâneo*'.

ALENCASTRO *apud* SANTIAGO. Artelatina (manifesto), p. 60, grifos meus.

À maneira que mencionei na Introdução desta tese de base crítica biográfica fronteiriça, foi a partir da pandemia de COVID-19, que engoliu o mundo em março de 2020, que este trabalho e sua hipótese encontraram suas filigranas impulsionadoras. Em um preciso sentido, em 2021, ano que iniciei o doutorado, entrevi, tal qual Silviano Santiago havia sinalizado em texto de 2019, que *nossas vidas estavam em risco*<sup>3001</sup>, não unicamente pelo vírus até então desconhecido e sem possibilidade de cura, mas, também, pelas políticas governamentais e presidenciais de extrema direita as quais, para minha teorização descolonial, carregavam consigo pontos de contato pujantes com nossas heranças coloniais, escravocratas, racializadas, patriarcais, homo-transfóbicas e classistas absolutamente desconectadas dos horizontes abissais de desigualdades deste *Brasil profundo*<sup>3002</sup>. Por isso e não somente, tendo em vista as discussões empreendidas nos capítulos II e III nos campos das artes/literaturas e dos nossos processos formativos, vi-me frente à impossibilidade de ignorar os questionamentos descortinados pelo intelectual mineiro: *voltaríamos a viver no Brasil que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito?*<sup>3003</sup> É, portanto, à luz do contexto delineado que esta tese toma corpo e se projeta para o Brasil e para as muitas possibilidades de mundos possíveis.

---

<sup>3001</sup> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

<sup>3002</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>3003</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

E, ainda, para que possamos encarar frente a frente nossas feridas e diferenças coloniais sem desconsiderarmos, de fato, o *Brasil profundo*<sup>3004</sup> negligenciado, esquecido, invisibilizado e tornado inexistente não apenas pelas políticas públicas governamentais, na maioria das vezes despreocupadas com os arrabaldes fronteiriços deste país com estruturas geoistóricas continentais, como, também, por parcelas sobressalentes do pensamento brasileiro racializado. Esse, por sua vez, cujo cerne, ressalvadas exceções, acabou por *pensar o Brasil de fora do Brasil, seja como prolongamento da Europa*<sup>3005</sup> ou, no entrecortar do imperialismo hipercapitalista, dos Estados Unidos. Coadunado pela confluência entre ambos os cenários abissais e orientado pela hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito emergida, *a priori* e para além, de Silviano, busquei problematizar, no engaste dos estudos críticos biográficos fronteiriços, como desde o século XV até o hoje do meu escre(vi)ver no século XXI não demos conta de nos desprendermos *dos sistemas de exploração colonial os quais marcam profundamente a atualidade do meu tempo*<sup>3006</sup> nestes trópicos verde-amarelos exteriorizados.

À revelia da premissa amplamente difundida nas esferas sociais, *engana-se quem acredita ser o Brasil o país do futuro, pois, ao contrário, mostra-se como o país do pretérito imperfeito*<sup>3007</sup>. Ademais, debruçado sobre tal consciência *outra sobre tudo aquilo* que me cerca no transcorrer do cotidiano, seja nas ruas, veiculações midiáticas, redes sociais, indústrias culturais, universidade, círculos de convivência familiares, enfim, *compreendi que meu país é um corpo que dói*<sup>3008</sup> não apenas pelo que me afeta diariamente enquanto corpo dissidente situado na exterioridade fronteiriça do

---

<sup>3004</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>3005</sup> ALENCASTRO *apud* SANTIAGO. Artelatina (manifesto), p. 60.

<sup>3006</sup> ALENCASTRO *apud* SANTIAGO. Artelatina (manifesto), p. 60.

<sup>3007</sup> SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

<sup>3008</sup> DAFLON. Meu país é um corpo que dói, p. 21.

Mato Grosso do Sul, e, sim, por todos aqueles que são vilipendiados e deserdados de maneira incessante pela nossa quase impossibilidade enquanto país de lidarmos com as nossas próprias heranças coloniais hoje declinadas no hipercapitalismo imperialista à última potência. Por essa razão, *não pude escre(vi)ver como falava*<sup>3009</sup> antes desta tese, menos ainda como escre(vi)vi, também permeado por Silviano, minha dissertação de mestrado floreada pelo perfume lutuoso das nossas *Mil rosas roubadas* (2014).

Pelo contrário, *o lado mais escuro*<sup>3010</sup> *deste Brasil profundo*<sup>3011</sup>, do pretérito imperfeito, influiu vorazmente em meu ser enquanto cidadão, homossexual, sul-mato-grossense, professor, pesquisador e leitor despertando o espectro mais agudo de minha revolta fronteiriça<sup>3012</sup> acerca dos cenários abissais que se avultam e me encruzam dia após dia. Por essa razão, este trabalho não é apenas um compêndio salutar de referências bibliográficas providas, na maioria das vezes, pelos estudos críticos biográficos fronteiriços de insígnia descolonial, e, sim, um corpo pulsante arregimentado por encontros com lugares, pessoas, sensibilidades biográficas, histórias locais, injustiças, inexistências, gritos silenciados, ignorâncias e deserdamentos conjecturados por múltiplas verdades calcadas em *bios* e *loci* pluriversais que acabam por ser *livros não escritos*<sup>3013</sup>. Assim, embebido de minha hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito, sinalizada por Silviano no ano de 2020 em seu texto “Nó, nós”, revesti-me *de tudo aquilo que me tocou ao longo desta breve*

---

<sup>3009</sup> SANTIAGO. 12 de outubro de 2020, p. 15.

<sup>3010</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>3011</sup> SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

<sup>3012</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

<sup>3013</sup> PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.

*vida intelectual e que, nesta tese, ajudou-me a teorizar as questões que para mim são as mais importantes*<sup>3014</sup>.

Por isso, ainda que Silviano Santiago não esteja desprendido das Grandes Tradições, apenas flertando, quando muito, com as teorias pós-coloniais, dadas suas incessantes releituras *transdisciplinares, pós-modernas e aportadas na desconstrução derridiana*<sup>3015</sup>, seus escritos, pela ressonância ou pela contrariedade absoluta em detrimento à minha teorização descolonial, foram indispensáveis para lançar luz, ainda que *a priori*, ao que busquei conceituar neste trabalho enquanto Brasil do pretérito imperfeito. Ou seja, um Brasil que começou através da invasão genocida portuguesa, nos termos da civilização ocidental, não terminou e que continua pelo crivo renitente das diferenças coloniais reproduzidas e nunca enfrentadas a contento, não sendo um Brasil, de fato, do passado, como se não houvesse solução, mas, sim, interceptado por um passado interrompido e inacabado. No bojo de tal intento, busquei *aprender a desaprender para, então, re-aprender*<sup>3016</sup> *a partir de* uma teorização *outra* o que é, da minha perspectiva, este país tão capaz de caminhar com as suas próprias pernas nas múltiplas esferas políticas, artístico-literárias e, até mesmo, em torno dos seus processos formativos embebidos de violência e expurgo aos assujeitados fronteiriços por excelência.

Ressalto ainda que mesmo que eu esteja calcado em uma teorização fronteiriça amplamente desobediente e desprendida das teorias modernas e seus desdobramentos problematizando ópticas diversais às minhas, não objetivei em nenhum momento questionar os lugares aferidos aos intelectuais já consolidados no campo das humanidades, a exemplo do próprio Silviano, dos modernistas e de

---

<sup>3014</sup> PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.

<sup>3015</sup> NOLASCO. Paisagens descoloniais, p. 258.

<sup>3016</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

Antonio Candido, menos ainda revisitar criticamente ou desconstruir qualquer coisa que seja. Meu objetivo foi tão somente propor perspectivas *outras* de pensamento que ocupavam *o lado mais escuro da modernidade*, ou seja, *a colonialidade*<sup>3017</sup> e se encontravam resguardadas na invisibilidade da quase inexistência diante das parcelas sobressalentes de estudos modernos sobre o Brasil, em destaque, no campo das Letras e suas *belles lettres*. Em somatória, ainda que esta tese não seja propriamente um trabalho de literatura comparada, dada minha formação disciplinar na pós-graduação, meu grupo de estudos culturais comparados e minhas experiências enquanto professor da área, vi-me impossibilitado de não a evocar aqui quando julguei necessário lhe aferindo, também, uma insígnia *outra* de matiz descolonial em favor da hipótese que circunscreve a totalidade do trabalho.

Face ao exposto, antes de adentrar as especificidades de cada capítulo, urge o apontamento de uma última justificativa. Como se pode notar ao percorrer o sumário, optei por iniciar minhas reflexões através da atualidade do meu tempo do escre(vi)ver naquele momento, o ano de 2021, a fim de rastrear e problematizar os contornos das políticas autoritárias de extrema direita neste Brasil do pretérito imperfeito sob o comando presidencial de Jair Messias Bolsonaro indo até o ano de 2023 quando Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse do poder executivo. Ao fazê-lo, em alguns momentos, direcionei-me a elementos políticos tangíveis não somente ao Brasil, mas, também, a outros *loci* tomados tanto pela virada à direita quanto à esquerda, de alguma maneira, empreendi um esforço contumaz de (tentar) acompanhar a política do meu tempo, entretanto, escre(vi)endo esta conclusão no findar de 2024, entrevejo que sua mutabilidade transitória escapa ao tempo de finalização deste trabalho e a isso não posso oferecer uma *mea culpa*. Naquele momento (2021), Joe Biden já era

---

<sup>3017</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 03.

presidente dos Estados Unidos, eleito em 2020 pós-Trump, contudo, assim como na Argentina com o direitista Javier Milei assumindo o poder em 2023, Trump retornará ao executivo em 2025 ao vencer Kamala Harris, candidata apoiada por Biden, nas eleições de 2024.

Em outras palavras, ao expor tal justificativa, estou conjecturando as políticas das incertezas que percorrem de um lado a outro os cenários políticos mundiais, não apenas no Brasil hoje governado por uma orientação mais à esquerda, o que não me impede de suscitar: como serão as próximas eleições deste país do pretérito imperfeito? Retornaremos ao retrocesso de 2018 a 2022, como Jair Bolsonaro nos foi um exemplo contumaz? Sinto, de algum modo, o peso do tempo pairar e padecer sobre o tempo da escrita desta tese e diante disso não há nada que possa ser feito, ainda que eu tenha autoconsciência dos meus esforços para conduzir e reconduzir o quanto fosse possível os balanços dos períodos eleitos para a composição da totalidade desta tese. O que se esparrama nestas linhas fronteiriças revoltosas, para além da tentativa de capturar o transcorrer do tempo da/na política e suas transformações dia após dia, é o corolário descolonial de que as teorizações aqui suscitadas foram *materializadas e corporizadas no engaste de corpos concretos, reais, existentes e deserdados implicando uma quantidade absurda de desafios*<sup>3018</sup> na empreitada de *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>3019</sup> este Brasil.

Com o evocado nesta conclusão em mente, direciono-me às filigranas dos capítulos sendo, portanto, o primeiro intitulado de “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (2018-2023): para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a Constituição**”. Ali ensejei me debruçar, dentro dos limites que eu enxergava possíveis em escre(vi)ver

---

<sup>3018</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>3019</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 323.

*a partir da* atualidade do meu tempo/espço, sobre as políticas autoritárias, coloniais, hipercapitalistas e imperialistas de Jair Messias Bolsonaro desde sua vitória nas eleições de 2018, transcorrendo sua governabilidade direcionada às elites nacionais, a eclosão pandêmica em 2020 e seu absoluto descaso ao caos sanitário instaurado pela COVID-19 indo até as eleições de 2022 com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e, por consequência, sua posse em 2023. No que diz respeito aos conceitos críticos biográficos fronteiriços empregados, respaldei-me, no plano geral, na hipótese do Brasil do pretérito imperfeito e nas corpo-geo-grafias políticas; no chancelar dos específicos, na matriz colonial de poder, nas corpo e geo-políticas contrapostas às ego e teopolíticas e, por fim, na ética política descolonial.

No segundo capítulo, denominado “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1922-2022): *modernismo aberto para des-balanço***”, minha discussão se materializou descolonialmente à luz do modernismo brasileiro a fim de problematizar o quanto seus agentes bem como sua propostas artístico-literárias endossaram nosso lugar de subserviência e prolongamento da Europa, ainda que pela negação, no arrabalde fronteiriço da exterioridade. Para isso, calcuei-me na iminência do centenário da Semana de Arte Moderna em 2022 na égide de como muitas das revisitações modernas apenas endossaram o movimento sem colocá-lo em perspectiva problematizada no engaste de sua ignorância frente às diferenças coloniais, despendi também discussões em torno de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, dois dos maiores protagonistas do período, assim como às razões futuristas e antropofágicas findando o capítulo com a reavaliação do movimento em 1942 através da conferência realizada por Mário. No que se refere aos conceitos tensionados, no viés geral, dei continuidade à empreitada do Brasil do pretérito imperfeito aliado ao des-modernismo;

na alcunha dos específicos, vali-me das opções descoloniais, da desobediência epistêmica, do desprendimento e da provincialização da Europa.

Por fim, no capítulo III, “**BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO (1500-1959): fisiologia da des-formação**”, intentei direcionar minha teorização descolonial aos paradigmas modernos reproduzidos pelas reflexões calcadas em nossos processos formativos com o objetivo de delinear possibilidades *outras* àquelas naturalizadas nas escolas e nas universidades. Para tal, não me vali apenas de Silviano como ponto de partida das discussões, mas assomei sua posição a Antonio Candido reverberando uma proposta assentada no que se vem tomando corpo nos últimos anos enquanto literatura comparada descolonial. Ao fazê-lo, introduzi minhas problematizações fronteiriças através do dito “período colonial” ilustrado pela “Carta de Pero Vaz de Caminha” (1500), passei pelo Arcadismo e pelo Romantismo até chegar à consolidação conceitual do que denominei de des-formação. A título dos conceitos, não me descolei da ideia de um Brasil do pretérito imperfeito, mas, sim, aproximei-a à des-formação de maneira geral; em termos específicos, crivei-me em paradigma *outro*, pensamento próprio e, enfim, de modo estruturado, na des-formação propriamente dita. Ademais, propositalmente no capítulo final, reproduzi a simbologia de uma Fita de Möbius por entender que, justamente ali, sua presença acabaria por cumprir a função de metaforizar a estrutura conceitual da tese em sua totalidade de forma a elucidar como os três momentos – capítulos – juntos dão corpo à hipótese de um Brasil do pretérito imperfeito.

Diante do explicitado nesta conclusão, encaminho-me para o seu encerramento consciente do trabalho que minha revolta fronteiriça<sup>3020</sup> me possibilitou realizar, sobremaneira, suscitado pelo desejo de escre(vi)ver o que, lá em 2021 à época da

---

<sup>3020</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

mudança de projeto de doutoramento, eu quis, *de fato*, teorizar. Atravessado por *todas* as leituras, experiências, pessoas, lugares, dores, sensibilidades, histórias locais, desigualdades, injustiças, esquecimentos, apagamentos, silenciamentos presentificados desde os anos de graduação (2015-2018), já na posição de PIBIC em Iniciação Científica, passando pelos idos do mestrado (2019-2020) e, enfim, nos do doutorado (2021-2025), eu não poderia escre(vi)ver outro trabalho que tão somente este embebido por *tudo aquilo* que me compõe enquanto cidadão, assujeitado dissidente, gente fronteira, leitor, professor e pesquisador. À revelia das muitas *belles lettres* que compõem os estudos nas áreas de Letras, optei pela desobediência e pelos desprendimento possibilitados por *conhecimentos presentificados em muitas e múltiplas lutas de resistências contra as opressões me entremeando pelo que surgia delas*<sup>3021</sup>, compreendi que ancorado nas corpo e geo-políticas *sobre nós tudo dizemos*<sup>3022</sup> e que *nossos corpos não podem mais ser degolados ou nossas formas de sensibilidades outras serem suprimidas*<sup>3023</sup>. Ao contrário de muitos que desejam que o Brasil continue sendo o lócus por excelência do pretérito imperfeito, prefiro acreditar, na *co-presença*<sup>3024</sup> *pluriversal, justa e igualitária a todos sem reticências localizados em um país e, ainda, em muitos mundos possíveis*<sup>3025</sup>, essa é a única instância possível que continua cotidianamente a catalisar forças em meu ser para lutar, sempre.

---

<sup>3021</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

<sup>3022</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.

<sup>3023</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 20.

<sup>3024</sup> SANTOS. *Para além do pensamento abissal*, p. 32.

<sup>3025</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 296.

## REFERÊNCIAS

ABIERTA, Democracia. Radicalização e violência bolsonarista marcam campanha no Brasil. 2022. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/pt/radicalizacao-violencia-bolsonarista-campanha-brasil/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

AGUILAR, Gonzalo. Os herdeiros da antropofagia. In: ANDRADE, Gênese (org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 723-753.

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 52-70.

ANDRADE, Gênese. Klaxon uma revista gritante. In: REVISTA. *Klaxon*: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 11-37.

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 253-280.

ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Novo Século Editora, 2017.

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna I: terno idílio. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a, p. 37-38.

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna II: iluminações inúteis. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b, p. 39-40.

ANDRADE, Mário de. As duas irmãs IV: neblinas, neblinas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008c, p. 57-58.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto antropófago*. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 142-147.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

ARAGÃO, Tainá. Bolsonaro deixa presidência com recorde histórico de desmatamento em Áreas Protegidas. 2022. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/bolsonaro-deixa-presidencia-com-recorde-historico-de-desmatamento-em-areas>>. Acesso em: 22 jul 2023.

ARANHA, Graça. Marinetti e o futurismo. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 361-364.

BARBARA, Vanessa. Bolsonaro disse que sua 'especialidade é matar.' Ele tem sido fiel à palavra. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/pt/2022/03/31/opinion/bolsonaro-brazil-amazon.html>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BBC NEWS. Fita de Möbius, o enigmático objeto com um só lado que fascina matemáticos, artistas e engenheiros. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BBC NEWS. As acusações e suspeitas que pairam sobre a família Bolsonaro. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99n52wrdyno>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BARIFOUSE, Rafael. Eleições 2022: 'Votação mostra que reação conservadora não está se esgotando como se pensava', diz professor de Harvard. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Silviano Santiago/Abaporu: 'Homem que come gente'. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César (org.). *Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 177-202.

BIGNOTTO, Newton. *O Brasil à procura da democracia: da Proclamação da República ao século XXI (1889-2018)*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. Introdução. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 07-18.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Introdução: chuva de batatas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia. *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 13-28.

BRUM, Eliane. Bolsonaro é mito, sim. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniaio/2021-07-07/bolsonaro-e-mito-sim.html>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

CALVI, Pedro. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+; CPL aprova Seminário sobre o tema. 2022. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>>. Acesso em: 07 de ago 2023.

CAMAZANO, Priscila. Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. 231-255.

CANDIDO, Antonio. Literatura Comparada. 1986. Disponível em: <<https://drive.google.com/open?id=1gRfkdD0g7ZAaLkl3hFsKS187sWBL6LiX>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

CAPITAL, Carta. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CARDOSO, Marília Rothier; SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidade toda prosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CARTA CAMPINAS. Em poucos dias, pelo menos três escândalos de corrupção da família Bolsonaro vieram à tona. 2023. Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2023/05/em-poucos-dias-pelo-menos-tres-escandalos-de-corrupcao-da-familia-bolsonaro-vieram-a-tona/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CARVALHO, Igor. Bolsonaro soube da tragédia yanomami, mas ignorou; parlamentares reagem: 'Crime de lesa-pátria'. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/05/12/bolsonaro-soube-da-tragedia-yanomami-mas-ignorou-parlamentares-reagem-crime-de-lesa-patria>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CASTRO, Ruy. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/semana-de-22-nao-foi-feita-para-atualizar-o-brasil-como-dizem-que-foi-diz-ruy-castro/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

CÉSAR, Davi. Região Nordeste possui metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE. 2020. Disponível em: <<https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CHAKRABARTY, Dipesh. Postcoloniality and the artifice of history: who speaks for 'Indian' pasts?. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2928652>>. Acesso em: 20 out. 2024.

CONJUGAÇÃO. Pretérito imperfeito do indicativo. Disponível em: <<https://www.conjugacao.com.br/preterito-imperfeito-do-indicativo/>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CONTEÚDO, Marco Zero. "Norte e Nordeste sofrem mais fortemente os efeitos das desigualdades existentes no país", diz economista. 2022. Disponível em:

<<https://marcozero.org/norte-e-nordeste-sofrem-mais-fortemente-os-efeitos-das-desigualdades-existent-no-pais-diz-economista/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

COUTINHO, Eduardo F. 'Learning how to curse in the master's tongue': estratégias do pós-colonialismo na América Latina. In: COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 91-101.

DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

DUSSE, Fernanda. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César (org.). *Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-117.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ESTADÃO. Saiba o que é comprovado e o que é falso sobre a facada em Bolsonaro em 2018. 2018. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/facada-bolsonaro-comprova-explica/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

ESTADÃO. Agronegócio: veja os 10 principais Estados produtores do Brasil. 2023. Disponível em: <<https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/agronegocio-veja-os-10-principais-estados-produtores-do-brasil/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FATO, Brasil de. Programa Bem Viver: "Saí do Brasil porque não tive escolha", diz Jean Wyllys. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/21/programa-bem-viver-sai-do-brasil-porque-nao-tive-escolha-diz-jean-wyllys>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

FERRAZ, Eucanaã. Notícia (quase) filológica. In: JR, Samuel Titan; PUNTONI, Pedro (org.). *Revista de antropofagia: revistas do modernismo 1922-1929 - edição fac-similar*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 11-21.

FONSECA, Caue; PITOMBO, João Pedro. Violência escala em atos bolsonaristas, e autoridades apuram terrorismo. 2022a. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna\\_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml)>. Acesso em: 07 ago. 2023.

FONSECA, Caue; PITOMBO, João Pedro. Violência em manifestações cria 'curto-circuito' na base de Bolsonaro. 2022b. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna\\_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml)>. Acesso em: 07 ago. 2023.

G1. Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. 2018a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

G1. Ato de campanha de Bolsonaro em Juiz de Fora é interrompido após tumulto. 2018b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.html>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

G1. Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: 'Não é digno'. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

G1. Lula ganhou em 13 estados e Bolsonaro venceu em 14 no 2º turno das eleições 2022. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

G1. Pastor evangélico é investigado por aplicar golpes de cerca de R\$ 3 milhões em fiéis e igreja. 2023a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/20/pastor-evangelico-e-investigado-por-aplicar-golpe-e-de-cerca-de-r-3-milhoes-em-fieis-e-igreja.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

G1. Casal suspeito de lavagem de dinheiro em igreja é preso em condomínio de alto padrão em Sorocaba. 2023b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/02/14/casal-de-pastores-suspeito-de-lavagem-de-dinheiro-e-preso-em-condominio-de-alto-padrao-em-sorocaba.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018a.

GIULIANO, Facundo. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica. In: GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018b, p. 11-73.

GOV.BR. Governo Federal lança manual da sua nova marca: Brasil União e Reconstrução. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/governo-federal-lanca-manual-da-sua-nova-marca-brasil-uniao-e-reconstrucao>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GRAMÁTICA. Etimologia de “democracia”. 2023. Disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-democracia/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUIDOBRO, Vicente. Futurismo e maquinismo. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 358-360.

JR, Antonio Brasil. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país. 2023. Disponível em: <<https://blogbvps.com/2023/05/08/hospedagem-vale-quanto-pesa-desarrumar-a-casa-desarrumar-o-pais-por-antonio-brasil-jr/#>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

JÚNIOR; Samuel Titan; PUNTONI, Pedro. Apresentação. In: REVISTA. *Klaxon: mensário de arte moderna*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 07-09.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: CORREIA, Heloisa Helena Siqueira *et al.* *Literatura indígena contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 39-44.

KRENAK, Aílton. Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta. In: CORREIA, Heloisa Helena Siqueira *et al.* *Literatura indígena contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 27-35.

KUSCH, Rodolfo. *El pensamiento indígena y popular en América*. In: KUSCH, Rodolfo. *Rodolfo Kusch: obras completas tomo II*. Rosario: Fundación A. Ross, 2000a, p. 255-546.

KUSCH, Rodolfo. *La negación en el pensamiento popular*. In: KUSCH, Rodolfo. *Rodolfo Kusch: obras completas tomo II*. Rosario: Fundación A. Ross, 2000b, p. 567-698.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 19-69.

LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Aspectos velhos e novos do futurismo. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 356-358.

MELO, Maria Luisa de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

MENEGASSI, Duda. Relatório expõe agronegócio como grande motor do desmatamento ilegal de florestas. 2021. Disponível em: <<https://oeco.org.br/noticias/relatorio-expoe-agronegocio-como-grande-motor-do-desmatamento-ilegal-de-florestas/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010a, p. 11-13.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 15-27.

MICHAELLIS. Abaporu. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/abaporu>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. La revolución teórica del Zapatismo: sus consecuencias históricas, éticas y políticas. In: *Orbis Tertius*. año 2, n. 5. La Plata: En Memoria Académica, 1997, p. 63-81.

MIGNOLO, Walter. Prefacio a la edición castellana: un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, Walter. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003a, p. 19-60.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003b.

MIGNOLO, Walter. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). *Des-colonialidad del ser y del saber: (videos indígenas y los limites coloniales de la izquierda) en Bolivia*. Buenos Aires: Del Signo, 2006a, p. 11-23.

MIGNOLO, Walter. La descolonización del ser y del saber. In: MIGNOLO, Walter (org.). *Des-colonialidad del ser y del saber: (videos indígenas y los limites coloniales de la izquierda) en Bolivia*. Buenos Aires: Del Signo, 2006b, p. 25-30.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2010a.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y liberación decolonial. 2010b. Disponível em: <<https://scholars.duke.edu/publication/1022855>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madiva V. *Learning to unlearn: decolonial reflections from Eurasia and the Americans*. Columbus: Ohio State University Press, 2012.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. Sí, podemos. In: GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018, p. 131-173.

MIGNOLO, Walter. La descolonialidad del vivir y del pensar: desprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 11-45.

MIGNOLO, Walter. Distancia física y armonía comunal/social. In: GRIMSON, Alejandro (org.). *El futuro después del COVID-19*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Argentina Futura, 2021, p. 137-150.

MORAES, Taynara da Mata. Invasão do Capitólio: saiba o que foi e como aconteceu. 2022. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/invasao-do-capitolio/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

MORICONI, Italo. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922: um novo olhar sobre o movimento. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/02/4982712-100-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922-um-novo-olhar-sobre-o-movimento.html>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MST. 17 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro. 2022. Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/10/06/17-escandalos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018a. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

NOLASCO, Edgar César. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. 2018b. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019a. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

NOLASCO, Edgar César. Por um manifesto modernista, não; descolonial. 2019b. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9703>>. Acesso em: 10 out. 2022.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. 2020a. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13019>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

NOLASCO, Edgar César. Paisagens descoloniais. 2020b. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/visuais/article/view/14792/9786>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

NOLASCO, Edgar César. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiriça. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/17547>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editorial, 2022.

NUNES, Benedito. Notas de rodapé. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 142-147.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

OLIVEIRA, Carolina. Sob comando de Vasques, PRF fez 500 operações com bloqueio de estradas no 2º turno, apesar de proibição do TSE. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/08/09/sob-comando-de-vasques-prf-fez-500-operacoes-com-bloqueio-de-estradas-no-2-turno-apesar-de-proibicao-do-tse>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

PODER 360. 2 anos de covid: Relembra 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembra-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PAJOLLA, Murilo. Agronegócio foi responsável por 97% do desmatamento no Brasil em 2021. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/19/agronegocio-foi-responsavel-por-97-do-desmatamento-no-brasil-em-2021>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PAJOLLA, Murilo. Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável, diz Mapbiomas. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/12/desmatamento-cresce-22-no-brasil-em-2022-agropecuaria-e-principal-responsavel-diz-mapbiomas>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Ignorância do sempre*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

PESSANHA, Juliano Garcia. O olhar do limiar. [Entrevista concedida à Suellen Trevizan]. *Pessoa: a revista que fala a sua língua*, São Paulo, s/p, 13 jul. 2013.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018a.

PESSANHA, Juliano Garcia. Província da escritura. In: PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho transiente*, São Paulo: SESI-SP Editora, 2018b, p. 151-159.

PINHEIRO, Gustavo. Brasil, país de maricas. 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/coluna/gustavo-pinheiro/brasil-pais-de-maricas>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PRAZERES, Leandro. Com recorde de queimadas no Pantanal, Bolsonaro diz que Brasil 'está de parabéns' na preservação do meio ambiente. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/com-recorde-de-queimadas-no-pantanal-bolsonaro-diz-que-brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-do-meio-ambiente-24644929>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PT. Percepção da corrupção: lembre escândalos do governo Bolsonaro. 2022. Disponível em: <<https://pt.org.br/percepcao-da-corrupcao-lembre-escandalos-do-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

REVISTA. *Klaxon*: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.

ROCHA, João Cezar de Castro. Manifestos: a estética, a política, as polêmicas e o legado. In: ANDRADE, Gênese (org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 153-169.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a, p. 13-24.

SANTIAGO, Silviano. Arrumar a casa, arrumar o país. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b, p. 65-68.

SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002a, p. 85-107.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002b, p. 108-144.

SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002c, p. 193-205.

SANTIAGO, Silviano. Artelatina (manifesto). In: MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (org.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002d, p. 57-60.

SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo – políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira. In: SANTIAGO, Silviano. *Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 11-44.

SANTIAGO, Silviano. (Ora) direis puxar conversa! In: SANTIAGO, Silviano. *(Ora) direis puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a, p. 97-111.

SANTIAGO, Silviano. Sobre plataformas e testamentos. In: SANTIAGO, Silviano. *(Ora) direis puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b, p. 113-131.

SANTIAGO, Silviano. Oswald de Andrade: elogio da tolerância racial. In: SANTIAGO, Silviano. *(Ora) direis puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006c, p. 133-145.

SANTIAGO, Silviano. O começo do fim. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33156>>. Acesso em: 29 out. 2024.

SANTIAGO, Silviano. A utopia verde-amarela modernista. In: SANTIAGO, Silviano. *Aos sábados pela manhã: sobre autores & livros*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013a, p. 111-114.

SANTIAGO, Silviano. Bons ventos sopraram de Brasília. In: SANTIAGO, Silviano. *Aos sábados pela manhã: sobre autores & livros*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013b, p. 243-246.

SANTIAGO, Silviano. Modos de inserção da América Latina. In: SANTIAGO, Silviano. *Aos sábados pela manhã: sobre autores & livros*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013c, p. 247-250.

SANTIAGO, Silviano. Formação e inserção. In: SANTIAGO, Silviano. *Aos sábados pela manhã*: sobre autores & livros. Rio de Janeiro: Rocco, 2013d, p. 259-262.

SANTIAGO, Silviano. Grafias de vida – a morte. In: *Serrote*. n. 19. São Paulo: IMS, 2015, p. 07-29.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. 2019a. Disponível em: <[https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe\\_165\\_web](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web)>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SANTIAGO, Silviano. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”. [Entrevista concedida a Adrián Melo]. *Resumen latinoamericano*: la otra cara de las noticias de América y el tercer mundo, Buenos Aires, s/p, 20 jul. 2019b.

SANTIAGO, Silviano. Nota preliminar. In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019c, p. 07-08.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019d, p. 09-30.

SANTIAGO, Silviano. A palavra de Deus. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019e, p. 267-278.

SANTIAGO, Silviano. Alegoria e palavra em *Iracema*. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019f, p. 279-298.

SANTIAGO, Silviano. Nó, nós. In: *Revista Electra*. n. 8. Porto: Fundação EDP, 2020a, p. 164-173.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Cepe, 2020b.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e confinamento, a solidão. In: MARQUES, Jorge (org.). *Quarenta em quarentena*: 40 visões de um mundo em pandemia. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020c, s/p.

SANTIAGO, Silviano. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor): “Quem sabe se a inesperada pandemia não nos trará outras e extraordinárias conquistas libertárias”. 2020d. Disponível em: <<https://lulacerda.ig.com.br/de-proprio-punho-por-silviano-santiago-escritor-quem-sabe-se-a-inesperada-pandemia-nao-nos-trara-outras-e-extraordinarias-conquistas-libertarias/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César (org.). *Um livro para Silviano Santiago*: entre-lugares críticos e literários. Campinas: Pontes Editores, 2020e, p. 31-51.

SANTIAGO, Silviano. "Política é invenção", defende o escritor e crítico Silviano Santiago. 2021. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/02/17/interna\\_cultura,1238489/polit](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/02/17/interna_cultura,1238489/polit)>

ica-e-invencao-defende-o-escritor-e-critico-silviano-santiago.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTIAGO, Silvano. Escritor mineiro Silvano Santiago recebe Prêmio Camões. 2023. Disponível em: <<https://academiamineiradeletras.org.br/sem-categoria/escritor-mineiro-silviano-santiago-recebe-premio-camoes/>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2022a.

SANTIAGO, Silvano. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prêmio Camões. 2022b. Disponível em: <<https://expresso.pt/internacional/brasil/eleicoes/2022-10-27-Vitoria-de-Bolsonaro-e-ameaca-concreta-a-democracia-diz-Silvano-Santiago-vencedor-do-Premio-Camoes-f5c361ec>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTIAGO, Silvano. Silvano Santiago volta a Minas para se reencontrar com sua juventude. 2023a. Disponível em: <<http://surl.li/nshja>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTIAGO, Silvano. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional: discurso à altura. 2023b. Disponível em: <<http://surl.li/nshgf>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SANTIAGO, Silvano. 12 de outubro de 2020. Não publicado.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A democracia brasileira na encruzilhada. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pneumatóforo*: escritos políticos (1981-2018). Coimbra: Edições Almedina, 2018, p. 405-471.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo*: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora*: da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar*: abrindo a história do presente. Tradução de Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando o fim é também o começo: nossos fantasmas do presente. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 223-237.

SEGATO, Rita. La perspectiva de la colonialidad del poder. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 51-88.

SERRINHA, Domingos Grilo. Corpos em decomposição amontoam-se a céu aberto em cemitério no Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/corpos-em-decomposicao-amontoam-se-a-ceu-aberto-em-cemiterio-no-brasil>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SILVA, Fernando de Barros e. Dentro do pesadelo. In: *Revista Piauí*. ed. 164, ano 14. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, p. 26-29.

SOARES, Gabriella. Bolsonaro foi o cabeça da tentativa de golpe, diz Randolfe. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 307-321.

STARLING, Heloisa M. Brasil, país do passado. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 70-119.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Falas à espera da escuta. In: CORREIA, Heloisa Helena Siqueira *et al.* *Literatura indígena contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 15-24.

TSE. Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. 2023. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

TSE. Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

TRICONTINENTAL. O avanço do agronegócio sob o governo Bolsonaro. 2019. Disponível em: <<https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-avanco-do-agronegocio-sob-o-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

UERJ. Fique em casa. 2020. Disponível em: <<https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

UOL. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VEJA. Filhos de Bolsonaro racham após escândalo de Jair Renan. 2023. Disponível em: <[https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google\\_vignette](https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google_vignette)>. Acesso em: 22 jul. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e descolonialidade do poder e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

WWF-BRASIL. Desmatamento aumenta o custo das mudanças climáticas para o agronegócio. 2022. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?84320/Desmatamento-aumenta-o-custo-das-mudancas-climaticas-para-o-agronegocio>>. Acesso em: 22 jul. 2023.